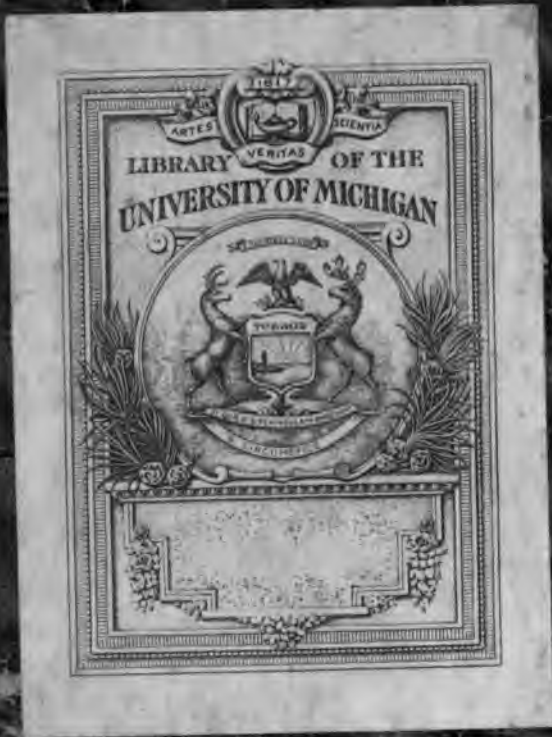
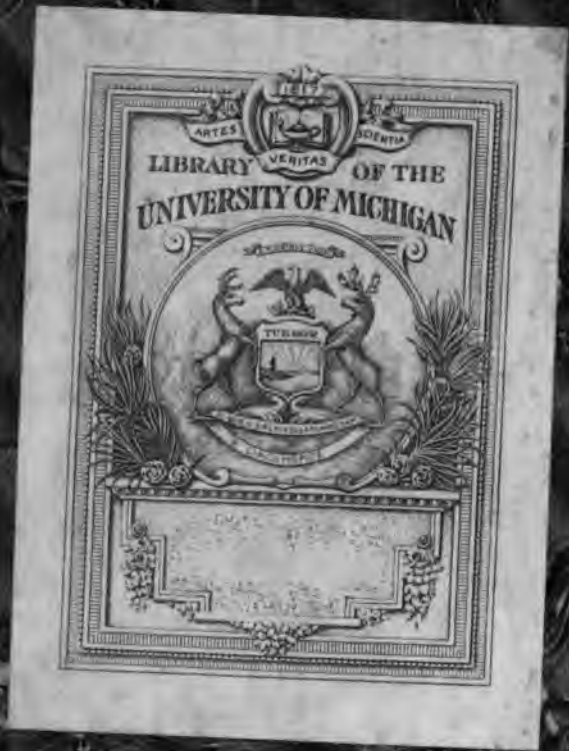


A 490414









Handwritten text, possibly a signature or name, written in cursive script.

AS
80
.I6

4
1
1

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXI

Parte primeira

*Hoc facti, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.*



RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier – Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1888



Libraria e Compl. sets
1.1.1.1.1.1.
U. 21132
26394

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

1° TRIMESTRE DE 1868

MEMORIA

SOBRE O MELHORAMENTO DA PROVINCIA DE

S, PAULO

APPLICAVEL EM GRANDE PARTE ÁS PROVINCIAS DO

BRASIL (*)

POR

ANTONIO RODRIGUES VELLOSO DE OLIVEIRA

Commendador da Ordem de Christo, do Conselho de Estado de Sua Magestade o Imperador Constitucional do Brasil e seu Defensor Perpetuo

ADVERTENCIA

Qui non facit quod facere debet, videtur facere
adversus ea, quia non facit.

LEG. 121. ff. DE REG. JUR.

Para não apparecer criminosa na presença da lei, fraudados os meus deveres pela sempre culpavel inercia, trabalhei por fazer o que devia, advogando a causa da patria, e promovendo os seus mais preciosos interesses, como me permittiram as minhas poucas forças.

Por esta razão, tive a honra de offerecer a el-rei o Senhor D. João VI em 1810 a *Memoria* que sahe agora á luz, para o

(*) Julgamos de summo interesse a reimpressão d'esta interessante *Memoria* do conselheiro Velloso, que devemos á obsequiosidade do nosso consocio o Sr. Dr. Ernesto Ferreira França.

(NOTA DA REDACÇÃO)

melhoramento da capitania, hoje provincia de S. Paulo, applicavel em grande parte a todas as outras do Brasil.

Não era minha intenção que ella se fizesse publica por meio da imprensa, apezar dos votos dos meus amigos que a leram; mas, honrado agora pela minha provincia de S. Paulo, constituindo-me seu procurador geral, devia necessariamente mudar de parecer, publicando as minhas antigas reflexões, para de algum modo cumprir os deveres que me são impostos pelo nunca assaz louvado decreto de 26 de Fevereiro d'este venturoso anno de 1822, 1º da liberdade e independencia do Brasil.

E' na época feliz da honesta liberdade, e quando favoraveis circumstancias concorrem á porfia para o augmento e prosperidade da patria, até agora desvalida, que todos os cidadãos de algum prestímo devem pensar com maior ardor, escrever e manifestar as suas idéas. Eu os convido ao necessario cumprimento de tão dignos officios; e a lerem com a mais imparcial reflexão a minha não desprezível *Memoria*, que lhes vai ser apresentada, como ha doze annos foi escripta, intervindo comtudo alguns adiantamentos que me pareceram necessarios á maior illustração da materia. Da justa discussão de cada um dos artigos dos meus differentes projectos ha, sem duvida, de resultar o importantissimo fim que dirigiu a minha penna, isto é, a prosperidade da grande terra que habitamos, e dos nossos mais proveitosos interesses.

INTRODUÇÃO

Agradou ao justo e incomparavel soberano que nos governa, firmar a gloria da monarchia do Brasil, e a fortuna particular dos seus fieis vassallos sobre alicerces indestrutíveis.

Dignou-se, portanto, estender as suas vistas paternaes sobre a agricultura, fabricas, commercio e povoação d'este mui vasto e interessantissimo paiz : destruiu o antigo systema colonial, que a fraqueza organisára e a necessidade conservára: substituiu-lhe a honesta liberdade de cultivar com proveito desertos até agora inuteis, e que não podiam vivificar-se; associando aos nossos trabalhos agrarios a industria e as fadigas dos estrangeiros, aos quaes mandou distribuir terras com largueza e sem pensão alguma.

Quer que em toda a extensão dos seus vastos dominios sejam os grosseiros tecidos de algodão para saccas, que unicamente se permittiam, sem demora substituidos pelas mais preciosas e ricas produções da industria, applicada ás materias, que na maior abundancia e como á porfia nos offerecem o reino animal, o vegetal e o mineral: determinou, emfim, que o commercio livre, e sem conhecer outros limites, além d'aquelles que são prescriptos pelas regras do justo e do honesto, se encarregasse de levar aos paizes mais remotos e ao mundo inteiro os fructos da nossa industria, e de augmentar o seu valor natural e primitivo (1). E taes são, com effeito, as solidas bases em que deve repousar o respeitavel edificio de um imperio grande, justo, e equitavel.

E' pois muito proprio da obrigação de todos os vassallos

(1) São capitaes n'estas materias a carta régia de 28 de Janeiro de 1808, o alvará do 1º de Abril, e o decreto de 25 de Novembro do mesmo anno.

que pensam manifestar as suas idéas sobre o melhoramento de qualquer ramo de industria nacional, ou de alguma parte do paiz que habitam ; porque n'isso, imitando o seu mesmo soberano, concorrem, como lhes é possível, para facilitar os estabelecimentos, que elle tem em vista e para a fortuna dos seus compatriotas.

Eis-aqui os motivos que me obrigaram a escrever esta *Memoria* a respeito da capitania de S. Paulo, aonde nasci, e cujas particulares circumstancias tenho cuidadosamente examinado. Ella é uma das provincias mais interessantes de todo este continente, e da qual se devem, com razão, esperar riquezas incalculaveis, logo que se lhe proporcionem os meios e se formem os estabelecimentos de que é susceptivel.

PARTE I

CAPITULO I

DESCRIPÇÃO DA CAPITANIA DE S. PAULO

E' a capitania de S. Paulo, como todos sabem, muito extensa, muito fertil e muito amena. Divide-se naturalmente em duas partes, maritima e central : seis portos grandes, além de muitos pequenos, formados por outros tantos rios, e numerosas enseadas, com seguros ancoradouros, pela maior parte, adornam as suas costas, que se estendem desde a praia Brava e ilha das Couves, aonde termina a capitania do Rio de Janeiro, pela parte meridional, na latitude austral de 23° e 35', até a do Rio Grande de S. Pedro do Sul e Santa Catharina, na foz do rio de S. Francisco, em latitude de 26° e 25'. A sua extensão

pelos territorios de serra acima não é bem conhecida, e chega talvez a 29° em attenção á sua irregularidade. Por este modo se devem considerar os seus limites occidentaes; por quanto, para esta parte, e carregando mais ao sul, confina com os povos das missões do Uruguay, e com os da Assumpção do Paraguay; e inclinando-se para o norte, ou pontos mais occidentaes, termina com as capitancias de Goyaz e Mato-Grosso; e em outros mais orientaes, com as de Minas Geraes e Rio de Janeiro, tendo finalmente este immenso espaço quanto á sua latitude 3°, e de longitude 14°.

CAPITULO II

CIRCUMSTANCIAS PROPRIAS DA PARTE MARITIMA

As bellas madeiras, de que abundam as ditas costas, e igualmente as serras vizinhas, e as margens de muitos rios, que descem do interior e são navegaveis por grandes espaços, ainda que não pouco desiguaes, offerecem á construcção, em geral, toda a facilidade, e ao commercio grandes riquezas.

A extraordinaria e mui variada quantidade dos peixes, que multiplicam quasi inutilmente para o homem nos mares vizinhos, e vão, conduzidos pela natureza, a desfructar o saboroso e certo alimento, que elles diariamente lhes liberalisam, e a possibilidade de se estabelecerem salinas em muitos e differentes lugares, apropriados ao intento, seguram á pescaria e a outros diversos estabelecimentos muitas vantagens.

As materias e pedras calcarias, que principalmente na formosa ribeira de Iguape e nas costas da Cananéa formam grandes e inexauriveis montanhas, convidam á edi-

fiação, já facilitada pela abundancia das madeiras, e promettem ás operações agrarias effcaz auxilio.

A espontonea producção da baunilha, a outra da gerumbaba, ou cato de coxonilha, cujo prestimo e valor ninguem hoje ignora, assim como do piquii, da sapucaia e dos coqueiros de differentes especies particulares (tres mananciaes fecundos de excellentes azeites, até para os adubos da mesa) parecem anticipar aos povos os trabalhos e as despezas da plantação e da lavoura.

A cultura, emfim, da lorangeira, da pimenteira da India, do craveiro e do cafezeiro, que parecem indigenas do paiz, e a outra do arroz, o melhor que se conhece no Brasil, bastariam para a producção das mais avultadas riquezas. Mas o assucar, o algodão e o tabaco, com todos os mais fructos e gados, que se cultivam e criam nas outras capitancias maritimas ao norte, prosperam de uma maneira admiravel, e pelo menos com igual vantagem nas terras de que fallo, divisando-se ainda n'ellas com mais particularidade a grande abundancia de aguas, que por toda a parte se prestam liberalmente ao serviço de quaesquer machinas e moinhos. Não é facil encontrar em uma só provincia tantas circumstancias, e tão vantajosamente reunidas a favor da agricultura, fabricas, navegação, commercio e povoação. Ellas parecem desafiar de uma maneira imperiosa os cuidados e as providencias do governo.

CAPITULO III

DAS PROPRIEDADES QUE ADORNAM A OUTRA PARTE CENTRAL

Não menos interessante se ostenta a parte central da capitania de S. Paulo. Este paiz immenso, seguindo em comprimento a direcção do sul e em largura a do oeste,

para onde se estende mais, é todo alto e superior ao que borda o mar. Talvez que pela igualdade e circumstancias da sua configuração, seguindo constante, e suavemente por um modo admiravel a volta do globo, seja tão fertil, como se sabe, e a porção mais bella de todo o Brasil.

Prosperam no seu delicioso clima os fructos das quatro partes do mundo conhecido em pleno ar, ainda que nem todas as situações lhes sejam igualmente favoraveis. Os gados não precisam os cuidados da arte para multiplicarem liberalmente, e o homem frugal e moderado desfructa, em quasi todos as lugares, os doces prazeres da natureza, juntos áquelles da saude, da força do corpo, das bem desenvolvidas faculdades da alma e de uma vida assaz longa.

Os muitos e caudalosos rios, que regam o seu bello terreno, todos bordados de preciosas madeiras e variados fructos, com outras producções de grande estimação e valor, todos mui piscosos, todos navegaveis e abundantes de ouro, e não poucos de marmores excellentes e das mais ricas pedras preciosas, entre as quaes não se esconde o diamante, augmentam ainda mais o valor do mesmo terreno, e multiplicam as commodidades do homem. Assim as muitas cachoeiras e a fereza dos indios que habitam as margens de muitos d'estes rios, não puzessem tantos limites ás mesmas commodidades.

Presta-se, não sem grande conveniencia, á economia publica e ao commercio interioro encadêamento de tantas aguas, que, passando por planos successivamente inclinados e engrossando com a união de outros, facilitam a navegação por todas as povoações ao norte de Mogy das Cruzes, até Lorena, pelos rios Parahyba, Paraitinga, Jacuy e Parai-buna Pequeno, até agora não bem conhecidos, e muito menos os vastos sertões que existem n'esta bellissima si-

tuação; entretanto que outros vão fazer, pelo occidente, volumoso o Tieté ou Anhamby, o Iguacú, grande rio da Curitiba, o Ivai, o Piquery, e o Paranāpanema, formado pelo Itapitininga, Taquary e Piray, no qual desagua o diamantino Tibagy. E todos acompanhados de não poucos mais, prestando-se á navegação da capitania inteira e a diversos rumos, na distancia de mais de duas mil leguas, calculada a extensão das suas duplicadas margens, vão emfim enriquecer o Paraná, ponto central de toda a navegação interior do Brasil para Goiazes, Cuyabá e Mato-Grosso, assim como para os dois maiores rios do mundo, o Paraguay (melhor conhecido com o nome da Prata, depois que n'elle entra o Pilco Mayo, e confunde as suas aguas com as do mar, nas vizinhanças de Montevidéo) e o Amazonas, que na sua extensissima carreira se presta ainda á navegação inteira de muitos rios famosos de uma e outra margem; sendo entre elles notados com muita particularidade o rio Negro e o Branco, que n'elle conflue pela parte de l'este, regando as riquissimas e interminaveis campinas da Guiana; o Içã, não menos apreciavel, e por fim o Jupurá, cuja navegação franca se estende por quatrocentas leguas. Qual outro paiz no mundo tem proporções para tão extensa navegação interior!! Quando nos seculos futuros a povoação, que ornava tantos mares interiores, e o brutal despotismo se não envergonha de haver destruido, fór emfim restituída ao seu antigo numero, e melhorada pela educação propria, que dirá o mundo da grande terra que habitamos!!

Não menos apreciaveis, emfim, são os famosos campos, que geralmente formam o assento de um paiz tão recommendavel: só elles, tomados separadamente, podem servir para o mais rico e solido estabelecimento de uma nação tão numerosa como a França e Allemanha: taes são os Geraes na Curitiba, com os denominados de Ambrosio, cuja vas-

tíssima extensão parece interminavel, e ainda se não calculou exactamente. Os de Garapuava, que, separados d'aquelles por uma grossa mata de quarenta leguas de largura e desconhecido comprimento, correndo pela immedição da serra da Apucurana, á margem do rio Iguaçu, formam uma superficie, que se avalia em mais de seis mil leguas quadradas. Os de Igatimy, ainda maiores e importantissimos, abrangendo desde a foz do rio Igua yruy, nas Sete Quédas, e por elle acima, até os pontos mais altos da Serra de Maracajú, e vertentes dos rios Ipané, Guaray e Vocuy; e por este abaixo até o Paraguay, os grandes paizes de Guairá, Itaty e Tape, com os da antiga Vaccaria.

Os de Paranāpanema, de Itapetininga e de Mogy Guaçu, até onde vai terminar com os remotissimos limites das capitancias de Minas-Geraes, Goyaz e Cuyabá, e além d'estes, outros, que se vão pouco a pouco descobrindo no meio de um vastissimo e desconhecido sertão, taes como os de Araraquara nas margens do Tieté e Piracicaba, e os de Potenduba.

E para que um quadro tão importante terminasse com os preciosos ornatos, que lhe convém, nenhuma capitania se tem feito tão recommendavel, como a de S. Paulo, pelos importantes e arriscados serviços que fizeram á corôa e ao Estado os seus industriosos e esforçados naturaes; serviços que excitaram sémpré o reconhecimento do throno, e merecem a honrosa recordação que d'elles se digna, imitando os seus augustos predecessores, fazer ultimamente, no alvará de 29 de Agosto de 1808, o mais amavel dos soberanos.

Com effeito, aos naturaes de S. Paulo, á sua industria, á sua força e extraordinaria constancia, qualidades que os fazem tão recommendaveis, como os povos mais celebres da antiguidade, se deve o descobrimento e povoação de quasi todas as terras que possuímos, desde o cabo de Santo

Agostinho até os remotos confins de Mato-Grosso, e elles mesmos as conservaram em toda a sua integridade, em tempos calamitosos, e em dura guerra, destituídos de auxilio externo, para d'ellas fazerem fiel deposito nas mãos augustas de nossos legitimos soberanos.

Um paiz tão importante não deve jazer por mais tempo na desgraça que o tem opprimido. Vejamos de que modo poderão agora os seus naturaes dar-lhe o esplendor, que lhe convém, e habilitarem-se elles mesmos, no meio das riquezas e das commodidades, para o bom exito de todas as empresas necessarias ao serviço do Estado e á gloria do soberano.

CAPITULO IV

DOS MEIOS PROPRIOS E REGRAS GERAES, PARA O APROVEITAMENTO DA PARTE MARITIMA

Para se felicitar a parte marítima da capitania de S. Paulo, ou para reviver com gloria a antiga capitania de S. Vicente, a primogenita do Brasil, creada pelo *grande* Martim Affonso de Sousa, aquella que liberalisou ás mais a planta das cannas de assucar, as sementes e os gados, que formam actualmente os seus respectivos estabelecimentos, nada mais seria necessario do que observar bem, e aproveitar devidamente as circumstancias particulares do paiz, segundo as idéas que ficam acima expendidas.

Com effeito, um córte economico de madeiras em diferentes lugares, e o estabelecimento dos competentes moinhos, ou serras d'agua e de vapor, ou ainda de animaes proprios, para a serragem e o aproveitamento d'ellas, é um dos meios mui lucrosos que se podem propôr á industria e trabalho popular, não sem grande utilidade do governo, cujas luzes e prudente economia dosejava eu ver

empregadas em dirigir bem esta excellente operação, sem d'ella contudo perceber direitos, ou emolumentos alguns, contra o que agora se pratica sem lei nem ordem.

Uma especulação d'esta natureza, e que por si mesma se recommenda, produziria : 1º, um ramo de commercio assaz vantajoso, e tão superior ao da Suecia e Dinamarca, quanto é mais subida a qualidade das nossas madeiras, mais variada nos seus usos, e mais abundante a quantidade nas nossas matas. Se pobres pinhaes podem na verdade produzir avultadas riquezas, qual deve ser a nossa sorte no commercio de madeiras tão preciosas, e que a Europa inteira tanto ambiciona ? 2º, ella nos suppriria de toda a qualidade de moveis grossos e miudos, entre os quaes a aduela, de que precisaremos em pouco tempo para muitas mil pipas, e grande numero de toneis e barris, merece, sem duvida, particular memoria ; 3º, forneceria grande abundancia de resinas, tintas, oleos e vernizes de semelhante valor, cujos prestimos, usos e necessidades seria injurioso ignorar ; 4º, serviria de origem certissima ao estabelecimento dos estaleiros para a construcção dos barcos e navios destinados á pescaria, á cabotagem, ao commercio estrangeiro e armada real ; 5º, produziria uma quantidade avultada de porlassa e potassa, originada de ramos, folhas e cavacos inuteis. Os inglezes chamam *perlassa* o sedimento do sal, que fica no vaso, depois de cozida a lixivia, ou decoada das cinzas. Quando este sedimento é purificado pelo fogo torna-se potassa ; 6º, finalmente desembaraçaria as terras de arvoredos importunos, e até agora inuteis, tornando-se logo em preciosos fundos de cultura, e nova origem de população, de navegação mais facil pelo interior dos rios que descem ao mar, de novos prazeres e commodidades ; e, o que mais importa sobretudo, de saude aos seus antigos e novos habitantes.

Este commercio das madeiras exige na verdade muito cuidado e a mais particular attenção; porque seguramente se pôde dizer privativo do Brasil. E' um thesouro que a natureza nos deu na maior abundancia para todos os nossos usos e riquissima exportação, e não deve ficar inutil por mais tempo. As nossas matas por si mesmas, e sem necessidade de cultura, se reproduzem, já das sementes cahidas das grandes arvores, já dos proprios troncos, depois de cortados, e chegam no espaço de trinta annos a grande perfeição.

O Perú e o Mexico não podem entrar em concorrência a este respeito com o Brasil, impedidos pela maior difficuldade da sua navegação, e fretes muito mais subidos. As madeiras da America Septentrional, que se podem reduzir á duas especies principaes, carvalho branco e pinho. ainda vendidas com a mesma proporção ou differença de preço que no mercado publico acham a aduela branca d'aquelle paiz e a preta do Baltico, vulgarmente chamada de Hamburgo, não poderão jámais impedir o prompto consumo das nossas, como se verifica a respeito da mesma aduela; não sendo além d'isto o pinho melhor que o do norte da Europa; e o carvalho tão inferior que um navio fabricado d'esta madeira dura menos de metade do tempo, do que outro feito de carvalho da producção européa.

Ora, que a exportação de madeiras unicamente da capitania de S. Paulo, estendendo-se a todos os rios que do mais interior descem ao mar por differentes vias, podia appropinquar-se em valor á que actualmente fazem muitas das provincias unidas, quando nos não impedisse a pobreza da povoação, a falta de braços e de industria, verdade é de mui facil demonstração, alheia porém d'esta *Memoria*.

E que as nossas madeiras sejam melhores do que qualquer especie de carvalho, mais bellas e de uso muito mais varia-

do, nem o abbado Paw se atreveu a negar; elle, que, dominado pelo espirito do mais decidido partido, viu por toda a parte a natureza como degradada e privada da sua grande força no novo mundo, e incapaz por isso mesmo de alguma producção tão bella e igual á do antigo.

Quantos bens procedam da pescaria em grande e bem regulada todos sabem. A ella devem a Grã-Bretanha, a França, a Hollanda e a Dinamarca uma não pequena parte do seu estabelecimento e da sua prosperidade. Mas quantas tentativas, inuteis umas, e todas dispendiosas; quantas perdas de navios, quantos encontros politicos e hostis não precederam a estes ricos estabelecimentos?

Nós, pelo contrario, não temos de pescar em mares tormentosos, e embarçados por estrangeira industria, ou pela má fé de perfidos concurrentes: tudo para nós é facil. Pequenos capitaes avançados a proposito, a formatura de associações piscatorias, a vigilancia constante do governo, e a protecção infallivel de que precisam os pescadores são os instrumentos unicos e necessarios para a perfeição d'este ramo de industria.

Fariamos então a pescaria da tainha, da garoupa, da miragaia, da pescada, da sardinha e de outros muitos peixes, entre os quaes não falta o bacalháo, que se divisam nas estações proprias, e em tempos competentes, na maior abundancia, por todos os mares, ilhas, bancos, costas e rios ao sul do Rio de Janeiro até Santa Catharina: e ella promette riquezas semelhantes ás produzidas pelo bacalháo nos bancos da Terra-Nova, e pelo arenque e sardinhas nas costas de qualquer das quatro nações referidas; e além d'isto uma grande população e abastança de marinheiros excellentes, como entre ellas acontece, para a navegação mercantil, da qual em toda a parte procede, como da sua mais pura fonte, a armada real, a cujo estabelecimento ne-

cessario é que se dirijam constantemente os nossos votos, porque ella contém o meio singular, ou pelo menos mais apropriado, para fazer poderosa e mui respeitavel a nossa nascente monarchia. E como na verdade de outra maneira poderemos defender dos insultos hostis e inimigos as nossas costas. ermas e desertas, offerecendo na extensão de mil e duzentas leguas frequentes e seguros desembarques ?

O estabelecimento das salinas, sejam estas construidas em pleno ar, ou cobertas e defendidas do insulto das chuvas copiosas d'estes climas, promettem igualmente riquezas de maior consideração e o meio certissimo de se melhorarem os animaes, as carnes, o leite, o sebo e as pelles, da maneira mais propria e mais conveniente ; servindo-nos assim o reino animal de fundamento ao commercio mais rico do mundo, n'este artigo interessantissimo. Mas como poderá formar-se um estabelecimento d'esta natureza, achando-se opprimida a capitania com o enorme direito de 400 rs. cada alqueire de sal, além das mais imposições communs a outras ? Elle, que exige todo o favor e a mais particular protecção ? (2) Sem duvida que as primeiras tentativas deviam ser feitas á custa das rendas publicas on de associações particulares, meio singular e dotado da necessaria força para vencer qualquer difficuldade : ellas não seriam inuteis, porque o Cabo-Frio e o Rio-Grande, em cujo intermedio existem as terras do que se trata, têm salinas naturaes, o que procede mais da qualidade particular do terreno ou do fundo proprio d'elle, do que das circumstancias do clima. E' n'esta operação que a arte faz o que não fez a natureza.

Mas quando a natureza se recusasse, pelas circumstancias

(2) Graças á Providencia ! Já S. A. R. o principe regente extinguiu esta enorme imposição pelo decreto de 11 de Maio de 1821.

particulares do clima, á crystallisação perfeita das aguas salgadas em pleno ar, e nos taboleiros, destinados á operação, não seria mui facil fazer-se a mesma operação por meio de fogo e da fervura, em um paiz tão superiormente prolifico em combustiveis, e no qual, com pouco trabalho, nenhuma outra despeza, se podem obter grandes e superabundantes quantidades? Seria esta operação muito economica, de grande proveito, e o melhor substituto das salinas naturaes.

Não tem a França as mesmas proporções; e com tudo das fontes salgadas da cidade de Salins extrahe todos os annos 100,000 quintaes de sal, fazendo evaporar pela fervura em caldeiras, no fundo das quaes se acha opportunamente o sal crystallizado, as aguas de maior saturação, contendo umas 8, outras 12 e algumas 15 libras de sal sobre 100 libras d'agua; e as inferiores, que não contém mais de 3 a 4 grãos sómente, são conduzidas por canaes de madeiras, pelo consideravel espaço de dez mil toezas, até a salina de Chauz, construida em 1775, e a proximidade do bosque d'aquella povoação: e sendo evaporadas e concentradas ao ar, não sem muito trabalho, até adquirirem 11 a 12 grãos de saturação, para poupar-se a lenha, são fervidas em caldeiras pelo mesmo methodo praticado em Salins. D'esta maneira se fabricam 40,000 quintaes, pouco mais ou menos, de sal, para supprimento da Suissa. Pucchet Georg. Comerc. artig. Salines. A liberdade e instrucção fariam prodigios n'este ramo de industria; sendo prohibidas as caldeiras de cobre, pelos máos resultados que occorreriam contra a saude publica, e fazendo-se uso das de ferro, assentadas sobre fornalhas economicas, para o commercio, e de quaesquer vasos de barro, para o uso domestico dos pobres.

As aguas do mar não contém menos de seis ou oito grãos de saturação, segundo os calculos de Beume.

Aproveitem-se, e fico certo da nossa independencia a este respeito ; e tambem posso seguramente affirmar, que ainda o sal de Lisboa, Setubal, e do Cabo Verde, não entrará em concurrencia de preço com o nosso ; posto que fabricado artificialmente, como fica ponderado.

A calcinação da pedra calcaria é finalmente outra origem de bastante riqueza para as terras de que fallo. Ella produziria um bem de grande valor, ainda em outras partes, principalmente aqui no Rio de Janeiro : a saber, a economia de muitos braços que se occupam em ajuntar, não sem grande risco de vida, excessivo trabalho e perda de saude, as cascas de mariscos, para a cal inferior, de que a necessidade faz agora o uso absolutamente necessario, com prejuizo e menos solidez dos predios urbanos e mais obras de pedreiro, assim como das lenhas, que, consumidas em grande parte nas caeiras, se fazem todos os dias mais caras n'esta cidade, podendo os ditos braços, melhor dirigidos, empregar-se em cousas mais uteis e menos arriscadas; assim como a necessidade de transportar a cal necessaria por toda a extensão maratima d'esta e d'aquella capitania, e por onde mais convier nos tempos futuros, augmentaria proporcionalmente as embarcações costeiras e os marinheiros ; e póde seguramente affirmar-se que serviria de origem a outras especies de commercio, que o tempo e os conhecimentos ainda não adquiridos hão de crear nas épocas futuras.

CAPITULO V

D'OUTROS OBJECTOS DE SEMELHANTE E GRANDE IMPORTANCIA

Tenho tratado de quatro ramos de industria, cada um dos quaes, e com muita particularidade os tres primeiros, podem servir de origem certissima á fortuna e prosperi-

dade de um grande paiz. Elles se apresentam desembaraçados dos trabalhos e riscos de uma cultura incerta e de especulações arriscadas, comprehendendo os meios bem proporcionados de aproveitar as dadas, que a natureza nos offerece com prodiga e bemfeitora mão, e que se não semearam.

Pede agora a ordem das idéas expendidas no principio d'esta *Memoria* que eu trate particularmente de algumas produções verdadeiramente agrarias, indigitadas pela natureza, e por ella mais particularmente favorecidas, que por isso mesmo convêm muito ao terreno, que desejo ver aproveitado, e cuja cultura é mui facil, mui lucrosa, e a mais propria para auxiliar povos destituidos de industria e faltos de meios.

A cultura, pois, da baunilha, de que temos espontanea abundancia, principalmente nas praias e matos da Conceição de Itanhaem, cujo valor é bem conhecido, apar da outra de gerumbeba, ou cato de coxonilha, que por toda a parte se apresenta e fórma uma das bases da maior riqueza do grande reino do Mexico, tem clamado inutilmente até agora e mendigado protecção, para logo recompensar com largas usuras os cuidados do governo, e os trabalhos, posto que bem suaves, do cultivador.

Semelhante fortuna devemos, com razão, esperar da bem regulada cultura do Piquii, amendoeira, assaz recommendavel pela grande quantidade e particular excellencia dos seus bellos fructos, assim como da sapucaeira e dos coqueiros, que com muitas outras arvores de azeites e oleos preciosos, parece ter creado a provida natureza por todas as costas, não menos que pelo interior do Brasil, para supprir de uma maneira mais vantajosa ainda as oliveiras da Europa. Augmentar as operações da mesma natureza, reduzir-as a certos e determinados lugares, facilitar a colheita dos fruc-

tos e aperfeiçoar as diferentes especies de azeites, pela manufactura propria e bem entendida, é quanto se deve exigir da industria nacional, para a aquisição das promettidas riquezas.

Por que dura fatalidade não vemos vegetar e crescer muitos milhares dos coqueiros da India nas costas de Ubatuba, S. Sebastião, Santos e S. Vicente, como em Pernambuco e na Bahia, quando os poucos existentes mostram a propriedade do local para a plantação d'elles? E talvez aconteceria o mesmo por toda a costa até Paranaguá! Resta a experiencia. Ella mesma convenceria aos cultivadores da facilidade de plantarem as pimenteiras da India, e as baunilhas em terras apropriadas junto aos ditos coqueiros; porque, sendo plantas da classe das trepadeiras, lhes ficariam servindo de excellente arrimo os mesmos coqueiros, e participando do melhor tratamento, que ellas precisam, se fariam mais robustos. Com uma só cultura se recolheriam fructos preciosos das tres especies. Uma familia, que cultivasse d'esta fórma mil coqueiros, viveria com muita abundancia e não pouca riqueza; em pequeno e mui aprazivel terreno; porque é facil de observar que para a plantação de mil coqueiros, na distancia de vinte palmos uns dos outros, é bastante a superficie desembaraçada de cincoenta braças quadradas, com largas sobras para a casa e habitação do plantador e sua familia, e a necessaria cerca ou tapagem do predio, ficando este no todo disposto e accommodado á cultura de muitos e variados fructos hortenses, ou á bem regular plantação do café e do cacão, e ainda do cravo da India, nos espaços tambem de vinte palmos, que ficariam mediando entre um e outro coqueiro; o que não prejudicaria a producção da pimenta e da baunilha, que crescem á sombra. Quem fôr menos curioso, ou não quizer adoptar este plano, póde entre um e outro plantar a caba-

ceira, arvore de reconhecida utilidade, para arrimo das pimenteiras e baunilhas, não sem grande lucro, ou, eufim, cultivar, como fór do seu prazer, o terreno plantado de coqueiros.

De azeites não comiveis tambem poderiamos ter grandes quantidades, superiores, sem duvida, a todos os pedidos do commercio, offertados pelo castor, ou ricino, vulgarmente, carrapateiro, pelo algodoeiro, pelo andaguaçú, pelo pinheiro da cerca (assim chamado, porque se destina á tapagem das fazendas), pela andiróba, e outras arvores espontaneas da terra, ou antes importunas, das quaes as duas primeiras se aperfeiçoam em menos de um anno, as mais em três regularmente, e são conhecidas como verdadeiramente prolificas e da mais copiosa producção. Pois que fallo de azeites, não devo esquecer a interessantissima cultura do amendoim, ou mëndobí, sementeira riquissima, porque é o seu oleo o melhor de todos os azeites, pela particular e privativa qualidade, que lhe é inherente, de nunca se fazer rancido, como attestam os mais recentes agronomos da França e da Hespanha, tendo-se por isso mesmo recommendado, n'estes ultimos tempos, a cultura em grande nos lugares proprios d'aquelles estados. As terras aréentas nas margens das praias vizinhas ao mar são as mais proprias d'esta cultura.

A lorangeira, cujo fructo se perde em grande parte, assim nas terras da marinha, como nas centraes de S. Paulo, por não achar comprador no mercado publico, principia a desenvolver entre nós os seus mysterios e riqueza. Já ninguem ignora que da laranja se faz excellente vinho, e póde ser mais saudavel, segundo as experiencias chemicas que tenho visto, do que o das uvas, sendo os seus principios saccarinos mais abundantes, e com menor porção de tartaro, do que contém este ultimo fructo.

Do vinho, pois, da laranja, das aguardentes mui bellas, que elle produz, e dos licores, assim como de seu caldo reduzido a xarope com a consistencia do nosso melado ordinario, e que agora geralmente se recommenda como admiravel antiescorbutico para o uso da navegação, ou dos navegantes, e dos caroços, emfim, dos quaes so extrahе excellente oleo com saudaveis applicações na medicina, se pôde e deve estabelecer um novo ramo de commercio de muito valor e riqueza ; e em nenhuma parte melhor do que nos lugares de que se trata , porque as laranjas de S. Sebastião, Santos e seus adjacentes territorios até Santa Catharina, passam por mui particularmente boas, e das lorangeiras triplicadamente maiores e na mesma proporção mais productoras do que as do Rio de Janeiro. Póde-se dizer que esta cultura se acha feita, precisando apenas de uma certa impulsão, para produzir os bens que se desejam.

A plantação do cacoeiro, da pimenteira da India e do cafezeiro, tres produções de indubitavel prosperidade n'estes climas, deveria aperfeiçoar o bello quadro da cultura arborea nos sitios mais convenientes da nossa capitania.

Na verdade, que para a aquisição de grandes riquezas, nada mais é preciso além da cultura das terras de que se trata. Qual, porém, deverá ser o seu estado de prosperidade, se a tantos mananciaes perennes de fortuna publica e particular ajuntarmos a sementeira do arroz, grão o mais prolifico e por isso mesmo o mais util á população, e seu grande augmento ; e em que parte do mundo cresce elle com mais vantagem ou vem de melhor qualidade ?

Que deveremos, emfim, esperar ? Se a esta ultima cultura accrescerem as outras do assucar, do tabaco, do algo-

dão, dos legumes, mandiocas, milho e mais grãos fermentarios, como a dos gados.

E que direi enfim da bananeira (musa), esta dadiua a mais preciosa da natureza? Duas especies principaes, sem contar algumas variedades, são geralmente conhecidas em S. Paulo, assim como em quasi toda a extensão do Brasil. Qual seja mais util, difficuloso é decidir. Ambas se plantam e cultivam da mesma maneira; ambas multiplicam pelas suas respectivas raizes, e produzem os seus cachos entre nove e dez mezes, e são substituidas por um pimpolho que em tres mezes apresenta o seu fructo particular, capaz de ser colhido, e assim successivamente, de maneira que, dispostas as primeiras plantas, em pouco tempo se fórma um excellente bananal, sem exigir outro trabalho, que não seja o de o conservar limpo por meio de uma saxa annual.

As terras que melhor convêm a esta plantação e cultura são as grossas, quentes, humidas e abrigadas do insulto dos ventos rijos. Os lucros e utilidades que procedem da cultura das bananeiras são quasi incalculaveis; não entro na enumeração d'estes objectos, que seria desviar-me dos curtos limites d'esta *Memoria*; notarei comtudo o que me pareceu mais interessante na materia, para persuadir aos nossos lavradores que de um bananal podem elles tirar com facilidade superabundante alimento para as suas familias, e os capitaes necessarios para outros estabelecimentos, augmentando-se todos os dias a potencia productiva do trabalho nacional.

Eu duvido (diz o sabio Humboldt, *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle Espagne*, tom. 3º cap. 4º) que exista no globo outra planta que em um pequeno espaço de terreno possa produzir uma massa de substancia nutricao tão consideravel. E, comparando a nossa cultura com a do

trigo e das batatas, demonstra que o producto da bananas é, a respeito do trigo, como de 133: 1, e pelo que respeita ás batatas, como 44: 1. Seria difficuloso (continúa o mesmo autor) descrever as numerosas preparações pelas quaes os americanos tornam o fructo do musa (bananeira), seja antes ou depois da sua maturidade, uma comida sã e agradável. Temos visto, accrescenta ainda Humboldt, que a mesma extensão de terreno em um clima favoravel pôde produzir 106,000 kilogrammos (2) de bananas, 2,400 kilogrammos de raizes tuberosas e 800 kilogrammos de trigo; e conclue que uma geira de terra da maior fertilida de, plantada de bananeiras da grande especie (platano arton) denominada banana da terra, pôde sustentar mais de cincoenta individuos, entre tanto que na Europa a mesma geira não daria por anno (suppondo-se a producção de 8 grãos) por mais que 576 kilogrammos de farinha de trigo, quantidade que não é sufficiente para a subsistencia de dois individuos. Este calculo é exacto; porque 100 kilogrammos de trigo produzem 72 kilogrammos de farinha, e 16 kilogrammos de farinha se convertem em 21 kilogrammos de pão. O sustento de um individuo é contado em razão de 547 kilogrammos de pão por anno, ou libras 1,083 1/2. Sabe-se que as bananas verdes de qualquer especie, descascadas, cortadas em pedaços, seccas ao sol e pisados em pilões se reduzem com maior facilidade em preciosa farinha, e que esta se pôde destinar a todos os usos proprios da farinha de milho e arroz, e tambem de trigo. Depois de maduras, e seccas ao sol na propria casca, se conservam como os figos passados, e formam um artigo importante de alimento mui saudavel, nutriente e agradável, e por isso mesmo de lucroso commercio, e tal como se faz em *Mechoacan*.

(2) Um kilogrammo é igual a duas libras.

Accrescentarei comtudo ao que fica reflectido: 1.º Que para a plantação de que se trata não se deve fazer uso das proprias bananeiras grandes ou pequenas, mas sim dos olhos, cortando-se a batata, ou nabo, em tantas partes quantos forem os mesmos olhos. Mostra a experiencia; como cada um póde observar, que a plantação assim feita produz melhores bauaneiras, mais fortes e vigorosas e de maior e mais breve producção. 2.º Que é muito conveniente, em lugar de alimpar as bananeiras das folhas velhas, eortar pelo meio o tronco do pimpolho, de que se espera o cacho, porque engrossa mais, e se torna mais vigoroso para sustentar o mesmo cacho, ainda que maior, sem dependencia de espeques, e ficando menos alto resiste melhor ao impeto dos ventos. Esta operação não tem lugar quando a bananeira tem já principiado a sua producção, ou desenvolvido o fructo, o que é facil observar. 3.º Finalmente, que do tronco das bananeiras se extrahе muito linho, que póde destinar-se aos usos communs, e serviria de excellentе materia ás fabricas de papel, fornando interessantissimo objecto de industria fabricante e de mui rico e lucroso commercio. Para que é dizer mais!! Pensem um pouco os nossos lavradores, e esta cultura será elevada á maior grandeza. Mas ainda é preciso reflectir que esta plantação augmentaria muito a povoação, sendo os escravos soccorridos pela abundancia de um fructo tão saudavel e tão nutriente, e alliviados os brancos da necessidade de outro pão. Em Secriuan, onde os escravos fazem trabalhos mil vezes mais peniveis do que geralmente em outro parte da America, abrindo no lodo do mar largas e profundas vallas, são sustentados unicamente com bananas, e desprezam as batatas indigenas do paiz e das quaes abunda por extremo. E não seria muito util, e mesmo necessario, que nos engenhos de assucar do Brasil fossem compellidos

os proprietarios a plantar e conservar um bananal proporcionado ao sustento dos pobres escravos, sem que comtudo se lhes negasse a ração ordinaria? D'esta doce violencia resultariam aos mesmos proprietarios incalculaveis beneficios, que não é necessario enumerar.

CAPITULO VI

DOS OFFICIOS QUE DEVE PRESTAR O GOVERNO

Tudo isto é certo, e é incontestavel o que acabo de escrever; mas, se o governo não proporcionar os meios, contentar-nos-hemos, como até agora, de conhecer o que podiamos ter (nem eu revelo segredos, ou verdades desconhecidas) e nunca desfrutaremos as riquezas da natureza. Como sem plantar poderemos colher? E de que maneira, destituídos inteiramente dos principios da chimica moderna, pretenderemos a perfeição dos fructos, que, ou achamos nos campos, matos, nos mares e rios, ou cultivamos e colhemos em todas estas partes? Como, absolutamente falto de mestres e de preceitos, e de instrumentos aratorios, de machinas e moinhos, ousamos aspirar á fortuna das nações industriosas? Necessitam as arvores e arbustos a cultura em geral; e a criação dos gados, em qualquer situação do globo, aquella mesma protecção que em Athenas acharam as oliveiras do Pedion. Ellas se estendiam por tres leguas, pouco mais ou menos, e formavam um bosque immenso: os possuidores d'esta vasta plantação passavam pelos mais ricos e ao mesmo tempo pelos mais espirituosos dos athenienses. Em diferentes aldéas d'esta famosa campanha nasceram homens tão celebres, como *Socrates*, *Sophocles*, *Thucidides*, *Platão* e *Epicuro*: em nenhuma parte do mundo, reconhecem todos os historia-

dores, a vigilancia da administração foi elevada a maior gráo de actividade.

Os areopagitas examinavam pessoalmente o estado dos bosques e contavam as oliveiras plantadas ao longo das estradas, conservavam cuidadosamente o registo d'estas arvores consagradas a Minerva; e quando alguma pessoa era comprehendida no facto criminoso de destruir um só tronco, elles a castigavam com todo o rigor (3). E não devemos imitar exemplos que por velhos serão sempre mui respeitaveis?!

Mas isto não basta; quando um povo tem desmaiado na carreira da industria, vendo desgraçadamente destruida a sua agricultura, aniquilado o seu commercio e muito reduzido o numero dos seus individuos por causas phisicas ou moraes, a que elle não podia resistir, como se verificou a respeito da capitania de S. Vicente, é necessario que uma mão habil o conduza, e lhe mostre o antigo caminho da sua gloria, com os meios offerecidos pela natureza, para se remediarem os males occasionados por circumstancias particulares.

Acostumado á vida solitaria, ou limitado no pequeno circulo da sociedade domestica, sempre destituido do util e muitas vezes do necessario, este povo não conhece prazeres, e tem horror ao trabalho.

E' preciso instrui-lo e mostrar-lhe um lucro facil, e que para o adquirir consuma pouco tempo, sem muita fadiga, e fornecer-lhe para isso mesmo os meios necessarios, porque sem anticipação de capitaes não se devem esperar rendimentos certos.

De tudo quanto se vê n'este mundo, elle só foi a obra da vontade e da palavra, sem anticipação de outros meios

(3) Peuchet. Introd. á Geograf. Commerciant.

e capitaes, mas a vontade e a palavra do Todo Poderoso foram os agentes mais adequados, ou antes privativos, que se podiam empregar em uma obra que d'outra maneira se não podia fabricar. E' finalmente necessario tornar esse mesmo povo social e infundir-lhe o desejo de novos prazeres; porque estes se multiplicam logo, insensivelmente produzem a necessidade, e o amor do trabalho, sem o qual se não podem desfructar. Eis-aqui a origem da industria e de todas as virtudes sociaes, que constituem e formam um povo energico, rico, vigoroso, sabio, e por todos os modos respeitavel.

CAPITULO VII

OBSERVAÇÃO PRIMEIRA

Sobre o côrte das madeiras

A simples inspecção dos mappas chorographicos d'esta costa maritima basta para se conhecer que a ella baixam duzentos rios, pouco mais ou menos, calculados os seus differentes braços, os quaes occupam espaços immensos, sendo quasi todos navegaveis por largas distancias e mui piscosos; as suas margens e as terras adjacentes, representando ainda o estado primitivo da natureza, cobertas de riquissimos arvoredos da mais variada qualidade, e abundantissimas de muitas e differentes producções de grande prestimo e valor, merecem particular exame e as mais apropriadas reflexões.

Muitos dos mesmos rios se acham reservados para o côrte privativo em beneficio da armada real. Os que porém existem livres e franqueados ao uso particular dos povos são mais que sufficientes para entreter o riquissimo, facil e não interrompido commercio d'aquella extensão

e variedade que fica acima notada. O interesse publico exige da maneira mais positiva que as arvores fructiferas, que se forem encontrando, fiquem salvas do insulto dos machados, e que o córte d'ellas seja um facto rigorosamente punivel.

Um regulamento a este respeito me parece de maior importancia: elle é por sua natureza comprehensivo de todo o continente que habitamos. Tambem na exportação do assucar em caixas diviso eu uma perda excessivamente grande e com trato successivo. Devia antes fazer-se em barricas, como se pratica na Jamaica e nas West Indias geralmente, assim como na India. Madeiras inferiores, de qualquer qualidade e grossura, se apresentam em toda a parte para aduelas, bem proporcionadas ao intento. E' facil de comprehender que os mesmos braços destinados á fabrica d'uma caixa de 40 arrobas podiam fazer no mesmo tempo, e com mais suavidade, tres barricas de 20 a 25 arrobas, bem proporcionadas á facilidade do embarque e desembarque: e as madeiras agora empregadas nas caixas, cujo valor se perde por dois terços, ao menos, na Europa, serviriam d'um ramo privativo de grande commercio.

CAPITULO VIII

OBSERVAÇÃO SEGUNDA

Ácerca dos ancoradouros mais notaveis e de algumas propriedades particulares de cada um dos concelhos d'esta costa, e entradas dos principaes rios do limite septentrional até o austral.

Na ilha dos Porcos do Sul, na enseada dos Flamengos, agora dita dos Tubarões, quasi em frente da sua extremi-

dade meridional na terra firme, ha excellentes ancoradouros. Por uma tradição constantissima se diz que n'esta ultima parte ancoraram mais de 40 vasos de guerra dos hollandezes no meio do seculo decimo-sexto; sendo tambem de grande proveito ao commercio e a toda a qualidade de importação e exportação a enseada Ubatumirim, o sacco d'este nome, e outros de Ubatuba na ponta do Alegre. Todos estes ancoradouros fazem independente de alheia navegação o concelho inteiro, de que é cabeça a pequena villa de Ubatuba, a mais septentrional da referida costa. São bem conhecidos por grandes e seguros os ancoradouros entre a ilha de S. Sebastião e a sua terra firme, e servem de muito proveito aos povos d'este concelho, immediato ao de Ubatuba. Em uma e outra parte é fertilissima a terra para todo o genero de cultura. Nota-se principalmente em S. Sebastião (talvez porque alli se acha mais apurada a industria) que o assucar é da melhor qualidade, admiravel o tabaco e o gado vaccum de extraordinaria grandeza, chegando as rezes pelo commum a 25 e 26 arrobas, muitas a 30 e algumas a 40. O leite é o mais bello, e as vaccas o produzem em quantidade incomparavel á ordinaria das outras partes. Atribuem os bons conhecedores estas particulares excellencias ao capim nobre, ou feno riquissimo, e privativo da terra. E' pois evidente que n'estes dois concelhos se podia levar a importantissima criação do gado vaccum a um ponto de perfeição, ou muito raro, ou sempre admiravel, logo que se introduzisse gados de escolhida raça, e as regras pastoraes se estabelecossem na devida fórma, assim como a officina regular dos queijos e manteiga.

Esta villa póde subir a um ponto vantajoso de riquezas, logo que um caminho dirigido a ella da de Taubaté se con-

duza, cujo projecto não foi adiante por motivos particulares, e dignos sómente de desprezo; mas as paixões e os des-
piques sempre se manifestam em desfavor dos povos e do
serviço publico.

Se em todo o costão da grande enseada do rio Juqui-
ricaré, na do Caratutuba, e nas mediações dos outros bem
conhecidos, a saber, do Encantado, Verde, Pardo, Claro,
e das Antas, que desaguam no primeiro, e todos notavel-
mente despovoados, se formassem estabelecimentos, ao
menos para cem casaes industriosos, com os precisos
soccorros inseparaveis d'esta sorte de especulações, e com
obrigação de seguirem um plano economico sobre a mate-
ria proposta, em pouco tempo se desfructariam os mais
lisongeiros resultados.

Os dois concelhos, que se seguem das villas de Santos
e S. Vicente, abrangem um territorio extensissimo, e
com a singularidade da correspondencia reciproca de 22
rios d'uma desembaraçada navegação, de cujo encontro e
união resultam tres barras ao mar; a grande, denomi-
nada de Santo Amaro, a da Bertioga e a de S. Vicente.
Pela primeira entram as maiores náos, a segunda presta-se
a grandes brigues e escunas, a terceira serve para lanchas,
e canôas.

Os soccorros d'estes, e por consequencia o encadêa-
mento de tantas aguas, o fluxo e refluxo que soffrem,
d'uma maneira admiravel, enchendo uns quando outros
vasam, em consequencia mesmo das tres barras, entre si
apartadas e oppostas, concorrem muito a bem da sua fer-
tilidade, assaz provada, e com particularidade singular na
producção e belleza do arroz, café e cacáo.

O grande porto de Santos fórma um ponto quasi central,
aonde pela combinação das circumstancias expendidas se
ha de naturalmente estabelecer o assento do commercio

geral da capitania de S. Paulo, e das suas mais proximias adjacentes.

Em nenhuma outra parte que eu saiba se pôde crear um arsenal tão importanté e de tanta economia ao mesmo tempo. Os rios, que foram reservados para o cóрте das madeiras destinadas ao serviço da armada real, serão abundantes nas épocas mais remotas d'esta riquissima producção. Nos interiores de uma e outra villa, por toda a extensão da costa mais austral e nas terras de serra acima (como notarei, quando d'ellas fallar em particular), riquissimas colheitas de canhamo e linbos hão de necessariamente auxiliar o projectado e necessario estabelecimento; principalmente se as providencias do governo se estenderem a formar uma cordoaria com machinas a proposito, movidas por aguas, aproveitando-se para este fim as cachoeiras despenhadas das muitas alturas que ficam em torno das mesmas villas e em lugares muito proprios ao intento.

As excellentes resinas e o pez, que possuimos na maior abundancia e podemos extrahir com mais particularidade dos nossos pinhaes, seguram ainda melhor a fortuna do mesmo arsenal, cuja independencia e perfeição absoluta lhe deveria emfim resultar de uma completa ferraria, para a qual se prestam com a maior liberalidade e excellentes proporções as ricas e bem conhecidas minas de Guiraçoizba, da Parahiba sobre as margens do rio Tieté, e de Santo Amaro nas immediações do rio dos Pinheiros.

Estabelecimentos á semelhança dos da Suecia, Dinamarca e Russia, da França, e dos mais recentes e menos dispendiosos de todos, da America Septentrional, forneceriam todo o ferro necessario para a nossa armada real e mercantil, as ancoras competentes e toda a artilheria naval e de terra com o armamento preciso aos exercitos nacionais: sendo muito digno de reflectir-se que o ferro das

ditas minas se pôde conduzir ao porto de Santos, ou por terra ou em grande parte pelos ditos rios Tieté, Pinheiros grande e pequeno, sempre navegavel até a distancia de quatro leguas d'aquelle porto, no qual emfim a mão de obra não promette grande augmento para a futuro, porque os alimentos necessarios aos obreiros serão sempre vendidos de S. Paulo por preços mui accomodados, no que se divisa ainda a utilidade da marinha real.

A barra da villa da Conceição de Itanhaem, immediata á de S. Vicente, é pequena e serve para lanchas e canoas de voga ; mais proprias d'este e d'outros portos semelhantes seriam embarcações mais rasas, largas e de fundo de prato. Dista esta barra da outra de Santo Amaro doze leguas, e tanto têm de extensão as suas praias ; é capaz de bom commercio, pela abundancia de farinhas de mandioca, pelas madeiras as mais altas e corpulentas de toda a costa, pela cultura da baunilha (generos estes de que podia fazer largas exportações), e bem assim pela criação dos gados ; sendo além d'isto de grande extensão o terreno, que borda as ditas praias, e accomodados para a produção de todos os fructos analogos ás terras marítimas do Brasil.

É muito provavel que n'estes lugares viessem com muito proveito os coqueiros da India, que chamamos da Bahia ; e não ha duvida que os outros já lembrados, como das especies particulares dendê e macauba, requissimos em azeite e o ultimo em linho, precioso igualmente, fariam alli grandes progressos e tornariam com muito pouco trabalho areas incultos em predios estimaveis e de avultados rendimentos.

No meio da praia existe a aldéa de S. João de Peroibe, habitada pelos indios, restos dos antigos moradores do paiz, que são dotados de mui particular habilidade e industria para o trabalho do mar e exercicios das pescarias, mere-

cendo por isso mesmo toda a protecção e cuidado. A semelhança d'esta se deveriam formar algumas aldéas pela extensão e ao longo d'esta costa na direcção do sul, e assim teriamos em tempo opportuno muitos pescadores excellentes marinheiros.

A villa de Iguape, que se avizinha á da Conceição, tem um districto consideravel, mas a sua barra propria é incapaz de navegação. Servem-se da de Cananéa, por onde entram sumacas e corvetas; além d'isto servem muito bem a da Ribeira e a de Una, por onde entram lanchas aos moradores d'esta parte. Este territorio é fecundissimo para toda a qualidade de cultura: abunda em bellas matas, que margeam o dito rio Una, o do Prelado e da Ribeira, todos tres mui piscosas, e o ultimo recommendavel ainda pela pedra calcarea, de que igualmente são formados os montes de Cananéa, como fica notado, e pelo muito ouro que se póde extrahir na sua continuação e vertentes. Por este rio, ou ribeira de Iguape, que é desembaraçado de cachoeiras, se póde exportar privativamente e com muita facilidade todo o ferro que se fabricar em Guiraçoiaba, cujas forjas existem na distancia de oito leguas do dito rio e lugar do embarque, e tambem por elle se podem navegar todos os generos dos districtos inteiros das villas de Sorocabá, Apiahy e Paranâpanema, com grande augmento da agricultura e do commercio maritimo.

É muito insignificante agora a villa de Cananéa, que se divisa mais avante, tendo comtudo as proporções que lhe offerece um terreno fecundo, para enriquecer pelo meio da agricultura e do commercio. Ella póde conservar, pela abundancia e sobras de madeiras para a construcção naval, um estaleiro que já possui, e no qual se fabricam navios grandes e eleva-lo á devida importancia; pois que a

sua barra permite facil entrada e sahida aos vasos d'este porto, sendo alliviados da maior carga.

Paranaguá é uma grande villa cabeça da comarca d'este nome, e tem todas as proporções para cidade mui rica e poderosa. A sua barra é larguissima e no centro de uma notavel e formosa bahia. A natureza lhe negou o fundo necessario para a entrada de embarcações maiores; não se recusa porém a brigues e sumacas, que bastam para todo o genero de importação e exportação. A junção de quarenta rios, com esgoto á barra, dão todo o merecimento ao paiz, cujas alturas são formadas pelos soberbos e fertilissimos campos da Curitiba, na distancia de quinze leguas ao mar: os seus preciosos effeitos podem ser navegados por differentes canaes, entre os quaes se faz mui recommendavel o da villa de Antonina, cujos progressos rapidos lhe seguram os fóros de grande e populosa cidade em poucos annos.

Em Paranaguá deve estabelecer-se uma cordoaria, ou adiantar-se a que já existe: em poucos annos chegará a muita perfeição, porque no seu territorio o canhamo e os linhos de variadas especies são dotados de mui superior qualidade. Deve ainda considerar-se a mesma villa como o assento natural de ricas pescarias, de importantes salinas, e hem proporcionada para o commercio de madeiras e resinas, assim como para toda a sorte de lanificios e manufacturas de linho; podendo d'estas duas produções receber dos Campos Geraes, em supprimento das que lhe faltarem, todas as qualidades necessarias para fabricar e fazer d'ellas vantajosa exportação.

Finalmente, as barras dos dois grandes-rios Guaratuba e S. Francisco dão entrada segura a bergantins, sumacas e corvetas. Os seus habitantes, poucos e pobres, vivem principalmente de pequenas pescarias, no seio da maior

abundancia de muitos e differentes peixes, entre os quaes é mais vulgar a pescada e a miraguaia, cuja salga se faz com perfeição segundo os principios da arte, e com mais particularidade ainda no segundo dos ditos rios, ou no concelho de S. Francisco do governo de Santa Catharina. Estes districtos são muito extensos, dotados de grande fertilidade e em nada inferiores aos que ficam descriptos: hão de conservar-se porém na miseria, e quasi de todo incultos, emquanto a sabedoria do governo não estender sobre elles a sua benefica e paternal providencia.

CAPITULO IX

OBSERVAÇÃO TERCEIRA E ULTIMA

Sobre as pescarias e lugares em que mais convém estabelecerem-se

Nas duas ilhas dos Porcos, na dos Alcatrazes, do Monte de trigo, da Queimada, e outras, que por menores não refiro, se podem formar sociedades piscatorias de grande importancia, logo que este ramo de industria chegue a sua devida perfeição e se exercite da maneira mais propria a arte das salgas. Para este fim necessário é que se facilite o sal por um preço modico, conforme as idéas que ficam expendidas, e com os mesmos meios em Ubatuba e suas enseadas subjacentes, em S. Sebastião e seus districtos, nas barras de Una e da ribeira de Iguape, nos reconcavos de Paranaguá, Guaratiba e S. Francisco, devem as pescarias, pelas razões, que já lembrei, chegar a um commercio riquissimo, e tal como tenho augurado e cordialmente desejo.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

PARTE II

CAPITULO I

DO QUE SE DEVE PRESENTEMENTE FAZER NAS TERRAS CENTRAES DA CAPITANIA DE S. PAULO

Tratarei agora da outra parte central da capitania de S. Paulo, que é, como fica dito, não me nos interessante do que a marítima; e apontarei os meios necessários para o estabelecimento da sua agricultura, fabricas, commercio e povoação.

A criação dos gados é da primeira necessidade em todos os paizes, para fertilisar as terras por meio de estrumes que ella procura e para ajudar o homem nos seus trabalhos agrarios. E, sendo mui lucrosa em quasi todas as situações do globo, produz fructos uberrimos nos climas temperados, como o de que se trata.

É pois necessaria a criação das bestas cavallares e muares em toda a extensão dos campos do interior, na devida proporção ao serviço publico e ás commodidades dos povos: ella teria feito grandes progressos nos lugares designados e produzido consideraveis riquezas, se o favor concedido ao Rio-Grande de S. Pedro e as imposições fiscaes a não prohibisse em todas as terras áquem do rio Iguaçu: criação que a respeito dos cavalloes se tolerou de alguns annos a esta parte, como acanhada e feita por assim dizer ás escondidas; introduzindo-se nas Minas-Geraes a outra das bestas muares pela industria do capitão Antonio de Abreu Guimarães, que fez passar a este fim para aquello paiz e polo interposto de Lisboa excellentes jumentos da melhor raça de Hespanha. Agora porém que as idéas do go-

verno são firmadas nos principios sabios da liberdade e industria civil, pôde-se estabelecer uma e outra criação nos sobreditos campos, melhorando-se muito, e tornando-se mais proveitosa a dos cavallos, com o encruzamento das raças pela particular do Chile, uma das melhores do mundo; pois são os cavallos d'aquelle reino mais formosos e mais fortes do que os de Andaluzia, dos quaes descendem; e das bestas muares, estabelecendo-se nas nossas terras a educação dos jumentos do Paraguay, o que é muito facil e pouco dispendioso.

Esta operação é necessaria e deveria pôr-se em pratica, apezar de qualquer dificuldade ou despeza; sendo certo que o notado privilegio contém o mais duro monopolio, torna muitas provincias do Estado escravas de uma só, ataca os fundamentos da grande agricultura e a liberdade do commercio, perturba os direitos do cidadão e faz que o mesmo Estado nas terriveis circumstancias da guerra, que a Providencia quererá desviar para sempre dos nossos climas. mande conduzir, se lhe fôr possível, á custa de muitas despezas, perigos e trabalhos, e por trezentas leguas de distancia, os cavallos e as bestas necessarias para o seu serviço.

Igual protecção e cuidado exige a criação dos camelos e dromedarios. Sabe-se que em todos os districtos da Asia e da Africa em que os desertos se têm multiplicado ha muitos camelos. Estes paizes lhes são proprios e elles não procuram estender-se mais longe, temendo igualmente o excesso do frio e do calor; comtudo a diligencia e o trabalho os acclimatou até na Saxonia, aonde prestam para muito, e não achariam dificuldade alguma para multiplicar bem no paiz de que se trata, e com muita particularidade nos campos de Mugyguacu, nos quaes não ha neves destruidoras; o frio não faz grande impressão, sendo pelo

mesmo modo mui supportaveis as calmas. Este animal sobrio, forçoso e docil, vulgarmente chamado o navio do deserto, faria entre nós grandes serviços por toda a extensão do Brasil no transporte das differentes mercadorias, e pouparia a falta dos canaes, de que o commercio muito precisa para as suas differentes operações; tornar-se-iam estas mais faceis e menos dispendiosas, porque um camelo equivale a seis ou sete bestas muares, calculada a sua carga, presteza, alimento, trato e ferragem, e os povos do interior ficariam assim libertados do tributo indirecto, que pagam pela maior carestia dos generos que devem consumir, podendo ao mesmo tempo metter em commercio com muita commodidade as materias e fructos, que ou não cultivam ou ficam inuteis nos lugares da sua origem e nascimento. Pelo interposto de Gibraltar, e em direitura dos portos da Barbaria, das ilhas Canarias e melhor ainda de Cacheu e Bissau, podiamos com facilidade e a bom preço fazer esta preciosa aquisição.

A criação do gado vaccum póde e deve estender-se a todas as terras de S. Paulo, assim da marinha como do interior, e ainda não lembrados os campos geraes da Curitiba, com os outros acima referidos, que conservamos na mais perfeita inutilidade, podiamos ter tão grande numero de bois e vaccas que nada restasse a desejar sobre uma materia tão importante: comtudo, as raças aqui conhecidas, posto que boas e merecedoras do mais cuidadoso melhoramento, acham-se em muitos lugares notavelmente degeneradas e não bastam para todos os usos e conveniencias que se podiam fazer e desfructar; ellas não produzem aquella abundancia de leite que se admira em outras partes, principalmente na Irlanda e na Hollanda. N'este ultimo paiz as raças da India fizeram prodigios; e apezar dos curtos limites da terra pretendiam os hollandezes ter maior quan-

tidade de leite do que de vinho produzido nas grandes vinhas da França ; o que é superior a toda a cogitação.

Hoje porém, que a pobreza e a miseria são o patrimonio da antiga republica da Hollanda, tambem este ramo de industria nacional ha de ter soffrido a sorte das fabricas, pescarias e commercio, e não ousarão os hollandezes proferir a mesma proposição. Tambem no Chile é mais bello e melhor do que na Hespanha o gado vaccum que, á semelhança do cavallar, se aperfeçoou n'aquella parte da America, acontecendo o mesmo ás outras especies dos gados cornigeros. Eis-aqui um dos lugares d'onde podemos adquirir, sem difficuldade, os individuos necessarios para reformar de todo os nossos gados. (*Alcedo, Dictionar. Geogr. art. Chili.*) Ainda que já reflecti sobre a particular excellencia do gado vaccum de S. Sebastião, lembrarei agora que o do nosso districto das Caldas goza com razão de muita celebridade, respectivamente á sua grandeza e corpulencia. Qual fosse o commercio d'aquella republica produzido pelo leite, todos sabem. E porque não imitaremos os industriosos hollandezes, quando a criação de uma vacca, entre elles, é mais custosa do que entre nós a de trinta pelo menos? É preciso fazer o que elles fizeram; os nossos trabalhos serão muito mais pequenos, muito mais facéis e muito menos dispendiosos, devendo os lucros e as conveniencias avantajarse muitas vezes mais. A prosperidade dos gados procede muito principalmente da bondade dos pastos: uma dada porção de terreno póde apenas criar duas vaccas, produzindo bem pouco leite, e este de inferior qualidade, se não cultivar. Póde pelo contrario sustentar com abundancia o triplo e quadruplo, produzindo as rezes muito e bello leite, logo que a industria dos pastos artificiaes fór exercitada como convém, fazendo-se uso das hervas que em differentes paizes se reputam melhores; nenhuma

parece tão vantajosa como a denominada capim de Angola.

Um campo o mais esteril e (por me explicar assim) de nenhum valor pôde em dois ou tres annos formar excellente prado, capaz de sustentar com fartura e abundancia muitos animaes, sendo semeado de giesta, o que se pôde fazer com muita facilidade, sendo bastante queimar-se o campo e lançar-lhe a semente, e melhor ainda sendo lavrado, posto que superficialmente; e a giesta, que nasce em terrenos muito estereis, em pouco tempo cubriria o campo inutil, offertando aos gados bom alimento nas suas folhas e renovos, assim como no grão que produz, e nas muitas hervas que se criam á sua sombra. Haverá um meio tão facil de multiplicar pastos ou prados artificiaes? Estes mesmos giestaes, passados tres, quatro ou cinco annos, sendo roçados e queimados, produzem qualquer sementeira como os matos virgens ou capoeiras velhas, e d'esta maneira se cultivariam as folhas, e, com muito proveito, vastissimos terrenos agora desprezados.

Sendo o bufalo, uma especie de boi, maior porém, mais forte, ainda que de carne menos saborosa, servindo aos mesmos usos e a femea mais abundante de leite; quando se trata da educação do gado vaccum, de melhorar e de variar as raças, o mesmo se deve dizer a respeito dos bufalos: da India, da Africa, tambem da Europa, com mais facilidade do que de algumas partes da America, podem vir as rezes necessarias para o primeiro estabelecimento. Criar ovelhas e carneiros em um paiz apropriado ao intento pela sua amenidade, extensão e abundancia natural dos pastos apropriados, operação é mui pouco trabalhosa, que promete incalculaveis riquezas e muitas commodidades. A ella devem os inglezes o seu primitivo e mais rico estabelecimento.

Ainda antes de conhecerem e poderem exercitar a arte

interessantissima dos lanificios, creada por Henrique e quasi aperfeçoada pela grande Isabel, desfructava a Bretanha as muitas riquezas que lhe produziam as lãs ; com os lanificios cresceu a sua fortuna, e se elevou a prosperidade que todos agora invejam e a que nenhuma nação tem podido chegar, nem chegará provavelmente Europa.

As lãs inglezas valiam ha trinta annos, segundo os calculos bem reflectidos do sabio Arthur Wong, 5,600,000 libras esterlinas. E, ainda que o favor injustamente liberalizado, na opinião do mesmo Wong, pelo governo em beneficio dos fabricantes, tenha reduzido esta somma a 2,400,000 libras esterlinas, assim mesmo é de um valor excessivamente grande esta ultima quantia. Ella porém excede muito o primeiro calculo, contemplando-se a importancia e utilidade das carnes, das pelles, do leite, do sebo e dos estrumeos que a agricultura em geral recebe inexauriveis riquezas.

Para se estabelecer nas terras centraes de S. Paulo a criação do gado ovelhum, como convém e se deseja, é preciso o trabalho, nem o tempo n'isto consumido pelos hollandezes ; acclimatizando na sua terra aspera e desabitada as raças da India, que todavia multiplicaram entre ellas com largas conveniencias e de uma maneira admiravel, produzindo as ovelhas a produzir regularmente quatro cordões cada anno, e de dez até dezeseis arrateis de lã compozida fina e tão bella que muitos as vendem com o nome de Inglaterra. Melhor ainda se tornou esta descoberta em Flandres, aonde a raça dos carneiros indianos adquiriu maior fertilidade e tal perfeição nas vizinhanças de I. de Warneton, que toda a especie tomou o nome de carneiros de Flandres. São da mesma fórma escusados os trabalhos e a industria bem dispendiosa da Suecia e de Inglaterra em naturalisar as ovelhas da Barbaria, nem mais os n

ciosos regulamentos da Grã-Bretanha, e que se conservam em vigor á custa de grandes sommas e do mais assiduo cuidado do governo.

Pelo contrario, na Curitiba ha mui bellas ovelhas, que produzem mais de seis e oito arrateis de excellente lã. No Paraguay e no Uruguay existem as raças de Hespanha mui bem conservadas; da Africa inteira e da Asia não é difficiloso obter as mais variedades que se desejarem.

Nota-se com particularidade que as cabras e ovelhas do reino de Fulis, subindo o Niger, ou Senegal, são excellentes e de muita conveniencia. Emfim, não nos faltaria cousa alguma no artigo importantissimo das lãs, se se mandassem conduzir das serras do Perú para as nossas as vigunias, os lamas, os pãcos e guanacos, que a industria européa não tem podido naturalisar nos seus climas.

As cabras aqui são pequenas, de má qualidade e com pello de boi. Em S. Paulo existem algumas da raça de Portugal, que tambem não é boa. Com facilidade podemos mandar vir cabras de Cabo Verde, e melhor ainda das ilhas Canarias, as melhores, mais fortes e mais abundantes de leite e pello que eu tenho visto; e não será difficiloso obter, por via de Gibraltar, algumas da raça particular e singularissima de Angora, que, apezar do frio, se têm acclimatisado na França e ainda mesmo na Suecia, cuja propagação faria prodigios nas nossas terras da marinha, e ficaríamos por esta maneira socios no commercio privativo e mui lucroso que do seu preciso pello, assim como da lã do camelo, fazem os turcos. Merece emfim particular protecção e cuidado a criação dos porcos nas terras centraes de S. Paulo, onde teria crescido muito este ramo de industria, se o excessivo preço do sal; augmentado ainda com o gravoso direito de um cruzado por alqueire, como fica acima notado, o não tolhesse de uma maneira extraordina-

ria, assim como é notoriamente prejudicial á criação de todos os outros gados, e impede o aproveitamento de muitas produções do reino animal. Este embaraço já felizmente se acha removido.

As grandes matas de pinheiros de que abunda aquelle paiz, e que se devem multiplicar pelos montes e terras inferiores, podem criar muitos milhares de porcos, sem trabalho e com mais facilidade do que se observa no Alemtejo com as asinheiras, cujo fructo é para o intento muito inferior aos nossos pinhões, dos quaes as carnes recebem melhor sabor e mais consistencia. Lembrarei mais, porque convém saber-se, que entre as muitas produções que se podem destinar á ceva dos porcos nenhuma é mais facil de cultivar-se, nem mais prolifica e proveitosa do que a junça, cujas bolotas assucaradas uma vez sementeadas em terras humidas, ou de vargens, multiplicam-se da maneira mais extraordinaria, á semelhança da gengibre, e com ellas os porcos, designados á chacina, engordam perfeitamente em poucos dias, softos no junçal que em breve tempo se renova, sem embargo do estrago que com sua avida foça lhe fazem estes animaes vorazes.

Tambem as raças necessitam de reforma. Nas ilhas do Cabo Verde existe uma particular e maior que eu tenho visto; é verdadeiramente proveitoso e muito facil o passal-a para o Brasil, assim como a do Cabo da Boa Esperança e tambem da America Septentrional, cujos individuos chegam ao peso de dezoito e vinte arrobas.

Taes são os animaes cuja criação e educação muito desejava eu ver estabelecida na capitania de S. Paulo, de uma maneira porém regular e propria, e não ao acaso e sem arte, como tudo se tem até agora feito e praticado no Brasil. Este ramo de industria, ou cultura, basta e é muito sufficiente para enriquecer qualquer paiz e para felicitar os

seus habitantes, logo que o commercio auxilie os seus trabalhos, consuma e dê um preço racionavel ás suas producções, apenas capazes de entrar no mercado publico, exonerado das imposições, taxas e alcavalas que destroem e suffocam qualquer producção na sua origem e nascimento.

O governo, a quem dirijo os mais humildes votos, é sem duvida o arbitro dos trabalhos campestres, assim como de todas as especies de industria. Debaixo de seu abrigo tutelar fertilisam os campos, nasce o commercio e multiplicam as manufacturas. Se elle quizer (sua vontade me é bem conhecida), mandando e escolhendo executores inteligentes e dominados pelo amor da patria e do bem publico, tudo será feito, e uma grande provincia sempre honrada e capaz de encarregar-se da defesa do throno sahirá do maior abatimento, para fazer a mais brilhante figura.

CAPITULO II

DA CULTURÁ ARBOREA E CERCAL

Da cultura pecuaria e da educação dos gados deveria eu passar á arborea e cercal; mas pelo que respeita á primeira especie, bastará reflectir que em quasi todas as situações se podem cultivar no interior da capitania todas as arvores e arbustos que parecem peculiares da parte maritima, e de que tenho feito particular memoria; assim como de todas as fructiferas que se cultivam na Europa, ou sejam indigenas d'aquelle paiz ou n'elle acclimatisadas, como o castanheiro, a nogueira, a pereira e a oliveira.

Não devo, comtudo, passar em silencio que a cultura dos pinhaes, para a qual se prestam de boa vontade as terras mais inferiores e os montes escabrosos, fórma um objecto

assaz recommendavel, sendo o nosso pinheiro uma arvore de reconhecida utilidade e das mais ricas do Brasil, porque ella fornece no seu copioso fructo mui saboroso alimento, são e nutriente ao homem e a quasi todas as especies de quadrupedes, e de uso mais variado do que a castanha, fazendo com o trigo e milho excellente mistura e muito bom pão. Póde seguramente dizer-se, que é impossivel haver fome em um paiz abundante de pinhaes da especie particular que a natureza produziu nos nossos climas frios ou temperados do interior. Do tronco alto e corpulento d'esta excellente arvore, que chega algumas vezes a cincoenta e mais palmos de circumferencia, tiramos mui boas madeiras, muita rezina e vernizes estimaveis.

Não esquecerei igualmente a cultura das vinhas originarias da Asia e da America, que na Europa acharam a sua verdadeira patria por meio de uma cultura regular e bem aperfeiçoada; pois nas terras de que se trata existem situações proprias para a sua grande prosperidade. Os jesuitas cultivaram vinhas na sua bem conhecida fazenda da Arasseriguama, distante dez leguas da cidade de S. Paulo, e faziam bom vinho. Esta cultura é para nós da primeira necessidade, e tudo quanto se póde objectar a este respeito fica desprezivel á vista do que escreveram o abbade Rosier e o grande chimico Chaptal, e dos methodos por elles mesmos prescriptos, para se fazer bom vinho de uvas imperfeitas e não bem sazoadas.

Quem sabe que cousa seja a uva na provincia do Minho em Portugal, fructo de vinhas bravias, plantadas em terrenos constantemente encharcados, levantadas sobre carvalhos e castanheiros, participando diariamente dos demasiados acidos de que abundam estas arvores, e com particularidade quando estão em ceva, não duvidará entregar-se á bem regulada cultura das vinhas em S. Paulo, ainda antes

de calcular a quantidade e a qualidade dos vinhos d'aquella famosa provincia ; a melhoria de que são susceptíveis, e immensa riqueza que elles produzem apezar do seu infimo preço.

Mas dizem que esta cultura não pôde aproveitar em S. Paulo, porque a vindima seria feita nos mezes de Dezembro e Janeiro, estação chuvosa e destruidora das uvas ; e eu digo que a especie bem conhecida com o nome de terrantez resiste perfeitamente ás chuvas mais copiosas, e que cultivando-se esta especie, que pôde vir do alto Douro, desapparecia a objecção. O mesmo se pôde dizer do verdelho, a que na ilha da Madeira chamam de carapuço, e se cultiva nas alturas do norte e particularmente na Achada do Judeu da villa de S. Vicente, fazendo-se a vindima em Novembro, apezar do frio e chuvas excessivas e sendo além d'isto criadas as uvas sempre debaixo do mais espesso e continuo nevoeiro.

Se cultivarmos pois vinhas de pé, de cêpa e latada, para o que são perfeitamente bons os montes expostos ao nascente e meio-dia, e abrigados dos ventos frios, teremos muito bons vinhos, ainda que não cheguem á perfeição dos melhores da Madeira e Douro. Se os cultivarmos sobre arvores, a que chamam vinhos de balceira e de enforcado, desfructaremos uma copiosa abundancia de vinhos melhores todavia do que os da provincia do Minho; uma e outra cultura nos convém; mas para a segunda de que arvores nos deveriamos servir? Das amoreiras, sem duvida, sejam ellas embora pretas, ou brancas, a que chamam rosas do Piemonte, ou pardas, enfim, da Hespanha, e que foram transplantadas da Sicilia; porque é preciso confessar, que nenhuma arvore se tem achado até agora tão proveitosa para a criação das vides e perfeição da uva como a amoreira.

No bello paiz que banha o Ohio, e em muitas outras

vizinhanças do Mississipi, dilatados e vastísimos terrenos se offercem á vista de todos, cobertos de amoreiras brancas, e com ellas enlaçadas as vides, vegetando d'uma maneira admiravel, e no mais doce consorcio, como producções de mui perfeita analogia. (*Cultura Americana*, tom. 1.^o pag. 259).

Imitaram os piemontezes a natureza, que até nos sertões da America instrue aos homens ; aprenderam as suas lições, observaram as suas leis, cultivaram vinhas sobre amoreiras brancas, e fazendo passar com admiravel artificio as vides d'umas para outras arvores reduziram cada um dos seus campos a uma especie de jardim, ornado de piramides e grinaldas ; e d'esta maneira, sem muita despeza, e com pouco trabalho, melhoraram prodigiosamente o estado das suas seáras : têm muito bello vinho e fazem com facilidade a vindima ; conseguiram enriquecer o seu paiz com o excellente commercio da mais preciosa seda da producção européa, e que tanto invejam as outras nações. E' em tudo semelhante á cultura dos milanezes. E não poderemos nós fazer o mesmo, imitando a quem imitou a natureza ? Merecem para este fim muito particular exame os bichos de seda nascidos na America Septentrional, dos quaes se affirmam, que produzem tão bella seda como a melhor e mais afamada do Oriente ; que não ha insectos d'esta especie tão faceis de criar ; que elles não temem nevoeiros, relampagos, nem trovões, que em toda a parte os destroem ; e que enfim cada um dos seus casulos pesa tanto como quatro de outra qualquer parte. (*Peuchet*). Póde ser que as mesmas qualidades, ou semelhantes, se encontrem nos bichos de seda naturaes do Brasil, que nascem, crescem e fazem todo o trabalho, a que a natureza os destinou, independentes da mão e cuidados do homem. Por que dura fatalidade os nossos naturalistas não têm examinado esta e outras materias de semelhante importancia ?

Existem, por exemplo, por toda a parte central da capitania de S. Paulo, bosques immensos de jaboticabeiras: do seu bello e copioso fructo podiamos aproveitar, cada anno, muitas mil pipas de excellentes vinhos, e aguas-ardentes, como a experiencia, ainda que não bem calculada, tem feito ver; e os nossos philosophos guardam a este respeito o mais profundo silencio! Que independencia de commercio estranho nos não offerece este simples artigo! Quanto poupariamos e quanto ganharíamos na exportação!

Quanto a cultura cercal, é facil de comprehender, que teríamos nas terras centraes da capitania toda a quantidade dos differentes grãos, legumes, batatas, e mais produções tuberosas que se conhecem, e que a vontade a mais e ávida podesse desejar, assim como dos fructos hortenses: logo que se removesses os embaraços que têm retardado a agricultura d'aquelle paiz; logo que o commercio livre se encarregasse de consumir por preços racionaveis as produções agrarias; e logo enfim, que a mesma agricultura se fixasse nos campos e lugares proprios, e se fizesse dirigida pelos verdadeiros principios da arte, e por meio dos instrumentos que a muito custo se inventaram, e nos paizes policiados servem para supprir a falta de braços e a fraqueza natural do homem, empregada a força dos animaes brutos, principalmente do cavallo e do boi, assim como dos elementos, entre os quaes é mais apreciavel a agua, para tornar proprios do uso particular e do commercio muitos fructos, que, depois de colhidos, necessitam de uma certa manufactura, e que, faltando ella, ou valem pouco, ou ficam de todo despreziveis.

Comtudo, como o meu intento não seja desenvolver quanto se póde cultivar, se não o que mais convém no principio, e mais lucros offerece á industria agraria, lem-

brarei que a cultura do linho e canhamo é absolutam
necessaria. Ella só produziria abundantissimas riqu
em S. Paulo. Para ella se prestam com decidida vanta
as extensas margens do rio Pinheiros, que dista do
de Santos cinco leguas, as do Tamandatay, e Tieté,
as do Mugy das Cruzes, seis, as do Jundiay, quinze, e
fim as do Parsiba, onze. D'estes lugares unicamente,
fallar d'outras muitas situações accomodadas ao inte
nem lembradas as terras da marinba e da Curitiba, de
já fiz menção, todas em geral capazes da projectada
tura, podiamos tirar annualmente abundantissimas colh
de linho e canhamo para as nossas fabricas, com se
para mui rico e importante commercio: pois além
outros paizes da Europa, que precisam d'este genero
não podem haver das proprias terras, a Grã-Bretanha
mente, que todos os annos paga por elle á Russia p
cipalmente, 4,000,000 de Libras esterlinas, nos comp
de muito boa vontade todo o resultado da nossa cul
por isso mesmo que a navegação do Brasil lhe será se
mais lucrosa que a da Russia, e ao mesmo tempo
facil e menos perigosa. Tem-se favorecido (e não
grande despeza da real fazenda) esta especie de cu
no Rio-Grande de S. Pedro do Sul; e desgraçadam
se mallogrou a empreza. Se ella se fizesse em S. P
outros seriam os resultados. O Rio Grande é muito
paiz; quando porém fosse mais fertil de que a Curi
o que na minha opinião passa pelo contrario, verificand
o mesmo a respeito d'outras muitas terras da capit
sempre o commercio ha de achar mais difficuldade
aquelle porto do que para o de Ubatuba, S. Seba
Santos, Conceição de Itanhaem, Cananéa, Iguapé e
naguá, que todos existem na latitude austral do 23
até 25°, com sufficientes caminhos para o interior.

contrario, o Rio-Grande fica a 32° ; a sua barra é pessima, mais asperos os mares e mui tormentoso o rio, cuja navegação de sessenta leguas até Porto-Alegre consome não poucas vezes quarenta, cincoenta e mais dias de assiduo e pesado trabalho ; é força que se faça em pequenas embarcações, que exigem grandes fretes, de maneira que os generos navegados para a Europa são absorvidos em não pequena parte pelos ditos fretes, e mais gastos inseparaveis das escalas, se o commercio se fizer por meio de interpostos. Eis-aqui a razão por que a dita cultura promette maiores vantagens nas terras de S. Paulo, onde entraremos logo em concorrência com a Russia, e depois de bem regulada a nossa cultura nos faremos muito superiores ; e tanto, quanto o nosso paiz é mais productivo do que podem ser, apezar de qualquer industria, aquelles terrenos amortecidos pelas neves e ventos frios.

Não trato da cultura d'outras especies de linho, que se conhecem no Brasil, como, por exemplo, o produzido pela palmeira ticum, e pelo coqueiro macauba, cujos côcos produzem muitos e excellentes azeites para a mesa ; porque, feita a devida reflexão, se achará que estes linhos procedem das folhas, e que estas plantas privadas d'um dos principaes órgãos da sua vegetação, não sei se em pouco tempo se tornarão inuteis e incapazes de produzir folhas e fructo, ou linho e côcos ; são artigos curiosos, e como taes se devem tratar, emquanto não forem bem calculados.

Passo em silencio, da mesma fórma, a cultura d'outras produções e fructos, posto que muito recommendaveis, como o café e algodão, que nas terras quentes da capitania são de superior qualidade ; o anil, que por si mesmo se reproduz annualmente em muitos lugares, e quasi geralmente por toda a parte ; as diversas e finissimas painas,

de que podíamos tirar largas conveniências ; finalmente do tabaco, assucar, podíamos tirar muita riqueza ; se certo que a cultura do assucar em nenhuma outra p se faz com mais vantagem do que em Itú, nas Campi e em Jundiay, lugares nos quaes uma dada porção caunas de igual peso produz o dobro do assucar que póde fabricar nos engenhos d'esta capital, e nasce na tade do terreno que para isso é aqui destinado.

Todas estas culturas, e outras, ou já conhecidas, ainda não experimentadas e estranhas, por isso me do nosso commercio, hão de prosperar com o tempo sombra das primeiras, logo que a sua utilidade fór conhecida, e a agricultura entre nós achar aquella mação que lhe prestavam os antigos, que a reputa como uma dadiva celeste, a primeira das artes e a interessante de todas, ou como se exprime Cicero. — *nium rerum, ex quibus aliquid acquiritur, nihil est cultura utilis, nihil liberius, nihil homine libero digni* (De Offic. Lib. 2.º)

CAPITULO III

DAS CAUSAS QUE TEM RETARDADO O PROGRESSO DA AGRICUL EM S. PAULO

Mas como se poderá comprehender, dirá alguem. um paiz dotado de tanta fertilidade, d'um clima tão ar e saudavel, cujos habitantes e naturaes são fortes e rósos, e amigos do trabalho, não tenha podido fazer a progresso memoravel na carreira da fortuna, que lhe mettia a sua agricultura? Primeiramente não póde tar-se pela agricultura aquelle paiz que ainda no berço todos os dias uma grande parte da sua povoação

guerras destruidoras em lugares remotos e desertos, e por multiplicadas colonias, que, sem calculo, envia todos os annos á grandes distancias, e sem relação com a mãe patria. Depois, o commercio acanhado e mesquinho das frotas, que finalisou em 1765, conhecia ápenas os portos de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro: não tinha navios bastantes para o transporte de todos os generos que se cultivavam nas diferentes capitancias d'este vasto continente: faltava aos mesmos navios o tempo necessario para se desligarem do chefe que os commandava, para fazerem as suas especulações mercantis em outros lugares mais longinquos, e para voltarem opportunamente aos portos, dos quaes deviam ser comboiados para Europa: todas estas circumstancias tornavam necessariamente inuteis os trabalhos agrarios, superiores ao gasto e consumo do proprio paiz nativo ou productor, em beneficio particular d'aquelles portos privilegiados.

A abertura da estrada de Minas-Geraes, de Goyaz e de Mato-Grosso pela serra dos Orgãos, a suspensão do governo geral d'aquella capitania, a vontade cega de Gomes Freire de Andrade, depois primeiro conde de Bobadella, que a governava, ou antes maltratava de longe, e queria por todos os modos augmentar o Rio de Janeiro; o espirito do monopolio, enfim, que, sendo mortal inimigo do commercio, é a joia mais ambicionada pela maior parte dos commerciantes, e havia estabelecido o seu funestissimo throno n'esta capital, acabaram de destruir todas as relações mercantis da referida capitania com a metropole, e por consequencia as bases da sua agricultura e prosperidades.

Qual outro paiz poderia resistir a tantos males? Pois ainda se accumularam não poucos mais, que é preciso referir em parte, e que parece foram de proposito calculados para destruir inteiramente, não digo povos ainda

na infancia dos primeiros estabelecimentos, mas encadidos na prudencia do governo e na mais perfeita indut de todas as artes.

O commercio libertado do monopolio das frotas, morte de Bobadella e o restabelecimento do governo são tres acontecimentos muito memoraveis na historia capitania de S. Paulo, verificados quasi ao mesmo tempo e dos quaes deveria ella esperar grandes mudanças na fortuna: os males, porém, que a tinham opprimido necessitavam remedios mais efficazes, isto é, melhores e mais sabios administradores.

No já designado anno de 1765 appareceu em S. Paulo o morgado de Matheus, D. Luiz Antonio de Sousa, revestido do cargo de governador e capitão-general. Em consequencia das sabias instrucções que lhe dá o marquês de Pombal, mandou elle examinar a confluencia e navigação dos dois rios da Curitiba, o Iguaçu e o Ivay, ao depois se chamou de D. Luiz, e bem assim do Igati em cuja margem septentrional, e na distancia de sessenta leguas de apartamento do famigerado sitio das Sete Quedas a rumo de Oeste, se erigiu a praça de Nossa Senhora Prazeres, em um lugar vantajoso, e agradável, pela bellizura dos seus matos pelas costas, fertilissimos e extensissimos campos pela frente.

Olhava-se para esta praça como origem certissima de grande commercio e prosperidade, nem d'outra sorte divisavam as duas mais, para cuja edificação se haviam tomado medidas praticas e bem dispendiosas; e o dito governador, desenvolvendo grandes vistas politicas e militares, intentava levantar a primeira, na margem meridional do Ivay, e no mesmo sitio onde existira Villa Rica, os nossos destruíram, para reivindicar o paiz da usurpação hespanhola, e a segunda na entrada dos cam

de Garapuava, encostando-se á margem septentrional do Iguacú.

Seguravam estas praças as nossas antigas possessões até á Assumpção do Paraguay, sem repugnancia do Tratado de limites de 1750: fechavam aos hespanhóes tres portas francas para entrarem muito a seu salvo nas capitánias de S. Paulo, Goyaz e Minas-Geraes, e só faltavam ao nosso socogo e perfeita segurança semelhantes providencias a respeito da navegação do rio Paranāpanema, e da passagem dos morros do Imbotetyu, situados na vizinhança do presidio da Nova Coimbra: outras duas portas, que com o tempo e a exemplo das primeiras empezas se deveriam ter ha muito fechado, ao menos com a povoação do importantissimo sitio de Capuán e da bem proporcionada e necessaria guarnição d'elle.

Com effeito, do estabelecimento das ditas praças n'aquelles lugares ermos e remotos teria certamente resultado a creação d'outras tantas povoações, ao menos de multiplicadas estancias para a educação dos gados, que nos teriam ha muito offertado largas conveniencias e meios bem proporcionados para a domesticidade dos indios que habitam aquelles sertões, e que com brandura, trato civil e ameaças a proposito teriamos attrahido em grande parte ao nosso partido e amizade; e finalmente para o commercio, que podiamos ter introduzido no Paraguay, no Uruguay, e grande parte do Perú, até ás minas de Potosi, que taes eram indubitavelmente as vistas do grande e illustrissimo Pombal.

Mas este grande projecto, assim bem organizado e bem principiado, por uma desgraça incomprehensivel se tornou em pura perda da infeliz capitania de S. Paulo; porque, succedendo no seu governo em 1775 Martim Lopes Lobo de Saldanha, vaidoso e inimigo do antecessor, des-

truiu quanto elle havia principiado. Foi a praça dos Prazeres, por falta de soccorros, como de proposito entregue aos hespanhóes, e desfeita a povoação, que já contava quasi dez annos, perecendo uma parte dos colonos á fome, na volta para a patria e reduzida a outra á maior e total indigencia: ficaram impunidos estes factos, porque são mui poucos os que se não podem revestir de formosos ornatos e enganosas côres.

Dormiram os outros governadores até agora sobre pontos tão 'essenciaes da sua mais particular obrigação, nem corrigiram o mal terrível e de pessimas consequencias, feito pelo dito Martim Lopes, ou pela junta da fazenda, debaixo da sua direcção, e presidencia, estancando a navegação livre do rio Cubatão para a villa de Santos, pelo estabelecimento, sem lei e sem ordem, do mais absurdo contrato real, compellindo os lavradores e commerciantes a navegarem os seus generos e effeitos nos poucos barcos que se fecharam n'aquelle porto, cada vez mais insufficientes ao fim proposto: de sorte que muitas vezes, por espaço de oito dias, são retidos os comboieiros com as suas bestas mortas á fome, e prejuizo das mercadorias expostas ao tempo, esperando pela occasião do seu respectivo embarque, impacientes por não poderem receber os retornos para o seu penoso trafico. E' claro que n'estas circumstancias a agricultura e o commercio não podiam crescer além da regra ou da quantidade da exportação.

Tornou-se mais gravoso ainda, e peor o mal pelas imposições feitas no tempo d'outro governador, subindo cada arroba de qualquer genero á pensão de oitenta réis, não augmentados os meios necessarios para mais ampla exportação. Muitos dos ditos governadôres até agora, mettendo-se a dirigir por minuciosos regulamentos, estranhos da sua jurisdicção, e absolutamente contrarios ao systema do

commercio, que não floresce jámais sendo destituído da plena liberdade, que exigem as suas diferentes operações, puzeram tantos e taes impedimentos á agricultura e ao commercio, que uma e outra cousa se teriam de todo aniquilado se a fertilidade e mais circumstancias particulares da terra não podessem resistir a tantos e tamanhos males.

A todos estes males moraes accrescem ainda outros muitos da mesma natureza, e que não deveriam ter existido jámais, assim como alguns da ordem physica de não difficiloso remedio, que nunca porém mereceram a mais ligeira reflexão da parte dos empregados publicos; antes os primeiros se tem aggravado todos os dias, pelo mais duro e tyrannico despotismo, cuja enumeração particular seria enfadonha. Os principaes são: 1º, a falta da devida attenção ás mais justas representações dos pobres, quando dizem respeito aos ricos e poderosos; 2º, a usurpação da jurisdicção dos juizes pelos governadores, capitães-móres e commandantes, os quaes, fazendo menoscabo das pessoas dos julgadores, nada ambicionam tanto como o exercicio tumultuario das funções, que lhes não competem e se acham pela sabedoria das leis confiadas privativamente aos ditos juizes, sujeitos aos competentes recursos; 3º, os casamentos violentos, origem funestissima de males incalculaveis, que todavia se têm multiplicado por falsas idéas, assim como por um contraste bem admiravel, tem sido constantemente repellidos da associação conjugal muitos pobres, por não terem meios de pagar as gravosas dispensas ecclesiasticas, que augmentam e crescem por qualquer motivo, e que se deveriam fazer pelo officio dos parochos de graça; 4º, a violencia, que se faz aos milicianos pobres de se fardarem á sua custa, não tendo meios nem proporções para o fazerem,

e sendo de cavallaria tanto peor. E' mais insuportavel ainda a outra violencia de os obrigarem a comparecerem a cidade, não só para mostras, e exercicios, que se de fazer nas proprias freguezias e concelho, mas para guardarem as ruas na procissão de Corpo de Deus, e fazer sem necessidade, o serviço proprio do exercito da primeira linha, compellidos a jornadas de cincoenta e sessenta leguas por ida e volta, deixando ao desamparo suas esposas e familias, perdendo muitos dias de trabalho, obrigados a despezas extraordinarias e sujeitando-se muitos a prestimos e dividas, que ao depois não podem pagar custosos sacrificios. Uma funcção d'estas, ou uma procissão torna-se em tributo de capitação, posto que deservido e vexatorio; e póde affirmar-se que, calculada a deficiencia do trabalho e a despeza extraordinaria na insignificante quantia de 800 rs. por dia, sobe a mesma capitação em dias a 24:000\$000 suppondo, que a violencia se estende a mais de 2,000 homens, perda irreparavel.

E quem diria que a fatalidade inseparavel dos negros de S. Paulo devia accender os fachos da guerra no continente do sul, e que a brava legião d'aquella cidade seria obrigada a desamparar os seus lares, para a defesa da patria, gastando a flôr da mocidade e os capitães mais liquidados a moeda do paiz, para ser tudo consumido em outra guerra com grande numero de seus habitantes e perda irreparavel da povoação, agricultura, commercio e industria?

Queira a Providencia que este mal desapareça em pouco tempo! E que n'esta epocha de luzes se trate mui cuidadosamente de remover ainda outros males gravissimos, atacam a povoação e a agricultura e dependem unicamente das providencias do governo ou de legislação propria accommodada ao intento! Consistem os ditos males: Na falta de professores de cirurgia e medicina pratica

que necessariamente se devem crear e estabelecer em cada um dos concelhos da capitania, para que não aconteça mais perecerem, por falta de curativo, muitas pessoas entregues a curandeiros e empiricos, que, sendo devidamente tratados, viveriam por muito tempo além do termo fatal que todos os dias lhes prescreve a ignorancia. Esta providencia é tão necessaria que parece inseparavel de toda a associação civil, assim como a outra de um hospital para asylo dos pobres. Como, na verdade, sem estes meios poderão viver os pobres, a quem tudo falta? 2.º Ha outra falta tão facil de remediar-se, do uso e administração da vaccina, objecto de simples curiosidade e que devia servir de meio efficaz para atacar a terrivel enfermidade das bexigas, que tem causado o maior terror aos nossos paulistas, devorando grande parte da povoação. Aos parochos e dois homens principaes de cada uma freguezia se deveria incumbir o trabalho de vaccinar todos os domingos as crianças necessitadas d'este quasi divino soccorro, sendo dirigidos por um pequeno regulamento e sendo obrigados todos os pais de familia a fazerem vaccinar seus filhos, de baixo de certas penas pecuniarias: póde ser que fosse mais conveniente (mas deixo isto ao pensar dos professoræs de medicina) que na occasião do baptismo se administrasse a vaccina. 3.º Ha um outro mal, talvez mais funesto do que o das bexigas, que devora grande parte da povoação do Brasil e com mais particularidade nos paizes frios, como S. Paulo, e tal é o sarampo, a cujo respeito só me é licito ponderar a necessidade de serem convidados os professores de medicina a formarem algum directorio circunstanciado para o competente curativo: elle seria de muito proveito em um paiz que por muitos annos ha de carecer de medicos e cirurgiões sufficientes em numero, e recommendaveis pela instrução. Existe ainda uma 4.ª causa de enfermidades

variadas e de diferentes especies em todos os paizes, e das quaes não está de todo livre a capitania de S. Paulo, a saber, as provenientes dos effluvios pestilenciaes dos lagos e immediações dos nossos rios.

É preciso que a sã politica faça pouco a pouco desaparecer esta origem de incommodos, molestias e mortalidade, por exemplo, a varzea do Carmo, inferior á cidade, cobrindo-se das aguas do Tamandatay, que podiam, segundo penso, correr livremente para o Tieté, sendo dessecada por meio de diferentes vallas, não atacaria para o futuro a dita cidade com nevoeiros importunos, humidades, defluxos e rheumatismo; os seus habitantes desfructariam a mais perfeita saude e a mesma varzea lhes subministraria muitos e excellentes predios de lavoura, que melhorariam ainda o clima e que, sendo vendidos ou aforados em proveito do concelho, bem podiam ser origem de outras bemfeitorias proveitosas.

Darei fim a este importantissimo capitulo fallando das formigas. Este insecto voracissimo nos faz em toda a extensão do Brasil a mais cruel e desapiadada guerra, e são as terras de S. Paulo feridas d'esta inexoravel praga. Exige o bem geral da agricultura que se remova tão prejudicial impedimento ao seu feliz progresso. É preciso que posturas geraes declarem os povos sujeitos ao trabalho da extincção das formigas, que não haja privilegio a este respeito, que os ricos e pobres, á proporção dos seus haveres, trabalhem para este importantissimo fim, concorrendo para elle com dinheiro, o trabalho pessoal dos escravos, ou jornaleiros; que entre os mezes de Julho e Agosto, os mais livres do peso da lavoura, e quando as formigas ainda se conservam nas suas panellas, para enxamearem com as primeiras aguas, se designe o espaço de 20 dias, pelo menos, para o trabalho que a todos deve utilizar; que se designem

ao mesmo tempo inspectores vigilantes para a direcção dos trabalhos, e que estes principiem á roda das povoações, e continuem, sem interrupção, por todas as terras de cada um dos concelhos, especificando-se as mais circumstancias que se acharem proprias de materia tão ponderosa. Removidos assim todos os embaraços impeditivos da agricultura e povoação, crescerá a passos largos uma e outra cousa, e S. Paulo será feliz.

É para admirar que a agricultura assim vexada e opprimida produzisse no anno de 1807, ao qual respeita o ultimo calculo que pude ver, a exportação de 496:109\$420, regulados os effeitos pelos seus preços originarios e exportados em 95 embarcações, que sabiram do porto de Santos. Talvez que a somma da exportação integral excedesse o dobro do valor calculado, se n'elle se mencionasse a importancia do ouro, dos diamantes e mais pedras preciosas que gyram no commercio legal e clandestino, observando-se que o quinto do ouro produziu em 1806 a quantia de 2:369\$783, e que os rendimentos reaes chegaram no mesmo anno a 122:710\$910.

Pertence agora á equitavel prudencia e imparcial sabedoria do governo de Sua Alteza Real a não pequena gloria de curar os mesmos males, fazendo-os arrancar pela raiz, para que não produzam mais os seus perniciosos effeitos; nem para outro fim os teria eu referido, pois que a minha intenção não foi jámais molestar pessoa alguma.

CAPITULO IV

DAS PROVIDENCIAS NECESSARIAS PARA A DEFESA DA CAPITANIA, TANTO POR MAR COMO POR TERRA

Não basta extirpar erros e destruir abusos, restituindo a agricultura e o commercio á sua nativa dignidade e natural

franqueam. É necessario ainda que o governo faça outros bens, firmando primeiro em solidas bases a sua segurança externa, e promovendo por todos os meios a com moda existencia, a industria e as virtudes dos povos.

A defesa das costas maritimas e dos portos da capitania depende do plano geral, comprehensivo de todo o Brasil, e n'elle entra sem duvida o necessario estabelecimento da marinha real, com o dos fortes, praças e fortalezas nos lugares proprios e convenientes : operações difficultosas, que exigem grandes cabedaes e que só o tempo e a industria nacional poderão formar pouco a pouco.

Outro é o systema que respeita ao interior e ás nossas fronteiras limitrophes com os hespanhoes, os quaes por toda a parte nos cercam, avizinhando com as nossas melhores provincias, por não dizer com todas, como nos acontece na Europa. Se as nossas vastas possessões se acham pela maior parte ermas e despovoadas, isto mesmo se verifica a respeito d'elles, e, ainda que superiores em forças, hão de succumbir sempre nos seus planos de ataque, logo que, mais industriosos, formos estabelecendo as bases e fundamentos da nossa defesa pelos sitios já lembrados, e segurarmos os nossos limites do Uruguay e Paraguay, já em muitos lugares torpemente violados, e franqueando ao mesmo tempo a navegação dos sobreditos rios, por cujas margens se deveriam estabelecer pequenas aldéas com a competente artilheria e armamentos necessarios, contra as tentativas da nação confinante e invasão dos selvagens, que hão de necessariamente receber mais docilidade e alguma industria dos bons engenhos dos seus novos e melhores vizinhos.

Estas operações são de absoluta e indispensavel necessidade, e ellas mesmas nos subministrariam meios facéis para estender os nossos limites e collocar-os em toda a extensão

na margem oriental do Paraguay, cuja navegação é naturalmente commum a ambas as nações. Seria para desejar que o mesmo se permittisse aos hespanhoes a respeito do Amazonas; assim a utilidade da navegação franca d'estes dois rios, os maiores do mundo, se tornaria mui proveitosa ás duas nações. Presta-se de uma maneira excellente a esta idéa o famoso Tieté, ou Anhamby, cujas margens, de um e outro lado, se estendem por quatrocentas leguas, formando um paiz sempre bello e mui saudavel pelo centro do capitania desde a sua origem nas Serras do Mar, ao norte de Mugy das Cruzes, latitude austral de 23° e longitude 340° e 53°, até que se vai confundir com aguas do Paraná, tendo corrido para o occidente, curvando-se sempre ao norte, e segurando aos novos colonos, além da abundancia de todo o genero de alimentos, o meio muito facil de se enriquecerem pelo commercio do mel e cera, dos balsamos, resinas e oleos, outras tantas producções espontaneas, abundantes d'aquelles sitios, assim como aos marmores e agatas de variadas côres, e dos gados de todas as especies, que se podem crear na maior abundancia.

Nem as aguas d'este grande rio codem á fertilidade da terra, pois é admiravel a quantidade dos peixes que n'ellas se criam, e taes são entre os de pelle e de especie particular dos bagres, os jaús, os piracambucos e os surubis (de tres qualidades), todos grandes, ou antes monstruosos, excedendo muito ao peso de tres ou quatro arrobas; dos escamosos são mais notaveis os dourados, piracanjubas e pacupevas. O commercio limitado que d'estes peixes se faz ha muito tempo pelo pequeno povo de Ararituába, ou Porto Feliz, póde com facilidade proporcionar-se ao maior consumo e produzir muita riqueza, ainda não calculados os lucros semelhantes que devem produzir as muitas especies de outros mais pequenos de que abundam por extremo as

ditas aguas. É bem conhecida em Porto Feliz a arte das salgas e methodo de seccar todos estes peixes ao vento. Em que parte do mundo se encontram meios tão superabundantes e de semelhante importancia e facilidade para o estabelecimento de colonias ou novas povoações?

CAPITULO V

DAS FABRICAS E MANUFACTURAS EM GERAL

Exigem os trabalhos ararios o favor e auxilio da industria fabricante. Em quaesquer circumstancias pois em que se ache a sociedade civil, e seja qual fôr o estado da sua agricultura e povoação é necessario conceder, que os homens têm direito aos alimentos, ao vestuario e habitação; e este direito, que procede immediatamente da necessidade de uma existencia commoda, não admitto espaço nem póde supprirse pela simples esperanza da abundancia das commodidades do fausto e riqueza das gerações futuras.

: A falta de povoação não póde remediar-se em um momento ; é a obra dos tempos e das circumstancias bem dirigidas ; se a agricultura augmenta a povoação e lhe dá uma doce e agradavel existencia, não póde negar-se que as artes e as manufacturas sejam dotadas de semelhante força e poder ; todo o ponto consiste em que o lavrador e o artista achem consumidores aos fructos da sua particular industria por um preço que recompense os seus respectivos trabalhos e lhe offereça vantajosas commodidades.

Estas commodidades são procuradas pelo commercio, logo que elle com mão liberal e bemfeitora offereça aos artistas e fabricantes os fructos variados da agricultura e as materias brutas, a que elles vão dar nova existencia e multiplicados valores, e aos lavradores, as produções da arte,

que não podem adquirir da propria industria e que seriam obrigados a mendigar do estrangeiro, muitas vezes de inferior qualidade e pouca duração, e quasi sempre por preços desmedidos e tendentes a absorver os seus mais rudes trabalhos; sendo por isso mesmo constrangidos a viver como exulados e na mais austera pobreza.

O autor do elogio de Colbert tinha pois muita razão quando disse que a agricultura, as manufacturas e o commercio pareciam formar uma cadeia de beneficios, e unir-se para estender a povoação e as commodidades : *Que l'agriculture, les manufactures et le commerce semblent former une chaine de bienfaits, et s'unir pour étendre la population et les jouissances.* D'estes principios se diriva, como da sua mais pura fonte, a deliberação que tomou o nosso augusto soberano, permittindo entre nós o livre estabelecimento de todas as fabricas que exigem preferencia e devem logo estabelecer-se na capitania de S. Paulo, e por toda a extensão do nosso Brasil.

Se eu disser que na vastissima extensão d'este grande paiz não ha clima mais proprio para o feliz estabelecimento de todas as fabricas e manufacturas, que se acham espalhadas pelo mundo, não merecerei por isso a mais leve reprehensão da parte dos bons conhecedores, porquanto elles não podem ignorar que são improprias dos paizes demasiadamente frios e intemperados aquellas manufacturas que exigem o ar livre ; e que não podem affazer-se aos climas quentes todas as outras que necessitam de mais vigoroso e aturado trabalho, ou devem manobrar-se mediante um fogo vivo. Estes inconvenientes não se encontram nos paizes temperados e amenos ; e são elles tanto mais vantajosos ás manufacturas quando a abundancia dos viveres, das materias primas, das aguas e combustiveis se apresentam com as commodidades que se não podem negar ás terras de S. Paulo.

CAPITULO VI

DAS FORJAS E FERRARIAS

São bem conhecidas entre nós as ricas minas de ferro de Guiraçoyába (que desde os tempos de D. Francisco de Sousa, setimo governador geral do Brasil, têm feito muita bulha, sem nenhum proveito); descobertas por Affonso Sardinha, que n'ellas estabeleceu uma forja regular de mui boa conveniencia, foram tomadas para a fazenda real e commettidas á administração d'aquelle fidalgo, que, havendo-se retirado para Lisboa no fim do seu governo em 1602, voltou a S. Paulo em 1609 com o cargo de governador e administrador geral de todas as minas descobertas e por descobrir nas tres capitánias, do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, e promessa do titulo de marquez das Minas (que alcançou o neto do mesmo nome) e outros despachos, que se deviam verificar depois de cinco annos de trabalho com a qualidade de juro e herdade: fallecendo porém em 1611, tudo se perdeu, e pelo regimento de 8 de Agosto de 1618 se entregaram com aquellas todas as outras minas á industria dos povos; mas opprimidos com o enormissimo tributo do quinto. D'aquelle tempo em diante apenas se trabalharam as minas de ouro e nenhuma pessoa se applicou ao aproveitamento dos outros metaes inferiores, porque não podiam supportar, sobre as despesas da exploração e subsequente manufactura, o peso d'aquelle imposição.

E' preciso, que se revogue o dito regimento n'este ponto, menos pelo que respeita ao quinto do ouro (sobre o que não faço alguma reflexão). Poderão assim trabalhar-se aquellas minas com a de Santo Amaro e Parnahyba, menos conhecidas, e quizesquer outras que se descubram. Sendo certo que d'uma boa ferraria, elevada pela corôa à devida per-

feição, e das differentes forjas, que podem erigir quaesquer emprehendedores conforme os methodos estabelecidos pela administração publica, se devem esperar, além dos beneficios já acima augurados, semelhantes conveniencias ás que percebe a Suecia das 56 forjas, que se acham estabelecidas no seu territorio, e chega annualmente o seu rendimento a 12,000,000 de lib. torn. no artigo simples de ferro em barra, ou trabalhado. (*Vid. Peuchet Art. Suecia.*) E' superior a esta grande somma a outra do aço da artilheria, balas, etc. Por si mesmo se recommenda este ramo de industria fabricante, e que só depois de aperfeiçoado poderá supportar os regulamentos fiscaes proporcionados aos da mesma Suecia, sendo ainda para reflectir que as minas de Guiraçoyába se fazem particularmente recommendaveis pela sua situação local nas serranias immediatas aos rios Iguape e Sorocaba: por aquelle podiamos navegar o ferro, e muitos effeitos agrarios, por todas as costas do Brasil, como fica notado; e por este e pelos confluentes do Tieté, Paraná e Paraguay se pôde navegar o mesmo ferro excedente dos nossos usos a todas as possessões hespanholas, com as conveniencias que cada um pôde facilmente conceber.

A cidade de Catherinemburg, na Siberia, edificada por Pedro I e acabada pela imperatriz Catharina, sua mulher, será em todos os tempos um modelo perfeitissimo d'esta especie de industria, e a demonstração mais authentica da sua força, para tirar da miseria uma provincia desgraçada e elevada á grando prosperidade.

CAPITULO VII

DAS FABRICAS PROPRIAS DOS LAVRADORES

Depois d'esta fabrica, que é da maior importancia, exigem particular cuidado e decidida preferencia as que são como inseparaveis dos campos, e devem ser tratadas pelos mesmos agricultores e suas familias; a saber, a manufactura do queijo e da manteiga, na melhor perfeição; a da salga das carnes e presuntos e de cortimento das pelles; sendo igualmente recommendavel e mui necessaria a construcção de toda a qualidade de moinhos, para a manufactura das farinhas, de que fazemos ou podemos fazer uso; dos azeites, maceração dos linhos (4) e outras: após estas se seguem os filatorios e teares ordinarios de lã, de linho e de algodão, e finalmente as de refinar assucar e restilar aguas ardentes.

Estas duas ultimas fabricas são importantissimas e dobrariam, pelo menos em S. Paulo, o valor do assucar e das aguardentes, calculado o seu maior preço intrinseco, e contemplada a diminuição dos gastos feitos nas conducções por terra, e fretes maritimos, logo que se exportasse o assucar puro e aguardente do mais subido quilate e elevada á perfeição da denominada — Tres Seis— e do alcool, sobre o que dissertou muito bem João Manso Pereira no seu folheto *Memoria sobre o methodo economico*. Todas as outras fabricas e manufacturas, sendo mais proprias das cidades, facilmente acharão emprehededores logo que se lhes proporcionem os lucros, e não têm necessidade de tão particular vigilancia da administração publica.

(4) E' agora bem conhecida a machina de Mr. Christein para o preparo do linho, e d'ella se deve fazer uso.

CAPITULO VIII

DO COMMERCIO GERAL DA CAPITANIA

Do commercio, sobre as reflexões já feitas, direi em poucas palavras o que mais convém. E' preciso que as leis da sua regulação sejam, como exige a razão em toda a parte, dirigidas a dois pontos unicamente, isto é, a manter a boa fé das transacções e a constituil-o na maior segurança e mais perfeita liberdade. Tudo o mais pertence por sua natureza á industria dos especuladores, sempre dignos da protecção do governo, emquanto por meios honestos concorrem para a fortuna da sua patria. Criminosos e necessariamente puniveis, logo que predominados da sordida avareza intentam lucros oppressivos, fazem contrabandos escandalosos, formam monopolios tyrannicos; retardam sem causa alheios cabedaes, ou se levantam com a fazenda que se lhes confiou.

Os direitos da sahida sejam nenhuns, ou sempre moderados. Isto basta, e não é, regularmente fallando, necessario que a exportação cresça e se augmente por força dos premios para isso liberalizados pelo governo, como na Grã-Bretanha se pratica sem necessidade sobre muitos artigos. Os da entrada são mais arbitrarios no seu estabelecimento e devem formar objectos serios de mui severa especulação: fallo do commercio estrangeiro, ou não comprehendido no de cabotagem dentro d'este paiz, que para se augmentar, e para prestar o devido auxilio aos trabalhos agrarios, necessita ser absolutamente livre de todos os direitos de importação e exportação. Exige comtudo a imparcial razão e quer absolutamente a justiça que os direitos de importação exclusiva da cabotagem sejam pagos por uma só vez e não cresçam á proporção da extensão dos caminhos e das

passagens dos rios, ou serras, pelo interior do paiz; porque n'isso desaparece a igualdade, que a lei deve sempre guardar entre os cidadãos. Não basta que o panno, por exemplo, de que um homem morador no Cuyabá, ou no Mato-Grosso, ha de fazer o seu vestido, se venda por preço dobrado do que custa na Bahia, ou aqui no Rio de Janeiro, em razão mesmo das transacções mercantis, gastos de conducções, riscos e juros, com que vai sobrecarregado. Esta desgraça, occasionada pelo lugar e sitio da habitação em que vive o consumidor, não deve tornar-se ainda mais dura pelas imposições fiscaes de 10, 12 ou 20 %, sobre os quaes não esquece ao mercador o calculo dos seus lucros, pois que em seu beneficio devem produzir os avanços anticipados no pagamento dos impostos direitos.

Os fructos produzidos no interior do paiz merecem mais favor á proporção da distancia d'onde se conduzem; porque d'outra fórma não poderão entrar em concorrência com aquelles que se cultivam na beira-mar e em lugares mais vizinhos. Elles se tornarão inuteis logo que desapparecer a dita concorrência, proceda isso de causas physicas, ou puramente moraes. Por tanto, imposições taes, como a do Cubatão de Santos, serão sempre destruidoras do commercio externo e da agricultura do interior; muito principalmente difficultando-se os transportes pela raridade e insufficiente numero dos barcos em que se costuma fazer, e que se não podem proporcionar aos interesses particulares, achando-se regulados pelas leis do monopolio.

Não é difficultoso e seria muito conveniente a introduccão e estabelecimento do commercio, tanto do ferro como de quaesquer mercadorias nacionaes e estrangeiras, pelos nossos rios, em diversas partes das Indias de Hespanha, até o centro do Perú. Este commercio póde fazer-se para os hespanhoes com mais commodidade do

que por outra qualquer parte, e para nós com largas conveniências.

Logo que fossem estabelecidos mercados, lojas, ou armazens em Camapuã, Forte Albuquerque e Villa Maria, e se exonerassem de direitos nas alfandegas d'este reino as fazendas para elle destinadas, ao menos nos primeiros annos, diminuiria, sem duvida, o commercio de Buenos-Ayres para a cidade da Assumpção do Paraguay, não podendo entrar em concorrência com o nosso, pelo excessão de mais de 40 ou 50 por 100, com que se acharia onerado. Em tempos menos cultos e com bem acanhados conhecimentos do commercio, abundava a cidade de S. Paulo de prata extrahida das minas do Potosi. E porque havemos agora perder uma especulação de tanto proveito?

Tambem por muitos dos mesmos rios e pelo Paraguay, que não tem cachoeira alguma, podiamos navegar em barcos e jangadas grandes e avultadissimas quantidades de excellentes madeiras, até Buenos-Ayres e Montevideo, e d'alli para onde mais convier, fazendo assim riquissimo commercio de cousas até agora inuteis; e d'elle procederão outros bens e commodidades.

Nada mais seria preciso dizer-se a respeito do commercio: comtudo devo ainda reflectir que o particular de S. Paulo tem, por causa da posição geographica d'aquelle paiz, natural tendencia para as especulações do Rio-Grande, e melhor ainda para Montevideo, Buenos-Ayres, Memdona e Val de Paraiso, por serem portos entre si os mais vizinhos e carecerem os ultimos dos generos de que em S. Paulo existe sufficiente abundancia, não podendo alguma outra capitania do Brasil concorrer para o mesmo commercio com igual vantagem.

E taes são o assucar, a aguardente, o fumo, o café, o cacáo, a baunilha, a pimenta da India, as carnes de

porco, o arroz, a farinha de mandioca, o algodão em rama e tecido, moveis, para o serviço, ornato das casas e madeiras de construcção. A industria mercantil pôde tornar privativos da nossa capitania quasi todos estes objectos de commercio, com muita conveniencia e grande prosperidade, até porque o saldo se faria sempre em prata, cuja distribuição daria á agricultura e á necessaria energia e augmento de que precisa.

CAPITULO IX

DA POVOAÇÃO E COMO SE PÓDE ELLA INTRODUIR DE FÓRA E HAVER DO PROPRIO PAIZ

Nas circumstancias actuaes em que se acha a Europa, devastada por uma guerra fatal e exterminadora, e os povos suspirando pelo momento feliz de abandonar os patrios lares, nenhuma cousa tão util se pôde propôr á sabia contemplação do governo de S. A. R. como o estabelecimento d'um certo fundo, ou de rendimentos annuaes para pagamento e gastos de passagem e estabelecimento aqui a todos os lavradores, artistas e mais homens de prestimo, que do nosso Portugal, das ilhas adjacentes de toda a extensão das Hespanhas, ou da peninsula inteira da Italia e mais paizes da Europa quizessem passar ao Brasil ; o mesmo se deveria praticar a respeito da India, Malaca e China. D'esta maneira apressariamos a passagem dos imperios para a America, o que já parece inevitavel ; assim como evidente que esta parte do mundo vai ser a principal e da maior preponderancia, ou a dominante agora.

Qualquer que fosse a despeza d'esta excellente especulação e que devêra elevar-se, apezar de custosos sacrificios, ao maior ponto de grandeza possivel, ella não poderia ser

olhada pelos bons politicos como de alguma maneira prejudicial. Pelo contrario, sobre o progressivo augmento das forças phisicas e moraes, com que nos veriamos enriquecidos, e todos os dias com melhores proporções para a nossa externa segurança, os capitaes despendidos produziriam com largas usuras a favor do erario regio, augmentando sempre as riquezas e commodidades individuaes. A administração dos fundos e todos os trabalhos da proposta especulação deveriam confiar-se ao zelo e cuidados de sociedades patrioticas, formadas pelo governo e compostas de homens que respeitassem por unico pagamento a gloria de bem servir a sua patria. A Grã-Bretanha offerece a este respeito modêlos admiraveis e dignos, sem duvida, da mais litteral imitação, ainda que estranhos d'esta materia. Eu me faço cargo de dizer adiante o que melhor convém a este respeito sobre a povoação de S. Paulo em particular, porque as idéas que acabo de expender são geraes e comprehensivas de todo o paiz que habitamos; e bem poderá o meu plano particular applicar-se a todas as capitánias, como permittirem as suas particulares circumstancias.

Esta qualidade de povoação, regulada, não só pelo accidente das côres, ou em tudo conforme, ou sempre mais analogo á nossa, mas pelo essencial da liberdade e bons costumes, é a que nos convem; assim como a dos indios, ou naturaes da terra, que a industria e o trabalho devem pouco a pouco arrancar dos bosques, onde vivem desgraçadamente, ou antes vegetam da maneira mais estranha da condição da raça humana, para se tornarem uteis a si mesmo, á religião e ao Estado.

Os negros braços dos selvagens africanos, que nos custam importantes sommas, cuja vida se estende na America ao curto espaço de oito a dez annos (segundo os calculos bem reflectidos dos melhores economistas), que re-

cusam constantemente o trabalho, e só conduzidos pela força, sem outro algum estímulo mais, preenchem tarefa que lhes é imposta com a maior imperfeição de uma maneira incompleta, serão em qualquer época futura, e em todos os tempos, e lugares, meios desproporcionados para o estabelecimento da verdadeira agricultura, das artes e manufacturas mais preciosas. Como, na verdade, estas profissões, dignas sómente do homem livre sendo tratadas por mãos escravas, produzirão a civilidade as sciencias, os bons costumes e o amor da patria. Estas virtudes, por certo, não cabem no curto e limitado patrimonio da acanhada e indigente escravidão.

As republicas da Grecia e Roma, lutando perpetuamente com os seus escravos, melhores todavia do que os nossos, não poderam achar entre elles segurança alguma. Exercitaram crueldades espantosas, e sempre inuteis, para dar á escravidão qualidades que lhe não convinham, isto é, fidelidade, industria e amor do trabalho; e apesar de todos os esforços mendigaram nos seus melhores dias por toda a extensão da India as riquissimas produções da engenhosa liberdade. São mui dignos particular reflexão os casos tristes e mais recentes da Jamaica, de Suriorão e de S. Domingos.

Conserve-se embora (se é honesto e conforme á razão) o commercio dos escravos da costa d'África, e mui mais nos termos em que mereceu (com verdade, ou affectação, não sei) chamar-se de resgate; esta causa foi legamente discutida, e obteve a mais completa victoria, pelo moiro em Portugal, que em todos os tempos offereceu Europa exemplos originaes das melhores virtudes, e o caminho seguro, ainda que muito trabalhoso, de adquirir a verdadeira gloria e chegar ao templo da immortalidade e logo em algumas partes d'America do Norte, depois de si

cessivamente na França, na Dinamarca, e emfim na Grã-Bretanha. Porque razão pois me não será permittido desejar ao menos que no Brasil nasçam livres os filhos dos escravos, e que a escravidão seja puramente pessoal, ou o triste premio d'aquelles que ella libertou da morte? A humanidade, os bons costumes, a industria, a segurança interna e a defesa exterior ganhariam muito n'esta feliz alteração.

Já o Brasil não é uma colonia; serve agora de assento ao magestoso throno do nosso grande monarcha. Observe-se pois entre nós o sempre respeitavel alvará de 16 de Janeiro de 1353, em uma das suas mais importantes determinações. Conviria talvez (e eu o creio) que os filhos dos escravos nascidos no seio da liberdade se conservassem nas casas onde viram a luz do dia até a idade de 25 annos, recebendo a competente educação, e prestando os devidos e racionaveis serviços que d'elles se exigissem, sendo tratados como libertos ou orphãos, e aprendendo um officio ou profissão, de que possêem viver ao depois: o mesmo se deve dizer das libertas femeas, com as distincções proprias do seu sexo.

A mais exacta policia se deveria observar a este respeito, debaixo de um regulamento especial: e em tempo opportuno teriamos abundancia de officiaes mecanicos, de costureiras, de serviçaes, etc. E porque razão ainda não será permittido ao escravo, que offerece o preço da sua pessoa, regulado pelo juizo publico dos avaliadores dos concelhos e authoridade dos magistrados territoriaes, obter a liberdade, que lhe nega absolutamente a humanidade de um senhor cruel, ou muito difficulta a avareza de outro, exigindo por ella o preço mais excessivo? Se a lei das taxas, com a designação do maximum, pôde admittir-se em alguns casos, o de que se trata certamente se diria bem proprio d'ella.

Esta excepção ás regras geraes do dominio seria sempre justa, como exigida pelos mais solidos principios de direito natural e das gentes, assim como pela utilidade publica da sociedade civil. Um exemplo celebre nos vai convencer da justiça de uma e outra lei, e da necessidade de se franquearem aos escravos os meios de que muito precisam para obter a liberdade; este bem inapreciavel, que fórma a parte mais essencial do homem moral, e sem o qual não ha virtude e desaparecem todos os principios da industria.

Em um terreno da extensão de 100,000 acres, concedido pelo governo britannico a M. Turnbull, associado com lord Temple e outros, nas margens da ribeira de Hillsborough na Florida, se estabeleceu em 1767 uma colonia, cujas despezas chegaram apenas a 30,000 libras esterlinas. Transportou M. Turnbull para o lugar da sua plantação, quasi ao mesmo tempo, e em oito navios grandes, diferentes familias gregas, com algumas italianas e outras allemãs, as quaes todas formavam o numero de 1,314 pessoas. Na passagem, que foi penosissima, morreram muitas; sendo porém mais os nascimentos, na occasião do desembarque contaram-se cinco pessoas sobre o numero das embarcadas.

Estes colonos acharam no lugar da sua nova habitação boas casas, instrumentos de lavoura, e quanto era necessario para o estabelecimento agrario, a que se destinavam. Elles deviam pagar em trabalho, até a devida concorrência, todas as despezas feitas em seu beneficio, para ao depois se constituirem rendeiros dos proprietarios, á meias. Esta pequena povoação não teve já mais escravos, vivia em paz apesar da diversidade das linguas e das religiões, gozava dos fructos da sua cultura e vendia desde os primeiros annos 9,000 libras de anil. A outra parte do estabeleci-

mento inglez na vizinhança do mesmo lugar, cultivada por negros, custou 90,000 libras esterlinas, tres vezes mais do que importára a colonia de Hillsborough : o seu resultado foi quasi nullo. Eis aqui justificados os calculos do rendimento da Pennsylvania e os de Dupont a respeito da vantagem da cultura por brancos.

Peuchet, que transcreveu este paragrapho de uma memoria do tempo ou coeva á colonia de que se trata, acrescenta no artigo *Florida* do seu Diccionario o seguinte: «A pequena povoação recebeu do seu fundador instituições que ella mesma approvou e que se observam. Em o 1° de Janeiro de 1776 ella tinha já cultivado 2,300 acres de um terreno fertilissimo: possuia bastantes animaes para o seu sustento e para o seu trabalho: as suas colheitas bastavam para as suas consumações, e vendia 67,500 libras de anil. Da outra colonia não se trata, porque, não tendo sido renovada por casamentos desgraçados, como são os dos escravos, ou pela substituição de outros, comprados a peso de ouro, ha muito não deve existir, pois já fica reflectido que a vida dos negros se prolonga na America pelo espaço de oito a dez annos.»

O exemplo referido prova quanto eu tinha em vista e quanto convém fazer-se: d'elle com effeito se vê que a metade das 67,500 libras de anil ficava por direito pertencendo aos proprietarios; e o calculo dos 1\$000 por libra, tanto mais moderado, quando com elle se não contemplam os outros artigos da producção da colonia, e de cuja metade é que deviam viver os colonos, demonstra muito bem o rendimento annual, sempre em progressivo augmento, de 33:750\$000 quasi um terço das 30,000 libras, ou 108:000\$000 capital desembolçado, e que já nos nove annos anteriores tinha necessariamente revertido para a bolça, que o despendera com os seus competentes juros, o que é

facil de comprehender, suppondo os rendimentos dos quatro annos ultimos, ainda que inferiores, proporcionados ao de 1775.

Accresce que os colonos se tinham obrigado a pagar em trabalho o capital desembolçado; e se esta fórma de pagamento, refluindo apenas sobre 2,300 acres, mostrava tão vantajosos rendimentos, que se deveria esperar para o futuro, desenvolvendo os colonos parciarios toda a sua força e vigor, sobre um terreno de 100,000 acres? Já no anno de 1776 se não podia duvidar que o valor da colonia excedia mais de vinte vezes ao do seu primeiro custo; e nenhum capitalista da Grã-Bretanha duvidaria compral-a por 600,000 libras esterlinas, suppondo que os rendimentos respectivos aos primeiros annos, e sempre mais diminutos, por mil embaraços não cogitados, promettiam para o futuro lucros permanentes, e superiores a 50 %; principalmente passados mais quinze annos, e tendo a povoação dobrado, pela regra dos vinte e cinco, em um paiz ameno, fertil e saudavel.

Eu vi milagres da colonia parciaria, á meias, na ilha da Madeira, aonde terrenos de mui pequeno valor e desprezados, entregues á industria de pobres caseiros, se elevavam bem depressa á importancia de muitos mil cruzados, logo que o senhor lhes fornecia os meios necessarios para a subsistencia dos dois primeiros annos, obrigando-se elles ao pagamento pelos fructos da sua meiação; e ha muito tempo que estou persuadido da utilidade da cultura á meias, terço, quarto, ou outra qualquer razão mais equitavel ainda a favor do colono.

D'esta sorte de estabelecimentos conhecidos nos engenhos de assucar d'esta capital, sendo a regulção porém arbitrariá e muito mal dirigida, tirariam os pobres mui largas conveniencias; elles, que, ainda tendo abundancia

de terras, não podem com as despesas originarias de uma plantação, receberiam os proprietarios muitos rendimentos, a povoação, e o Estado novas forças e riquezas.

Com a despeza de um milhão de cruzados em cada um anno (bem insignificante na verdade aos olhos de quem observa o Brasil, e divisa n'elle por toda a parte mananciaes perennes da mais abundante riqueza) podemos adquirir uma excellente povoação de fóra, e com ella a industria e força, que não devemos jámais esperar dos negros, posto que o preço da aquisição d'elles seja muitas vezes maior, excedendo á enorme quantia de doze milhões, como é facil de observar.

Examinemos mais a fundo esta materia, porque é interessantissima ; e sirva de fundamento ás nossas reflexões a nota de um americano no art. 1º da constituição da republica de Massachussetts. Muitos dos emigrantes da Inglaterra, da Irlanda, da Allemanha, etc. (diz o autor), que passam para a America do Norte, não tendo meios para pagar passagem, convencionam com os capitães dos navios de os servir, e a quaesquer pessoas, a quem elles cedem os seus direitos, por um, dois, tres, ou quatro annos, mais ou menos, em lugar de dinheiro : a extensão do contrato regula-se á proporção da idade e dos talentos do criado : os obreiros mestres não contratam senão por mui limitado tempo.

Os capitães, chegando á America, cedem estas convenções de serviço aos habitantes, que têm necessidade de criados ; mas é necessario que a cessão se faça na presença de um magistrado, que regule a convenção conforme a razão e a justiça, e que obrigue os amos por termo assignado, que durante o tempo da convenção o criado será bem e devidamente sustentado e vestido, com habitação proporcionada, etc. Que se lhe ensinará a ler, escrever e

contar, e uma profissão, que possa procurar-lhe para o futuro meios de subsistencia : e que emfim, terminado o tempo do ajuste, será o dito criado posto em liberdade, e receberá, deixando o seu amo, um vestido novo e completo. Entrega-se ao criado uma cópia da convenção, e fica outra no registro do juizo ou do magistrado, a quem o criado pôde em todo o tempo recorrer, se o amo o maltrata ou não cumpre exactamente a obrigação a que se submetteu.

Este feliz costume facilita ás colonias a aquisição de novos habitantes, e fornece aos pobres da Europa o meio de se transportarem para um paiz, no qual aprendem a industria, que lhes segura para o futuro uma honesta subsistencia. Seria muito para desejar que o mesmo se praticasse no Brasil, ou ao menos em S. Paulo e mais capitánias do sul, por serem mais analogas aos climas da Europa, e semelhante a cultura arborea e cercal, com a criação dos gados. Isto não seria difficultoso, logo que os capitães de navios fossem convidados com um premio, além do primitivo ajuste da passagem, verbi gratia de 6\$400 pagos pelo Estado por cada individuo que desembarcasse nos nossos portos em boa saude e na idade de 7 até 40 annos. Era porém necessario que a todos os protestantes fossem concedidos os mesmos direitos e privilegios outorgados aos inglezes a respeito do culto e liberdade de consciencia pelo art. 12 do tratado de commercio de 19 de Fevereiro do anno de 1810. D'este principio não nos pôde resultar prejuizo algum, antes muito proveito, além da gloria que receberia o governo, ostentando-se verdadeiro imitador do Divino Mestre Jesus Christo, que tudo soffreu, menos o fingimento e hypocrisia dos pharisæos; e que pela sua tolerancia principalmente é por todos os sabios respeitado pelo mais completo modelo dos legisladores.

Resultaria sem duvida d'esta justa medida, que a emigração dos pobres da Europa se faria antes para o Brasil do que para as provincias unidas da America Septentrional, vista a decidida vantagem que tem este paiz sobre aquelle, ou se contemple a melhor salubridade do ar e a vida mais prolongada do homem, ou a maior variedade das producções analogas ao clima, ou finalmente a sua maior fertilidade.

Os pobres da Europa emigram para o norte da America por força de imitação, e porque lhes não é permittido emigrar para o Brasil. Se lhes fôr concedido o direito de escolha, elles de boa vontade virão desfructar as delicias e as commodidades que não poderão achar em outra parte, o que comtudo desprezariam na presença da liberdade, segurança e propriedade, que n'aquelle paiz não soffrem o mais leve attentado, e que se lhes deve offerter aqui. Então os capitães se tornariam nossos procuradores, convidados pelo maior e certo lucro, desviando a emigração do norte para o sul.

Apenas se poderia perguntar se os nossos lavradores queriam lavrar as suas terras antes com jornaleiros do que com escravos ! Mas, por uma parte a falta de escravatura, cuja extincção se acha estipulada no art. 10 do sobredito tratado, e por outra a doce persuasão que se deve haver por bem calculada, que o trabalho do homem livre, conduzido pelo interesse, é tres e quatro vezes mais productivo do que o do miseravel escravo, rude e forçado; tornariam a questão ociosa, ou a sua resolução pela affirmativa, ainda não contemplados os maiores capitaes despendidos na compra dos escravos, e os riscos de vida, que não entram na lavoura dos jornaleiros com a mesma proporção, e são muito inferiores.

Como porém se podem e devem empregar os pobres

nacionaes, e tambem os estrangeiros, finalizado o tempo das suas convenções servis? O decreto de 25 de Novembro de 1808 igualou, é verdade, os estrangeiros residentes no Brasil aos vassallos portuguezes, concedendo-lhes sesmarias na conformidade das reaes ordens, e sem differença alguma.

Este sabio decreto ha de produzir mui bellas consequencias, principalmente á vista do alvará de 25 de Janeiro de 1809, que segura a cada um dos sesmeiros a propriedade adquirida da maneira mais firme e superior a contendas futuras. Comtudo do beneficio d'estas leis só os ricos nacionaes e estrangeiros podem gozar; isto é, aquelles que têm meios sufficientes para as despezas, sem as quaes se não podem obter as ditas sesmarias, e de outras necessarias e mui quantiosas á roteação, amanho e cultura regular de um terreno de meia legua quadrada pelo menos.

Os pobres porém nacionaes e estrangeiros, que intentam adjudicar-se á industria agraria na qualidade particular de proprietarios, não acham protecção nas leis existentes, e não podem por isso mesmo passar da classe de colonos parciarios, rendeiros e partidistas; obstaculo terrivel ao progresso da agricultura e povoação!! Este mal necessita o mais prompto e efficaz remedio, e conforme as idéas já lembradas, parece que consiste precisamente na distribuição gratuita das terras desoccupadas, e que se acham á disposição da corôa e com a devida proporção ás suas poucas forças.

Repartam-se pois as ditas terras, a saber, na beira-mar, d'esde Ubatuba até Paranaguá, em lotes de 50 a 60 braças quadradas, como exigir a sua particular situação e especifica qualidade; e de serra acima de 100 a 120, sem interrupção, quanto fór possivel, e sem prejuizo das competentes servidões que devem ser francas; seja a repartição incumbida ao

officio das respectivas camaras e de dois agrimensores por ella devidamente eleitos e pagos á custa dos bens dos concehlos : tambem devem ser os lotes demarcados com a precisa individuação e clareza no livro para isso particular ou privativamente designado; e recebendo o cunho de authenticidade das competentes assignaturas dos vereadores e agrimensores entregue-se ao novo sesmeiro o titulo sellado com as armas do concelho, para a posse judicial da qual, assim como do mesmo titulo, deve o sesmeiro pagar os competentes salarios ao escrivão da camara e officiaes que o empossarem. Seja emfim o titulo de que se trata firme e valioso, sem dependencia de outra alguma solemnidade, á maneira dos que se mandaram dar aos ilhéos na capitania de S. Pedro do Rio-Grande do Sul ; e os pobres receberão o melhor soccorro para o seu estabelecimento, entrando, como os ricos, na distribuição das terras, o que exige a razão e quer a mais imparcial justiça. Esta providencia convém perfeitamente a todas as outras capitánias de que se compõe o territorio do Brasil.

Têm os homens ricos na bolça e credito meios sufficientes para realizarem os seus projectos racionaveis : não acontece o mesmo aos pobres, e assim difficultosamente se entregam ao trabalho, que não fructifica diafiamente. A cultura de uma terra bruta exige por sua natureza, ainda que pequena seja, uma casa, que para o pobre será a triste cabana ; são precisas as sementes, os instrumentos indispensaveis da lavoura, e os trabalhos da cultura e tapumes necessarios á defesa da mesma cultura ; o que tudo, sobre dispendioso, necessita soccorro externo, ou associação estranha, se o pobre colono não acha na propria familia, ou não tem.

É pois necessario que uma mão poderosa e bemfeitora appareça em todos os lugares o tempo em favor dos necessitados ; o qual póde ella ser senão a do Estado, cujos recur-

sos são inexauríveis ! E não vão elles sempre em progressivo augmento a par da cultura, povoação e industria popular ? Seria portanto uma lei muito sabia e a mais economica aquella que, depois de liberalisar terras aos pobres, os soccorresse com o emprestimo gratuito de 100\$000, pelo espaço de seis annos, a pagar nos quatro seguintes, á razão de 25\$ em cada um, a quantia mutuada, dispensados ao mesmo tempo os pobres colonos de todas as imposições territoriaes e até do proprio dizimo por dez annos, e recebendo as sementes necessarias, para serem pagas com os fructos da primeira colheita. Quem assim protegido não quereria adjudicar-se á cultura das terras, ou recusaria vir estabelecer-se no Brasil ? Em concurrencia, os casados deveriam obter decidida preferencia a respeito dos solteiros ; deveriam habilitar-se comtudo uns e outros, para os propostos beneficios, pela prova exacta de saude regular, probidade e bons costumes. Esta lei deve ser olhada como a base mais principal da nossa agricultura e povoação ; e ella receberia o cunho da perfeição, sendo auxiliada pelo espirito de associação e mutuo auxilio, que os lavradores por propria conveniencia devem prestar uns aos outros, e que o governo deve, ou introduzir, ou fomentar, pelo officio prudente dos empregados publicos. Este espirito de associação e auxilio mutuo é felizmente conhecido nas terras centraes de S. Paulo desde o principio, nas derrubadas de matos, colheitas e fiação de algodão, com o nome de Muxiron. Esta industria já se acha felizmente em pratica nas villas de S. João do Principe e de Rezende, originaria colonia de S. Paulo ; é preciso que cresça e se estabeleça na beira-mar, e logo os pobres auxiliando-se reciprocamente não poderão dizer — ai de quem vive solitario !! *væ soli* !! — e farão prodigios de trabalhos, como acontece na provincia do Minho em Portugal, principalmente nas espadelladas e

fiação do linho, malhadas dos milhos e rogadas de carros, etc.

Coma quantia permanente, ou rendimento fixo de 100,000 cruzados, boa e regular inspecção, porque emfim a agricultura deve ser dirigida e inspeccionada, se poderiam estabelecer pelo methodo ponderado 400 casaes ou colonos em S. Paulo, a saber, 200 na beira-mar e 200 no interior, todos os annos. Que estas providencias sejam muito uteis e dignas de se estenderem a todas as capitancias do Brasil ninguem quererá negar: discorram outros, se lhes agradar, sobre as meios pecuniarios para a execução d'este projecto; eu, que escrevo mais particularmente ácerca da capitania do meu nascimento, já indiquei na primeira parte d'esta *Memoria*, e hei de dizer adiante, como se podem fazer as despesas necessarias ao intento, sem tortura do erario e dos povos; antes com proveito e decidida conveniencia publica e particular, reflectindo desde já que, passados os seis primeiros annos do emprestimo, teremos no 7º o accrescimento de 25,000 cruzados para o estabelecimento mais de 100 fazendas ou colonos; no 8º, de 200; no 9º, de 300; no 10º, de outros 400, e assim successivamente até completar se o numero de 1000 em cada anno, que é quanto basta para se obter o fim desejado.

Póde ser que a cobrança não seja inteira, e que haja algumas falhas; isto porém nada influe contra o meu projecto, posto que diminua em parte o seu progresso. E qual é o projecto de todo isento de perdas e falhas? Seja porém o que fôr, o certo é que do rendimento fixo de um milhão derivaria a despeza de 100,000 cruzados em beneficio de cada uma das nossas provincias maiores, e a possibilidade de se estabelecerem 400 colonos todos os annos, em cada uma d'ellas, sendo a despeza respectiva de 100,000 por casal, ou ainda por cabeça, misturados sempre os na-

cionaes com os estrangeiros. Os fructos que com razão se podem e devem esperar da fiel e judiciosa execução d'este projecto melhor se comprehendem do que se podem explicar. Direi contudo que temos muita terra, abundancia de metaes preciosos e de variadas producções de grande valor e prestimo, que, destituídos da necessaria povoação, viviremos pobres no meio das riquezas, podendo ser insultados a cada momento por quem vier de fóra com animo hostil.

E que direi da povoação, que podemos adquirir dentro do mesmo paiz que habitamos? Não é licito ignorar, porque a historia o publica, que os indios do Brasil, perseguidos sem causa pelos nossos, atropellados em dura guerra e opprimidos com a mais injusta escravidão, acharam a sua defesa na fugida, e algumas vezes na traição, arma propria e inseparavel da fraqueza dos selvagens, e que desertando da beira-mar e suas vizinhanças, á proporção que iam occupando uma e outra cousa, foram habitar matos espessos, campos exulados e as margens dos rios mais remotos, ou concentrados nos desertos, aonde conservaram até agora, pelo meio da mais austera tradição, mui fresca a memoria dos males soffridos pelos seus passados e da nossa positiva má fé, dizem elles.

O celebre Piyé, um dos principaes e mais affamados caciques dos Nheemgaibes da ilha que hoje chamamos de Joannes, quando no festivo Triumpho da Religião, tão dignamente representado á Magestade do Senhor Rei D. Pedro II, pelo padre Antonio Vieira(5), foi chamado para firmar com juramento as suas promessas e fidelidade á corôa de Portugal; respondeu com admiravel intrepidez que isso não jurava elle, nem deviam jurar os seus; e era força o fizessem

(5) Carta 2ª, tom. 2º.

os portuguezes, que sempre quebravam a fé dada, a que elles não sabiam faltar.

Emquanto os indios viverem imbuidos n'estes principios hão de fugir de nós, e hão de hostilisar-nos, porque a idéa da escravidão os conserva a elles n'aquella mesma aversão e odio que nós sustentamos, apezar da nossa civilidade e moral, contra a perfidia das nações barbarescas, que vivem do corso e tornam escravos os christãos que desgraçadamente cahem no seu poder. O peor foi que as idéas e as expressões do Piyé se justificaram pelo successo; porque feita a paz cahiu o seu poder, acabou elle, pereceram os seus e a ilha ficou em pouco tempo deshabitada; ella, que em um só dia offereceu ao baptismo mais de 100,000 pessoas.

É pois necessario que os selvagens se persuadam, sem que lhes reste duvida alguma que as suas idéas são falsas agora, e que da nossa parte não têm a receiar o menor damno, antes receberiam os effeitos da mais cordial fraternidade. N'este empenho desejava eu que entrassem de coração os nossos bispos, as ordens religiosas e o clero secular. Eis-aqui a vinha do Senhor, em que elles deviam trabalhar de dia e de noite com a maior constancia. Missionarios, se não da tempera finissima dos Las Casas e dos Anchietas, dominados pelo desejo de utilizar a religião e o Estado, tomariam o trabalho de aprender a lingua geral, ou guarani, e iriam defendidos pela força publica, á maneira dos jesuitas em outro tempo, fallar a homens, não incredulos, mas desconfiados. A primeira conquista seria talvez difficultosa; seguir-se-hia a segunda, mais facil; e a experiencia propria dos selvagens tomaria o lugar do mais bello prégador, e faria enfim quanto podemos desejar.

De que importancia não seria ainda que entre os missionarios se divisassem alguns da raça originaria dos mes-

ños selvagens? Se elles ouvissem aos da sua propria casta as suas sem razões, e as nossas virtudes, não teriam mais facilidade para a crença? Que triste idéa! Tudo se deve fazer, e nada está feito. Nunca se cuidou entre nós na educação dos pobres indios de uma maneira propria. Nenhum só collegio se tem estabelecido a favor d'elles. Nenhum indio tem obtido, talvez, a fortuna de entrar como alumno, nos seminarios episcopaes do Brasil, de professar religiosamente ou de chegar ao sacerdocio (6); tudo tem sido desprezo, e este terrivel agente da soberba tem devorado milhares de indios entre nós; ao mesmo tempo que no Perú e no México se têm feito cousas admiraveis a este respeito, e os indios têm livre accesso ás honras civis e militares, assim como ás dignidades ecclesiasticas, até o episcopado mesmo; o que hem prova o exemplo de D. Nicoláo del Puerto, natural de um dos povos de Mixteco, que foi bispo de Oaxaca. (*Alcedo Diccion. Geog. tom. 3º, pag. 217.*)

D'esta maneira, e com bem pouca despeza (sem desprezo comtudo dos meios tristes, que autorisa o direito da guerra, muitas vezes não só justos, mas necessarios ainda, que por isso os mandou exercitar agora o nosso immortal soberano, apesar dos votos bem contrarios do seu humanissimo coração) poderemos em poucos annos arrancar dos bosques, e tornar sociaveis muitos milhares de indios, que habitam o interior das capitancias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz, Mato-Grosso, Maranhão e Pará. Então a educação publica, esta alma feliz dos Estados, estendida

(6) Dois moços indios da villa de S. José d'El-Rei foram educados no seminario de S. Joaquim d'esta cidade de Rio de Janeiro, governando-a o marquez de Lavradio; ambos aproveitaram e foram ordenados de presbytero. Este exemplo singular prova o que acabo de escrever, e a enormissima perda que nos resulta da falta de educação dos pobres indios.

sobre todas as classes da sociedade, elevará bem depressa a nascente monarchia do Brasil áquelle gráo de grandeza e prosperidade que se lhe póde augurar.

CAPITULO X

DOS MEIOS NECESSARIOS PARA A EXECUÇÃO DOS PLANOS PROPOSTOS

Dois são os meios que a reflexão e a industria devem offerter ao governo para a feliz execução de tantos, tão importantes e necessarios estabelecimentos. 1.º A criação dos fundos proporcionados á empresa. 2.º A eleição de homens sabios, desinteressados e dominados do amor do soberano e da patria, aos quaes seguramente se possa e deva encarregar o importantissimo e muito honroso trabalho de promover a fortuna publica. A criação dos fundos não tem difficuldade, ainda que d'elles se não devam esperar no momento todos os effeitos desejados.

Estabeleceu o alvará de 15 de Julho de 1809 avultados rendimentos para o bem geral da agricultura, fabricas e outras cousas interessantes ao Estado, commettendo a arrecadação e administração d'elles á real junta do commercio. Tem a capitania de S. Paulo o mesmo direito que compete proporcionalmente ás outras, para o melhoramento que lhe póde resultar do bom emprego dos ditos rendimentos. Separando-se pois d'elles para sempre a quantia que ella mesma paga, e me persuado não ser inferior a 2:000\$000, auxiliada, além d'isso, com a doação de outros 2:000\$000 á custa da dita imposição, pelo espaço de dez annos, o que importa o mesmo que determinar-se á real junta a execução de um projecto util com preferencia a outros, ficaria a mesma capitania com um fundo sufficiente, com o qual poderia,

ou antes deveria crear outros permanentes e bem proporcionados ao fim proposto. A hypotheca de 4:000\$000 annuaes ao banco do Brasil facilitaria sem duvida o emprestimo das quantias necessarias para a mais prompta execução dos projectados estabelecimentos, indispensaveis a S. Paulo e uteis ao Brasil em toda a sua extensão. E taes são: 1º, o estabelecimento dos moinhos e serras de agua e de vapor, fixas e amoviveis, na costa maritima e nas margens dos rios do interior, com a navegação franca ao mar, como por exemplo o rio Juqueriquere em S. Sebastião, o do Cubatão em Santos, e com a devida proporção ao lucro, pelo menos de 50:000\$000, o que não é difficiloso pelas razões acima expendidas, e outras que se offercem á reflexão dos conhecedores; assim como é facil de comprehender que os rendimentos dos primeiros devem facilitar o estabelecimento de quantos se quizerem estabelecer. Esta especulação exige por sua natureza a industria, trabalho e boa fé dos administradores, qualidades que se não podem jámais separar sem evidente ruina de qualquer manufactura ou estabelecimento. 2º, o outro, muito pouco dispendioso e de mais facil administração ainda, dos fornos de cal na ribeira de Iguape e costas da Cananéa. D'esta fabrica resultaria muito proveito, porque os seus lucros tendem a beneficios publicos de grande valor. A venda de 5,000 moios de cal unicamente a 9\$600 medida d'esta córte, nos armazens das fabricas, formaria um rendimento annuo permanente e disponivel de 48:800\$000, pagas todas as despezas de manufactura. Estes dois projectos podem realisar-se em pouco tempo; fructificar no mesmo anno com grande proveito dos pobres, auxiliados por jornaes bem pagos, além dos outros beneficios augurados na primeira parte d'esta *Memoria*, sobre os quaes devo ainda reflectir que, valendo um moio de cal de pedra, dois, pelo

menos, da outra cal de mariscos, e vendendo -se esta agora a 20\$000 e a 24\$000, bem podiam os exportadores vender a de pedra pelo mesmo preço, com largas conveniencias, e por isso não faltaria quem se adjudicasse a este commercio.

Auxiliada assim a povoação e a agricultura, não esquecidos os hospitaes e outros trabalhos publicos de maior necessidade e urgencia, deveria ainda a administração publica da capitania promover o facil e interessantissimo estabelecimento de uma fabrica de papel, na maior extensão possivel, bem junto á cidade; prescindindo da idéa de magnificencia e sumptuosidade dos edificios, que tem constantemente servido de irresistivel impedimento ao progresso das fabricas em Portugal, por se empregarem nos ditos edificios quantiosos capitaes, superiores ás forças dos empregados, e sem proporção com os proveitos da manufactura, até para o pagamento dos juros de 5% a respeito dos mesmos capitaes.

Para um estabelecimento d'esta natureza, além das machinas precisas, pobres telheiros, feitos com a devida segurança, são bastantes; emquanto não se poderem augmentar com o tempo, e a medida dos materiaes, que se devem guardar, e da crescente manufactura.

Tem a dita cidade todas as proporções necessarias, e uteis ao intento; porque, além da commodidade reconhecida de mão de obra, e sendo o combustivel mui barato, por todas as partes se divisam mananciaes abundantissimos de aguas perennes, despenhadas de competentes alturas para o gyro dos moinhos, e qualquer trabalho em grande; e, o que mais importa, superabundancia de materias papiraceas, que bem podem supprir a falta de trapos e farrapos de linho, que com razão obtêm o primeiro lugar entre as ditas materias, porque, tendo passado por muitas e diferentes macerações, não contém partes heterogeneas;

porém isto mesmo se verifica a respeito dos trapos de algodão; e é d'esta materia, abundantissima em S. Paulo, que nos vendem aqui os inglezes grandes quantidades de papel, ou quasi todo o que gastamos; sendo quasi desconhecida na America do Norte outra especie de papel. Não trato de outros artigos de que nos deveriamos aproveitar para esta manufactura, por tantos principios recommendavel, por não ignorar o que a respeito de muitos têm dito os mais celebres escriptores, ponderando as difficuldades de separar d'elles a parte lenhosa, tornando-se por isso ou pobres de linho, ou muito caros. Comtudo julguei necessario recommendar o linho da bananeira, como mui apropriado ao intento, parecendo-me que a operação de o purificar das partes heterogeneas é de toda a facilidade, ficando a materia papiracea elevada á devida perfeição, e mui barata, principalmente calculado o preço do papel entre nós, e ainda sem referencia a esta circumstancia.

Mas, quando este vegetal se tornasse pela competente maceração um pouco mais caro do que se poderia desejar, para a perfeição do papel, é superior a toda duvida que d'elle em estado imperfeito, assim como das folhas da maçaroça do milho, da piteira, dos quiabos, das ortigas, da guaxima, ananazes bravos, e muitos outros vegetaes filamentosos, se podiam com bem pouco trabalho fabricar grandes quantidades de papel pardo, ou de embrulhar, de papel destinado a pinturas, para ornato das casas, e tambem de papelão; o que tudo concorreria muito para o fim proposto, formando novos artigos de trabalho popular, e mui proprios de uma cidade sobrecarregada de mulheres pobres, que se deveriam empregar, senão no todo, em muitos ramos d'esta excellente fabrica, a quem as sciencias são devedoras do seu mais rapido augmento e mais admiraveis progressos. Com este auxilio sómente poderia ella viver superior

á pobreza que a vexa e opprime. Quem não vê pois, que, produzindo as tres fabricas de que tenho feito particular memoria, e sem muitos esforços, a quantia de 300,000 cruzados por anno, que com ella, bem adm inistrada, se deveria elevar a industria de S. Paulo a um ponto de grande perfeição em todos os ramos!

Emfim, outro meio se offerece em beneficio geral do Brasil, e por isso não parecerá alheio d'esta *Memoria*, nem estranha na capitania de S. Paulo a descripção d'elle. Consiste no commercio da China, que bem o podemos fazer sem moeda especifica, ou destruição do nosso numerario, como até agora praticamos, mas com muitos generos da nossa propria lavra e principalmente com o tabaco. Tratarei d'este grande agente da prosperidade publica e individual.

Sabe-se a historia d'este commercio em Macáo; como cresceu e promettia largas conveniencias, e como finalmente o monopolio e a pessima administração publica no principio, e a dos contratadores ao depois, dirigida unicamente pelo desejo immoderado de muitos ganhos em pouco tempo, exigindo para isso no curto espaço dos tres annos das suas arrematações preços verdadeiramente exorbitantes, e lesivos na venda, diminuiu o numero dos compradores na China e reduziu o mesmo commercio a termos bem insignificantes.

Os erros passados podem corrigir-se facilmente, ou pelo meio d'uma administração publica bem regulada, como exigem imperiosamente as circumstancias dos tempos que correm, e as idéas liberaes do trafico e mercancia geral; ainda mesmo conservando-se o exclusivo a favor do Estado, ou, o que me parece mais proveitoso á causa publica e particular, vendendo a rçal fazenda no Brasil os tabacos manufacturados em pó e por sua conta a negociantes par-

ticulares, para elles os fazerem gyrar a seu proveito por toda a extensão da China e por onde mais lhes convier.

Um e outro arbitrio parece exigir o estabelecimento de duas fabricas reaes do tabaco n'este paiz, a saber, d'amos-tra, de cidade, de simonte, e do chamado do Porto, que são as quatro qualidades especificas que gyram no commercio da China. A primeira das ditas fabricas tem o seu assento natural e proprio na Bahia: a segunda em S. Sebastião, cujos tabacos são, como é vulgarmente sabido, da mais superior qualidade; sendo a manufactura, em caso de necessidade, ou maior utilidade, comprehensiva de quaesquer outros das capitancias de S. Paulo e das Minas-Geraes, que para o fim proposto merecerem a imparcial approvação dos peritos. O mais assiduo cuidado se deveria empregar para a conservação das sobreditas qualidades no gráo mais superior. Talvez seria necessario que de Lisboa e do Porto viessem os methodos privativos, ou ainda os mestres proprios, para a perfeita manipulação de cada uma qualidade em particular.

Em a primeira das referidas fabricas no principio, e ao depois em ambas, se venderiam os tabacos sorteados, á vontade dos compradores, em latas de folha de Flandres, soldadas a estanho, de meio arratel e quarta; tendo cada uma gravada na mesma folha as armas reaes e juntamente a qualidade do tabaco; assim como o preço inalteravel da venda em Macão e mais portos do imperio; sendo demais as latas bem acondicionadas em caixas de quatro arrobas liquidas de tabaco, as quaes, da mesma fórmula marcadas com as armas reaes, correriam livres de quaesquer direitos, alcavalas e emolumentos, por exportação e importação nos nossos portos; e com o respeito aos direitos nos estranhos da nossa administração. Os preços d'estes tabacos em Portugal, vendidos por grosso, ou por arratel, são, na fórmula

do regimento do 1° de Janeiro de 1722, os seguintes : amostra 2\$000, cidade 1\$600, simonte e do Porto 1\$200. Estes preços porém se reputaram excessivos para a exportação ; e por isso determinou o decreto de 19 de Janeiro de 1784 que os contratadores, pelo que toca ao contrato de Macáo, fossem obrigados a deixar aos que lhes succederem a quantidade de 2000 arrateis de tabaco, a saber, de simonte 1,000 arrateis, de cidade 560, de amostra 360 e do Porto 80 ; sendo pago cada arratel, sem distincção de qualidade, a 750 rs.

Ainda se podem reduzir mais estes preços, ponderadas as circumstancias que a este respeito occorrem entre Portugal e Brasil, sendo substituidos, quanto ao simonte e do Porto, pelo de 600 rs., o da cidade pelo de 700 rs., e o de amostra emfim pelo de 800 rs., incluido nos mesmos preços o valor das latas e caixas.

Todos os ditos tabacos seriam vendidos nas fabricas reaes, a credito, com as competentes e necessarias fianças, para serem pagos tres mezes depois de chegarem aos portos do destino os navios em que fossem exportados, correndo o risco por conta dos compradores. Os preços da venda em Macáo comprehenderiam o ganho certo, inalteravel e permanente de 200 rs. por arratel, sem distincção de qualidade ; e assim deveria correr o simonte, e o do Porto a 800 rs., o da cidade a 900 rs., e o de amostra a 1\$000 ; e são estes os preços que se deveriam gravar, ou inscrever nas latas, para serem notorios a todos, e evitar-se á este respeito qualquer fraude e engano.

As consequencias d'este projecto seriam : 1°, substituir-se o tabaco ao ouro e á prata, resultando da perda d'estes metaes enormissimo prejuizo, que nos devora. 2°, lucrar a real fazenda cento por cento, ao menos, na manufactura e venda dos tabacos, fornecendo ao mesmo tempo mão

d'obra no paiz. 3º, promptificar fundos á um comme de nova e utilissima especulação. 4º, augmentar os re mentos das nossas alfandegas, pelo pagamento dos dir que n'ellas se arrecadam sobre as mercadorias da Ch 5º, proteger a agricultura em um ramo interessantissi 6º, emfim animar os commerciantes da maneira mai voravel, para que os povos tambem se possam vestir fazendas accommodadas ao clima e a menos custo, q allivial-os de não pequeno tributo.

Ora, que tudo isto deva acontecer e verificar-se, f mente se comprehende; porque no tabaco amostra, q de todos o mais caro, menos lucroso, e que n'este c mercio entra com bem pouca proporção aos mais e particularidade ao simonte, ganha o exportador 25 %/ preço, não tendo que deduzir senão fretes, comm e seguro: poupa além d'este ganho 30 %., que de pagar do dinheiro destinado ao seu commercio, e evidente que da proposta especulação resulta a favor apprehendedores o lucro certo de mais de 45 %.. E' necessario que uma especulação de tanta importancia posta em pratica e mui protegida; porque além dos cros, que ficam apontados, nos servirá, como acima semos, do meio mais bem proporcionado para o augm progressivo da povoação e supprimento abundantissimi despesas necessarias ao mais util de todos os proje qual o da povoação, deduzindo-se para as despesas c a quantia necessaria, e que dissemos ser de um milhã

Com estas condições, e com o favor que se po alcançar do governo chinez, e que muito importa litar por todos os meios possiveis, em pouco tempo s rá este commercio a mais de 2,000,000 ou 3,000,00 arrateis; suppondo a povoação da China unicament 100,000,000 como é opinião de alguns autores, e

vendo sobre arithmetica politica, e não de 200,000,000, calculo mais geralmente seguido; ainda que Raynal affirma que no ultimo numeramento tinha a China 59,798,364 homens capazes da milicia armada ; e não parece discordar d'esta opinião o que diz o compendio do anno de 1807, elevando a povoação de todas as provincias do imperio a 350,000,000. L'abbé Paw, que, sempre fiel ao seu espirito de partido, não pôde divisar na China as excellentes instituições, as bellezas, saber e industria que escriptores da primeira nota lhe attribuem com muito respeito e veneração, teve o inexplicavel contentamento de suspeitar que a povoação d'aquelle vastissimo paiz não chegava a 30,000,000.

É para admirar que um escriptor como Pouchet se tenha decidido por uma opinião tão absurda e convencida por elle mesmo, apresentando a relação das provincias e cidades, além das mais povoações com seus parallelos na França ; e da qual se conclue precisamente o contrario do que ella inculca.

Ainda que os chinezes cultivam o tabaco em todas as provincias do imperio e o vendam por preços mui commodos, o do Japão é mais estimado entre elles e melhor ainda o nosso, pela particular excellencia da sua qualidade e manufactura, como bem provam os excessivos preços do seu consumo. O que fica dito a respeito d'este commercio dos tabacos na China é applicavel á India em quasi toda a sua vastissima extensão.

Muito é o que além d'isto devemos esperar com o tempo, e em uma época mais distante do commercio d'esta droga, e de muitos outros generos da nossa particular cultura ; por cujos meios bem podemos haver as mercadorias e preciosidades da Asia, e com superior vantagem a todas

as nações que frequentam a mercancia d'aquella parte do mundo.

Muitas embarcações nos seriam em pouco tempo necessarias para o projectado commercio, e n'ellas mesmas (por preços moderados, estabelecida a devida economia se podiam transportar outras tantas pessoas, pouco mais ou menos, quantas fossem as da tripolação propria de cada uma. Os artistas deveriam ser procurados com preferencia; a passagem d'elles mereceria demais a recompensa de um premio particular aos capitaes, quando n'isso houvessem influido. Mas, pelo que respeita a simples trabalhadores, parece muito acertado que viessem unicamente pessoas em idade, na qual os principios de religião do paiz não tivessem ainda occupado os seus tenros cerebros, porque com mais proveito os educariamos segundo os nossos muito justos e acordados.

CAPITULO XI

COMO SE DEVE REGULAR E DISTRIBUIR A POVOAÇÃO NO BRASIL

Ainda que muito convém ao Estado multiplicar o numero das cidades, villas, lugares e aldéas, e augmentar quanto fôr possível, segundo as circumstancias do paiz, a povoação em geral, porque d'ella procede a industria e força da nação; não será jámais conveniente, antes sobremaneira prejudicial, que cada uma das cidades e villas adquira tal grandeza e tamanha extensão, que as commodidades sociaes, em vez de crescerem, fujam para sempre do seio d'ellas.

Com effeito, as povoações demasiadamente grandes são umas massas enormes e contrarias á natureza, que ella procura por isso destruir a cada momento e de mil manei-

ras differentes. Os males physicos manifestando-se por enfermidades extraordinarias, complicadas e absolutamente desconhecidas nos pequenos povos, as atormentam com inexplicavel rancor; e os moraes, de um character muito mais acre, resistem, como de proposito, á força e autoridade das leis, exigindo todos os dias novos e sempre inefficazes remedios: — *Pensata la lege, pensata la malizia.*

Da união d'estes males resulta, sem duvida, a necessidade de manter a povoação das grandes cidades com habitantes estranhos da sua natural producção e manifesto prejuizo dos campos, como se verificava em Lisboa, onde duas terças partes do povo pertenciam ás provincias. Do mesmo principio deriva ainda a outra necessidade mui funesta de novos estabelecimentos, a multiplicidade de agentes, e administradores publicos; a dureza da policia, o augmento das contribuições e invenções engenhosas de novos tributos, de que o Estado não tira o mais leve proveito; e a complicação, enfim, da machina destinada a reger a nação. Estes males são inevitaveis, nem se podem remediar entre povos antigos e ha muito estabelecidos em certos e determinados lugares. Como na verdade se poderiam restringir limites e prescrever regras á povoação de Londres ou de Paris? E' porém muito possivel acautelar as suas funestissimas consequencias, quando uma nação se vai formar.

Para esta importantissima operação é preciso que a côrte se não fixe em algum porto maritimo, principalmente se elle fôr grande e com boas proporções para o commercio; pois que a concurrencia de muitos negociantes e das pessoas da côrte bem depressa formaria uma povoação tal como as que ficam descriptas, e todos os dias mais perturbadas pelo luxo e excessiva carestia dos viveres, que os cortesãos e funcionarios publicos, que vivem dos alimentos do Estado, não podem supportar ou pagar sem no

torio detrimento, e os menos austeros adquirem com perda do proprio decoro e prejuizo da causa publica. Deve a côrte vivificar um lugar, a agricultura, o commercio e as artes, todos aquelles por onde a sua influencia fôr sabiamente distribuida pelo governo.

Escolher a situação mais conveniente para o estabelecimento da côrte e residencia do soberano, é pois uma operação bem delicada, e que se não deve deixar ao acaso e ao concurso das circumstancias, para que não aconteça que todas as fortunas se accumullem na côrte; não tenha ella proporções com as provincias, e fiquem estas as indigentes tributarias de uma capital, que as despreze com o mais altivo e insuportavel orgulho; exigindo imperiosamente dos campos os braços necessarios á agricultura e ás artes, para todos os dias se ostentar mais bella na apparencia e mais prejudicial na realidade á população do Estado, á sua força intrinseca e á pureza da moral dos povos.

Se o commercio porém e as artes não devem concentrar-se na côrte, espalhando-se pelas provincias, concorrem para a feliz distribuição das riquezas e para augmento da povoação de uma maneira conveniente; pelo contrario, os estudos mais graves, as escolas mais difficultosas e as universidades emfim, parece que têm nas côrtes, o seu assento principal. As sciencias dão ás côrtes um certo lustre que d'ellas não se deve jámais separar, e a mocidade estudiosa, destinada aos empregos publicos, adquire na presença do soberano um certo gráo de civilidade, que a torna mui recommendavel e a mais propria para tratar os povos como convém, e para os tornar todos os dias mais civis e urbanos. E' pois por esta razão ainda, sem lembrar outras muitas, que a capital do Imperio se deve fixar em um lugar são, ameno, aprazivel e isento do confuso tropel de gentes, indistinctamente accumuladas, e onde a educação

publica ache o seu verdadeiro assento, recebendo do soberano aquella protecção sem a qual não poderá jámais produzir os fructos que lhes são naturaes. Deve pesar-se bem esta materia, quando se trata dos meios de povoar uma ou mais provincias do Estado; porque é interessantissima e talvez a mais importante de todas.

CAPITULO XII

DA ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

A execução dos diferentes planos que se contém n'esta *Memoria* e de outros que necessariamente se devem formar sobre estradas, melhoramento de navegação pelos rios, abertura de canaes, e outras cousas tendentes ao bem geral dos povos, deveria commetter-se aos trabalhos, meditações e cuidados d'uma junta, no principio composta de cinco membros, ou deputados, e cujo numero ao depois se poderia augmentar, como exigissem a necessidade e o interesse publico.

O seu titulo seria — Junta da direcção e administração geral da provincia de S. Paulo. — Extincta a denominação de capitania, com o cargo de governador e capitão-general d'ella, cujos principios militares não convêm mais ao Brasil, e são contrarios aos da nossa constituição, deve necessariamente substituir-se este officio pelo estabelecimento das comarcas, em territorios mais pequenos e na devida proporção; assim como pelas juntas administrativas, separado inteiramente o governo civil, como acontece a respeito do ecclesiastico, da influencia das armas, concentrados os chefes militares nos limites que lhes prescrevem os seus respectivos regimentos, ou forem regulados por aquelles que de novo se ordenarem.

Com estes principios se formou a nação portugueza, e elle cresceu e chegou á mais robusta virilidade; com elle devemos viver aqui, suffocada para sempre, pela justa separação e necessaria independência das autoridades subalternas, aconteçam, e o choque das jurisdicções, cousa mais funesta, e da qual a causa publica e o interesse dos povos se resente sobremaneira.

E que outra fórmula de administração se deveria ao effeito propôr? Um homem só, quem quer que elle seja é insufficiente para a execução de planos tão vastos; torpeza seria desviar-me eu do systema bem calculado dos senhores reis d'estes reinos, manifestado constantemente e por mui largos tempos a favor das juntas, já para administração das rendas publicas em todas as repartições, já para regulação do commercio e das fabricas em geral e em particular, já para a direcção de quaesquer estabelecimentos mais interessantes, e já igualmente para a substituição temporaria dos governadores; no que sem duvida têm sido bem palpaveis as conveniencias do Estado.

Dos cinco deputados, um deveria ser militar, tirado da tropa de linha, versado nos estudos da mathematica com bastantes conhecimentos da geographia do paiz e sciencia de fortificar, ornado com a patente de coronel pelo menos, a quem se daria o titulo e carta de conselheiro.

Outro deputado seria um desembargador da casa de supplicação, passando logo a effectivo de qualquer dos grandes tribunaes do desembargo do paço, ou do conselho da fazenda; e elle mesmo deveria occupar o cargo de presidente da junta da real fazenda, que me parece não deveria commetter-se aos governadores das armadas. Além da sciencia das leis, que se presume, os seus conhecimentos da economia publica, do local da provincia e das suas privativas circumstancias, deveriam ori-

pessoa d'este magistrado. Os demais deputados, exigem as mesmas razões do estabelecimento; que fossem um philosopho acompanhado, de bons conhecimentos chimicos, um lavrador e um commerciante e fabricante ao mesmo tempo, sendo possivel; e todos tres de notoria probidade, honra e intelligência dos seus respectivos empregos.

Dos 10,000 cruzados que percebem agora os governadores, se dariam dois a cada um dos deputados das juntas a titulo de ajuda de custo. O secretario ficaria sendo o mesmo do actual e presente governo, com o ordenado que percebe e emolumentos que lhe respeitassem, constituida a secretaria pelos mesmos officiaes existentes, e creando-se para o governo das armas outra secretaria militar, que é propria e lhe convém.

As funcções de presidente seriam exercitadas conforme as regras, que a este respeito se observam nos differentes tribunaes do reino. A junta se formaria duas vezes impetivelmente cada semana, ás terças e sextas-feiras, substituidos os dias seguintes aos ordinarios, tendo sido feriados. O seu tratamento seria o dos primeiros deputados e as sessões seriam feitas na sala da camara, com o mesmo porteiro e continuo, tendo de mais um meirinho, com o ordenado annuo de 200\$000; compensar-se-hia ao porteiro e continuo o maior trabalho com a quantia de 100\$000 a cada um, e todos seriam pagos pela caixa da administração dos rendimentos publicos da provincia, assim como o thesoureiro e mais officiaes, que se julgassem necessarios, e sobre o que deveria a junta interpor os seus officios, logo que se achasse formada.

A jurisdicção da junta deveria ser comprehensiva da policia interna, civil e rural da provincia toda, não excluida a ordinaria de quaesquer magistrados civis, ou criminaes;

e bem assim de todos os ramos de industria e economia publica, e com a necessaria faculdade para fazer emprestimos e dar premios, até á quantia de 200,000 em dinheiro, ou medalhas, á custa dos fundos publicos, confiados á sua administração, não excedendo todos á importancia de 4:000,000 em cada um anno. Ella mesma exercitaria o officio de sesmeiro-mór na fórma que o servem os governadores; e quanto ás outras funcções, sem responsabilidade do mais, do que ao nosso augusto soberano, pela secretaria d'Estado dos negocios da fazenda, pondo na sua real presença todos os annos, no mez de Janeiro, a conta exacta da sua administração e demonstração fiel dos progressos da provincia (7).

Taes são as idéas que me pareceram mais proprias de se proporem á sabia e prudentissima contemplação do governo de S. A. R. sobre o melhoramento da capitania de S. Paulo. Se ellas forem approvadas e da sua execução resultar o bem, que eu tenho em vista, d'elle mesmo receberei a melhor satisfação e a não pequena gloria de haver servido utilmente ao meu soberano, ao Estado e á minha patria.

FIM DA SEGUNDA E ULTIMA PARTE

(7) E' bem semelhante ao nosso antigo systema o governo que agora se principia a estabelecer em cada uma das nossas provincias. Estou persuadido e já todos geralmente fallando acreditam que, sendo bem organizada, produzirá a segurança, prosperidade e fortuna publica e individual de todo este vastissimo imperio. Pertence á nossa assembléa geral a ultima decisão em materia de tanta importancia que nós agora não discutimos, e não permittiram as circumstancias dos tempos em que escrevemos que dessemos á mesma materia inteirò desenvolvimento, para que as nossas idéas não fossem de todo desprezadas.

ABERTURA DE COMMUNICAÇÃO COMMERCIAL
ENTRE O DISTRICTO DE CUYABA' E A CIDADE DO PARÁ'
POR MEIO DA NAVEGAÇÃO DOS RIOS ARINOS E TAPAJÓ'S
EMPREHENDIDA EM SETEMBRO DE 1812

E REALISADA EM 1813

**Pelo regresso das pessoas que n'essa diligencia mandou o governador
e capitão-general da capitania de Mato-Grosso.**

(Copiado do Archivo Publico)

DIARIO

Da viagem que por ordem do Illm.^o e Exm.^o Sr. João Carlos Augusto d'Oeynhausien Grevemburg, governador e capitão general da capitania de Mato-Grosso, nomeado para a do Pará, fizeram os capitães Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França, pelo rio Arinos no anno de 1812.

Embarcámos no rio Preto, 5 leguas distante do arraial do Paraguay Diamantino, no dia 14 de Setembro de 1812, com as canoas a meia carga, e pelos muitos baixos e tranqueiras do rio não se pôde chegar ao Arinos senão no dia 18, ás 5 horas da tarde. (5 dias de viagem.)

No dia 19 de Setembro voltaram as canoas a buscar a gente e cargas que haviam ficado no porto do rio Preto, e no dia 21 pelas 6 horas da tarde se reuniu toda a tropa, onde se achavam os ditos capitães.

Constava a expedição de 1 canoa grande e 7 batelões, em que se embarcaram 72 pessoas, sendo 8 brancas entre patrões e passageiros, 57 camaradas de serviço e 7 escravos.

No dia 22 se repararam as canoas que estavam damni-

ficadas e apenas podemos partir ás 4 horas da tarde, e ás 5 1/2 fizemos pouso.

Sahimos a 23 pelas 6 horas da manhã; ás 6 1/2 passámos um ribeirão do lado esquerdo; ás 11 outro do direito na cabeceira d'uma correnteza; ás 11 1/2 outro do esquerdo, e ás 4 da tarde outro á direita. A's 5 1/2 fizemos pouso. (6 dias de viagem.)

Passamos n'este dia muitas correntezas e baixos, mas sempre com bons canaes. O rio não corre a rumo certo, pois em poucas horas se volta para todos os lados, tendo sempre maior propensão para o poente e norte.

Partimos no dia 24 ás 5 3/4 horas; ás 6 e 40 passámos um ribeirão á esquerda; ás 8 1/2 outro maior do mesmo lado; ás 9 passámos do direito um alto e comprido paredão de côr vermelha e amarella; ás 10 1/4 deixámos um ribeirão do esquerdo, e ás 4 da tarde outro do direito. A's 5 e 20 fizemos pouso. Passámos n'este dia mais baixos e correntezas que no antecedente. (7 dias de viagem.)

Fizemos viagem no dia 25 pelas 5 1/4 horas; ás 6 e 20 passámos uma grande correnteza, e logo abaixo d'ella uma ilha e pouco abaixo outra.

A's 7 3/4 horas passámos a barra d'um riacho com 10 ou 12 braços de boca e bastante fundo, o qual flue na margem direita, e o denominámos rio de S. José, e sahe de frente uma pequena ilha. A's 9 3/4 passámos um ribeirão do lado esquerdo, e ás 12 um correço do mesmo lado pouco acima do porto do Arraial Velho, antigamente chamado Minas de Santa Isabel.

A's 2 horas da tarde passámos um ribeiro á direita, e ás 5 3/4 fizemos pouso. (8 dias de viagem.)

Passámos n'este dia muitas ilhas e correntezas. Temos visto muitos vestigios dos indios habitantes nas circumvi-

zinhanças do rio, e por toda a tarde lançaram muitos fogos d'um e outro lado, e alguns quasi nas margens.

Sahimos no dia 26 pelas 5 $\frac{3}{4}$; logo abaixo passámos uma grande correnteza no braço direito d'uma ilha; ás 6 $\frac{1}{4}$ chegámos á barra do rio Sumidouro, que flue do lado esquerdo e depois de unido com o Arinos ficam ambos da mesma largura do rio Cuyabá. O Arinos até aqui, como já adverti, não se dirige a rumo certo: da confluencia do Sumidouro para baixo tem mais aturada direcção para o norte. A's 7 $\frac{1}{4}$ passámos um ribeiro á direita; ás 8 uma grande correnteza, e $\frac{1}{4}$ depois duas pequenas cachoeiras com bons canaes; a primeira pelo lado esquerdo e a segunda pelo direito. A's 8 e 20 passámos um ribeirão á esquerda, e $\frac{1}{2}$ depois outro á direita. Continuou a navegação d'este dia com muitas correntezas. Têm continuado os vestigios dos indios; achando-se varios portos, ranchos e outros signaes; fizemos pouso ás 5 $\frac{1}{2}$. (9 dias de viagem.)

Partimos no dia 27 pelas 5 $\frac{1}{4}$, e depois de passar alguns campestres, paredões e ilhas deixámos ás 7 $\frac{3}{4}$ um ribeiro, que flue do lado esquerdo, de 6 ou 7 braças de largura, e o chamámos Rio dos Pareciz. A's 9 passámos outro maior do lado direito, que na confluencia ha de ter 12 braças de largura e competente fundo, e o denominámos rio de S. Cosme e Damião. A's 9 $\frac{3}{4}$ passámos um ribeirão á direita; ás 12 outro do mesmo lado, e ás 4 e 20 outro; ás 5 passámos um sangradouro do lado esquerdo defronte d'uma ilha. Fizemos pouso ás 5 e 40. Tem o rio alargado bastante e com pouca correnteza. (10 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 28 ás 5 $\frac{1}{2}$; logo abaixo passámos um pequeno correço á direita, e ás 6 $\frac{1}{2}$ um ribeirão do mesmo lado; ás 7 $\frac{1}{4}$ passámos outro; ás 8 outro,

ambos do lado esquerdo. A's 4 da tarde passámos a boca d'um riacho com 12 ou 14 braças de largura, que desagua á direita, e o chamámos Rio de S. Wenceslão. A's 5 1/4 passámos um ribeiro do mesmo lado, no qual estava um cerco de páos e taquaras, que os índios tinham feito para pescar; e logo abaixo d'elle fizemos pouso. (11 dias de viagem.)

Sabimos no dia 29 ás 5 1/4 horas, ás 6 e 20 deixámos um ribeiro á esquerda; ás 9 outro do mesmo lado; ás 9 1/4 outro á direita; ás 10 1/2 passámos do mesmo lado um riacho de 10 ou 12 braças de largura, e o chamámos rio de S. Miguel. A's 11 passámos á esquerda um ribeirão e ás 12 outro; logo abaixo outro, e ás 2 da tarde outro; ás 2 3/4 passámos á direita um maior; pouco abaixo deixámos á esquerda tres pequenos ribeiros pouco distantes entre si; ás 4 e 20 passámos um pequeno riacho á direita, e na boca estava uma grande rancharia de índios, que havia pouco tempo alli tinham estado. A's 5 e 20 fizemos pouso, pouco abaixo de dois pequenos ribeiros, que estavam quasi fronteiros d'um e outro lado do rio. (12 dias de viagem.)

Partimos no dia 30 ás 5 1/4 horas. Passamos um correjo á esquerda e alguns á direita pouco notaveis. A's 11 1/4 passámos um ribeirão á esquerda. A's 11 3/4 outro a direita. Passámos d'um e outro lado alguns pequenos correjos. A's 5 da tarde fizemos pouso. (13 dias de viagem.)

No dia 1º de Outubro seguimos viagem ás 5 da manhã; ás 8 1/2 passámos um ribeirão á direita pouco acima de uma grande ilha. A's 9 e 25 um ribeirão á esquerda; ás 10 1/2 entrámos por correntezas, baixos e alguns rebojos, mas sempre achámos bons canaes ao lado direito, e assim continuou o rio por entre rochedos, que não embaraçam a viagem; logo depois seguiu-se uma cachoeira com

bom canal á direita, e até a sahida faz tres boqueirões fundos, mas com alguma tortura. Continuaram depois correntezas, e reductos de pedras que formam alguns canaes pouco consideraveis, e assim proseguiu a navegação pelo decurso da tarde por entre muitos penhascos e multiplicadas ilhas; ás 5 e 10 chegámos a uma cachoeira, na cabeceira da qual fizemos pouso. (14 dias de viagem.)

Partimos no dia 2 pelas 6 da manhã. Examinando-se os canaes da dita cachoeira, que chamámos *Das muitas ilhas*, achámos ser preciso descarregar-se a canôa grande de meia carga para passar por um canal do lado esquerdo, e os batelões vieram carregados por um pequeno do direito; ás 8 seguimos viagem, e logo abaixo passámos outra pequena cachoeira com canal largo, porém baixo, e proseguimos a navegação por entre ilhas com algumas correntezas. Seguiu-se um curto espaço de rio morto, e depois formam-se alguns boqueirões fundos do lado direito, e no fim d'elles uma cachoeira, pela testa da qual passámos para o lado esquerdo, onde tem um caminho franco por entre ilhas, e torna a buscar o lado direito para a sahida, que é por entre reductos de pedras com alguns rebojos. A estes boqueirões e pequenas cachoeiras, chamámos Escaramuça Grande; abaixo seguiu-se um comprido estirão de rio morto e depois umas pequenas cachoeiras por entre ilhas, que deixámos á direita, e a chamámos Escaramuça Pequena. Seguiram-se depois de algum espaço de rio morto algumas pequenas cachoeiras, e compridos boqueirões com alguns rebojos, e sempre com bons canaes; logo abaixo passámos á direita um pequeno ribeiro, em que estava um cerco já velho, que os indios fizeram para as suas pescarias, e pouco depois seguiu-se um espaço de rio morto, e no fim uma pequena cachoeira com bom canal pelo meio, e d'ella se vê uma grande ilha, a que chamámos

de S. Sebastião ; e indo-se procurando porto n'ella se fazer pouso, percebeu-se na terra firme do lado d'ella uma canôa de casca, de que usam os indios, e foge a terra. Foi-se reconhecer uma e outra cousa, e se achou um rancho novo com 7 redes armadas, muitas panelas, cabaças, peneiras, varios saccoes tecidos e cheio de farinha de mandioca, e algumas raizes da mesma ; muitas peneiras cheias de castanhas, e outras bugigangas. Olhando vimos que as redes eram de fio de algodão, umas de trecho e outras de panno, tecidas ao nosso modo com labores riosos. D'este porto seguia-se um largo caminho para o interior, e indicava que os indios moravam para dentro do rio só para montariar. Mandámos duas canoas armadas reconhecer a ilha em que estava de pouso, e chegaram ao fim d'ella viram muitos indios na terra firme do lado esquerdo, os quaes tanto que viram as canoas e a gente que haviam ido reconhecer a ilha levantaram um grande e confusa gritaria, a qual continuáram toda a tarde com muitos toques de tambores, roncões, e outros instrumentos barbaros.

Partimos no dia 3 da ilha de S. Sebastião, em que estava de pouso, pela 6 da manhã : ao tempo da partida avistámos uma canôa em que vinham oito indios, os quaes tanto que perceberam a nossa tropa voltaram com toda a velocidade, e foram parar na terra firme do lado esquerdo onde por toda a margem do rio, quanto a vista alcançavam estavam innumeraveis indios, e alguns passos adiante se divisavam alguns de espaço em espaço os quaes mostravam superioridade, os quaes tinham na cabeça um alto pennacho branco, que circulava de uma a outra foz do peçoço traziam um grande collar branco e lustroso e depois de averiguado se achou ser de conchas. Elles, quando as nossas canoas se avizinham, começaram a

muito com diversas acções; ora meneando e mostrando-nos o arco e flechas, ora chamando-nos imperiosamente pelos acenos que faziam, para que embicássemos onde estavam. Mandámos fallar-lhes pela lingua geral com palayras e tom de paz e amizade. Responderam; mas as suas respostas não eram perceptíveis; porém depois que se lhes fallou, moderaram os que mostravam serem chefes o tom irroso em que tinham principiado, e começou então a chusma toda a fallar com uma confusa gritaria. Quando os primeiros viram que as canôas desciam, e elles ficavam, puzeram-se a correr pela margem quanto as canôas pelo rio, e onde era lagedo ou praia sahiam todos a peito descoberto com saltos, dansas e outros muitos gestos, sem nunca arrojarrem flecha alguma, apesar de obrigar o canal do rio que as canôas se avizinhassem á margem onde elles estavam; antes observámos que elles tinham os arcos desarmados. D'este modo vieram-nos seguindo mais de duas horas, em que passámos muitos portos delles, onde ficavam uns, e acompanhavam outros de novo, e assim vieram até que em uma grande lage ficaram assentados, e não se retiraram: emquanto não perderam as canôas de vista. N'este espaço temos passado por muitas ilhas, reductos, correntezas e pequenas cachoeiras com bons canaes, e tambem alguns correjos e ribeiros pouco notaveis. A's 3 da tarde avistámos uma serra que corria de norte a sul, e a denominámos Serra dos Apiacaz. Por todo o dia temos passado muitos portos d'elles de um e outro lado do rio, e tambem capoeiras, ranchos e outros signaes, que demonstram serem habitantes d'aquelle territorio. A's 4 da tarde fizemos pouso em uma ilha. (16 dias de viagem).

No dia 4 fizemos viagem ás 7 1/2 da manhã por causa de uma grande cerração.

Pouco abaixo passámos dois pequenos ribeiros á direita.

e foi continuando o rio por entre grandes penedos, e com algumas correntezas nos braços das innumeraveis ilhas que alli havia. Pouco abaixo d'ellas deixámos dois pequenos montes á esquerda, e depois seguiram-se alguns estirões de rio morto, e d'elles avistámos mais vizinha a serra dos Apiacaz, que tinhamos divisado ao longe no dia antecedente.

A's 2 da tarde chegámos á barra de um rio de 40 braços de boca pouco mais ou menos, o qual flue na margem direita por cima da dita serra; e no estirão da sua confluencia tem uma ilha que se divisa bem da foz, a qual está por cima de um alto cordão de pedras.

Ao dito rio puzemos o nome rio de S. Francisco de Assis. A's 3 1/2 chegámos a uma grande ilha que gastámos 1 1/4 hora a pãssal-a; abaixo d'ella está a serra mais proxima ao rio. A's 5 1/2 fizemos pouso em uma ilha. Passámos n'este dia varios portos de indios, e tambem o sitio em que diz Manoel Gomes no seu *Roteiro* que elles habitavam, e onde o atacaram, cujo lugar está deserto, e o terreno já com mato assaz crescido, que mal se percebe ter sido alojamento; do que inferi que os indios que alli moravam eram os mesmos que encontrámos no dia antecedente, e se mudaram para cima. (17 dias de viagem.)

Passámos n'este dia muito boas matarias e principalmente nas circumvizinhanças das serras; qualidades que se não observou nas que temos deixado, e principalmente da barra do Sumidouro para cima, onde todos os matos das margens do rio denotam serem alagadiços, e pela maior parte só vimos cerrados e campos bravios.

No dia 5 partimos pelas 6 horas, e ás 7 chegámos a uma cachoeira dividida em tres cordões interpolados: no do meio foi preciso descarregarem-se de meia carga as canoas para passarem o canal, por causa das pedras e re-

bojos, e as denominámos, As Tres Irmãs. Abaixo logo da segunda flue do lado direito um ribeiro de bastante largura. N'este lugar a serra do lado esquerdo está chegada ao rio, e este é retalhado por varias ilhas, e no fim d'ellas está uma pequena cachoeira com canal grande e fundo. A's 9 $\frac{1}{2}$ passámos um riacho á esquerda, e o denominámos rio Sararé. A's 11 chegámos a uma cachoeira caudalosa, mas com bom canal á esquerda, e a denominámos Recife Pequeno. Por estes lugares vem o rio entre duas serras.

A's 12 chegámos a uma cachoeira maior que as antecedentes e a denominámos Recife Grande. Para passal-a foi preciso descarregarem-se as canôas sendo o descarregador e canal do lado esquerdo. A's 3 da tarde seguimos viagem: ás 4 $\frac{1}{2}$ passámos um correjo á direita, onde estavam atadas duas canôas de indios, e ao pé d'ellas dois pequenos ranchos com varios trastes de seu uso ; e por se ter conhecido que elles haviam mudado do systema hostile que praticaram na expedição que desceu em 1805, deixamos n'aquellè porto um machado, 2 facões, alguns maços de missangas, facas e espelhos. A's 5 $\frac{1}{2}$ fizemos pouso em uma ilha defronte á qual do lado esquerdo flue um pequeno rio de 8 ou 10 braças de largura.

Partimos no dia 6 ás 6 $\frac{1}{4}$ da manhã. Logo abaixo da ilha em que pousámos seguiu-se outra maior, que deixámos á esquerda. A's 7 passámos á direita 3 ribeirões interpolados. A's 8 chegámos ao fim da ilha em que entrámos logo que sahimos do pouso, e a denominámos Ilha da Madeira. Do fim d'ella se divisa á esquerda a barra do rio Jeruena, o qual é mais largo e a agua mais clara que o Arinos.

Para dentro da barra tem duas ilhas, que fazem sahir o rio por trez bocas, e em curta distancia da foz se divisa uma serra, que parece atravessal-o. Elle demonstra vir

parallelo ao Arinos, e trazer a mesma direcção, e a que mais aturadamente seguem depois de unidos, que é de sul a norte.

Mandámos reconhecer a ponta de terra que divide ambos os rios, e n'ella se achou o páo lavrado, que Manoel Gomes diz no seu *Roteiro* ter alli posto para servir de padrão.

Quasi defronte da barra encontrámos quatro canoas de indios, em que vinham 27, os quaes embicaram em umas pedras, logo que perceberam a nossa tropa, e entraram a fallar do mesmo modo que os primeiros que encontrámos. Das nossas canoas se lhes respondia com affabilidade, e elles não pegaram nas suas armas. Embicámos em uma ilha fronteira e d'ella nos embarcámos com 14 pessoas e fomos onde elles estavam: receberam-nos com alegria misturada com temor, que logo perderam, vendo o agasalho que se lhes fazia, dando-lhes machados, facões, facas, espelhos, missangas, anzoes, fumo e algumas roupas, que tudo aceitaram mui gostosos, e corresponderam com pedaços de porcos montezes, farinha de mandioca e alguns arcs e flechas.

Convidámo-os que viessem á ilha onde estava a nossa tropa, e elles responderam que sim; porém significaram, mais por acenos que por palavras, que iam primeiramente descarregar as suas canoas, e depois voltariam; e embarcando-se n'ellas subiram para cima. Esperámo-os mais de duas horas, e por vermos que não appareciam resolvemo-nos a seguir viagem: e n'este tempo appareceu do lado esquerdo outra canoa, em que vinham subindo 8 indios, e embicaram e metteram-se ao mato logo que perceberam a nossa tropa, sem quererem apparecer por mais que se chamou.

Deixámo-lhes na canoa alguns minutos, e seguimos via-

gem. Estes indios andam totalmente nus e cobertos rigorosamente da tinta chamada urucú, e infirmos ser o uso d'ella para se livrarem da enfadonha praga dos borrachudos, e outros insectos perseguidores, de que abundam as margens do rio. Elles têm as orelhas furadas na parte inferior e trazem nos furos dentes de porcos montezes, e ao pescoço uma grande enfiada, que dá varias voltas, de dentes de cotias e outros animalejos, e alguns d'elles cingem o corpo com varias voltas da mesma enfiada. Os que se denominam chefes trazem demais, como já referi, o penuacho e o collar de conchas. Muitos d'elles têm os peitos, ventre e braços pintados curiosamente de tinta preta. Os rapazes trazem os buxos dos braços apertados rigorosamente com uma cinta ou liga de mais de quatro dedos de largura, que pela continuação vem adelgaçar os braços n'aquelle lugar.

Todos os que vimos eram de mediana estatura, porém muito bem proporcionados.

Proseguimos a viagem ás 11 horas por entre innumeraveis ilhas, umas maiores e outras menores, ficando o rio com extraordinaria largura, formando nos differentes braços das ilhas umas correntezas e pequenas cachoeiras.

A's 4 1/2 da tarde encontrámos tres canôas de casca, em que vinham subindo 22 indios, os quaes tanto que perceberam a tropa pozeram-se em retirada com toda a força, e por mais que se chamou não quizeram chegar nem esperar, e passaram-se para o lado esquerdo, d'onde deram alguns gritos. Passámos n'esta tarde dois pequenos ribeiros ao lado direito, que é a margem que iamos seguindo; e da esquerda nada temos observado, pois que a muita largura do rio e multiplicidade de ilhas impossibilita poder-se ao mesmo tempo observar um e outro lado. A's 5 3/4 fizemos pouso em uma ilha. (19 dias de viagem)

Seguimos viagem no dia 7 pelas 6 da manhã, costeando sempre a margem oriental. A's 7 passámos um ribeirão, e ás 8 e 10 uma bahia. A's 9 avistámos ao norte uma pequena serra que logo passámos, um riacho de 10, ou 12 braças de largura. Pouco abaixo outro menor, e logo depois outro maior que os antecedentes, e a todos denominamos, Os Tres Irmãos. A's 12 chegámos á cabeceira de uma cachoeira, e examinando-se o canal se achou sufficiente para canõa grande, descarregada porém de meia carga: as menores vieram á sirga por um canal encostado á margem. A esta cachoeira chamámos das, Lages Grandes. Seguimos viagem ás 3 1/4. A's 4 3/4 passámos dois pequenos sangradouros, e logo abaixo um ribeiro grande. A's 5 3/4 fizemos pouso em uma grande ilha, e a denominámos com todas as que estão da barra do Jeruena para baixo, Ilhas do Archipelago. (20 dias de viagem.)

No dia 8 seguimos viagem ás 6 1/4, e 1/4 depois passámos um ribeirão grande, e depois entrámos a passar por muitas pedras altas, reductos e pequenas cachoeiras, que não impediam a viagem. A's 9 chegámos a uma mais caudalosa, mas com bom canal, e a denominámos das, Lages Pequenas. A's 10 1/2 passámos um ribeirão; ás 3 da tarde outro, ás 3 3/4 outro, e ás 4 1/2 outro.

Todas estas vertentes fluem na margem oriental, ou direita, que é a que viemos sempre seguindo. A's 5 1/2 fizemos pouso em uma ilha. (24 dias de viagem.)

No dia 9 partimos ás 5 3/4. A's 6 passámos um ribeirão, e pouco abaixo outro menor. A's 7 1/2 passámos um riacho de 12 ou 14 braças de largura, e o chamámos de, Santa Anna. Seguiram-se depois mais outros ribeiros menores com pouca distancia uns dos outros. A's 3 da tarde entrámos a passar algumas pequenas cachoeiras, correntezas e bo-

queirões. As 6 1/4 fizemos pouso em terra firme. (22 dias de viagem.)

Partimos no dia 10 ás 6 1/4 por causa de uma grossa cerração. Continuámos a navegar da mesma fórma como na tarde antecedente. A's 8 chegámos á duas cachoeiras com bons canaes. A's 9 chegámos a uma maior, em que foi preciso descarregarem-se as canóas de meia carga para passarem á sirga por um pequeno canal encostado á margem direita. A esta cachoeira chamámos de, S. Luiz. A's 11 seguimos viagem com mais amiudadas correntezas, boqueirões e pequenas cachoeiras, e assim continuou a navegação por toda a tarde, vindo o rio por entre pequenos montes, pelo que chamámos as referidas cachoeiras dos, Morrinhos. A's 5 chegamos a uma assaz grande, com canal largo e fundo, porém, muito furioso, com ondas e rebojos, e chamámos a esta cachoeira de, S. Germano da Bocaina. N'ella pousámos com as cargas e maior parte das canóas para baixo. (23 dias de viagem.)

No dia 11 pelas 7 da manhã seguimos viagem por entre boqueirões e rebojos, e logo ás 7 1/4 chegámos á confluencia de um rio de 30 braças pouco mais ou menos de boca, e o denominámos, Rio de S. João, o qual desagua na testa de dois grandes boqueirões, que formam uma cachoeira maior que todas as antecedentes. Para passal-a foi necessario descarregarem-se as canóas duas vezes, em duas distinctas ilhas ou montes, que estão no meio do rio, sendo a entrada por um canal á direita, e a sahida por outro á esquerda; ainda que depois se especulou que na terra firme do lado oriental tem bom descarregador, que comprehende ambos os boqueirões d'esta cachoeira, a que denominámos de, S. João da Barra. D'ella partimos pela 1 da tarde; ás 2 passámos duas pequenas cachoeiras com bons canaes, e algumas correntezas intermedias, e logo

depois chegámos á cabeceira d'outra assaz grande e caudalosa, com muitas ondas e rebojos, e foi necessario descarregarem-se inteiramente as canoas para passal-as, indo a maior por um canal encostado á margem direita, e os batelões por outro menor da esquerda, pelo qual tambem se observou que seria mais favoravel a subida d'esta cachoeira, a que chamámos de, S. Carlos. D'ella partimos ás 5 1/4, e logo abaixo avistámos um espesso nevoeiro que subia de um grande salto, cujos bramidos já de longe se faziam ouvir e temer. A's 5 1/2 embicámos na entrada do varadouro, que é na mesma margem oriental. Tem este salto 90 ou 100 palmos de altura, dividido em 2 degráos, e por ser este o passo mais notavel que temos encontrado, e nos persuadimos encontraremos n'esta navegação, com aceitação e applauso geral dos nossos companheiros, o denominámos, Salto Augusto, em reconhecimento e memoria do Illm. e Exm. Sr. João Carlos Augusto d'Oeynhausen Grevenburg, actual governador e capitão-general da capitania de Mato-Grosso, e nomeado para a do Pará, que tão poderosamente favoreceu esta expedição, para se especular e pôr em pratica esta, até agora quasi desconhecida navegação. (24 dias de viagem.)

No dia 12 se preparou o caminho, e é o mesmo por onde passaram o sargento-mór João de Sousa e o forriell Manoel Gomes, segundo diz este no seu *Roteiro* Tem o varadouro 366 braças, e quasi todo por bom terreno, mas da parte de baixo ao chegar ao rio tem um inevitavel monte muito ingreme, que faz ser a varação perigosa para os que descerem, e muito trabalhosa para os que subirem; e só com grande força de gente, e pouca pressa se conseguiria, com não pequeno trabalho abrir um caminho menos aspero, ou rasgando o mesmo que existe até fazê-lo mais commodo, ou abrindo outro em lugar mais praticavel, po-

rém em qualquer dos casos seria necessario em algumas partes arrebentar e arredar grandes penedos, e em outras fazer terraplano. (25 dias de viagem.)

No dia 13 se puzeram todas as cargas para baixo e se vararam os batelões; e a canôa grande ficou no cume da referida montanha. (26 dias de viagem.)

No dia 14 concluiu-se a varação ás 6 da tarde, com grandes desmanchos nos concertos antigos, e algumas novas quebraduras, damno que tambem tiveram as outras canôas. 27 dias de viagem.)

No dia 15 se concertaram as canôas desmanchadas, e ficaram promptas para seguir viagem. (28 dias de viagem.)

Partimos no dia 16 pelas 8 1/2 da manhã com boa navegação, tendo sempre em vista a serra que já os dias antecedentes vem acompanhando o rio, não só de um lado como de ambos, e a denominámos Serra Morena. A's 12 chegamos a uma cachoeira com bastante quéda, muitas ondas e rebojos, e foi necessario descarregarem-se as canôas do lado esquerdo, e a denominámos do Tucarizal. A's 3 seguimos viagem, e logo abaixo tornámos a parar para se concertarem dois batelões que faziam muita agua, e quasi se alagaram. Alli falhámos o resto do dia. (29 dias de viagem.)

Continuou-se a 17 o concerto das canôas, até ás 10 1/2 da manhã em que seguimos viagem. A's 12 chegámos a uma grande cachoeira que faz um furioso e temivel canal entre penedos com muitos rebojos e ondas, e a chamámos de Santa Eduviges das Furnas. Descarregaram-se as canôas na margem oriental: a grande desceu por um canal encostado ao mesmo lado, e os batelões por um menor do occidental, pelo qual se especulou que terá melhor subida. A's 3 1/2 seguimos viagem, e ás 5 passámos 3 cachoeiras

pouco distantes uma das outras. A's 5 3/4 fizemos em uma ilha. (30 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 18 ás 6 1/4 da manhã, passámos duas cachoeiras com bons canaes encostado lado direito. A's 6 e 35 passámos outra com canal pelo A's 7 chegámos a um lugar em que se acha o rio e de reductos de pedras e pequenas ilhas, e se divide canaes, os quaes depois de especulados se achou canôa grande só podia descer por um boqueirão seg do lado direito, e os batelões pelo esquerdo, pel dizem os pilotos ser mais praticavel a subida d'e choeira, que chamámos das Ondas Grandes. D'ella para está a serra encostada no lado occidental, e se divisam algumas pequenas campinas. A's 10 1/2 chegámos grande cachoeira em que foi preciso descarrega inteiramente as canôas, que vieram á sirga pelo di esquerdo, e só se puderam n'este dia passar 6, fic para cima da cachoeira, que denominámos de S. Evangelista.

Passaram-se no dia 19 os dois batelões que ficado para cima, e por um d'elles estar muito d telado, e não admittir mais concerto foi preciso d e fizemos adiantar sete pessoas para que abai cachoeiras grandes, que ainda tinham de passar f uma canôa que supprisse a falta da deixada. A's seguimos viagem e logo abaixo vai o rio por penhascos com alguns rebojos. A's 10 1/2 pass barra de um rebeirão grande, que desagua na t oriental. A's 11 chegámos a uma cachoeira po muitos reductos e pequenas ilhas: achou-se ur sufficiente para a canôa maior, que desceu carr sabiu felizmente, apezar das grandes ondas e reb menores vieram por entre ilhas por um canal e

ao lado direito. A esta cachoeira chamámos de S. Gabriel A's 2 da tarde seguimos viagem tendo em vista a Serra Morena, que alli parece atravessar o rio, e estando ainda no mesmo estirão da passada cachoeira chegámos á testa de outra ainda maior, dividido alli o rio por mil regatos, entre innumeraveis ilhas com perigosos saltos, quasi todos os braços, que ellas formavam. Depois de trabalhosas especulações achou-se um pequeno braço quasi ao lado oriental para n'elle se sirgarem as canôas, as quaes ficaram descarregadas no lado occidental onde pousámos. (32 dias de viagem.)

No dia 20 ás 10 da manhã, estiveram todas as canôas para baixo d'esta grande cachoeira que denominámos de S. Raphael. A's 10 1/2 seguimos viagem, e não tendo bem passado um quarto de hora, chegámos a outra temivel cachoeira com tres boqueirões ou saltos, com terriveis rebojos e grandes ondas. Quasi encostado ao lado direito, se achou um pequeno canal, pelo qual se passáram os batelões, e a canôa grande se aventurou por um canal que pareceu mais moderado entre os furiosos, que alli havia, e sahiu felizmente, bem que cheio d'agua, não obstante estar de todo descarregada. A esta cachoeira chamámos de Santa Iria das Tres Quédas. A's 4 da tarde estiveram canôas e cargas para baixo d'ella, e fizemos pouso na cabeceira de outra ainda mais terrivel, da qual pouco distava, a qual pelo muito declive, e estreiteza do boqueirão por onde passa todo o rio, faz um turbilhão horrivel, assaz comprido, que ameaça submergir qualquer canôa que quizer passar o canal. (33 dias de viagem.)

No dia 21 descarregaram-se as canôas no lado oriental, e passaram-n'as para o occidental para se especular, se por alli se poderia sirgar, e por se reconhecer depois ser a sirga impraticavel se assentou em abrir varadouro, que

n'este mesmo dia esteve prompto. A esta grande cachoeira chamámos de S. Ursula. (34 dias de viagem).

Deu-se principio á varação no dia 22, e por causa das chuvas e aspreza do caminho pouco se adiantou; e o mesmo aconteceu nos dias 23, 24 e 25, em que mal se pôde concluir, ficando a canôa grande muito maltratada, e o batelão maior totalmente inutil. (35 dias de viagem).

Partimos no dia 26 pelas 11 e 40 da manhã. Logo abaixo passámos um pequeno ribeirão que desagua na margem occidental. (36 dias de viagem).

A' 1 da tarde chegámos a uma cachoeira em que foi preciso descarregarem-se as canôas de meia carga, e passaram felizmente. A esta cachoeira chamámos da Misericordia. N'ella diz Manoel Gomes no seu *Roteiro* haver naufragado uma das suas canôas. A's 3 seguimos viagem, e $3/4$ depois chegámos a uma cachoeira de pouca quéda, porém bastante comprida com bom canal á esquerda; e pouco abaixo passámos outra com canal á direita. A's $4 1/4$ chegámos a uma assaz grande, com quéda alta furiosa, rebojos e ondas.

Embicámos no lado occidental, onde mostrou ter mais praticavel passagem, e alli fizemos pouso. (37 dias de viagem).

Passáram-se no dia 27 as cargas e canôas pelo lado esquerdo d'esta cachoeira, que chamámos de S. Florencio; ficando n'este dia tudo prompto para a parte de baixo. (38 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 28 ás 7 da manhã; ás 9 entrámos em uma comprida cachoeira de pouca quéda, mas com varios boqueirões e canaes, uns á direita, outros no meio, e outros á esquerda, e em todos muitas ondas e rebojos, e a chamámos do Labyrintho. A's 12 chegámos a um salto de 40 palmos pouco mais ou menos de altura, formado em

um lugar, em que se acha o rio apertado entre duas serras : embicou-se pela parte esquerda, e especulada a passagem, depois de trabalhosas indagações, se observou ser impraticavel a passagem, assim por agua como por terra, e por isso voltou-se a tomar pelo braço de uma ilha ao lado oriental. A este salto chamámos de S. Simão de Gibraltar. Este é um dos mais trabalhosos passos que temos encontrado n'esta viagem, pois que, não só não admite navegação, como nem ainda varação, por serem as margens formadas só de altos e descarnados penedos, com varias passagens, em que é preciso valer-se tambem das mãos para se não cahir. Depois de bem especulados todos os lugares, por onde se poderia passar, achou-se que encostado á ilha, em cujo braço estavam, se poderia formar um praticavel varadouro, abrindo-se o caminho por entre os penhascos, arredando-se uns, e igualando-se outros com estivas. (39 dias de viagem).

Preparou-se o varadouro no dia 29, e deu-se principio a varação, e só ficaram varados 3 batelões. (40 dias de viagem.)

Proseguiu-se no dia 30 a varação das mais canoas, e ficaram todas para a parte de baixo. Concertou-se no dia 31 a canoa grande, que ficou muito maltratada, e se foi varar uma nova, que pouco abaixo d'este salto tinham feito as 7 pessoas que se haviam adiantado para este fim, como fica referido. (41 dias de viagem).

Partimos no 1° de Novembro ás 9 1/2 da manhã em boa navegação; ás 11 chegámos a uma comprida cachoeira com varios boqueirões, ondas, e rebojos, mas sempre com bons canaes, sendo a entrada pelo lado occidental e sahida pelo oriental. A esta cachoeira chamámos de Todos os Santos. No fim d'ella flue do mesmo lado oriental um rio de 30, ou 35 braças de largura, fronteiro a uma grande praia, e a

chamamos rio de São Thomé. As 4 da tarde passá bocca de outro menor, que desagua do lado occidente chamámos de S. Martinho. As 5 3/4 fizemos pou uma ilha. (42 dias de viagem).

Seguiu-se viagem no dia 2 ás 5 1/4 com boa nave e fomos passando muitas ilhas, grandes praias, e pequenos montes do lado esquerdo. As 5 da tarde pas a confluencia de um riacho, que flue na margem dir o chamámos rio das Almas. Logo abaixo da foz v sertão até o rio uma ponta de serra. As 6 fizemos (43 dias de viagem).

Partimos no dia 3 ás 5 1/2 horas; ás 6 3/4 passé direita um ribeiro que flue defronte uma ilha e ductos de pedras; ás 8 chegámos a barra d'um granc a que Manoel Gomes no seu *Roteiro* chama de S. M. elle tem a mesma largura do Jeruena e a mesma dir Na ponta de terra que divide ambos os rios se ac padrão que alli pôz o dito Manoel Gomes. A confluenc dito rio é na margem oriental. Por cima d'ella em distancia fluem no Jeruena tres sangradouros. Est o mesmo a que os naturaes chamam Tapajoz, cujo conserva até desaguar no Amazonas, do qual é um do consideraveis braços. Proseguindo a viagem, encon ás 10 horas embicadas em uma ilha tres canoas de *Mundurucúz*, e alli se achavam 23 homens e 5 mulh tanto estas como aquelles totalmente nús. Embicou tropa onde elles estavam, e ficaram algum tanto so tados. Entre a sua confusa linguagem se percebiam a palavras do idioma geral dos indios, e significaram q davam á montaria e habitavam para cima d'aquelle e entendeu-se ser a sua morada no rio de S. Manoel, mais se pôde perceber.

Deu-se-lhes varios mimos, que acceitaram mui con

Elles tinham alguns trinchetes e facões pequenos; e as mulheres e crianças contas brancas e d'outras cores, que davam certeza de terem elles mais ou menos communicação com gente civilisada; porém em tudo o mais nos pareceram tão barbaros e ainda mais pobres que os *Apiacaz*, pois que até as suas rêdes eram de embiras, e nada tinham de algodão.

Os homens quasi todos têm a cara tinta de preto, e as mulheres pela maior parte tingem sómente parte do rosto, e todos elles têm as orelhas furadas superiormente. Pouco abaixo do lugar em que os encontrámos passámos no lado oriental uma grande praia, e no fim d'ella desagua um rio de 40 braças com pouca differença, bastantemente fundo, e corrente com a agua preta, que denotava virem de alguns pantanos. Na barra acharam-se páos cortados e armadores de rêde, pelo que o denominámos rio dos Bons Signaes. Continuámos a viagem por entre innumeraveis ilhas, e extensas praias. A's 6 da tarde fizemos pouso. (44 dias de viagem.)

Partimos no dia 4 ás 5 3/4 horas da manhã, tendo em vista altas montanhas d'um e d'outro lado do rio; ás 7 passámos uma correnteza, e ás 10 outra mais comprida, continuando o rio com extraordinaria largura: ás 5 da tarde chegámos ao fim d'um comprido estirão, e logo entrámos a passar correntezas e baixos de lagedos, e assim continuou por grande espaço. N'este lugar tem a serra do lado occidental algumas campinas, e defronte desagua na margem oriental um ribeiro caudaloso.

A's 6 1/4 fizemos pouso na testa d'uma cachoeira maior que as que temos passado na tarde antecedente. (45 dias de viagem.)

No dia 5 se especularam os canaes da referida cachoeira, e partimos ás 8 da manhã costeando os canaes encostados

ao lado direito, que eram bons, e por entre os braços d'algumas ilhas.

Em meio da cachoeira estava uma roça velha, e haveria um anno que os indios tinham alli plantado. A's 9 sahimos da sobredita cachoeira, e proseguimos com boa navegação até ás 3 da tarde, em que chegámos a uma cachoeira, com canaes muito baixos, e em parte se passou á sirga pelo braço d'uma ilha ao lado occidental, e defronte a mesma ilha flue um riacho. A's 4 chegámos a outra cachoeira, e por se não achar boa passagem para aquelle lado se passou para o occidental, e se desceram alguns cordões da referida cachoeira, e na cabeceira d'um mais caudaloso se fez pouso ás 4 $\frac{3}{4}$. N'este lugar assim como em outros varios que temos portado têm-se visto muitos ranchos velhos, páos cortados e outros vestigios que denotam haver alli frequencia de passageiros. (46 dias de viagem.)

No dia 6 se descarregaram as canôas e passaram a referida cachoeira. A's 8 horas da manhã seguimos viagem pelo braço d'uma ilha encostada á margem esquerda, e fomos passando muitos cordões, com os canaes bastantemente baixos, e em quasi todos era preciso irem as canôas á sirga, e assim continuou a navegação por entre correntezas e baixos. A's 11 chegámos a uma cachoeira mais caudalosa que as antecedentes, e para passal-a se tornaram a descarregar as canôas de meia carga. A estas ditas cachoeiras chamámos, Sem Canaes. Pela 1 da tarde seguimos viagem, indo o rio por entre serras e do mesmo modo aparcellido como antes. A's 5 ficou na sua costumada largura e com melhor navegação. A's 5 $\frac{1}{2}$ fizemos pouso á direita. (47 dias de viagem.)

Partimos no dia 7 ás 6 da manhã ; ás 10 passámos um sangradouro á esquerda, e ás 5 da tarde outro maior á di-

reita defronte de uma ilha: ás 6 fizemos pouso. (48 dias de viagem.)

No dia 8 seguimos viagem ás 5 da manhã com boa navegação ; ás 7 passámos um sangradouro do lado direito ; ás 10 entrámos a passar muitas pedras altas por todo o rio, e assim continuou um grande espaço, sem comtudo fazer correntezas. A's 5 da tarde fizemos pouso. (49 dias de viagem.)

Fizemos viagem no dia 9 ás 6 da manhã ; ás 7 1/2 entrámos em uma comprida cachoeira pouco alterosa. Depois seguimos viagem por entre ilhas e reductos de pedras com algumas correntezas e baixos, ás 6 fizemos pouso. (50 dias de viagem.)

Partimos no dia 10 ás 5 3/4, e logo entrámos em umas correntezas que em partes faziam pequenas cachoeiras. Das 8 em diante proseguimos com boa navegação até ás 5 1/4, em que fizemos pouso abaixo de um rio de 25 a 30 braças de largura, a que os naturaes chamam Crepori, e desagua na margem oriental, e por ella a dentro tem alojamentos de *Mundurucuz*. (51 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 11 ás 5 da manhã por entre ilhas, e o rio bastantemente aparcellado. A's 5 da tarde divisámos em cima da serra de um e outro lado do rio alguns campestres, defronte dos quaes fizemos pouso. (52 dias de viagem.)

Prosequimos no dia 12 ás 6 da manhã, e logo entrámos a passar muitas correntezas, baixos, e depois uma cachoeira com bom canal á esquerda ; ás 9 1/2 entrámos em outra mais comprida com innumeraveis boqueirões, ondas e rebojos, e assim foi continuando até ás 11 1/2.

A estas cachoeiras chamam os naturaes, das Mangabeiras. Prosequimos depois com boa navegação até ás 6 da tarde em que fizemos pouso. (53 dias de viagem.)

Fizemos viagem no dia 13 ás 6 1/4 ; logo abaixo chegámos a uma grande cachoeira na qual se acha um canal sufficiente para as canoas maiores encostado á margem oriental ; as pequenas vieram á sirga pelo mesmo lado. Esta cachoeira tem em meio um alto monte por detrás do qual passa um grande braço do rio. Os naturaes chamam-a Acaraitú , e nós a denominámos da Montanha. D'ella para baixo seguimos por entre algumas correntezas e rebojos. A's 10 chegámos a um lugar em que fica o rio assaz estreito, e tem uma cachoeira com canal largo e franco ao mesmo lado oriental. Os naturaes a chamam Urubutú, e nós a denominamos dos Feixos. Continuámos depois a viagem com boa navegação até ás 4 1/2 da tarde, em que fizemos pouso por causa dos ventos. (54 dias de viagem.)

Partimos no dia 14 ás 5 da manhã com boa navegação ; ás 8 passámos a barra de um caudaloso rio a que os naturaes chamam Jaguaim, e desaba na margem direita. A's 10 passámos duas pequenas cachoeiras com pouca distancia uma da outra. A's 2 da tarde entrámos em outras muito compridas com varios cordões, e alguns caudalosos boqueirões, e sempre se acharam bons canaes, e toda a tarde navegámos por uma continuada cachoeira, e fizemos pouso na testa d'outra, que indicava ser maior que as antecedentes. (55 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 15 ás 8 1/2 por causa de chuvas, logo passámos á canal um caudaloso cordão de cachoeiras, e pouco abaixo foi preciso descarregar e sirgar em outro maior. A's 3 da tarde partimos ; e por ser impraticavel a descida pelo lado esquerdo, que temos seguido, atravessámos para o direito por entre diversos cordões, e por cima de um assaz furioso, pousámos. A estas referidas cachoeiras chamam os naturaes, do Pacoval. Pouco abaixo d'ellas divide-se o rio por muitos braços entre montes,

formando em todos temiveis cachoeiras e saltos. (56 dias de viagem.)

No dia 16 logo de manhã se descarregaram as canoas, e passaram o canal por um estreito braço a que os naturaes chamam das Frecheiras. Seguindo viagem por um pequeno espaço por entre boqueirões e rebojos, logo foi preciso tornar a descarregar as canoas por se subdividir o rio por onde temos vindo em mil pequenos regatos; e para passarmos abriu-se um quasi secco, e em partes varando e em partes sirgando, estiveram no fim do dia por baixo todas as canoas, tendo logo em vista outras cachoeiras muito grandes e caudalosas. (57 dias de viagem.)

A 17 se carregaram as caudas e seguimos viagem ás 8 da manhã, por espaço de 6 minutos, e logo embicámos na testa da referida cachoeira, ou quasi salto. As canoas maiores vieram á sirga, e as menores se vararam por uma ponta de lage. A's 12 esteve tudo para baixo, e seguimos por entre boqueirões com ondas e rebojos. Pela 1 da tarde passámos outra cachoeira grande, mas com canal franco pelo lado occidental. A esta e ás duas antecedentes chamam os do paiz cachoeiras do Maranhão. Seguimos quasi uma hora por um estirão de rio morto, e depois chegámos a uma cachoeira assaz grande, mas com canaes largos e fundos, se bem que com muitas ondas e rebojos. Por cima d'ella escôa um riacho de mais de 20 braças de boca, a que chamam os naturaes Tracoá. E o mesmo nome tem a dita cachoeira. Logo abaixo d'ella se reúnem os diferentes braços de rio que se haviam separado por entre os montes, e fica na sua costumada e extraordinaria largura e com boa navegação. A's 5 1/2 fizemos pouso defronte de um sangradouro que flue na margem esquerda. (58 dias de viagem.)

Partimos no dia 18 ás 5 da manhã, e logo abaixo chegá-

mos a uma praia onde estavam de montaria alguns indios das povoações do Pará ; e um d'elles, que fallava soffrivelmente portuguez, noticiou-me a vizinhança em que já estava dos primeiros moradores, e por estarem já de viagem, de companhia comnosco seguiram para baixo, costeando o lado oriental. A's 10 encontrámos uma igarité grande que vinha subindo com muitos indios que não quizeram chegar á falla. A's 12 passámos a boca de um riacho, a que chamam Tapacorá, e desagua na margem direita. A's 5 da tarde passámos dois sitios quasi fronteiros de um e outro lado do rio, sendo o do oriental de indios *Mundurucuz*, e do occidental de *Magües*. A's 6 chegámos a um estabelecimento maior das mesmas nações, e por seu principal e director um homem branco *marzaganista* de nome José Antonio de Castilho, em cuja casa fizemos pouso. (59 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 19 ás 5 da manhã, e logo fomos encontrando varias canôas, e passando muitas situações, algumas de pessoas civilisadas, e a maior parte de indios. A's 6 fizemos pouso. (60 dias de viagem.)

Sahimos no dia 20 ás 2 da madrugada costeando sempre a margem oriental, e fui continuando a passar muitas situações de um e outro lado ; e na seguinte madrugada chegámos ao lugar de Aveiro, que tem vigario e juiz vintenario. Falhámos n'aquelle lugar no dia 21 por estar á espera de uma das canôas, que, tendo vindo pelo lado esquerdo, parou em Villa-Nova de Santa Cruz, que está quasi defronte a Aveiro, e por causa dos ventos não pôde passar o rio senão já alta noite. (61 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 22 ás 9 1/2 da manhã, e fizemos pouso ás 5 da tarde defronte da villa de S. José de Pinhol, a qual pela excessiva largura do rio se não divisa distinctamente. (62 dias de viagem.)

No dia 23 seguimos viagem ás 2 da madrugada. A's 11 da manhã passámos defronte a Villa-Boim. A's 3 fizemos pouso. (63 dias de viagem.)

Sahimos no dia 24 ás 3 da madrugada, e viajámos até ás 6 da tarde sem novidade. (64 dias de viagem.)

Partimos no dia 25 ás 4 1/2 da manhã. A's 3 da tarde chegámos á villa de Alter do Chão, situada ao lado direito em uma grande enseada. Alli parámos o resto do dia, e pousámos. Esta villa assim como as que já ficam nomeadas são pequenas povoações de 400 a 500 almas. As casas todas e as mesmas igrejas são cobertas de palha. Os moradores são pela maior parte indios, dos quaes mui poucos sabem a lingua portugueza, usando todos, e até as mesmas pessoas brancas que entre elles moram, do idioma a que chamam lingua geral. Defronte a esta villa do Alter do Chão está na margem occidental Villa-Franca, povoação de mais de 1,000 almas, e com moradores mais bem estabelecidos. (65 dias de viagem.)

Seguimos viagem no dia 26 ás 8 da manhã. A's 10 parámos por causa de uma grande tempestade, e proseguindo ás 3 da tarde fomos pousar nas vizinhanças da villa de Santarém, na qual aportámos ás 8 da manhã no dia 27. Esta villa é a maior do sertão, do qual é considerada como capital. N'ella tem muitos homens estabelecidos com bastante escravatura, que empregam na plantação do cacáo, principal genero de commercio da capitania. Ha tambem muitos negociantes, uns que estão arranchados com loja, e outros a que chamam volantes, que commerciam nas suas canoás, nas quaes andam continuamente gyrando de um para outro lugar. (66 dias de viagem.)

Partimos d'esta villa de Santarém para a cidade no dia 16 de Dezembro em duas igarités, por ser impraticavel a continuação da viagem nas canoás em que até alli tinha vindo.

Pouco abaixo d'esta villa, e ainda á vista d'ella, entra o corpulento rio Tapajoz no grande rio Amazonas, pelo qual proseguimos com muitas paradas por causa das tempestades. Ao norte d'elle desaba o rio Surubiú, e ao sul o do Coroa. 25 leguas de Santarém está ao norte a villa de Monte-Alegre, e abaixo d'ella desagua o rio Curupatuba, que dizem descer de uns dilatados pantanos, que se reputam pela longitude de mais de 80 leguas. Mais abaixo atravessámos a boca do rio Urubuquara, e pouco distante a do Mapaco. Pelo mesmo lado avistámos as elevadas serras do Parei, nas quaes conceberam os naturaes por antiquissimas tradições haver preciosos thesouros.

D'este sitio busca o Amazonas o oceano, e n'elle desemboca pelo cabo do Norte, introduzindo as suas aguas pela distancia de 40 leguas, sem mudança na doçura, segundo affirmam os nauticos. Apartada a nossa navegação do Amazonas, a continuámos pela banda do sul; e por um estreito que formam duas ilhas entrámos no volumoso rio Níngú ou Xingú, conforme dizem os naturaes.

Este rio é povoado de varios lugarejos, a que chamam villas de Souzel, Pombal, Porto de Moz, Villarinho, Carrazedo e outras.

Navegando um dia de viagem por elle abaixo chegámos a 23 á villa e registro de Santo Antonio do Gurupá, onde nos detivemos até o dia 27. (73 dias de viagem.)

Proseguindo pelo mesmo rio Xingú, a pouca distancia o largámos embocando o estreito de Tanagepurú, e d'este nos passámos ao de Paraitaes.

Ao sul da nossa navegação deixámos as villas de Arriolos, Portel, Melgaço, Oeiras e outras povoações. Atravessámos depois a Bahia de Maruarú, deixando ao norte a grande ilha de Joanes, que os nacionaes chamam Marajó.

Costeando depois um estreito do mesmo nome da no-

meada bahia, chegámos á grande e famosa chamada do Limoeiro, formada pela espaçosa boca do rio Tocantins, e igualmente a do Marapatá, que ambas felizmente atravessámos no dia 3 de Janeiro, e conduzindo-nos por um estreito, a que dão o nome de Igarapé-merim, entrámos no rio Majú, em cujas margens estão edificados muitos engenhos de fabricar assucar e aguas ardentes; e tendo navegado por elle meio-dia de viagem passámos a boca do rio Acarú, que escôa na margem direita, e pouco abaixo entraram ambos no Guamã, e na junção dos ditos tres rios se fórma a bahia da cidade de Belém do Grão Pará, onde chegámos ás 6 1/2 da tarde do dia 5 de Janeiro d'este corrente anno de 1813. (82 dias de viagem.)

REGRESSO

Partimos da cidade de Belém do Grão Pará no dia 8 de Março com 6 botes e 1 igarité.

A 11 atravessámos a bahia de Marapatá e a 12 a do Limoeiro.

A 25 chegámos á villa e registro do Gurupá, d'onde partimos a 31.

A 12 de Abril chegámos á villa de Santarém, onde nos detivemos por falta de equipagem até 12 de Maio.

A 13 chegámos á villa de Alter do Chão.

A 16 passámos Villa-Boim; a 18 Pinhol, e a 19 o lugar de Aveiro, e pousámos em Villa-Nova de Santa-Cruz.

A 23 passámos o lugar denominado Curi, habitação de indios *Mundurucuz*.

A 24 chegámos ao sitio d'um morador de nome Jeronymo João, onde parámos para fabricar algumas canôas que nos eram necessarias.

N'este lugar demorámo-nos até 16 de Julho.

A 19 partimos com 2 botes, 2 igarités grandes, 2 pequenas, 1 canôa grande, 2 batelões, 1 bote pequeno 2 canoinhas para montar, e n'ellas se embarcaram pessoas, sendo d'estas 72 de trabalho.

No dia 20 passámos pelo ultimo morador, José An de Castilho, e viemos pousar no sertão.

A 21 pequena viagem fizemos por parar a maior do dia para fabricar cordas de sirga, as quaes se acab de apromptar no dia 22.

A 23 proseguimos viagem, e passámos a barra d Tapacorá e viemos pousar por baixo da cachoeira Tracoá.

A 24 se passaram os primeiros cordões da dita cachoeira. Em meio d'ella naufragou uma das igarités, e foi ao fundo com toda a carga que trazia, das quaes poucas se aproveitaram.

A 25 se descarregaram as canôas de meia carga para passar o ultimo boqueirão. A's 2 horas da tarde segu d'esta cachoeira para cima, e viemos pousar por baixo do Maranhão. N'esta noite nos fugiram 8 indios.

A 26 descarregaram-se as canôas de meia carga, passaram algumas para cima.

A 27 se passaram as canôas que faltavam, e segu uma pequena viagem, e logo chegámos a outros cordões da mesma cachoeira em que tambem era preciso descarregar-se as canôas, ao que n'este dia não se pôde principio por causa de chuvas.

A 28 descarregaram-se 2 canôas, e se passaram para cima; a 29 se proseguiu na descarga e sirga das canôas, e se continuou no dia 30. N'este dia fugiram mais 3 indios por cuja causa nos vimos precisados a deixar n'aquelle lugar 2 botes com as cargas que traziam, pois que

falta de equipagem não podia continuar a viagem com elles.

A 31 se fez o rancho, em que tinham de ficar agazalhadas as cargas dos dois botes que deixavamos.

No dia 1° de Agosto se accomodaram as ditas cargas, e pelas 4 horas da tarde seguimos viagem por um curto espaço. No dia 2 logo de manhã chegámos a outros boqueirões, nos quaes se sirgaram as canoas, e fomos pousar na boca d'um pequeno braço, a que os nacionaes chamam do Apohi, pelo qual tinha de subir por ser mais favoravel, se bem que era preciso descarregarem-se as canoas de toda a carga.

No dia 3 se deu principio á descarga, e se continuou juntamente com a sirga das canoas nos dias 4 e 5.

No dia 6 pelas 4 horas da tarde estive tudo para cima, e fizemos uma pequena viagem até outra cachoeira, em que tambem era preciso descarregarem-se as canoas.

A 7 se passaram para cima cargas e canoas, e ficaram promptas e em termos de seguir viagem.

No dia 8 quando amanheceu, achou-se que tinham fugido todos os indios *Mundurucuz*, que vinham na trope com os seus respectivos capatazes, sendo ao todo 27 pessoas, pelo que nos foi forçoso fazer novo rancho para deixar todas as cargas que não podesse conduzir com a pouca gente que nos restava.

Na noite seguinte, que foi de 8 para 9, fugiram mais 7 pessoas, e ficámos reduzidos sómente a 30 pessoas de trabalho. N'aquelle lugar deixámos 2 igarités grandes e 1 bote pequeno, e 170 cargas de negocio.

No dia 10 se carregaram as canoas com que tinha de seguir viagem, e as seguimos no dia 11 com 1 canoa grande, 2 batelões, 2 igarités e 2 montarias, sendo a navegação por entre correntezas e baixos.

A 12 proseguimos da mesma fórma, e fomos pousar por baixo d'uma cachoeira alterosa, em que era preciso descarregar-se as canôas de meia carga.

A 13 pelo meio-dia estiveram para cima as canôas e cargas, e seguimos viagem ainda por baixos e correntezas.

A 14 continuou a navegação com o rio da mesma fórma aparcellido. A's 2 horas da tarde sahimos em rio morto, e assim proseguimos o resto do dia. Estas referidas cachoeiras são as que constam do Diario da descida, termos passado nos dias 14, 15, 16 e 17 de Novembro.

A 15 seguimos com boa navegação. A's 8 horas da manhã passámos a barra do rio Jaguaim, e seguimos até o fim do dia sem novidade.

A 16 continuámos da mesma fórma até ás 4 horas da tarde, em que parámos por causa d'uma furiosa tempestade.

No dia 17 logo de manhã chegámos á cachoeira dos Feixos, que a passámos, e fomos pousar debaixo da da Montanha, ambas notadas na descida no dia 13 de Novembro.

A 18 descarregaram as canôas de meia carga, e se passaram para cima da dita cachoeira.

A 19 pequena viagem fizemos por causa de um baixo que está logo na testa da dita cachoeira, e foi necessario alliviar-se as canôas maiores para passal-a, e se conduziram as cargas nas pequenas.

A 20 seguimos boa navegação, e pousámos por baixo da cachoeira das Mangabeiras, notadas a 12 de Novembro.

A 21 passaram-se alguns canaes das ditas cachoeiras. Em um d'elles que estava mais alteroso se descarregaram as canôas de meia carga. Do meio-dia para tarde não viajámos por causa de chuvas.

A 22 seguimos viagem por um pequeno espaço, e logo chegámos a um boqueirão, em que se descarregaram as canôas de meia carga, e o mesmo se praticou em o outro,

que estava logo acima, no qual se não poderam passar todas as canoas n'este dia, ficando duas para baixo.

A 23 pelas 8 da manhã se reuniram todas as canoas, e seguimos viagem por entre baixos e boqueirões. A's 3 da tarde chegámos a um mais furioso, em que foi preciso descarregarem-se as canoas, e só se puderam passar tres.

A 24 até ás 9 da manhã se concluiu a passagem das canoas que faltavam, e viajando um pequeno espaço logo chegámos a outro boqueirão, no qual tambem se descarregaram as canoas. A's 2 da tarde proseguimos por entre pequenas cachoeiras.

A 25 logo de manhã se passou o ultimo cordão das referidas cachoeiras das Mangabeiras; por cima d'elle flue um riacho, que na descida não observou-se, assim como outros mais, por estarem cobertos em uma ilha. Proseguimos depois a viagem com boa navegação até ás 3 da tarde, em que pousámos por causa de uma grande tempestade.

A 26 continuámos com boa navegação, e até o fim do dia sem novidade; e da mesma fórma no dia 27.

A 28 seguimos do mesmo modo. Ao mesmo dia passámos a barra do rio Creporé, notado na descida a 10 de Novembro.

A 29 seguimos com boa navegação. De tarde passámos alguns baixos e correntezas notadas no dito dia 10 de Novembro.

A 30 acabámos de passar os ditos baixos, e entrámos em outros notados no dia 9.

A 31 acabámos de passar as sobreditas correntezas. De tarde não podemos viajar por causa de uma grande tempestade.

No 1º de Setembro de manhã fugiram 2 camaradas, e mandando gente após, voltaram de tarde sem os ter alcançado. Fizemos no resto do dia uma pequena viagem.

A 2 proseguimos com boa navegação. A's 9 da manhã passámos a boca de um riacho grande e assaz corrente, dentro do qual tem alojamento de *Mundurucuz*.

A 3 seguimos do mesmo modo, e passámos mais dois riachos. A's 5 da tarde foi ao fundo uma das igarités com toda a carga por causa de um furioso encontro que deu em um carne, que a varou para dentro, e logo se encheu d'agua e foi a pique, ficando presa pela prôa.

No dia 4 falhámos para se tirar o que se pudesse da canôa naufragada, e só se aproveitaram as ferragens, e o mais tudo se perdeu.

A 5 seguimos viagem por todo o dia com boa navegação.

A 6 pelo meio-dia chegámos ás primeiras correntezas e pequenas cachoeiras notadas a 6 de Novembro, e de tarde passámos alguns cordões.

A 7 proseguimos por entre as ditas cachoeiras. A's 3 da tarde atravessámos o rio para o lado occidental, por ser mui difficil a passagem pelo oriental, que temos seguido desde que entrámos no sertão, e logo chegámos a um cordão mais caudaloso, em que se descarregaram as canôas de meia carga.

A 8 seguimos viagem por pequenos passos, e logo chegámos a outro cordão alto e furioso, em que tambem se descarregaram as canôas, e se gastou quasi todo o dia em passar cargas e canôas. A's 4 1/2 da tarde seguimos uma pequena viagem e logo chegámos a outro cordão igualmente caudaloso.

A 9 se descarregaram as canôas. E o mesmo aconteceu nos dias 10 e 11, e n'este viemos pousar no mesmo lugar, em que pousámos na descida no dia 5 de Novembro.

A 12 seguimos viagem ainda por entre cachoeiras, e tornámos a passar o rio para o lado oriental. Ao meio-dia

concluimos a passagem das cachoeiras sem canal, notadas no Diario da descida, na tarde do dia 3, e no dia 6 de Novembro. De tarde não se viajou por causa dos ventos.

A 13 de manhã chegámos á entrada das cachoeiras das Capoeiras. Passáram-se alguns cordões á sirga, e com assaz trabalho por estarem os canaes muito baixos.

A 14 proseguimos por entre as mesmas cachoeiras. De tarde não viajámos por causa de chuvas, que igualmente impediram todo o dia 15.

A 16 logo de manhã chegámos a um cordão mais furioso, no qual se descarregaram as canoas, e o mesmo aconteceu em outro pouco acima d'este, e se não pôde concluir a passagem d'elle n'este dia, e se continuou a 17 até ao meio-dia, em que se acabaram as cachoeiras das Capoeiras, que são as indicadas na descida na tarde do dia 4 e na manhã do dia 5 de Novembro.

A 18 proseguimos viagem com boa navegação, e ora por muitos baixos e cõrrentezas. A's 2 da tarde fomos alcançados por alguns indios *Munduruais* que vinham em uma pequena canoa, os quaes disseram que moravam do lado do occidente e perto do rio, e que no seu alojamento tinham farinha e outros legumes para venderem, pelo que nos resolvemos a mandar comprar alguns comestiveis, e parámos no mesmo lugar onde fomos alcançados.

A 19, estando de falha á espera da gente que tinha ido com os indios, veio uma furiosa tempestade, que em pouco espaço, e antes que podessemos acudir ás canoas, alagou um batelão, que foi ao fundo com toda a carga, perdendo-se o sal e mantimentos que n'elle vinham: e no acudir-se ás cargas quebraram-se frisqueiras e caixões de vinho, de vidros e de louça; e houve mais outros damnos inevitaveis em taes desastres.

A 20 por todo o dia não appareceu a nossa gente que tinha ido ao alojamento.

No dia 21, vendo tanta demora, mandámos algumas pessoas a saber se havia alguma novidade. De tarde chegaram com a maior parte dos que tinham ido, e referiram que os indios não moravam tão perto do rio como haviam dito, pois que o seu alojamento estava pelo menos 5 leguas pela terra dentro, e que tinham sido obsequiados com abundancia de legumes, e estavam apromptando farinha para trazerem.

A' espera d'elles se passou o dia 22, e chegaram a 23 já por tarde, e com effeito trouxeram 16 alqueires de farinha pouco mais ou menos, muitas bananas, carás e algum tabaco, que tudo comprámos por machados, fouces, cavadeiras, facas, tesouras, cuias, e outras miudezas, de que ficaram muito satisfeitos; e tanto que um principal e mais seis individuos se offereceram a acompanharnos, e trabalharem o que fosse preciso na viagem, e darmos-lhes em pagamento quatro machados e duas fouces ou cavadeiras a cada um. O bom comportamento que estes indios mostraram para conosco n'esta occasião, fez-nos mudar do conceito que a respeito d'elles tinhamos formado quando na descida os encontrámos, como fica referido, no dia 3 de Novembro.

A 24 se carregaram as canoas, que por causa das tempestades se haviam descarregado, e ficou tudo prompto.

A 25 ao tempo da sahida se achou falta em um camarada que tinha fugido. Mandou-se logo fazer diligencia por elle, mas não foi possivel achar-se, e por este motivo se fez viagem ás 11 horas, e proseguimos até ao fim do dia sem novidade.

A 26 amanheceu chovendo, e assim continuou até de tarde, em que fizemos uma pequena jornada.

A 27 logo de manhã passámos a barra do rio dos Bons Signaes, e de tarde a de S. Manoel de Tapajoz, notados no mesmo dia 3 de Novembro, e mais sangradouros adjacentes.

A 28 passámos pelo Jeruena, e pequena viagem fizemos por causa das chuvas. Passámos n'este dia a barra do rio das Almas, notado na descida a 2 de Novembro.

A 29 amanheceu chovendo, e assim continuou até ás 3 da tarde, em que fizemos uma pequena viagem.

A 30 seguimos até ás 11 da manhã, em que chegámos a uma praia na qual passámos o resto do dia para se lavar e enxugar o fato, que estava todo molhado das grandes chuvas antecedentes.

No 1º de Outubro seguimos por todo o dia sem novidade, e da mesma fórma no dia 2: na tarde d'este passámos a boca do rio de S. Martinho, notado no 1º de Novembro.

A 3 passámos ás 9 da manhã a barra do rio de S. Thomé, e entrámos na cachoeira de Todos os Santos, igualmente indicada no dito dia 1º de Novembro. Passáram-se as canoas á sirga, os primeiros cordões, e nos ultimos se descarregaram duas vezes, em cujo trabalho se empregou tambem o dia 4, em que tudo ficou para cima.

No dia 5 proseguimos com boa navegação até ás 11 da manhã, em que chegámos ao salto de S. Simão de Gibraltar, descripto na descida a 28 de Novembro. As muitas chuvas e tempestades que sobrevieram, occasionaram passarem-se as cargas e canoas com muita lentidão; e n'este trabalho se empregaram os dias 6, 7, 8, 9 e 10, em que ficaram para cima, porém com grandes desmanchos, em cujo reparo se gastou o dia 11, na tarde do qual se deu principio a carregar.

A 12 de manhã se concluiu o carregar das canoas, e partimos ás 9 A pouco espaço foi preciso tornar a descarregar de meia carga, por causa de uma pequena cachoeira, que

está no mesmo braço da ilha por onde viemos, e é cabeceira do dito salto. A's 11 $\frac{1}{2}$ seguimos d'ella para cima. A's 3 da tarde chegámos á cachoeira do Labyrintho, notada no mesmo dia 28 de Outubro. Passaram-se á sirga alguns cordões e em meio d'ella fizemos pouso.

A 13 se concluiu a passagem com navegação bastante trabalhosa, por estar o rio n'este lugar apertado entre serras, e consequentemente muito fundo e alcantilado. Das 10 até ás 2 da tarde não podemos viajar por causa das chuvas. A's 5 chegámos á cachoeira de S. Florencio, notada a 26 de Outubro.

A 14 se deu principio á descarga no mesmo lado occidental onde descarregámos na descida; mas a passagem das canôas se fez pelo oriental pelo braço de uma ilha. N'este trabalho se empregaram também os dias 15, e 16, com bastantes intervallos por causa das muitas chuvas.

No dia 17 seguimos d'esta cachoeira para cima, e passámos as compridas cachoeiras notadas no dito dia 26 de Outubro.

A 18 logo de manhã chegámos á cachoeira da Misericordia, notada no sobredito dia. Para passal-a descarregaram-se as canôas de meia carga no lado oriental, e por ser alli impraticavel a sirga, se passaram para o occidental onde se sirgaram. Pelas 2 da tarde seguimos viagem d'ella para cima com navegação muito trabalhosa, e viemos pouso ao pé da cachoeira de Santa Ursula (a qual os camaradas da equipagem denominaram Canal do Inferno, pelo seu horrivel turbilhão), descripta na descida do dia 20 de Outubro.

A 19 se especularam todos os lugares por onde se poderia passar, visto que por estar o rio mais caudaloso do que na descida, era impraticavel aproveitar-se o varadouro que então se abriu no lado occidental, e se assentou passar cargas e canôas pelo braço de uma ilha, que em partes ti-

nha alguma agua, se bem que a varação por aqui era assaz comprida e difficillima por causa dos escabrosos penhascos, pelos quaes era inevitavel passar-se. Na passagem d'esta grande cachoeira se occuparam os dias 20, 21, 22 e 23, e se concluiu tudo a 24, ficando as canoas carregadas e em termos de seguir viagem.

No dia 25 ás 6 da manhã chegámos á cachoeira de Santa Iria das Tres Quédas, notadas no mesmo dia 20 de Outubro. Descarregaram-se as canoas, e por estar o rio com alguma enchente se facilitou a passagem d'ellas por um canal collateral no braço de uma ilha quasi encostada á margem oriental. A's 6 da tarde esteve tudo para cima e se pousou já com as canoas carregadas, e em termos de seguir viagem.

Pelas 9 da manhã do dia 26 chegámos á cachoeira de S. Raphael descripta a 19 de Outubro. Descarregaram-se as canoas, e se passaram pelo mesmo canal da descida: n'este trabalho se empregou tambem o dia 27.

A 28 carregaram-se as canoas e seguimos viagem ás 10, e ás 11 chegámos á cachoeira de S. Gabriel, notada no dito dia 19 de Outubro. Por estarem muito alterosos os canaes do lado direito se passou para o esquerdo, onde se achou favoravel passagem, descarregando-se porém as canoas de meia carga. A's 3 da tarde seguimos viagem, e pousámos acima do ribeirão notado no sobredito dia 19.

A 29 pelas 8 da manhã chegámos á cachoeira de S. Lucas Evangelista, notada a 18 de Outubro. Deu-se principio á descarga com pouco adiantamento pela aspereza do caminho, e se concluiu no dia 30.

No dia 31 passaram-se as canoas e se carregaram. A's 3 da tarde fizemos viagem com boa navegação pelo resto do dia.

No 1° de Novembro continuámos a viagem, e logo che-

gámos á cachoeira das Ondas Grandes, notada no referido dia 18 de Outubro. Subiu-se por um canal collateral da margem occidental com as canôas á sirga, e ás 3 da tarde estiveram para cima, e pousámos por baixo das cachoeiras notadas na manhã do mesmo dia.

No dia 2 descarregaram-se as canôas de meia carga em 2 cordões das referidas cachoeiras: ao meio-dia estivemos acima d'ellas, e passando o rio para o lado do oriente proseguimos a viagem, e viemos pousar ao pé das cachoeiras notadas na tarde do dia 17 de Outubro.

A 3 se sirgaram as canôas, e pelas 9 da manhã seguimos viagem. A's 11 chegámos á cachoeira das Furnas, notada no dia 17 de Outubro, e se assentou passar pelo braço de uma ilha onde era mais favoravel, e alli se dividia a cachoeira em dois cordões, e em ambos se descarregaram as canôas, em cujo trabalho tambem se occupou o dia 4.

No dia 5 ás 8 da manhã esteve tudo prompto para seguir; mas sobreveiu uma grande tempestade que durou até ás 3 1/2 da tarde, e apenas podemos chegar á cachoeira do Tucarizal, notada a 16 de Outubro. A's 6 se descarregaram as canôas, e se sirgaram pelo lado oriental. A's 2 da tarde seguimos viagem pelo mesmo lado com boa navegação o resto do dia.

Amanheceu chovendo o dia 7, e assim continuou até ás 2 horas da tarde, em que partimos e chegámos ao Salto Augusto, descripto no Diario da descida a 11 de Outubro.

A 8 se descarregaram as canôas, depositando-se as cargas na testa do morro, e ao mesmo tempo se especularam todos os lugares por onde se poderia abrir um praticavel varadouro; e com effeito achou-se um que, supposto era mais comprido do que o antigo (pelo qual se reconheceu ser a varação de absoluta impossibilidade), comtudo offeria melh or commodidade.

Nos dias 9 e 10 se preparou o varadouro, e se fizeram moitões.

A 11 se deu principio á varação com muito vagar, já pela aspereza do caminho, já por causa das muitas chuvas, e finalmente por ser preciso fazerem-se cordas novas, visto terem-se arreventado os cabos que trazia, e a muito custo e maior trabalho se conseguiu lançarem-se ao rio da parte de cima do salto as tres canôas maiores no dia 15.

A 16 se vararam as canôas pequenas, e se deu principio á conducção das cargas, e ao concerto das canôas que sahiram maltratadas da varação.

N. B. Como este *Roteiro* foi enviado do Salto Augusto ao Illm. e Exm. Sr. general, pelo capitão Antonio Thomé de França, que ficou alli tratando do arranjo de sua viagem; continúa agora a viagem do capitão Miguel João de Castro, e de Joaquim Barbosa, conductores do mesmo *Roteiro*, por ordem do mesmo Exm. Sr., cujos conductores por se terem apartado do dito capitão Antonio Thomé sahiram d'este salto a 12 de Setembro do mesmo anno.

Aos 12 de ^{10 de Setembro} ~~Setembro~~ seguimos á esquerda; logo acima está uma cachoeira grande com bastante quéda; passa-se para a direita pelas muitas lages, quando vão acabando as ondas tem um bracinho que procura a terra pela parte direita; entra-se por detrás da ilha, e tem bom caminho para sirga a meia carga, e estando cheio passará carga inteira. Logo acima da cachoeira tem uma ilha, e depois duas cachoeiras pequenas; deve-se passar á esquerda, que tem melhor caminho para subir a carga inteira. Ao meio-dia chegámos a uma cachoeira que tem um travessão de pedras, com matas, que atravessa o rio; esta chama-se cachoeira da Barra do Rio de S. João, que flue na cabeceira da dita cachoeira, a qual tem dois boqueirões apertados com muita furia.

Descarrega-se á esquerda, e as canoas passam-se no boqueirão da direita, sirga de corda, encostado á esquerda; passando este primeiro boqueirão sahe um rio manso, e para cima está outro travessão de pedras, com ilhas de matas, que faz duas bocas com cachoeiras melhores, e no meio d'este travessão tem um pequeno bracinho, que dá boa sirga, e passando ás 2 carregam-se as canoas na barra do Rio de S. João, na qual gastámos dia e meio para abrir caminho, e arredando pedras no dito bracinho, que ficou dando bom caminho.

Aos 13 á esquerda, logo acima, está outra cachoeira; tem duas ilhas, tres boqueirões, toma-se pelo braço da esquerda acostado á terra, que descarrega-se em cima das pedras, e pousámos.

Aos 14 falhámos meio dia por causa das chuvas, passámos á sirga a meia carga; seguimos viagem á esquerda e por bom rio, e pousámos.

Aos 15 seguimos viagem, e á esquerda tem varias itaupavas, passa-se á esquerda; ás 9 horas chegámos a uma immensidade de pedras por todo o rio, e muitas ilhas; faz muitas cachoeiras e correntezas; entra-se pelo braço acostado á terra á esquerda, em todo o dia encontrámos muitas pedras, correntezas e itaupavas, cachoeiras, ilhas; sem fazer embaraço, porque deu bom caminho.

Aos 16 seguimos pelo mesmo lado, logo acima tem uma cachoeira, na qual passa-se á direita pelo meio do rio, tem um braço limpo sem cachoeira, passando a dita passa-se para a esquerda, por todo o dia se vê muitas difficuldades, mas não é causa de embaraço.

Aos 17 seguimos pelo mesmo lado, continuando o mesmo numero de pedras; do meio-dia para a tarde encontrei rio bom.

Aos 18 seguimos pelo mesmo lado: pouco acima está

uma cachoeira que dá bom caminho, e logo acima está um grande estirão que faz grande resacada á esquerda : toma-se pelo braço do estirão, que do outro dá muita volta, e do meio endireita.

Aos 19 seguimos pelo mesmo lado, bom rio : pouco acima avistei dois morretes redondos á direita, ao pé um do outro ; acima d'estes morros está uma cachoeira não pequena : passa-se á direita ao pé d'uma ilha, que não faz cachoeira, mas só correnteza, passando á esquerda, passa-se algumas itaupavas pequenas sem fazer embarços.

Aos 20 seguimos pelo mesmo lado ; ao meio-dia chegámos a uma cachoeira, que passámos á sirga, acostado a umas lages, porém boa sirga ; muitas ilhas.

Aos 21 seguimos pelo mesmo lado ; ás 9 horas passámos por tres barras umas ao pé d'outras, a do meio tinha um cerco feito pelo gentio para apanhar peixe, com covos. Temos encontrado muitos vestigios dos ditos indios *Apiacaz*, que pensamos ser morada d'elles, porque quando descêmos já n'este lugar os encontrámos em tres canoas, e fugiram de nós sem nos quererem fallar, deram gritos espantosos, e puxaram pelos remos : achámos um alojamento velho com capoeiras e esteio velho ; muitas itaupavas pelo rio sem fazer embarço.

Aos 22 seguimos pelo mesmo lado, não achámos cousa que nos embarace.

Aos 23 chegámos á barra do rio Jeruena, onde falhámos meio dia por causa do vento, e largura que faz na barra destes dois rios, levantando muitas ondas. Seguimos viagem pelo rio Arinos pelo lado esquerdo ; chegámos de tarde a cachoeira e pousámos.

Aos 24 descarregámos em cima das pedras do lado esquerdo, e é muito curto o descarregador, e passam-se as canoas da parte direita encostado á terra ; passámos a meia

cargá por entre pedras: o rio estando mais cheio pôde passar a carga inteira, e depois seguimos pelo lado direito: por cima d'esta está uma pequena cachoeira; passa-se pelo lado direito á vara, carregado, e logo acima está uma itaupava muito baixa; deve-se passar á esquerda na ilha do meio, que não tem impecilho: acima está outra que tem duas ilhas por cima, passa-se pelo meio, e por cima d'ellas passa-se á direita: logo acima estão tres, a do meio faz grande rebojo e bastante correnteza; passa-se á sirga com corda na prôa.

Aos 25 seguimos pelo mesmo lado; logo acima está uma grande ilha, e sóbe-se acostado a ella, deixando-a pelo lado direito: este rio vem do lado esquerdo e é abundante de peixe: temos encontrado muitos signaes de gentios, ranchos e flechas rodando, e portos d'elles: defronte d'esta barra, detrás de uma ilha, estão dois portos d'elles, em um dos quaes se achavam tres canôas: fizemos pouso.

Aos 26 seguimos por bom rio com algumas pedras sem fazer embaraço algum: ao meio-dia chegámos a um porto já deixado dos indios; fomos por elle, e chegámos ao alojamento, que mostrava ter sido muito grande pelos muitos esteios que existiam; eram casas grandes e muito altas, muitas capoeiras, e estava retirado do rio: em todo o dia encontrámos muitos vestigios d'elles: tem varias correntezas, mas o mesmo rio ensina, conforme as voltas que dá, o melhor caminho, que para baixo do lado esquerdo é melhor. A' tarde chegámos ao alojamento, onde Manoel Gomes foi atacado pelo gentio, os quaes se mudaram dois dias de viagem para cima.

Aos 27 seguimos na mesma fórma antecedente; ao meio dia chegámos ao districto do gentio *Apiacaz*, e por não chegar a noite, e ser preciso chegar muito perto d'elles, falhámos meio-dia em uma ilha que está por baixo d'uma itaupava.

Aos 28 seguimós, e logo acima, onde estão duas ilhas por baixo d'uma itaupava, da esquerda para cima, principiam os portos dos gentios: quem subir deve ir com grande cautela; ás 9 horas pouco mais ou menos chegámos ao grande alojamento d'elles, e avistámos uma canôa com tres indios, que sahiram da terra para o largo; mandámos tocar a bosina, e assim que nos viram remaram com força; d'ahi a pouco espaço acudiram tantos que cobriram aquellas pedras e barrancos, e começou um d'elles a dar horrendos gritos; fallava, mas não percebiamos: marchámos para elles, e elles embarcaram-se quatro, e vieram á canôa encontrar comnosco, e logo por acenos mandando-nos que fossemos para seu porto. Encontrámos com elles no meio do rio, e eram os que quando rodámos tinha-se-lhes dado umas ferramentas e uma bosina de chifre, e se lhes disse que quando voltassemos haviamos tocar outra como aquella, para que elles nos conhecessem, e viessem para se lhes dar muitas ferramentas; e por isso no encontro conheceram-nos, e trouxeram a bosina que se lhes tinha dado mostrando-a, e se lhes tornou a dar n'aquelle mesmo lugar, e tambem muitos machados, facas e fouces, e ficaram muito contentes, abraçaram-nos, e embarcaram nas nossas canôas, e deixando as suas amarra das em um páo, marcharam comnosco para o seu porto. Logo veio uma canôa com 18 indios a encontrar comnosco, e offertando-nos suas pannels de bebidas de caxeri bebemos todos, para os não descontentar; embicámos no porto d'elles sobre umas lagas, onde acudiram muitos a encontrar-nos, tirando-nos da canôa pelas mãos; alli deu-se-lhes muitas facas, facões, machados, fouces, missangas, e mais cousas e roupas: eram 500 almas mais ou menos; são homens capazes de pegar em suas flechas, e d'estes eram mais de 250, e depois d'isto um d'elles offertou-nos uma rede em sua casa: mos-

taram-nos as suas mulheres e filhos ; offertaram-nos seus legumes que alli tinham, carás, tagi, minduim, e de tudo se lhes aceitou um pouco, e demos missangas ás suas mulheres e filhas pequenas. As suas casas são muito grandes, altas e compridas, bem feitas, cercadas de páos de pachivar ; as portas são da casca de gatoba ; tinham muito mantimento, farinha de mandioca, milho, carás, tajaiz, feijão menduim, algodão, muitas redes do mesmo algodão, bem feitas com seus labores, muito fio já fiado, algumas redes em tear, e todos estes mantimentos deram aos camaradas ; deram muitos pennachos a todos os camaradas. Só chegamos a uma casa ; não fomos as outras, e só esta nos causou admiração ver que aquelles brutos, sem terem ferros, têm as suas casas tão bem feitas, e tanto mantimento ; suas casas muito limpas a roda, um grande terreiro carpido e limpo : as casas são de tacanissa coberta de palha de ubim : tem uma praça vazia limpa, sem cousa alguma, com portas nas duas pontas, além d'outras que tinha em roda : tinha de comprido trinta e tantos lanços : as vivendas d'elles são pelos lados, e tudo bem dividido : tanto trem tinha para baixo como para cima : os corpos dos que morrem são moquiados, e pendurados pelos caibros da mesma casa pelas suas rêdes ; é gente muito luzida, e entre elles ha alguns bem avançados em idade, onde estava uma muito velha que mostrava não ser bugra. Esta nação tem a boca preta ; alguns d'elles com a barriga pintada, e as orelhas furadas com grossos passois de flechas, enfeitados com pennas mettidas pelo nariz, e orelhas que tambem eram furadas, e com um páozinho atravessado no braço : são bugres muito agudos e cortezes ; suas canôas são de casca de jatubá ; os remos de taquara grossa partida.

Aqui falhámos meio-dia n'estas pretieas e amizades com elles.

Elles tinham o seu armamento mettido pelo mato ao pé do porto, e o despedirmo-nos d'elles abraçamos-os, e depois nos puzemos ao largo ; vimos então aquella multidão que alli se achava, e conhecemos o perigo em que estive-mos mettidos, entre aquelles barbaros que cobriam todo o barranco, e grandes lages de pedra, que podiam tomar conta das nossas canôas e do armamento ; porém foi Deus servido que nada succedeu. Seguimos viagem já sobre a tarde, e pouco acima fizemos alto para jantar ; a este tempo appareceram duas canôas cheias de gente, vinham n'ellas 38 com 22, que nos fez embarcar á pressa e seguir viagem, e logo passámos por outra cheia d'elles ; e como nos alcançavam parámos a esperar por elles, e vêr o que queriam : eram alguns que não estiveram juntos quando repartimos as ferramentas, e vinham pedir algumas, e por isso lhes demos foices. Outra canôa d'elles encontrou com estes, os quaes nos vieram avisar que subissemos á esquerda, porque n'aquella parte direita tinha uma nação de gentios, que costumavam a matar a porrete ; porém receando, que fosse n'elles alguma mangação, do que realmente conhecemos que nos quizessem dar de noite, e por isso nos davam borda certa para subir, despedimos a elles, e sendo muito tarde marchámos parte da noite, e fizemos pouso em uma Ilha para o lado direito, e não para o lado que elles disseram, com sentinellas toda a noite, e não houve novidade alguma. N'esta paragem tem sido boa a navegação.

A 29 seguimos viagem por entre muitas ilhas, pedras, correntezas, etc., e assim navegámos todo o dia, esta parte tomava todo o rio, porém por entre ellas dava bom caminho, e fizemos pouso em uma Ilha onde faz o rio quatro

bocas, duas que descem para baixo e duas que sóbem para cima. Sóbe-se á direita por um braço que faz muito rebojo, e o outro não dá passagem.

A 30 seguimos a outra paragem ; na mesma fôrma sóbe-se direito por um braço pequeno e manso, e logo se sahe em rio manso e limpo de pedras, e no fim do estirão tornam-se a ajuntar muitas pedras, e no meio d'ellas está uma cachoeira que tem uma ilha de pedras e de matos ; bem encostado á ilha do lado direito tem um vão entre as pedras, que dá uma boa passagem, da qual é bom o rio para cima: no fim do estirão está outra cachoeira com uma ilha para baixo ; sóbe-se pelo braço da esquerda encostado á terra onde está uma itaupava e uma ilha, e passa-se á esquerda, e ahí pousámos.

No 1º de Outubro seguimos viagem até o meio-dia ; passámos varias itaupavas e correntezas, porém bom caminho. Do meio-dia para a tarde marchamos por rio limpo, e os dois dias seguintes também seguimos viagem por bom rio; acima está uma resacada, e um ribeirão pelo mesmo lado, e de frente d'estes está um porto de gentio onde se acharam tres canôas varadas em terra ; julgámos serem de outra nação, porque as canôas estavam feitas por outro modo; mais acima está uma ilha grande no meio do rio, mais acima estão duas ilhas a par, e por isso faz o rio tres bocas : passámos dois corregos á direita, e n'este dia tem sido bom o rio, e fizemos pouso por baixo de uma grande ilha.

Aos 3 passámos uma ilha pequena no meio do rio ; mais acima passámos outra á esquerda, e alguns corregos pequenos de ambos os lados ; mais acima duas ilhas a par, e á direita a mais pequena, e mais por cima, e por baixo do mesmo lado direito, um ribeirão ; mais acima uma ilha encostada ao lado esquerdo ; mais acima um pequeno ri-

beiro á esquerda, e o rio muito favoravel, e pousámos em um estirão de um morro vermelho e desbarrameado.

Aos 4 seguimos viagem por bom rio, e passámos por quatro ribeiros de cada lado, e até á tarde foi o rio bom, e fizemos pouso em uma resacada á direita.

Aos 5 seguimos por bom rio; passámos por dois ribeiros um ao pé do outro; ao lado esquerdo defronte pouco acima está outro maior, bem corrente : ao lado direito mais acima está outro ; ao esquerdo outro, e outro mais acima pelo direito, onde estavam uns covos de gentios para apanhar peixe ; e no lado esquerdo estava outro ; e o rio muito bom onde pousámos, e observámos que do lado direito defronte estava um riacho.

Aos 6 falhámos por causa das chuvas, aos 7 logo acima achámos um ribeiro á esquerda com covo de gentio para apanhar peixe; acima do dito e á direita outro ; e depois outro tambem do mesmo lado, cercado de covos, onde estava muito fresco o trilho d'elles ; mais acima está uma ilha grande por baixo da qual tem uma pequena ilha; mais acima estão dois corregos á direita, e mais acima um dito á esquerda ; pousámos defronte ao outro grande, tambem á esquerda .

Aos 8 seguimos viagem, e passámos dois ribeiros á esquerda; mais acima está uma ilha que faz um braço á esquerda; acima um corrego á esquerda; acima pousámos ao pé de uma ilha de pedra, onde o rio é muito favoravel.

Aos 9 passamos uma ilha ; mais acima passamos um ribeirão á esquerda, outro á direita, e uma ilha, e outro que faz um pequeno braço á direita por cima de um sangradouro, e por baixo outra ilha comprida.

Aos 10 passámos um ribeirão á esquerda; uma ilha tambem á esquerda; um braço da mesma defronte de um ribeiro, outro dito á direita; ao meio-dia passámos outro di-

to á esquerda, uma ilha acostada á direita; e mais acima um ribeirão á esquerda, muito vasto, e rancho de gentio; poucos com páos cortados, facas e machados de pedra; e o rio muito favoravel. Nós vamos escrevendo os ribeiros, porque poderemos encontrar alguma cousa de novidade, que seja preciso notar desde a cidade para cá, para saber a altura em que vivamos por esta paragem, no qual já se vê muito cascalho pelo barranco do rio e pelos correços.

Aos 11 seguimos e logo acima passámos uma ilha, e um rio pequeno á esquerda, um ribeiro grande á direita; passámos mais dois correços grandes á esquerda: n'este dia temos encontrado muitos vestigios de gentios. Ao meio-dia passámos um correço á direita e uma ilha; passámos outra da direita com um pequeno braço á direita, encontrando algumas correntezas.

Aos 13 seguimos e encontrámos acima um ribeiro á esquerda, e outro acima á direita; mais acima uma cachoeira, e sóbe-se á esquerda: ao meio-dia passámos outro ribeiro á esquerda e algumas correntezas pequenas; ás 3 horas passámos o rio Sumidor, que vem do lado direito, o qual é muito corrente, e acima d'elle está uma ilha; mais acima uma itaupava; sóbe-se pelo lado esquerdo, e depois passámos outra ilha pequena e pousámos.

Aos 14 logo acima está uma ilha acostada á esquerda, e um pequeno braço que entra para o centro, pelo qual se sóbe por causa de umas correntezas: acima está outra ilha á direita; e acima uma grande resacada; sóbe-se pela esquerda; mais acima está uma ilha grande, sóbe-se á esquerda por causa dos baixos que tem; uma grande ilha que tem duas pequenas por cima; mais acima está um correço pequeno á esquerda; acima está uma pequena ilha, e os campos queimados de uma parte e outra pelo gentio; ás 4 horas passámos pelo arraial velho, e acima um correço pe-

queno á direita, e no fim do estirão tres ilhas juntas, duas grandes a par, e uma pequena no meio por cima das duas; n'este dia temos passado bastantes correntezas, porém sem fazer estorve algum, e fizemos pouso por cima d'estas ilhas.

Aos 15 passámos uma ilha e um corrego á esquerda, e depois dois correjos juntos, e duas ilhas que passámos ao meio-dia; chegámos a um ribeirão que defronte da barra tem uma ilha pequena; mais acima está outra, e mais acima mais duas ilhas e algumas itaupavas: n'este dia tem sido o rio favoravel, e fizemos pouso acima de uma correnteza comprida.

Aos 16 seguimos viagem, passámos um ribeiro grande á esquerda, muitas correntezas, baixios e pedregulhos, e mais duas ilhas, e algumas correntezas pequenas.

Aos 17 seguimos viagem, e passámos dois ribeiros á direita, dois grandes á esquerda; passámos varias correntezas e pedregulhos, sem empecilho algum.

Aos 18 seguimos viagem por bom rio; passámos por dois correjos á direita.

Aos 19 seguimos viagem por bom rio, e ao meio-dia chegámos á barra do Rio-Preto; entrando por elle chegámos no dia 20 ao porto aonde embarcámos quando descemos.

Aos 22 descarregámos.

Aos 23 marchámos para o arraial do Diamantino.

Aos 24 pelas 7 horas da manhã entramos pelo dito arraial.

Todos os senhores que quizerem frequentar esta navegação devem partir da villa de Santarém em principios de Maio, em razão de passar as cachoeiras e baixios da entrada com o rio ainda cheio, o passarão com suavidade, e para cima acharão o rio baixo, que é muito melhor. Este é o meu parecer.

RESUMO ANALYTICO

DOS LUGARES MAIS NOTAVEIS NOMEADOS NO DIARIO SUPRA, E CALCELO DE APPROXIMAÇÃO DA DISTANCIA QUE PENSAMOS TER DESDE O PORTO DE NOSSO EMBARQUE ATÉ A CIDADE DO PARÁ

Do porto do Rio-Preto, onde nos embarcámos, até a foz do mesmo no Arinos consideramos ter cinco leguas.

Da barra do Rio Preto no Arinos, até a confluencia do rio Sumidouro consideramos ter vinte e cinco leguas. Os lugares mais notaveis que existem n'este espaço são : o rio de S. José na margem oriental, e o porto do Arraial Velho das antigas minas de Santa Isabel no occidental.

Da foz do Sumidouro até a do Jeruena consideramos ter setenta leguas. São os lugares mais notaveis d'este intervallo: os rios de S. Cosme e Damião, de S. Wencesláo, de S. Miguel e de S. Francisco, na margem oriental; e os rios dos Pariciz, Sararé e Alegre, na occidental; as cachoeiras das Muitas Ilhas, Tres Irmãs, Escaramuça Grande, Recife Pequeno e Recife Graude; as ilhas de S. Sebastião e da Madeira; a serra dos indios *Apiacaz*, e o terreno onde elles habitam.

Da confluencia do rio Jeruena ao Salto Augusto consideramos ter quarenta leguas. São mais notaveis n'este espaço os rios Tres Irmãos, de Sant'Anna, S. Joaquim e de S. João, na margem oriental; os canaes das Lages Grandes, Lages Pequenas de S. Luiz, dos Morrinhos, de S. Germano, da Bocaina, de S. João da Barra e de S. Carlos, e as ilhas do Archipelago.

Do Salto Augusto ao de S. Simão de Gibraltar consideramos ter quinze leguas. N'este intervallo, em que o rio Jeruena corre sempre por entre a Serra Morena, estão as

grandes cachoeiras do Tucarizal, de Santa Eduvigis das Furnas, das Ondas Grandes, de S. Lucas Evangelista, de S. Gabriel, de S. Rafael, de Santa Iria, das Tres Quédas de Santa Ursula da Misericordia, de S. Florencio e do Labyrintho.

Do Salto de S. Simão de Gibraltar, á barra do rio Tapajoz consideramos ter vinte leguas. São os lugares mais notaveis n'este espaço a cachoeira de Todos os Santos, os rios de S. Thomé e das Almas no lado oriental, e de S. Martinho no occidental.

Da junção do rio Tapajoz aos primeiros moradores da capitania do Pará consideramos ter noventa e cinco leguas. São mais notaveis n'este intervallo os rios dos Bons Signaes, Creporé, Jaguai e Tapacorá na margem oriental, e o Tracoá na occidental.

As cachoeiras das Capoeiras, Cem Canaes, das Mangabeiras, da Montanha, dos Feixos, do Pacoval, das Freicheiras do Maranhão e do Tracoá. E' tambem digno de notar-se n'este espaço que, sendo n'elle o rio assaz corpulento, sejam as ditas cachoeiras, além de muito compridas, de canaes muito baixos, que incommodarão bastantemente a quem subir na estação das seccas com canóas cárregadas.

Dos ditos primeiros moradores á villa de Santarém contam elles sessenta e cinco leguas. N'este espaço estão o lugar de Aveiro e a villa de Alter do Chão, no lado oriental ; o lugar de Cori, Villa Nova de Santa Cruz, villa de Pinhel, Villa Boim e Villa Franca, no occidental.

Da villa de Santarém á cidade do Pará contam os nacionaes cento e cincoenta leguas. Os lugares mais notaveis n'este espaço já acima ficam indicados.

TOTAL DA NAVEGAÇÃO.

Este espaço de 485 leguas andámos em 114 dias, que tantos vão de 14 de Setembro de 1812 em que nos embarcámos a 5 de Janeiro de 1813 em que chegámos á cidade do Pará, a saber :

Dias de viagem	82
Dias de falha	32
	<hr/>
Confere	114

DOCUMENTOS

Sobre a colonia do Sacramento

(Copiados do Archivo Publico)

Cópia n. 10.— Ilm. e Ex. Sr. — 1. Foram presentes a Sua Magestade os officios de V. Ex. com data de 12 e 13 de Dezembro do anno proximo precedente de 1773, e todos os mais papeis que os acompanharam. D'elles consta achar-se o governador de Buenos-Ayres á testa de todas as forças, que pôde ajuntar ; ter já passado o Rio da Prata, para a parte da Colonia do Sacramento ; dirigindo-se em plena marcha para Montevidéo, e de lá para o Rio-Grande de S. Pedro ; e com a resolução, segundo todas as apparencias, de nos atacar n'aquelles importantissimos dominios d'esta corôa; depois de terem os officiaes castelhanos commettido nos mesmos dominios, e de continuarem a commetter n'elles as mais intoleraveis hostilidades ; respondendo, além d'isto, com a maior altivez e arrogancia, aos repetidos, incessantes e ao mesmo tempo inuteis protestos, que lhes temos feito ; os quaes, em lugar de conterem aquella soberba nação, só lhes têm servido de assumpto para os insultos e ultrajes, com que nos têm tratado e continuam a tratar.

2.— V. Ex. representa a consternação em que se acha, em taes circumstancias ; vendo os armazens d'essa capitania desprovidos ; as tropas d'essa guarnição faltas de gente ; o governador de S. Paulo sem dar execução ás ordens de Sua Magestade, relativas aos soccorros que o mesmo senhor lhe mandou ter promptos para passar ao Rio-Grande. E sendo emfim muito para receiar que, determinando-se os castelhanos a atacarem á cara descoberta o dito Rio-Grande, com o seu general á testa, se tenha disposto na Europa alguma esquadra para atacar ao mesmo tempo essa capital.

3.—Nos mesmos officios refere V. Ex. que, á vista de tão evidente risco e conhecido aperto, tomára a resolução de mandar pôr prompto o resto do regimento, de que já havia quatro companhias em S. Paulo; que da mesma sorte mandára augmentar de quarenta homens, cada uma das duas companhias de cavallaria da guarda do vice-rei ficando ambas de cem homens; e que déra o commandamento d'este esquadrão ao seu ajudante de ordens Gaspar José de Mattos, conferindo-lhe a graduação de sargento-mór por commissão, durante o serviço a que era destinado.

4.—Que além d'isto tinha V. Ex. mandado formar um corpo de officiaes, officiaes inferiores, e soldados voluntarios, que se offerecessem dos regimentos d'essa guarnição; e que nomeára ao tenente-coronel Sebastião José da Veiga Cabral para passar com o referido soccorro ao Rio-Grande; conferindo-lhe V. Ex. a graduação de coronel, tambem por commissão, d'urante o mencionado serviço.

5.—Que, achando-se V. Ex. sem meios para as despesas d'estes preparos e expedição d'elles, que não admittem demora, estava na resolução, não havendo outro remedio, de se valer do rendimento do subsidio voluntario.

6.—Propõe V. Ex. ultimamente: que, sendo esta occasião de tanto risco, e de tanta importancia, e devendo confiar-se a um official de distincto merecimento, e de conhecida experiencia, lhe lembrava mandar a ella o tenente-general João Henrique de Bohm; não se determinando, porém, fazêl-o sem ordem d'el-rei nosso senhor.

7.—Isto é em substancia tudo o que contém os officios de V. Ex., a que seja preciso dar prompta resposta: deixando as outras particularidades, que n'elles se encontram, para occasião mais opportuna; e que inste menos brevidade que a presente.

8.—Quanto ao receio, em que V. Ex. se acha, de poder

ser atacado por uma esquadra castelhana, que se mande da Europa a essa capital, devo dizer a V. Ex. que, ainda que seja um principio in lubitavel, e uma maxima demonstrativamente certa, que nenhuma sorte de inimigos se deve desprezar, e que até com os mesmos que parecem menos formidaveis, e menos perigosos, é não só prudente, mas indispensavelmente necessario tomar as possiveis cautelas e prevenções ; não é com tudo menos certo, nem menos indubitavel, que no conceito de todas as nações da Europa, é a castelhana a que póde causar menos, ou nenhum cuidado ; e que entre todas as ditas nações é só a portugueza, ou para melhor dizer uma parte dos individuos d'ella, a quem a dita nação castelhana póde causar susto ; por não se saber distinguir até agora entre nós as vãs apparencias, as ostentações vaidosas, os termos pomposos, e as hyperboles do real e effectivo poder d'aquella nação.

9.—N'esta intelligencia é preciso que V. Ex. considere, que uma esquadra armada na Europa com sufficientes forças para atacarem essa capital, é objecto, que nem a côrte de Madrid póde, nem jámais se ha de atrever a emprehender por si só. E n'esta certeza (emquanto d'esta côrte não tiver V. Ex. avisos em contrario) sirva-lhe de regra, para poder fazer mais livremente as suas disposições, o que já lhe referi de ordem de Sua Magestade n^o § 5^o da carta que lhe dirigi com data de 20 de Novembro de 1772, concebida nos termos seguintes :

10. — « N'esta intelligencia, e á vista da desconfiança que
« V. Ex. refere de ser atacada no dito Rio-Grande, o que
« unicamente lhe resta a fazer é preparar-se para a defenza :
« tendo a certeza de que achando-se esta côrte em perfeita
« intelligencia com a de Londres, e não tendo cousa alguma
« que receiar da de Versalhes, a unica nação que presen-
« temente o póde inquietar é a castelhana ; e este (bem

« considerada a sua situação e circumstancias) em nenhuma
« outra parte, que nos dê cuidado, senão no Rio-Grande
« de S. Pedro e seus districtos. »

11.—Tambem V. Ex. deve ter por principio indubitavel, que o motivo porque a mesma nação nos tem sido tão incommoda, tão pesada, e tão fatal n'aquelles dominios portuguezes, não é por conta das suas forças, nem do seu poder, mas por causa da nossa frouxidão, da nossa pusillaniedade, e do servil abatimento com que sempre soffremos as suas arrogancias e os seus insultos; e igualmente por não termos tomado com anticipação as medidas necessarias, proprias e efficazes para lhes resistir.

12.—Fundado n'estes principios, logo que chegou a esta côrte a carta de V. Ex. com data de 5 de Maio de 1772, que começa pelas palavras—O governador e capitão general—, na qual V. Ex. referia o receio em que ficava de ser atacado, e as disposições militares que tinha feito: houve Sua Magestade por bem approval-as todas, accrescentando a ellas as mais, que constam da sobredita carta de 20 de Novembro.

13.—Presentemente approva o mesmo senhor as que constam dos §§ 3º e 4º, acima referidos; e igualmente que V. Ex. se sirva do subsidio para as despezas de todos estes serviços.

14.—Ao governador e capitão general da capitania de S. Paulo, e ao brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, houve Sua Magestade por bem que eu escrevesse as duas cartas de officio, de que ajunto aqui as cópias, para que V. Ex. fique entendendo quaes são as ordens ulteriores, que o mesmo senhor mandou dirigir áquella capitania, com as quaes cesariam as duvidas e contestações, que alli se têm suscitado, relativas aos soccorros com que ella deve assistir a Viamão e Rio-Grande.

15.—A' vista d'estas disposições militares constaráo as

forças d'aquelles dominios, pertencentes ao proprio paiz de um regimento de dragões, que no seu estado completo monta em quatrocentos cavallo; de quatro companhias de tropa ligeira auxiliar, de cincoenta homens cada uma, duas de pé e duas de cavallo, fazendo as quatro duzentos homens; e de quatrocentos homens de infantaria, com exercicio de artilheria: montando estas forças pertencentes ao proprio paiz de Viamão e Rio-Grande de S. Pedro, segundo as relações de V. Ex., em mil homens de cavallaria e quinhentos de infantaria. Por todos mil e quinhentos homens.

16. — Os soccorros com que aquelles dominios portuguezes devem ser auxiliados segundo as mesmas relações, e as ordens ulteriores, que se expedem a S. Paulo, consistirão: em um regimento de infantaria da guarnição d'essa capital, de que já se acham quatro companhias em S. Paulo e tres no Rio-Grande. Montando o dito regimento completo em setecentos e treze homens; em duas companhias de cavallaria da guarda de V. Ex. augmentadas de quarenta homens, montando ambas em cem homens; em uma companhia de artilheria do Rio de Janeiro e tres de infantaria de Santa-Catharina, montando as quatro em quatrocentos homens; em sete companhias da praça de Santos, de cincoenta homens cada uma, e montando todas em trezentos e cincoenta; em duas divisões de paulistas, aventureiros e caçadores, metade de pé e metade de cavallo, montando ambas em mil homens; e todos os sobreditos soccorros em mil novecentos e setenta e tres homens de pé e seiscentos de cavallaria, os quaes juntos á tropa nacional de Viamão e Rio-Grande fazem dois mil quatrocentos e sessenta e tres homens de pé, o mil e seiscentos de cavallo; e ambos quatro mil e sessenta e tres combatentes.

17. — Para que estas forças sejam formidaveis, e ponham em perfeita tranquillidade e segurança, não só a parte meri-

dional da America Portuguesa, mais essa capital e todo o Brasil, é preciso dar-lhes um chefe ; e este ordena Sua Magestade que seja o tenente general João Henrique de Bohm, o qual deve passar logo a Viamão para examinar e reconhecer todos aquelles districtos; e depois de ver e observar n'elles os lugares, postos e passagens mais importantes; escolher um sitio vantajoso e forte, em que possa unir as sobreditas forças ; formando d'ellas um pú de exercito, e ensinando-as a se formarem em batalha, e a todos os outros movimentos e manobras da guerra : dirigindo d'alli os postos avançados e todo o mais serviço militar, que se deve praticar n'aquelles districtos; observando os movimentos dos castelhanos ; e vendo, se com a presença das nossas tropas se abstêm de commetter as hostilidades, que até agora têm praticado.

18.—No caso de as continuarem ou de fazerem disposições, por onde se veja que persistem na resolução de nos atacar ; e depois de exauridos todos os meios suaves de novos e repetidos protestos ; e depois de desenganado o dito general, de que elles não produzem algum effeito : em tal caso, não havendo outro recurso mais que o da força, e consistindo n'ella a natural defesa de um injusto aggressor, procurará o mesmo general de prevenir o seu inimigo, atacando-o por toda a parte onde o encontrar, e fazendo as possiveis diligencias pelo desbaratar e destruir.

19.—De sorte que, antes de se recorrer ao extremo remedio das armas, é indispensavelmente necessario buscar aquelles meios suaves que a prudencia e a moderação inspira, para que os castelhanos desistam dos seus insuportaveis procedimentos e injustas pretenções ; mas se aquella soberba, vaidosa, e de nenhuma sorte reductavel nação persistir n'ellas ao ponto de nos vermos na forçosa necessidade de tirar a espada, é preciso que ella não volte á bainha, emquanto houver castelhanos nos districtos d'aquella fronteira.

E se a Providencia abençoar a justiça da nossa causa, com um golpe decisivo, poderemos levar as nossas armas victoriosas até á margem septentrional do Rio da Prata e Colonia do Sacramento.

20.—Para acompanhar o sobredito general são indispensavelmente necessarios pelo menos dois engenheiros, e um d'elles deve ser o brigadeiro Funtts, que tem grande conhecimento do trabalho de reductos, de retranchamentos, e de outras obras, com que em rasa campanha se fortificam as tropas nos seus acampamentos, ou nos portos e passos importantes, que é preciso guardar e defender.

21.—Além d'este serviço, é preciso que o dito brigadeiro, logo que chegar áquelles districtos, passe á fortaleza do norte do Rio-Grande, e tire uma planta d'olla, com todas as explicações da sua força e do estado em que se acha ; indicando na mesma as obras de que poderá precisar, com um orçamento da sua importancia.

22.—Que ao mesmo tempo faça outra planta de uma nova fortificação accommodada á capacidade do terreno, e á defesa do porto, com o orçamento do seu custo : e logo que as ditas plantas estiverem concluidas, V. Ex. as remetterá a esta secretaria d'Estado, para serem presentes a Sua Magestade.

23.—Em nenhum caso deve V. Ex. permitir, nem tolerar que os castelhanos nos fechem a entrada d'aquelle porto, nem que visitem n'elle as embarcações portuguezas, ou embarquem a sua livre navegação ; mandando V. Ex. guarnecê-lo com um sufficiente numero de peças de artilheria de grosso calibre, para proteger as ditas embarcações, e repellir a força com a força ; usando além d'isto de represalias e de todos os mais expedientes, que alli se praticarem contra elles.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, 22 de Abril de 1774.—*Martinho de Mello e Castro*.—Sr. Marquez do Lavradio.

Cópia, pertence ao officio acima n. 10. — Foram presentes a Sua Magestade as relações de V. S. com datas de 3 e 4 de Dezembro de 1772 em respostas das cartas que lhe dirigi com data do 1º de Outubro de 1771. E igualmente viu o mesmo senhor as outras relações de V. S. com data de 14 de Abril de 1773; e o papel intitulado *Notas*, em resposta da carta, que tambem lhe escrevi com data de 20 de Novembro de 1772. E reservando para outra occasião dizer a V. S. o juizo que aqui se fez sobre os extensissimos, dispendiosos e impraticaveis serviços de que tratam as ditas relações, lhe vou tão sómente participar as positivas ordens de Sua Magestade que V. S. achará no papel junto assignado da minha letra.

Deos Guarde a V. S. — Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 21 de Abril de 1774. — *Martinho de Mello e Castro.* — Sr. D. Luiz Antonio de Sousa Bothelho Mourão.

Cópia, pertence ao mesmo officio n. 10. — 1. — Em primeiro lugar reprova Sua Magestade o projecto de se intentar a defesa de Viamão, e do Rio-Grande de S. Pedro, por meio de uma poderosa diversão feita aos castelhanos pelo sertão de Iguatemy: e n'esta intelligencia prohibe o mesmo senhor a V. S. de mandar áquelle sertão tropas regulares, nem outras forças que não sejam as que vão determinadas na carta, que acabo de escrever ao brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, de que abaixo se fará menção.

2. — Em segundo lugar defende Sua Magestade a V. S. de mandar executar cousa alguma, das que se acham comprehendidas e dispostas no papel intitulado — *Plano* — e nos que vem juntos a elle, um intitulado — *Introdução Prévia* — assignado por V. S., outro marcado com a letra *C* assignado pelo dito brigadeiro José Custodio de Sá e Faria: tendo V. S. entendido que a nenhum dos estabelecimentos, ou serviços projectados nos ditos papeis, se deve dar principio, nem fazer para elles alguma disposição; ainda que pareça

util, sem precederem ordens expressas e positivas do mesmo senhor.

3.—Em terceiro lugar : ordena Sua Magestade que V. S. não prosiga nas expedições, e descobrimentos dos sertões do Ivay e Tibagy, sem mandar provavelmente a esta secretaria d'Estado relações exactas da despeza que faz cada uma das ditas expedições, e o numero de gente que se occupa em cada uma d'ellas. E sem que V. S. mande tirar as mais exactas e rigorosas informações do comportamento dos descobridores com os indios; e se n'estas entradas se têm observado religiosamente as leis e ordens de Sua Magestade relativas ao systema de humanidade, brandura e mansidão, com que os mesmos indios devem ser tratados. Remettendo V. S. igualmente as ditas informações a esta secretaria d'Estado, para o mesmo senhor resolver sobre ellas o que fór servido ; sem que V. S. disponha, ou adiante mais cousa a respeito dos ditos descobrimentos, emquanto não receber as reaes ordens para os proseguir.

4.—Em quarto lugar : que V. S. não promova, nem disponha, nem intente por agora outro algum serviço n'essa capitania, que não seja : primeiro, o da conservação do dominio, e posse, em que nos achamos no districto e sertão de Iguatemy ; segundo, o dos soccorros para Viamão e Rio-Grande de S. Pedro, regulando-se em um e outro serviço na fórma seguinte :

5.—Quanto á conservação do districto, e sertão do Iguatemy : que V. S. mande vir á sua presença o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, e lhe estranhe no real nome de Sua Magestade o seu reprovado comportamento, em se dilatar até o presente n'essa capital contra as expressas e positivas ordens do mesmo senhor : fazendo-o V. S. partir immediatamente para o lugar do seu destino, e que n'elle execute o que se lhe determina na carta que acabo de lhe escrever,

de que junto aqui a cópia ; e igualmente o que referi a V. S. nos paragraphos accusados na mesma carta : fazendo o dito José Custodio relações exactas de todas as suas observações e disposições, no referido sitio ; as quaes V. S. mandará a esta secretaria d'Estado, nos proprios originaes, para serem presentes a Sua Magestade, e para o mesmo senhor resolver sobre ellas o que fór mais conforme ao seu real serviço.

6.—Quanto aos soccorros para Viamão, e Rio-Grande de S. Pedro: pareceram a el-rei nosso senhor muito justas as reflexões de V. S. sobre os inconvenientes de se mandarem marchar dois, ou tres regimentos de auxiliares para fóra d'essa capitania, visto serem os ditos regimentos na maior parte formados das principaes cabeças das familias, e de homens casados e estabelecidos : sendo certo que esta qualidade de tropa só é boa e util para se empregar no proprio paiz, guarnecendo os postos e lugares d'elle, onde não só defendem os mesmos postos e lugares, mas tambem as suas casas e familias, que é o maior estimulo, para se comportarem como devem: e n'esta consideração ordena Sua Magestade que os referidos corpos sejam unicamente destinados a este serviço.

7.—Para os soccorros, que hão de passar a Viamão e Rio-Grande de S. Pedro, é o mesmo senhor servido : Que V. S. mande recrutar, completar e juntar as sete companhias de infantaria da praça de Santos ; supprindo com auxiliares os postos que se acharem guarnecidos com destacamentos da dita infantaria.

8.—Que estas companhias assim juntas e completas vão tomar o seu quartel no mesmo sitio em que se achar o corpo de tropa da guarnição do Rio de Janeiro ; e que depois de se vestirem e armarem, com os uniformes e armamento, que até agora não tinham, e que já se remetteram a essa capitania com este mesmo fim, sejam as referidas companhias

exercitadas e disciplinadas pelos officiaes do mencionado corpo da guarnição do Rio de Janeiro ; e que este e aquellas se mandem prover de todo o necessario, e se ponham promptas para passarem a Viamão ou ao Rio-Grande, logo que forem requeridas pelo commandante em chefe d'aquelles districtos.

9.— Além da sobredita tropa regular, sendo presentes a el-rei nosso senhor as relações que V. S. remetteu a esta secretaria d'Estado com data de 9 de Dezembro de 1772, do numero de habitantes d'essa capitania; e vendo-se n'ellas que a classe dos homens livres monta em trinta e seis mil e seiscentos e oitenta e seis ; e que a dos escravos monta em vinte e um mil novecentos noventa e dois, fazendo ambas o numero de cincoenta e oito mil seiscentos setenta e oito homens, sem contar mulheres livres e escravas. Entendendo Sua Magestade que, sem algum inconveniente nem prejuizo da cultura ou das familias, se podem tirar da primeira classe mil homens de armas, fortes e robustos, metade de pé e metade de cavallo, que seja o maior numero d'elles que fôr possível.

10.— Estes mil homens se dividirão em dois corpos iguaes; um que se deve immediatamente pôr prompto, armado, e provido de todo o necessario, para tambem marchar a Viamão ou ao Rio-Grande de S. Pedro, logo que fôr requerido pelo commandante em chefe d'aquelles districtos ; outro que deve estar alistado de sorte que se possa ajuntar no preciso termo de oito dias, o mais tarde, tomando-se de antemão as providencias necessarias para que tambem este corpo marche logo que fôr requerido na fórma acima indicada.

11.— E' indispensavelmente necessario, que para os referidos dois corpos escolha V. S. entre os paulistas alguns moços mais desembaraçados, das familias mais distinctas, e de conhecida fidelidade, dando a cada um o commanda-

mento de cento e cincoenta ou duzentos homens ; que-elles escolham, por esta vez sómente, os seus officiaes, e que se encarreguem igualmente da da tropa, que quizerem ou poderem levantar ; supprindo V. S. com recrutas a gente que lhes faltar para o referido numero.

12.— Os ditos mil homens de pé e de cavallo devem ser armados na fórma que elles mesmos quizerem, segundo o seu uso e costume, deixando-lhes igualmente livre a fórma e methodo particular que têm de fazer a guerra de surpresas, de emboscadas e incursões no paiz inimigo ; assegurando-lhes V. S., no real nome de Sua Magestade, que tudo quanto pilbarem no dito paiz inimigo será seu ; que ainda as armas lhes serão compradas pelo seu justo valor ; e que pelos trophéos que tambem tomarem se lhes darão compensações proporcionadas á qualidade d'elles ; além dos premios com que serão remuneradas as empresas difficeis e a intrepidez dos que mais se distinguirem n'ellas. •

13.— Este corpo, porém, para se tirar d'elle toda a vantagem do seu mesmo methodo e uso de combater, precisa ter alguma luz das principaes manobras com que as tropas irregulares se fazem redutaveis aos inimigos, assim em dia de acção, como na pequena guerra ; e tendo o marquez de Lavradio exercitado as duas companhias da sua guarda a esta qualidade de serviço, e achando-se no Rio de Janeiro o tenente-general João Henrique de Bohm, que conhece perfeitamente, assim pela sciencia como pela pratica de muitos annos de viva guerra, todo o partido que se póde tirar de semelhante tropa, deve V. S., sem alguma perda de tempo, ajustar com o dito marquez o modo de a disciplinar na fórma acima indicada, ou mandando elle alguns officiaes a essa capitania, para o referido effeito ; ou fazendo V. S. passar ao Rio de Janeiro, com o mesmo fim, alguns paulistas, que tiver destinado para commandantes, ou por outro qualquer

arranajamento que parecer mais prompto, breve e opportuno.

14.—Os dois corpos de infantaria do Rio de Janeiro e da praça de Santos, e a primeira divisão dos quinhentos paulistas, que hão de estar promptos a marchar ao primeiro aviso, se devem juntar nos lugares que parecerem melhor situados, e que dêem mais facilidade á tropa para chegar com a possível brevidade ao campo ou aos postos que lhes forem destinados.

15.—O porto de Santos parece o lugar mais proprio para se juntarem os dois corpos de infantaria acima indicados; não só porque n'elle se podem embarcar com toda a facilidade e segurança, mas porque com a mesma podem levar a artilheria, munições de guerra e bagagem, e transportal-a a Santa-Catharina ou villa da Laguna, que dista de Viamão dez dias de marcha unicamente, sendo além d'isto todo o caminho entre Laguna e Viamão excellente, e de praias limpas, como refere o brigadeiro José Custodio.

16.—A villa das Lages, que dista vinte leguas de Santa Catharina, e quarenta de Viamão, como refere o engenheiro Montanha, tambem parece indisputavelmente a mais propria para alli se juntar a primeira divisão dos paulistas: sendo certo que estas expedições, feitas ao mesmo tempo por mar e terra, são mais breves e mais commodas, principalmente havendo artilheria a transportar, e podendo o commandante em chefe de Viamão e Rio-Grande fazel-a conduzir da referida villa da Laguna, por bois e cavallo, de que abundam aquelles districtos, e dar ao mesmo tempo as necessarias providencias para a marcha da tropa aquartelada nas Lages.

17.—Descobrimdo-se, porém, outros lugares mais bem situados que os referidos, e que correspondam melhor ao fim que se procura, estes se devem preferir; comtanto, po-

rém, que em semelhante materia não haja mais duvidas, nem questões, e se assente de uma vez no que fôr mais util e vantajoso ao real serviço.

18.—Para a escolha do melhor sitio em que as tropas se juntem, não deve servir de embaraço o reprovado e mal entendido receio do ciume, que a proximidade d'ellas poderá causar aos castelhanos, porque nem Sua Magestade tem que dar satisfações do que manda praticar nos seus dominios, nem ha outro remedio senão o da força, que se possa oppôr ás violencias, depredações e hostilidades que os ditos castelhanos estão praticando no Rio-Grande, depois de exauridos da nossa parte todos os meios suaves e pacificos, que até agora se lhes têm applicado, de repetidos, incessantes e multiplicados protestos, que não têm servido de outra cousa senão de nos provocarem, e ultrajarem cada vez mais com as suas insultantes respostas, acompanhadas de repetidas e manifestas hostilidades, que visivelmente se dirigem a nos lançar fóra d'aquelles importantissimos dominios da corda de Portugal.

19.—Estas são emfim as ordens que el-rei nosso senhor é servido que V. S. execute, sem duvida, réplica ou contestação qualquer que ella seja, e sem a menor perda de tempo: avisando V. S. ao marquez do Lavradio, vice-rei do Brasil, de tudo o que obrar, para elle combinar as disposições feitas n'essa capitania, com o serviço e operações militares que deve mandar praticar em Viamão e Rio-Grande de S. Pedro.

20.— Ultimamente devo prevenir a V. S., para seu governo, que no plano de defesa d'aquelles dominios portuguezes, approvado e mandado executar por Sua Magestade, entram como parte a mais essencial os soccorros de tropas de caçadores e de homens de armas que de presente se empregam, e de futuro se hão de empregar d'essa capitania, a

qual ha de fornecer a gente ; e a real fazenda assistir-lhe com os meios, na fórma que em outra occasião lhe participei mais circumstanciadamente. E n'esta diligencia deve V. S. ter entendido, para que se acabem de uma vez as duvidas e contestações que até agora se têm agitado em gravissimo prejuizo do real serviço, e com manifesta transgressão das reaes ordens.

21.—Em primeiro lugar, que Sua Magestade estima muito mais a perda de uma só legua de terreno na parte meridional da America Portugueza, que cincoenta leguas de sertão descobertas no interior d'ella.

22.—Em segundo lugar, que, ainda que os ditos descobrimentos do sertão fossem de um inestimavel valor, a todo o tempo se podiam e podem proseguir ; e que a parte meridional da America Portugueza uma vez perdida nunca mais se poderá recuperar.

23 —Em terceiro e ultimo lugar, que n'esta certeza não deve V. S., sem expressas ordens de Sua Magestade, divertir por agora os rendimentos e faculdades d'essa capitania, nem empregar os seus habitantes em outro algum serviço, que não seja por uma parte o da conservação do Yguatemy, na fórma que se acha disposto no § 5º acima referido : e por outra parte no da defenza, preservação e segurança de Viamão e Rio-Grande de S. Pedro, pelos meios e modos que ficam acima indicados, desde o § 7 até o 18 inclusivamente ; e pelos que depois d'elles se irão communicando a V. S., segundo a exigencia dos casos e á proporção que as circumstancias o pedirem.

Deus guarde a V. S.— Palacio de Nossa Senhora d'Ajudá, em 21 de Abril de 1774.— *Martinho de Mello e Castro*.
Sr. D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão.

Cópia, pertence ao officio acima n. 10.— Para José Custodio de Sá e Faria, em 21 de Abril de 1774.—Em carta do 1º

de Outubro de 1771 participei a Vm.: Que el-rei nosso senhor era servido, que Vm. passasse á capitania de S. Paulo, onde o governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa Mourão lhe communicaria as ordens de Sua Magestade, para que Vm. as executasse, sem alguma perda de tempo, immediatamente depois da sua chegada áquella capitania.

Não ignora Vm., que as ordens, que o referido governador lhe participou, como devia participar, nas diferentes conferencias que com elle teve, consistiram e consistem: em que logo que Vm. chegasse á cidade de S. Paulo, sem se dilatar n'ella mais, que o brevissimo tempo que lhe fosse indispensavelmente necessario, para ajustar com o mesmo governador os meios mais commodos e promptos de se concluir a fortificação do pequeno forte chamado dos *Prazeres*, no caso de parecer util a continuação d'esta obra, partisse Vm. immediatamente depois para o sitio de Yguatemy, e, tomando commandamento de todo aquelle districto, o defendesse até a ultima extremidade, se n'elle fosse atacado: pondo-se Vm. para este effeito á testa de um corpo de paulistas sertanejos e homens de armas escolhidos, dirigindo-os com a sua experiencia, e animando-os com o seu exemplo, a se oppôrem com firmeza e resolução a todas as incursões, que os castelhanos intentassem fazer por aquella parte, rebatendo-os por meio de emboscadas, de ataques e defensas nos passos estreitos, e passagens de rios; de incursões no paiz inimigo, e por todos os outros modos e artificios, com que se costuma fazer vantajosamente uma guerra de posto e de chicana, para a qual (em um paiz de sertão, como o de que se trata) são os paulistas os mais fortes, os mais destros, os mais infatigaveis e os unicos e melhores combatentes, principalmente sendo bem conduzidos e bem commandados; e para que além do referido serviço executasse Vm. tudo o mais

que lhe foi determinado nos §§ 16, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33 e 34 da carta dirigida ao governador e capitão-general de S. Paulo, com data do 1º de Outubro de 1771, debaixo do n. 3º.

Não só pelas sobreditas cartas e paragraphos lhe foram a Vm. intimadas as positivas ordens de Sua Magestade, para logo passar ao sitio do Yguatemy immediatamente depois da sua chegada a S. Paulo, mas estas mesmas ordens lhe foram muito circumstanciadamente repetidas na outra carta instructiva com data de 20 de Novembro de 1772, dirigida ao sobredito governador, e que elle tambem participou, como devia participar, a Vm.

Carta na qual depois de se tratar desde o § 1º até o § 7º da serra do Maracajú, e do que Vm. alli devia praticar, continúa na oitava regra do § 8º, e depois d'ella nos §§ 9, 11, 12 e 13 na maneira seguinte :

« En'esta intelligencia ordena Sua Magestade, que V. S. depois de ter conferido com *José Custodio de Sá e Faria na forma que já lhe foi determinado, o faça partir para o Yguatemy, acompanhado de um sufficiente corpo auxiliar de paulistas, que elle mesmo escolher; e que em alli chegando, faça na serra do Maracajú os exames que ficam acima indicados. »*

« Que examine igualmente o estado em que se acha a praça dos Prazeres, assim pelo que respeita á sua fortificação, como ao sitio em que está construida ; que utilidade podemos tirar da dita praça no mencionado sitio, e se será equivalente á despeza que já temos feito e que ainda faremos, assim com a sua construcção, como com a tropa, artilheria, munições e petrechos de guerra, com que a havemos de guarnecer. E se esta fortaleza nos póde facilitar a comunicação com o Paragay (pelos rios Ypaneminy, Ypane-guassú ou outro qualquer que desague no dito Paraguay. »

« Seria mais útil, em lugar da mencionada praça sobre o rio Yguatemy, de nos reconcentrar-nos mais para a parte do Paraná, e fortificarmos a margem esquerda d'este rio, em parte livre de doenças, cobrindo assim melhor os sertões do Ivaý e Tibagy. »

« Estas e outras semelhantes observações são indispensavelmente necessarias, antes que entremos no empenho de fortificar um sitio distante mais de duzentas leguas da capitania de S. Paulo, de difficil accesso e de grande despeza, sem sabermos a utilidade que d'elle nos póde resultar. »

« Os exploradores que V. S. mandou áquellas paragens não tinham nem podiam ter o conhecimento necessario para fazerem os sobreditos exames ; e por este motivo é que José Custodio foi mandado a ellas. »

« Logo que o mesmo José Custodio tiver concluido as suas relações sobre cada um dos objectos acima indicados, as deve V. S. sem alguma perda de tempo remetter a esta secretaria d'Estado ; e sem adiantar nem fazer cousa alguma sobre a serra, ou passo do Maracajú (excepto no caso de um ataque na fórma acima referida), esperar as determinações de Sua Magestade a respeito d'este importante e delicado artigo. »

Estas são as ordens que em 1771 e em 1772 se remettêram a Vm. e ao governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, relativas á prompta e instantanea partida de Vm. para o sitio de Yguatemy; e quando Sua Magestade esperava a exactissima observancia das ditas ordens, e as relações do que Vm. tivesse executado no referido sitio, em virtude d'ellas, appareceram n'esta côrte successivos avisos d'essa capitania, dos quaes consta que Vm. não só não tem executado até o presente cousa alguma do que lhe foi incumbido, mas que, tendo chegado á cidade de S. Paulo em 12 de Ju-

lho de 1772, ainda se achava na mesma cidade em os fins de Dezembro de 1773.

Este inesperado e reprehensível comportamento, e os suggeridos e affectados e temerarios pretextos, com que até o presente se tem illudido as positivas ordens d'el-rei nosso senhor, lhe manda Sua Magestade estranhar muito severamente: devendo Vm. ter entendido que, ainda que em lugar dos ditos pretextos assistissem a Vm. as mais solidas razões, nenhuma o poderia escusar da indispensavel obrigação de partir immediatamente para o sitio que Sua Magestade lhe destinou, e de requerer de lá o que tivesse de representar.

N'esta intelligencia é o mesmo senhor servido, que immediatamente depois da chegada d'esta carta a essa capitania, parta Vm. sem a menor perda de tempo para o referido sitio de Yguatemy, levando na sua companhia os dois alferes com que sahiu do Rio de Janeiro, para o ajudarem, e alguns officiaes ou pessoas que ahi se acham, e que têm principios da geographia, como se vê das cartas topographicas que o governador e capitão-general tem remettido a esta côrte.

Que igualmente leve um pequeno corpo de paulistas sertanejos escolhidos por Vm., e de nenhuma sorte tropa regular, que Sua Magestade tem destinado a outro serviço, excepto alguns artilheiros que sirvam para ensinar aos ditos paulistas o uso e pratica da artilheria.

Que com este pequeno corpo emfim junto aos destacamentos que por diferentes vezes se têm mandado áquella fronteira, e com cento e tantos homens de armas, que últimamente passaram a ella commandados pelo capitão José Gomes de Gouvêa, paulista desembaraçado e intelligente, como refere o governador e capitão-general, execute Vm. as ordens de Sua Magestade na fórma que acima lhe vão

transcriptas, sem accrescentar, diminuir ou alterar cousa alguma d'ellas; enquanto o mesmo senhor á vista das relações e mappas que Vm. deve remetter, na conformidade das mesmas ordens, não determinar o que lhe parecer mais conveniente ao seu real serviço.

Escuso de dizer a Vm. que um dos objectos mais importante, e que mais póde contribuir para a defenza, e segurança dos dominios de Sua Magestade, que Vm. vai commandar, é o de procurar espias seguras no paiz inimigo, e que os parochos, curas e frades castelhanos, sempre foram os mais aptos, e os mais promptos para o exercicio d'este ministerio, logo quo sentem alguma conveniencia. E n'esta intelligencia deve Vm. fazer as possiveis diligencias por conseguir esta grande vantagem; na certeza de que se lhe abonará qualquer despeza, que lhe fôr preciso fazer com ella.

Deus guarde a Vm. — Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, em 21 de Abril de 1774. — *Martinho de Mello e Castro.*

COPIA. — Carta régia, que contém o pleno poder e ampla faculdade para o Illm. e Exm. Sr. marquez do Lavradio repellir e propulsar no seu proprio nome todas as violencias do governador de Buenos-Ayres, e executar tudo o mais que lhe vai ordenado pelas instrucções expedidas e assignadas pelo Illm. e Exm. Sr. marquez de Pombal.

Duas cartas de instrucções que contém o espirito da sobre dita carta régia, estabelecendo todo o systema da execução d'ella, e da defesa e restauração dos dominios do sul; e approvando tudo e que até agora se tem determinado.

Cópia n. 18 — Honrado marquez do Lavradio, vice-rei e capitão-general do mar e terra do Estado do Brasil. — Amigo. Eu el-rei vos envio muito saudar como aquelle que prezo.

Tendo esta minha carta por principal assumpto a confirmação das seis instrucções, que com ella serão, e que no mesmo dia de hoje vos mandei expedir pelo marquez de Pombal, do meu conselho d'Estado; para que, não obstante quaesquer leis, regimentos, alvarás, provisões, ou ordens em contrario, sejam por vós tão exactamente cumpridas, como se fossem pela minha propria mão assignadas, e n'ellas escriptas as mais exuberantes clausulas derogatorias de todas as sobreditas disposições. E não permittindo já a inexoravel e incorrigivel obstinação do despotismo, com que o capitão-general de Buenos-Ayres, per si e seus officiaes militares, tem accumulado pela sua particular e pessoal autoridade attentados á attentados, insultos á insultos, e usurpações á usurpações, dentro dos meus incontesteveis dominios e territorios d'elles, de cuja conservação, protecção e defesa vos tenho encarregado; que ao mesmo tempo no qual elles, general hespanhol e seus officiaes, offendem com tão desmedida e insolita liberdade, se ache a defesa natural com que os deveis repellir; limitada e restricta a pouco mais que protestos, e outros actos verbaes, que as ultimas instrucções dadas pelos sobreditos em trinta de Outubro do anno proximo precedente ao capitão D. Antonio Gomes, governador dos povos do Uruguay, fizeram claramente vêr que não são já de effeito algum: me pareceu autorisar-vos, como por ella vos autoriso, com todo o pleno poder e com todas as amplas facultades necessarias, para que á mesma imitação do que se tem praticado com o vice-rei da India Oriental a respeito dos regulos confinantes, hajais de obrar e fazer executar debaixo do vosso proprio nome tudo o que julgareis que é conveniente para repellires a força contra os insultos com que os referidos general de Buenos-Ayres e seus officiaes têm rompido a paz e usurpado os meus dominios do sul; até que, na conformidade dos artigos vinte e um e vinte e tres do tratado da paz, celebrado em Pariz a dez de Fevereiro de mil setecentos

sessenta e tres; e em execução do decreto firmado em nove de Junho do mesmo anno por el-rei catholico meu bom irmão e cunhado, sejam os meus ditos dominios repostos no mesmo estado em que se achavam antes das hostilidades que n'elles commetteram os hespanhóes com a occasião da ultima guerra, que cessou pelo sobredito tratado e consequente decreto que a elle se seguiu. E não cabendo, nem na credulidade, que da religião da côrte de Madrid pudessem sahir ordens que dessem motivos aos barbaros insultos e aleivosas usurpações dos sobreditos general de Buenos-Ayres e seus officiaes; nem no decoro do meu character regio, que no meu real nome se contenda com uns meros particulares, quaes são todos os sobreditos; ao mesmo tempo em que o preito e homenagem que jurasteis nas minhas reaes mãos, e a indispensavel necessidade na natural defosa, são titulos bastantes para legitimares todos os factos concernentes á conservação dos territorios, e á paz publica dos vassallos d'elles, que confiei ao vosso governo e protecção. Farei expedir, debaixo do vosso mesmo nome, todas as ordens que necessarias forem para os ditos effeitos em todas as occasiões em que forem precisas: confiando esta sómente ao governador de S. Paulo, ao tenente-general João Henrique de Bohm, e aos marechaes de campo, com a ordem de a conservarem no mesmo inviolavel segredo com que a deveis guardar no vosso gabinete.

Escrepta no palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, em nove de Julho de mil setecentos setenta e quatro. — REI. — Para o honrado marquez do Lavradio.

Cópia n. 19. — Honrado marquez do Lavradio, vice-rei e capitão-general de mar e terra do Estado do Brasil. — Amigo. Eu el-rei vos envio muito saudar como aquelle que prezo. Para consolidar o plano militar que mandei juntar ás vossas instrucções debaixo do numero 1º, fiz expedir por uma parte ao capitão de mar e guerra Guilherme Mack Ducl a provisão

cuja cópia irá n'esta carta inclusa, que contém a commissão que lhe conferi de commandante e chefe de esquadra, que vai descripta na quarta parte do sobredito plano. E fiz expedir pela outra parte as nomeações dos novos capitães-tenentes e officiaes declarados nos decretos cujas cópias vos serão tambem com esta remettidas ; para terem ahi, como ordeno que tenham, toda a sua devida execução , que lhes farei dar, como se os sobreditos nomeados apresentassem as patentes por mim assignadas, que agora não achei conveniente que elles extrabissem, mas sim que até segunda ordem minha ficassem no segredo d'este gabinete os sobreditos decretos, de que ellas deviam emanar. O referido chefe de esquadra tem aqui mostrado constantemente ser muito habil, muito zeloso do meu real serviço, muito proprio para crear excellentes officiaes de marinha. Tem bastantes experiencias adquiridas nas ultimas guerras de Inglaterra com Hespanha e França.

Acresce conhecer bem os prestimos e os merecimentos de todos e cada um dos officiaes da marinha, que podem ser mais idoneos para d'elles se confiarem os primeiros, segundos e terceiros postos das náos e fragatas da sobredita esquadra. Sobre esta certeza confiando ao mesmo chefe de esquadra todos os objectos do armamento d'ella ; conferindo com elle secretissimamente as nomeações d'aquelles dos referidos officiaes que se devem destinar para todas, e cada uma das náos e fragatas da sobredita esquadra ; obrando com o dito chefe d'ella (com o mesmo impenetravel segredo) de uniforme accordo ; e fazendo ahi publicar os sobreditos decretos, e promoções n'elles conteúdas. Logo que receberdes esta passareis a nomear opportunamente os capitães de mar e guerra, capitães-tenentes e officiaes que forem destinados para cada náó, ou fragata : nomeações que deveis fazer em portarias vossas, que principiem dizendo :

« Que, porquanto eu em carta régia da data d'esta vos con-

cedi (como effectivamente concedo) todas as faculdades necessarias para que, até segunda ordem minha, cessando as commissões que levarem d'esta côrte os capitães de mar e guerra que ultimamente sahiram d'este porto, logo que a esse chegassem, e formando das respectivas náos e fragatas por elles commandadas e guarnecidas uma esquadra naval, de que fosse commandante geral e chefe Guilherme Mack Duel, encarregueis de governar e guarnecer todos, e cada um dos navios d'ella os capitães de mar e guerra, capitães-tenentes e officiaes que achasseis mais proprios ao tempo em que ella se formar: haveis por serviço meu nomear para capitão de mar e guerra da náon. a N., para segundo capitão de mar e guerra a N. N.; para capitães-tenentes a N. N.; para tenentes a N. N.; para sargentos de mar e guerra a N. N.; etc. Ordenando ao sobre-dito chefe de esquadra Guilherme Mack Duel, que por taes reconheço os officiaes que forem por vós nomeados na sobre-dita fórma. E continuando em fazer as referidas nomeações dos postos que succeder vagarem até cessarem as necessidades da guerra, que n'essa parte nos têm declarado os castelhanos com os factos, ao mesimo tempo em que apregoam pazes com os seus escriptos. O que tudo assim observareis, e fareis executar não obstante quaesquer leis, regimentos, alvarás, resoluções ou ordens, que sejam em contrario. »

« Escripta no palacio de Nossa Senhora d'Ajuda em nove de Julho de mil setecentos e setenta e quatro. — REI. — Para o honrado Marquez do Lavradio. »

Cópia n. 20. — Illm. e Exm. Sr. — 1. Depois dos ultimos despachos, que pelo expediente do Sr. Martinho de Mello e Castro se dirigiram a V. Ex., e do que a elles accrescentei na minha carta familiar do dia proximo seguinte 22 de Abril d'este presente anno, tem occorrido uma notavel mudança no estado das cousas.

2. — Por informações havidas do Porto do Ferrol soube—

mos que n'elle se armava a expedição de navios e tropas, que V. Ex. verá pela *Primeira Parte* do papel intitulado—*Plano militar da guerra defensiva, com que devemos repellir a aleivosa invasão que os castelhanos vão fazer em toda a parte do sul do Brasil por elles já aleivosamente occupada.*

3.—A noticia que o governador de Buenos-Ayres tinha d'este armamento, se vê agora que por uma parte foi a que o animou a ajuntar todas as forças, com que ultimamente atacou os rios Pardo e de S. Pedro, para prevenir vangloriosamente com os seus imaginados progressos a dita expedição, contando sobre a desigualdade das nossas forças naquellas fronteiras. E se vê pela outra parte, que tambem foi o aleivoso motivo com que depois se retirou tão cortezmente a ganhar o tempo necessario, para chegar a dita expedição, e para vir outra vez atacar-nos com forças superiores.

4. Sendo-me participada a informação do referido armamento do Ferrol por Roberto Walpole, enviado extraordinario e plenipotenciario de S. M. Britannica n'esta côrte, antes de tudo, tratei logo immediatamente de o instruir, pelo que pertencia a desmascarar as iniquidades hespanholas, com os dois papeis que já foram presentes a V. Ex., um d'elles intitulado—*Desmonstration du Pays appartenant à la couronne de Portugal, qui fait le bornage méridional du Brésil par le coté du sud; et des engagements que garantissent le dit bornage à la même couronne.*— Outro intitulado—*Deducção, em que se demonstram os notorios objectos das perniciosas transgressões do ultimo tratado, com que a côrte de Madrid se acha levantada com o Rio da Prata e com toda a parte do sul do Estado do Brasil.*

5. Assim fiz comprehender cabalmente ao dito ministro

britanico o clarissimo direito de Sua Magestade em toda a parte meridional do Brasil até confinar com o Rio da Prata. E passei successivamente a communicar-lhe, e conferir com elle o *Compendio*, que acompanhará esta, debaixo do N. II, e do titulo — *Précis des insultes commises par les espagnols dans le sud du Brésil, et dernièrement par les faits contenus dans les deux lettres, que l'on vient de recevoir de Mr. le marquis de Lavradio dattées du 22^m et 28^m Fevrier de cette année de 1774 par une frigate de guerre et par un vaisseau marchand, arrivés le 3^m de ce mois de Juin du Rio de Janeiro.*

6.—Sobre todas estas prévias noções e demonstrações, dirigi ao mesmo ministro britannico no dia de sabbado 18 de Junho a significante carta de officio que vai compillada debaixo do n. III. A qual elle fez logo passar á sua côrte com os tres papeis que a acompanharam pelo paquet-boot que partiu no dia de domingo proximo seguinte, que se contaram 19 do referido mez.

7.—Se pôde haver certeza nos juizos que se formam a respeito dos negocios d'Estado (depois de haverem mostrado tantas experiencias que nos maiores d'elles padecem grandes embaraços os mais consideraveis interesses publicos, pelos incomprehensiveis encontros de pequenas utilidades particulares), muito podemos esperar da côrte de Londres em effeito do referido officio.

8.—Primeiramente : porque nenhum ministro do gabinete britannico poderá vêr formar uma marinha franceza, ou castelhana, da qual hajam de sahir expedições, como a de que agora se trata, sem a ella se oppôr até a destruir com a desmedida superioridade das forças navaes da Grã-Bretanha, a menos que se não queira expôr até saltar a cabeça fóra dos hombros sobre um cadafalso.

9.—Em segundo lugar : porque ha pouco vimos no anno

proximo precedente : por uma parte, que, logo que França preparou no porto de Toulon uma esquadra para sahir d'elle ao mar mediterraneo, fazendo Inglaterra immediatamente armar um dobrado numero de náos de linha e de fragatas de guerra, obrigou a mesma França a desarmar logo por força as suas com uma publica retractação e indecencia : e vimos pela outra parte succeder o mesmo identicamente a Castella, a respeito da sua ruidosa expedição maritima preparada com o declarado objecto de ir sustentar o arrogante e soberbo attentado, que tinha commettido contra uns poucos e desarmados inglezes nas Ilhas Malvinas.

10.—Em terceiro e ultimo lugar : porque os referidos estímulos, que picam na parte mais sensível á altivez de uma nação dominante, como é a britannica, que ha tantos annos senhorêa os mares, se uniram os outros motivos de interesse e de cubiça, que lhe demonstrei no papel acima indicado, e intitulado—*Deducção, em que se demonstram os notorios objectos das perniciosas transgressões do ultimo tratado, com que a côrte de Madrid se acha levantada com o Rio da Prata, e com toda a parte do sul do Estado do Brasil.*

11.—Motivos, digo, tão fortes e pungentes, que consistem na clara demonstração de que, se Hespanha uma vez chegasse a fechar-nos o Rio da Prata, e a usurpar e possuir toda a costa e sertões meridionaes do Brasil, nem os inglezes poderiam mais navegar para o mar do sul, nem poderiam conservar as grandes utilidades que lhes resultam do commercio, que por este reino fazem com o mesmo Brasil ; utilidades que se estendem a todo o poderosissimo corpo dos negociantes e mercadores da bolsa de Londres ; os quaes em tal caso amotinariam todos os povos de Inglaterra a pedir justiça contra o ministerio, que pelos seus

particulares interesses deixasse arruinar aquellas suas grandes utilidades publicas, e communs a todos os ditos negociantes e mercadores, e a cada um d'elles no seu particular.

12.—Sobre todos os ditos tres fundamentos se estabeleceu prudentemente uma provavel esperanza, de que a côrte de Londres ha de constituir a de Madrid entre duas extremidades taes, como serão : uma suspender, e fazer desapparellhar os navios da sobredita expedição, que arma no Ferrol; outra obstinar-se a mesma côrte de Madrid com o espirito de inflexibilidade e altivez que n'ella domina; e com a enganosa vaidade com que a lisongeiam; fazendo-lhe crer que as suas forças navaes se acham já formidaveis á mesma Inglaterra; para insistir em fazer sahir ao mar uma grande armada castelhana, chamando-lhe *Invincivel*, como a que el-rei D. Filippe II mandou perecer com a mesma denominação nas costas de Inglaterra.

13.—No primeiro dos ditos dois casos teremos o que nos basta para destruímos os nossos perfidos inimigos. Porque, sendo os navios do Ferrol fechados pelos inglezes n'aquelle porto, e não podendo por isso mandar ao Rio da Prata mais do que alguns furtivos destacamentos, é cousa evidente que com as forças e meios que el-rei meu senhor mandou estabelecer na segunda parte do dito papel marcado com o n. I, e intitulado — *Plano militar da guerra defensiva, etc.*, haverá muito com que arruinar as forças e medrosas tropas castelhanas, que estão usurpando esses dominios de Sua Magestade, e com que as proseguir e rechassar até serem obrigadas a passar o Rio da Prata para a parte do sul.

14.—No segundo dos referidos casos podemos esperar, que d'elles se nos sigam as maiores vantagens; de vermos inteiramente derrotada e destruida a marinha castelhana; de vermos toda a vangloriosa arrogancia d'aquella nação

precipitada no desalento e no abatimento, a que a costumam reduzir quaesquer adversidades; de restaurarmos d'essas partes o que é nosso mais desassombradamente ao favor de uma tão vigorosa diversão; e de nos acharmos no fim da guerra, senhores da margem septentrional do Rio da Prata, e fortificados na colonia Monte-Video e Maldonado, com boas guarnições de tropas e navios nas referidas praças e portos d'ellas; de sorte que em muitos annos não passe pelo pensamento aos governadores de Buenos-Ayres virem inquietar-nos com impotentes ralhos e descomedidas ameaças.

Guerra, digo, a qual no caso de passar do Brasil a Portugal não nos trará cousa alguma de novo, que nos cause cuidados, porque nos não achará no estado, em que no anno de 1762 nos viu a côrte de Madrid para nos atacar tão confiadamente, quando entendeu que nos achava indefesos.

15.— Havendo comtudo ponderado a consummada e incomparavel prudencia de Sua Magestade sobre tudo o que deixo exposto: por uma parte, que o evento de ambos os casos acima referidos depende do ponto essencial e unico, de tomar ou não tomar a côrte de Londres prompta e opportunamente as justas resoluções que d'ella se esperam; ou para conter a sobredita expedição castelhana, ou para destruil-a, se ella se obstinar: por outra parte que não permitiria a mesma prudencia, que se deixasse entregue á dependencia de futuros contingentes um negocio, que envolve em si, com o decoro, com a alta reputação e com a gloria do augusto nome do dito senhor, o mais importante e ponderoso interesse que hoje tem a sua real corôa. Tomou Sua Magestade a resolução de se precaver para todo e qualquer acontecimento que o tempo futuro lhe venha apresentar.

16.—Isto é : servindo-se das suas proprias forças, que sempre erão certas e seguras ; reduzindo-se a esperars sómente dos seus fieis e valorosos vassallos, que dentro nos limites das suas reaes ordens façam das mesmas forças todo aquelle bom uso, que as circumstancias do tempo e as conjuncturas d'elle puderem permittir-lhes ; pondo toda a sua régia confiança na prudencia, actividade, zelo e acerto com que V. Ex. conduziu até agora o mesmo gravissimo negocio ; tendo por certo que V. Ex. o proseguirá até lhe pôr o fim mais glorioso para as armas da sua dita Magestade, mais interessante para a sua corôa, e mais util para todos os vassallos d'ella : e mandando com estes objectos participar a V. Ex. secretissimamente as instrucções seguintes :

PRIMEIRA INSTRUCÇÃO

17.—Considerou el-rei meu senhor, que, sendo o dinheiro destinado ao pagamento e sustentação das tropas a base fundamental de toda a guerra : e sendo sempre entre duas potencias belligerantes a vencedora aquella, que pôde sustentar a campanha por mais tempo, assistida dos meios necessarios para manter e pagar o seu exercito ; era preciso que a subsistencia do que devemos oppôr aos nossos inimigos fizesse o primeiro objecto da real attenção de Sua Magestade. E mandou expedir á junta da fazenda d'essa capital do Rio de Janeiro as secretissimas ordens, que acompanharam esta : para se remetter aos cofres do seu exercito do Rio-Grande de S. Pedro e do Rio Pardo, e para d'elle se applicarem ás despezas do mesmo exercito, a saber :

Os taes, ou quaes rendimentos da provedoria da fazenda de S. Paulo, sem excepção alguma.

Item, as rendas da administração d'essa junta da fazenda do Rio de Janeiro, com tudo o que por ella se arrecada, sem outra excepção que não seja a dos quintos das Minas-Geraes e de Goyaz, que têm applicações indispensaveis n'esta côrte.

Item, o subsidio voluntario, que se costuma remetter para a reedificação da cidade de Lisboa, como já tinha avisado a V. Ex.

Item, o outro subsidio litterario ultimamente estabelecido; em tudo o que exceder o pagamento dos mestres, que estiverem actualmente ensinando, e os rendimentos dos bens confiscados.

Item, os productos das rendas reaes de Angola, que da cidade de S. Paulo da Assumpção se costumam remetter a essa do Rio de Janeiro, e as da Bahia e Pernambuco.

Item, as importancias dos soldos e munições dos dois regimentos, que hão de ser transportados da Bahia; indo agora ordenado á junta da fazenda d'aquella cidade, que faça passar a essa em quarteis adiantados os sobreditos vencimentos, que n'ella hão de cessar pelo transporte dos ditos regimentos.

Item, duzentos mil cruzados com pouca differença, que na mesma cidade da Bahia sabemos que estão recolhidos nos cofres da fazenda real.

Item, outros duzentos mil cruzados com que Sua Magestade manda tambem agora que a mesma junta da Bahia soccorra annualmente essa do Rio de Janeiro, enquanto durarem as hostilidades dos castelhanos, e se não retirar o exercito com que o dito senhor os manda rechassar.

18. — Rendimentos e subsidios, os quaes considerou Sua Magestade que serão competentes para se manter o referido exercito, não só na guerra defensiva que agora se

apresenta, mas tambem no caso em que esta venha a ser offensiva nas suas consequencias.

19.—Pois que : por uma parte se não faz nos paizes, que hão de ser o theatro da referida guerra, despeza alguma com as forragens da cavallaria, que na Europa são de tão dispendiosa importancia ; e pela outra parte devemos contender com tropas castelhanas tão destituídas de meios para se sustentarem na campanha, que n'este gabinete se viu em cartas escriptas á côrte de Madrid pelo seu general *D. Joseph Andonaigui*: *Que em Buenos-Ayres e Corrientes não havia dinheiro algum com que se pagassem e vestissem as tropas : que isto provinha de irem todas as rendas reaes do Perú e do Chile nos cofres da fazenda de el-rei catholico em via recta dos portos d'aquelles dois dominios remettidas a Cadix : que por isso as tropas portuguezas commandadas por Gomes Freire de Andrada se achavam brilhantes, e as d'elle (Andonaigui) descalças e despidas : e que d'aqui vinha a seguir-se a facilidade com que desertavam, fugindo das injurias do tempo e do grande pejo, a que se viam sem remedio expostas.*

20.—E' muito verosimil que agora succederá o mesmo ; assim porque aquella nação em nada se costuma adiantar, para emendar em uma vez o que errou na outra ; e não só porque se acha habituada ao natural desmazelo com que procura todos os fins a que a dirige uma insaciavel cubiça, sem a prudencia de applicar a elles os competentes meios ; mas tambem porque é tal e tão devassa a cubiçosa prevaricação dos seus officiaes da fazenda e guerra, que quaesquer sommas que se lhes remetterem para os pagamentos e munições das tropas serão por elles absorvidas ; de sorte que pouco ou nada chegue aos soldados ; como bem o fez aqui na guerra do anno de 1762 a enormissima deserção das tropas castelhanas com aquellasiu juriosas causas.

SEGUNDA INSTRUÇÃO

21.—Ainda que Sua Magestade conhece, que na honra e fidelidade dos seus officiaes de guerra e fazenda se não poderiam nunca receiar as sobreditas prevaricações castelhanas; lembrando-se comtudo de que as confusões e desordens, com que os sessenta annos de sujeição em que estivemos ao governo hespanhol infeccionaram todas as repartições da fazenda real, e de que nem ainda no continente d'este reino se puderam inteiramente extirpar até agora; vendo as grandes utilidades que ás suas rendas reaes e ás suas tropas se têm seguido quotidianamente dos novos methodos, estabelecidos pelo mesmo senhor, assim para a arrecadação da sua fazenda, como para o pagamento dos soldos, fardamentos, fornecimentos de munições e forragens do seu exercito d'este reino; querendo que o que se vai formar no Rio-Grande de S. Pedro e campanhas a elle adjacentes, gozando dos mesmos beneficios; constitua na regularidade do methodo, que se pratica n'este reino, uma força intrinseca que per si sómente seja capaz de destruir o referido desmazelo hespanhol, e as prevaricações que elle traz consigo; e tomando por exemplo o mesmo que se está aqui praticando aos ditos respeitos: manda estabelecer n'aquella parte uma junta de fazenda, para administrar e regular, na mesma fórma que se está aqui observando, os pagamentos dos soldos, os fornecimentos e tudo o mais pertencente á economia do referido exercito, com subordinação sómente a essa junta da real fazenda do Rio de Janeiro, a que V. Ex. preside.

22.—Para escrivão e principal director d'ella passa da Bahia a essa cidade o habil, zeloso e experimentado Sebastião Francisco Bettamio, mandado agora por tres annos com os pretextos de ir fundar a junta da fazenda da capitania de

S. Paulo; e de fazer cessar n'ella os disturbios que resultaram das discordias entre D. Luiz Antonio de Sousa e o provedor José Honorio de Valladares. Com o mesmo pretexto irão d'aqui os dois ou tres escripturarios habeis, que se hão de apresentar a V. Ex. com esta commissão ; para a de estabelecerem a regularidade do pagamento das tropas (debaixo da direcção da referida junta de S. Paulo) : vão mais dois cõmissarios dos que assistem aos thesoureiros geraes d'este exercito; tambem mandados com o disfarce de que vão estabelecer o methodo d'este reino em todas as tropas d'esse Estado, nas quaes até agora não havis podido ser estabelecido pelas respectivas provedorias da fazenda real.

23.—A união de todas as referidas juntas de fazenda d'esse Estado em causa commum com essa do Rio de Janeiro, da outra união dos referidos officiaes de fazenda e de economia, constituirão, pois, na segunda d'ellas, uma corporação acreditada com os meios necessarios, para que os comandantes do exercito do Rio de S. Pedro possam ordenar desassombradamente as operações das suas tropas, sem serem distrahidos pelos cuidados na subsistencia d'ellas.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

24.—Sendo os genios, ou escriptos communs dos inimigos e dos nacionaes aquelles, que devem fazer os primeiros objectos da attenção de um advertido general, para sobre o conhecimento d'elles por uma parte estabelecer o provavel juizo do que póde temer ou esperar ; e pela outra parte dirigir as suas operações militares com toda a segurança, que póde caber na variedade das contingencias da guerra : bem verá V. Ex., logo que fizer esta combinação, a vantajosa differença que está da parte das armas de el-rei meu senhor.

25.—Pois que pelo outro papel, que tambem acompa-
nhará esta carta, marcado com o n. IV, e intitulado—*Compendio historico dos factos politicos e acções militares, com
que os castelhanos manifestaram o seu character nas negocia-
ções e nas guerras com Portugal n'estes ullimos tempos, ou
desde o anno de 1750 até o fim do proximo passado de 1773* ;
e pelo que já deixo acima ponderado nos §§ 19 e 20 d'esta
carta, verá tambem V. Ex. com igual clareza : quanto aos
castelhanos, que não ha inimigos que sejam, nem mais arro-
gantes, ferozes e crueis, nem menos formidaveis; porque em
se lhes desconcertando a imaginação escaldada, que sempre
os inflamma, fazendo-lhes representar que serão invenciveis,
logo d'ella mesma se precipitam no mais vil e abatido desa-
lento. E quanto aos portuguezes : que em nenhum exercito
houve, nem officiaes, nem soldados, que fossem mais aman-
tes do seu rei, mais fieis á sua patria, mais soffredores de
trabalhos e mais constantes nos seus successos felizes e
adversos ; de que elles se tem manifestado em todas as his-
torias, e do que os manifestaram ainda ultimamente os factos
que se contém no dito papel junto com o titulo de—*Compen-
dio* acima indicado. Nem houve outra alguma nação cujos
exercitos vencessem com poucos combatentes tantos inimi-
gos, muitas vezes superiores em numero.

26.—Não bastará, porém, nem todas as referidas com-
binações, nem as reflexões sobre ellas feitas, para que a
mesma incomparavel prudencia e exuberantissima provi-
dencia de Sua Magestade : ponderando sabiamente por uma
parte a regra que dicta, *que nenhuns inimigos, por pequenos
que sejam, se devem desprezar* ; e precavendo pela outra
parte e caso de que, alcançando os castelhanos qualquer van-
tagem por algum d'aquelles inopinados accidentes, que ne-
nhum discurso humano póde prever ainda de mais perto ;
se fariam muito mais insolentes, mais crueis e mais insup-

portaveis ; depois de haver o mesmo senhor feito o as mais sérias reflexões a estes dois respeitos : mandou que todas as suas tropas d'esse continente do Brasil fizessem outra causa commum de forças militares com essa capital, e com o dito exercito do Rio-Grande de S. Pedro ; assim como havia determinado a outra igual união de meios pecuniarios acima referida.

27.— Consequentemente manda agora o dito senhor transportar o regimento de infantaria paga, que se acha na Ilha Terceira, e os dois regimentos igualmente pagos da guarnição da Bahia a essa cidade do Rio de Janeiro: para que, sem se diminuir o numero dos seis regimentos da actual guarnição d'ella, haja V. Ex. de fazer passar immediatamente para o referido exercito do Rio-Grande de S. Pedro, os outros tres regimentos de Bragança, Moura e Estremoz, na fórmula indicada na terceira parte do referido *Plano* que vai marcado com o n. I. : E manda passar com os ditos regimentos o tenente-general João Henrique de Bohm para commandar o referido exercito ; e o brigadeiro Jacques Funk para commandante da artilheria e director das operações, que com ella se houverem de fazer, graduando-o com a patente de marechal de campo.

28.— Exercito, digo, o qual sendo formado com o numero de sete mil trezentos e noventa e cinco combatentes na conformidade do dito *Plano* n. I, constituirá uma força não só igual á com que os castelhanos podem vir atacar-nos, mas tambem o maior corpo regular que até agora viram esses paizes, que hão de ser os theatros da guerra.

29.— Pois que havendo sido o mais numeroso exercito de tropas pagas e disciplinadas, que n'elles appareceu, aquelle com que o general Gomes Freire de Andrada passou ao dito Rio-Grande de S. Pedro no anno de 1752, não excedendo aquelle corpo regular de mil e duzentos homens; não havendo sido em cousa alguma auxiliado pelogeneral

castelhano Andonaigui ; mas antes havendo sempre este fugido de entrar nos combates, e mettido o dito general portuguez em lugares pantanosos e máos passos, d'onde não podesse facilmente sahir ; e havendo achado os indios não só possuidos por um frenetico fanatismo contra os portuguezes, mas tambem providos de muitas armas, e entrincheirados nas passagens dos rios e alturas dos montes por engenheiros europeôs ; ainda assim, apesar de tudo o referido, e sem embargo de achar os referidos indios tantas vezes superiores em numero ; atacando-os nas suas mesmas trincheiras, foram por elle inteiramente derrotados na batalha que lhes deu em 10 de Fevereiro de 1756, deixando no campo, d'onde fugiram, mil e duzentos mortos. Successivamente passou a occupar, e metter debaixo da obediencia das armas das duas corôas todas as missões do Uruguay, que antes se jactavam de que seriam sempre inacessiveis e sempre inconquistaveis.

30. — Os factos publicos e notorios que vão substanciados no sobredito compendio n. IV, e ultimamente os outros factos da acção do bom capitão *Raphael Pinto Bandeira* no dia 3 de Janeiro proximo passado junto do Rio *Piquiri*; e da consequente meticulosa carta que o general castelhano D. João Joseph de Vertiz e Salzedo escreveu logo depois no dia dezeseis do dito mez de Janeiro ao digno coronel governador *José Marcellino de Figueiredo*: são factos que estabelecem o mais provavel juizo, do que podemos ter e esperar.

31. — Pois que por uma parte fazem claramente ver, que o exercito ordenado no referido *Plano militar* marcado com o n. I não nos deixará muito que receiar das fastosas ostentações das forças castelhanas : e fazem ver pela outra parte com a mesma clareza que, sustentando-se o nosso exercito nas vantajosas posições que vão apontadas na

quarta instrução; os naturaes effectos de tudo o referido serão : que ou os castelhanos hão de fazer retrogradar o seu exercito, abandonando-nos as suas chamadas conquistas desde o Rio-Grande de S. Pedro até o rio de Chuy e forte de S. Miguel; conhecendo que se os batermos em tão grande distancia do Rio da Prata e Buenos-Ayres, ficarão inteiramente perdidas todas as suas tropas, e as suas missões do Uruguay inteiramente sacrificadas debaixo da sujeição do exercito portuguez vencedor; quando aliás esto nosso exercito sempre teria em qualquer accidente funesto para se retirar (com a retaguarda nos seus proprios paizes, dos quaes se fosse todos os dias reforçado com tropas que baixassem de S. Paulo), pelo lado oriental o estreito territorio que jaz desde o Rio de S. Pedro até Viamão; defendido na extremidade oriental com o mar, na outra extremidade occidental com a Lagôa dos Patos; e pela outra parte do occidente com as montanhas que jazem entre os rios Jacuhy e Rio Pardo; e entre este segundo dos ditos rios e o outro rio Tibiquary.

32.—Porém para mais consolidar e sustentar com o maior vigor o referido exercito; e os projectos d'elle em todas as suas operações defensivas e offensivas, que se apresentarem nas diversas circumstancias dos casos occorrentes; vai d'aqui prevenido o novo governador e capitão-general de S. Paulo Martim Lopes Lobo de Saldanha, na mesma conformidade d'estas instruções, levando as ordens seguintes :

Primeira. De conferir com V. Ex. logo que chegar a essa cidade sobre tudo o referido.

Segunda. De emendar o que errou o seu antecessor.

Terceira. De ter por certo que qualquer das duas potencias confinantes, que fór senhora das costas do mar, o ha de ser por necessaria consequencia de todos os sertões.

Quarta. De valerem por isso cincoenta leguas de sertão muito menos do que uma só legua nas referidas costas.

Quinta. De que, logo que houvermos lançado os castelhanos fóra das costas, e lhes houvermos assim impedido todos os soccórros para animarem os sertões, virão estes consequentemente a cahir nas nossas mãos, e os indios d'elles (animados contra a tyrannia do governo hespanhol, com as honras, liberdades e conveniencias com que Sua Magestade os manda alliciar), virão a ser outros tantos vasallos do dito senhor.

Sexta. De ter o mesmo governador de accordo com V. Ex. por um principio demonstrativamente certo, que, não podendo o pequeno continente de Portugal fornecer o extraordinario numero de tropas regulares, que se fazem precisas para a defesa e manutenção das mil e duzentas leguas que se contam na extensão das costas do Brasil entre os dous grandes rios das Amazonas e da Prata; é indispensavelmente necessario que os auxiliares, ordenanças, caçadores e aventureiros do Brasil defendam o Brasil: sendo este claro conhecimento um forçoso estimulo para os generaes d'esse Estado procurar efficassissimamente animar, unir e ter sempre contentes e prompts aquelles corpos irregulares; os quaes fazem, e farão sempre melhor serviço do que as tropas pagas, em um paiz tão montuoso, pantanoso e fechado de impenetraveis bosques, de cujos veios e veredas, só os respectivos habitantes e praticos naturaes têm as uteis noticias, de que se podem tirar as maiores vantagens.

Setima. De principiar a dar fórma e consistencia aos referidos corpos irregulares, desde o mesmo dia e hora em que chegar a S. Paulo.

Oitava. De estabelecer entre a capital do seu governo ou entre o lugar d'elle, em que se achar) e o tenente-gene-

ral João Henrique de Bohm uma regular e successiva correspondência pela via de Viamão, ou por aquelle caminho que se achar mais breve e seguro, conforme o indicarem as diversas circumstancias dos tempos e conjecturas d'elles.

Nona. De fazer baixar aquellas porções dos sobreditos corpos irregulares que lhe indicar o tenente-general, ou ainda (no caso de ser precisamente necessario) de baixar o mesmo governador pessoalmente com todos elles em soccorro ao nosso exercito, para os certos e determinados lugares que o mesmo tenente-general lhe apontar.

Decima. De ficar ás ordens do mesmo tenente-general, desde que se fizer a junção do referido corpo auxiliar ao dito exercito principal no sobredito caso de haver urgencia tão instante, que o obrigue a sahir da sua capital; como no anno de 1712 baixou o governador das Minas-Geraes Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho com todos os brancos e negros armados d'aquellas comarcas contra a invasão que os francezes haviam feito no Rio de Janeiro.

Undecima. E de estabelecerem e frequentarem (assim o dito tenente-general João Henrique de Bohm, como elle Martim Lopes Lobo de Saldanha) com V. Ex. outra regular, e successiva correspondencia, pela qual o vão opportunamente informando sempre de tudo o que occorrer, para executarem as ordens que V. Ex. lhes mandar nos casos occorrentes, que assim o permittam sem prejuizo do serviço de Sua Magestade.

QUARTA INSTRUCCÃO

33. — E' na arte da guerra um principio certo, e um conhecido axioma, *que entre duas potencias belligerantes, aquella que primeiro põe o seu exercito prompto na cam-*

panha é a que com elle faz, antes de ser impedida pelo seu inimigo, os possiveis progressos, e a que põe da sua parte a fortuna da guerra.

34.—No espirito d'este sabio dictame, dictado pela razão, e confirmado por muitas experiencias; para que nos trans, portes dos dois generaes, dos officiaes da junta da fazenda dos sobreditos regimentos, se consiga a maior brevidade que couber no possivel, empregará V. Ex. n'elles a fragata de quarenta peças *Nossa Senhora de Nazareth*, cujo habile experimentado capitão de mar e guerra será o portador d'esta; o galeão, que ahi chegará quasi ao mesmo tempo, e que, devendo ser logo por V. Ex. mandado armar em guerra n'esse porto, foi já ao Rio da Prata com trinta e oito peças montadas; a náó de sessenta e quatro peças *Nossa Senhora d'Ajuda*, que sahirá d'aqui dentro em poucos dias debaixo do pretexto de transportar o governador de S. Paulo, e os navios e embarcações mercantes, que transportarem a essa capital os dois regimentos da Bahia; os quatro navios da companhia geral de Pernambuco, que tambem chegarão a essa cidade com o outro regimento da de Angra, ou da Ilha Terceira, fretando e embargando V. Ex. (se necessario fôr) todos os mais navios e embarcações mercantes, que a brevidade dos sobreditos transportes precisar nos casos occorrentes, além dos que deixo acima indicados.

35. — Logo que o dito exercito de Sua Magestade se achar formado, fornecido, e prompto a marchar e combater, regulará o tenente-general João Henrique de Bohm as operações do mesmo exercito na maneira seguinte:

36. — Antes de tudo procurará o dito general guarnecer e segurar todos os passos dos rios e das montanhas por onde os castelhanos podem vir, ou atacar os nossos actuaes estabelecimentos, ou soccorrer a sua fortaleza da margem

meridional da barra do *Rio-Grande de S. Pedro*, com a qual nos têm pretendido fechar a entrada da mesma barra; fazendo-a a seu favor propria e exclusiva: para occorrer aos sobreditos passos d'aquelles rios e d'aquellas montanhas, quando a necessidade o pedir; isto é, quando tenha certa informação de que o general castelhano o vem atacar com forças superiores, e souber os caminhos por onde elle dirigir as suas marchas, afim de lhe sahir ao encontro com toda a vantagem possivel.

37. — Em segundo lugar. Depois de se haver acautelado e segurado o mesmo general na sobredita fórma, apresentando-se diante da referida fortaleza do lado meridional do *Rio-Grande de S. Pedro*; e levando em tropas, em trem e artilheria, e em morteiros e bombas o que lhe fór necessario para a expugnar, mandará copiar e entregar por um boletim ao arrogante governador hespanhol d'aquella fortaleza a carta de notificação, e o compendio substancial, cujas minutas irão n'estas instrucções inclusas debaixo dos ns. V. e VI.

38. — No caso em que o governador castelhano ceda logo á dita notificação, por ver, que não é só verbal, como as que se lhe fizeram até agora, mas sim armada com forças capazes de abaterem todo o seu orgulho: não se fará represalia na guarnição militar que n'ella estiver, mas sim nas embarcações castelhanas que se acharem no porto, e n'elle devem ser antes de tudo embargadas pela força da nossa artilheria: remettendo-se os officiaes e soldados castelhanos para as suas terras, e as embarcações a esse porto do *Rio de Janeiro*: para assim nos compensarmos dos nossos soldados e embarcações que o referido commandante nos hostilidou, matou e aprezou com a força d'aquella usurpada fortaleza.

39. — No outro caso, em que o dito commandante hespa-

hol espere o ataque, se lhe deve fazer com o mais vigoroso fogo de artilheria e bombas, que couber no possível, afim de que seja rendida antes que possa receber pela via do mar algum nocturno soccorro, que escape á vigilancia da bateria que se deve levantar sobre o dito porto, afim de que a entrada d'elle lhe fique impedida quanto a possibilidade o poder permittir.

40. — Caso, digo, no qual rendendo-se em tempo habil a dita fortaleza por capitulação, em que o commandante hespanhol com a sua guarnição fiquem prisioneiros, e as embarcações armadas em guerra se tomem por perdidas, se praticará a remessa d'elles e d'ellas para o Rio de Janeiro na mesma fórmula acima declarada: porém no outro caso, de esperar o mesmo governador hespanhol, que a dita fortaleza seja tomada por assalto, se praticará a respeito das pessoas o que as leis da guerra estabelecem; e a respeito dos despojos o que vai agora ordenado pela carta régia, em que Sua Magestade os manda dividir pelos seus officiaes e soldados com boa e justa proporção.

41. — Em terceiro lugar. Ordena Sua Magestade, que, desde que a sobredita fortaleza fôr uma vez evacuada, e restituída ao seu real dominio, a que é pertencente, se hajam de suspender até ao tempo abaixo declarado todas e quaesquer outras operações de guerra ou de conquista: havendo considerado o mesmo senhor para ordenar esta suspensão motivos tão grandes como são os seguintes:

42. — Primeiro motivo: Porque assim se mostrará, quando formar queixas contra nós a côrte de Madrid, que só tratamos de defender o nosso da iniqua e insultante vizinhança dos seus officiaas, sem intenção alguma de adiantar conquistas.

43. — Segundo motivo: Porque emquanto a soberba do capitão-general de Buenos-Ayres se preparar para a vingan-

ça d'aquella expugnação, e marchar para vir atacar-nos, teremos nós todo o tempo necessario para bem fortificar, e guarnecer os passos que o advertido e valoroso coronel José Marcellino de Figueiredo acautelou com grande e util providencia; na fórma por elle referida pela carta que dirigiu a V. Ex. desde o Rio Pardo, em 30 de Dezembro do anno proximo preterito, nos §§ 2º e 3º, cujo teor é o seguinte:

Paragrapho 2º: “Tenho acautelado com partidas de auxiliares, e alguns pagos, os difficultosos passos de *Camacuam*, que são cinco, e tenho guarnecido os principaes e fortificado-os; como são parte ulterior d'este rio o de *Guayba*, o de *Piquiri*, o de *Iruy*, o de *Tabatinguay* e d'este lado o de *Jacuby*, com duas peças d'artilheria; e o de *Butucaray*, com outras duas; os de *S. Lourenço*, *Viuva*, *Fandango*, *Romão*, *Pederneiras*, etc., com menos gente de cavalleria e dragões.”

Paragrapho 3º: « Este do Rio Pardo com artilheria de seis e tres, que mandei vir de *Tacury*, e com um morteiro de seis pollegadas, que fiz montar em fórma de obuz, que é como nos póde servir. »

44.— Terceiro motivo: Porque d'esta sorte conseguiremos duas vantagens tão grandes, como são: uma, ha de vir o dito general hespanhol de tão longe com as suas tropas enfraquecidas pelas marchas atacar a peito descoberto as nossas, que ha de achar nos seus quarteis frescas, descansadas e absolutas senhoras, não só dos passos fortificados e guarnecidos que o dito coronel José Marcellino de Figueiredo indicou nos dois paragraphos acima copiados, e nos mais que se achar, que serão difficéis de forçar; mas tambem dos gados, cavalgaduras e mantimentos de todas as campanhas adjacentes.

45.— Quarto motivo: Porque se proseguissemos na

conquista de tudo o que vai desde o *Rio-Grande de S. Pedro* até *Chuy*: por uma parte nos iriamos pondo cada dia mais distantes d'aquelles postos onde é certo que devemos conservar unidas todas as nossas forças: por outra parte nos avizinharíamos e iriamos metter debaixo do peso de todas as tropas, que os castelhanos têm no Rio da Prata; e pela outra parte nos exporíamos a ser cortados e batidos longe da nossa casa, sem possibilidade para nos retirarmos.

46.— Em terceiro lugar: Chegando a verificar-se dois casos taes como serão: primeiro, o que acabo de figurar acima, isto é, de vir o general castelhano a atacar o nosso exercito com todas as forças que tem no Rio da Prata unidas em um corpo: segundo, o de ser o tal exercito castelhano batido pelo nosso, como é de esperar que ha de succeder, abençoando a mão omnipotente do Senhor Supremo dos exercitos a jus tissima causa da nossa defesa natural: chegando, digo, a verificar-se um e outro dos referidos dois casos: manda Sua Magestade prevenir e ordenar a V. Ex. que, desde que ambos os mesmos casos juntos forem verificados, se mude inteiramente o plano do seu exercito então victorioso, passando a ser activa e offensiva a guerra, que até a verificação e união dos sobreditos dois casos deve ser meramente passiva e defensiva, na fórma acima declarada.

47.— Isto é: Que, ficando ambos os lados da entrada da barra do Rio-Grande de S. Pedro fortificados com boas platafórmãs de terra e fachina, onde não houver as de pedra e cal, com bastante e grossa artilheria; e com uma forte guarnição de infantaria, de aventureiros e de artilheiros, para defenderem as ditas fortalezas; e de cavallaria para impedir quaesquer desembarques, que pela costa do mar procurem fazer os castelhanos, ficando assim segura a

retaguarda do nosso exercito : prosiga este sempre unido e sem perder a fórma os passos dos inimigos derrotados até os dissipar e destruir inteira e absolutamente ; assim em tropas, como em bagagens, munições de guerra e boca ; sem lhes admittir capitulação ou tregua alguma, que não seja a de se renderem prisioneiros de guerra com a entrega das armas e tudo o mais que acabo de referir acima : ou isto succeda em choques particulares, ou em acções geraes com todo o corpo junto em fórma de batalha.

48.— Para os casos em que Deus Nosso Senhor nos ajude de sorte que assim venha a succeder : manda Sua Magestade prevenir a V. Ex. :

Primo : Que todos os officiaes e soldados castelhanos, que o seu exercito fizer prisioneiros, devem ser immediatamente remettidos ao *Rio-Grande de S. Pedro*, e d'elle transportados a essa cidade para serem reclusos no presidio da Ilha das Cobras, na mesma fórma acima declarada ; com uma indispensavel e absoluta reclusão, de sorte que a ninguem possam fallar ; e com a ração diaria, que se costuma dar a cada soldado para o seu sustento ; tomando-se contas das despezas, que com elles fizer a fazenda real, para serem pagas ao tempo em que os ditos prisioneiros houverem de ser restituidos.

Secundo : Que aos indios naturaes das missões e territorios d'ellas, que se prisionarem nas acções com os sobre-ditos castelhanos, se lhes faça todo o bom tratamento ; se lhes dêm gratuitos passaportes para se recolherem ás suas terras ; e se lhes segure que (logo que a guerra cessar) ficarão nas suas casas em plena liberdade debaixo da protecção de Sua Magestade Fidelissima, para não permittir, nem que elles com as suas pessoas, cavalgaduras e gados façam algum serviço, que lhes não seja immediatamente pagos ; nem que as suas fazendas e estancias lhes sejam

usurpadas, ou pelos castelhanos, ou pelos portuguezes ; observando-se-lhes tudo isto religiosamente : o que se entende comtudo logo que, ou cessar a guerra, como acima digo, que faz indispensavelmente necessario tirar aos inimigos todos os bens e meios de offenderem, ou elles indios se unirem declaradamente a nós contra os castelhanos, seus crueis oppressores.

Tercio : Que os despojos dos castelhanos vencidos se repartam pelos officiaes da marinha e soldados das tropas regulares, das ligeiras e dos aventureiros vencedores ; sem differença alguma, com a proporção que vai estabelecida na minuta do bando, que o dito senhor manda expedir para este effeito, e V. Ex. receberá com esta debaixo do n. 7.

QUINTA INSTRUÇÃO

49. — A conservação da ilha de Santa Catharina é da summa importancia, que V. Ex. conhece perfeitamente, porque no tempo da paz nos defende a costa do sul dos contrabandos, que sem ella seriam sempre inevitaveis ; e no tempo da guerra ; e por uma parte priva os inimigos dos unicos portos que ha na mesma costa com o fundo e espaço necessarios para n'elles entrarem e conservarem os ditos inimigos, com segurança, náos, que sejam de força ; pela outra parte nos dá a faculdade, não só para alli termos ancoradas as náos de Sua Magestade, mas tambem para introduzirmos tropas e munições de guerra, e de boca n'aquelle continente do sul em casos taes, como este, que agora se presenta ; continente que não poderiamos conservar facilmente se uma vez lhe faltasse a referida ilha.

50. — D'aqui resulta, que a defesa e manutenção d'ella, constituindo um dos grandes objectos da attenção de el-rei meu senhor nas circumstancias da presente conjunctura :

manda Sua Magestade ordenar aos ditos respeitos o seguinte :

51.— Quer o mesmo senhor: Que a fortaleza principal e fortes da referida ilha sejam armados com toda a artilleria, carretame, palamenta, polvora, bala e petrechos possiveis para fazerem uma vigorosa defesa nos casos de surpresas ou de ataques.

52.— Quer: Que a guarnição paga da mesma ilha seja logo reforçada com um dos seis regimentos d'essa cidade, de cujos officiaes V. Ex. fizer melhor conceito; vindo no lugar d'elle o outro regimento, que manda transportar de Pernambuco para essa cidade; posto que contra ella não ha apparencia de que se animem os castelhanos a intentar por agora alguma invasão.

53.— Quer: Que todas as milicias, os corpos irregulares da mesma ilha sejam sem perda de tempo armados, exercitados em atirarem ao alvo, e animados com o exemplo dos regimentos pagos a resistirem aos inimigos em defesa das suas proprias casas e familias.

54.— E quer: Que o brigadeiro Antonio Furtado de Mendonça (a quem manda a patente de marechal de campo), baixando logo das Minas a essa capital, passe á referida ilha, encarregado da guarda e defesa d'ella em observancia da carta régia, que lhe vai expedida para exercitar a dita commissão, até que venha (como esperamos brevemente ha de vir) a cessar a necessidade, que faz tão prudentes, como preciosos os actuaes esforços.

55.— E considerando ultimamente o dito senhor, que assim a defesa da referida ilha, como as acções das suas reaes tropas no continente do sul, se não poderiam bem consolidar sem serem assistidas pela via das costas e do mar por um competente numero de náos e fragatas de guerra: usando dos pretextos acima indicados e d'outros se-

melhantes: mandou preparar e dirigir a esse porto do Rio de Janeiro ás ordens de V. Ex. a esquadra de tres náos de linha e quatro fragatas de guerra, que vão descriptas na quarta parte do sobredito plano, que leva o n. I. E mandou que, para a referida esquadra ficar logo ahí expedita e prompta, fosse feita a nomeação do commandante d'ella e dos respectivos capitães de mar e guerra, e seus officiaes; e pela outra carta régia, que tambem acompanhará esta, afim de que V. Ex. a faça publicar, e dar logo a sua devida execução. Declarando o commandante o chefe da dita esquadra; e fazendo entregar as referidas náos e fragatas aos capitães e officiaes, que lhes vão destinados na carta régia, provisão e decretos, cujas cópias serão com esta debaixo do n. VIII.

56. — A referida esquadra pareceu que seria bastante por agora, em razão das vantagens que ella ha de ter n'esses mares sobre quaesquer outras castelhanas, posto que sejam superiores em numero; em razão de que a nossa dita esquadra, e os navios d'ella, poderão sustentar-se no mar em todo o tempo, tendo a seu favor os portos d'essa capital, os da *Ilha de Santa-Catharina*, e o do *Rio-Grande de S. Pedro* (depois de haver sido expugnado, como esperamos), para n'elles acharem abrigo e asylo em qualquer accidente; quando as suas esquadras, e náos terão por inimiga toda a costa do Brasil, que decorre desde essa do *Rio de Janeiro* até o tormentoso *Rio da Prata*, sem acharem fóra d'elle onde se possam recolher, e sem que por isso possam evitar virem cahir nas nossas mãos debaixo de um sequestro, nos casos em que sejam urgentemente constrangidos pelas tormentas e proximos naufragios a irem refugiar-se aos nossos portos para salvar as vidas.

SEXTA E ULTIMA INSTRUÇÃO

57. — E'cousa verosimil que o governador de Buenos-Ayres, vendo perdida a fortaleza do lado meridional da barra do *Rio-Grande de S. Pedro*, que está chamando sua, haja de ir desbravar-se contra a Colonia do Sacramento, que é certamente nossa. E para este caso se faz preciso, que V. Ex. ; ou previna o governador actual d'aquella fortaleza, achando que é capaz de bem executar as suas ordens, ou mande no seu lugar outro, que seja habil, e do qual possa confiar, que execute as instrucções seguintes.

58. — A primeira deve ser a de fazer o dito governador, sobre a citação que o general castelhano lhe fizer para render a praça, a resposta que vai minutada para este effeito. (N. IX.)

59. — A segunda deve ser a que se contém na outra resposta, que tambem vai minutada, para o caso em que o dito general castelhano insista em querer, que a referida praça se haja de render ás suas geniaes, e costumadas ameaças. (X.)

60. — A terceira deve ser a de se defender o dito governador até a ultima extremidade de ver aberta uma brecha tal, que já não seja possivel, nem reparar-se com cortaduras, nem evitar-se por ella o assalto.

61. — Espera Sua Magestade, que V. Ex. ao mesmo tempo ha de prevenir para aquelle caso tres cousas tão proprias d'elle, como são a seguintes.

62. — A primeira é o grande cuidado em pagar, e ter espias, que exactamente o informe de todos os movimentos que os castelhanos fizerem contra a dita praça ; de sorte que saiba quando elles a principiarem atacar á cara descoberta.

63. — A segunda cousa é, que logo que se verificar o

dito insulto commettido contra aquella praça, mande V. Ex. por uma parte arrebanhar e fazer passar para as nossas terras todas as cavalgadas e gados das estancias dos castelhanos, a que sem perigo se poderem estender as incursões das tropas ligeiras, e dos aventureiros e caçadores, etc. Pela outra parte mande invadir, e saquear todas as suas aldéas que o poderem ser com segurança das referidas tropas: por outra parte mande prisionar, e trazer em presença do general em refens aos ministros, officiaes e pessoas notaveis das ditas aldéas, para se enviarem immediatamente para a Ilha das Cobras: e pela outra parte lhes faça intimidar ao mesmo general, que pelo direito de represalia se executarão a respeito d'elles com justiça todos os rigores, que o general de Buenos-Ayres houver praticado com crueldade a respeito da guarnição, e habitantes da Colonia: dando-se-lhes os meios de avisarem ao dito general castelhana esta intimação logo que lhes fór feita.

64. — A terceira cousa é que, usando V. Ex. das certas, e prévias informações, que deve ter das forças navaes, que os ditos castelhanos tiverem no Rio da Prata: e vendo que ellas lhe permitem, que possa soccorrer por mar a referida praça da Colonia, a mande auxiliar com aquelle, ou aquelles dos navios da esquadra do chefe Mack Duel, que forem competentes, e que sem temeridade poderem expedir-se, de sorte que não corram perigo de perder-se.

Deus guarde a V. Ex. — Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda em 9 de Julho de 1774. — *Marquez de Pombal.* — Senhor marquez do Lavradio.



REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

2º TRIMESTRE DE 1868

PERNAMBUCO

REVOLUÇÃO DE 1817

INTERROGATORIOS MAIS IMPORTANTES DOS RÉOS

(EXTRAHIDOS DO ARCHIVO PUBLICO)

PERGUNTAS A LUIZ FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI E ALBUQUERQUE

SEGUNDAS PERGUNTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e dezoito, aos vinte e dois dias do mez de Outubro, nas casas da cadêa d'esta cidade da Bahia, onde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e juiz da alçada, commigo escrivão abaixo nomeado, e o escrivão assistente o desembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahi elle ministro mandou vir á sua presença o preso Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, que posto em sua natural liberdade lhe fez as perguntas seguintes :

Perguntado seu nome, naturalidade, morada, estado, idade e occupação.

Respondeu que se chamava Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, natural da freguezia de Santo

Amaro de Jaboaão, termo de Olinda, morador no seu engenho de Santo André, termo do Recife, solteiro, de quarenta e seis annos, coronel de milicias de Olinda e agricultor.

Perguntado se ratificava quanto havia respondido nas perguntas que se lhe fizeram no Recife, ou se tinha que accrescentar, diminuir ou declarar alguma cousa.

Repondeu que ratificava tudo quanto havia respondido, e sómente declarava que elle não viu portaria ou carta de nomeação de conselheiro, do deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, ainda que o viu algumas vezes nas sessões dos conselheiros, e ouviu dizer que era conselheiro. E tinha a accrescentar em sua defesa, como tinha dito, que quando elle e seu irmão Francisco de Paula tinham entrado no Recife no dito dia sete de Março de manhã, para saberem o que se tinha passado e para que fim era aquelle barulho, depois de conhecerem o que era, convencionaram entre si de se sujeitarem ás circumstancias; mas de trabalharem de commum, para ou se escaparem, ou fazerem uma contra revolução se a podessem fazer; que elle respondente fez o que tem dito, e que seu irmão fez o que elle tambem fez para o dito fim; que, recolhendo-se elle respondente do sobredito engenho de Morinos ao Recife no dia dezeseite de Maio á noite, no dia dezoito de manhã, vendo que os rebeldes estavam em acto de resistencia, e que queriam ir com toda a sua força atacar o marechal no lugar em que o encontrassem, os procurou e lhes exaggerou quanto pôde as forças do mesmo marechal, afim de que elles tomassem antes o partido de fugirem, e o dito seu irmão o ajudou a isto mesmo; em consequencia d'esta conversa fizeram elles um conselho, em que votaram os chefes de tropa, não obstante ser Domingos Theotónio o unico que então governava, e no conselho foi elle respondente e seu irmão vencidos em votos; porém elle e seu

irmão não desistiram d'esta pretensão, e foram repetir a mesma exaggeração ao padre Pedro de Sousa Tenorio, e lhe entregaram uma carta fingida como vinda do Cabo, em que pozeram por escripto a mesma exaggeração; este a foi mostrar a Domingos Theotonio Jorge, o qual persuadindo-se então se resolveu e tomou a deliberação de se retirar; e declarou que esta operação sómente foi feita por elle e seu irmão, e que é verdade que ambos a communicaram a José Carlos Mairink, mas foi sómente a elle, e depois de a terem executado, e lhe parece que foi no dia dezoove de manhã; o qual a approvou e prometeu auxiliar quanto podesse. Em consequencia de ficar persuadido o dito Domingos Theotonio, deu ordem para todas as tropas se ajuntarem no dia 19 de Maio de manhã, parte na Soledade, e parte no Campo do Hospital, e juntar ellas; appareceu elle e leu uma proclamação, em que dizia que tinha tentado capitular com o commandante do bloqueio; que este se tinha negado a ella, e dito que as tropas haviam de ser quinçadas, que por este motivo tinha resolvido retirar-se com ellas para o norte, para ahi se fazer forte, e esperar auxilios que esperava para depois defender-se melhor, e deu ordem que de tarde pelas tres horas haviam de partir. E em particular disse a alguns, como foi a elle respondente e seu irmão, que ia destruir as fortalezas, encravar a artilheria, inutilisar tudo, e tudo destruir, para que não servisse aos realistas; e que tambem queria arruinar e matar varias pessoas de quem desconfiava. Vendo isto elle respondente e o dito seu irmão, se lhe offereceram logo ambos, elle respondente para ficar com o commando das fortalezas, promettendo-lhe executar os seus projectos (Veja o juramento de José Peres Campello), e o dito seu irmão se offereceu para ficar com o commando da villa do Recife e Santo Antonio, fazendo a mesma promessa, e elle aceitou

estes offercimentos, e deu as ordens necessarias ; e assim conseguiram não se executar os seus projectos como entenderam pelas suas promessas. Elle respondente logo que recebeu a ordem de ficar com as fortalezas foi á do Brum, que commandava seu sobrinho Francisco de Paula, e lhe communicou o seu segredo, e o pôz de accordo para no outro dia de manhã se levantar as bandeiras reaes, e foi tambem á do Buraco, que estava commandada por Pedro Antonio, e sem lhe communicar o segredo lhe disse, que não executasse quaesquer ordens que tivesse sem ordem sua especial, porque agora tinha o commando para assim se executar, e o mesmo mandou dizer aos commandantes das outras fortalezas ; e se recolheu á fortaleza das Cinco Pontas, tendo communicado isto que fez ao dito seu irmão Francisco de Paula, para obrarem de accordo, e não o communicou a mais alguém por causa do segredo. Depois de estar na dita fortaleza das Cinco Pontas, e ter a certeza de ter Domingos Theotónio com a tropa evacuado o Recife, o que se effectuou ao anoitecer, mandou fechar as portas da fortaleza para não sahir alguém, e mandou abrir a prisão em que estava José Ignacio Borges e conduzi-lo ao seu quarto ;ahi lhe communicou todo o segredo, e lhe disse que o aconselhasse no mais que queria fazer, a saber, se havia soltar os presos logo, e se havia de levantar bandeira real pela manhã ao toque de alvorada, e elle respondeu que não soltasse preso algum para que não chegasse a noticia aos rebeldes, e que só fizesse de manhã e já tarde depois de poderem conjecturar d'elles estarem mais longe, e que no mesmo levantasse tambem as bandeiras. Depois de terem assentado n'isto passado algum tempo bateram á fortaleza, e dizendo-se-lhe que era José Carlos Mairink, o mandou conduzir ao seu quarto, e estando todos tres, lhe communicou o que tinha tratado com

José Ignacio Borges, e lhe dissesse que lhe procurasse uma bandeira, porque a não tinha na fortaleza; concordando elle em tudo, sahio e lhe mandou um bilhete escripto por Gervasio Pires Ferreira para um seu capitão de navio lhe mandar uma bandeira, o qual com effeito lh'a mandou n'essa mesma noite; e no dia vinte pelas sete horas da manhã, o mandou levantar e dizer ás outras fortalezas que fizessem o mesmo, e tambem mandou soltar n'aquella fortaleza e nas outras; e o dito José Ignacio Borges, ficando solto ás ditas horas, se offereceu para ir dar parte ao commandante do bloqueio, e foi; e depois d'elle appareceu José Carlos Mairink com uma carta já feita em que dava parte ao dito commandante do bloqueio, e elle respondente mandou apromptar um jangadeiro para a levar, como levou. Depois d'isto veiu um official de marinha mandado por Rodrigo Lobo, para verificar as noticias que lhe tinham dado; viu as outras fortalezas, e veiu ter á em que elle respondente estava; e ahi determinou os commandantes que haviam ir para as fortalezas, e depois fez os seus signaes, tendo-lhe elle respondente communicado o que tinha feito; e mandou que nas Cinco Pontas ficasse Gonçalo Marinho: na tarde do mesmo dia veiu o commandante do bloqueio depois dos ditos signaes, e tomou conta do governo. E que sahindo da fortaleza das Cinco Pontas o dito official de marinha sahio elle respondente com elle, de tarde foi esperar o dito commandante Lobo, no dia 21 foi comprimental-o com a officialidade do seu regimento, e se recolheu á casa em que morava no bairro de Santo Antonio, que logo largou, e foi o sitio que tem na ilha, que é immediato: n'esse dia mandou o dito commandante prender ao dito seu irmão, e elle respondente esteve no seu sitio commandando o seu regimento varios dias; depois dos quaes soube, que o dito commandante o mandára prender, e os executores o

foram buscar no engenho de Santo André, distante quatro leguas, sendo publico e notorio que elle estava no dito sitio, e que estava commandando, e despachando para o seu regimento publicamente. E vendo elle respondente que se procedia assim, e julgando-se innocente, se escondeu até chegar novo governador; e quando elle chegou, tendo noticia que elle se informava mais de quem era culpado, no dia 23 de Julho se lhe foi apresentar, e o mandou recolher á fortaleza das Cinco Pontas, como dito tem, onde ficou preso; e que não sómente fez o que tem dito a favor de Sua Magestade, mas que tambem no mesmo tempo dos rebeldes aconselhou a muitas pessoas que os não seguissem não só no Recife, mas nos mais lugares, onde esteve, e passou: que isto era o que tinha a allegar em sua defesa.

E sendo-lhe apresentadas as suas assignaturas, que estão na carta folhas 64, e proclamação folhas 65 do appenso F, e perguntado se as reconhecia como suas.

Respondeu que as reconhecia como suas proprias, e eram aquellas carta e proclamação de que fallou nas suas primeiras perguntas e respostas que então deu, que lhe foram mandadas já escriptas pelo governo rebelde, e que elle se viu obrigado a assignar como então disse.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por acabadas, e lhe deferiu juramento aos Santos Evangelhos, pelo que tocava á terceiro, e por elle recebido disse que ratificava tudo quanto tinha dito pelo que tocava á terceiras pessoas; e lidas a elle respondente estas perguntas, pelas achar conformes ao que havia respondido assignou com elle juiz da alçada, escrivão assistente, e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da mesma Alçada que o escrevi e assignei. — *Luiz Francisco de Paula Cavalcanti*. — *José Caetano de Paiva Pereira*. — *João Osorio de Castro Sousa Falcão*.

TERCEIRAS PERGUNTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos vinte e dois dias do mez de Outubro, nas casas da cadêa d'esta cidade da Bahia, aonde veiu o dito desembargador do paço e juiz da alçada, commigo escrivão e escrivão assistente abaixo assignados, ahi pelo dito ministro foi mandado vir á sua presença o mesmo réo acima referido Luiz Francisco de Paula Cavalcanti, e lhe fez as perguntas seguintes :

Perguntado seu nome, naturalidade, morada, estado, idade e occupação.

Respondeu chamar-se Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, natural da freguezia de Santo Amaro de Jaboaão, morador no seu engenho de Santo André, solteiro, de 51 annos incompletos, coronel de milicias e agricultor.

Perguntado se ratificava tudo quanto havia respondido nas perguntas antecedentes, e se tinha que declarar, accrescentar ou diminuir alguma cousa, sendo-lhe lidas as ditas perguntas.

Respondeu que ratificava tudo quanto havia respondido, e que nada mais tinha a dizer.

Perguntado que, visto ter feito o plano sobredito de fugir, ou fazer contrarevolução, e mais o dito seu irmão, dissesse quem eram esses homens contra quem queria fazer essa contrarevolução.

Respondeu que era contra aquelles que se tinham apoderado do governo contra Sua Magestade, e vinham a ser os membros do governo insurgente, que eram cinco bem conhecidos, que pôde ser que alguns d'entre estes no seu coração fosse a favor de Sua Magestade, porém que elle respondente só se regulava pelo seu exterior, e pelo que

mostravam ; e que tambem eram os commandantes de tropa de linha, que todos via unidos a elles, como eram José de Barros Lima, Pedroso commandante do regimento de infantaria, e os chefes dos batalhões de pardos e pretos, e d'estes eram Joaquim Ramos de Almeida e Thomaz Ferreira Villa-Nova, e dos pardos um Fuão Dornelas, e outro lhe não sabe o nome, e outros mais cujos nomes lhe não lembram, tanto da tropa como fóra d'ella, que todos via unidos, e não sabe o seu interior se alguns d'elles teriam outros sentimentos.

E instou que dissesse a verdade, porque constava dos autos que os rebeldes no dia 6 de Março á noite escreveram varias cartas a todos os seus amigos, e que duas d'ellas haviam de ser uma para elle respondente, e outra para o dito seu irmão, porque constava dos mesmos autos que ambos frequentavam os adjuntos nocturnos e diurnos que se fizeram para este levantamento em casa de Domingos José Martins, em casa do Cabogá, em casa de Gervasio Pires Ferreira, em casa do padre João Ribeiro e em casa do cirurgião Vicente Ferreira Peixoto ; e até constava que já de muitos annos ambos cuidavam de revolução, porque já foram denunciados em 1801 e outro seu irmão José Francisco de Paula, e que se então não appareceu prova feita contra elles, que a falta de prova não tirava a verdade, e que os indicios e a fama sempre ficou contra elles entre o povo ; e que, tendo elles esta reputação e fama, não podiam os outros rebeldes de os tratar por seus socios, e muito mais frequentando elles os seus adjuntos como fica dito.

Respondeu que depois que chegou ao Recife com o dito seu irmão, quando vieram vêr o que se passava, soube e foi publico que elles tinham escripto na noite do dia 6 muitas cartas a muitas pessoas, porém elle res-

pondente não recebeu carta alguma, nem lhe consta que seu irmão a recebesse; que nunca foi aos sobreditos ajuntamentos, nem também aos ditos donos das casas em que elles se faziam, nem com elles tinha relação de amizade, e que sómente o dito padre João Ribeiro ia algumas vezes procurar a elle respondente á sua casa; e que tanto os não frequentava que havia nove mezes que não ia ao Recife até que elles fizeram o levantamento: que na sobredita denuncia que dizem fizeram contra elle, na verdade a não fizeram contra elle respondente, e sim contra os ditos seus irmãos; que era verdade fôra preso, mas foi por suspeita em razão de viver com seu irmão Francisco de Paula; que apresentou as cartas que lhe pediram; que se seu irmão não apresentou alguma não sabe a razão; e que a denuncia se mostrou falsa, porque elle e seu irmão foram soltos, e depois fizeram a elle respondente coronel do seu regimento, sendo só capitão.

Instou mais, que dissesse a verdade, porque quando chegou e mais seu irmão ao sitio dos Afogados, e achou um destacamento por parte dos rebeldes, como acima disse; traziam um maior numero de gente comsigo, e tinham mandado avisar mais, como acima disse, e por isso não tinham que temer d'este corpo que acharam, e podiam quando temer sem ir para o Recife por ahi haver maior numero de gente, voltarem para se ajuntar a gente que tinham avisado, e fazer uma diversão aos rebeldes, ou il-os atacar; porque n'esse tempo elles ainda tinham pequeno partido, e havia muita gente por parte de Sua Magestade, que se lhe unisse e defendesse a sua causa, como a experiencia mostrou depois, e nunca deviam entrar no Recife a engrossar suas forças como engrossaram.

Respondeu, que a gente que traziam comsigo eram de ordenanças, que não tinham armas sufficientes, porque a

maior parte d'elles traziam páos e chuços, e que a gente que estava avizada era d'esta mesma qualidade, e que não tinha outras armas, e pelo contrario os rebeldes estavam senhores de todas as armas e munições que havia na praça, porque se tinham senhoreado d'ellas, e fóra da praça não havia deposito algum, e por isso não podiam atacar nem fazer diversão. E com effeito entrou no Recife, e então soube o caso como havia sido antecedentemente por lhe dizerem e informarem, que antes da revolução se tinha formado um grande partido e rixa entre brasileiros e europeos; que á testa do partido d'estes se pozeram Alexandre Thomaz, Manoel Joaquim Barbosa de Castro, Luiz Antonio Salasar Moscoso, e outros que lhe não lembram, e á testa do partido brasileiro o padre João Ribeiro, Domingos José Martins, Domingos Theotonio e outros, e estes partidos chegaram a dizer dichotes uns aos outros, e fazerem papuletas de parte a parte, e isto azedou com um papel que fez o Deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, defendendo a liberdade d'uma escrava contra um europeu, em que lembrou factos antigos d'estes contra aquelles, e chegou o caso a tanto que houveram denuncias ao general, feitas pelos europeos, os quaes metteram n'estas denuncias o desembargador José da Cruz Ferreira, e a consequencia d'isto foi fazer o governador um conselho dos officiaes generaes, e os principaes do partido europeu eram vogaes, e decidiram que se preudessem os que elles disseram; José Roberto foi incumbido de prender os paisanos, o Salasar os que eram officiaes do seu regimento, e o dito Manoel Joaquim Barbosa os do seu regimento de artilheria; e para executar isto os mandou ir aos quarteis no mesmo dia ás duas horas, e ahi principiou por uma falla em que os descompunha; mandou conduzir á fortaleza Domingos Theotonio, e sahindo este deu a voz de preso a José de Barros Lima,

com quem tinha grandes intrigas por causa d'uma preterição, e este puchou da espada, e lhe deu uma estocada, e outros lhe deram mais até que o mataram; chegando a noticia d'isto ao palacio, sahio Alexandre Thomaz só, e partiu só sem patrulha a acudir a desordem, chega aos quarteis mandou armar alguns soldados de infantaria que via; mas a esse tempo os que tinham feito a morte tinham descido para baixo, e mandado armar alguns soldados, e a estes mandaram dar fogo, e matar o dito Alexandre Thomaz; quando chegou a noticia a palacio o governador fugiu com os officiaes que tinha comsigo, levando comsigo a guarda; aquelles que se viram perdidos (timidos) tocaram-rebate, juntaram gente e engrossaram suas forças; e tendo noticia que José Roberto estava no campo do Erario com muitos auxiliares, Pedro da Silva Pedroso partiu para lá como uma patrulha não grande, e José Roberto o não ataca, o commandante da guarda do erario com os poucos soldados que tinha se pôz em armas, o Pedroso mandou preparar para dar fogo, o commandante da guarda fez o mesmo com os poucos soldados que tinha; o Pedroso tendo medo volta e se retira, e porque José Roberto não o perseguiu, foi ter á cadêa, soltou os presos entre os quaes estava Domingos José Martins, repartiu-lhes armas nos quarteis, e todos se armaram, e com a gente que foram ajuntando fizeram a desordem d'aquelle dia, no fim de qual foram outra vez ao campo do Erario, onde estava José Roberto, este lhe faz entrega e parte para o Brum, e elles se apoderaram de tudo, assim como tambem tomaram a cidade de Olinda; e depois se seguiu tudo o mais da revolução.

E d'esta maneira houve elle ministro estas perguntas por lindas, que lidas ao respondente disse estarem conformes; de que damos fé, e assignou com elle ministro, *escrivão*

assistente, e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da alçada, que o escrevi e assignei ; e declaro que na segunda regra d'esta pagina a palavra — perdidos — se deve ler— tímidos—porque assim o disse elle respondente ; e porque assim o declarou, assignou com os sobreditos, e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, que o escrevi e assignei.— *Luiz Francisco de Paula Cavalcanti.* — *José Castano de Paiva Pereira.* — *João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

QUARTAS PERGUNTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos vinte e tres dias do mez de Outubro, nas casas da cadêa d'esta cidade da Bahia, aonde veiu o desembargador do paço e juiz da alçada o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, commigo escrivão e escrivão assistente abaixo assignados, ahi mandou vir á sua presença a Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, ao qual fez as perguntas pela fórma seguinte, em ratificação das antecedentes, e continuação de outras.

Perguntado se ratificava tudo quanto havia respondido nas perguntas antecedentes, que n'este acto lhe foram lidas, ou se tinha que accrescentar, diminuir ou declarar alguma cousa.

Respondeu que ratificava tudo quanto havia respondido, e nada mais tinha que declarar.

Instou mais que declarasse a verdade, porque constava dos autos, e era publico e notorio que a emulação, que fez partidos entre europêos e brasileiros, não era privativa de Pernambuco, mas sim geral no Brasil, e que ella mesma

servia d'um bem, que vinha a ser de trabalharem todos para querer distinguir-se no bem publico e commum, e de nenhum se entregarem á preguiça, e de apurarem todos nas sciencias e nas artes; que tambem era publico e notorio que os insurgentes se serviram d'esta emulação para encobrirem os seus projectos, e responderem, quando houvesse alguma denuncia, que os adjuntos que faziam era por causa d'esta emulação e se defenderem dos europeos, e que assim o fizeram em Pernambuco, enganando d'esta maneira o governador, para elle não dar as providencias necessarias a este respeito, como se vê da sua proclamação e ordem do dia dos dias quatro e cinco de Março; e que tambem se vê dos autos, que se trabalhava no projecto da revolução em Pernambuco ha muitos annos, não só porque a maior parte dos rebeldes o declararam, e se gabavam publicamente de que ella tinha sido o fructo, uns de sete, outros de nove, outros de quinze, outros de vinte annos; que Philippe Neri e seu irmão se foram estabelecer no Rio-Grande a pretexto de negociar, afim de lá formar partidos e espalhar idéas revolucionarias; Domingos Theotônio foi ao Rio de Janeiro ao mesmo fim a pretexto de despachos, e que de lá veiu estar na Bahia para o mesmo projecto; que o irmão d'elle testemunha foi ao Aracaty com o cirurgião Serpa já fallecido, e de lá veiu pelo Rio-Grande e Parahyba, formando gente ao seu partido; que isto é tão publico, que os mesmos rebeldes em seus conselhos, a que elle mesmo respondente assistiu, e em suas proclamações o declararam; e até mesmo quando Domingos Theotônio se retirou para o norte declarou que ia lá buscar os auxilios que tinha, como elle mesmo respondente disse acima; que é verdade que o rompimento foi repentino, mas foi porque as denuncias dadas ao general e as ordens d'este o fez abreviar e sahir antes do dia pro-

jectado, que era o dia seis de Abril, dia da acclamação de Sua Magestade; que tanto os rebeldes estavam seguros dos ditos trabalhos que tinham feito para formar partidos, que, quando mandaram o governador Caetano Pinto para o Rio de Janeiro, mandaram com pena de morte ao capitão e mais officialidade da embarcação, que fossem com bandeira parlamentaria e com ella entrassem na barra do Rio de Janeiro; o que de certo não fariam se ahi não entendessem ter partido, porque d'outra maneira era ir metter estes homens a pena de morte, que lhe competia pela lei por serem unidos aos rebeldes e sujeitar-se a perder a embarcação, que pela mesma lei devia ser confiscada; que os mesmos rebeldes no seu conselho, a que assistiu elle respondente e seu irmão, autorisaram a Domingos José Martins, por um decreto feito perante todos, para ir fretar uma embarcação pelo dinheiro que podesse ajustar, para ir a Moçambique buscar e trazer ao irmão d'elle respondente José Francisco de Paula; que com effeito o dito ajustou a embarcação e foi por oito contos de réis, dando logo cinco á vista, e tres na volta; o que se não pôde considerar que se fizesse sem ter ajustado com elle de vir unir-se á revolução, e vir fazer a sua força por ser militar muito habil; que, supposto elle não veio na dita embarcação, foi por ter noticias por outra embarcação que do Rio de Janeiro tinha chegado antes, e contado as forças que por mar e terra se tinham mandado contra Pernambuco, pelos quaes viu não podia entrar n'aquella embarcação sem forças maiores que não tinha.

Respondeu que elle não sabe se em Pernambuco e no mais Brasil havia de antigo emulação entre europêos e brasileiros, porque vivia em sua casa e não costumava frequentar as casas dos outros; que é verdade que esta emulação levada pelos seus devidos termos pôde ser um

bem, mas que levada ao ponto de fazer rixas, como aconteceu em Pernambuco, é um mal; que não sabe se os rebeldes se serviram d'ella para pretexto para encobrir os seus projectos; mas que tanto se podiam servir d'isto os europeós como os brasileiros, e que lhe consta que os europeós faziam parte dos ajuntamentos, e que elle respondente nunca foi aos ajuntamentos dos brasileiros, nem sabe que os fizessem; e ouviu dizer que os europeós se ajuntavam em casa de um Manoel Caetano, logista, que não conhece; e que elle não sabia se os rebeldes se serviram d'este pretexto para enganar o governador; que é verdade que este sahio com a dita proclamação e ordem do dia, em que recommendava que não houvessem partidos entre brasileiros e europeós, que fossem todos unidos e amigos; porém com isto augmentou o mal, porque fez saber ao povo o que elle ignorava, e é certo que o povo, dando-se-lhe idéas de que póde alguma cousa, se enche de soberba e se faz peor, o que aconteceu então em Pernambuco; porque disseram então a elle respondente que, quando os soldados ouviram ler a dita ordem do dia e proclamação, houve entre elles um grande sussurro; e disse mais que é verdade que os rebeldes em seus conselhos, e principalmente Domingos José Martins e Domingos Theotônio, se gabavam e faziam publicar em suas proclamações que eram do seu partido as mais capitánias do Brasil e alguns reinos estrangeiros; e o dito Domingos José Martins até disse tinha gasto mais de vinte contos de reis do seu dinheiro para esta revolução: porém elle respondente examinou que tudo isto era falso, e que elles espalhavam estas noticias para unir o povo a elles, e o fazerem cuidar que a revolução se sustentava: que não sabe se Philippe Neri e dito seu irmão foram para o Rio Grande fazer partido de revolução, antes presume que não,

porque eram mui rapazes então, e não tinham meios nem instrucção para isso ; e que seu pai os mandára para lá para evitar-lhes algumas travessuras de rapazes que em Pernambuco faziam, e os pôz debaixo da vigia e direcção de seus correspondentes ; que seu irmão é verdade que fôra fazer a dita viagem, mas foi em razão da queixa de peito que tom, pelo assim determinarem os medicos em junta, e levou comsigo o dito cirurgião Serpa, já defunto, e para o curar nos incidentes que houvesse, e que de facto melhorou no sertão, posto que quando chegou a Pernambuco a queixa voltou ao mesmo; e que na volta do Aracaty não veio pelo Rio-Grande, mas veio pela Parahyba para vêr sua filha casada com José Castor Barbosa Cordeiro ; e tanto não foi para seduzir que nem este seduziu, porque sempre foi realista e não entrou na revolução da Parahyba. E que Domingos Theotonio, ouviu dizer, que fôra ao Rio de Janeiro a seus despachos, e que voltára por falta de dinheiro para ahi se conservar mais tempo, e que viéra pela Bahia, por d'ahi ser a embarcação que achou mais prompta ; que não sabe que elles estivessem preparados e para fazer revolução no dia seis de abril, nem soube n'aquelle tempo ; que não assistira á deliberação que os rebeldes tomaram a respeito da ida de Caetano Pinto para o Rio de Janeiro e navio que o levou, e só soube d'esta ida no dia em que elle embarcou; igualmente não sabe das ordens que deram ao mestre da embarcação e mais officiaes. E disse que não assistiu á deliberação que os rebeldes tomaram de mandar vir seu irmão José Francisco de Paula ; que sómente soube d'ella depois de tomada ; que instou contra ella, expondo os sentimento de seu irmão ; e declarando-lhes que elle não havia deixar o certo pelo duvidoso, que estava bem e se não havia de arriscar a ficar mal ; e que elles mesmos rebeldes não tinham a dar-lhe mais do

que elle já tinha ; porém elles, não obstante as repetidas instancias que lhes fez, insistiram no seu projecto de mandar a embarcação ; mas que elle não sabe quem foi o mestre, nem quem fez o ajuste, nem n'isso interveiu.

Instou que dissesse a verdade, porque os rebeldes, quando elle vindo de sua casa para o Recife para examinar o que se passava como dito tem, antes de chegarem, e saberem que tinha chegado, o nomearam governador da fortaleza das Cinco Pontas, porque quando elle respondente alli chegou já ahi estava um portador a esperal-o com a dita nomeação, a qual elle respondente aceitou ahi mesmo sem ter ido saber o que se passava, signal de que já o sabia, e os reputava com autoridade capaz para o nomearem ; porque aliás se desculparia, e diria que lhes queria ir fallar primeiro, para saber o partido que havia de tomar, se pró ou contra.

Respondeu que os rebeldes já sabiam que elle respondente vinha, porque quando chegou com seu irmão aos Afogados mandou dois officiaes dos que traziam, a saber onde estava o governador e se lhe podiam fallar, e por onde podiam entrar para isso ; que estes trouxeram a resposta, que o general tinha entregue o governo aos rebeldes, e que os que estavam á testa d'elle lhe mandavam dizer que elles mandavam que entrassem, que viessem sem medo, mas que sem falta viessem ; e que vindo e chegando ás Cinco Pontas ahi encontrou uma patrulha de trinta a quarenta homens, cujo commandante lhe intimou que elles lhe mandavam que elle tomasse conta da fortaleza, e que desculpando-se, dizendo que queria fallar-lhes primeiro, mas que elle não admitiu desculpa, e que por isso aceitou ; mas depois de entrar na fortaleza a entregou aos mesmos, dizendo-lhes que ia fallar aos ditos representantes como foi, e que elles o não nomearam porque entre elle

respondente e elles houvesse alguma correspondencia anterior; e que pensa sómente o nomearam por elle ser pessoa de representação, para assim impor ao povo e fazer crer que tinham pessoas de representação no seu partido.

Inistou mais que dissesse a verdade, que a imposição ao povo de o fazer crêr que tinham pessoas de representação a seu favor, elles não eram loucos, que o fizessem com perigo seu proprio como era n'este caso de entregar a fortaleza a um homem que não conhecessem, e de cujos sentimentos não estivessem certos; porque podia a mesma fortaleza batêl-os, fazer-lhe destruição, e formar partido a seu favor, porque a gente que fosse realista, como era muita, e a experiencia mostrou, podia recolher-se á fortaleza, e ahi fazer-se forte; e que nem elle respondente se pôde valer de querer dizer que na mesma fortaleza não havia força, e que ella era insignificante para os bater e fazer resistencia, porque se o fosse não fariam caso d'ella, nem lhe poriam commandante escolhido por elles mesmos.

Respondeu que a fortaleza das Cinco Pontas, que entregaram a elle respondente, era para elles um ponto insignificante, de maneira que cuidaram em se apoderar das outras antes d'esta; que elle respondente não viu esperanças de fazer n'ella alguma cousa contra elles; que n'ella não viu munições de guerra, nem de boca; que a guarda que ahi achou, toda era do partido d'elles, e tambem nada podiam por falta de munições; e que o povo mesmo quando foi entrando era todos gritarem a favor d'elles, sem dar a menor mostra de realista, sem que elle respondente podesse saber os seus corações; e que tanto elles reputavam esta fortaleza insignificante, que sómente a armaram quando para ella passaram os presos que tinham na fortaleza do Brum, o que fizeram varios dias depois de lh'a entregarem.

Instou mais que dissesse a verdade, quando entregou a fortaleza á dita guarnição e sahiu não foi, como consta dos autos, em direitura aos rebeldes, e informar-se com elles, mas entrou primeiro na casa do collegio, residencia dos governadores, e ahi esteve muito tempo antes de ir fallar com elles, o que mostra que elle nenhum interesse tinha em fallar-lhes, e tudo o que tem mostrado é dito arbitrariamente.

Respondeu que não entrára no dito collegio, nem o susto com que entrou deu lugar a desviar-se do caminho mais perto de chegar aos rebeldes, porque pelo caminho foi vendo, sempre vendo patrulhas armadas e tumulto de que se receiou, e n'esse tempo não soube que estivesse pessoa alguma no dito collegio, e sómente depois que fallou com os rebeldes no campo do Erario ouviu dizer que lá estava Domingos Theotonio com sua guarda.

Instou mais que declarasse a verdade, porque não era segundo ella o que acima disse; que entrára no serviço dos rebeldes com animo de fazer contra-revolução ou de fugir, porque quando aceitou o commando do mar teve uma occasião opportuna de fugir e o não fez; e quando aceitou o commando das tropas para o sul, em Porto de Pedras, teve boa occasião de se unir a este povo, e augmentar as suas forças, e o não fez; quando d'ahi voltou para o Cabo e ahi chegou, podia engrossar o partido que ahi se formou contra os rebeldes, e ajudal-os; já então assim como em Porto de Pedras havia o grande apoio das Alagôas, que está levantada contra os rebeldes, o que serviu de apoio aos ditos povos e ao de Porto de Pedras, e já estava no mar o bloqueio da Bahia, que serviu de apoio aos ditos povos, e lhes deu soccorros que lhes foram pedir; e podia ir augmentar as forças que em Utinga bateram muito seu irmão Francisco de Paula, o o fizeram fugir; que

faria estremecer os rebeldes, vendo que seus generaes principiavam a faltar, o que tem acontecido em todas as guerras onde isto tem acontecido; e faria que o dito seu irmão seguisse o seu exemplo, e evitaria a effusão de sangue, que os rebeldes com a sua resistencia fizeram na Utinga e na Ipojuca, no Páo do Alho e mais partes; que podia ainda em Santo Antão ajuntar-se ao capitão-mór, e engrossar as suas forças; que se não pôde desculpar, que se guardava para os fazer fugir do Recife, e evitar a effusão de sangue, como acima disse, porque no seu quartel dos Morenos, quando de lá sahiu, não podia adivinhar a resolução que elles haviam de tomar; que emquanto mesmo ao que diz, que no Recife resolveu a fugirem, isso é arbitrariamente dito, porque elle completou esta obra como diz no dia 19 de Maio de manhã, e os rebeldes já antes tanta vontade de fugir tinham, e de não fazer morte e violencia alguma mais do que as passadas violencias, que tinham já queimado todos os papeis de que constava a sua culpa, porque na casa do governo e da secretaria nenhum appareceu, e andaram buscando todas as ordens que tinham mandado para as differentes estações e pessoas do Recife, de maneira que até mandaram buscar as que tinham mandado para o inspector de milicias José Peres Campello.

Respondeu que não pôde fugir para o mar porque os rebeldes antes de lhe entregarem embarcação alguma lhe mudaram o destino, nomeando outro para o mar, e nomeando-o para ir por terra para o sul, ajuntar gente em auxilio de José Mariano: que se não uniu aos de Porto de Pedras porque não podir ir senão só a sua pessoa, e não podia levar gente alguma por estar debaixo do commando de José Mariano, e não confiava da fidelidade d'essa gente, porque de toda desconfiava; que não pôde passar-se para o povo que fez a contra-revolução em Serinhã

(*Serinhaem*) e depois foi a batalha de Utinga, pela mesma razão de não poder ir senão só, como foi em Porto de Pedras, e assentar que fazia maior serviço a Sua Magestade em observar de perto o que faziam os rebeldes que n'elle se fiavam, para melhor remover os seus intentos e desfazer os seus projectos; e que por isso mesmo conseguiu o mandarem-no para Santo Antão, para onde se não fosse isso mandariam outro que fizesse estragos, e não fizesse o que elle fez; que até de lá mandou dizer ao capitão-mór do Páo do Alho que ficasse certo que a sua tropa o não offendia, e que até lhe mandaria munições se elle as quizesse. E que os rebeldes sómente depois de se acabarem de resolver, de passarem as sobreditas ordens, é que cuidaram em ajuntar e queimar esses papeis que queimaram, e que antes não cuidaram n'isso; e que ouviu dizer que quem os moveu a queimar os ditos papeis foi o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, que o fez não obstante oppôr-se o padre Tenorio; e que, emquanto ao elles terem desistido de fazer mais, elles sahiram com a tenção de os continuar, e elle respondente os evitou pela fórma que fica dito.

Instou mais que fallasse a verdade, porque pelo que agora diz mesmo, elle podia passar-se para o partido dos realistas com a gente que levava consigo; porque diz — que escreveu ao capitão-mór do Páo do Alho, dizendo-lhe que lhe mandaria munições se as quizesse—, e assim como tinha gente fiel para levar estas, e as conduzir sem opposição dos outros que ahi estavam, ou porque não podessem oppôr-se-lhe, ou porque não soubessem que as iam levar; tambem elle respondente podia sahir com elles, ou para Santo Antão, ou para Páo do Alho, e ir engrossar os realistas e fazer tremer os rebeldes.

Respondeu que para mandar as ditas munições bastava

pouca gente, que é verdade que tinha por seus fieis os necessarios para isto, mas que para o acompanharem eram tão poucos, que era o mesmo que ir só ; e que sempre assentou que ficando fazia melhor serviço a Sua Magestade, porque fazia-lhes despende, pedindo-as continuamente as munições e mantimentos que os rebeldes tinham, e os pôr em estado de não fazer cousa alguma ; no que tinha toda a esperança, porque tinha no Recife pessoas que lhe davam parte de todos os movimentos dos rebeldes.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por acabadas, que lidas a elle respondente disse estarem conformes ; e debaixo do juramento dos Santos Evangelhos recebido disse ratificava tudo quanto havia dito a respeito de terceiros, de que tudo damos fé, e assignou elle respondente com o juiz da alçada, escrivão assistente, o desembargador José Caetano de Paiva Pereira ; e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da mesma alçada, que o escrevi e assignei.

E instou mais que fallasse a verdade, do que fez Domingos Theotonio na sobredita ida ao Rio de Janeiro e Bahia, porque assistindo elle respondente á muitas sessões e conselhos dos rebeldes, e gabando-se elles, cada um do que tinha feito a favor da revolução, como fez Domingos José Martins como fica acima dito, tambem Domingos Theotonio, se havia de gabar dos seus trabalhos, e do que tinha feito, o que elle respondente por força havia de ouvir.

Respondeu que nas sessões e conselhos a que elle respondente esteve, e votou, o dito Domingos Theotonio sómente disse que os povos do Rio de Janeiro e Bahia estavam dispostos para a revolução, porém não especificou pessoa alguma, nem tambem o que elle fez a esse respeito, e que não sabe se elle n'outra occasião o disse.

E por este modo houve elle ministro estas perguntas

por findas, que lidas por elle respondente, e achando-as conformes ao que havia respondido assignou com elle juiz da alçada, dito escrivão assistente; e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, que o escrevi e assignei. — *Luiz Francisco de Paula Cavalcanti*. — *José Caetano de Paiva Pereira*. — *João Osorio de Castro Sousa Falcão*.

RATIFICAÇÃO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos vinte e tres dias do mez de Outubro, nas casas da cadêa d'esta cidade da Bahia, aonde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e juiz da alçada, comigo escrivão abaixo assignado, e o escrivão assistente tambem abaixo assignado aonde mandou vir á sua presença a Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, para o fim de ratificar as perguntas antecedentes, pela maneira seguinte :

Perguntado se ratificava o que havia respondido nas perguntas antecedentes, ou se tinha a accrescentar, diminuir, declarar alguma cousa, e se tinha mais que dizer em seu favor.

Respondeu que ratificava tudo quanto havia respondido, e nada mais tinha que dizer e declarar.

E por esta maneira houve elle ministro esta ratificação de perguntas por findas e acabadas, que lidas a elle respondente disse estarem conformes, e assignou com elle juiz da alçada, de que tudo damos fé, e o escrivão assistente; e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da alçada, que o escrevi e assignei. — *Luiz Francisco de Paula Cavalcanti*. — *José Caetano de Paiva Pereira*. — *João Osorio de Castro Sousa Falcão*.

QUINTAS PERGUNTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos vinte e sete dias do mez de Outubro, nas cadêas d'esta cidade da Bahia, aonde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, commigo escrivão abaixo assignado, e escrivão assistente José Caetano de Paiva Pereira, ahi mandou vir á sua presença a Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, e lhe fez as perguntas seguintes :

Perguntado se elle reconhecia a assignatura que d'elle se acha no papel chamado— Preciso—, que se acha a folhas oitenta e seis verso do Appenso— F —

Respondeu que sabe que o dito papel foi feito por José Luiz de Mendonça ; e que a letra com que está escripto o nome d'elle respondente é em alguma cousa semelhante á sua propria, porém realmente não é sua porque a não fez, nem tal papel assignou.

Perguntado se ratificava as perguntas antecedentes, ou se tinha mais que accrescentar, diminuir e declarar alguma cousa.

Respondeu que ratificava, e nada mais tinha a dizer.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas e acabadas, e lidas a elle respondente disse estarem conformes, de que damos fé, e assignou com elle juiz da alçada, escrivão assistente ; e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da mesma alçada, que o escrevi e assignei.—*Luiz Francisco de Paula Cavalcanti.*—*José Caetano de Paiva Pereira.*—*João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

PERGUNTAS A JOÃO DO REGO DANTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos doze dias do mez de Novembro, na cadêa d'esta cidade da Bahia, aonde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e juiz da alçada, commigo escrivão da mesma abaixo assignado, e escrivão assistente o desembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahi mandou vir á sua presença o preso João do Rego Dantas, ao qual, posto em sua liberdade, lhe deferiu juramento aos Santos Evangelhos, pelo que tocasse a Orceiro, e por elle recebido, lhe fez as perguntas seguintes :

Perguntado seu nome, naturalidade, morada, estado, idade e occupação.

Respondeu chamar-se João do Rego Dantas Monteiro, natural e morador no Recife de Pernambuco, casado, de quarenta e quatro annos, ajudante do regimento de infantaria do Recife.

Perguntado quando e onde foi preso, e qual foi o motivo da sua prisão.

Respondeu que foi preso no dia trinta de Maio de mil oitocentos e dezesete, no quartel general do Recife, e que foi em consequencia da revolução succedida em Pernambuco.

Perguntado que, visto ser preso em consequencia da revolução de Pernambuco, deve declarar que lugares teve n'ella e que serviços lhe prestou.

Respondeu que elle serviu sempre no dito seu regimento com estimação de seus superiores e até mesmo de seu governador; que em Agosto de mil oitocentos e quinze foi mandado ir em segundo official do destacamento que foi para as Alagôas, e que, sendo ahi incumbido de

varias diligencias de segredo pelo marechal José Roberto e governador, as executou com louvor dos mesmos; em Março de mil oitocentos e dezeseis veio com licença para o Recife, e ahi veio a ficar em consequencia d'uma troca que fez com outro official que quiz ir para as Alagoas e o requereu; que no dia seis de Março de mil oitocentos e dezeseite o brigadeiro Salazar o mandou prender ao segundo ajudante do mesmo regimento Manoel de Sousa Teixeira, e o prendeu á uma hora da tarde, segundo a ordem que lhe foi dada, e o levou á fortaleza das Cinco Pontas, e d'ahi deu parte ao mesmo brigadeiro, e na mesma fortaleza ficou tambem esperando pela resposta; e logo que sahiu com a dita parte o official inferior tocou a rebate na igreja de S. José, que fica porto da fortaleza, e d'ahi a pouco appareceu Domingos Theotônio conduzido preso pelo capitão Antonio José Victoriano; e logo depois veio o mesmo capitão buscal-o por ordem de José de Barros Lima, porém o commandante não o largou, dizendo elle respondente ao dito Victoriano que o commandante tinha razão, porque elle mesmo o tinha trazido preso á ordem do general, e por isso mesmo precisava de ordem do general para o levar; e se foi embora. Depois d'isso. pelas quatro horas da tarde pouco mais ou menos, appareceu Manoel de Azevedo Nascimento, capitão do regimento d'elle respondente, e disse ao commandante da fortaleza que lhe entregasse o capitão Domingos Theotônio por ordem do general, e o commandante da fortaleza mandou soltar ao dito Domingos Theotônio, e lh'o entregou; e aquelle Azevedo perguntou a elle respondente e ao outro ajudante dito Manoel de Sousa o que faziam alli; e lhe respondeu elle respondente que estava esperando a resposta de um officio que tinha mandado ao seu brigadeiro; e então o dito Azevedo disse para o commandante: — Os

senhores também hão de ir commigo —; e este lhe respondeu que allí não eram precisos, e os deixou ir, e foram; e elle respondente antes de sahir da fortaleza, e antes mesmo de chegar o capitão Azevedo, quando sahio o dito Antonio José Victoriano, disse para o sobredito commandante que mandasse municiar a sua gente, e fechar o portão da fortaleza, porque sem duvida aquillo era desordem nos quartéis, o que fez o dito commandante. Indo elle respondente com o dito Azevedo na fórma dita, chegaram aos quartéis; ahí estava José de Barros Lima, e muita gente, soldados e paisanos, dos quaes só lhe lembra o nome do padre João Ribeiro, que estava de batina, e os quartéis guarnecidos de artilheria; e quem ahí dominava era o dito José de Barros, o qual armou uma patrulha, e a mandou com elle respondente, Domingos Theotônio e dito Manoel de Sousa Teixeira, para o largo da cadeia, onde acharam Domingos José Martins com muita tropa em pelotões, estendida até perto do campo do Erario; e este pegou pelo braço de Domingos Theotônio, e o levou para a parte do Collegio, e disse em voz alta, que ouviu elle respondente: — Este é o homem que ia ser sacrificado. — Depois d'isto perguntou elle respondente aos que estavam junto d'elle: — Que é isto? — Responderam-lhe que não sabiam, mas que lhes parecia ser desordem de européos com brasileiros, e que o general tinha ido para o Recife. E porque elle respondente tinha ouvido tiros de artilheria quando sahia das Cinco Pontas também perguntou que tiros foram; ao que lhe responderam que suppunham ser Antonio Henriques que tinha marchado para lá; e estando ahí postado, ás seis horas pouco mais ou menos, correu uma voz, que o marechal José Roberto, que ahí se disse estar no campo do Erario, entregára este campo, e a gente que estava com

elle se unira á gente de Martins, e logo immediatamente viu elle respondente entrarem os pelotões da vanguarda para dentro do campo ; porém, como esteve sempre na retaguarda, não viu o que se passou no campo, nem também se Martins foi com os ditos pelotões, nem quem o acompanhou ; e depois ouviu que José Roberto tinha sido mandado para o Brum sem lhe dizerem quem o mandou ; depois que entrou a vanguarda entrou também a retaguarda, e então foi também elle respondente ; e depois que chegou viu que Domingos Theotonio entrou a detalhar a gente que entrou em pelotões, e a guarnecer o mesmo campo com artilheia ; depois reparou e viu luz no Erario ; e a toda a gente gritando : — Viva o rei e viva a patria ! — e se deu ordem para ninguem sahir ; e toda a noite se conservou n'aquelle campo até o outro dia, que o deixaram ir jantar, e assim ficou servindo no seu posto até o dia vinte e um de Março, em que sahio uma promoção feita, em que elle respondente sahia capitão ; depois d'isto no dia treze d'Abril foi elle respondente nomeado para levar um destacamento por mar ao Váo de Una para entregar ao tenente-coronel Antonio José Victoriano, que depois soube tinha fugido das Alagôas ; porém, chegando o bloqueio mandado da Bahia, não pôde sahir, apesar de já estar embarcado ; e por isso o mandaram conduzir o dito destacamento por terra, chegou com elle a villa do Cabo, e ahi, em lugar de seguir o caminho do centro, foi pela praia, e chegou á barra de Serinhaem, onde mandou embarcar a gente para passar para o outro lado ; aqui teve noticia, que o capitão-mór de Serinhaem tinha arvorado a bandeira real e tinha marchado a encontral-o pelo centro, por onde suppunha que elle respondente marchava ; gostou d'esta noticia, porém como não tinha pessoa de quem se fiasse para se communicar com o capitão-mór, com medo

de ser por elle surprehendido, retrocedeu com o mesmo destacamento para o porto de Gallinhas, o qual destacamento era de cem homens, com os quaes tinha sahido do Recife; chegando aqui escreveu uma carta ao dito capitão-mór de Serinhaem, que lhe mandou por um pardo escravo que disse ser do um fuão, que lhe parece ser Accioli de Serinhãa (*Serinhaem*), o qual escravo tinha sahido com elle respondente e o destacamento do Recife, mandado pelo governo para ser um dos carregadeiros, na qual carta lhe dava os parabens de ter levantado a bandeira real, e lhe dizia que não ia já reunir-se a elle pelo suppôr sem forças para resistir ao exercito todo dos rebeldes; que estava em Una commandado por José Mariano, e de Ipojuca para o norte tudo estava pelos rebeldes; mas que elle respondente ia escrever ao governo provisorio dando-lhe parte do estado em que se achava, de ter levantado as bandeiras reaes Serinhãa (*Serinhaem*), e não poder continuar sua marcha por não ter munições, pois que não tinha senão o cartuxame dos soldados e as armas todas quebradas, para o mesmo governo lhe mandar o soccorro necessario, afim de depois de o ter se lhe ir unir e segurarem ambos a bandeira real; e tambem lhe dizia, que escrevia ao coronel Manoel José Pereira de Mesquita para sondar o seu animo, e segundo a sua resposta, se fosse favoravel, resolver os seus soldados e levantar elle mesmo as reaes bandeiras; pedindo-lhe a resposta com brevidade; e estando ahi tres dias, e não tendo ainda resposta de Serinhaem, e tendo a do dito coronel Mesquita em que lhe dizia que lhe agradecia o aviso que lhe dera de ter Serinhãa (*Serinhaem*) levantado as bandeiras reaes, que passava a fortificar as entradas da parte de Serinhãa, (*Serinhaem*) para de lá não vir gente contra a patria, e que por não estar commandando o seu regimento lhe não

mandava já reforço de gente para o ajudar ; mas que dava parte ao coronel Ignacio para lh'a mandar ; com cuja resposta elle respondente ficou desconfiado d'elle ; e tambem ahi recebeu resposta dos commandantes do porto de Gallinhas e do O', des quaes um lhe dizia que no outro dia vinha com reforço, e outro que não podia vir por ter mandado a sua gente para Una, onde estava José Marjano; e n'esse tempo recebeu uma ordem do governo para retroceder para o Cabo, e quando chegou esta ordem chegou tambem uma pouca de ordenança, que o mesmo provisorio havia mandado ; em virtude da qual ordem marchou para o Cabo com a gente que tinha, e foi ter ao engenho aonde achou o capitão-mór de Olinda, Francisq de Paula, com um corpo de tropa, que seria de quinhentos homens, duzentos de linha, e o resto milicias e ordenanças ; e ahi ficou elle respondente com a gente que levava ás ordens do dito capitão-mór, por estar nomeado o commandante geral d'aquella força, o qual o mandou vigiar sobre as ordenanças para o seu pagamento e formatura. D'ahi passaram para o engenho Garapú, e d'este depois de alguma demora para o engenho da Utinga, e aqui ou no dia trinta de Abril ou primeiro de Maio foram atacados pela uma hora da tarde ; mas elle respondente então não soube quem foram os commandantes da gente que os atacou, e o ataque durou até as cinco horas e meia da tarde, pouco mais ou menos; e no outro dia de manhã retiraram para o engenho de Garapú, e não sabe os mortos que ficaram, nem armas, e só lhe lembra que ficaram alguns carros com chuços, clavinas e polvora, que não poderam levar consigo para o engenho ; e estando n'este engenho chegou Domingos José Martins no outro dia de manhã, com um corpo de gente, que andaria por trezentas pessoas armadas, e com artilheria, e se aquartelou com sua gente

separadamente ; depois d'isto mandou o dito capitão-mór a elle respondente para a fortaleza de Nazareth, que fica na ponta do Cabo, por lhe terem dado parte que o commandante d'esta fortaleza, fuão Couto, tinha retirado a sua guarnição e palamenta para a fortaleza do Gaibú, e ordenou a elle respondente que examinasse este facto, e dêsse parte e tomasse o commando da dita fortaleza de Nazareth; chegando a esta fortaleza, achou que o dito commandante, a dita guarnição e palamenta para o Gaibú, por ordem que tivéra do governo provisório, e por isso lhe não tirou o commando da fortaleza, e o tratou com attenção por conhecer n'elle espirito de realista ; e conversando com o mesmo sobre pôr esta fortaleza em defesa a favor dos realistas, acharam que tinha só cinco peças com as carretas podres, e que estavam n'um sitio muito baixo, e não havia instrumentos para as conduzir para cima ;ahi se demorou dez dias, no fim dos quaes recebeu ordem do governo dos rebeldes, a quem tinha dado parte da sua situação e estado da fortaleza, na qual ordem lhe mandava que se fosse unir outra vez ao dito capitão-mór de Olinda ; porém não executou esta ordem e partiu para o Recife, e foi dizer ao governo que a não podéra executar por doente, e o mandaram para o seu quartel. E depois d'isto, observando elle respondente que os insurgentes queriam repartir as suas forças, mandando parte para Olinda e parte para as vizinhanças do Recife, convocou varios sujeitos do Recife, entre estes a João Duarte, João Botelho Netto, o cirurgião Costa, e outros que conhecia de vista, para que logo que os rebeldes dividissem as ditas forças, elles com a gente que podessem ajuntar, e com elle respondente, irem tomar a fortaleza das Cinco Pontas ; mas, marchando os rebeldes na tarde do dia dezo-nove de Maio para Olinda com todas as forças que ahi tinham, lembrou-se elle respondente ir a Olinda tirar a sua

familia que tinha n'esta cidade, e n'essa noite entrou em Olinda para esse fim, mas não a pôde tirar por causa da muita chuva; de manhã, vendo que elles se retiravam para o norte, e que deixavam na cidade algumas peças encravadas, fez juizo de que elles iam fugidos, deixou-os ir, e se ficou na mesma cidade, e ahí fez levantar logo n'essa manhã a bandeira real, e acclamou a Sua Magestade, e se uniu ao capitão Antonio de Santiago, que tambem alli ficou e levantou bandeira real, com a qual vinha, e com a gente que se lhe uniu, vieram em soccorro do Recife, aonde já os realistas tinham salvado, e levantado bandeira real, tudo na mesma manhã, que foi a de vinte de Maio; e se foi apresentar na fortaleza do Brum ao brigadeiro Salazar, que a estava já commandando; e depois ao marechal José Roberto, que estava governando no Recife, que o mandou para o seu quartel, e que alistasse a gente que tinha vindo com elle respondente, o que fez até a tarde, em que chegou o capitão João Tavares, que ficou de estado-maior, e continuou o dito alistamento, e elle respondente ficou ás ordens do dito marechal, até vir o Rodrigo Lobo, a cujas ordens ficou até ser preso como dito tem. E declarou que no terceiro ou quarto dia depois do dito dia seis de Março escreveu uma carta a João Baptista dos Santos Pinto Loiola, morador na villa das Alagôas, dizendo-lhe que se fosse municiano com alguns amigos, que elle julgasse capazes, juntando armas; pois que o levantamento de Pernambuco não podia subsistir por muito tempo, e que, bastava a fome além do mais para devorar aos levantados; que elle respondente não podia ir já por causa das molestias de sua familia, mas que logo que pudesse havia de ir, e que estivesse prevenido contra qualquer ordem, proclamações e mais papeis do governo provisório, porque tudo era um engano para ter o povo a seu

favor, de cuja carta recebeu resposta. Depois d'isto chamou a elle respondente Domingos Theotónio, e lhe disse escrevesse aos seus amigos das Alagôas e lhes dissesse que a revolução nada tinha com os europeos, que estes estivessem socegados, que se lhes não fazia mal; em consequencia d'isto escreveu ao dito João Baptista outra carta no erario diante do mesmo Domingos Theotónio, segundo a dita sua recommendação, porém disse ao portador, ao qual alli entregou a dita carta, que fosse por sua casa para tambem lhe levar outra; elle foi, e então elle respondente escreveu uma cartinha ao mesmo seu amigo, em que lhe dizia que não fizesse o que elle dizia n'aquella carta, mas sim o que já lhe tinha dito na primeira, e depois lhe mandou outra carta por outro portador a recomendar-lhe o mesmo. E declarou mais que quando o sobredito Antonio José Victoriano foi para soltar o dito Domingos Theotónio Jorge á fortaleza das Cinco Pontas, e o commandante o não soltou, Domingos Theotónio chamou a elle respondente e lhe perguntou: — que era isso, que queria o dito Antonio José Victoriano—; respondeu-lhe que vinha buscal-o por ordem de José de Barros Lima, que se elle fosse o Sr. Domingos Theotónio não queria ser solto sem ordem do general, porque não tendo culpa nada tinha que temer mais que algum incommodo de prisão; que d'isto seria talvez, o que depois se disse,—que elle respondente fôra á fortaleza para assassinar a elle e aos mais que para lá fossem —, cujo boato o fez andar algum tempo assustado, e que obrassem com elle algum despotismo, mas não obraram; por isso, e outras miudezas, se persuadiu que os rebeldes sempre o tiveram em má fé. E muito mais por nunca ter amizade com elles, isto é, com os que figuraram mais, e representaram na revolução, que vêm a ser os cinco governadores Domingos José Martins, padre João

Ribeiro, José Luiz de Mendonça, Manoel Corrêa de Araujo, e Domingos Theotonio Jorge, com José de Barros Lima, seu genro José Mariano de Albuquerque, Pedro da Silva Pedroso e Antonio Henriques, e todos os mais que foram premiados pelos rebeldes com empregos que lhes deram.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas, que lidas ao respondente disse estarem conformes, de que damos fé, e assignou com elle juiz da alçada, escrivão assistente, e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, que o escrevi e assignei. — *João do Rego Dantas Monteiro.* — *José Caetano de Paiva Pereira.* — *João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

SEGUNDAS PERGUNTAS

No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos quatorze dias do mez de Novembro, na cadêa d'esta cidade da Bahia, aonde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e juiz da alçada, commigo escrivão da mesma abaixo nomeado, e escrivão assistente o desembargador da supplicação Caetano de Paiva Pereira, ahi mandou vir á sua presença ao mesmo João do Rego Barros (*Dantas*), e lhe fez as perguntas seguintes.

Perguntado se ratificava o que havia respondido nas perguntas antecedentes n'este acto lidas, ou se tinha que accrescentar ou declarar alguma cousa.

Respondeu que ratificava o que havia respondido, e não lhe lembrava mais a dizer, e sómente declarava que os rebeldes desconfiaram sempre do regimento d'elle respondente, e o desarmaram até que fizeram a promoção de

vinte e um de Março, occupando-o sómente até aqui em algumas rondas do costume.

Instou que declarasse a verdade, porque constava dos autos que tanto o regimento de artilheria como o de infantaria d'elle respondente foram os que fizeram a força dos insurgentes no dia seis de Março; e que ambos elles estão corrompidos anteriormente, pelos ditos insurgentes, sendo o principal d'estes Domingos José Martins, que por elles tinha repartido muito dinheiro, que tirava das fazendas a elle commettidas, do que elle mesmo se gabou publicamente depois do dia seis; e isto se mostra evidentemente pelo que n'este dia aconteceu, porque assim que foi solto da cadeia em que estava toda a tropa lhe ficou obedecendo, e elle o principal commandante na entrada e tomada do campo do Erario, o que não podia acontecer sem a tropa estar corrompida antecedentemente, porque nunca aconteceu que tropa alguma, ainda que em pequeno corpo, obedecesse e tomasse por seu superior e commandante um paisano, que nunca foi militar, nem reputação jámais teve d'isso; que nunca foi magistrado, nem teve em tempo algum autoridade alguma publica, pela qual estivessem acostumados a respeitá-lo, e obedecer-lhe, porque nem ainda mesmo como commerciante tinha respeito e reputação, porque era publico e notorio que, largando de caixeiro, havia principiado a negociar em Londres por industria e engano, e que logo ahi quebrára, conhecido o mesmo engano, que d'ahi fôra a Lisboa, e não podéra ganhar reputação; de lá a esta cidade da Bahia, onde commettendo roubos fingindo letras de outrem, e d'aqui fugira para Pernambuco, onde obtivera dos seus amigos semelhantes commissões; mas que por não satisfazer a ellas estava já quasi a quebrar.

Respondeu que a instancia é feita debaixo de principios, e é bem de suppôr o que n'ella se diz; mas que elle

respondente, apesar de ser um official de ordens, como ajudante, nunca pôde perceber essa corrupção nem d'ella soube nada: e que lhe parece que o seu regimento fôra enganado, pelas vozes que se davam de—Viva el-rei, viva a patria—n'aquelle dia seis, porque depois que foi publico que os insurgentes tomaram o governo, ficaram descontentes; e que por isso os rebeldes o occuparam só nas guardas, que acima disse; e que tambem ouviu dizer que se levantára uma voz, que o regimento de infantaria se queria levantar contra o de artilheria, e que para evitar isto o governo provisorio adiantára a promoção, para pôr o regimento debaixo das ordens do chefe por elles escolhido, Pedro da Silva Pedroso, que da artilheria para lá mandaram.

Instou mais que a promoção não era bastante para accommodar os soldados do regimento, porque a promoção só utilisava aos officiaes, e a utilidade dos officiaes não podia satisfazer aos soldados, que a não recebiam; e vinha a ser necessario, que houvesse alguma outra cousa que lhes prestasse utilidade, e esta não podia ser outra que o dito soborno; e que o nomear-lhe para coronel o dito Poderoso (*Pedroso*) capitão de artilheria havia de desgostar aos officiaes que pretendessem ser coroneis, e a todos os outros, que pela promoção de um d'estes haviam de subir um posto; e que assim o mandarem ao regimento por coronel ao Poderoso, (*Pedroso*) em lugar de accommodar o dito regimento, o incendiaria mais, e mais depressa lhe faria fazer o dito levantamento contra o regimento de artilheria, se fosse verdadeira a dita voz de que o pretendia fazer.

Respondeu que se mostrava não estar corrompido o regimento de infantaria, pela mesma paga de soldos que lhe deram, pois que a cada soldado de infantaria deram cem réis, e a cada soldado dos batalhões de caçadores, tirados das milicias, cento e vinte réis; e aos de artilheria

a cento e quarenta réis, e aos officiaes á proporção; o que fizeram depois do dia seis; e que Poderoso (*Pedroso*) depois que foi coronel fez subir o dito tostão a seis vintens; e que elle respondente com cousa alguma d'estas ficou satisfeito, nem mudou de animo de servir a sua magestade, porque o lugar que lhe deram de capitão era o mesmo que elle respondente esperava de Sua Magestade por ser dos tenentes mais antigos, e o esperava na primeira promoção; e o augmento de soldo tambem lhe não fazia differença, pelo que recebia como ajudante, e ter maior descanso. E que o dito Pedroso os conteve por terem medo d'elle, em razão d'elle ser parcial dos do governo provisorio, e um dos principaes insurgentes.

Instou que dissesse a verdade, que o que acima respondeu, que quando foi levar á fortaleza das Cinco Pontas o ajudante Manoel de Sousa Teixeira déra parte ao brigadeiro Salazar, que lh'o mandou prender, e que ficára ahí esperando pela resposta; indica que elle respondente era tambem da parcialidade dos insurgentes, e ficára ahí, paraprehender o commandante com os mais presos que viessem, que todos eram insurgentes, e com os officiaes que os trouxessem e elle conhecesse como taes; porque com entregar o preso que trouxe ao commandante tinha satisfeito a sua commissão, e para dar parte d'isto podia ir para sua casa ou para onde quizesse e de lá dar parte, e lá mesmo esperar a resposta para vêr se lhe davam nova commissão, visto que aquella estava satisfeita.

Respondeu que, quando o brigadeiro lhe mandou prender ao dito Manoel de Sousa Teixeira, lhe disse que o levasse ás Cinco Pontas, que havia de achar ordem para o commandante o metter no segredo; e chegando lá não achou a dita ordem, e o commandante dizendo que tal ordem não tinha, foi-lhe necessario dar parte ao brigadeiro.

Instou que dissesse a verdade, porque era publico e notorio que em Pernambuco se faziam ajuntamentos antes do dia seis de Março diurnos e nocturnos, e que n'elles se tratava de concertar a revolução, como era em casa de Antonio Gonçalves da Cruz, o Cabogá, em casa do cirurgião Vicente Teixeira dos Guimarães Peixoto, de Domingos José Martins, de Philippe Nei Ferreira, do padre João Ribeiro, do padre Miguelinho, de Gervasio Pires Ferreira, do vigario de Santo Antonio, e na do morgado do Cabo Francisco Paes Barreto, e que a estes ajuntamentos revolucionarios os que depois figuraram na revolução, os officiaes do regimento de infantaria e artilheria, e tambem elle respondente; que estes ajuntamentos os encobriam com o pretexto de jogo que ahi faziam fóra das horas em que tratavam do dito concerto revolucionario, e que se confiavam tanto na sua força, que já se lhes não dava que se fallasse em revolução, como de facto se fallava publicamente; e chegou isto a tanto que já se davam jantares, em que se faziam saudes dizendo: — Vivam os brasileiros e morram os marinheiros! — Segundo o que foi a voz, que no dia seis de Março logo sahiu, dizendo as patrulhas — Morra tudo o que é marinheiro —, a qual voz sómente os insurgentes fizeram accommodar pela meia noite d'esse dia, pouco mais ou menos, depois que tomaram conta da praça e a guarneceram, mandando José de Barros ir aos quarteis varias pessoas que mandou chamar, e dizendo-lhes que estivessem descansados, que nada era contra os marinheiros, e sabindo Domingos José Martins e Manoel Corrêa d'Araujo com uma grande patrulha pelas ruas, dizendo o mesmo: — que não tivessem susto, que tudo estava socegado. —

Respondeu, que nunca soube de taes ajuntamentos, nem a elles foi vez alguma; e tambem não soube que se

fallasse em revolução antes do dia seis, nem que se dessem jantares e se fizessem as ditas saudes, porque elle respondente sempre jantou em sua casa, sem ir a jantar algum ; assim como não soube do que fez José de Barros Lima, e da patrulha de Martins e Manoel Corrêa, por elle respondente não ter sahido do campo do Erario, como já disse.

Perguntado se reconhecia a assignatura do recibo que se acha a folhaç cento e dez do Appenso — D —, assim como aquella que se acha a folhas do Appenso—F— folhas cento e oito na carta escripta aos governadores provisorios, do lugar de Maracaípe em vinte e um de Abril.

Respondeu, que reconhece como sua propria a assignatura do recibo a folhas cento e dez do Appenso—D— ; e tambem a da carta aos governadores provisorios a folhas cento e oito do Appenso —F—, a qual lhes escreveu para os enganar, e até lhe pôz na data o lugar de Maracaípe, quando realmente a escreveu de porto de Gallinhas, e é a mesma de que acima fallou, por lhe ser preciso usar de todos estes enganos, para encobrir os seus sentimentos ; e quanto ao recibo que passou na dita primeira assignatura, como elle estava empregado n'aquella occasião na repartição das rações de carne, em uma casinha proxima a outra que servia de armazem para as armas que se mandavam recolher, e não havia ahi quem passasse recibo d'aquella entrega ao dito João Manoel, o passou elle respondente, assim como passou outros.

Instou que declarasse a verdade ; porque não é segundo ella, quando acima respondeu, que passando'a barra de Serinhãa (*Serinhaem*) soubera ahi que o capitão-mór de Serinhãa (*Serinhaem*) tinha levantado a bandeira real, e o tinha procurado para encontral-o ; e que lhe não escrevera declarando-lhe que era do seu partido por não ter pessoa de quem se confiasse ; porque já ahi tinha o mesmo mulato, por quem

diz lhe escrevêra de porto de Gallinhas, pois diz que elle o acompanhára do Recife ; e que tambem não é segundo a verdade o ter-lhe escripto de porto de Gallinhas, porque dizendo que n'esta carta lhe dissêra que ia escrever ao governo provisorio pedir-lhe forças, munições e gente, e com esta gente, chegando, havia levantar com elles as bandeiras reaes, chegando-lhe depois as ordenanças, que tambem disse o provisorio lhe mandára, não levantou a bandeira real como prometeu, antes pelo contrario executando as suas ordens foi augmentar as forças de Francisco de Paula Cavalcanti, na villa do Cabo ; e esta sua marcha tambem indica que não escreveu as cartas que diz escrevera ao amigo das Alagoas ; porque nunca aproveitou a occasião de se virar a favor de Sua Magestade, antes pelo contrario executou as ordens dos provisorios, como está dito, sem jámais fazer algum excesso em satisfação das promessas que diz fizêra em umas e outras cartas.

Respondeu que o mulato tinha ficado da parte do Recife, e não tinha passado a barra, e só se pôde servir d'elle quando elle respondente tornou a passar a dita barra, e veio para o sitio onde elle tinha ficado; e que não se levantára por elle a bandeira quando lhe chegáram as ordenanças mandadas pelo governo provisório, porque estas eram sessenta homens armados de chuços, e muito poucas clavinas, e não podiam fazer a força necessaria para levantar as bandeiras ; estando por parte dos rebeldes todos os commandantes em roda, como viu das respostas das cartas que elles lhes mandaram ; e que o destacamento que tinha comsigo, que era a metade brancos e a metade pretos estavam em desordem entre si, e já tinham dado um tiro na cabeça a um soldado, e que por isso mais não podia levantar a bandeira real; e que pela dita razão de estarem todos os commandantes ditos por parte dos rebeldes continuou a

executar as ordens d'elles ; e que o escrever ao dito seu amigo das Alagôas é tão certo que tem as respostas d'elle, que protesta ajuntar a seu tempo.

Instou mais que declarasse a verdade, porque o que acima respondeu, que no dia dezanove de Maio não acompanhou a Domingos Theotônio no seu exercito quando marchou para Olinda, mas que n'essa noite fôra buscar a sua familia que ali estava, e que não a podendo trazer por causa da chuva, marchando para o norte o mesmo Domingos Theotônio com o seu exercito o não acompanhára, antes assim que sahiram levantára a bandeira real, e feito isto viéra apresentar-se na fortaleza do Brum e no Recife, como fica respondido ; pois pelo contra consta dos assentos que fôra até ao Paulista, e que d'ahi é que voltou para o Recife.

Respondeu, que a verdade é a que tem dito ; e que é falso que elle sáhsse da cidade senão para o Recife, na fórma já respondida.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas, as quaes sendo lidas ao respondente, disse estarem conformes, de que damos fé, e assignou com elle juiz da alçada, escrivão assistente, e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão escrivão da alçada que o escrevi e assignei.— *João do Rego Dantas Monteiro.* — *José Caetano de Paiva Pereira.* — *João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

PERGUNTAS A AGOSTINHO BEZERRA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezoito, aos dezoito de Dezembro, n'esta cadêa da Bahia, aonde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço

e juiz da alçada, commigo escrivão abaixo assignado, e escrivão assistente o desembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahí mandou vir á sua presença ao preso Agostinho Bezerra, que, posto em liberdade, e deferindo-lhe juramento aos Santos Evangelhos, pelo que tocasse á terceiro. por elle recebido, lhe fez as perguntas seguintes :

Perguntado seu nome, naturalidade, morada, estado, idade e occupação.

Respondeu chamar-se Agostinho Bezerra, crioulo, natural e morador no Recife, viuvo, de trinta annos, alfaiate, tenente de Henriques.

Perguntado quando e onde foi preso, e qual foi ou suppõe ser o motivo de sua prisão.

Respondeu que foi preso em sua casa em vinte de Maio de 1817; e que ignora o motivo de sua prisão, mas que suppõe seria por ser filho de Pernambuco, e achar-se ahí quando se fez uma revolução.

Perguntado por que razão suppõe ser preso por ser natural de Pernambuco e achar-se alli quando se fez a revolução, visto que muita gente lá se achou, e era natural de Pernambuco, e não foi presa.

Respondeu que não tem outro motivo de o suppôr, e que os dois homens que o prendêram eram seus inimigos.

Perguntado se no tempo da revolução serviu só no lugar de tenente, ou se passou a outro posto, e qual foi.

Respondeu que quando criaram o batalhão de caçadores o fizeram capitão, o que foi passados quinze dias mais ou menos depois do dia da revolução.

Perguntado que serviço fez no tempo da revolução antes de ser capitão, e depois de o ser.

Respondeu que antes de ser capitão não fez serviços da patente, mas só de alguns recados que lhe mandavam fazer, e porque se fazia escasso e não acudia a tempo; e depois

de capitão esteve aquartelado com todo o batalhão na fortaleza do Brum, e d'ella não sahiu para o serviço de fóra, porque só do batalhão sahiam rondas, que eram commandadas por officiaes subalternos.

Instado que declarasse a verdade, porque constava que elle fôra acompanhar a Domingos José Martins e a Francisco de Paula, que com estes foram para o sul mandados pelo governo rebelde para se opporem ás tropas realistas, que vinham da Bahia, acompanhando primeiro a João do Rego Dantas, na tropa que este levava em auxilio de José Mariano.

Respondeu que foi nomeado para ir no destacamento que levou consigo João do Rego Dantas, que levava ordem para o entregar a Antonio José Victoriano em Porto de Pedras; que foi, mas não chegaram lá, e só chegaram á Barra de Serinhãa (*Serinhaem*), e d'ahi voltaram para o porto de Gallinhas, por constar ao dito João do Rego que o capitão mór de Serinhãa (*Serinhaem*) tinha levantado as bandeiras reaes, e ahi teve ordem o dito João do Rego do governo provisório para ir com o destacamento para o Engenho-Velho, do capitão-mór do Cabo, aonde estava Francisco de Paula, capitão-mór de Olinda, e então foi elle respondente tambem, e chegando lá entregou o dito destacamento ao dito capitão-mór, e ás ordens d'este ficou elle respondente, o qual d'ahi o mandou ao Recife, com ordens ou officios para o governo, os quaes foi entregar; depois ficou na Soledade, sem lhe consentirem ir á sua casa por tres dias, e depois o mandaram outra vez para o mesmo destacamento de que tinha vindo, e foi na companhia de Domingos José Martins, que n'essa occasião foi tambem em diligencia para o sul, e se ajuntou ao dito Francisco de Paula, e elle respondente ao seu destacamento; e separando-se depois Domingos José Martins, ficou elle respon-

dente com Francisco de Paula, que foi para a Ipojuca, e elle respondente tambem, mas não assistiu á batalha que ahi houve, por estar na occasião d'ella doente na enfermaria, aonde foi avisado na noite que a ella se seguiu para se retirar, e se retirou, e veiu para o Recife, aonde esteve até ser preso, por doente, como estava quando foi.

Perguntado se emquanto durou a revolução declamou contra Sua Magestade como os rebeldes faziam publicamente, se insultava os presos de Estado que eram realistas e os que desconfiava serem realistas, e eram brancos, os obrigava a pegar em luzes, quando a natureza o obrigava a ir á commúa.

Respondeu que nada fez do que se diz na pergunta.

Perguntado se antes da revolução sabia que ella se havia de fazer, ou d'ella tivéra noticia.

Respondeu que não sabia, nem d'olla tivéra noticia.

Instado que declarasse a verdade, porque constava que elle no tempo da revolução dizia publicamente que antes da revolução já sabia d'ella por ter ido a um jantar que deu Antonio Gonçalves da Cruz Cabogá na Instancia, aonde se tinha tratado da revolução.

Respondeu que não foi ao dito jantar, nem tal d'isse.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas, que lidas ao respondente disse estarem conformes, e assignou com elle juiz da alçada, e escrivão assistente, de que damos fé: e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da mesma alçada, que o escrevi e assignei.
— *Agostinho Bezerra.* — *José Caetano de Paiva Pereira.*
— *João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

SEGUNDAS PERGUNTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezenove, aos sete dias do mez de Janeiro, n'esta cadêa da cidade da Bahia, onde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e juiz da alçada, commigo escrivão da mesma abaixo assignado, e escrivão assistente o desembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahi mandou vir ao preso Agostinho Bezerra, e posto em liberdade lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntado se ratificava o que havia respondido nas perguntas, que se lhe fizeram, e agora lhe foram lidas, ou se tinha que acrescentar, diminuir, ou declarar alguma cousa.

Respondeu, que ratificava quanto havia respondido, e accrescentava que no tempo que esteve aquartelado no Brum metteu uma guarda de capitão no Collegio em dia de sabbado de Alleluia, e n'essa noite foi rondado pelo major do dia, o qual não achou a guarda completa por elle respondente ter dado licença a alguns soldados para irem á sua casa, e no outro dia o mandou chamar o governador das armas Domingos Theotonio, e o reprehendeu, e mandou para o dito aquartelamento do Brum, e não obedecendo, mas indo para sua casa, no outro dia foi mandado prender e remetter ao referido aquartelamento, e o tiveram na prisão tres dias, pela falta de exacção no serviço dos rebeldes, e pela falta de respeito que lhes tinha; e que no dia seis de Março elle respondente fôra para o campo do Erario quando tocou á rebate para o defender em serviço de Sua Magestade, e ahi esteve, e antes d'isto mandou o dito José Roberto, até este entregar o campo e a tropa que ahi estava, e antes d'isto mandou o dito José Roberto a elle respondente e

regimento dos Henriques postarem-se por detrás do erario, com ordem de fazer desembarcar a gente que passava em canoas do Recife para a Boa-Vista, e ahi estiveram n'esse serviço até o marechal os mandar chamar para fazer a dita entrega, que foi quasi á noite; que feita a dita entrega elle respondente ahi ficou até ás sete horas da manhã do dia seguinte, que foi para sua casa, sem licença, onde esteve até que foi chamado o seu regimento para ir a uma revista, á qual foi, e lhe pareceu que foi feita no dia quatorze de Março, mas não está bem lembrado se foi n'este dia ou não; e na dita revista mandaram que elle e outros ficassem no dito campo do Erario para recados de seu serviço, para o qual os tiraram do seu regimento, mandando-os ficar n'este serviço, no que ficou com a patente de tenente que então tinha.

Perguntado por ordem de quem deram um tiro n'um soldado que não quizéra obedecer ás ordens que elle lhe déra quando foi para o Engenho da Ipojuca, onde houve uma batalha.

Respondeu que tal tiro não déra, nem mandára dar, nem lhẽ mandaram dar.

Perguntado se recebeu dois mezes de soldos adiantados quando foi para as ditas expedições do sul.

Respondeu que não.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas, que lidas ao respondente disse estarem conformes, e assignou com elle juiz da alçada, escrivão assistente, de que tudo damos fé: e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da alçada, que o escrevi e assignei.
— *Agostinho Bezerra.* — *José Caetano de Paiva Pereira.* — *João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

PERGUNTAS A BASILIO QUARESMA TORREÃO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezenove, aos nove dias do mez de Janeiro, n'esta cadêa da Bahia, aonde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e juiz da alçada, commigo escrivão abaixo nomeado, e escrivão assistente o desembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahi mandou vir á sua presença ao preso Basilio Quaresma Torreão, e posto em liberdade, deferindo-lhe juramento pelo que tocasse a terceiro, lhe fez as perguntas seguintes :

Perguntado seu nome, naturalidade, morada, estado, idade e occupação.

Respondeu chamar-se Basilio Quaresma Torreão, natural e morador na cidade de Olinda, casado, de trinta annos, tabellião do termo da dita cidade.

Perguntado quando e em que lugar foi preso, e qual foi ou suppõe ser a causa da sua prisão.

Respondeu que em doze ou treze de Julho de mil oitocentos e dezeseite se apresentou ao governador e capitão-general de Pernambuco por uma petição, dizendo n'ella que, tendo a seu pesar acompanhado aos insurgentes na fuga que fizeram, teve a fortuna de escapar-se d'elles, e tendo andado escondido pelos matos, temendo o tumulto, se lhe ia apresentar, e elle o mandou para a cadêa, onde se conservou até vir para esta cidade, e este foi o motivo da sua prisão.

Perguntado em que serviu aos rebeldes, e que occupação lhe deram.

Respondeu que no dia vinte e tres de Abril do dito anno recebeu uma ordem de Domingos Theotonio, em que o chamava para tomar conta dos mantimentos da tropa com

o titulo de almoxarife, e tinha na sua administração a farinha e carne ; quiz escusar-se disto, e para o conseguir pediu a Antonio Carlos, Ouvidor de Olinda, que officiasse por elle afim de não sabir do officio de tabellião que servia, e tambem para cumprir as muitas cousas que elle Ouvidor lhe havia encarregado ; e como nada conseguisse serviu a dita occupação até que Domingos Theotônio se retirou com a tropa para Olinda e Norte, e elle respondente o acompanhou, a que foi obrigado por ir debaixo de suas vistas, d'onde não podia escapar.

Perguntado até onde o acompanhou.

Respondeu que até o Engenho do Paulista, distante de Olinda tres leguas pouco mais ou menos.

Perguntado se no tempo em que serviu de almoxarife foi fóra a alguma expedição que os rebeldes mandassem, ou se serviu sempre no Recife.

Respondeu que serviu sempre no Recife no quartel da Soledade, e não foi fóra á expedição alguma.

Instado que dissesse a verdade, porque dos autos constava que elle fóra ás expedições do sul.

Respondeu que não foi, como tem dito.

Perguntado que serviços fez aos rebeldes para lhe darem o dito lugar de almoxarife, que é um lugar de interesse para quem o serve.

Respondeu que lhes não fez serviços alguns antes d'isto aos rebeldes, e que o nomearam por terem noticia da sua prohibidade e da sua conducta, circumstancias que elles requeriam para semelhantes empregos.

Instado que declarasse a verdade, porque constava que elle respondente no dia seis de Março, em que se fez o levantamento, servira aos rebeldes, e era um dos que iam na patrulha que matou o alferes Madeira no bairro da Boa-Vista, e que até fóra um dos mais contrarios a elle por ser

seu devodor, para se ver livre d'elle; o que se faz ainda mais acreditavel, por ser depois premiado com o dito lugar de interesse.

Respondeu que no dia seis de Março não servira aos rebeldes, nem foi em patrulha alguma d'elles; por isso não matou nem assistiu quando mataram ao dito alferes Madeira; que é verdade fôra n'esse dia seis de Março ao bairro da Boa-Vista tomar uma querela, mas assim que ouviu o barulho dos rebeldes fugiu d'elle, e se foi para a casa de Thomaz Antonio Maciel Monteiro, hoje juiz de fôra da Parahyba, e retirando-se perto da noite para sua casa por um portão d'elle, foi preso por uma patrulha dos rebeldes, que estava na Soledade, a qual o entregou a Francisco Antonio de Sá Barreto, commandante da escolta da Boa-Vista, o qual ahi o deteve, e no outro dia o deixou ir para a sua casa em Olinda; e, supposto lhe deram o lugar de almoxarife, não foi por serviço algum que lhes tivesse feito; e que se lh'o dessem por premio o não demorariam até o dia vinte e tres de Abril.

Perguntado se era sua propria a letra do recibo e assignatura que se acha a folhas setenta e sete do Appenso—D.

Respondeu que reconhece como sua propria a letra do dito recibo e assignatura.

Perguntado se antes do dito seis de Março da revolução tinha alguma noticia d'ella, e das casas onde ella se concertava, e se sabe quantas eram estas casas, e quaes eram.

Respondeu que nunca soubéra da revolução, nem se havia casas em que ella se concertasse, e só soube d'ella no dia seis de Março e d'ahi por diante.

Instado que declarasse a verdade, porque constava que elle respondente era um dos que frequentava estas casas em que se faziam os ditos adjuntos do concerto da revolução, a saber a de Domingos José Martins, do padre João

Ribeiro, a de Antonio Gonçalves da Cruz Cabogá, a do vigario de Santo Antonio, a de Philippe Neri Ferreira, a de Gervasio Pires Ferreira, e a do padre Miguelinho, e que principalmente frequentava a de Philippe Neri e Antonio Gonçalves da Cruz Cabogá.

Respondeu que nunca foi á casa de Philippe Neri Ferreira, e que algumas vezes ia á casa de Antonio Gonçalves da Cruz Cabogá, por motivos de interesse por ter varias acções no cartorio d'elle respondente, e ser um homem rico, que lhe pagava bem, e que não era costumado ir ás outras casas referidas, e que não lhe consta que em semelhantes casas se fizessem semelhantes concertos de revolução.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas, que lidas ao respondente disse estarem conformes, de que damos fé, e assignou com elle juiz da alçada e escrivão assistente: e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da alçada, que o escrevi e assignei. — *Basilio Quaresma Torreão.* — *José Caetano de Paiva Pereira.* — *João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

SEGUNDAS PERGUNTAS

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezenove, aos onze dias do mez de Janeiro, n'esta cadêa da Bahia, onde veiu o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do paço e fuiz da alçada, commigo escrivão da mesma abaixo assignado e escrivão assistente o desembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahi mandou vir á sua presença ao preso Basilio Quaresma Torreão, e posto em liberdade lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntado se ratificava o que havia respondido nas

perguntas antecedentes e agora lidas, ou se tinha a accrescentar, diminuir ou declarar alguma cousa.

Respondeu que ratificava o que havia respondido, e sómente declarava que, quando disse que no dia sete de Março Francisco Antonio de Sá Barreto o deixára ir para sua casa devia dizer mais que o dito Francisco Antonio de Sá Barreto ao lugar da Boa-Vista o mandou com uma escolta ao campo do Erario apresental-o a Domingos Theotonio, e a este disse que elle respondente era tabellião em Olinda onde tinha a sua familia, e'lhe permittisse ir para sua casa; elle, porém, o deteve n'aquelle campo até á tarde, e só então lhe permittiu sahir para a dita sua casa e cidade, tendo-o mandado armar; e em todo o tempo que esteve no dito campo do Erario esteve assim armado.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas, que lidas ao respondente disse estarem conformes, de que damos fé, e assignou com elle juiz da alçada, escrivão assistente: e eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da mesma alçada que o escrevi e assignei.—*Basilio Quaresma Torreão.*—*José Caetano de Paiva Pereira.*—*João Osorio de Castro Sousa Falcão.*

DOCUMENTOS

SOBRE O RIO-GRANDE DE S. PEDRO, S.^{TA} CATUARINA E COLONIA DO SACRAMENTO

(EXTRAHIDOS DO ARCHIVO PUBLICO)

CAPITULAÇÃO DA COLONIA DO SACRAMENTO

Alguns artigos

1762

Ilm. e Exm. Senhor. — Dizem João da Cunha Neves, Manoel Alves de Araujo e outros homens de negocio n'esta cidade, como tambem em nome dos de quem são constituídos assistentes na Colonia do Santissimo Sacramento, que, rendendo-se esta ás armas de Sua Magestade Catholica, commandadas por D. Pedro de Cevallos, governador e capitão-general da provincia de Buenos-Ayres, se ajustaram pelas capitulações firmadas, entre elle e o governador da mesma Colonia, o brigadeiro Vicente da Silva da Fonseca, varios artigos concernentes á evacuação dos moradores que se achavam n'ella, com negocios de fazendas ou sem elles; os quaes ditos artigos levam os supplicantes ao diante transcriptos com as reflexões que successivamente a elles se lhes offerecem, para a sua formal intelligencia.

« ART. VIII. Que tanto o governador, como os officiaes e soldados de toda a guarnição, poderão embarcar livre-

mente todos os seus bens, moveis e escravos que tiverem, ou vendêl-os ; como tambem os de raizes, para o que se nomearão louvados de uma e outra parte.— Concedido y por lo que toca a esclavos, y muebles qué sean propios del señor gobernador, oficiales, y soldados, de la guarnicion, y tambien por lo que mira a los bienes raizes, que tuvieren dentro de la plaza, si hallarem quien se-los-compre en el termino de quatro meses, a cuyo efecto los duenos podran dexar sus poderes a quien les pariciere. »

« ART. X. Todos os moradores d'esta praça tanto ecclesiasticos como seculares, e pretos livres, gozarão a liberdade de se embarcarem com todos os seus bens, moveis e armas que tiverem do seu uso, vendendo os que não poderem levar, como tambem os de raiz. — Concedido, pero no se entenderan por armas de su uzo, las que se hubieren dado a los vecinos, y moradores de la plaza de los almazenes della, y por lo que toca a los bienes muebles, y raizes, se estará a lo dicho en el articulo 8. »

D'estas convenções virtualmente se entende, que aos proprietarios dos mencionados bens lhes seria licito dentro d'aquelle peremptorio lapso, que se lhes prefixou extrahirem os importes dos referidos bens, nos effeitos que lhes fossem permittidos ; porque do contrario se justificaria, que nas ditas convenções havia uma fé tão diametralmente opposta ao mesmo que se concedia, como se reconhece entre o sim e o não.

« ART. XI. Que todos os commerciantes que se acham n'esta praça se poderão retirar com os effeitos mercantis que tiverem de seu maneiõ, ou vendêl-os nomeando-se para isso louvados de ambas as partes ».— Los mercadores que quizieren retirar-se lo-podran traer libremente, lle-

vando todos sus efectos de comercio, y los que 'quizieren quedar-se en los dominios de Su Magestad presentaran un inventario exacto de los generos que tubieren, para que el tribunal de la real fazienda determine lo mas conveniente, sin perjuicio de los interesados, ni de los derechos del rey.

Não se regulando o tempo em que esta emigração se havia de fazer a respeito das pessoas que na alternativa de se retirarem a outros dominios de el-rei nosso senhor, ou ficarem na dita praça, escolhessem o primeiro, é evidente, que o espaço dos referidos quatro mezes, que se estabeleceu por prazo fixo e improrogavel, para a venda dos seus bens, deve tambem ser o que sirva de termo á referida retirada, com o mais que d'ella dependesse, maiormente sendo o conteúdo nos citados arts. VIII, X e XI um proseguimento da mesma materia.

« ART. XII. A nenhum dos referidos se poderá consentir ficar na praça, porque devem ir dar contas aos interessados ». — En esto se procederá conforme lo dictar la justicia.

Nem os supplicantes pretendem exigir outra cousa que esta mesma integridade de conducta, que se lhes promete, e que é propria dos sentimentos de honra, probidade e religião de um chefe.

« ART. XIII. Que a todos os moradores e bens que houverem de ficar por não podêl-os vender, nem transportar nas embarcações referidas, lhes será permittido que venham outras a buscar-os, ficando debaixo do mando de pessoa que os governe, e serão tratados com affabilidade ». — Los que quedarsen com bienes, o sin ellos de ben estar, como todos los demas moradores de la plaza, subordinados al official, que mandare en ella, y seran tratados del mismo modo que los españoles.

A' vista d'este seguro, seria temeridade exocravel recoiar-se da parte dos mercadores que interinamente ficaram na Colonia, e dos que se retiraram deixando n'ella os seus bens recommendados a seus procuradores, alteração alguma relativa aos seus particulares, ou fossem considerados vassallos de Sua Magestade Fidelissima, ou do Rei Catholico ; porque, assim como os hespanhóes não seriam confiscados (salvo nos crimes em que tem lugar esta pena), da mesma sorte deveriam ser tratados os portuguezes por força da capitulação que a favor d'elles se conferiu, ainda que os soberanos se fizessem uma guerra mui viva, contanto que os mesmos capitulantes não faltassem em observar a lei que receberam.

• ART. XVI. Que se depois da partida de todas as respectivas embarcações, que se acham n'este porto vierem algumas de qualquer parte do Brasil, na fé de que a praça se conserva na obediencia de Sua Magestade Fidelissima, serão tratados com toda a hospitalidade, e se lhes dará liberdade para voltarem, como tambem de poderem embarcar n'ellas as pessoas que se não poderem transportar nas presentes .—Concedido por um mes, contado desde el dia que se firmaren estas capitulaciones, a las embareaciones portuguezas, que venieren desarmadas.

Pelo que se vê claramente, que o que os contratantes acordaram n'este artigo foi restrictamente á cerca d'aquellas embarcações que ancorassem no molhe da sobredita Colonia, não sabedores da sua conquista, com differentes fins dos que estavam prevenidos no supra citado artigo ; e de nenhuma sorte deveriam ficar depredadas as que navegassem com o intento que resulta das mesmas capitulações ; porquanto, sendo certo que na America está prohibido o commercio entre os vassallos dos soberanos que possuem n'ella dominios, assim da parte septentrional do.

Equador, como d'esta meridional, não havia outro recurso para se entregarem os supplicantes das summas em que se liquidassem os seus bens, do que o de mandarem ao Rio da Prata uma embarcação que os houvesse de receber, commutados nas especies, de cuja extracção se não offercesse a difficuldade, que por um principio de policia devia nascer sobre fazer-se a mesma extracção em prata, que por ser genero precioso se não permite passar a outros reinos, ainda que o envio da dita embarcação não estivesse expressædo nas mesmas capitulações, por lhes valer aquella maxima inviolavel: *Quid dat jus ad finem, dat jus ad media*; porém quando esperavam, fundados na fé das referidas capitulações, recolher os seus interesses, despachando d'este porto para esse effeito, ao da sobredita Colonia, com o passaporte de que juntam o teor por certidão, em vinte e quatro de Janeiro do presente anno, a *Galera Nossa Senhora da Gloria*, de que era capitão Francisco Barbosa Vianna, sem mais carga que a de mantimentos e aguada, tendo chegado ao porto da mesma Colonia em Fevereiro, antes de se completarem os ditos quatro mezes que se lhes facultaram para a venda dos referidos bens, foi confiscada a mesma galera, e arestada a sua equipagem, procedendo-se contra todos os respeitaveis principios de justiça: e porque na conformidade do tratado da paz ajustada em Pariz, em dez de Fevereiro do presente anno, entre os principes belligerantes, se restitue a esta corôa a sobredita praça da Colonia do Santissimo Sacramento, em cuja reintegração se deve tratar do mais que é annexo e respectivo a ella.

Pedem a V. Ex. lhes faça mercê (sendo servido) dar as instrucções necessarias á pessoa que autorisar para a execução do referido tratado, a respeito da dita entrega, a fim de que promova os officios e requerimentos mais

effectivos, ácerca da restituição da mencionada galera, com reparação dos prejuizos emergentes, que os supplicantes têm experimentado desde a indevida occupação e retenção d'ella. — E. R. M.

Illm. e Exm. Senhor.— Dizem os homens de negocio d'esta praça, que negociavam para a da Colonia do Sacramento, que elles requereram, depois do obito do Illm. e Exm. conde general d'estas capitánias, ao governo que lhes succedeu, lhes concedesse passaporte, para mandar a galera *Nossa Senhora da Gloria*, de que era capitão Francisco Barbosa Vianna, a transportar o producto dos effeitos, ou os mesmos achando-se ainda em ser, e não puderam evacuar por falta de embarcações ao tempo que a renderam as armas de Sua Magestadê Catholica, por terem a seu favor os arts. VIII, X e XIII das capitulações estipuladas entre o governador da dita praça e o Sr. tenente-general D. Pedro de Cevallos; e como lhes faz a bem um traslado authenticico do dito passaporte, n'estes termos o não podem obter sem que V. Ex. o ordene.

P. a V. Ex. lhes faça mercê ordenar se lhes passe na fórma requerida.— E. R. M.

P. não havendo inconveniente. Rio, dois de Novembro de 1763.

F. 196 v. do livro 16, que serve n'esta secretaria de Estado do registro geral, se acha lançado o passaporte do teor seguinte: — D. Frei Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, do conselho de Sua Magestade Fidelissima; João Alberto de Castelbranco, chanceller com o governo da relação do mesmo; José Fernandes Pinto Alpoim, brigadeiro dos reaes exercitos do dito senhor, e todos com o governo das capitánias do Rio de Janeiro, e Minas-

Geraes, etc. Porquanto requerendo-nos os homens de negocio d'esta praça, que commerciaavam para o da Colonia do Sacramento, lhes concedessemos passaporte para poderem navegar para a mesma, a galera *Nossa Senhora da Gloria*, de que é capitão Francisco Barbosa Vianna, e transportar o producto dos effeitos, ou os mesmos achando-se ainda em ser, e não poderam evacuar por falta de embarcações ao tempo que a renderam ás armas de Sua Magestade Catholica, tendo para o fazerem a seu favor os arts. VIII, X e XIII das capitulações estipuladas entre o governador da dita praça e o Sr. tenente-general D. Pedro de Cevallos. Em conformidade das quaes concedemos o presente passaporte, para que possa navegar para a dita praça da Colonia a referida galera *Nossa Senhora da Gloria*, de que é capitão Francisco Barbosa Vianna, a transportar tudo quanto allegam e lhes foi concedido, persuadindo-nos de que o dito Sr. tenente-general dos reaes exercitos de Sua Magestade Catholica D. Pedro de Cevallos fará cumprir de boa fé o estipulado nos citados artigos, na certeza de que a mesma se praticará igualmente da nossa parte com os vassallos de Castella, quando haja necessidade de a requererem assim. Dado n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aos vinte e tres de Janeiro de mil setecentos e sessenta e tres. D. Frei Antonio, bispo do Rio de Janeiro, João Alberto de Castelbranco, José Fernandes Pinto Alpoim, munido com o sinete dos ditos governadores, Antonio da Rocha Machado. E não se continha mais no dito registro a que me reporto; e para constar o referido fiz passar a presente em virtude do despacho retro do Illm. e Exm. Sr. conde vice-rei do Estado do Brasil. Rio de Janeiro, a tres de Novembro de 1763.—*Francisco de Almeida Figueiredo.*

ACCORDO COM CEVALLOS SOBRE A LINHA DE LIMITE
DOS DOIS ACAMPAMENTOS

Cópia. — Na carta que agora recebo do general D Pedro de Cevallos me pede official munido dos meus poderes, com quem confira o estabelecimento de uma boa harmonia e cessão de hostilidades, visto estar os paizes justos, enquanto não chegam os preliminares com as ordens dos soberanos, para o que de parte se deve obter a execução d'elles ; e como toda a demora n'este particular causa um grande prejuizo ao serviço de Sua Magestade, e a experiencia me tem mostrado a grande actividade e zelo com que Vm. se porta em tudo o que diz respeito ao serviço do mesmo senhor, e o grande conhecimento que tem dos negocios e estado do paiz : ordeno a Vm. passe logo á villa do Rio-Grande a praticar com o dito general sobre a materia, sendo os pontos principaes os que eu já por carta com este tratava, como verá das cópias que remetto.

Espero da sua grande capacidade sobre Vm. em tudo com aquelle costumado acerto de que tem dado tantas provas para gosto meu, e credito da sua pessoa. Deus guarde. Capella de Viamão, em 22 de Julho de 1763 — *Ignucio Eloy de Madureira.*—Sr. capitão Antonio Pinto Carneiro.

OCCURRENCIAS NO RIO-GRANDE DEPOIS DA TOMADA DA COLONIA
EM 1763

Senhor.—Pomos na presença de Vossa Magestade o que ha occorrido em o governo do Rio-Grande de S. Pedro, e mais quartéis da sua dependencia, depois que os hespanhóes se senhorearam da praça Nova Colonia do Santíssimo Sacramento.

Entrada esta praça pelo general D. Pedro Cevallos, continuou este nos progressos da guerra, e os dirigiu á povoação

do Rio-Grande de S. Pedro, e, como era natural que n'este estabelecimento descarregasse o golpe, se haviam com antecedencia prevenido os meios de defesa, para a qual se adiantou o coronel de dragões Thomaz Luiz Osorio com a maior parte de seu regimento, as companhias de paisanos, e outras de infantaria, que ao todo passavam de mil homens, a um lugar pouco avançado da raia, chamado Castilhos Pequenos, onde principiou depois de declarada a guerra a levantar uma fortaleza, para d'ella embaraçar a entrada do inimigo n'aquelle estabelecimento.

Em 16 de Janeiro do presente anno, reconhecendo nós a qualidade do paiz por ser uma campanha aberta e destituida de sitios a proposito para fazer com vantagem opposição ao inimigo, dirigimos ao dito coronel e ao governador do Rio-Grande Ignacio Eloy de Madureira as instrucções do que deviam obrar, que em summa eram, que o dito governador passasse com antecedencia a artilheria, munições e viveres ao lado do norte do dito Rio-Grande, e que n'elle montasse as peças que pudesse, e se cobrisse com uma trincheira para d'ella disputar ao inimigo o passo d'aquelle largo rio e o fizesse de sorte que dado o caso de entrar este n'aquella villa, não achasse cousa alguma de que se pudesse utilizar, nem do que pertencia á fazenda de Vossa Magestade, nem á dos seus vassallos. Ao coronel de dragões, que, prevendo que a força com que o inimigo o vinha atacar era muito desproporcionada á com que se achava, se não seguiria utilidade alguma ao serviço de Vossa Magestade sacrificar-se e a toda a tropa do seu commando deixando-a morta ou prisioneira, antes seria util, fazer uma retirada com honra, salvando tudo o que pudesse até se vir incorporar com o governador no lado do norte, o qual se devia defender com maior vigor, pois cobria os caminhos que vão a Viamão, Rio-Pardo, ilha de

Santa Catharina, e o que atravessando a serra vai para Minas : a um e outro se apontavam os meios para operarem a tempo proprio.

Com data de 20 de Abril recebêmos aviso do governador do Rio-Grande de que com effeito os inimigos estavam á vista da sobredita fortaleza de Castilhos Pequenos, e que o dito coronel lhe participava, visto o estado em que se achava, não teria outro remedio que sujeitar-se ás leis da guerra, o que fez no segundo dia em que os hespanhoes acamparam á vista da fortaleza, sem que estes perdessem um tiro de fuzil, entregando-se prisioneiro com perto de setecentas pessoas, e todos os officiaes que o acompanharam.

Nem este coronel, nem o governador do Rio-Grande, deram a execução ás ordens que lhes havíamos remettido, do que procedeu (logo que na dita villa souberam da entrega da fortaleza) ser tal a confusão no governo e povo, que com maior desordem abandonando os seus haveres, uns passavam ao lado do norte, e outros a embarcar-se em duas embarcações que estavam n'aquelle porto, que navegaram carregadas de gente ao d'esta cidade.

Ao mesmo tempo entraram na villa duzentos e tantos dragões que se retiraram da fortaleza, fazendo ainda maiores hostilidades do que poderia fazer o inimigo.

E, devendo o governador ainda a este tempo conservar-se na guarda do norte para d'ella impedir a passagem ao inimigo, ajuntando n'aquelle lugar o povo, deixou ao desamparo posto tão importante e marchou a Viamão, de donde nos deu conta do succedido : sem embargo de tudo sempre continuámos com os soccorros, sendo o ultimo de seis embarcações cobertas pelo corsario de guerra inglez que aqui se achava ; tres armadas tambem em guerra, e tres de transporte, nas quaes embarcámos trezentos soldados em cujo numero se incluíam noventa granadeiros, e

ao mesmo tempo remettêmos dinheiro, munições e viveres, com as ordens que se deviam seguir para a continuação da guerra.

E como ao dito governador Ignacio Eloy a tropa e paisanos haviam perdido já o respeito, por causa de não dar a tempo a execução ás instrucções que lhe havíamos dirigido, e que a grande molestia que actualmente padece o impossibilitava a dar os promptos expedientes de que carecia uma guerra, resolvêmos que elle se retirasse á ilha de Santa Catharina, a cuidar da sua saude, e mandámos tomar o governo do que ainda estava por nós ao tenente-coronel de dragões Francisco Barreto Pereira Pinto, que se achava commandando o quartel do Rio-Pardo.

Este tenente-coronel na duração da guerra teve duas occasiões de victoria, a primeira mandando atacar nos campos das aldêas do Uruguay um reducto que commandava um capitão d'infanteria hespanhol com bastantes soldados e indios, e não só os desalojou, como lhes ganhou a fronteira, munições e viveres, uma grande porção de gado e cavallos, e trouxe prisioneiros alguns officiaes, e um padre da companhia que falleceu de uma ferida que recebeu no choque : a segunda a de mandar surprehender uma aldêa das do mesmo rio Uruguay, da qual se conduziram sete centos e tantos indios, bastante gado e cavallos, e mais cousas que n'ella havia, e outro padre da companhia prisioneiro, que se acha no mosteiro de S. Bento d'esta cidade.

Com a chegada das noticias da paz resolvêmos mandar protestar ao general hespanhol suspendesse por esta razão as hostilidades da guerra; e pondo-se por obra esta diligencia chegou aviso do dito general com a certeza de que as suspendia por ter ordens da sua côrte para o mesmo fim; e com effeito pararam de uma e outra parte : como ainda não

recebemos as ultimas ordens de Vossa Magestade para a conclusão do estipulado no tratado de paz presentemente concluido, as esperamos para sabermos como devemos obrar.

Pela secretaria d'Estado damos esta mesma conta a Vossa Magestade, que circumstanciamos com documentos e um mappa de todo o paiz para maior intelligencia dos successos, e das ordens que distribuimos ao governador e commandantes d'aquelle continente.

A muito alta e poderosa pessoa de Vossa Magestade guarde Deus os annos que seus vassallos lhe pedimos. Rio de Janeiro 30 de Julho de 1763.

N. B.—Sem assignatura mas parece ser officio dirigido ao governo de Lisboa, pela administração que succedeu ao conde de Bobadella.

CÓPIA DEL VANDO QUE MANDÓ PUBLICAR D. JOSEPH NIETO IMPEDIENDO EL TRATO, COMUNICACION, Y NEGOCIO CON LOS PORTUGUESES.

D. Joseph Nieto, teniente de infanteria de los reales ejercitos de Su Magestad, y comandante del real campo de San Carlos y sus repartimientos, etc. Habiendo se entregado de orden del Rey la plaza de la Colonia del Sacramento, manda Su Magestad que se le pongan guardias capases de impedir el comercio ilicito con que esta misma plaza se ha sostenido tantos años con perjuicio casi irreparable de los intereses de nuestra monarquia : E para que esto se ejecute con efecto que Su Magestad desea, se haze saber a toda la tropa, asi dependientes, ya cuales quiera otros vassallos de El-Rey ; por el presente vando que desde esta misma ora se defiende, ó prohíbe la comunicacion por palabra, ó por escripto, con todos los habitantes, y residentes de la dicha plaza, sin que persona

alguna de esta jurisdiccion pueda pasar de nuestras centinelas ni penetrar por ellas algun individuo de la expresada Colonia, salbo en el caso de que algun desertor, ó delinquente venga buscando el asilo de nuestra bandera. Sobre todo se encarga que ninguno se atreva a introducir ganado, trigo, carne, ni otra alguna especie de bastimentos, ó víveres con que la plaza ó algun particular de ellos pueda ser socorrido. Y en una palabra no podrá introducirse cosa alguna de cualquiera naturaleza que ella sea, sin que el contraventor deje de incurrir inmediatamente en la pena impuesta por el vando del año de 1737, por el cual se arreglará irremisiblemente el mas severo castigo para el que abandonarse su honor y estimacion, sin cumplir con su obligacion, y se entregue a cometer los excesos que con tanto perjuicio de nuestros intereses se ha experimentado en otras ocasiones; debiendo prevenir como prevengo, y la experiencia hará ver que, en un punto de tan notable entidad nó tendré el menor disimulo, en este genero de delinquentes. Y como nó es facil, que los particulares lo sean sin el permiso, ó condescendencia de los oficiales, se encarga a estos el mayor cuidado y vigilancia sobretudo lo dicho, e especialmente sobre no permitir por motivo ni pretexto alguno, que ningun soldado que de nuestras centinelas pase; porque, de una permiccion tan perjudicial será responsable y castigado severamente el soldado, ó persona que en esto faltase a su deber: quedando unicamente en mi la facultad de poder permitirlo con arreglamiento á ex particular, y instruccion del Exm. Señor gobernador, y capitan general. Y para que ninguno alegue ignorancia, mandé publicar el presente vando en el campo de Santo Antonio en 29 de Diciembre de 1763 años.

COPIA DO BANDO

Ordenando que os hespanhóes sejam tratados como amigos vindo ao campo NEUTRAL, e prohibindo o trato e commercio com os mesmos além do dito campo.

PEDRO JOSÉ SOARES DE FIGUEIREDO SARMENTO, CORONEL DE INFANTARIA E GOVERNADOR DA PRAÇA DA COLONIA DO SACRAMENTO POR SUA Magestade FIDELISSIMA, QUE DEUS GUARDE, ETC.

Havendo-se-me feito entrega d'esta praça da Colonia do Sacramento, pelo governador e capitão-general das provincias do Rio da Prata, D. Pedro de Cevallos, por cedula de Sua Magestade Catholica, que para o referido effeito da entrega lhe foi apresentada pelos fundamentos solidos e firme estabelecimento do tratado definitivo de paz, que se celebrou na côrte de Paris a dez de Fevereiro de 1763 pelos plenipotenciarios de Sua Magestade Fidelissima e Sua Magestade Catholica, protestando no artigo primeiro do dito tratado conservar uma paz christã, universal e perpetua, tanto por mar como por terra, e uma amizade sincera e constante, entre Suas Magestades e os vassallos das suas corôas, e outras razões fortissimas com que estabelecem e confirmam a dita paz : Ordeno a todos os meus subditos, tanto militares como paisanos, que sem embargo do bando que por ordem de Sua Magestade Catholica mandou publicar o tenente-coronel D. José Neto e Botelho, commandante do campo real de S. Carlos, a vinte e nove de Dezembro de 1763, com a permissão do governador e capitão-general D. Pedro de Cevallos, em que debaixo de rigorosas penas se prohibe totalmente o trato com os vassallos de Sua Magestade Fidelissima, tanto de palavra como por escripto, como declara o mesmo bando : que em

toda a occasião que tiverem de communicar com os hespanhoes os trateem como amigos, conservando com elles reciprocamente a amizade que elles offerecem, entrando por algum incidente ao campo a que chamam *neutral*, ou ainda para cá das guardas portuguezas, com permissão minha; porém prohibo a toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, o passar do campo chamado *neutral* a penetrar as guardas hespanholas, ainda que seja com consentimento das mesmas guardas, ou do commandante do campo, sem por mim ser mandado, ou com permissão minha, só vindo tempo em que seja franca e amigavel a communicação pelos commandantes agora prohibida, que só assim se dá cumprimento á boa correspondencia que Suas Magestades estabelecem no ultimo tratado de paz; e outrosim prohibo a toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, se atrevam a introduzir nos dominios de Hespanha, pelos portos seccoos ou molhados, qualquer genero de fazenda de commercio, pela prohibição que para esse effeito se estabelecesse no capitulo setimo do tratado de Utrech, o qual se confirma pelo ultimo tratado da paz; como tambem prohibo a toda a pessoa de qualquer qualidade que seja o usar de armas defesas, como facas, pistolas e outras; e o que delinquir na mais minima parte d'este bando será irremissivelmente castigado com as penas da lei, que Sua Magestade Fidelissima mandou promulgar contra os delinquentes d'este genero. E para que nenhuma pessoa possa allegar ignorancia, mandei á som de caixas publicar este bando pelas partes mais publicas d'esta praça, e se affixará na porta do corpo da guarda principal. Colonia do Sacramento, a seis de Abril de 1764.

— José Pereira de Sousa, secretario do governo, o escreveu.

INVASÃO DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DE S. PEDRO PELOS
CASTELHANOS EM 1763

Illm. e Exm. Sr.— Achando-se esta provincia do Rio-Grande de S. Pedro na ultima ruina, pela invasão que n'ella fizeram os castelhanos em 18 de Abril de 1763, com a maior parte dos seus moradores dispersos pelo Rio de Janeiro, Ilha de Santa Catharina e Laguna, e havendo fallecido o governador d'ella, o coronel Ignacio Eloy de Madureira, e tudo na maior confusão e desordem, me ordenou o Illm. e Ex. Sr. conde de Cunha, antecessor de V. Ex., a viesse governar, e para o dito effeito sahi do Rio de Janeiro, d'onde era coronel d'um dos regimentos de infantaria, em 7 de Março de 1768.

Nas instrucções que então me deu o dito senhor ponderava que entre as importantes dependencias, que n'aquelle tempo se moviam no Estado do Brasil, eram as de maior difficuldade as do Rio-Grande, e que estas só as fiava da minha conducta, ordenando-me que fosse a primeira base do meu governo a diligencia que devia fazer, por fazer felizes e abundantes estes afflictos povos, que tantas miserias haviam padecido por causa da guerra, e pelos descuidos de quem os havia governado; e como para dar conta a V. Ex. do estado em que presentemente tudo se acha é preciso repetir as ordens que o mesmo senhor me deu, e o que tenho obrado a este respeito, o farei com a brevidade possivel.

Achavam-se n'esta provincia ao tempo da guerra seiscentas familias de indios vindos das missões hespanholas, nas quaes ha mais de tres mil almas, e, como V. Ex. ignora o modo com que aqui entraram, o exporei.

Quando o nosso exercito, auxiliando o d'el-rei catholico, marchou a pôr em obediencia os sete povos sublevados

da margem oriental do rio Uruguay, para o fim da demarcação de limites, e da entrega do terreno que occupavam os mesmos povos, o qual devia augmentar o dominio d'el-rei nosso senhor por este lado, chegámos aos mesmos povos com felicidade, sem embargo das opposições dos mesmos indios, e n'estas aldeas tomámos quartéis, a tempo que já elles, arrependidos da sua repugnancia, nos principiaram a tratar, e vieram no conhecimento de que não eramos tão máos como lhes faziam crer as grandes politicas dos padres jesuitas, que se fundavam em os separar de toda a comunicação não só dos portuguezes, mas até dos proprios hespanhiões, para que em nenhum tempo os indios entrassem no conhecimento da sociedade que têm entre si as nações polidas, por não virem a sabir da escravidão em que haviam sempre conservado esta miseravel gente, que toda concorria para as suas grandes conveniencias, sem já-mais poderem passar do seu primitivo estado; pois a continuação dos annos, os seus grandes trabalhos e lavouras, fabricas e crias de animaes, já-mais para elles podia augmentar riqueza alguma a cada familia; pois lhes não consentiam nem ainda aquellas cousas indispensaveis a qualquer pobre e miseravel, porque as suas casas se não distinguiam das senzalas dos nossos escravos.

Cada familia occupava uma só casa, sem outro algum movel que uma rede a cada pessoa para dormirem; umas poucas de panellas de barro para cozerem a carne, sem mais tempero, e a cozinha, ou fogueira, para o fazerem no meio da mesma casa, que tambem lhes servia de luz, e indecentemente se accommodavam n'ella os maridos, as mulheres, os filhos e filhas, uns á vista dos outros, sem entrar n'elles aquelle pudor tão natural em quem tinha conhecimento a religião catholica, e ainda sendo dirigidos por sacerdotes; em uma palavra, todo o systema d'estes

padres era o de os conservar sempre pobres, abatidos, e que de sorte alguma podessem vir a passar em nenhum tempo do estado de indios a vassallos do seu soberano; porque n'esse caso o deixariam de ser dos mesmos padres, e perderiam o grande imperio que possuíam em trinta e uma aldéas na provincia do Paraguay.

Experimentando os indios a docilidade com que os tratámos em quanto durou aquelle quartel, e mais que tudo por se aproveitarem da occasião, que a fortuna lhes offerecia, de sahirem da escravidão em que se achavam ao tempo em que marchavamos dos ditos povos para o Rio-Pardo, nos acompanhou um grande numero de familias; e advertindo o Illm. e Exm. Sr. conde de Bobadella que o general espanhol lhe poderia fazer alguma carga, inculcando que elle lhe desinquieta os indios para os trazer para o nosso dominio, escreveu repetidas cartas áquelle general, para que procurasse evitar esta desordem, nas quaes o dito senhor lhe asseverava não haver concorrido para tal; e que mandasse pôr guardas suas nos passos para a embarçar, o que o dito general fez, mas sem fructo; porque pela outra parte a tropa lhe dava todo o auxilio para passarem seguros, por comprehender que o nosso general assim o queria, e ouvia sem displicencia as noticias de irem passando sem embaraço, e com effeito chegou ao Rio-Pardo um grande numero de familias.

N'este quartel sabendo o mesmo general hespanhol a quantidade dos que se haviam transportado á nossa parte, escreveu repetidas cartas ao Sr. conde de Bobadella, para que lhe restituísse os indios; sempre o dito senhor se mostrou desinteressado n'esta parte, e empenhado em que voltassem os indios para as suas aldéas; (porém isto porque sabia muito bem que nada os faria mover) respondeu-lhe por varias vezes, que mandasse officiaes seus a reduzi-los,

e até permittiu que viessem padres a esta mesma diligencia; porém só colheram por fructo das grandes (*sic*) que fizeram algumas desattenções dos mesmos indios; até que ultimamente, para de toda a sorte mostrar o Sr. conde que os não queria, propôz ao general hespanhol se convinha elle que mandasse fazer fogo pelas tropas aos indios, que fugidos d'aquellas aldéas quizessem entrar no nosso paiz, com o que se fizeram as instancias mais moderadas, desde aquelle tempo; porém nunca o general hespanhol se esqueceu do grande numero de indios que passou á nossa parte, e para resarcir aquella falta procurou no tempo da guerra, que as familias do Rio-Grande passassem ao dominio hespanhol, fazendo-lhes varios partidos, o que tem conseguido de um grande numero d'ellas.

Sei que de tudo deu conta o dito Sr. conde a Sua Magestade e que lhe foi approvado tudo, pois lhe devi a honra de me communicar alguns d'aquelles particulares, pela ter de ficar por seu substituto, e com todos os seus poderes nas dependencias da demarcação, quando se retirou para o Rio de Janeiro, e que Sua Magestade estimou haver tirado da escravidão a tantos miseraveis, e que elles experimentassem os effeitos da sua real piedade e benevolencia; porque sem embargo da despeza que já com elles se fazia, pois o Sr. conde mandava cobrir a muitos que chegavam quasi nus, sustentando-os com farinha e carne, se estendeu a muito mais a real grandeza d'el-rei nosso senhor, mandando-lhes uma grande porção de generos para se vestirem, que segundo o nosso orçamento haviam de importar em mais de setenta mil cruzados.

Retirando-se o Sr. conde para o Rio de Janeiro ficaram os indios no quartel do Rio-Pardo sem se arrumarem, nem estabelecerem em fórma; porém logo que houve a certeza

da guerra, os mandou retirar o mesmo senhor para o interior da provincia pelos não expôr.

Passaram com effeito para os campos de Viamão, d'onde se acham sem formalidade continuando a fazenda real em despende com elles a carne precisa para seu sustento ; pois sem esta seria impossivel á sua subsistencia.

Tem gasto a real fazenda na compra das rezes com que lhes assiste muitos mil crusados ; têm-se despovoado de gados as estancias dos moradores, que vivem na maior decadencia, por se lhes não pagarem, cujo mal se multiplica com a continuação indispensavel do sustento com que se soccorrem. Diminuem-se os dizimos, porque se debilitam as estancias ; os reaes direitos nos registros por d'onde passam os animaes para Minas rebaixam em grande parte, por não terem que comprar os negociantes que baixam a serra ; e finalmente com a infelicidade da perda do Rio-Grande, caminha esta provincia á sua total ruina, sendo os ditos indios uma das principaes causas para não tornar a florecer.

Muitas e reppetidas vezes representei ao Illm. e Exm. Sr. conde de Cunha todas estas circumstancias, pedindo-lhe me dêsse o methodo para a arrumação dos mesmos indios, e depois de me ouvir em papel que fiz sobre a mesma materia me respondeu, ha mais de um anno, que brevemente me mandaria as ordens a este respeito, pois as tinha de Sua Magestade, porém até o presente não chegaram ; sendo este particular de tanta consequencia e de tanta ponderação, pois, de se não tomar sobre elle uma prompta e decisiva deliberação, se seguira o arruinar-se inteiramente a provincia, que já não pôde soffrer o pezo que lhe fazem os ditos indios, e dentro em breve tempo veremos despovoadas de gados as grandes fazendas que d'elles havia, pois se gastam com os mesmos indios por anno sete mil rezes, não entrando n'este numero as que se despendem com as

tropas, que todas têm razão de carne, e já passam de seis annos que não pagam as rezes que se tomam aos moradores, as quaes importam em grande somma de cabedal; e é esta dependencia mui digna da attenção de V. Ex. pelas consequencias que envolve.

Propuz ao mesmo Sr. conde de Cunha que estes indios se occupavam em varios trabalhos do real serviço, o que têm feito em obras de fortificação que tenho erigido para defensa d'esta provincia, e em tudo o mais que se offerece, e que seria bom arbitrar-lhes algum jornal para ajuda de seu vestuario e das suas familias; ordenou-me apontasse eu o quanto se lhes devia dar, o que fiz; porém resultou tornar a ordenar-me o mesmo senhor se lhes não dêsse nada, e mandasse eu dizer os generos que precisavam para se vestir, o que executei em dezoito de Julho do anno proximo passado, porém não tive resposta, do que se tem seguido estarem todos nós por se lhe haverem consumido os vestuarios que Sua Magestade lhes mandou.

Foi o Sr. conde de Cunha servido ordenar-me arrumasse eu as familias que das ilhas havia Sua Magestade mandado conduzir a este continente para o povoarem, as quaes se achavam dispersas sem lhes haverem cumprido as promessas que Sua Magestade lhes fez, quando os mandou sahir das suas terras, e que para eu os arrumar em povoações tirasse das fazendas que se tivessem dado de sesmaria as porções de terreno preciso para lhes inteirar as suas datas.

Logo que cheguei a este governo procurei dar cumprimento a esta importante ordem, seguindo em tudo as de Sua Magestade que se acham n'esta provedoria a respeito das mesmas familias, e com effeito fundei a primeira povoação junto do passo do rio Tebiquary, em situação que achei propria para as utilidades e lavouras dos mesmos

povoadores, e lh'a fiz com toda a regularidade, em ruas, casas e praça, e querendo dar principio á igreja só pude conseguir o tirar as madeiras para ella do mato, porém não tive meios para metter mãos á obra: pedi ao Sr. conde de Cunha me mandasse as ferragens precisas, pregos, e os paramentos para a dita igreja, e só me mandou a imagem do Senhor S. José, cuja vocação lhe puz em memoria do nome de nosso augusto soberano, e me avisou que os paramentos se ficavam fazendo, os quaes não hão chegado, nem o mais, havendo passado muito mais de dois annos.

Idêei outra povoação no porto dos Casaes ; porém, como não ha meios, tudo se acha parado : esta havia erigido em nome do Senhor Santo Antonio, e ainda se podem fazer mais, porque ha familias para ellas e situações mui proprias em que se estabeleçam; o que será mui util ao real serviço, e seria mui importante que n'ellas se estabelecessem villas, porque, como esta provincia é fronteira com os hespanhóes, quanto mais povoada estiver, haverá mais meios para a defender; espero que V. Ex. me diga se hei de continuar com estas importantes obras, que todas podem ser feitas com muita moderação nos custos.

Conserva Sua Magestade n'esta provincia perto de quarenta leguas de terreno com o nome de estancias, do mesmo senhor, os quaes achei na maior decadencia; e querendo dar-lhe alguma fórma o não pude conseguir por se achar a cria de gado e cavallo tudo alçado (como aqui dizem), que é o mesmo que bravos; de sorte que para se apanharem alguns potros ou rezes é com immenso trabalho e despeza, ao que deram causa os descuidos de quem manejou antecedentemente estas fazendas, e sem uma grande despeza se não poderão pôr em ordem; haverá n'ella dez ou doze mil potros, porém sem utilidade, pois se não podem apanhar por estarem indomesticos: o gado já ha

mui pouco, porque ha cinco annos que se extrahie d'ella para sustento da guarnição do norte, em que têm exestido mais de seiscentas praças de ração, e este tem sido preciso apañhal-o a laço.

Propuz ao mesmo Sr. conde de Cunha que seria mais util a Sua Magestade o repartir estes terrenos com os seus vassallos, o que faria povoarem-se estas quarenta lèguas, e crescer o rendimento dos dizimos a um subido ponto, pois são as melhores terras que ha na provincia, para lavouras e para criações; e as datas de terreno que se repartissem aos mesmos vassallos podiam ser com a condição de darem em cada um anno a Sua Magestade tantos cavallos mansos, e tantas rezes, em attenção á se lhe repartirem os bravos que n'ella existem, cada um á proporção dos que se lhes dessem com as egoas.

D'esta sorte teria Sua Magestade sem despeza os cavallos precisos para a tropa, e a carne para as rações que se lhes dá, o augmento nos dizimos, a provincia povoada e rica, e cresceriam os direitos dos animaes nos registros por d'onde passam para Minas, que não são de tão pouca consideração que não pague cada besta muar dez mil e tanto réis, e cada potro mais de nove mil réis, quando a ellas chegam, pois em todos os registros pagam, e isto seria muito mais conveniente do que o é o manejarem-se as dítas estancias por conta da fazenda real, pois nem todos os governadores e provedores teriam o zelo que se precisa, nem o genio para d'ellas tirarem utilidade, e as administrarem como devem, pois faltando este, só servem de despeza com as muitas pessoas de serviço que necessitam, sobre o que V. Ex. me determinará o que devo obrar.

No correio passado puz na presença de V. Ex. o miseravel estado a que se acha reduzida a tropa que existe n'este continente, pelo grande atraso que tem experimentado nos

pagamentos, e das relações que remetti a V. Ex. se vem no conhecimento de qual elle será, pois vivem na maior consternação; a mesma falta experimentam no fardamento, e a maior parte não ~~fa~~ serviço por estarem nus: seguro a V. Ex. que esta tropa não merece tanto descuido, porque é muito obediente, e sem embargo das faltas que experimenta serve com gosto, não só no que toca ao serviço militar, mas em todas as obras de fortificações e quartéis que tenho feito, em que se tem occupado, sem que com elles se tenha despendido cousa alguma, pois o Sr. conde de Cunha sempre approvava as representações que eu lhe fazia para as ditas importantes obras, ordenando-me as fizesse executar logo, para o que me mandaria dinheiro, que nunca chegou, e se não fosse a tropa e indios, e o modo com que n'isto me tenho havido, nunca se concluiria nada.

No passo do rio Tebiquary fiz um grande forte de terra batida capaz de vinte peças de artilheria, em o campamento de S. Caetano de Barrancas, outro capaz de dezeseis peças, de terra e faxina, e presentemente dois na margem do norte do Rio-Grande, cujas obras foram feitas pelos soldados e indios, sem despeza alguma com trabalhadores; o que tambem tem feito arruinar mais depressa o fardamento da tropa. Espero da piedade de V. Ex. se compadeça d'ella, pois o merece.

Não só a fazenda real deve á tropa, peões e marinheiros, o que tenho representado a V. Ex., e aos moradores o gado e cavallo que se lhes têm tirado ha cinco annos; mas é grande a importancia que se deve aos mestres dos officios que se têm empregado no real serviço, como ferreiros, carpinteiros do trem, selleiros, armeiros, e conducções dos generos e farinha de guerra, que tudo é conduzido por terra da Laguna para este Viamão nas carretas dos moradores, o que tudo faz uma importante somma.

No tempo do governo do Sr. conde de Bobadella, além das grandes porções de dinheiro que se remetiam d'essa capital para as despezas d'esta provincia, se passavam d'aqui letras de muitas para a provedoria do Rio de Janeiro, por d'onde se pagavam; porém, desde que entrou no governo o Sr. conde de Cunha, não só se não pagou o grande numero d'ellas que se haviam remettido do tempo da guerra, e paravam, ou em seu poder, ou na provedoria, procedendo algumas de dinheiro que os moradores emprestaram para pagamento das tropas de que estão por embolsar; mas tive ordem expressa do mesmo senhor para não passar letra alguma sobre aquella provedoria, o que não só atrasou os pagamentos aos acredores, mas embaraçou o poderem satisfazer com as mesmas letras aos seus correspondentes, o que tudo originou o grande empenho em que presentemente se acha a fazenda real d'esta provincia, vivendo os moradores d'ella consternados por se lhes tirarem os seus bens, sem esperança de se lhes satisfazerem; e são tantas, tão justas e tão repetidas as supplicas que me fazem, que já não acho palavras com que os consolar; e se não fôra a docilidade e modo com que os tratam, já a maior parte teria despovoado a terra, como elles mesmos asseveram.

Sirva este exemplo de figurar a V. Ex. o estado d'estes miseraveis. Vai um d'estes moradores com duas carretas á villa da Laguna a conduzir farinhas para a tropa; paga quatro homens que vão com ellas, que cada uma leva ao menos quatro juntas de bois, e outros tantos para mudarem; paga a outro homem que cuida em os pastorear, quando descansam: morrem d'estes bois alguns, já nos passos dos rios, já nos máos caminhos que transitam, chegam a Viamão, descarregam, e não se lhes paga o frete por não haver com que: como é possível que este pobre homem

volte outra vez a conduzir mais, não tendo com que pagar a gente que levou, nem com que comprar os bois que lhe faltam? Pois isto succede a todos os conductores, a quem se lhes devem muitas viagens; e se não fôra os carinhos que lhes faço, seria impossivel transportar o que é preciso, ainda que usasse da força.

Ha muitos fazendeiros a quem se deve cinco, e seis mil cruzados de gados que se lhes têm tomado: precisa este alguma fazenda para remediar a sua casa, não acha quem lhe dê alguma sobre esta divida, nem com grande rebate, pois os negociantes conhecem que se não pagam aqui, nem se passam letras para se pagarem n'essa cidade. Parece-me que o que tenho exposto é bastante para V. Ex. comprehender o estado a que se acha reduzida esta provincia, que, a não experimentar esta falta, poderia ser uma das mais florescentes do Estado; pois só em trigos poderia soccorrer a todo; e no commercio de couros, mulas e potros dar uma grande conveniencia á real fazenda, e até cresceriam em muita parte os direitos da alfandega do Rio de Janeiro com o consumo das fazendas que aqui se poderiam gastar.

Logo que chegaram as ordens de Sua Magestade para se regularem as tropas auxiliares, assim de cavallaria como de infantaria, me mandou o Sr. conde de Cunha remetteste eu as listas que formasse, o que fiz, e até o presente me não respondeu cousa alguma a este respeito.

Aqui se podem formar dois regimentos, um de cavallaria, e outro de infantaria, muito bons e muito uteis; o de cavallaria, poucos poderão haver como elle, pois tenho escolhido os melhores cavalleiros e de boa idade, e formado nove companhias de sessenta homens cada uma, incluso os officiaes, que nomêei interinamente dos mais capazes, e todos andam fardados; e, como talvez se não achem as

relações que remetti na secretaria, espero que V. Ex. me diga se devo mandar outras, com as pessoas mais capazes para officiaes, pois é mui conveniente que estes regimentos se estabeleçam e regulem, e se lhes ponham sargentos-móres e ajudantes pagos, para os doutrinarem, na fórma das reaes ordens.

Se V. Ex. se servir de me dar as providencias, e as ordens do que devo obrar, poderá fazer um grande e util serviço a el-rei nosso senhor, pois o conhecimento que tenho do paiz ha dezesete annos, e o zelo com que sirvo a Sua Magestade, concorrerão para o bom successo de fazer feliz esta provincia.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Capella de Viamão, 10 de Janeiro de 1768. — Illm. e Exm. Sr. conde de Azambuja, vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil. — *José Custodio de Sá e Faria.*

1. Illm. e Exm. Sr. — Pelo que tenho avisado a V. Ex. desde o § 1º até o § 11 da carta escripta no dia de hoje, a que esta serve de continuação, verá V. Ex. quaes foram os justissimos motivos com que Sua Magestade foi obrigado a precaver-se em tempo opportuno contra as sinistras intenções e cubiçosos projectos, com que alguns negociantes e ministros de Inglaterra, e a cubiça de França e Hespanha, se armaram para nada menos do que para fazerem invasões e conquistas no Rio de Janeiro, e mais portos da sua capitania.

2. Agora devo participar a V. Ex. quaes têm sido as forças com que o mesmo senhor se acautelou: ou para evitar as ditas invasões fazendo ver aos nossos até agora figurados inimigos que não lhes seriam tão faceis, como

elles cuidavam ; ou para nos casos d'ellas resistirmos aos seus iniquos e cubiçosos attentados.

3. A guarnição da praça do Rio de Janeiro consistiu até o mez de Julho do anno de 1766 em dois regimentos de infantaria e um de artilheria, os quaes todos constituiam um corpo de quasi dois mil homens, em grande parte destacados na Colonia do Sacramento, no Rio-Grande de S. Pedro e na ilha de Santa Catharina.

4. Attendendo, porém, Sua Magestade a que os referidos destacamentos enfraqueciam muito a guarnição da capital, ordenou pela carta régia de 23 de Março de 1767 (que vai compilada debaixo do n. I do catalogo junto a esta) que se accrescentassem mais tres companhias a cada um d'aquelles tres regimentos ; mandando ao mesmo tempo transportar para elles os officiaes das tropas d'este reino que constam da relação que foi junta á mesma carta.

5. Poucos mezes depois com a carta instructiva de 20 de Junho do mesmo anno (cuja cópia vai tambem compilada debaixo do n. II do mesmo catalogo), mandou o mesmo senhor transportar ao Rio de Janeiro os tres bons regimentos de Antonio Carlos Furtado de Mendonça, de José Raymundo Chichorro da Gama Lobo e de Francisco de Lima da Silva : mandou pelas outras cartas régias da mesma data (que vão compiladas debaixo dos ns. III e IV do mesmo catalogo) o tenente-general João Henrique Bohm, para commandante de todas as tropas de infantaria, cavallaria e artilheria de todo o Estado do Brasil : mandou (pela outra carta compilada debaixo do n. V) o brigadeiro Jacques Funck por inspector geral das fortificações e artilheria do mesmo estado : mandou pela outra carta do mesmo dia 22 de Junho (compilada debaixo do n. VI) Jorge Luiz Teixeira para ajudante das ordens do dito tenente-general ; e Elias Schierling e Francisco João Rocio para

ajudantes das ordens do dito brigadeiro Funck: mandou pelas sobreditas tres cartas, expedidas em 22 de Junho ao conde da Cunha e ao dito tenente-general João Henrique de Bohm, que todas as tropas de infantaria, artilheria e cavallaria do Rio de Janeiro e Brasil fossem reguladas como as d'este reino, sem differença alguma: mandou remetter para este effeito (debaixo da relação da data de 20 do dito mez de Junho, agora compilada debaixo do n. VII) os exemplares de todas as leis, alvarás e decretos, que se haviam promulgado para a disciplina das tropas d'este reino: mandou estabelecer uma atla para os estudos da engenharia e artilheria no Rio de Janeiro; remettendo logo para os estudos d'ella quarenta jogos das obras de *Belidoro*, e mandando artifices dos officios de espingardeiro e coronheiro para os regimentos.

6. Para os recrutas dos ditos regimentos ordenou Sua Magestade por duas cartas de 22 de Julho do anno de 1766 (que agora vão compiladas debaixo dos ns. IX e X) as providencias para se evitarem os vadios, e se obviar aos excessos com que o bispo do Rio de Janeiro ia inconsideradamente ordenando os mancebos capazes de servirem nas tropas.

7. Por cartas de 23 de Março de 1766 e de 13 de Junho de 1767 foram mandados da Ilha de S. Miguel para os regimentos do Rio de Janeiro quatrocentos recrutas. E agora se têm repetido as ordens necessarias para se transportarem mais duzentos dos ditos recrutas das ilhas dos Açores, onde ha gente sobeja e sem occupação.

8. Antes de sahir d'este ponto das tropas devo participar a V. Ex. que, tendo avisado o sobredito general João Henrique de Bohm em carta de 23 de Março do anno proximo passado que nos regimentos do Rio de Janeiro

havia falta de tambores, se devem estes logo completar com negros e mulatos, não se achando outros.

9. Também devo participar a V. Ex. ao mesmo respeito que o dito general João Henrique de Bohm representou mais a Sua Magestade, que os destacamentos que se fazem de mais de seis centos homens das tropas do Rio de Janeiro para as praças do sul, são summamente prejudiciaes á disciplina dos seis regimentos da guarnição do Rio de Janeiro; devendo estes estar sempre disciplinados e promptos para qualquer successo; e que o mesmo senhor, reconhecendo a ruina que padecem os ditos regimentos com os referidos corpos, que d'elles se destacam, tem mandado levantar um novo regimento pago para o seu quartel na ilha de Santa Catharina, e mandar d'elle destacamentos para o Rio de S. Pedro e para a Colonia; de sorte que cesse a necessidade de sahirem d'aquella capital as tropas da sua guarnição.

10. Porém, conhecendo Sua Magestade com as suas clarissimas luzes que, além das forças que constituem as referidas tropas, se fazia necessario accrescentar todas as mais forças que a possibilidade podesse permittir, para o maior respeito e segurança da capital do Rio de Janeiro e do seu territorio; vendo com igual clareza a grande utilidade da que n'esse continente são as tropas de naturaes do paiz, porque, defendendo as suas proprias casas e fazendas, sabem, e podem fazer nos matos a guerra, em que são de muito menos prestimo os corpos regulares: ordenou ao conde de Cunha, que alistando todos os moradores da dita capitania, que se achassem no estado de servirem nos terços e auxiliares, sem excepção de nobres, plebãos, brancos, mestiços, pretos, ingenuos, ou libertos, formassem os terços dos mesmos auxiliares de infantaria e cavallaria, que coubessem no numero e proporção dos homens que achasse em cada um dos respectivos districtos.

11. Ao mesmo tempo concedeu Sua Magestade ao referido conde a jurisdicção necessaria para crear e lhe propôr os officiaes competentes e proprios para disciplinarem, e terem sempre em boa ordẽm os sobreditos terços, isto é, para cada um d'elles : um mestre de campo, das pessoas mais principaes dos d'ifferentes districtos, um sargento-mór, um ajudante do numero, e um ajudante supra : tirados todos dos regimentos pagos. E houve mais por bem o mesmo senhor determinar, que os serviços que fizerem os officiaes dos ditos terços auxiliares, desde o posto de alferes até o de Mestre de Campo, sejam attendidos e gratificados com as mesmas mercês com que são deferidos os outros officiaes dos regimentos pagos.

12. Pela resposta que o mesmo conde fez em 4 de Fevereiro de 1767 sobre as ditas ordens, e pela carta chographica (cujas cópias tambem vão juntas, e accusadas no dito terceiro catalogo debaixo dos ns. XI e XII), verá V. Ex. : primeiro, os districtos e freguezias do sertão da mesma capitania, que foram separados para n'elles se levantarem os seis terços de infantaria auxiliar, que d'elles constam: segundo, que dos moradores da cidade se podiam formar mais dois terços de infantaria : terceiro, que no reconcavo se podiam formar outros dois terços de cavallaria, ficando todos muito numerosos : quarto, que João Barbosa e Sá foi nomeado mestre de campo do terço de *Jaracapaguá (sic)*: quinto, que Miguel Antunes Pereira foi nomeado mestre de campo do quinto terço: sexto, e que se tratava de alistar os outros, e lhes nomear mestre de campo.

13. Pela outra resposta que o mesmo conde fez em quatro de Março do mesmo anno, sobre as referidas ordens, (tambem compilada debaixo do n. XIII do mesmo catalogo), e pelas relações das despezas, assim dos ditos terços, como das rendas da camara da capitania do Rio de

Janeiro, que a ella vieram juntos; teve Sua Magestade a mais completa informação, que antes não havia aqui, das circumstancias da mesma capitania, pelo que tocava á formatura dos referidos terços.

14 Sobre esta mais especial informação approvou o mesmo senhor pela outra carta de dezanove de Junho do mesmo anno de 1767 (que vai tambem compilada debaixo do n. XIV do mesmo catalogo) tudo o que o conde da Cunha havia proposto, modificando as suas reaes ordens antecedentes, assim para que os soldos dos sargentos-móres e ajudantes dos referidos terços auxiliares fossem os mesmos que até alli venciam, como para que fossem pagos pela real fazenda emquanto as camaras o não podessem fazer pelos meios e modos que foram indicados na referida carta.

15. Em consequencia de tudo o referido, formou com effeito o conde da Cunha na dita capitania sete terços de infantaria, e um de cavallaria auxiliares; os quaes avisou o tenente-general João Henrique de Bohm, em carta de vinte e dois de Fevereiro de 1767, que já então faziam serviço muito util. Tambem deixou projectados outros tres terços dos moradores da cidade do Rio Janeiro, dos quaes Sua Magestade havia resolutu que elle conde vice-rei fosse mestre de campo de um, e vestísse o uniforme d'elle nos dias de exercicio, para dar o bom exemplo que o principe D. Theodosio deu ás milicias d'esta côrte no tempo da acolação, com tanta vantagem do real serviço: que o dito tenente-general fosse mestre de campo de outro, cujo posto o dito já havia aceitado; e que o mestre de campo do terceiro fosse Pedro Dias Paes Leme, por ser pessoa de grande autoridade na capitania do Rio de Janeiro, que faria emulação ás outras pessoas distinctas d'ella para aspirarem aos referidos postos, e animarem a reputação do serviço

dos sobreditos terços auxiliares em beneficio da segurança da mesma capitania.

16. O que deixo acima referido contém consubstancialmente o que até agora passou a respeito dos sobreditos terços auxiliares. E tudo isto manda Sua Magestade participar a V. Ex. para ratificar e lhe fazer communs as sobreditas ordens, expedidas ao conde da Cunha; e para que V. Ex. em observancia d'ellas não só prosiga o estabelecimento dos referidos terços auxiliares, mas tambem os reduza á perfeição e boa ordem, que o mesmo senhor espera do zelo, intelligencia, prestimo e actividade com que V. Ex. se emprega no real serviço.

17. Ainda accresce a este respeito participar a V. Ex. que necessitando os referidos terços auxiliares de armamentos, se deve dar n'elles providencia na maneira seguinte.

18. V. Ex. sabe que nos terços auxiliares e ordenanças são os soldados os que compram, e devem conservar por sua conta as armas. N'esta certeza, cada soldado que receber armamento, deve entregar por elle quatro mil e oito centos réis no cofre que Sua Magestade manda estabelecer para este effeito na casa da junta da fazenda real, com livro e conta separada, o qual no fim de cada anno se deve remetter com o dinheiro que entrar no mesmo cofre, ao erario regio, para por elle se continuarem as remessas das referidas armas.

19. Com as dos tres regimentos da guarnição antiga do Rio de Janeiro (a que Sua Magestade manda agora remetter armamentos novos, para ficarem n'elles iguaes com os que foram d'este reino) se podem logo armar tres dos referidos terços auxiliares de espingardas e cartucheiras, desterrando-se d'elles comtudo as varetas de páo, e substituindo-se no lugar d'ellas as de ferro, que tambem se mandam remetter para este effeito.

20. Se as armas que largam os referidos tres regimentos da guarnição antiga forem de adarme ou calibre diverso, e se houver mais armas do mesmo calibre d'ellas nas mãos dos auxiliares, pede a boa economia que para se não perder um tão grande numero de espingardas, faça V. Ex. combinar os calibres d'aquellas de que houver maior numero ; de sorte que todas fiquem uniformes, e me remetta uma d'ellas, que sirva de padrão, pelo qual bajam de lhe ser remetidas em separados cunhetes, as quantidades de pelouro que forem destinadas para os regimentos pagos e para os ditos terços auxiliares, com as suas marcas de fogo em cima, pelo meio das quaes se evite toda a prejudicial confusão, no caso ao mesmo pelouro, conhecendo-se logo á vista dos mesmos cunhetes os que pertencem ás tropas regulares e os que vão destinados aos auxiliares.

21. Debaiço da mesma economia, ou distincção, me remetterá V. Ex. a relação das outras armas que forem sendo necessarias para os mais dos referidos terços ; de sorte que d'aqui se não possam remetter algumas que não sejam uniformes com as que lá houver ; porque d'outro modo iriam fazer mais confusão do que serviço .

22. Finalmente pelo que pertence ás jurisdicções, ou a evitar os embaraços que dos conflitos d'ellas costumam resultar, com desprazer de Sua Magestade e prejuízo de seu real serviço, posto que o mesmo senhor está certo em que a prudencia de V. Ex. saberia muito bem obviar a tão desagradaveis questões ; comtudo, não costumando ser a mesma prudencia commum a todas as pessoas, de que se compoem as differentes repartições d'um governo tão grande, como o de que V. Ex. está encarregado : manda o mesmo senhor participar a V. Ex. sobre esta delicada materia o seguinte.

23. Quanto ao territorio. São subordinados ás ordens

de V. Ex., não só os portos e terras comprehendidos dentro nos limites da capitania do Rio de Janeiro até onde ella confina com as capitánias geraes da Bahia, das Minas e de S. Paulo; mas tambem Sua Magestade tem subordinado ás ordens de V. Ex. os governadores e commandantes da ilha de Santa Catharina, do Rio-Grande de S. Pedro e da Colonia do Sacramento, para V. Ex. lhes determinar o que devem fazer na guerra e na paz, assim a respeito dos nossos máos vizinhos (de que fallarei a V. Ex. em carta separada), como dos outros estrangeiros.

24. Quanto ás pessoas. Pelos §§ 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17 da carta escripta ao conde da Cunha em 20 de Junho de 1767, que no catalogo do n. 1º é tambem a primeira, que vai indicada debaixo do § II d'elle, foram determinadas as incumbencias e encargo do tenente-general João Henrique de Bohm, e do brigadeiro Jacques Funck: concluindo a este respeito o § 18 da mesma carta nas palavras seguintes:

« Sua Magestade manda ultimamente declarar (pelo que pertence á jurisdicções) que V. Ex. deve ter nas tropas d'essa capitania toda a jurisdicção que teve e conserva ainda nas d'este reino o marechal-general conde reinante de Schaumbourg Lipe; que o tenente-general João Henrique de Bohm deve ter toda a jurisdicção que teve o general de infantaria D. João de Lancastre. E que elle mesmo forme e exercite, com a brigada que leva, o regimento de artilheria. »

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a 14 de Abril de 1769.— *Conde de Oeyras*.— Sr. marquez do Lavradio.

Illm. e Exm. Sr. — Pela carta primeira das que tenho dirigido a V. Ex., na mesma data d'esta, e pelo catalogo n. II, que a ella foi junto, instrui a V. Ex. com todas as ordens que esta côrte expediu até o presente para preservar os portos do Brasil do pestilencial contagio dos contrabandos, que a elles porfiam em levar os navios, de guerra e mercantes, das nações estrangeiras. E agora participarei a V. Ex. as providencias que se têm dado para evitar que os mesmos contrabandos sejam feitos pelos nossos navios mercadores e traficantes portuguezes.

Tudo isto V. Ex. achará indicado no catalogo que acompanha esta carta, e colligido nas leis e ordens que a elles vão juntas, pelo que pertence ao felicissimo reinado de Sua Magestade; e pelo que toca as leis e ordens, que antes d'elle havia sobre esta materia, no caso em que se não achem registradas na relação e ouvidoria do Rio de Janeiro, com o aviso de V. Ex. lh'as remetterei para fazer com ellas completo o referido catalogo.

Deus guarde a V. Ex. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, á 14 de Abril de 1769. — *Conde de Oeyras*. — Sr. Marquez do Lavradio.

Illm. e Exm. Sr. — 1.º Reservo para esta quarta carta as instrucções pertencentes aos meios e modos, com que Sua Magestade tem ordenado que os capitães-generaes do Rio de Janeiro e S. Paulo se devem conduzir em causa commum a respeito dos nossos infestos vizinhos castelhanos, que hoje são segunda vez infestos como successores dos jesuitas, depois que os expulsaram; porque a importancia e delicadeza d'este negocio requerem por sua natureza que elle seja tratado com separação de todos os outros que podessem confundir as verdadeiras e especificas idéas que d'elle devo dar a V. Ex.

2. E' certo que o tempo da aclamação do Senhor rei D. João o IV. se achavam os vassallos d'esta corôa na posse de todas as costas e sertões que jazem ao sul do Rio de Janeiro, desde as capitánias do mesmo Rio e S. Paulo até á margem septentrional do Rio da Prata, onde no governo do Senhor rei D. Pedro II se erigiu a nova Colonia debaixo da invocação do Santissimo Sacramento, da qual fomos desalojados pelos castelhanos na éra de 1705, e mandados restituir no de 1715 pelos arts. V e VI do tratado de Utrecht.

3. E' certo que os castelhanos, com a má fé que sempre praticaram comnosco inspirados pelos jesuitas, que os tinham debaixo da sua sujeição, em lugar de nos restituirem com a dita praça da Colonia todo o seu territorio que antes possuíamos, nos ficaram usurpando o mesmo territorio, nos ficaram reduzindo ao descripto de um tiro de canhão da referida praça, e nos ficaram fazendo as outras avanças, com que depois edificaram no nosso dominio da dita margem septentrional do Rio da Prata as duas praças de *Montevideo* e de *Maldonado*, nas quaes se estão sustentando nulla e violentamente, apesar das garantias do dito tratado de Utrecht.

4. E' certo que ao mesmo tempo foram os referidos castelhanos (ou os jesuitas, que eram os que então obravam no effeito e na realidade), avançando colonias de indios e estancias por todo interior do sertão da capitania de S. Paulo, com o claro projecto de se avançarem até ás nossas Minas-Geraes, e de nos acharmos com elles de portas a dentro quando menos talvez o esperassemos.

5. E' certo que assim correram as cousas até o tempo do mal entendido e peor executado *Tratado de Limites* das conquistas, assignado em Madrid em dez de Fevereiro de 1750, que foi annullado pelo outro tratado do anno

de 1761, e até o rompimento da ultima e aleivosa guerra do mez de Março do anno seguinte de 1762, terminada pelo outro tratado de paz de dez de Fevereiro do outro anno seguinte de 1763.

6. E' certo que os mesmos castelhanos e jesuitas seus socios (ou sobre elles dominantes), fingindo ignorarem que a dita paz se achava concluida, foram invadir o *Rio-Grande de S. Pedro* e o seu territorio, que perfidamente occuparam e estão occupando até o dia de hoje.

7. Sendo, pois, este o estado das cousas pertencentes aos portos e sertões do sul das capitancias do Rio de Janeiro e S. Paulo, até a dita margem septentrional do Rio da Prata; sendo para nós hoje os castelhanos, o mesmo que antes foram os jesuitas, dos quaes até o tempo da expulsão, receberam as ordens, e depois d'ella estão praticando comnosco a doutrina: e sendo estes os grandes e serios objectos com que devo instruir a V. Ex. pelo que toca aos mesmos vizinhos castelhanos: passo a participarlhe para lhe servirem de regras as ultimas ordens de Sua Magestade, que depois do referido tratado de dez de Fevereiro de 1763 se têm expedido ao governo do Rio de Janeiro sobre esta materia.

8. Todas V. Ex. achará indicadas no catalogo que acompanha esta quarta carta. E, se não couber no tempo extrahirem-se dos registros as cópias das cartas que n'elle se accusam, pelo primeiro navio de guerra que partir para essas partes as remetterei a V. Ex. indefectivamente, porque sem uma cabal noção d'ellas não poderá V. Ex. formar d'este gravissimo negocio o claro juizo que lhe é necessario, para conduzir os importantissimos interesses que esta corôa tem na resistencia aos castelhanos, e na expugnação d'elles (quanto possivel for) dos portos e serlões meridionaes, ou do sul do Estado do Brasil.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 14 de Abril de 1769.— *Conde de Oeyras*. — Sr. Marquez do Lavradio.

Illm. e Exm. Senhor. — A's certas noticias que recebemos do porto do Ferrol depois dos ultimos despachos que dirigimos a V. Ex. nas datas de 21 e 22 de Abril proximo precedente, deram justo motivo ás vigorosas providencias de que vou anticipar a V. Ex. uma prévia idéa pela cópia do plano militar, que irá n'esta incluso, para que V. Ex. não perca tempo algum em prevenir os nossos inimigos quanto a possibilidade o puder permittir.

E afim de que desde logo possa V. Ex. ficar com as mãos livres para obrar; lhe participo n'esta carta noticias tão agradaveis, como são as seguintes:

1.º Que el-rei meu senhor tem mandado sustentar o referido plano, e applicar ás despezas do sul todos os rendimentos das duas provedorias de S. Paulo e Rio de Janeiro, sem excepção alguma que não seja a dos quintos das Minas-Geraes e de Goyaz; todos os productos dos subsidios voluntarios e litterario, que d'essa capital se deveriam remetter a este erario; todos os outros productos, que das rendas reaes de Angola se costumam remetter ao Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco; toda a importancia dos soldos e munições dos dois regimentos que se vão transportar da mesma Bahia; duzentos mil cruzados que com elles se devem logo remetter, e outros duzentos mil cruzados annuaes, com que a mesma cidade ficará contribuindo a essa capital emquanto existirem as urgencias da defesa do sul.

2.º Que, além das munições de guerra que leva o galeão portador d'esta, receberá V. Ex. muitas outras por

todas as outras náos e fragatas de guerra, que ficam promptas para sahirem d'este porto debaixo de diversos pretextos apparentes.

3.º Que no dia de amanhã sabbado, que se hão de contar 16 do corrente, sahirão d'este porto os cinco navios da companhia de Pernambuco, que vão receber ao porto da cidade de Angra, e transportar d'ella a essa do Rio de Janeiro, o regimento de infantaria de que é coronel Antonio Freire de Andrade.

4.º Que na segunda-feira 18 do mesmo mez, que corre, sahirá a fragata de guerra Nossa Senhora de Nazareth, levando as destinações publicas de transportar d'aqui a Pernambuco o novo governador d'aquella capitania José Cesar de Menezes, e o actual governador d'ella Manoel da Cunha de Menezes ao seu novo governo da Bahia; e levando uma ordem occulta, e do prego, que só ha de ser aberta n'aquella cidade, para d'ella passar a essa, e n'ella ficar ás ordens de V. Ex.

5.º Que ao mesmo novo governador Manoel da Cunha de Menezes vai uma promoção feita nos dois regimentos da Bahia, em que se achão nomeados por S. Magestade os coroneis, tenentes-coroneis, sargentos-móres e capitães mais distinctos; e vai ordem positiva e apertada para que, fretando e embargando todos quantos navios alli apparecerem faça immediatamente transportar a essa cidade os ditos regimentos.

6.º Que com o intervallo de tres ou quatro dias sahirá d'aqui a náos de guerra Nossa Senhora da Ajuda debaixo da especie de transportar o novo governador de S. Paulo Martim Lopes Lobo de Saldanha, o qual vai d'aqui instruido para conferir com V. Ex. antes de passar ao seu governo; de obrar n'elle de accordo com V. Ex., e de seguir emquanto a guerra durar as ordens do tenente-general João

Henrique de Bohm, commandante em chefe do exercito do sul.

7.º Que com outro semelhante intervallo partirá a náó Santo Antonio, debaixo do motivo de transportar o novo governador das ilhas dos Açores Diniz Gregorio de Mello do Castro, levando tambem uma occulta ordem, para que logo que largar o dito governador no porto de Angra vá demandar esse do Rio de Janeiro, e n'elle fique da mesma sorte ás ordens de V. Ex.

8.º Que a náó Nossa Senhora de Belém, e as fragatas Nossa Senhora da Graça, e Princeza do Brasil, ficam preparadas e promptas a sahir d'este porto debaixo do pretexto de guarda-costas, e de outros apparentes motivos, levando as mesmas occultas ordens de fazerem toda a possivel força de vela para irem demandar esse porto, e ficarem n'elle da mesma sorte ás ordens de V. Ex.

9.º Que um dos bem disciplinados regimentos da guarnição de Pernambuco passe a engrossar e fortificar a da ilha de Santa Catharina.

10. Que o brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça, a quem vai a patente de marechal de campo, haja de passar á dita ilha por commandante general d'ella emquanto durar a guerra, sendo alliviado do governo das Minas-Geraes, cujos ares achou contrários á sua saude; sendo n'elle substituido por D. Luiz Antonio de Sousa; e sendo por V. Ex. auxiliado com todos os possiveis soccorros para sustentar a defesa d'aquella importantissima ilha.

11. Que pelas sobreditas náos e fragatas irá V. Ex. recebendo um bastante numero de artilheiros, bombeiros e mineiros, formados nas escolas dos regimentos de artilheria d'este reino; os quaes (com o dissimulado fim de servirem n'esse exercito) mandou S. Magestade que agora

fossem nomeados para as guarnições das sobreditas náos e fragatas em lugar das companhias de infantaria que n'ellas se embarcavam de modo ordinario.

12. Que V. Ex. receberá tambem o abarracamento necessario para tres mil homens de tropas regulares, com duas barracas mais distinctas para general e marechal de campo.

Sobre a certeza de todos os referidos soccorros, e de que receberá os mais que necesarios forem: ordena pois S. Magestade que V. Ex. logo que receber esta carta faça transportar ao Rio Pardo, Viamão e Rio-Grande de S. Pedro o tenente-coronel João Henrique de Bohm, o brigadeiro Jacques Funck, que vai nomeado marechal de campo, e os tres regimentos de *Bragança, Moura e Estremoz*; com toda a artilheria e munições de guerra que forem competentes, e com as brigadas que fór formando dos bons artilheiros das escolas d'este reino que vão embarcados com este destino, como acima digo.

Com grande brevidade receberá V. Ex. pela dita fragata Nossa Senhora de Nazareth as mais amplas, mais especificas e mais circumstanciadas instrucções, para constituirem o systema da guerra que ahi se vai principiar e das operações d'ella. Porém S. Magestade quer que V. Ex., sem esperar aquellas novas ordens, mande o dito tenente-general instruido para formar, logo que chegar aos referidos lugares do seu destino; o exercito que deve commandar, determinando as divisões d'elle, e o mais necessario como se achasse proximo a combater com o inimigo; convocando e fazendo marchar todas as tropas ligeiras de paulistas, aventureiros, e caçadores, guarnecendo os portos dos rios e passagens dos montes por onde os castelhanos, fiados nos soccorros que vão receber, podem vir atacar-nos, para que os possamos rechazar com vantagem. E dispondo tudo o

mãis que o tempo e as conjuncturas d'elle lhe forem indicando.

No meu particular me congratulo com V. Ex. pela grande confiança, que na sua pessoa tem posto el-rei meu senhor; tomando no contentamento d'este honroso conceito toda a parte e todo o interesse que toca á minha fiel amizade em tudo o que pertence a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 15 de Julho de 1774. — *Marquez de Pombal.* — *Snr. Marquez do Lavradio.*

1. Illm. e Exm. Sr. — Em continuação das amplas instrucções e ordens d'el-rei meu senhor, que dirigi a V. Ex. nas ultimas cartas que lhe encaminhei na data de 9 de Julho, pelo capitão de mar e guerra Guilherme Mac-Doul, commandante da fragata *Nossa Senhora de Nazareth*, e na de 8 de Agosto pela não *Nossa Senhora da Ajuda*, que foi commandada pelo capitão de mar e guerra José dos Santos Ferreira, vou participar a V. Ex. o mais que tem accrescido depois das referidas datas: para que V. Ex. possa ficar em mais clara intelligencia, assim do que deve precaver a respeito dos nossos perfidos vizinhos confinantes, como do que pôde ainda esperar em soccorros, para repellir as suas violencias e reivindicar os direitos da corôa d'el-rei meu senhor.

2. Tudo isto achará V. Ex. resumido no papel que ajuntarei a esta carta com o titulo de *Orçamento das forças terrestres e navaes*, etc., o qual contém um veridico extracto do que a côrte de Madrid tem até agora mandado para o Rio da Prata em navios e tropas; e uma justa combinação das forças de cada uma das referidas duas especies,

com que V. Ex. se acha, e achará armado para propulsar os ralhos e insultos castelhanos.

3. Tambem V. Ex. receberá com esta uma exacta cópia da excellente e authentica carta chorographica que o marechal D. Miguel Angelo Blasco calculou e delineou, pisando e vendo por si mesmo todo o territorio do sul do Brasil, que está actualmente sendo o theatro da guerra.

4. Além do referido manda Sua Magestade accrescentar ao que tenho escripto a V. Ex. as tres cousas seguintes :

5. A primeira d'ellas é que a conquista da importante ilha de Santa Catharina tem feito um dos principaes objectos das expedições da côrte de Madrid: para que V. Ex. haja de dobrar as cautelas e as forças necessarias para a conservação da referida ilha; fazendo executar tudo o que a este respeito lhe preveni na minha dita instrução de 9 de Julho proximo precedente desde o § 49 até o § 56 inclusivamente.

6. Entre tudo é preciso que tenha o primeiro lugar o ponto de passar á referida ilha immediatamente o marechal de campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, encarregado da boa defesa d'ella: para o que se manda baixar logo das Minas, e encarregando V. Ex. interinamente aquelle governo a qualquer official graduado e digno de confiança entre os d'essa capital, emquanto não chegar o novo governador das referidas Minas; pois que, supposto que os castelhanos presentemente não tenham tropas bastantes para ao mesmo tempo se manterem no continente contra o nosso exercito, e passarem além d'isso a sitiarem a referida ilha, não haverá a respeito d'ella precaução que não seja util e necessaria.

7. A segunda cousa consiste em recommendar el-rei meu senhor novamente a V. Ex. a cuidadosissima execução das reaes ordens conteúdas na minha ultima carta de oito

de Agosto proximo precedente; principalmente desde o § 14 d'ella em diante; fazendo multiplicar quanto possivel fôr o numero dos corpos e companhias francas de aventureiros, caçadores e sertanistas de S. Paulo e Santos; fazendo recrescer e augmentar cada dia mais n'elles o espirito marcial, a ambição de gloria, e a animosidade e desprezo contra os castelhanos; e fazendo promptamente remunerar e gratificar os que se distinguirem na conformidade das ordens que tenho participado a V. Ex. sobre esta materia.

8. A terceira cousa é que, tendo os castelhanos grande falta de marinheiros, e por isso grande difficuldade em armarem as suas náos de força, todos aquelles que forem tomados ficarão reclusos na ilha das Cobras, até o fim da guerra; tomando-se relação das despezas que com elles se fizerem, para serem pagas ao tempo da paz. Como Vm. presenciou n'este reino que Sua Magestade não quiz nunca desertores castelhanos no seu exercito; fará observar o mesmo d'essa parte, não só a respeito dos ditos desertores, mas tambem dos prisioneiros de guerra.

9. Pelo que pertence ao estado das cousas d'estas partes, vou participar a V. Ex., para secretissimo cõhecimento, que nem el-rei meu senhor tem permittido que o seu embaixador na cõrte de Madrid dêsse n'ella o menor signal de queixa das insolencias, que o governador de Buenos-Ayres tem commettido contra esses dominios; nem a mesma cõrte tem achado a proposito fazer d'ellas a esta reparação alguma.

10. Sua Magestade, porém, por uma parte procurando mostrar com os factos que não ouviu com indifferença as informações dos referidos attentados, e pela outra parte embaraçar a referida cõrte com uma diversão, que a não deixe livre, para mandar ao Rio da Prata todas as

tropas que ella desejaria, receiando-se de que lhe possam ser necessarias dentro no seu mesmo continente de Castella, mandou completar todos os regimentos do seu exercito; mandou n'elles promover aos postos todos os officies de maior prestimo, e reformar os menos habeis: mandou fornecer de copiosas munições de guerra todas as suas praças; mandou encher armazens de munições de boca, e iorragens, para cincoenta mil homens por tempo de um anno; mandou dar balanço ao seu arsenal das tropas chamado aqui da *Tenencia*, com o effeito de achar os seus amplissimos armazens cheios de artilheria, polvora, balas, bombas e toda a sorte de petrechos de guerra: e mandou finalmente que tudo isto se fosse (como vai) executando com a maior sizu-deza, e dissimulação, de sorte que pareça providencia, e não resentimento, sem comtudo se dispensar a actividade, com que nos temos empregado e vamos empregando nas sobreditas prevenções, e sem que o reparo de causarmos ciumes aos nossos mãos vizinhos nos sirva de embaraço.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 18 de Setembro de 1774.— *Marquez de Pombal*.—Sr. marquez do Lavradio.— Está conforme.— *Thomaz Pinto da Silva*.

Orçamento das forças terrestres e navaes, que verosimilmente se pôde julgar que os castelhanos tenham no Rio da Prata e sul do Brasil, depois que chegar a Buenos-Ayres a ultima expedição que partiu de Cadix no mez de Agosto d'este presente anno de 1774, e combinação d'ellas com as forças de Sua Magestade n'aquellas fronteiras

FORÇAS TERRESTRES CASTELHANAS

— Pela primeira parte do plano militar, que foi junto debaixo do n. 1, a segunda carta instructiva que em nove de Julho d'este presente anno de 1774 expedio o marquez do Lavradio foi calculada sobre as ultimas informações, até áquelle tempo recebidas. Por uma parte que o corpo dos seis mil homens com que o governador do Paraguay veiu surprehender as nossas fronteiras fóra na maior parte composto de cinco mil e duzentos homens de tropas do paiz chamadas *correntinas*, que para nada prestam, e dos indios das missões que ajuntou ás referidas tropas de *Corrientes*, e são ainda peiores do que ellas, como claramente fez ver a facilidade com que o nosso bom e valeroso capitão de tropas ligeiras *Raphael Pinto Bandeira* com o seu destacamento de cento e vinte homens bateu e fez prisioneiro no dia tres de Janeiro d'este presente anno o capitão castelhano D. *Antonio Gomes* á testa de seiscentos combatentes compostos das referidas tropas pagas de *Corrientes* e dos sobreditos indios com ellas incorporados, tomando-lhes todas as armas, munições de guerra e equipagens: e foi calculado por outra parte que os nervos ou forças substanciaes d'aquelle a pparatoso e perfido exercito, consistiram nos oitocentos homens de tropas européas, que o referido general castelhano tirou das guarnições de

Buenos-Ayres, Montevideo, Maldonado e bloqueio da *Colonia*, deixando-as inteiramente desamparadas de todas as ditas guarnições.

Depois de haver despachado a *referida carta instructiva* chegaram a esta parte as informações : primò de que a expedição que se estava preparando no Ferrol fôra contra-mandada ; secundò de que o transporte das tropas destinadas ao Rio da Prata se devia fazer do porto de *Cadix* ; tertio, que d'elle e de outros das suas vizinhanças haviam com effeito sahido no mez de Agosto proximo precedente, em tres charruas, e tres navios mercantes armados, mil e quatro centos homens do regimento de Galiza, e quinhentos desertores, sommando tudo mil e novecentos homens.

A' vista do que, vem presentemente a consistir no sul do Brasil todas as forças dos referidos castelhanos:

Primò pelo que pertence ás tropas européas, em um corpo de dois mil e setecentos homens, quando chegar esta ultima expedição ao Rio da Prata, corpo do qual irão os soldados europêos desertando todos os dias em cardumes para as Minas do Chili e Potosi, como é conhecido vicio das tropas castelhanas.

Secundò no outro corpo de cinco mil e duzentos homens, irregulares e inertes, composto no menor numero dos vadios e mandriões chamados *soldados correntinos*, e na maior parte de indios bisonhos, que, sendo pouco mais do que vultos e animaes de carga, aborrecem os castelhanos com odio tão entranhavel, como constou da relação do marechal Blasco, que foi junta aos seus sobre-ditos despachos.

Corpo, digo, o qual claramente se vê, por uma parte, que não excederá o referido numero, porque já mostrou a experiencia do anno proximo precedente que d'elle não

puderam passar todos os esforços do general D. João José de Vertiz, quando procurou ajuntar toda quanta gente a possibilidade d'aquelles paizes podia permittir-lhe, para completar os seis mil homens (incluidos os oitocentos europeos) com que nos veiu atacar, sendo certo que se tivesse mais gente capaz de pegar em armas a não deixaria ficar atrás em uma conjunctura em que procurou metter-nos medo com a apparatusa ostentação, que fez das suas forças: e corpo emfim que pela outra parte se vê que é pouco, ou nada formidavel.

FORÇAS TERRESTRES PORTUGUEZAS

Pelo que pertence ás tropas disciplinadas europeas: consistindo as dos nossos inimigos nos dois mil e setecentos homens acima indicados, consistindo as de Sua Magestade, na conformidade da terceira parte do referido plano militar n. 1, em quatro mil cento e oitenta e quatro infantes, e em mil duzentos e dez cavallos, que constituem um corpo de cinco mil trezentos e noventa e quatro homens de tropas regulares; já se vê que a força das tropas regulares de Portugal excede a das tropas regulares de Castella em dois mil seis centos noventa e quatro combatentes.

Pelo que pertence ás outras tropas irregulares: consistindo as dos mesmos inimigos nos cinco mil e duzentos homens, compostos no menor numero dos apparentes soldados *correntinos*, mandriões e inertes, e na maior parte nos miseraveis indios de collecção acima referidos: e consistindo as forças com que devemos combatêl-os nos dois mil homens de boas tropas ligeiras (isto é, mil de pé e outros mil de cavallo) e nas muitas companhias de aventureiros, de caçadores e de sertanistas das capitánias de S. Paulo e de Santos, que se têm levantado e pôdem

levantar ; e sendo todos elles por si mesmos valorosissimos, e filhos e netos de pais e avós dotados d'aquelles heroicos espiritos, que lhes ganharam a fama de serem n'essas partes o terror, não só dos indios castelhanos e inertes, mas até dos mesmos astutos e animosos jesuitas: tambem se concluiu quanto a esta tropa ligeira, por um prudente calculo, que todas as vantagens estão da nossa parte, principalmente achando-nos com dois mil seis centos noventa e quatro homens de superioridade nas tropas regulares.

Está conforme. — *Thomaz Pinto da Silva.*

FORÇAS NAVAES CASTELHANAS

Até a recepção da carta do Rio de Janeiro, que trouxeram as datas de 22 e 28 de Fevereiro d'este presente anno, constou por ellas que os castelhanos sustentaram os insultos, que no Rio da Prata nos faziam as suas embarcações pequenas, com tres fragatas de guerra, que conservavam no sobredito rio, sem resistencia alguma. Considerando-se, pois, que, vendo os mesmos castelhanos que não tinham contradictor no sobredito rio, não queriam fazer a grande despeza de conservarem n'elle náos de maior lotação: e arbitrando-se por isso a cada uma das tres fragatas trinta peças de 6 até 12 de calibre, virão todas tres a sommar noventa peças.

Pelos ultimos avisos recebidos de Cadix nas datas de 15 de Julho e de 15 de Agosto proximos passados constou terem sahido d'aquelle porto as náos e fragatas seguintes:

A náó chamada o *Astuto* de setenta peças; a outra chamada *S. Domingos*, da mesma lotação; duas fragatas de guerra que, segundo as informações, são do lote de qua-

renta peças cada uma ; tres navios mercantes de transporte armados em guerra, que podiam levar vinte peças cada um ; duas charruas hollandezas de carga ; somma tudo: duas náos de linha, cinco fragatas ; tres navios mercantes armados, e trezentas e setenta peças de artilheria.

FORÇAS NAVAES PORTUGUEZAS

Logo que se ajustarem no Rio de Janeiro as expedições que se acham ordenadas por Sua Magestade.

Não capitânea *Santo Antonio*, de 64 peças que agora parte com os despachos, que acompanham esta não *Nossa Senhora d'Ajuda*, de 64 peças, que partiu em...de Agosto proximo precedente:

Note-se. — Que estas náos de sessenta e quatro peças são muito mais fortes do que as castelhanas de sotenta e oitenta.

Fragata *Nossa Senhora de Belém*, de 50 peças, que se acha para partir d'entro em poucos dias.

Fragata *Nossa Senhora de Nazareth*, de 40 peças, que já partiu em 23 de Julho.

Fragata *Nossa Senhora da Graça*, de 40 peças, que partirá com grande brevidade.

Galeão *Nossa Senhora da Gloria*, de 28 peças, que também partiu já no mez de Julho proximo precedente.

Somma tudo : duas náos de linha, uma de cincoenta peças, duas fragatas de quarenta, outra de vinte e oito, e duzentas e oitenta e seis peças de artilheria ; em cujo numero vêm por ora a faltar, oitenta e quatro peças para igualarmos o numero das trezentas e setenta que terão os nossos inimigos, quando chegar a sua expedição de Cadix.

Previne-se, porém, a este respeito, que debaixo de toda a

dissimulação do commercio e navegação mercantil, se ficam expedindo além dos acima referidos, alguns navios auxiliares, dos quaes serão os primeiros a sahir os seguintes:

A companhia da pesca das baleias e o contrato do sal mandarão sahir logo um navio novo ultimamente construido na Bahia, que monta trinta peças, e que, partindo d'aqui com carga do referido genero, leva artilheria e tudo o mais necessario para ser armado em guerra, logo que chegar ao porto do Rio de Janeiro, mettendo-se n'elle os soldados e artilheiros que necessarios forem.

A outra companhia do Pará fica expedindo, debaixo da mesma dissimulação do seu commercio, outros dois navios de quinhentas toneladas para cima, para serem tambem armados em guerra, e guarnecidos com soldados e artilheiros, logo que chegarem ao mesmo porto. Cada um d'elles póde montar vinte e quatro peças; um d'elles ficará prompto em oito e o outro dentro em vinte dias.

A outra companhia de Pernambuco e Parahyba, manda logo partir a fragata de quarenta peças chamada *Barriga me dóe*, e fará partir logo que chegue outro grande e bom navio novo, que mandou construir no Recife, e espera-se que por instantes entrará n'esta barra e montará trinta peças. Sommando todos estes soccorros auxiliares: navios cinco; peças de artilheria, cento e quarenta e oito; com as quaes ficaremos excedendo em sessenta e quatro aos nossos inimigos.

Está conforme. — *Thomas Pinto da Silva.*

Illm. e Exm. Sr. — Sua Magestade foi servido destinar Antonio Carlos Furtado de Mendonça para o commandamento militar de todas as praças, portos, guarnições e mais forças da ilha de Santa Catharina, debaixo das ordens immediatas de V. Ex. E n'esta conformidade ordenou o mesmo senhor que por esta secretaria d'Estado se escrevesse ao referido Antonio Carlos Furtado de Mendonça e á camara de Villa-Rica as duas cartas, que lhe vão dirigidas, as quaes lhes remetterá V. Ex. por um expresso, logo que lhe forem entregues.

Das cópias das mesmas cartas, que junto a esta, como partes d'ella, verá V. Ex. o que Sua Magestade determina, assim a respeito das efficazes medidas que devem tomar, para preservar de insultos aquelle importantissimo estabelecimento, como para que V. Ex. nomeie logo um official militar, que interinamente vá governar a capitania de Minas-Geraes, durante a ausencia do actual governador d'ella, ou enquanto Sua Magestade não mandar o contrario.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 19 de Setembro de 1774. — *Martinho de Mello e Castro.* — Sr. marquez do Lavradio. — Está conforme. — *Thomaz Pinto da Silva.*

Para Antonio Carlos Furtado de Mendonça. — A preservação e segurança da ilha de Santa Catharina sendo presentemente um dos objectos mais importantes ao real serviço, e tendo Sua Magestade uma inteira confiança na prudencia, firmeza e valor de V. S., lhe ordena que logo que receber esta passe immediatamente ao Rio de Janeiro; e, depois de ter conferido e assentado com o marquez do Lavradio, vice-rei e capitão-general de mar e terra do Estado do Brasil, sobre os meios mais efficazes e promptos de soccorrer poderosamente a referida ilha, se embarque sem alguma perda de tempo, para ser conduzido

a ella; e logo que alli chegar tome V. S. o commandamento militar das praças, portos, guarnições e mais forças da mesma ilha, debaixo das ordens do dito vice-rei; empregando V. S. todo o seu zelo e actividade para a pôr no melhor estado de defensão, de sorte que possa resistir a todo e qualquer ataque que se lhe intente fazer por mar, ou por terra, ou por ambas as partes ao mesmo tempo; e conservando para o cargo do governador Francisco de Sousa de Menezes toda a economia da mesma ilha e tropas d'ella debaixo das ordens de V. S., emquanto Sua Magestade não mandar o contrario.

Para substituir o governo das Minas-Geraes, durante a ausencia de V. S., tem el-rei nosso senhor ordenado ao marquez do Lavradio que nomeie interinamente um official digno d'aquella incumbencia, o qual jurará homenagem nas mãos do mesmo vice-rei, havendo Sua Magestade por suspensa, até segunda ordem, a que V. S. deu do referido governo.

O mesmo senhor espera que n'esta importante commissão, a que o destina, ajuntará V. S. mais uma distincta prova ás muitas que tem dado do seu prestimo, do seu zelo e da sua fidelidade.

Deus guarde a V. S. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 19 de Setembro de 1774. — *Martinho de Mello e Castro*. — Está conforme. — *Thomaz Pinto da Silva*.

Para o juiz, vereadores e procurador da camara de Villa Rica. Sendo indispensavelmente necessario que Antonio Carlos Furtado de Mendonça, marechal de campo dos exercitos de Sua Magestade, e governador e capitão-general das Minas-Geraes passe ao Rio de Janeiro, para um importante negocio do real serviço, lhe ha o mesmo senhor por suspensa, até segunda ordem, a homenagem que deu ao referido governo; e tem ordenado ao vice-rei e capitão-

general de mar e terra do Estado do Brasil de nomear interinamente um official, que o substitua n'aquelle emprego, prestando homenagem, d'elle nas mãos do mesmo vice-rei: o que Sua Magestade manda participar á camara de Villa-Rica, para que assim o fique entendendo, e que o observe e faça observar, pelo que lhe pertença, enquanto durar a ausencia do dito governador, ou Sua Magestade não nomear outro em seu lugar.

Deus guarde a Vm. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 19 de Setembro de 1774.— *Martinho de Mello e Castro.*—Está conforme.—*Thomaz Pinto da Silva.*

Illm. e Exm. Senhor.—Pelo navio *Argyle*, que chegou ao porto d'esta capital a dez de Outubro com cento e dez dias de viagem, recebi e levei á real presença d'el-rei nosso senhor as relações de V. Ex., todas escriptas no mez de Junho do presente anno; e sobre o que V. Ex. refere relativo ás pacificas disposições que mostram os castelhanos, depois da precipitada retirada do general Vertiz, discorre V. Ex. com muito acerto na desconfiança com que fica, de não ser sincero nem permanente o socego actual d'aquelles mal intencionados vizinhos; porque não só em Buenos-Ayres e nas fronteiras do Rio-Grande estão fazendo as disposições militares, que V. Ex. refere; mas da Europa lhes foram os soccorros, de tropa e náos de guerra, de que V. Ex. já se achará instruido; e o sentido commum basta para perceber clarissimamente que isto não é para as terem em ociosidade no Rio da Prata, mas para as ajantarem ás forças que o general Vertiz alli lhes terá preparadas, e para darem sobre nós repentinamente, quando menos o esperarmos.

N'estas circumstancias pareceu á S. Magestade muito pre-

pitada, e muito irregular, a resolução do governador do Rio-Grande, em mandar de sua propria autoridade, e sem esperar as expressas e positivas ordens de V. Ex., retirar parte das tropas que V. Ex. fez marchar para aquelle continente.

N'elle ha dois perniciosissimos abusos, que emquanto se não desterrarem, nem alli póde haver socogo, nem segurança.

O primeiro é a fatal inacção, ou mais propriamente pusilanimidade, com que nunca achamos razões suffientes, nem motivos bastantes, para atacarmos os castelhanos, ou em natural defenza das repetidas hostilidades, que commettem contra nós, ou em justa satisfação das insupportaveis injurias que continuamente nos fazem, ou quando não querem dar ouvidos ás prôtestações com que lhes requeremos a reparação dos damnos, que repetida, e successivamente nos causam.

Tomam-nos em tempo da mais profunda paz os nossos navios, e não os querem restituir, como praticaram no Rio da Prata em 1772. Passam d'alli ao Rio-Grande de S. Pedro e no anno precedente de 1773, tomam-nos mais dois navios, e tambem não os têm querido restituir até hoje, antes nos seguram por termos claros e positivos, que o mesmo farão a todos os que entrarem no dito Rio-Grande.

Protestamos e pedimos reparação d'estas hostilidades, e o que só conseguimos são os insultos, com que nos respondem: continuamos a protestar e a pedir reparação dos nossos gravames; e aquella nação não cessa de repetir os mesmos insultos; até que, depois de muitos clamores da nossa parte, e de muitas injurias da sua, nos accomodamos com ellas, ficando além d'isto sem navios nem navegação, como actualmente nos está succedendo.

O segundo abuso perniciosissimo é que, formando os

ditos castelhanos um novo direito, até agora desconhecido entre as gentes, de nos atacarem, quando bem lhes parece, e quando melhor conta lhes faz, a nós nos não lembra outra alguma cousa mais, que cuidarmos quando muito no modo pacifico e soffredor de reparar os seus golpes, e se o conseguimos ficamos mui satisfeitos e contentes, deixando-os retirar com todo o socego e quietação, como ultimamente aconteceu.

Fórma o governador de Buenos-Ayres D. João José de Vertiz e Salcedo o projecto de nos atacar, e sem outra razão, ou motivo mais que o da certeza da nossa paciencia servil, entra a preparar-se, junta as suas tropas, e põe-se em plena marcha contra os dominios portuguezes.

Manda V. Ex. com vigilante anticipação soccorrer os mesmos dominios, dando todas as prudentes e bem reguladas providencias, que em caso semelhante se faziam precisas.

Chega o governador castelhano á fronteira do Rio-Pardo e immediatamente nos faz por escripto a mais formal, a mais decisiva e a mais insultante declaração de guerra. Summando os commandantes portuguezes de evacuem todos aquelles districtos, com comminação de os obrigar por meio das armas; e com effeito dá principio ás suas operações militares pelo ataque das nossas guardas avançadas.

Chega-lhe porém a noticia da inteira destruição de um corpo, que por outro lado tinha mandado avançar sobre a nossa fronteira, e do despojo que elle nos deixou entre as mãos no qual se acharam as mesmas instrucções, e ordens militares, com que o dito corpo devia dirigir contra nós as suas operações.

Desanima-se o general castelhano com esta inesperada perda, entra como é natural, com o seu exemplo um terror panico na sua tropa, e não cuida em outra cousa mais que

no modo de se salvar a si, é a ella por meio de uma prompta retirada.

Sabe d'ella com anticipação o commandante portuguez, e recebe no mesmo tempo a noticia da chegada do coronel Sebastião Xavier da Veiga com o soccorro do Rio de Janeiro, e devendo aproveitar-se d'este precioso momento, sahindo immediatamente com toda a sua tropa a picar, embarçar, e dilatar a retirada dos castelhanos, emquanto o commandante do soccorro com marchas dobradas se lhe unia, para ambos atacarem vigorosamente o inimigo, e fazerem as possiveis diligencias e esforços, pelo desbaratar e destruir; em lugar d'esta determinação, que todas as apparencias mostravam que seria feliz; e que faz é ficar mui socegado no seu campo, deixar dispôr ao general castelhano a sua marcha com toda a quietação; despedirem-se mutuamente com grandes civildades, e voltar o commandante portuguez ao Rio-Grande, e o general castelhano a Buenos-Ayres, com o fim de recrutar, como está recrutando as suas tropas, e esperar pelas que já lhe hão de ter chegado da Europa, para nos vir atacar segunda vez, com forças superiores, em agradecimento das attenções que tivemos com elle na occasião da sua retirada das margens do Rio-Pardo.

Não era certamente o brigadeiro José Marcellino capaz de se conter em uma occasião semelhante, nem a sua actividade e fervor deixaria de lhe mostrar que momentos taes, como o que acima fica referido, são tão raros, como preciosos na guerra, e que logo que se apresentam se devem aproveitar, ainda arriscando o tudo pelo tudo; e não obstante quaesquer ordens geraes, por mais restrictas que sejam, porque n'ellas não se podendo prever, nem acasualar, todos os acasos da mesma guerra, sempre os da natureza do que se trata ficam livres ao arbitrio, vigilancia e discernimento dos commandantes: mas é uma incompre-

hensível fatalidade, que predomina na America Meridional Portuguesa, a qual constantemente nos tem mostrado em todas as occasiões acontecidas desde o principio d'este seculo que, por mais hostilidades, e usurpações que os castelhanos nos tenham feito, e façam, nunca até agora nos atrevêmos a lhes pedir razão d'ellas com as armas na mão : e sempre que nos atacaram, o mais a que nos atrevêmos, foi a uma defesa soffredôra e passiva.

Ehes se têm constituídos senhores arbitros de nos fazerem a guerra quando bem lhes pareça, e de a fazerem cessar quando ella lhes não convem ; sem que em algum caso se veja da nossa parte outra alguma acção mais que a de repararmos os seus golpes, e de nos accommodarmos satisfeitos, quando deixam de os dar.

Entre todas as nações do mundo ha um direito das gentes, por onde todas se governam ; as maximas, porém, dos castelhanos na America Meridional, a que nos temos sujeitado com grande abatimento e descredito nosso, não são fundadas no direito, mas no avesso de todas as gentes : e emquanto as ditas maximas ou abusos se não mudarem, de sorte que de réos, que até agora temos sido, nos façamos autores ; nem V. Ex. espere socorro, nem segurança n'aquella parte do mundo.

Para que isto se possa fazer com os meios proporcionados de o sustentar, tem el-rei nosso senhor mandado assistir a V. Ex. com os socorros, que já terá recebido, e ainda irá recebendo, dos quaes espera Sua Magestade que V. Ex. se servirá com tanta oportunidade e acerto, que d'elles resultem os uteis, e desejados fins a que são dirigidos.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda,

em 20 de Novembro de 1774.— *Martinho de Mello e Castro*. — Sr. marquez do Lavradio. — Está conforme. — *Thomas Pinto da Silva*.

Illm. e Ex. Sr. — Foram presentes a el-rei nosso senhor as cartas em que V. Ex. representa a necessidade de passar em pessoa ao Rio-Grande de S. Pedro, e assim esta determinação de V. Ex., como a efficacia com que a persuade, foram muito agradaveis a Sua Magestade, vendo n'ella a mais concludente prova, depois das muitas que V. Ex. já tem dado do seu zelo pelo real serviço.

As delicadas circumstancias, porém, em que se acham esses dominios da corôa de Portugal, a incessante vigilancia, com que V. Ex. deve promover a ordem, a disciplina e a regularidade nas forças de mar e terra, que el-rei nosso senhor tem mandado passar ao Rio de Janeiro, e os soccorros e providencias com que deve assistir aos governos e districtos, que lhe são subordinados, muito particularmente á ilha de Santa Catharina, e ao mesmo Rio-Grande de S. Pedro: todos estes importantissimos objectos entende Sua Magestade que fazem tão indispensavelmente necessaria a presença de V. Ex. n'essa capital, como seria prejudicial ao seu real serviço se d'ella se apartasse por um só momento.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 21 de Novembro de 1774.— *Martinho de Mello e Castro*. Sr. marquez do Lavradio. — Está conforme.— *Thomas Pinto da Silva*.

Ilm. e Ex. Sr. — Sua Magestade viu a carta, em que V. Ex. trata dos artigos do anil e da coxonilha, como tambem das boas disposições em que se acham os povos do Rio-Grande, para augmentarem as suas lavouras e fazendas de gados, e fabricarem queijos e manteigas, em tal quantidade, que se possam extrahir para differentes partes da America, e ainda de Portugal.

Estes objectos são da maior importancia, e para os promover e animar tenha V. Ex. por certo que d'esta côrte se lhe dará todo o auxilio e providencias, que se fizerem precisas.

Quanto ao anil, de que V. Ex. enviou dezenove arrobas e dezoito arrateis, é certo que a sua qualidade é boa; mas ainda não vem perfeitamente fabricado; porque traz bastante terra, e lhe lançam muita cal, que não deixa de lhe fazer prejuizo, de sorte que para poder servir nas tinturarias mandei fazer um engenho, em que todo elle se purifica, e com este beneficio fica tão bom, como o de Guatimara; mas a despeza que faz, e o que perde no dito beneficio, não deixa de ser um objecto importante, e tal que a nenhum particular fará conta a compra do dito genero, emquanto as fabricas d'elle se não aperfeiçoarem no Rio de Janeiro, ao ponto que possa no mercado concorrer com o de Castella, em preço e qualidade.

Os fabricantes, que desejam a liberdade de o vender a quem lhes parecer, não sabem o que querem: entendem que o seu genero é tão singular, que lhes comprarão por mais alto preço, que o que presentemente recebem da real fazenda; e n'isto se enganam grosseirissimamente; porque, como o dito genero vem ainda com as imperfeições que acima ficam referidas, e os particulares nem têm, nem podem ter aquelles engenhos de o purificar, a consequencia será que, ou ha de ficar invendavel, ou se comprará por

preços tão ínfimos, que não faça conta alguma aos fabricantes; e lhes acontecerá o mesmo que aconteceu com este proprio genero aos do Pará, Maranhão e Cabo-Verde, onde o anil cresce por toda a parte, ainda sem cultura.

Ha annos que no Pará se começou a fabricar este genero, tendo os habitantes a liberdade de o vender, ou transportar por sua conta, como melhor lhes parecesse: vieram as primeiras porções á praça de Lisboa, e continuaram depois a vir outras; mas, trazendo as imperfeições que são inevitaveis nos principios dos estabelecimentos, resultou d'aqui que não houve quem olhasse para o anil do Pará.

Mandou-se uma porção d'elle ás fabricas de Covillã, e os tintureiros d'ellas o reprovaram, como incapaz de algum serviço: o mesmo successo teve o anil do Maranhão e Cabo-Verde; de sorte que, depois de se estabelecerem fabricas do dito genero n'aquellas capitánias e ilhas, se abandonaram todas; e o mesmo aconteceria presentemente ao do Rio de Janeiro, se não se tivesse tomado a prevenção de o purificar antes de o mandar ás tinturarias.

A' vista d'estas considerações, e d'estes exemplos, se entendeu aqui que, emquanto n'essa capital se não aperfeiçoavam as fabricas, de sorte que o genero n'ellas fabricado se sustentasse pela sua bondade, o meio mais proprio de evitar os referidos inconvenientes, e de promover ao mesmo tempo a cultura e fabrico do anil, era o d'elle ficar por uma parte um preço certo, que fizesse conveniencia aos cultivadores e fabricantes: este foi o que se estabeleceu, em consequencia das informações de V. Ex. sobre este ponto: e de segurar por outra parte aos mesmos as vendas de todas as quantidades que tivessem; porque com a certeza do lucro, e com a segurança da venda, é certo que os ditos cultivadores e fabricantes tinham e têm a maior vantagem que se póde procurar em qualquer ramo de com-

mercio ; principalmente quando se trata de estabelecimentos, em que as perdas sempre são certas, e os ganhos muito duvidosos.

O mesmo que se acha estabelecido a respeito do anil do Rio de Janeiro se tem mandado estabelecer no Pará, Maranhão e ilhas do Cabo-Verde, por se entender que este é o unico meio de tirar aquellas fabricas da total ruina a que estão reduzidas.

Se os fabricantes e cultivadores do referido genero, porém, se não quizerem persuadir da sinceridade d'estas razões, e insistirem pela liberdade das vendas d'elle, V. Ex. me avisará pela primeira occasião, para que fazendo-o presente a el-rei nosso senhor, determine Sua Magestade se se ha de permittir esta liberdade, avizando-se ao mesmo tempo á junta da fazenda, para que se abstenha das compras que tem ordem de o fazer. Fique V. Ex. porém na certeza, que se isto acontecer assim dentro de brevissimo tempo ficará o anil do Rio de Janeiro reduzido ao nada, em que até agora esteve.

Com a coxonilha ha de acontecer o mesmo : sobre este genero ainda não ha cousa alguma determinada, nem pelo que respeita ao preço, nem á segurança das vendas : os que fabricarem o dito genero têm por consequencia toda a liberdade de o venderem a quem quizerem, e como o quizerem : V. Ex. observará, porém, que emquanto se achar assim não é possivel que prospere, porque, como é um genero que começa a se conhecer entre nós, e a se preparar, para tintas, não pode deixar de vir com muitos defeitos á praça de Lisboa, onde não poderá ter concurrencia alguma com a coxonilha de Castella; e n'este caso todo o que se transportar do Brasil, ou ha de ficar invendavel, ou se algum droguista o comprar ha de ser por preços tão infimos que não faça conta alguma ao lavrador e fabricante.

E' preciso que V. Ex. capacite bem aos interessados nos referidos generos, que a fazenda real não quer negociar em anil, nem em coronilha : mas quer tão sómente animar os ditos estabelecimentos, pelos meios e modos que a razão e a experiencia têm mostrado serem mais uteis e vantajosos aos interessados n'elles.

Pelo que respeita á lavoura e criação de gados do Rio-Grande de S. Pedro, a providencia de se pagar promptamente em moeda provincial tudo o que aquelles povos fornecem á real fazenda é o melhor arbitrio para os animar ao trabalho ; e como, presentemente ha de haver maior consumo, tambem ha de crescer com a mesma proporção o dinheiro, e augmentar-se o gyro, de que resultará aos ditos povos terem mais faculdades para animarem o seu commercio interior e externo.

Os queijos e manteigas, que V. Ex. teve a bondade de me remetter, chegaram muito bons, não obstante a prolongada viagem que trouxeram ; e n'estes dois artigos pouco ha que ensinar aos que os fabricam ; porque para o uso commum dos povos de Portugal não vêm certamente de Irlanda e de Hollanda queijos e manteigas melhores, que os que V. Ex. me remetteu.

Quanto ao sal, seria preciso que V. Ex. me dêsse sobre este artigo mais algumas noções, isto é, que me informasse dos preços por que ahi se vende ; se aquelles districtos estão bem fornecidos d'este genero, e que quantidade pouco mais ou menos poderão ser necessarios por anno ; emquanto porém, estas informações não chegam, logo mandarei chamar Ignacio Pedro Quintella, para que modere os preços, e avisarei a V. Ex. do que com elle ajustar sobre esta materia.

Com grande gosto vi chegarem pelo ultimo navio, que entrou n'este porto vindo d'essa capital, perto de quatro

mil arrobas de arroz. Este genero tambem é importantissimo, e deve entrar em o numero dos que V. Ex. tem promovido e procurado adiantar com tanto acerto e zelo do real serviço, como em beneficio da patria em que nasceu.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 24 de Novembro de de 1774. — *Martinho de Mello e Castro*. — Sr. marquez do Lavradio. — Está conforme. — *Thomas Pinto da Silva*.

Ilm. e Exm. Sr. — Depois dos differentes avisos e ordens, que d'esta côrte se têm dirigido a V. Ex. desde as que levaram as datas de 21 e 22 de Abril do anno proximo precedente de 1774 até as ultimas com data de 24 de Janeiro do presente anno, que foram pela não *Nossa Senhora de Belém*; accresce actualmente o mais que vou referir a V. Ex.

Em Cadix e nos mais portos dos dominios de Castella se está preparando um formidavel armamento, composto de náos e fragatas de guerra, de brulotes de fogo e de grande quantidade de navios de transporte; uns destinados a levarem tropas e outros artilheria e toda a sorte de petrechos e munições de guerra.

O objecto publico d'este grande armamento é o da guerra, que el-rei de Marrocos, instigado pela regencia de Argel, declarou á côrte de Madrid, passando immediatamente a sitiar um dos presidios castelhanos na costa de Africa, defronte do qual se acha em pessoa o dito rei com seus filhos, commandando um campo que dizem que passa de sessenta mil mouros.

E' muito verosimil que as ditas forças castelhanas se destinem principalmente a fazer levantar o referido sitio, e a preservar de insultos semelhantes os outros presidios

que aquella nação tem nos dominios de Marrocos; mas também é muito provavel que, aproveitando-se a côrte de Madrid d'esta occasião, tenha meditado contra nós um dos expedientes seguintes :

Primeiro : o de confundir com o publico armamento que prepara contra os mouros o particular e occulto, que pôde ser que destine contra os dominios portuguezes ; de sorte que quando virmos sahir dos portos de Castella uma expedição dirigida á costa de Africa vejamos inesperadamente outra, demandando o sul do Brasil.

Segundo : que, ainda que a dita côrte, não achando conveniente ou não podendo, como é mais natural, dividir as suas forças, destine presentemente todas as que tem contra os mouros : é certo que este serviço não pôde ser de tanta duração que occupe os castelhanos por muito tempo, e n'este caso também é muito verosimil que os mesmos castelhanos se lembrem de empregar contra nós as mesmas forças ou parte d'ellas, logo que as desembaraçarem da costa de Africa ; de sorte que, ou de um, ou de outro modo, bem podemos esperar, á vista da situação em que nos achamos com a côrte de Madrid, e das muitas e muito concludentes provas que temos da sua inveterada duplicidade, que a tempestade que presentemente ameaça os dominios de Marrocos venha, mais cedo ou mais tarde, a se fazer sentir nos dominios meridionaes da America portugueza.

Para acautelarmos as perniciosas consequencias que se podem seguir do que acima fica referido, o unico meio que a razão e a experiencia mostra, e sempre tem mostrado ser o mais util e efficaz é o de prevenirmos os nossos inimigos, e de oppormos á natural indolencia, com que sempre dispoem e executam os seus planos, a actividade diligencia e resolução com que os devemos desconcertar. N'esta idéa ordenou Sua Magestade que, sem alguma perda

de tempo, se expedisse a V. Ex. esta embarcação de aviso, para que, informado do que actualmente acontece na Europa, cuidassem em fazer os possiveis esforços para adiantar e executar os serviços que lhe foram determinados nos despachos da secretaria de Estado dos negocios do reino, de que foi portador o capitão de mar e guerra *Roberto Mak Dual*.

Com o mesmo fim ordena igualmente Sua Magestade, que V. Ex. escreva aos dois governadores e capitães-generaes, das Minas-geraes e de S. Paulo, para que executem sem alguma perda de tempo tudo o que lhes foi determinado nas instrucções com que partiram d'esta côrte, dando repetidas partes a V. Ex. de tudo o que tiverem feito e forem obrando.

Que da mesma sorte escreva aos governadores e capitães-generaes da Bahia e de Pernambuco, para que immediatamente lhe remetam as recrutas necessarias para se completarem os regimentos d'aquellas capitancias destacados n'essa capital; e os marinheiros e gente de mar, que devem ter promptos á disposição de V. Ex., como tambem as provisões de boca que por V. Ex. lhes forem pedidas; tudo na conformidade das ordens que Sua Magestade tem mandado expedir áquelles governos.

Que V. Ex. não perca um só momento de vista o armamento da esquadra que o mesmo senhor mandou estabelecer n'esse porto; assim para defenza d'elle, como para todo o mais serviço a que fôr preciso destinal-o; e que a importantissima ilha de Santa Catharina faça um dos principaes objectos do seu cuidado e vigilancia.

Que, emquanto V. Ex. applicar todo o seu zelo e actividade a estes grandes objectos, escreva ao general Bohm fazendo-lhe conhecer a indispensavel necessidade em que nos achamos de prevenir os nossos inveterados inimigos,

occupando immediatamente a margem meridional do Rio-Grande de S. Pedro ; e lançando-os fóra não só d'aquelle importantissimo sitio, mas de todos os postos avançadas que estiverem nas circumstancias d'elle; fortificando com fachina e reductos os que lhe parecerem mais defensaveis e melhor situados, e procurando, pelos meios e modos que lhe parecerem mais convenientes, fazer passar para o nosso campo e dominios as boiadas, rezes e todas as provisões que se acharem nas terras occupadas pelos castelhanos.

Que, sendo muito conforme á vaidade e altivez d'aquella soberba nação que com a primeira noticia dos nossos movimentos, acuda com força que tiver para se oppôr a elles, sem esperar as que ainda lhe podem ir da Europa na fórmula acima indicada.

N'este caso, ou em outro qualquer, em que os mesmos castelhanos se possam encontrar, deve o dito general ter tomado anticipadamente todas as suas medidas para os atacar, e fazer os possiveis esforços pelos destruir; tendo a certeza de que lhe será tão facil tirar grandes vantagens das forças que elles têm presentemente no Rio da Prata, como lhe será custoso e difficil defender-se d'ellas, logo que se lhes ajuntarem as que ainda lhes podem ir da Europa.

E se a Providencia Divina abençoar as nossas armas, como o devemos esperar da justiça da nossa causa, um golpe de mão e decisivo, bastará para desconcertarmos todos os projectos que a côrte de Madrid tenha formado contra nós.

Devo lembrar a V. Ex. os grandes inconvenientes, que podem resultar ao serviço de Sua Magestade de se achar esta côrte ha tantos mezes sem noticias d'essa capitania; sendo os ultimos despachos de V. Ex. que aqui se receberam os que trouxeram as datas do mez de Julho

do anno proximo precedente de 1774, e que nas críticas circumstancias em que se acham esses domínios é preciso que V. Ex., servindo-se não só dos navios mercantes da praça de Lisboa, mas das corvetas que ahí fazem o commercio de porto a porto, informe a Sua Magestade, com a possível frequencia e detalhe, de tudo o que se passar n'essa capital e nos mais districtos da sua dependencia.

Deus guarde a V. Ex. Salvaterra de Magos, em 5 de Abril de 1775.—*Martinho de Mello e Castro*.—Sr. Marquez do Lavradio.

Ilm. e Exm. Sr. — 1. Tenho recebido e feito presentes a el-rei meu senhor as cartas de V. Ex., que trouxeram as datas seguintes :

2. Uma de 6 de Dezembro proximo precedente, em que vieram inclusas as instruções, com que V. Ex. expediu para as fronteiras do sul o general João Henrique de Bohm : seis na data de 10 : duas na de 12 : uma na de 16 : uma na de 22 : e outra na de 27 do referido mez.

3. E aproveitando a occasião d'um navio, que está proximo a partir para a Bahia, responderei agora a V. Ex. sobre os pontos conteúdos nas referidas cartas, que fazem mais precisos objectos das resoluções do dito senhor, e das prevenções de V. Ex.

4. Antes de tudo ratifico a V. Ex. as ultimas ordens de Sua Magestade, que pelo Sr. Martinho de Mello e Castro, e por mim, lhe foram expedidas nos dias cinco e seis de Abril proximo precedente, remettendo-lhe as segundas vias d'ellas, para assim precaver qualquer possível accidente, e accrescentando o mais que passo a referir-lhe.

5. Depois d'aquella data soubemos com certeza : que o armamento do Ferrol e de Cadix se descobriu que era geral

em todos os portos do continente de Hespanha; que constitua uma força muito mais consideravel, do que aquellas que até agora couberam nas facultades e providencias da côrte de Madrid; que esta tem meditado a conquista da ilha de Santa Catharina, e de todo o sul do Brasil; que com este intento hão de apparecer os castelhanos n'essas costas com um estrepitoso apparatus de forças, e dos ralhos e ameaças que são do seu costume; e que a isto os têm animado a frialdade e inacção, em que até agora viram os inglezes, nossos sempre tardios alliados.

6. Requerendo, pois, estes supervenientes factos que a mudança d'elles faça outra respectiva e necessaria alteração no nosso antecedente plano estabelecido em diferentes circumstancias: manda Sua Magestade ordenar a V. Ex. em conformidade d'ellas o seguinte :

7. Enquanto a união dos inglezes comnosco se não manifestar, como não pôde deixar de vir a succeder, quer o dito senhor que V. Ex. se reduza aos termos das referidas duas instrucções, que por esta ratifico em tudo e por tudo: conservando-se V. Ex. na manutenção do porto e ilha de Santa Catharina, e das entradas e fronteiras da foz do Rio-Grande de S. Pedro e do Rio-Pardo; preocupando as tropas de Sua Magestade postos inaccessiveis e desfiladeiros custosos; fortificando-se n'elles com reductos e obras de fachina; disputando-os aos inimigos: retirando-se d'uns a outros dos ditos postos nos casos em que forem a isso forçados por forças superiores á sua resistencia; embaraçando e detendo assim os progressos aos mesmos inimigos, até que as deserções e as faltas de mantimentos e forragens os façam retrogradar; fazendo-os com os mesmos fins inquietar nas suas marchas pelas tropas ligeiras, e partidos de paulistas e sertanejos, que lhes aprezem os combois de mantimentos, e lhes destruam

e esterilistem as terras, a que se dirigirem, antes de chegarem a ellas; atacando e destruindo as suas partidas avançadas, e destacamentos que acharem separados do corpo do seu exercito, quando virem que o podem fazer com toda a provavel segurança; e praticando emfim todos os estratagemas d'uma guerra, que só tem por objecto dilatar os inimigos até que em marchas, em contra-marchas e em pequenos choques sejam arruinados; como bem praticou o marechal Bathiani em Bohemia na guerra que se accendeu depois da morte do imperador Carlos VI; enganando, e entretendo, com quatorze mil homens sómente (ao favor das montanhas d'aquelle reino), todos os grandes exercitos de França, Prussia, Saxonia e Baviera, sem nunca poderem ataca-lo, nem medir-se com elle.

8. Sendo que o nosso caso é muito diverso d'aquelle em que esteve o dito general, porque elle contendia com poucos contra muitos de forças incomparavelmente superiores, quando nós contrariamente nos achamos com todas as forças, que Sua Magestade mandou agora reduzir para o seu cabal conhecimento no resumo especifico, que acompanhará esta carta; e quando não cabe na credulidade prudente, que os castelhanos possam transportar forças de terra que iguaem as nossas a esse continente: considerando-se por uma parte, que todo o grande transporte de tropas de Inglaterra, que sitiou e rendeu a ilha de Martinica, e a praça de Havana com o seu morro (chamada invencivel), se reduziu a dez mil homens; e considerando-se, pela outra parte, que os castelhanos, além de não terem um tão grande numero de navios mercantes, que possam fazer o numero dos cento e sessenta transportes que então partiram da Gram-Bretanha, costumam supprir estas faltas com ostentações fantasticas para incutir medo a quem os não conhece. Dicta, porém, toda a politica que,

emquanto não podermos obrar offensivamente contra elles com a assistencia dos nossos alliados, nos contenhemos em sustentar vigorosissimamente o que possaimos; e em os mortificar e reprimir a elles de sorte, que quando vierem a ter o desengano de que nos não podem conquistar se achem destruidos.

9. A referida idéa de manutenção e conservação se não póde, nem deve estender á praça de Colonia. Antes pelo contrario, conhecendo Sua Magestade, que é chimerica e impossivel a idéa de conservarmos forças navaes no Rio da Prata, e mantermos a dita praça de Colonia n'aquella distancia, quando n'elle e no territorio d'ella têm hoje os ditos castelhanos o centro de união de todas as suas forças; e quando pelo contrario se acha alli a maior debilidade das nossas forças do Brasil; quer o dito senhor que V. Ex. com estas justas causas faça logo executar o que lhe vou agora a referir.

10. Por uma parte mandará V. Ex. retirar immediatamente quaesquer náos ou fragatas que se achem no sobre-dito rio, antes de serem n'elle sorprendidas e apreçadas pela fastosa expedição castelhana, que, ou tem partido, ou está para partir de Cadix: e pela outra parte faça V. Ex. transportar a essa cidade o regimento da guarnição d'aquella praça; tomando para isso o pretexto de que se vai disciplinar, e recrutar ao Rio de Janeiro, donde se espera alli a toda hora outro regimento mais completo e bem disciplinado; e fazendo-se transpirar, e crer ao mesmo tempo, que com o motivo do referido transporte é que sabem do Rio da Prata as embarcações de guerra portuguezas que n'elle estiverem.

11. Para isto se praticar melhor escreverá V. Ex. ao governador da referida praça uma carta, ou ordem ostensiva, que elle faça registrar na secretaria do seu governo:

tomando V. Ex. n'ella os pretextos que acabo de indicar acima; e ordenando-lhe que com os motivos d'elles faça logo transportar o dito regimento a essa capital nas embarcações de guerra, ou commercio, que alli achar mais promptas; e que, emquanto não chegar outro regimento mais completo e bem disciplinado, que irá logo substituir o referido, mande fazer as guardas ordinarias pelos auxiliares e ordenanças da sua jurisdicção, que serão os que bastem; porque, segundo as ultimas noticias que recebeu da reciproca e estreita amizade, que se está cultivando entre as Magestades Fidelissima e Catholica, espera que brevemente chegarão as ordens para cessarem n'essas partes todas as dissensões entre os dois respectivos governos confinantes.

12. D'esta sorte salvaremos as ditas embarcações de guerra e o dito regimento com dissimulação decórosa: fazendo crer aos castelhanos, que o nosso fim é reformar a guarnição da referida praça, sem termos percebido que elles esperam as sobreditas forças superiores á nossa resistencia para a atacarem.

13. Ao mesmo tempo deve V. Ex. fazer passar ao dito governador outra secretissima carta, na qual lhe signifique em substancia: *que no caso de ser atacado (como naturalmente o será desde que os castelhanos virem desamparada a referida praça da tropa regular) deve mostrar-lhes que se quer defender; e deve praticar aquella pouca defesa que a sua possibilidade lhe puder permittir; que, porém, logo que lhe propuzerem qualquer capitulação, a deve aceitar, e render a mesma praça, cedendo á maior força, e protestando pela violencia, que se lhe faz, no mesmo tempo em que o ultimo tratado de dez de Fevereiro de mil setecentos sessenta e tres se acha em seu vigor; e em que sabe de certo que entre as duas côrtes se estão praticando os officios da*

estreita amizade, que fazem natural os apertados vinculos do seu proximo parentesco; que precavendo este caso, e o de lhe não permittir qualquer invasão, ou obstinação dos castelhanos, que elle retire os papeis do governo, em que se contiverem as minutas e registros das correspondencias do mesmo governo com o do Rio de Janeiro, e com esta côrte, os deve recolher logo immediatamente ao seu gabinete com a maior dissimulação; e os deve n'elle fazer queimar com a maior cautela, para não virem a cuhir nas mãos dos ditos castelhanos; e que finalmente, logo que receber esta carta secretissima, a queime tambem immediatamente; conservando só na sua lembrança o conteúdo n'ella para executal-o; porque o registro d'ella, que fica na secretaria do governo do Rio de Janeiro, lhe servirá em todo o tempo, e em todo o caso, de titulo para a sua plenaria justificação; fazendo ver que entregou a referida praça por ordem, sem a menor sombra de negligencia sua.

14 Em uma das suas ditas cartas de dez de Dezembro, cujo principio é—*pelas reaes ordens de el-rei meu senhor*—, se viu o motivo com que Antonio Carlos Furtado de Mendonça ficava nas Minas impedido para passar á importante ilha de Santa Catharina; e este impedimento nos teria dado grande cuidado se não houvesse já cessado por uma parte com a chegada da não *Nossa Senhora da Ajuda*, que levou as ordens de dezenove de Setembro do anno proximo passado, para se levantar a homenagem ao dito Antonio Carlos Furtado; e pela outra parte, com a chegada de D. Antonio de Noronha e de Martim Lopes Lobo de Saldanha, com os despachos e instrucções expedidas na data de vinte e quatro de Janeiro d'este presente anno, que já terão sido notorias a V. Ex.

15. Eu conheço bem, que a bondade e honra do actual governador da ilha de Santa Catharina não basta para que elle

sem alguns talentos militares possa reger aquelle governo em uma conjunctura tão critica. E n'esta consideração é Sua Magestade servido que elle se recolha a essa capital, honrado com a patente de coronel, para ter o exercicio que pelo dito senhor lhe fôr determinado; e que V. Ex. nomeie para o dito governo aquelle official que lhe parecer mais proprio da occasião, levando o referido posto de coronel, ao qual se lhe passará aqui logo a patente sobre a nomeação em que V. Ex. exprima que o proveu por ordem especial, que para isto teve do dito senhor. Se elle puder levar consigo mais alguns officiaes, nada será demasiado em uma semelhante occasião, em que se sabe que os castelhanos têm a referida ilha por primeiro objecto da sua expedição, para nos cortar a correspondencia, entre essa capital e o Rio-Grande de S. Pedro, e territorios a elle adjacentes.

16. Esta consideração faz necessario reforçarmos a entrada do porto d'aquella ilha e a praça d'ella quanto possível fôr. En'esta certeza deve a mesma ilha ser logo soccorrida com mais um regimento aos da guarnição d'essa cidade, o qual seja tambem promptamente substituido pelo que vier da praça da Colonia, porque este será logo ahi disciplinado por V. Ex., cuidando em lhe mandar unir as recrutas que o façam completo; e tendo por certo que para os outros regimentos iremos d'aqui continuando em lhe mandar das ilhas toda quanta gente couber na possibilidade dos navios de commercio, porque levam d'aqui particulares ordens para irem tocar áquelles portos.

17. As duzentas e sessenta e uma recrutas que faltam no regimento do Porto, transportado de Angra, se acham já promptas a partir, esperando que alli cheguem os navios de commercio que devem transportal-as.

18. Para completar os outros tres regimentos da Europa

destacados do Rio de Janeiro, além das mil e duzentas recrutadas que já têm ido das ilhas da Madeira e Açores, irá V. Ex. também recebendo outras recrutadas na sobredita fôrma.

19. O regimento da ilha de Santa Catharina, se entende aqui achar-se completo, visto que V. Ex. não avisou que houvesse falta n'elle; e os trezentos e tantos homens, que faltam no da Colonia, se entende também que serão logo recrutados, visto que no Rio de Janeiro e Minas-Geraes, que dão recrutadas para estes dois regimentos, ha superabundante numero de gente para os recrutar.

20. Quanto aos dois regimentos da Bahia que foram incompletos, já V. Ex. avisou que o governo interino d'aquella capitania lhe tinha mandado successivas expedições de gente para os completar; e ao governador Manoel da Cunha de Menezes se ordena que continue em expedir recrutadas de melhor qualidade do que havia mandado o ouvidor geral.

21. Pelo que pertence aos trezentos e tantos homens que faltavam no regimento de Pernambuco, também soubemos logo que o governador José Cezar de Menezes tinha já remettido cento e noventa e tantos recrutadas. e que com a chegada do fardamento que d'aquí se lhe remetteu mandaria logo as que tinha promptas para fazer completas as praças do dito regimento.

22. Os outros cento e trinta e dois homens que faltavam na tropa do Rio-Grande de S. Pedro tem Sua Magestade por certo que estarão já suppridos, constituindo um numero tão insignificante a respeito dos territorios d'aquelle continente.

23. Em artilheria, polvora e munições de guerra se viu agora queahi não faltavam os competentes provimentos; e que só pelo que pertence á ribeira das náos é que

faltam algumas escotas e cabos, que se irão logo immediatamente remettendo por navios de commercio que partirem para a Bahia e Rio de Janeiro; por elles se accrescentarão mais as remessas d'aquelles fornecimentos navaes.

24. Além das mil e duzentas espingardas, que vão destinadas á tropa ligeira de S. Paulo, receberá V. Ex. brevemente mais duas mil, para o serviço das tropas regulares que as necessitarem: e com ellas irão tambem mais alguns provimentos de polvora e das outras munições de guerra que as commodidades dos transportes nos forem permittindo.

25. Sobre o referido se considerou agora que pelas instrucções e ordens de vinte e quatro de Janeiro proximo passado, que foram pela náó *Nossa Senhora de Belém*, dirigidas a V. Ex., ao governador de S. Paulo Martim Lopes Lobo de Saldanha, e ao governador das Minas D. Antonio de Noronha, para entre todas estas tres capitánias se estabelecer uma causa commum e união de forças, ficou essa capital e a ilha de Santa Catharina e Rio-Grande de S. Pedro armados de um poder proprio e natural, que não será facil que com expedições mandadas da Europa se possa ir combater a tão remotas distancias; e os correntinos do Rio da Prata e os indios das missões são taes e tão insignificantes como ahi se sabe, e como pelas ultimas experiencias das suas invasões do anno proximo precedente se tem manifestado.

26. Sempre comtudo manda Sua Magestade accrescentar ainda a esta carta as tres reflexões seguintes.

27. Primeira reflexão. Os castelhanos conhecem perfectamente que, não tendo um porto na costa que jaz desde o cabo de Santa Maria, até o Rio-Grande de S. Pedro, e vindo que pelas marchas do continente, chegaram a nós tarde e muito enfraquecidos, têm feito a conquista da ilha

de Santa Catharina o seu primeiro objecto, para n'ella se estabelecerem, e d'ella fazerem as expedições das suas tropas: em cuja certeza, manda o mesmo senhor avisar a V. Ex., que nunca poderá acautelar demasiadamente a defesa da referida ilha, para V. Ex. pôr n'ella todo o maior esforço, não só de tropas regulares, de artilheria e de bons artilheiros, e bons officiaes que a governem, mas tambem armando todos os paisanos da mesma ilha, quanto possivel fôr, e fazendo-os exercitar em atirar ao alvo, e em obrarem unidos.

28. Segunda reflexão. Devendo os ditos castelhanos principiar as suas operações pelos ataques da referida ilha e do Rio-Grande de S. Pedro; devendo empregar n'elles todas as suas forças, e não podendo servir-se pela via de terra, das que tiverem no Rio da Prata sem penosas e dilatadas marchas, que nos dê muito tempo para sermos d'ellas informados, e para nos prevenirmos dentro no continente, deve V. Ex. fazer unir na referida ilha de Santa Catharina, e no referido Rio-Grande de S. Pedro, todas as forças do exercito do dito senhor, para resistirem ao primeiro impeto dos ditos castelhanos; porque, se na resistencia d'elles lhes quebrarmos as forças, ficarão logo desanimados para mais não fazerem cousa que boa seja, como se viu no anno de 1762 succeder n'este reino.

29. Terceira reflexão. Lembrando-se o dito senhor do terror panico que os exercitos de França conceberam na guerra da Bohemia aos *Panduros*, que na realidade não eram outra cousa mais do que uns hussares vestidos extraordinariamente, e de modo que pareciam barbaros e selvagens; lembrando-se o mesmo senhor do medo que na ultima guerra do anno de 1762 fizeram aos hespanhóes os paisanos das nossas provincias de Trás-os-Montes e da Beira; e constando-lhe que aos mesmos hespanhóes euro-

péos causam outro grande terror panico os negros, de sorte que na occasião em que fugiram de Villa-Real, davam por motivo da sua fugida que vinha contra elles marchando um grande numero de negros : manda transportar de Pernambuco um batalhão de 600 homens do regimento dos pretos, chamado de *Henrique Dias*, e outro dos pardos d'aquelle paiz, para servirem, ou na dita ilha de Santa Catharina, ou no dito Rio-Grande de S. Pedro, onde V. Ex. aehar que podem ser mais uteis ; fazendo-os fornecer de munições de boca e de guerra emquanto alli forem precisos, e concedendo-lhes para entre si repartirem todas as presas que fizerem sobre os inimigos.

30. E Sua Magestade manda prevenir a V. Ex. que os referidos pretos e pardos são descendentes de dois heróes tão grandes como foram, o preto Henrique Dias e o pardo D. Antonio Filippe Camarão, os quaes á testa da gente de suas respectivas côres, que uniram em corpos, lançaram os hollandezes (quando foram mais bellicosos) fóra de Pernambuco; restituindo aquelle importante Estado ao dominio do senhor rei D. João IV. Sua Magestade por esta memoria estima tanto aquelles vassallos pretos e pardos, que no anno proximo passado despachou com o habito de S. Thiago o mestre de campo de um dos segundos d'elles : manda tratar n'esta côrte os officiaes d'elles como os das outras tropas sem differença alguma ; mandando-os V. Ex. ahi tratar da mesma sorte ; não permittindo que os desprezem, obrarão maravilhas contra os castelhanos.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 9 de Maio de 1773.—*Marquez de Pombal*.
—Sr. marquez do Lavradio.

Resumo das forças que se acham no Rio de Janeiro, e nos districtos de sua dependencia, soccorros e outras providencias, com que Sua Magestade tem mandado assistir a dita capitania.

INFANTARIA

Dois regimentos da guarnição do Rio de Janeiro, cada um de praças 821.

Um regimento de artilheria da mesma guarnição de 752 em que entram tres aggregados.

N. B.— Das relações do marquez do Lavradio, vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil, e do mappa feito no Rio de Janeiro em Dezembro, de 1774 consta que estes tres corpos se acham completos.

Tres regimentos da Europa destacados no Rio de Janeiro cada um de praças 821.

N. B.— Para se recrutarem estes tres regimentos, foram de Lisboa e da ilha da Madeira homens 551, dos quaes ficaram no Rio de Janeiro perto de 400.

Mais da ilha da Madeira e das ilhas dos Açôres, 800.

Um regimento do Porto que se achava destacado na ilha Terceira, 821.

N. B.— Faltavam a este regimento 261 recrutas, as quaes se acham promptas na dita ilha, e um pequeno resto das precedentes, que só esperam embarcação que as transporte ao Rio de Janeiro.

Dois regimentos, um de Santa Catharina, outro da Colonia, 1642.

N. B.— O regimento de Santa Catharina deve estar completo, visto não fallar n'elle o marquez vice-rei : o da Colonia, faltam-lhe 300 e tantos homens : um e outro, porém.

devendo recrutar-se das capitancias do Rio de Janeiro, e de Minas-Geraes, n'ellas ha superabundante numero de gente para os completar.

Dois regimentos da Bahia, 1642.

N. B.— Os ditos dois regimentos tambem foram incompleios; mas da Bahia, onde ha muitos milhares de habitantes, se mandava successivamente gente para completar os ditos corpos; e presentemente se escreve ao governador d'aquella capitania, para que remetta as melhores recrutas.

Um regimento de Pernambuco, 821.

N. B.— Este regimento tambem foi incompleto, faltando-lhe trezentos e tantos homens; mas o governador de Pernambuco já tinha remettido 190 e tantas recrutas; e por não mandar as que faltavam descalças e quasi n'uas esperava o fardamento, que já se lhe remetteu, para mandar as que faltavam para completar o dito regimento.

Cinco companhias de artilheria da Europa de 60 homens cada uma, não contando os officiaes.

Quatro companhias de artilheria, e quatro de infantaria ligeira, tudo do Rio-Grande de S. Pedro, a 60 homens cada uma.

Infantaria e artilheria, 10,565.

CAVALLARIA

Duas companhias da guarda do vice-rei, de 50 homens cada uma.

Um regimento de 500 dragões.

Um regimento de cavallaria auxiliar, 500.

Toda a cavallaria, 1,100.

N. B.— O marquez do Lavradio diz que a tropa do Rio-Grande, lhe faltam 132 homens; esta falta, porém, é tão insignificante que não póde deixar de estar remediada: do

que se segue, que logo que chegarem as recrutas que se acham promptas na ilha Terceira, e as que se irão remetendo da Bahia e Pernambuco, tem o marquez vice-rei, de tropas effectivas de infantaria e cavallaria, 11,663 homens.

Além das tropas acima indicadas, se mandou formar em S. Paulo um regimento de infantaria sobre o pé dos de Portugal, composto de 821 homens.

Uma legião de tropa ligeira, composta de sertanejos e caçadores, contendo :

Infantaria, 1,200 homens.

Cavallaria, 400.

Infantaria e tropa ligeira, 2,421.

MARINHA

A náó *Santo Antonio*, de 64 peças.

A náó *Ajuda*, de 64 peças.

A náó *Belém*, de 50 peças.

A fragata *Graça*, de 40 peças.

A fragata *Nazareth*, de 40 peças.

A fragata *Assumpção*, de 30 peças.

O navio *Princesa do Brasil*, de 32 peças.

O navio *Principe do Brasil*, de 28 peças.

O galeão *Nossa Senhora da Gloria*, de 26 peças.

O navio da ilha de Fernando, de 24 peças.

Somma 398 peças

As náos e fragatas de guerra levarão todas as suas equipagens, polvora e todos os mais provimentos necessarios de boca e de guerra, segundo as suas differentes lotações.

CÓPIA DE UNO PARAGRAPHOS DE UMA CARTA DO ILLM. E EXM. SR. MARQUEZ DE POMBAL DE 31 DE JULHO DE 1776, DIRIGIDA AO ILLM. E EXM. SR. MARQUEZ VICE-REI, QUE CONTEM AS ORDENS SEGUINTE PARA EU EXECUTAR.

Ordene V. Ex. ao general João Henriques de Bohm que á testa das tropas signifique ao brigadeiro José Raymundo Chichorro da Gama Lobo, ao coronel Sebastião Xavier da Veiga Cabral, e aos sargentos-móres Manoel Soares Coimbra e José Manoel Carneiro, que a Sua Magestade foram presentes o amor do real serviço e a valorosa constancia e presença de espirito com que se distinguiram nas acções d'aquelle feliz dia ; e que Sua Magestade em signal da satisfação que d'elles tem faz ao primeiro mercê do posto de marechal de campo dos seus exercitos, ao segundo do posto de brigadeiro, e ao terceiro e quarto de tenentes-coroneis.

Postos dos quaes principiarão todos a exercitar e a vencer da mesma hora em que forem declarados por taes á testa das tropas na sobredita fórma, o que se entenderá conservando os mesmos marechal de campo e brigadeiro os seus respectivos regimentos, a que têm dado uma tão louvavel disciplina.

Respectivamente louvará V. Ex. os outros officiaes que se houverem distinguido, cujos nomes não constaram aqui até agora, para o mesmo senhor os attender segundo o merecimento que tiverem tido. A valorosa obediencia e promptissima resignação com que o sargento-mór Raphael Pinto Bandeira foi atacar com quatrocentos cavallos sem outra forragem que capim, e sem infantaria ou artilheria alguma de bater uma fortaleza de cinco baluartes, guarnecida com duzentos e cincoenta homens, e provida com mantimento de guerra e boca, para se defender, e constante espirito de

firmeza com que se sustentou diante d'ella por vinte e sete dias, faltando-lhe todo o mantimento, de sorte que chegou a ser reduzido a extrema necessidade de se sustentar a si e aos seus subalternos com raizes e hervas do campo, emquanto se lhe não rendeu a dita fortaleza, e não fez sahir d'ella no dia 26 de Março o governador e guarnição hespanhola. Foram factos que não poderam deixar de accrescentar muitos quilates na consideração de Sua Magestade ao grande conceito que já tinha dos distinctos merecimentos do mesmo digno official; e, querendo o mesmo senhor dar-lhe alguns signaes sensiveis da sua real benevolencia, ha por bem creal-o coronel de uma legião ligeira, privativa e exclusivamente composta de aventureiros do Rio-Grande de S. Pedro, Viamão, Rio-Pardo, e dos outros territorios que jazem ao sul até o Rio da Prata, e a occidente até d'onde chegam os fiéis do nosso continente.

No mesmo tempo houve Sua Magestade outrosim por bem fazer mercê ao dito Raphael Pinto Bandeira do habito da ordem de Christo com duzentos mil réis de tença, não obstante o posto de sargento-mór que occupa, e sem exemplo, porque tambem o não tem, o que elle obrou no serviço de Sua Magestade, atacando a fortaleza de Santa Tecla nas circumstancias acima referidas.—Conforme, *Bohm*.

Illm. e Ex. Sr. — Sua Magestade é servida que, mandando V. Ex. vir á sua presença o coronel de mar Roberto Mack Douall, lhe intime que a mesma senhora o ha por escuso do commandamento da esquadra, de que era chefe, e que como simples particular, e sem commandamento algum, se possa embarcar no porto d'essa cidade, em qualquer embarcação de guerra ou mercante, que bem lhe parecer, para ser transportado n'ella.

A mesma senhora ordena igualmente, que, mandando

V. Ex. fazer uma collecção e resumo de todas as ordens e instrucções, assim dirigidas d'esta côrte, como dadas por V. Ex. ao sobredito coronel de mar, para os differentes serviços de que foi encarregado, particularmente para a defesa do porto de Santa Catharina; e juntando-lhe os documentos por onde se mostre a execução que elle deu ás ditas ordens e instrucções, ou a desobediencia e arrogancia com que as illudiu, se forme de tudo um corpo de delicto, e se proceda immediatamente a um summario de testemunhas, pelo qual authenticamente conste do comportamento do sobredito official: cujo summario remetterá V. Ex. a esta secretaria d'Estado no mesmo tempo em que o referido coronel sahir d'esse porto.

Da mesma sorte ordena Sua Magestade que sem perda de tempo mande V. Ex. processar e sentenciar o governador que foi da ilha de Santa Catharina, Antonio Carlos Furtado, e os mais officiaes que com elle se achavam na infeliz entrega da mesma ilha; e que a sentença seja immediatamente remettida por esta secretaria d'Estado á real presença da rainha nossa senhora, para Sua Magestade determinar a respeito d'ella o que fôr servida.

Deus guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 22 de Dezembro de 1777. — *Martinho de Mello e Castro.* — Sr. marquez do Lavradio.

DA RELAÇÃO DA CONQUISTA DE COLONIA, PELO DR. P. PEDRO PEREIRA FERNANDES DE MESQUITA, ESCRIPTA EM BUENOS-AYRES EM 1778.

Conquistada a ilha de Santa Catharina pelo general D. Pedro Cevallos sem que lhe custasse maior desvelo que o apparecer á vista d'ella com a sua armada, deixando ficar n'aquelle porto alguns navios, e a guarnição que julgou necessaria para a conservar, sahio com o resto da armada a demandar a barra do Rio-Grande, para proseguir por aquella parte a conquista; mas, como encontrasse grandes temporaes n'aquella costa tomou o rumo do Rio da Prata, e fundeou em Montevidéo, onde fez desembarcar e refrescar por algum tempo a sua tropa; e depois de fazer as preparações necessarias foi dar vista da Colonia em 22 de Maio de 1777 com 48 embarcações, fundeando na costa do sul, fóra de tiro de canhão da praça, e alli foi o desembarque da tropa, artilheria e munições, formando o seu campo junto á mesma praia, constando as suas forças de oito mil homens pouco mais ou menos, entre as tropas que trazia da Europa e as que se haviam levantado do paiz.

Achava-se por governador da Colonia o coronel Francisco José da Rocha, homem de grande intelligencia da milicia, e certamente digno de melhor sorte. Muito antes que chegasse a armada, e logo que teve o aviso da capital que ella se preparava na Europa para passar a estas partes, cuidou em pôr a praça em termos de defesa, não perdoando a diligencia nem trabalho algum. De Buenos-Ayres era avisado das preparações que se faziam n'aquellas partes e da certeza da vinda da armada hespanhola; de tudo fez avisos para a capital, para assim ser soccorrido, pois considerava-se inevitavel a perdição da praça, não só por se achar com pouca guarnição, mas muito principalmente pelas faltas que havia

muito tempo experimentado de mantimentos, e terem-nos os castelhanos fechado todos os portos por onde nos podia entrar alguma cousa, por nos haverem cercado tambem por mar. Porém foi tal a infelicidade, que assim os avisos que expedia da Colonia, como os navios que se mandavam da capital com soccorro de mantimentos, todos foram aprisionados, e entre os avisos que o governador fazia apanhou Cevallos um, em que o governador avisava á capital que o mantimento que havia na praça escassamente chegaria a municionar a tropa até o dia 20 de Maio; e com esta certeza sahio Cevallos de Montevideo no dia 18, bem persuadido que, exhaustos os mantimentos, não seria possivel que a praça lhe podesse resistir, ainda que as suas defesas fossem grandes e a guarnição mais numerosa, quanto mais constando esta sómente de soldados pagos e cento e tantos paesanos.

Toda esta tropa estava mais bem exercitada, e com animo e disposição para a defesa : porém, como a falta de sustento cada dia se augmentava, determinou o governador render a praça, antes que os seus defensores e habitadores percessem á fome, antes que o inimigo rompesse o fogo, julgando que maior serviço faria ao rei em salvar os bens e as vidas d'aquelles vassallos, que em outra occasião o podiam servir com utilidade, do que sacrificar tudo sem esperanza de vencimento, e ser irremediavel o render-se quando o não fosse ás forças do inimigo, ao inexoravel golpe de fome, e talvez poderia assim tirar do inimigo algumas condições mais vantajosas.

Convocou duas vezes a conselho os officiaes da guarnição : propôz-lhes o estado da praça, e a impossibilidade de ser soccorrida, e quasi todos foram do seu parecer. Mandou fazer uma exacta averiguação dos viveres, e apenas se achou que havia nos armazens reaes com que muni-

cionar a tropa cinco dias, e nas casas do povo, que todas foram miudamente registradas, se não achou cousa alguma; porque havia muito tempo que todos comiam do d'el-rei, por haver mais de oito mezes que não vinham embarcações de commercio a quem se comprasse alguma cousa: mas, sem embargo d'esta falta e do pouco fructo que esperavam, todos se offereciam a perder as vidas na defesa, sem que em alguns se desse a conhecer a mais leve sombra de fraqueza.

N'esta extremidade se resolveu o governador a mandar pedir capitulação a Cevallos, para o que lhe mandou recado por um official, que logo levou por escripto a Artigas; porém aquelle general, esquecido das leis da guerra e politica militar observada entre todas as nações civilizadas, deteve o official quasi todo um dia no seu campo; e adiantando entretanto os seus approches, na certeza de que da praça lhe não haviam de embaraçar o trabalho emquanto lá estivesse o official tratando capitulações; e depois de ser noite o mandou com resposta — que depois que tivesse plantado todos os seus ataques, e antes que rompesse o fogo, manifestaria as ordens do seu soberano; mas que, se da praça lhe fizessem fogo, se veria precisado a repellir a força com as que tinha.

Com esta cavilosa resposta foi adiantando as suas obras, e, pretendendo em uma noite surprehender as guardas avançadas, lançou duas columnas cada uma de seiscentos homens, para as atacar pela retaguarda; e sendo sentidos se tocou alarma; da praça se deu uma descarga de artilheria que os fez retirar, sem conseguir mais que abandonarem as nossas guardas os postos avançados, retirando-se sem perda. Suspendeu-se o fogo pelas razões já expressadas para ver se assim se proseguiam condições favoraveis: entretanto proseguiu Cevallos os seus ataques, valendo-se sempre

para os adiantar da occasião em que sahiam os officiaes da praça ao campo com os recados, até que finalmente os acabou, mandando vinte e duas peças de bater, quatro morteiros e seis peças para balas rasas.

Depois de tudo concluido mandou á praça um manifesto, em que declarava, que por ordem do seu soberano vinha a castigar os insultos commettidos pelos portuguezes no Rio-Grande, invadindo e acõmmettendo aquelle continente debaixo da boa paz; pedindo ao mesmo tempo se lhe entregasse a praça á discrição; pois, segundo o estado d'ella, não estava nos termos de admittir capitulação.

Reclamou o governador novamente para ver se conseguia alguma vantagem, mas inutilmente, pelo que lhe mandou fazer entrega da praça, promettendo Cevallos usar da victoria com toda a moderação, e que, da mesma fórma que fizera em Santa Catharina, daria transporte aos officiaes para a capital, e que o povo lograria em posse pacifica os seus bens; o que ao depois muito mal cumpriu.

No dia 3 de Junho se formou toda a guarnição desarmada no meio da praça com as suas mochillas ás costas; foram sahindo pela porta da campanha regando o caminho com lagrimas, por entre duas alas que formou a tropa hespanhola, desde a porta até á praia, e alli os foram embarcando para bordo de alguns navios, que tinham promptos para isso, e os conduziram a Buenos-Ayres, cujo destino ao depois esperamos.

Logo que sahiu a guarnição entrou na praça o regimento de Zamora, que guarneceu as muralhas, e ao outro dia entraram mais alguns regimentos, com o general Cevallos, que entre vivas e aclamações dos seus foi conduzido á igreja matriz, sonde mandou por um frade seu capellão cantar missa e *Te-Deum*, que ao depois de acabado lhe lançou a chave do Sacratio ao pescoço, e se foi aposentar

nas casas de residencia do governador, que havia já desoccupado.

Depois que Cevallos se viu senhor da praça mandou desmontar toda a artilheria das muralhas, e embarcal-a, com todas as munições que achou, para Buenos-Ayres e Montevidéo, e entrou na diligencia de pôr a praça por terra, segundo o parecer que já no anno de 1762 lhe davam os jesuitas, para assim evitar que voltasse outra vez aos dominios de Portugal. Para este effeito mandou abrir innumeraveis fornilhos por dentro e por fóra das muralhas, occultando no entretanto o designio de demolir os edificios enquanto não expedia os officiaes portuguezes, para que não levassem esta noticia á nossa capital. Em 25 de Junho sahiram os officiaes com as suas familias e alguns particulares, que á força de dinheiro o alcançaram, em quatro embarcações, que lhes signalou, e no seguinte dia mandou fixar editaes, que se apromptassem todos os portuguezes sem excepção de pessoa para se transportarem a Buenos-Ayres.

Esta noticia nos consternou summamente por conhecer o fim d'este transporte, e entraram alguns a fazer suas representações, entre todos com maior excesso os clérigos portuguezes que na praça havia, os quaes esperaram a Cevallos quando sahia de ouvir missa na capella da Conceição, estando rodeado de todos os seus officiaes, e lançando-se-lhe aos pés lhe disseram que, por S. Ex. lhes não permittir licença nem haver navios sufficientes, deixáram de ir com os officiaes, e por haver segurado publicamente que todo o povo ficaria logrando os seus bens ; e que agora se lhes ordenava passagem a Buenos-Ayres, perdendo os seus patrimonios, e tudo o que possuíam, e que se veriam obrigados a mendigar o sustento, servindo de carga aos mesmos povos para onde os mandasse, por serem pessoas inuteis para o trabalho, e que lhe podiam lhes desse

um navio para os lançar em terra de portuguezes com as suas familias, pagando elles o frete que lhes determinasse. Respondeu-lhes Cevallos que lhe parecia muito justa a sua representação, que lhes empenhava a sua palavra, de os mandar levar ao Rio de Janeiro. Ordenou logo ao seu major general que fosse dar ordem ao navio, que os havia de conduzir; e se viram obrigados os clérigos depois de quatro dias a tornar a fallar a Cevallos, o qual no mesmo lugar em que lhes havia feito a promessa, e á vista dos seus mesmos officiaes de maior graduação que o tinham presenciado, se retirou dizendo: que lhes não dava embarcação, que se passassem a Buenos-Ayres e que de lá os mandaria para o Rio de Janeiro.

Esta falta de palavra, esta acção tão infame e indigna de um homem caracterizado, causou tal pejo aos innumeraveis officiaes que o cercavam, que todos puzeram os olhos no chão, não se atrevendo a levantar-os de vergonha.

Foram-se embarcando todos os portuguezes com o que puderam levar; e querendo muitos fretar embarcações para serem transportados á sua custa, prevendo que no transporte haviam ser roubados (como succedeu), poucos puderam alcançar esse indulto, e por uma infame politica muito propria do seu genio fez este general um saque aos portuguezes, mais enorme do que faria seguindo os estylos da guerra: pois, mandando-os embarcar atropelladamente, deixaram a maior parte dos seus moveis, e os que levavam para os navios, eram logo roubados injustamente pelos marinheiros; e o que d'elles escapava servia de presa a outros no desembarque em Buenos-Ayres. E, queixando-se alli alguns de tal deshumanidade ao sargento-mór da praça, e apanhando-se dois marinheiros com o roubo nas mãos, o castigo que lhes deu foi mandal-os para a armada, sem fazer restituir os furtos. E, sendo este sargento-mór tido por

homem bom, só mostrou a sua bondade na compaixão que teve com os seus. A este roubo dos particulares se seguiram os das justças, notificando a todos os prisioneiros para irem apresentar os escravos perante os officiaes reaes, que são os ministros do erario real, para lhes imporem os direitos. Estando por lei estabelecido pagarem-se 20 pesos de cada escravo que se vende, inventaram uma nova lei, para extorquir direitos dos escravos dos pobres prisioneiros que não intentavam vendêl-os.

Estavam n'este tribunal, além dos ministros e escrivães, dois medicos para examinarem o escravo que se apresentava, e dois avaliadores, um d'elles avaliava o que o escravo poderia valer na Colonia (sem que elle nunca lá os tivesse comprado nem lá pisasse), o outro avaliava o preço que por elle dariam em Buenos-Ayres ; è a differença do preço da Colonia, ao que valia em Buenos-Ayres, era o dono do escravo obrigado a pagar, que não custaria o escravo talvez outro tanto entre nós, e pagava de mais as custas a todos aquelles individuos, que não eram pequenas, que era o mesmo que pagar o padecente a corda ao algoz. E assim se viam obrigados a desfazer-se dos seus escravos pelo primeiro dinheiro que lhes offereciam, para pagarem estes iniquqs direitos.

Arrecadados os direitos, mandou o tenente-rei governador interino, avisar aos prisioneiros para serem exterminados e levados a differentes paragens na fronteira dos indios barbaros, intentando formar com as familias portuguezas algumas villas, que servissem de barreira ás suas povoações, e em que se podesse levar a barbaridade dos indios, que com continuas erupções desbastavam e abriam os lugares de campanha, não perdoando a vida a hespanhol algum.

Com a execução d'este projecto, tiveram o tenente-rei e outros muitos de Buenos-Ayres a occasião de metter a

nao no sangue dos portuguezes que ainda até allí não tinham logrado : aquolles pobres que ainda tinham alguma cousa que largar, que seriam cinco ou seis familias, compraram o degredo, dando ao tenente-rei duzentos, e a trezentos pesos, conforme se ajustavam com suas familias, uns em dinheiro, outros entregando-lhe as joias do ornato de suas mulheres.

Na Praça Nova de S. Nicoláo se ajuntaram as carretas para a conducção, assignalando-se uma para nove pessoas com seus trastes ; e aqui entraram tambem os homens do campo a fazer o seu negocio ; porque, como os portuguezes se não podiam accommodar com os seus trastes nas carretas que lhes davam, alugavam outras á sua custa, e os carreteiros em toda a viagem foram roubando o que podiam. Assistiu o tenente-rei na dita praça para expedir as carretas ; e porque parece que estava faminto, e ainda não satisfeito com o que lhe deram os que ficaram, por ver que os que iam ainda levavam alguma cousa, usou com elles d'um extraordinario rigor.

Entre outras cousas que allí succederam, contarei sómente uma, por onde se virá no conhecimento das tyrannias que usou. Entre as mulheres portuguezas que allí se achavam para se encarretarem, estava uma casada com um soldado, chamado Manoel Alves, com um filhinho de bexigas nos braços, que estava expirando : chegou-se ao tenente-rei, e, mostrando-se o estado em que tinha seu filho, pediu-lhe com mais lagrimas que palavras se compadecesse d'elle, concedendo-lhe que ficasse para ir d'ahi a dias, ou em outra conducta, enquanto lhe morria e sepultava o seu filho, que segundo se via não duraria muitas horas : mas elle, mais insensivel que uma pedra, entrou aberrar como um touro, e com desentoados gritos lhe respondeu que atirasse com o filho fóra, e se embarcasse logo.

E porque o frio era excessivo expirou o menino, e metteram a mãe na carreta mais morta que viva, e a fizeram sair sem lhe dar tempo, nem ainda para chorar e dar-lhe os ultimos osculos. Uma viuva, que no mesmo sitio lhe supplicou a dispensasse do desterro, por ter uma filha e uma sobrinha donzellas sem homem algum que lhes servisse de abrigo, respondeu em altas vozes na mesma praça : — que fosse para onde era mandada, que tão viuva seria lá como em Buenos-Ayres ; que se Jesus Christo fosse portuguez não escaparia a ser desterrado.

Estava a praça coberta de innumeravel povo hespanhol principalmente de mulheres, que se enterneceram fortemente com este espectaculo, e uma honrada senhora, chamada D. Nicolaia Cabera, execrando altamente tal crueldade, tomou o menino morto, e o levou para sua casa, mandando-lhe fazer um magnifico enterro na igreja dos religiosos das Mercês, junto a cujo convento assiste.

Não escaparam do desterro os mesmos velhos e doentes, e, quando a molestia era tal que se não podiam arrastar (não por compaixão, mas talvez por pouparem o trabalho de os carregarem ás costas para os metterem nas carretas), ficava o marido doente, porém sempre ia a mulher, como succedeu a Manoel Tavares, mestre que foi da ribeira, que por se achar entrevado, e mais morto que vivo, ficou no hospital dos frades betlemitas, e sua mulher Custodia de tal foi encarretada para a paragem chamada Varadeiro.

Estas cousas quasi se fazem incriveis que fossem executadas por uma nação catholica, e que parece nada tem de bárbara : porém eu alcanço que o fariam por duas razões : uma geral, e outra particular. A primeira, porque aqui todos os castelhanos julgam aos portuguezes como animaes de outra especie, e a segunda porque o tenente-rei julgava que d'esta fórma podia fazer melhor o seu negocio, e

assim haveria mais alguns, que lhe dariam as camisas para evadir o desterro, e de caminho faria obsequio ao seu general, accomodando-se-lhe ao genio.

Os sacerdotes prisioneiros correram a mesma fortuna, á excepção d'um que se resgatou a dinheiro: os mais foram tratados sem differença do mais vil negro. Foram finalmente os prisioneiros levados ou arrastados: uns para a villa de Lujan, onde pozeram trinta e tantas familias, e outros para Areco, Arreifes, Verdadeiro Pergaminho, etc., sem que a nenhum assistissem com casa ou sustento, antes pelo contrario tudo se vendia pelo maior preço, sendo para portuguezes: e d'esta fórma pretendia D. Pedro Cevallos povoar as fronteiras com vassallos alheios, sem despeza do seu soberano, e mandando ordem aos commandantes d'aquellas paragens que lhes repartissem terras para edificarem e plantarem; e, não obstante ameaçal-os que se não cuidassem em estabelecer seriam lançados a outras terras mais distantes, todos a uma voz respondiam, que eram prisioneiros e vassallos de Portugal, e que nenhum queria estabelecimento em terras de Hespanha, nem jurar vassallagem.

No lugar do Pergaminho julgou o commandante que alli estava, que os portuguezes que lhe entregavam eram para seus escravos, e os pôz a trabalhar e a fazer adobos para ranchos, que determinava vender-lhes ao depois, persuadido (assim como todos os castelhanos se persuadem com o exemplo succedido na guerra de 1762) que nenhuma familia portugueza se restituiria a dominios de Portugal, tanto por se acharem exhaustos, como porque nunca Portugal pediria a sua restituição, e ainda que a pedisse faria Cevallos o que quizesse, comprovando elles isto com tantos exemplos, quantos apezar nosso temos aqui experimentado.

Passados alguns tempos depois que os portuguezes foram

distribuidos por estes lugares, como não tinham meios com que n'elles podessem subsistir, entraram muitos a passar-se para Buenos-Ayres, uns com licença dada ou comprada aos commandantes, outros furtivamente; e, sendo avisado d'isso o tenente-rey, passou ordem para serem presos todos os que fossem achados na cidade, e leval-os: aos lugares dos seus destinos. E por desejar favorecer a um sargento de milicias, chamado Bernardo Cienfuegos, lhe encarregou esta diligencia, dizendo-lhe queria dar uma casaca. Sahiú este fiel executor, e foi lançando mão das bolças dos que pôde agarrar, e recolheu á prisão da Rancharia perto de vinte que se não poderam remir. Entre elles foi Francisco Machado Coelho, a quem o alcaide de Lujan tinha dado licença por escripto para tratar sua mulher, que se achava enferma e em dias de parir, para a cidade, e apresentando a licença ao tenente-rei lhe respondeu: — que fosse parir aos infernos, e marchasse logo para o lugar que lhe fôra destinado.

Na Rancharia entraram logo a sahir alguns, que deram os seus reales, e os mais foram encarretados; mas quando as carretas chegaram á Recoleta, que está pouco mais de um quarto de legua, já iam vazias, porque foram os pobres dando a roupa que tinham sobre si aos conductores, chegando alguns a dar até a propria camisa por não tornarem para as desdoxas do campo.

Os soldados prisioneiros de Santa Catharina, e os que foram apanhados nas embarcações, foram levados a Mendonça, e os da Colonia á cidade de Cordova, e uns e outros passaram innumeraveis trabalhos, miserias e roubos pelos caminhos, e depois que chegaram, porque nunca se lhes assistiu com cousa alguma.

Os de Cordova estiveram aquartelados algum tempo no collegio que foi dos jesuitas, aonde por caridade lhe assistia o

governador com ração de carne, mas depois lhes suspendeu e os lançaram fóra; e vendo-se na rua sem terem de que se valer, se entraram a alugar para o trabalho conforme o prestimo de cada um, para lhes darem de comer; vendendo os mais d'elles os trastes que sobre si tinham, expondo-se a morrer de frio por não perecerem á fome.

Estas e outras deshumanidades com que tratam os portuguezes, as julgam os castelhanos por cousa muito licita e necessaria, porque, como já disse, somos reputados por elles, mais vis e infames que os judéos; e qualquer cousa que lhes faz um portuguez a reputam como um sacrilegio; pois, chegando aqui a noticia que os seus prisioneiros no Rio de Janeiro eram mal tratados, clamavam contra o nosso ex-vice-rei, dizendo que, nem entre os barbaros experimentavam o que se dizia lhes fazia n'aquella cidade, vindo-se tudo a reduzir em mandal-os trabalhar nas fortificações para ganharem que comer, e tél-os reclusos para não darem exercicio áquellas más artes que todos professam, quaes são os roubos e a borrhacharia, e as pessimas consequencias que d'elles se seguem, e que pede a boa politica que se evitem.

Mas é tal a preocupação d'esta gente, que nunca discorrem com acerto em materia de portuguezes, por se considerarem sempre de outra especie muito superior; e devendo tratar-nos melhor com estas noticias para que no Rio de Janeiro fizessem o mesmo com os seus, obraram o contrario, tratando-nos com incrivel desprezo, e lançando-nos em rosto, não os beneficios, mas outros muitos males que deixaram de nos fazer; de sorte que não podiamos apparecer em publico por não nos apedrejarem.

Cevallos usou comnosco de outro despique mais honroso, porém o mais infame e injurioso para elle, e foi:

Desde antes da guerra de 1762 até o presente, por hos-

tilisar os portuguezes, entrou a dar liberdade a todos os escravos que fugiam da Colonia : como isto era um roubo manifesto que os mesmos castelhanos não podiam desculpar, entraram alguns aqui a persuadir aos portuguezes, que requeressem a Cevallos lhes mandasse restituir ; principalmente depois que appareceu o tratado preliminar da paz, celebrado pelas duas côrtes em Outubro de 1777; com effeito, entre as muitas petições que se lhe fizeram a esse respeito, despachou tres ou quatro, que os commandantes e justiças dos lugares em que se achassem os escravos dessem todo o auxilio necessario para seus senhores os apprehenderem, servindo aquelle decreto de bastante despacho.

Em virtude d'estes despachos, passaram alguns a Montevidéo e ao arraial de S. Carlos a buscar os seus escravos, pois se achavam por alli mais de trezentos; mas o commandante do arrayal não quiz cumprir os despachos, dando conta sobre isso, e tornaram a voltar com a despeza e sem fructo ; n'esta cidade, com ordem dos alcaides a quem se apresentaram os despachos, foram presos cinco escravos ; e chegando ao mesmo tempo os capitães dos navios que haviam ido ao Rio de Janeiro, levar os officiaes portuguezes de Santa Catharina, fabulando o que lhes pareceu do máo tratamento que davam alli aos seus prisioneiros ; desafogou Cevallos a sua paixão em mandar soltar os escravos, e prender a Jacintho de Almeida, que tinha apanhado dois dos seus, e indo-lhe sua mai pedir que o soltasse, pois não tinha culpa em executar o despacho que S. Ex. lhe tinha dado, o qual lhe o apresentou, respondeu-lhe que os portuguezes eram uns velhacos e uma canalha, que os escravos eram livres, que elle não tinha dado aquelle nem outro algum despacho semelhante; e mandou pelo seu official de ordens que lhe colhesse os outros despachos, que tinham o

padre Joaquim de Almeida e José da Costa Lima, ainda que sempre escaparam alguns, o se conservam para memoria. Se entre nós se visse que um homem, ainda de baixa condição, negava a sua firma, se julgaria sem duvida por um infame; pois esta acção que acabo de referir, foi executada pelo Exm. Sr. D. Pedro Cevallos, vice-rei e capitão-general da provincia do Rio da Prata, professo nas ordens de S. Genero e S. Thiago, cavalleiro da chave dourada, gentil-homem com entrada, e general dos exercitos de Sua Magestade Catholcia, etc., etc., finalmente o homem de mais alta esphera que pisou n'estas indias.

•

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES, POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES,
ETC.

HENRIQUE DIAS

Consagremos um nicho em nosso Panthéon ao guerreiro illustre que por seus gloriosos feitos bem mereceu da patria ; e que n'uma época em que as differenças das côres e das castas servia de empecilho ao galardão ; foi mestre de campo, fidalgo e cavalleiro da antiquissima ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Era Henrique Dias natural da provincia de Pernambuco, filho de pais africanos, e mui provavelmente escravos. Desconhecêmos, porém, os preliminares de sua vida, nem chegou ao nosso conhecimento o modo por que obtivêra a liberdade. Sua assignatura, que vimos n'uma preciosa collecção de autographos, e as cartas que lhe são attribuidas, provam-nos que aprendêra a ler e a escrever em sua puericia, sem que contudo se pudesse aperfeiçoar em taes materias.

Semelhante a esses actores que só se mostram em scena quando indispensavel se torna sua presença, de subito deixando-a quando menos brilhante se faz o seu papel, assim Henrique Dias apparece na hora aziaga em que a fortuna lusitana succumbia aos reiteratlos golpes do poderio batavo, e não se retira do scenario emquanto não fluctua novamente sobre as restauradas torres de Olinda o pendão de Aljubarrota.

Chegára a éra de 1633, e para o seu occaso caminhava o mez de Maio, quando alguns pretos, capitaneados por um intelligente crioulo, dirigiram-se ao forte real do Bom-Jesus, e com instancia pediram para fallar com Mathias de Albuquerque, que ahí commandava. A' braços com as difficuldades da sua posição, e vendo uma a uma submergirem-se no pelago da realidade as ultimas esperanças, acolheu o general com aqodamento a generosa offerta que de suas vidas vinham fazer-lhe os que sob a negra epiderme sentiam pungir-lhes patrioticos brios. Confirmando Henrique Dias no posto de capitão em que pelos seus fóra acclamado, recommendou-lhe Albuquerque que incorporasse o maior numero de soldados de sua côr que isentos estivessem do captivoiro.

Que, dando tal passo, só a imperiosas circumstancias cedéra o general portuguez, deprehende-se das seguintes palavras de seu irmão, o mais veridico chronista d'essa guerra: « Bem se prova o apuro em que nos linba posto a continuação do que contestavamos, pela acção que um preto chamado Henrique Dias praticou n'esta occasião; e foi parecer-lhe que necessitavamos da sua pessoa, pois veiu offercel-a ao general, e este aceitou para servir com alguns da sua côr em tudo o que lhe determinasse. » (1)

Por mais de uma vez dévera resentir-se o negro caudilho do desprezo que resumbrava das citadas palavras do donatario da capitania; ao revés, porém, de Calabar, soube esquecer-o, abnegando-se em prol da patria.

Não tardou que por seu denodo se assignalasse, sendo um dos escolhidos para prestar o auxilio que ao tenente-

(1) *Memorias Diarias da Guerra entre o Brasil e a Hollanda*, por Duarte Coelho de Albuquerque, pag. 59.

coronel Biman, estacionado em Iguarassú, pretendia prestar o general Segismundo. O resultado d'essa refrega, em que duzentos brasileiros se bateram contra mil holandezes, não devia ser duvidoso : pondo em relevo a coragem de muitos cabos, em cujo numero expressa menção releva fazer do nosso heróe, a quem gravemente feriram dois mosquetãos.

A crescente reputação de Henrique Dias acabou de firmar-se n'essa memorovel acção de Porto-Calvo (2), pelejada aos 17 e 18 de Fevereiro de 1637 : e contestes são os chronistas em tributar-lhe os maiores encomios, confessando que aos seus oitenta soldados e aos indios de Camarão deveu-se a salvação do exercito, votado a inevitavel exterminio. N'essa famosa jornada grangeou o crioulo pernambucano gloria igual á do romano Mucio Scœvola ; porquanto, havendo-lhe um tiro de mosquete ferido a mão esquerda, e pondo-lhe os cirurgiões um aparelho que necessitava de longo repouso, preferiu a amputação do braço, comtanto que podesse volver ao combate ; proferindo n'essa occasião heroicis palavras, que não citamos por duvidar da sua authenticidade (3).

A fama de tão heroica façanha transpôz-o Atlantico, e o governo de Madrid quiz recompensal-o conferindo-lhe o habito de Christo, e dando-lhe o fóro de fidalgo, que n'essas éras parecia mais estimado do que hoje. A estas graças addicionou mais tarde outras de que foi portador o conde da Torre, D. Fernando de Mascarenhas, de cujas mãos recebeu Henrique Dias a patente de cabo e governador dos

(2) N'este tempo chamada villa do Bom Successo.

(3) Cada chronista refere por modo diverso estas celebres palavras ; evidente prova de que não são de propria lavra. Combinam, porém, todas no sentido que reune-se n'este pensamento:—que lhe bastava uma mão para servir ao seu rei e a sua patri^a.

homens pardos e crioulos, com o soldo mensal de quarenta cruzados.

Com a rendição de Porto-Calvo, effectuada com as mais honrosas condições pelo bravo Giberton, terminou-se o primeiro acto do grande drama pernambucano.

Mallograda a resistencia que pretendia oppôr a Nassau, retirou-se o conde de Bagnuolo, qual Fabio Cunctator, buscando além do rio de S. Francisco seguro abrigo onde melhor podesse refocillar o exercito.

Entre os capitães que lhe acompanharam contava-se Henrique Dias, cortesão do infortunio ; e nas duas pro-
vanças por que teve de passar no acampamento da Torre de Garcia d'Avila, não raro apreciou as grandes prendas que arriavam a alma do governador dos p̄tos.

Habilmente aproveitando da forçada inacção a que se vira condemnado, amestrôu seus soldados no manejo das armas ; iniciou-os na tactica europêa, submettendo-se ao mesmo tempo ao jugo da disciplina, talisman da victoria.

Curtos foram seus lazeres. Mauricio, ambicionando por capital do Brasil hollandez a cidade do Salvador, acomette-a com grande pujunça; e Telles da Silva, receiando-se da sorte de D'togo de Mendonça, despe-se do nescio orgulho com que recebêra Bagnuolo, e chama-o em seu auxilio com os bravos guerreiros, confiando-lhe o bastão do mando. Nessa critica conjunctura revelou-se Henrique Dias rival de si mesmo ; obrou prodigios de valor concorrendo poderosamente para o desbarato dos hollandezes, que escarmentados regressaram ao Recife.

Desde o anno de 1638, em que se passaram os successos que acabo de esboçar, até ao de 1645, vemos sumirem-se dó scenario os heróes pernambucanos ; e o silencio da historia, que, como dizia Voltaire, é a felicidade dos povos, faz-nos quasi que perder o vestigio dos seus passos. Quando,

porém, o archanjo da liberdade embocou a tuba da honra no monte das Tabocas ; quando as espadas brasileiras se baptizaram no Jordão da gloria ; Vidal, Vieira e Cardoso se lembraram do seu antigo companheiro, e das brenhas de Sergipe foi Henrique Dias chamado para sentar-se no ágape da independencia. Pouco havia que do rei de Portugal recebera o habito de Christo, e anhelava por suspendel-o ao peito ; mas tanto n'elle pôde o amor da patria, que jurou adiar esse jubilo para quando o solo brasileiro calcasse o pé do derradeiro hollaudez (4).

Já n'outro lugar (5) admirámos a finura com que o governador geral do Brasil illudiu o supremo conselho do Recife, obrigado como se via pela apparente paz que então subsistia entre Portugal e a Hollanda ; em vista, porém, de um documento que temos presente (6), essa admiração

(4) Vide Fr. J. de S. Theresa. *Ist. delle Guerre del Brasile*. Part. 11, liv. 11, pag. 55

(5) Vide biographia de André Vidal de Negreiros impressa na *Revista Popular* n. 75.

(6) Julgamos aprazer ao leitor copiando integralmente este curioso documento, que deparamos na preciosa collecção ora existente no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro :

« Traslado de um assento que se tomou em presença do governador d'este Estado do Brasil sobre a carta que escreveu o tenente de mestre de campo general André Vidal de Negreiros, em que dá conta de ter fugido Henrique Dias.

« Em os trinta e um dias do mez de Março de mil seiscentos e quarenta e cinco n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, nos paços de Sua Magestade, mandou o Sr. governador e capitão-general d'este Estado Antonio Telles da Silva chamar á sua presença os mestres de campo João de Araujo e Francisco Rebello, e os tenentes de mestre de campo general Pedro Corrêa da Gama de Sousa, Domingos Delgado e Gaspar de Sousa Uchôa, e o provedor-mór da fazenda de Sua Magestade, Sebastião Parni de Brilo, e o Dr. Antonio da Silva e Sousa, ouvidor geral, provedor-mór dos defuntos e ausentes, e procu-

sóbe do ponto e leva-nos a confessar que as suas artimanhas valeram mais á causa da restauração do que a remessa de um exercito.

rador da fazenda e corõa d'este Estado, e sendo todos assim juntos lhe mandou ler uma carta que havia recebido do tenente de mestre de campo general André Vidal de Negreiros que está na fronteira do Rio Real, em que diz que em vinte e cinco d'este mez de Março, pelas duas horas depois da meia-noite, fugiu Henrique Dias d'aquella estância com toda a gente, e que vai a trilha d'ella na volta de Pernambuco ; e que, como tinha a estrada provida com os seus soldados, não foi sentido nem o soube senão depois de claro dia, e que antes de fugir se queixára do Sr. governador por lhe não dar licença para vir ver suas filhas e mulher, que estavam morrendo, e que nunca lhe deram nada da fazenda real mais que servirem-se d'elle como se fõra captivo, e que a semana antecedente o quizéram mandar preso por estas e outras liberdades que dizia; mas que nunca lhe pareceu que fizesse uma cousa tão mal feita, mas que como negro que era merecia um grande castigo para exemplo dos mais ; que logo mandára o Camarão trás elle com seus índios para que o tragassem preso e a bom recado, ainda que custára algumas mortes de uma e outra parte : que considerassem os ditos ministros o que lhe parecia se devia fazer no caso e lhe dessem seus pareceres. E vista a dita carta e considerado o caso votaram cada um o que lhe pareceu, e concordaram que o tenente de mestre de campo general André Vidal tinha feito o que n'aquella flagrante se podia fazer, e que, posto que o caso era feio e merecedor de grão castigo se o prendessem, por ora se não podia mandar mais gente em seu seguimento, porque, se tinha animo damnado em se passar aos hollandezes, já tinha tempo de estar do rio de S. Francisco para Pernambuco de vinte e cinco d'este até agora que cá chegou o aviso, e em tomar lá estaria mais longe ; que se o prenderem então se tratará do castigo que merece, e quando o não prendam e de certo se saiba que foi para os hollandezes que vai levantado, ou se passou a Pernambuco a roubar e fazer outros maleficios, será bom avisar aos mesmos hollandezes que vai levantado e fugido, para que se o poderem prender o castigarem como tal.

« E o Sr. governador se conformou com o mesmo parecer e resolveu que assim se fizesse, e mandou d'isso fazer este assento, que assignou e os ditos ministros. E eu Gonçalo Pinto de Freitas escrivão da

Era por certo muito habil a politica que fazia recahir sobre o fidelissimo Henrique Dias a pecha de desertor, mandando em seu encalço esse mesmo Camarão, seu col-ção nas proezas do arraial do Bom-Jesus e na porfiada pe-leja de Porto-Calvo! E note-se que era Vidal de Negreiros, o protagonista da insurreição, que denunciava o governador dos pretos, e que ingenuamente confessava não esperar d'elle acto de tão feia traição !

Quem não vê que era tudo isto uma farça combinada entre D. João IV e Telles da Silva para adormecerem os Estados Geraes das Provincias Unidas, perante as quaes não cessava Francisco de Sousa Coutinho de protestar a fidelidade de seu amo á tregoa entre os dois povos concertada ? !

Surprendido pela subita invasão dos caudilhos Camarão e Dias, queixava-se o supremo conselho do Recife ao go-vernador geral da Bahia da flagrante violação dos tratados, e pedia-lhe que os fizesse retirar aos seus dominios, pu-nindo-os severamente pela sua rebeldia (7).

fazenda de Sua Magestade o escrevi. — *Antonio Telles da Silva.*—*João de Araujo.*—*Francisco Rebello.*—*Padre Corrêa da Gama.*—*Antonio de Freitas da Silva.* — *João Rodrigues de Sousa.* — *Domingos Delgado Aladas.*—*Gaspar de Sousa Uchôa.*—*Sebastião Parni de Brito.*—*Antonio da Silva e Sousa.*—O qual assento eu Gonçalo Pinto de Freitas, escrivão da fazenda d'el-rei nosso senhor d'este Estado do Brasil, fiz trasladar do proprio que fica em meu poder no caderno dos assentos das juntas e conselhos a que me reportô, com que este traslado concertei, e o sub-crevi e assignei na Bahia em primeiro de Abril de 1645. — *Gonçalo Pinto de Freitas.* »

(7) Eis como se expressavam os delegados do governo hollandez:

« Com quanta pontualidade as pazes confirmadas entre o serenissimo rei de Portugal D. João IV e os mui poderosos senhores, os Estados-geraes das provincias unidas, que os moradores d'estas capitã-nias conspiram em tudo e em cada um dos artigos d'ellas, consta

Não fraqueou Telles da Silva ao peso dos argumentos ; oppôz o sophisma á evidencia, allegou sua completa igno-

pelas cartas e embaixadores da boa correspondencia a V. Ex. enviados, e o devem testemunhar todos os que da Bahia e outras partes vieram a estas capitancias, pelo menos não se achará quem mostre sombra de alguma falta. O mesmo sempre se esperou de Sua Magestade e de V. Ex. e nunca se pôde receiar que da sua parte se permittisse que seus vassallos fizessem, ou intentassem cousa que fosse contra contratos tão formaes como aquelles que, ainda que alguns portuguezes vassallos dos ditos mui poderosos senhores, quebrando sua fidelidade jurada, intentaram uma conjuração publica e tomaram armas contra este Estado, tanto que veiu á sua noticia que o Camarão e Henrique Dias com seus indios e negros, em companhia de outros portuguezes, chegaram da Bahia a estas capitancias de pancada, sem licença e sem a pedir, contra o direito publico e geral ; e ajuntando suas tropas e armas com as dos levantados movem e fazem uma guerra, mais como deshumanos, ladrões e piratas, que como os soldados usam na Europa; não podemos presumir que esta gente devêra por ordem, ou permissão de Sua Magestade, ou de V. Ex., contra seus federados taes actos intentaram : e graças a Deus não nos falta ordem, nem forças bastantes, com obrigar a estes amotinados, que se não saiam da sua devida obediencia e obrigação, e para fazer despezas os de fóra com total ruina sua ; comtudo, para que todo o mundo saiba quanto foi e ainda é o nosso desejo de viver com toda a paz e quietação com Sua Magestade e seus vassallos ; assim como nossos superiores nos encommendam, e para tirar as suspeitas que os reis principes e potentados por a chagada d'esta gente poderão presumir, e que constasse a desculpa de Sua Magestade e de V. Ex., e se provasse que não tem dado origem a esta conjuração, nem a sustenta, enviamos em nome dos Estados Geraes, Sua Alteza o principe de Orange, e os outros senhores da outhorgada companhia das Indias occidentaes com mandado e ordem plenaria a declarar a V. Ex. todos os artigos allegados, e pedir a V. Ex. seja servido que logo com a chegada d'estes nossos deputados, por publicos editaes, ou outras demonstrações constraintes, mande ao dito Camarão, Henrique Dias e outra qualquer cabeça que estiver n'estas capitancias se recolham logo com todas suas tropas e gente de guerra, e sejam castigados com todo o rigor, e não obedecendo sejam elles todos e cada um d'elles declarados por ini-

rancia das traças urdidas pelos pernambucanos; mostrou-se resentido que de menos leal o suspeitassam e referindo-se á deserção de Henrique Dias tocou ao sublime da duplicidade! (8)

No seu longo officio a el-rei D. João IV, datado da Bahia aos 19 de Julho de 1645, expôz miudamente os factos que acabamos de narrar; e sem rebuço confessou que mandára Soares Moreno e Vidal de Negreiros auxiliar os sublevados de Pernambuco, desculpando-se, porém, com o voto da maioria da junta que adrede convocára (9). Assim era preciso;

gos de Sua Magestade, porquanto não achamos outra via por onde os muito poderosos senhores Sua Alteza e os outros senhores d'esta illustre companhia se dê a satisfação que esperamos de V. Ex. De V. Ex., muito afeiçoados amigos. — *Henric Mamel.* — *Adrian van Ballestrade.* — *Pieter Dansen Bas.* — Recife, a sete de Julho de 1645 annos. Por ordem dos mui nobres senhores do supremo e secreto conselho. — *D. van Walbecco.* (Documentos colligidos nos archivos holandezes pelo Sr. Dr. J. C. da Silva, tomo VIII.)

(8) Eis o trecho da carta a que alludimos :

«... eu quiz mostrar na repetição d'estas particularidades que esta satisfação que privadamente dou a VV. SS. de meu natural affecto e obrigação d'este lugar, e para que VV. SS. tenham verdadeira noticia da ausencia de Henrique Dias, elle se passou uma noite do porto do Rio Real, d'onde estava a parte de VV. SS., e mandou-se em seu alcance ao capitão-mór dos indios D. Antonio Philippe Camarão, vendo eu que tardavam ambos, havendo sido imaginação de todos iria dar na povoação e mocambo dos Palmares do rio de S. Francisco, mandei em seu seguimento, por não parecer que alteraria o socego da paz com metter na campanha tropas de infantaria, dois religiosos da companhia de Jesus a reduzir-os, e nenhum lhes quiz obedecer, ou por estarem temerosos do castigo, ou já infeccionados do intento dos moradores d'essa capitania (segundo agora collijo), e d'elles não tive mais noticias que as que VV. SS. se serviram mandar-me.» (Doc. holandez tomo VIII.)

(9) ... E considerando-as eu (as razões allegadas), vendo-me vencido nos votos, e que pareceria que obedecendo ao exacto cumpr-

não sabendo ainda de que animo estaria a côrte de Lisboa, cumpria-lhe deixar uma avenida por onde pudesse sahir, convencido de que nulla se faz a responsabilidade dividida. Que bem avisado andára, mostrou-lhe o ulterior resultado; e conhecido o seu tacto diplomatico foi conservado na Bahia por todo o tempo que sua presença ahi fez-se necessaria.

Insistindo sobre este topico, levamos em mente provar que a insurreição de 13 de Junho de 1645 não tivéra o cunho de espontaneidade e isolamento que se lhe tem querido attribuir; e mais que tudo arredar de sobre o heroico vulto de Henrique Dias a nodoa de traição, que uma má intelligencia dos documentos possa um dia arremessar-lhe. Urgido pelas circumstancias, escondeu por um instante as garras do leão debaixo da pelle da raposa, e, imitando Agesiláo, teve sempre horror da acção de Pausanias.

Mas prosigamos em nossa interrompida narrativa.

Acudindo ao brado da honra, deixou Henrique Dias as

mento das capitulações faltava á obrigação de amparar os vassallos de Vossa Magestade, maiormente quando o intento não era fazer hostilidade alguma aos hollandezes senão livrar aos nossos por meio puramente defensivo da oppressão publica em que ficavam, e reconciliar-os com os hollandezes, presentindo tambem que se enxergavam algumas demonstrações de que se eu duvidasse de mandar este soccorro se occasionaria n'esta praça outro movimento peior do que o presente, por ser a maior parte dos soldados d'este exercito e moradores d'esta cidade naturaes de Pernambuco, e retirados de todas aquellas capitancias, me pareceu tomar por resolução evitar o excesso que se receiava com mandar remediar o succedido; que supposto que se pudéra reprimir por meio, leve, por mais acertado o de condescender com a supplica dos ditos portuguezes e accordo geral de todo o conselho, e enviar o dito soccorro; pois que com elle se divertia mais suavemente qualquer desordem e apaziguava todo o tumulto n'aquella. » (Doc. hollandez, loco cit.)

ribas do Rio Real, e vadeando o, de S. Francisco foi reunir-se aos valentes campeões da causa nacional. De quanto auxilio lhe fôra elle e do quanto se receiavam os hollandezes das suas correrias, collige-se dos documentos que temos á vista, e em um dos quaes confessa o conselheiro Balthasar Van de Voorde aos Estados-Geraes a absoluta inferioridade dos seus compatriotas n'um genero de guerra por elles desconhecido (10).

Depois da gloriosa acção do monte das Tabocas anhelavamos independentes por se encontrarem com os hollandezes, e fazerem-lhes novamente sentir, de quão fina tempera eram suas espadas, e quão certos os seus mosquetes. A 16 de Agosto do mesmo memoravel anno de 1645 travou-se ferida peleja no engenho denominado Casa-Forte, entre as tropas ao mando do major Blaar e as commandadas por J. Fernandes Vieira. Já algures (11) commemorámos a bizzarria com que ahi se comportára um nosso illustre compatriota, cabendo-nos aqui não menos satisfação em mencionar o valor com que o mestre de campo Henrique Dias acommettêra o inimigo, fazendo pender para o nosso lado a victoria, que incerta parecia. Não se animam a negar os

(10) «... A tactica dos insurgentes consiste em enviar aqui e acolá alguns destacamentos de tropas, espalhando falsos boatos, perturbando o socego publico e fatigando sem cessar nossas tropas com continuas marchas e contramarchas, principalmente nas estações pluviosas. Não ousando esperar-nos em campo raso, e sendo-nos impossivel mandar partidas para reconhecer sua posição e forçal-os a deixar-nos o campo livre com o justo temor de cahirmos em alguma emboscada sendo esmagados pelo numero, o que sobremodo animal-os-ia, estando como estão bem armados; ao passo que o nosso exercito achase enfraquecido tendo perdido muita gente, e não podendo sahir a campo, vêr-nos-hemos na dura necessidade de deixal-o franco ao inimigo, recolhendo-nos a nossas praças fortes.» (Doc. hollandez. tomo III.)

(11) Vide Biographia de A. Vidal de Negreiros.

proprios encomiastas do feliz madeirense que sem o denodo do chefe preto diverso seria o exito do combate.

Em Pernambuco não descansavam as armas; mal se havia terminado uma empresa, que era logo outra executada.

Com o proposito de buscar abastecimentos para o exercito, haviam Vidal e Vieira abalado do novo arraial do Bom Jesus para Nazareth, commettendo o mando ao mestre de campo Martim Soares Moreno. Informado o inimigo, fez sahir do Recife um troço de artilheria e de gastadores com armas e aprestos necessarios para erguerem um reducto entre as nossas fortalezas dos Afogados e Cinco Pontas. Esqueciam-se, porém, que abi estanciava Henrique Dias, que, apenas sciente das intenções dos hollandezes, dividiu a sua gente em tres partidas para que por varias partes investissem sobre os tórços hollandezes. « O não saber o flamengo (diz um chronista) a que parte havia de fazer rosto com o desatino da vizinhança e do repente, fez a industria tão bem sortida que brevemente viu descompostos os soldados com balas e os gastadores com o estrondo: de sorte que uns e outros ameaçaram a deixar o campo, que de todo lhes fez largar a segunda carga, fugindo da terceira para o abrigo das suas fortalezas, as quaes despediram de si um chuveiro de balas, de que os nossos se livraram com virar as costas ao perigo, satisfeitos de conseguirem o intento e de levarem consigo a maior parte dos instrumentos que o inimigo trouxera para a fabrica. » (12)

Planejada perigosa empresa, certo era de achar-se n'ella envolto o nome de Henrique Dias: assim, quando em Novembro de 1647 julgou-se conveniente atacar os hollande-

(12) *Castrioto Lusitano*, livro IX § XIX.

zes em sua forte posição do Rio-Grande do Norte, foi elle para ahi mandado com o seu regimento, engrossado com algumas companhias dos indios de Camarão; dando no começo do anno seguinte principio ás suas operações por metter a sacco e passar a fio de espada tudo quanto lhe oppunha resistencia. No sitio denominado Guarairas, onde o inimigo se havia entrincheirado, favorecido pela optima posição topographica, ostentou coragem e pericia dignas da inveja dos mais esforçados capitães de que resa a historia. Instigados pelo seu nobre exemplo, ajorjaram-se os soldados ás aguas do lago que moldurava a fortaleza, e mergulhados até á cintura escalarã-n'a á ponta de baioneta. Absorto o commandante hollandez diante de tanto desapego ás vidas, buscou salvar a sua e a de cinco companheiros, entregando-se n'um fragil batel a mercê das vagas, e tomando por piloto o destino.

Emquanto ao sul do equador tão rijamente se batiam as duas parcialidades, guardavam as respectivas metropoles quasi que completa abstenção, perdidas no intrincado labyrintho da politica européa. Arcando com o colossal poder da Hespanha, temia-se Portugal de distrahir suas forças; e, constando-lhe que no congresso de Munster se procuravam congraçar as Provincias-Unidas com sua antiga oppressora, receiava que juntas quizessem desaggravar-se das offensas que d'elle tivessem. Parece que infundados não eram seus temores, e que, sem a guerra que de subito surgiu entre a Hollanda e a Inglaterra, felizmente conjurada pela prudencia do celebre João Wit, mas que alquebrado deixou o poderio batavo, iriam as armadas hollandezas pedir em Lisboa a explicação dos enigmas diplomaticos que em Haya propunham os Tristões de Mendonça, Franciscos Coitinhos e Luizes da Cunha. Houve mesmo um momento em que nos conselhos de D. João IV

despontou o pensamento de fazer-se completa cessão das províncias brasileiras em troca da alliança com a poderosa rainha de Zuyderzée, que aos successores dos Gamás, Cabraes e Albuquerque arreatára o sceptro dos mares (13). E quem sabe qual seria o nosso destino sem o esforçado animo dos chefes pernambucanos ? !

Em continuas escaramuças gastava-se o tempo e prolongava-se uma situação por sua natureza intoleravel : de ambos os lados almejava-se por um golpe decisivo. Conhecia o mestre do campo general Francisco Barreto de Menezes, que de novo chegára para tomar o commando do exercito pernambucano, a necessidade de obrar alguma façanha que alentasse o animo dos seus, lançando o terror sobre o dos contrarios.

Para esse fim assentou em occupar a espécie de isthmo que fica entre o Recife, os montes Guararapes e os alagados do mar, cortando d'este modo ao inimigo a communição com o interior do paiz. Com facilidade logrou o seu intento, achando-se desprevenidos os hollandezes. Tornados, porém, a si do primeiro sossobro, recobriram estes o forte da Barreta, confiado a Bartholomeu Soares da Cunha, e na manhã do dia 19 de Abril do anno de 1648 marcharam, em numero de quatro mil e tantos homens, ao mando do valente general Segismundo Van Schop, em

(13) Vejamos como d'esta resolução dá conta um illustrado historidor :

« ... e de sorte crescia em el-rei e seus ministros o embarço, que por vezes esteve resolute largar-se Pernambuco aos hollandezes, ponderando-se que não podia Portugal sustentar a guerra contra dois inimigos tão poderosos como os castelhanos e hollandezes, e com esta commissão passou á Hollanda o padre Antonio Vieira. Porém o céo, olhando como sua para esta causa, deu mais favoravel sentença para este reino. » (Conde de Ericeira. *Portugal Restaurado*, tomo II, parte I., livro X, pag. 313.)

direcção ao cabo de Santo Agostinho, onde esperavam encontrar o exercito independente.

Conhecendo a marcha que tomaria o inimigo, aguardou-o Barreto nos desfiladeiros dos Guararapes, onde esperava, como outr'ora Leonidas nas Thermopylas, soffrear o orgulho dos audazes invasores. Coube ao capitão Antonio Dias Cardoso a gloria de affrontar o primeiro impeto do inimigo, que, cheio de confiança, arrojou-se no meio dos regimentos brasileiros. Em tres columnas havia Barreto dividido o seu exercito, forte de tres mil e tantos homens, confiando a da direita a Vidal de Negreiros, tendo por auxiliar Camarão; a da esquerda a Vieira, a quem Henrique Dias servia de segundo; e reservando para si a do centro, servindo-lhe Cardoso de immediato. A pouca cavallaria era capitaneada por Antonio da Silva.

Senhores do terreno, onde com toda a anticipação se haviam fortificado, resistiram os brasileiros ás repetidas cargas dos terços hollandezes, que quiçá ficariam victoriosos, sem a repugnancia que mostraram alguns soldados em combater por falta de pagamento de seus soldos, chegando mesmo a largarem vergonhosamente as armas ! (14).

Pela nossa parte tivemos tambem que lamentar alguma desordem no começo da acção, proveniente do afan com que os negros e indios lançaram-se sobre os despojos dos inimigos mortos; devendo-se a esta circumstancia a perda da artilheria, que bem funesta nos poderia ser.

Obriga-nos o amor da verdade a não omittir esta parti-

(14) O coronel van der Brande, communicando aos Estados-Geraes os pormenores d'esta batalha, serve-se d'estas textuaes expressões :

« Em geral os officiaes se bateram maravilhosamente, porém os soldados comportaram-se como uma matilha de cães tímidos ; o que de tal modo consternou-me que não posso enconral-os sem desviar o rosto com vergonha. . . » (Doc. hollandez, tomo IV.)

cularidade, na qual poderá alguém enxérgar alguma censura ao nosso héroe. Releva, porém, que nos lembremos que commandava elle tropas irregulares, costumadas ás depredações da guerra *sui generis* que então se fazia em Pernambuco, e que carecia da força moral, que só dá a disciplina, para conter seus subordinados. Mas ninguem lhe contestará que n'essa celebre jornada praticou rasgos de raro valor, e que pelo exemplo, mais do que por palavras, conseguiu levar ao combate os soldados, que só de saquear curavam.

Apezar das graves perdas experimentadas no dia 19 de Abril (15) e confessadas pelo proprio Segismundo, não foi bastante decisivo o exito d'esta batalha; por quanto ficaram os hollandezes senhores do campo, ainda que tivessem d'elle retirar-se durante a noite.

Nenhum peso damos ao calculo dos nossos chronistas, que contam por milhares o numero dos mortos e feridos do exercito contrario, antepondo-lhes de boamente a asserção dos documentos officiaes remettidos ao governo hollandez, que orçam em 5,150 o numero dos mortos e 523 os feridos. Quanto ás nossas perdas, nenhum dado temos para estimal-as.

Bastante cortados do ferro pernambucano, sabiram comtudo os hollandezes a campo nos dias 21 de Maio e 18 de Agosto d'esse mesmo anno, sendo sempre recebidos pelos nossos com seu proverbial valor, e assignalando-se sempre n'esses recontros Henrique Dias, desejoso de lavar a vergonha passageira dos seus no sangue dos contrarios.

O dia, porém, em que o valente cabo dos pretos devéra sobre todos assignalar-se estava bem proximo; e a aurora

(15) Preferimos esta data: posto que nas participações hollandezas figure sempre a de 20 de Abril. Encostamos-nos ao unanime dizer dos nossos chronistas, corroborado pelo testemunho insuspeito de Netscher.

de 19 de Fevereiro de 1649 saudou-o n'essas mesmas montanhas dos Guararapes, pela Providencia fadadas para theatro do denodo brasileiro.

Por uma operação inversa da do anno anterior, eram agora os hollandezes commandados pelo coronel Van der Brincke, que, entrincheirados n'essas montanhas, então quasi inacessiveis, desafiavam a bravura dos nossos.

Como dois athletas que se contemplam antes de descer á arena, receiavam ambos os exercitos empenhar a luta; e muitas horas se passaram antes que o primeiro tiro fosse disparado: tomando finalmente por cobardia a prudencia de Barreto, descou Brincke das alturas, e empenhou a batalha em campo raso. Ferida a peleja, ordenou o general portuguez aos mestres de campo Vieira e Henrique Dias que atacassem o boqueirão fortificado e defendido por sete batalhões. Póde considerar-se este como o ponto culminante de toda a batalha, e será por certo escolhido por algum Horacio Vernet brasileiro que quizer immortalisar a tela escolhendo seus assumptos nos nossos gloriosos fastos.

Pernambucanos, portuguezes e flamengos bateram-se com igual encarniçamento: mas a victoria, por muito tempo suspensa, bandeou-se para a causa que sombreava o estandarte da justiça. Completa foi a derrota do exercito de Brincke, que ingenuamente confessa que, se os nossos lhe fossem ao encalço, total seria a sua ruina (16).

(16) « A consternação e o panico dos nossos (diz elle) foram tão grandes, que, se o inimigo, em vez de entregar-se ao saque, preferisse continuar a perseguir-nos, é mui provavel, se não indubitavelmente certo, que o restante dos nossos ter-se-iam deixado matar sem oppôr a menor resistencia ; porque fugiam sem olhar para traz. (Doc. hollandez, tomo IV.)

Creemos piamente, como n'outro lugar já dissemos (17), que à esta assignalada victoria devemos o haver D. João IV sabido do seu systema de irresolução, abandonando de uma vez para sempre a politica de Jano. Convinha attender á sorte de Pernambuco, que quiçá a si mesmo entregue por si mesmo decidiria do seu futuro. Durou ainda a guerra cinco annos, mas visivel era o cansaço de ambos os partidos: as guerrilhas, nas quaes sempre vantajosamente figurava o nosso heróe, debilitavam as forças hollandezas, que em progressivo decrescimento caminhavam, porque a mercadores e não a estadistas estavam confiados seus destinos: anormal era cada vez mais a situação, e os proprios hollandezes, conscios de não poderem submetter pelas armas a nossa patria, anhelavam por achar meio de com honra e vantagem retirarem-se.

Proporcionou-lhes este ensejo a chegada da primeira frota da companhia de commercio do Brasil, commandada por Pedro Jacques de Magalhães, que, cedendo docemente ás instancias dos chefes pernambucanos, resolveu ser espectador armado dos seus ultimos e gloriosos feitos.

Com a capitulação de Taborda desce o panno sobre o palco historico; desaparecem os protogonistas, que, entrando na vida privada, depoem sobre o berço de seus filhos os laureis adquiridos no campo de batalha.

Ninguem mais falla em Henrique Dias: ninguem sabe como se deslisou a honrada velhice do Sçœvola brasileiro, E' de crer que a consumisse reclamando o pagamento de atrasados soldos, pedindo indemnisações que nunca che-

(17) Vide *O Brasil Hollandez*, Estudo Historico, lido no Instituto e publicado no tomo XXIII da sua *Revista*.

garam, e deixando á sua mulher e filhas por unico legado a herança de seu nome (18).

Esse nome era outr'ora aos posteros transmittido no de um regimento de homens pretos, que com vantagem ao paiz serviam : incommodou, porém, isso aos reformadores, que com sacrilego arrojo apagaram mais esse brasão da nossa lão moderna e já lão brilhante historia.

J. C. Fernandes Pinheiro.

(18) Morreu a 8 de Junho de 1662 na cidade do Recife, sendo sepultado a custa do Estado no convento de Santo Antonio, onde não resta noticia, nem signal d'essa sepultura. (Vide *Biog. dos Poetas Pern.* por A. J. de Mello : tomo II, pag. 181.

O TENENTE-GENERAL BENTO MANOEL RIBEIRO (1)

Vou tentar avocar á memoria dos presentes, dando-o á posteridade, o nome de um paulista, que sou sempre distincto na guerra do sul, batalhada desde 1816 até 1827, em que terminou em virtude da convenção preliminar de 27 de agosto de 1828, pactuada entre o Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata; nome tarjado de louros e de que a patria se recordará sempre com ufania; nome que tambem é memoravel por varios feitos seus no lidar d'essa revolução, que manifestou-se na provincia de S. Pedro em 1835, e sem intermittencia durou por dez annos, mareando por algum tempo o lustre da lealdade hereditaria dos paulistas; e este nome pertence á classe militar e á sua gloria.

Procuro dest'arte consagrar, ao menos, um voto de reminiscencia á um amigo e companheiro d'armas, que desde o seu tyrocínio militar, em 1816, até 1827 cultivamos relações amigaveis com a camaradagem da classe, e que, separando-nos em 1831, porque o serviço publico levou-me a diversas provincias, entrevimo-nos em 1836, nos dias em que o general dispunha-se a combater os revolucionarios na ilha do Fanfa, onde foram derrotados.

A biographia que vou esboçar é de um homem, que o que foi no mundo o deveu unicamente á sua espada.

O tenente-general Bento Manoel Ribeiro nasceu na villa de Sorocaba, hoje cidade, procedente de um ramo collateral da familia do coronel Bento Manoel de Almeida Paes,

(1) Extrahimos do *Archivo Litterario*, Revista Mensal da provincia de S. Paulo, a seguinte biographia, devida á laboriosa penna do nosso saudoso consocio o Sr. Machado d'Oliveira.

(Nota da Redação.)

que teve aposento n'aquella villa, e são seus descendentes os que alli têm esse sobrenome.

Logo que completou os seus primeiros estudos e achou-se em idade de viajar, acompanhou para o sul a seu irmão mais velho, o capitão Gabriel Ribeiro de Almeida (2), que também serviu-lhe de mestre na aprendizagem da guerra, em que se adestrara na recuperação das Missões Orientaes do Uruguay.

Desapercebida passou a sua vida no Rio-Grande até á idade em que teve praça no regimento de milicias da fronteira do Rio-Pardo, conhecido ao depois com o n. 22 de 2ª linha; e com este regimento, e já no posto de tenente, marchou a encorporar-se á divisão do exercito do sul ao mando do general Curado, que pouco antes tomara posição na fronteira do Rio-Pardo, ameaçada por grandes forças de José Artigas, já invadida a de Missões e posto em sitio o povo de S. Borja.

Ao começar essa memoravel campanha o tenente Ribeiro teve por tres vezes occasião de mostrar praticamente quão proveitosas lhe foram as lições que sobre a guerra, e especialmente sobre a estrategia, recebêra de seu irmão o capitão Gabriel de Almeida.

O primeiro rompimento na fronteira do Rio-Pardo, feito pelos bandos de Artigas, foi pela coxilha de Santa

(2) Gabriel Ribeiro de Almeida, no posto de tenente de milicias e á frente de pouco mais de duzentos homens, dirigiu em pessoa a reconquista dos sete povos das Missões Orientaes na provincia de S. Pedro, tomando-os com valor e sangue-frio a mais de dois mil paraguayos, commandados pelo coronel Espindula. Foi a Lisboa como portador dos seus serviços bem recommendados pelo governador d'aquella provincia, e teve em *recompensa* o posto de capitão de milicias e o habito de Christo.

(V. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, vol. V. pag. 3.)

Anna, e no intuito de atacar a divisão do general Curado, que havia pouco occupára o campo do Ibirapuitan-Chico; e para affrontar aquellas forças destacou o general alguns esquadrões da divisão, contendo o numero de mais de trezentas praças, havendo entre esta força e a do inimigo, duplamente maior, um recontro, em que foi este completamente derrotado.

Em seguida, e para obstar que a columna do coronel Abreu, retirando-se de Missões depois que o seu territorio foi tomado ao poder do inimigo, se reunisse á divisão do general Curado, o inimigo distrahiu de si a força de oitocentos homens, entregando-a ao mando de Verdum, que tomou posição em Ibiracay como o ponto mais adequado para interceptar aquella junção. Contra semelhante tentativa expediu-se da divisão uma columna de quatrocentos e oitenta praças combinada das tres armas, que marchou contra o inimigo, e o desbaratou no seu proprio campo.

Com a retirada da columna que derrotára o inimigo em Ibiracay, e com a certeza de que se approximava ao campo da divisão a do commando do coronel Abreu, retirando-se de Missões, apresentou-se ensejo favoravel para tomar a offensiva contra o inimigo, acommettendo o mais forte dos seus alojamentos, sem enfraquecer numericamente a divisão, o que antes se não déra. Organizada, pois, uma columna de setecentos e sessenta praças, dada ao commando do brigadeiro Oliveira Alvares, marchou contra o inimigo, forte de mil e quinhentos homens de cavallaria, dando-lhe combate no campo de Carumbé, e ali o derrotou inteiramente, pondo-o em debandada com perda de seiscentos mortos.

N'estes tres combates, de que sahiram victoriosas as tropas brasileiras, o nome do tenente Bento Manoel Ribeiro vê-se honrosamente assignalado com distincção nas parti-

cipações feitas ao general commandante da divisão pelos chefes que os dirigiram (3). Serviram-lhe como de nobre tyrocínio na carreira de gloria, que percorreu n'essa e nas subsequentes campanhas havidas no sul.

Abandonada a fronteira brasileira pelo inimigo, retirou-se este para o territorio de Montevidéo, e abrigado pelas matas do Arapehy reuniu alli todas as suas forças, arrastando para engrossal-as os homens d'aquella praça e do interior que podiam pegar em armas.

O general Curado, que não tinha por completas as tres derrotas do inimigo que invadira a fronteira brasileira, vendo-a ainda ameaçada com a concentração das forças contrarias em Arapehy, fez a divisão transpôr a linha confinante, estabelecendo o seu campo junto ao arroio Catalan. D'ahi destacou o coronel José de Abreu com uma columna de seiscentas praças com o fim de reconhecer a posição do inimigo, e investil-o logo que visse que as suas forças não comportassem a necessidade de marchar para alli a divisão.

Artigas, sabendo que a divisão brasileira marchára da sua fronteira, procurou evitar o seu encontro abrindo de si o maior troço das suas forças, que as entregou ao caudilho La Torre, ordenando-lhe que a todo o transe se arrojasse á divisão, certo de que, em máo logro, ia-se o triumpho da sua causa.

A 4 de Janeiro de 1817 foi o campo da divisão investido de todos os lados por La Torre á testa de tres mil e quatrocentos homens; mas a bravura das tropas brasileiras, apesar de serem inferiores em numero ás forças inimigas, e o auxilio, que não era esperado, da columna de Abreu, a qual, concluido o desbarato de Artigas em seu alojamento

(3) *Revista do Instituto*: vol. 7. pag. 322.

de Arapehy, foi mui presta em volver ao campo da divisão, vencendo com a sua infantaria doze leguas em oito horas, deram ao paiz um dia de gloria, e ao inimigo a ultima lição de que não se podia medir com as tropas brasileiras, a despeito da superioridade numerica das suas forças.

Na batalha de Catalan deu o tenente Ribeiro mais provas e mui significativas do seu valor e discernimento militar, e de que um futuro de victorias o aguardava. Com o seu corpo, que formava a linha esquerda da divisão, por onde começou o inimigo a sua mais impetuosa investida, foi este levado de rojo, desaffrontando o flanco esquerdo do campo quasi compromettido. Seu nome acha-se distincto na ordem do dia ao exercito, como o fôra nas acções precedentes, sendo ao mesmo tempo elevado ao posto de capitão (4).

Evacuado, como fica dito, o territorio brasileiro, e livre a fronteira da acção infensa das hostes inimigas, que correram a abrigar-se na margem esquerda do Uruguay, para alli marchou a divisão do general Curado, não dando por terminada a luta em que se empenhou sem que visse completamente aniquilado o inimigo.

Durante esse movimento soube o general que na povoação de Belém, á margem esquerda do Uruguay, postára-se algutna força inimiga por ordem de Artigas, para servir de nucleo ao recrutamento, que fazia-se no lado direito do Uruguay.

Não convinha deixar essa força em tal posição, que ameaçava a fronteira pela linha do Quaraby, e para atacal-a foi mandado o capitão Ribeiro com uma partida de noventa praças, que, accommettendo o-inimigo em 15 de Setembro de 1817, o derrotou, cahindo prisioneiro o coronel Verdum e trezentos homens do seu commando.

(4) *Revista do Instituto* vol. 7 pag. 322.

Aliciados por Artigas em 1818 os chefes entre-rianos Aguiar, Ramires e Aedo a partilharem a sua causa, tomando por principal empreza o defender-se a conquista do Estado Oriental, invadido pelo interior pela divisão do general Curado, e occupada a praça de Montevideo pela divisão lusitana ; deram-se aquelles chefes á reunião de homens que podiam servir para tal fim, concentrando estes na margem direita do Uruguay, e em ponto que, transpondo o rio, pudessem investir á divisão já occupando a sua margem esquerda. Constou isto ao general Curado, que, anticipando-se á passagem do inimigo, que já dispunha da força de oitocentos homens, expediu o capitão Ribeiro com quatrocentos praças de infantaria transportadas pela esquadilha do Uruguay, o qual fazendo o seu desembarque em ponto correspondente ao campo do inimigo, atacou-o e o derrotou, cahindo prisioneiros os dois cabecilhas Ramires e Aedo, e mais trezentos e trinta homens das suas forças, tomando-lhe quatro peças de artilheria, armamento, uma canhoneira, treze hiates e grande porção de munições de guerra.

Com o intuito de evitar a sua ultima ruina tentou Artigas dar o extremo golpe de mão sobre a divisão do general Curado, que tão fatal lhe houvéra sido ; e com este fim pôde chamar a si Fructo Rivera, chefe de grande nomeada no Estado Oriental, e, entregando-lhe as forças que lhe restavam, o impelliu a ir affrontar a divisão, já occupando a margem esquerda do Uruguay em S. José.

Advertido o general Curado da nova tentativa do inimigo, deu o commando de seiscentos praças a Ribeiro, que tinha subido ao posto de tenente-coronel, fazendo-lhe sentir a necessidade de um recontro com Rivera.

Era a primeira vez que iam achar-se em frente um do outro estes dois chefes contrarios, valentes, experimentados na guerra do paiz, e amestrados nos ardis e evoluções

estrategicas ; e, comquanto assim, o brasileiro sobrepajou o oriental, approximando-se aquelle desaperebidamente ao campo inimigo assentado no Arroio Grande, e surprehendendo-o com impetuosidade a ponto de cahir em derrota com perda de muitos mortos e prisioneiros.

D'este combate, o ultimo dos que foram dados pela divisão do general Curado, houve dois resultados, que se podem classificar em *bom* e *máo* : aquelle esteve no completo aniquilamento das hostes de José Artigas, que depois do ultimo combate procurou um effugio no Paraguay, onde só achou prisão e barbaro ostracismo ; e o outro no engajamento de Fructo Rivera para o serviço do exercito brasileiro, onde recebeu distincções e premios, que de nada serviram para nullificar sua indole versatil e traiçoeira, como mais abaixo se verá.

Postas as causas da guerra do sul n'este estado, esteve em repouso desde 1819 até 1825 o prestante serviço militar de Bento Manoel Ribeiro, que fôra elevado ao posto de coronel de 2.^a linha, e pouco depois transferido n'esse posto para o estado-maior do exercito, como compensação do seu merito e distinctos serviços que prestára na guerra.

Houvéra em 1825 a revolta da Cisplatina, outr'ora Estado Oriental do Uruguay, e então encorporada ao Brasil só a effeito da espontanea deliberação e poderosa vontade do general Fructo Rivera.

O brado da revolta e o movimento da maior parte das tropas que guarneciam a provincia de S. Pedro e marchavam para alli tendo á sua frente o commandante das armas o general barão do Serro-Largo ; esse grito de leva broqueis contra um paiz arrancado ao barbaro poderio de Artigas por tropas brasileiras, e por expressa vontade sua encorporado ao Brasil, soou no retiro em que se achava o coronel Ribeiro, e a elle acudiu ligeiro como lhe soia.

Já havia entrado no territorio de Montevideo a divisão expedicionaria commandada pelo general barão do Serro-Largo, quando a este apresentou-se o coronel Ribeiro para servir sob suas ordens ; mas, como ao barão recomen-
dasse o commandante em chefe do exercito do sul, vis-
conde da Laguna, que não convinha abandonar a linha do Rio-Negro, onde estava a divisão, pois que por ali podiam os sublevados ter faceis soccorros do interior, e da margem direita do Uruguay, não pôde o coronel Ribeiro conter-se com o animo em que se achava de prestar serviços á rei-
vindicação da Cisplatina, seu antigo theatro de victorias, e com este intuito dirigiu-se á praça de Montevideo, apresen-
tando-se alli ao commandante em chefe do exercito, que, tendo em lembrança os seus antigos feitos d'armas, o rece-
bêra com muito aprazimento, dando-lhe logo o commando de uma brigada de cavallaria forte de mil praças, que devia ser reforçada com outra de igual força, que mar-
chára da fronteira do Rio-Grande ao mando do coronel Bento Gonçalves da Silva.

Foi tal o retardamento da brigada commandada pelo co-
ronel Bento Gonçalves, e tal o aqodamento do coronel Ri-
beiro em ir medir-se com o inimigo, que rompeu este da
praça sem mais esperar aquella brigada, marchando na
dircção de Darasno, onde estavam reunidas as forças ini-
migas em numero de dois mil e quinhentos homens sob o
commando de Lavallega, com o fim de pôr sitio á praça de
Montevideo.

N'este comenos Fructo Rivera abandonou com disfarce
o serviço do Brasil, arrastando comsigo atraioadamente o
regimento da União que commandava, forte de mil praças,
cuja mór parte era de soldados brasileiros e de rebaixados
da divisão lusitana, unindo-se ao caudilho da sublevação,
que, emquanto não reconheceu a sua lealdade n'aquelle

passo, e com bastante experiencia dos seus ardis e volubildade, o reteve em ferros.

Insciente o coronel Ribeiro da defeccão de Fructo, afouto marchava ao inimigo, e soffregio de acommettê-lo, alterando as ordens que tinha de, enquanto se lhe não reunisse a brigada do coronel Bento Gonçalves, limitasse suas operações no reconhecimento das forças contrarias e da sua posição fixa. Em 12 de Outubro de 1825 achou-se em frente do inimigo, que simulou uma pequena força em linha dos quatro mil homens que tinha, a maior parte das quaes estava encoberta, nas matas do arroio Sarandy. Não trepidou o coronel Ribeiro em investir á linha que tinha á vista, e só depois do primeiro recontro, com o apparecimento das forças encobertas reconheceu a grande superioridade numerica do inimigo ; mas já não era tempo de recuar e nem isso era consentaneo com os seus brios ; só então foi-lhe patente a defeccão de Fructo Rivera, que se bandeára para o inimigo com os mil homens que commandava, pagando assim antigos e valiosos favores que lhe largueára o governo do Brasil, e a implicita confiança que lhe depositou o visconde da Laguna, a quem trouxe sempre illudido.

D'esse acto de precipitação do coronel Ribeiro, que pôde ser coonestado com o não conhecimento das forças inteiras do inimigo, e, quando não, por um impulsó de valor, que lhe era peculiar vendo ante si hostes inimigas, e taes aquellas que por vezes debellára, seguiu-se o destroço da sua brigada, que quasi toda cabiu prisioneira por ver-se envolvida com a linha inimiga, retirando-se o coronel com poucos dos seus á divisão do barão do Serro-Largo, que retrocedia da linha do Rio-Negro, visto como a revolta da Cisplatina tinha attingido amplas proporções no interior.

A espada sempre vencedora de Bento Manoel Ribeiro

declinou por essa vez, e unica, nos campos do Sarandy ; o livro em que se inscreve as feições gloriosas dos valentes na guerra dobrou por um pouco a pagina em que se registrou esse nome.

Retiradas as forças brasileiras para a fronteira d'Entre-Rios, e abi reorganizado o exercito do sul, e convidado pelo general barão do Serro-Largo o coronel Ribeiro para commandar um pòsto avançado do exercito, a isso prestou-se, collocando-se no rincão de Catalan com a brigada que servia de vanguarda.

O exercito, que a esse tempo era commandado pelo marquez de Barbacena, largou a fronteira d'Entre-Rios, por saber que o do inimigo movéra-se para a do Rio-Grande com o fim de interceptar a junção das tropas que vinham das provincias do norte em reforço ao exercito, o que não conseguiu pela precedencia que este tomou em suas marchas.

Para segurança no movimento que fazia o exercito foi guardada a sua frente com a brigada do coronel Ribeiro, ordenando-se-lhe igualmente que salvasse dos accommetimentos do inimigo as povoações e fazendas que ficassem ao seu alcance nas marchas que fazia.

Soube o commandante da brigada avançada que uma columna inimiga, que se reunira depois das marchas do seu exercito para a fronteira do Rio-Grande, emprehenderá correrias no valle do rio Santa Maria até á sua foz no Ibicuhy, assolando aquelle opulento territorio; para alli seguiu a brigada por considerar o seu commandante que com essa deliberação não se desviava do que lhe fôra ordenado pelo commandante em chefe do exercito « de salvar dos accommetimentos do inimigo as povoações e fazendas que ficassem ao seu alcance nas marchas que fazia. »

Houve encontro com essa columna e com ella travou combate a 1ª brigada ligeira, sendo aquella derrotada e repellida para além da fronteira; e o commandante da 1ª brigada, que ajuntou esta victoria a outras que tanto o distinguiram na guerra, retrogradou logo do Ibi-cuby para collocar-se em aproximação ao exercito, apres-sando suas marchas por lhe constar que ia este empenhar-se em acção com o inimigo; mas, comquanto accelerasse a sua retirada, e ainda mais ouvindo de muito longe a canhonada da batalha de 20 de Fevereiro do passo do Rosario só na noite de 21 é que pôde chegar ao arroio Caequy, distante oito leguas d'aquelle passo, e ahi fez alto por saber que o exercito para alli se retirava.

A 22 de Fevereiro reuniu-se ao exercito a 1ª brigada ligeira, e indo aquella acampar-se na margem direita do Jacuhy, deixou a sua cavallaria em S. Sepé, de onde marchou para a fronteira do Rio-Grande.

Pôde dizer-se que a batalha de 20 de Fevereiro de 1827 pôz termo á guerra do sul, suscitada pela questão da separação da Cisplatina; termo subseqüentemente pactuado entre o Brasil e as provincias unidas do Rio da Prata pela convenção de 27 de Agosto d'aquelle anno. D'aquelle epocha em diante os exercitos belligerantes ostentaram-se em movimentos estrategicos para a fronteira do Rio-Grande, sem que se approximassem ás raias confinantes entre os dois territorios.

O exercito brasileiro decampou do Jacuhy, indo pos-tar-se no rincão do Leiva d'aquelle fronteira, e o argen-tino, largando o campo do rio Jy, que occupava retirando-se da batalha do passo do Rosario, tomou posição nos campos do Serro-Largo. Susteram-se as hostilidades entre os dois exercitos por armisticio que precedeu á convenção de 27 de Agosto, e o brasileiro foi desmembrado

em corpos, que marcharam para os seus respectivos quartéis.

Do movimento revolucionario que durou na provincia de S. Pedro dez annos (de 1835 a 1845), e que alguns o alcunharam de rebellião só por lhe fazer injuria, indevidamente, porque apenas foi n'elle envolvida uma fracção da população da provincia, estando esta longe de alterar as formulas governamentaes adoptadas; e esse movimento foi posto em perpetuo esquecimento pela alta munificencia do imperante. D'elle, em que só intervieram, por honra dos rio-grandenses, alguns grupos da classe proletaria, d'essa força brutal operante que irreflectidamente accede a transbordamentos, trarei para esta biographia os trechos que possam dar luz á narrativa dos feitos do coronel Ribeiro n'esse movimento, e pelo teor da pratica precedentemente seguida na exposiçáo dos combates da guerra do sul, em que Ribeiro teve parte.

Entre os motivos com que se procurou cohonestar esse movimento foi o da destituição do coronel Ribeiro do commando da fronteira do Rio-Pardo, só fundada em falsas apreheções (5); e com quanto fosse estranhavel ao commandante essa caprichosa destituição, não a apreciou, todavia, como emergencia que actuasse em seu animo cavalheiroso para fazer causa commum com o movimento, embora considerado fosse como um distincto e brioso veterano do exercito; fitando um passado tão cheio de honra e victorias. Foram os seus amigos que puzeram em relevo esse acto imprudente da presidencia da provincia quando ao proprio demittido lhe fôra indifferente; não autorisando para que se pense o contrario o haver Ribero adherido á

(5) Visconde de S. Leopoldo. *Annaes da provincia de S. Pedro*: letra E, pag. 367.

revolução em seu começo, porque a isso o puniu, bem como a outros muitos, os desmandos do governo (6).

E' uma verdade authenticada por factos que o governo da provincia em vez de consultar sua consciencia justa e reconhecidamente benigna, era para a governação da provincia actuado por uma força irascivel, estranha e irresponsavel, por um animo pujante para vindictas, que por mais de uma vez aggreuiu o bom senso e brio proverbial dos rio-grandenses, levando-os por fim ao rompimento de 1835.

O coronel Ribeiro, pronunciando-se pela revolução, reuniu-se a Bento Gonçalves, que a tinha promovido e a expandira por alguns districtos do interior ; e esteve com este alguns dias sem tomar a menor parte na gerencia do movimento, e nem autorisar para os seus actos com o honroso conceito publico que gozava.

Este concurso durou pouco porque, substituida a presidencia da provincia pelo Dr. A. Ribeiro, e negando-se a este o tomar posse na capital, assumiu-a na cidade do Rio-Grande. Semelhante infundado procedimento, e actos praticados pelos revolucionarios, uns violentos e outros em vingança de antigas derrotas no campo da politica, incutiram no animo do coronel Ribeiro desconfianças, que o tempo converteu em verdade ; e este, deixando a causa da revolução, offereceu seus serviços ao novo presidente, que os aceitou de bom grado; e dando-lhe o commando das armas da provincia o incumbiu da reunião de forças para auxilio da capital, que se achava em sitio posto pelos revolucionarios e ella mesma em poder d'estes.

A presença do coronel Ribeiro nos arredores da capital, á frente da guarda nacional, que pôde alli reunir, animou

(6) Obra citada, letra E, pag. 361.

a tropa que residia na cidade a tomar armas contra os sitiados, pondo em captura e deportando atrozmente a muitos cidadãos por supposta connivencia com a causa do movimento. Para esta reacção, havida em 15 de Junho de 1836, concorreu a approximação á capital das forças do coronel Ribeiro.

Parece que não é inoportuno ponderar n'este lugar, que a revolução da provincia de S. Pedro prestes terminaria, se a principio a comprimissem com os proprios filhos da provincia não envolvidos no movimento, desprezando-se influencias perniciosas e forças estranhas, com cujo concurso mais se exacerbaram os animos dos dissidentes, em quem rumorejavam cada dia recriminações que lhe lançavam, e ainda sujeitos ao predomínio de amargas tradições de rivalidade politica. Assim, espaçou-se o termo da revolução por dez annos.

A parte sensata e mais prestigiosa da população da provincia por sua posição e abastança não interveiu no movimento, e ainda que foi ella sempre respeitada nas emergencias da luta a despeito da reprovação que lhe manifestou, com zelo tomaria a si a ostensiva repressão d'ella, ou por si ou por seus adherentes, se lhe depositassem confiança, que implicitamente se lhe negou, chamando para combatê-la forças mercenarias e forasteiros da infima classe; se a não considerassem como embaida por espirito revolucionario. Ella appareceria em campo, e, attento o seu pundonor de brasileiro, por certo repelliria o concurso de vendilhões forasteiros, e de miseraveis que traficavam com a baixa chatinage, que formavam quasi exclusivamente as fileiras dos que debellavam a revolução.

Em todas as povoações da provincia havia um grande numero d'esses homens, que, unindo velhas antipathias ao desassissamento de se lhes dar armas contra brasileiros,

ousados prevaleciam-se d'esse infeliz ensejo para ostentarem animadversões e insultuosa arrogancia com vis apodos e convicios contra os filhos do paiz ; para, com ignobil ascendencia sobre a autoridade publica, pondo-a em coacção, disporem a seu bel-prazer do mando governativo. Procedimentos d'esta ordem havidos á minha vista, e sabibos por mim na capital e na cidade do Rio-Grande, autorisam o meu dito.

As forças dissidentes que sitiavam a capital, para se não acharem entre dois fogos, pois que o coronel Ribeiro marchava sobre ellas, e a tropa da reacção preparava-se para a offensiva, retiraram-se apressadamente procurando apoio no rio Caby, que em seguida o transpuzeram tomando posição entre este rio e o Taquary.

No encalço d'essas forças foi o coronel Ribeiro com a tropa da capital e guarda nacional que pôde reunir, o que presentido por ellas e depois de pequenos recontros sem exito, procuraram o abrigo da ilha do Fanfa no rio Jacuhy, no intuito de transporem o rio para a sua margem direita e dirigirem-se para o interior.

O coronel Ribeiro chamou para alli a esquadriha de Greenfell, afim de interceptar aos revolucionarios a passagem do rio, e com a certeza d'essa medida accommetteu-os de arrancada, não encontrando-lhes resistencia; e todos se entregaram á discricção com o seu commandante o coronel Bento Gonçalves, que foi conservado preso a bordo da esquadriha, e d'alli transferido para as prisões da Bahiá.

Na capital desembarcaram o italiano Zambicari e um medico francez, que serviram com os revolucionarios, o que sabido pela infima gentalha portugueza, seriam victimas do seu apedrejamento, se não lhes sahisse ao encontro o proprio presidente da provincia.

Conforme as ordens dadas ao coronel Ribeiro, os dissi-

dentes que depuzeram as armas na ilha do Fanfa foram largados á vontade, depois de juramentados de abandonarem a causa que até alli seguiam. O official, porém, que presidiu a esse acto, recobrando insultos que lhe era usual, infringindo cobardemente as ordens que recebêra do coronel Ribeiro e do commandante da esquadilha, a alguns não dispensou da prisão, e não poupava injurias e chascos de ribeirinho aos officiaes que alli compareciam.

Pela derrota dos revolucionarios na ilha do Fanfa foi Ribeiro promovido a brigadeiro e reintegrado no commando das armas da provincia ; e para melhor exercê-lo partiu para o interior a robustecer a opinião favoravel ao governo, que até aquella derrota vacillava, e a dissuadir os dissidentes de novas tentativas no sentido da revolução, exemplificando o seu dito com a derrota do Fanfa e a prisão de Bento Gonçalves.

Então apresentou-se situação azada para chamar á ordem e ao regimen constitucional os desavindos por sobre os quaes lavrava o desanimo pelos desbaratos experimentados e pela privação do seu chefe, e o remordimento pela decadencia da opulenta provincia de S. Pedro posta por elles.

O regento Feijó não desapercebeu-se d'ella, e com essa intenção começou por nomear para presidir a provincia de S. Pedro a Feliciano Nunes Pires, homem de reconhecida moderação, bastante illustrado e bem conhecido na provincia, onde residia desde sua infancia, e por ella eleito deputado ao corpo legislativo, e pelo governo ordenou-se ao general Ribeiro, que se dirigisse para o interior da provincia, sendo ahí o seu primeiro empenho conciliar os animos chamando a uma concordia geral e segura os rios-grandenses divorciados por opiniões politicas.

Recommendações por esse teor foram feitas aos presi-

dentes das provincias que confinam com a de S. Pedro (7), sabendo-se que para ellas correram muitos dos que se haviam envolvido na luta revolucionaria : mas, hurlados foram todos os esforços do governo para que essa luta tivesse termo, e mallogrado o afan em que n'esse sentido lidava o general Ribeiro.

O governo tinha em frente uma obstinada e facciosa opposição, que se encastellára no senado, opposição que tinha por base uma politica lacanha, e toda pessoal, e a que não pôde resistir o regente dando sua demissão, a despeito de ter por si a consciencia publica, abroquelado de um civismo puro de vicios politicos, e praticando abnegações que nenhum dos seus adversarios podia imitar ; e o general Ribeiro foi compellido a affrontar o brutal tratamento do presidente da provincia que substituiu ao Dr. Araujo Ribeiro, que pedira sua demissão.

O primeiro acto do novo presidente, o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, homem de mais philautia do que discernimento, de mais ineptia do que illustração, desmentindo na pratica o instincto administrativo que inculcava ; o inicio da sua presidencia foi obrigar a que o seu prudente e circumspecto antecessor se recolhesse preso á côrte, pondo-o obsediado até á sua retirada da capital. A isso seguiu-se o dirigir reclamações a varios presidentes de provincias exigindo a extradição para a de S. Pedro, d'aquelles a quem alcunhava com o estigma de criminosos,

(7) Presidindo á provincia de Santa Catharina, tive recommendações do digno ministro da justica, o Sr. Montezuma, hoje visconde de Jequitinhonha, para que fossem aceitos, e alli conservados emquanto se mantivessem na ordem e não compromettessem a segurança publica, os individuos egressos do poder dos revolucionarios ; pois que eram brasileiros desilludidos que deviam encontrar favoravel acolhimento da parte dos defensores da legalidade.

que deviam ser atirados á como bestas ferozes e indomáveis (8), por haverem estado ao serviço dos rebeldes, e que para fugirem a perseguições e a insultos ignominiosos, retiraram-se da provincia depois de serem indultados, procurando n'outras um asylo á segurança pessoal, o esquecimento da vida politica que haviam renunciado.

Requintou porém a insensatez do presidente no facto de, demittindo o general Ribeiro do commando das armas, que se occupava com lealdade no interior da provincia a apaziguar os ânimos dos que se irritaram pelo não cumprimento do indulto concedido aos dissidentes depois da batalha do Fanfa, ordenar-lhe que quanto antes se apresentasse na capital; e sem esperar o cumprimento d'esta ordem rompeu d'alli seguido de numerosa força armada, com o fim de ir ao encontro do general e trazel-o preso consigo.

O general foi com alguma antecedencia avisado da estulta intensão do presidente, e acercando-se de algumas forças dos revolucionarios que vagavam no interior, dispôz-se a esperar o presidente no passo de Tapevi, e n'esse lugar o atacou em 23 de Março de 1837, afugentou as forças que o escoltavam, e o reteve preso em seu poder por quasi tres mezes, trazendo-o após si nas marchas que fazia.

Com semelhante desassizada provocação ao tempo que Ribeiro com dedicação e esmero empregava-se na completa pacificação da provincia, aconselhando aos dissidentes, de novo irritados pelo feroz procedimento das forças do governo assestadas pelo presidente, que abandonassem uma causa que não podia prevalecer como contraria ao pensamento da grande maioria da provincia, foi o general

(8) Proprias palavras do presidente n'uma proclamação dirigida ás tropas do governo.

compellido a adoptar outra vez essa causa, e prestar-lhe seus serviços.

Obrigado assim Ribeiro a sahir a campo á frente de forças que espontaneamente se lhe reuniram, foi o seu primeiro feito d'armas investir a 8 de Abril d'aquelle anno a villa de Caçapava, guarnecida com um batalhão e dois esquadrones de linha, desbaratando essa força, que cahiu em seu poder, mandando-a livremente para a capital.

O coronel Bento Gonçalves evadira-se da prisão da Bahia, e, apparecendo na provincia de S. Pedro, reassumira a sua autoridade, pondo-se á frente da revolução, e das forças postadas nos suburbios da capital, que emprendiam ligeiramente ataques parciaes, o mais forte dos quaes foi o da villa do norte, que defendeu-se heroicamente, pondo em derrota e retirada as forças contrarias.

O general Ribeiro, depois da tomada de Caçapava, deu-se a percorrer o interior da provincia, perseverando na idéa de chamar á concordia os dissidentes d'alli; persuadindo-os com a intimativa imponente que lhe inspiravam seus feitos d'armas a disistirem da luta, com a qual sacrificava-se o bom-estar da provincia. Com este proposito encaminhou-se á fazenda de um amigo seu, que podia coadjuval-o em sua missão conciliadora; e como fosse avisado que estava alli a chegar com um troço de homens armados o marechal Sebastião Barreto, commandante das armas da provincia, andando na diligencia de reunir as forças governativas, Ribeiro teve de retirar-se logo da fazenda, pois que tinha só por companhia seu filho, Dr. Sebastião Ribeiro.

Existia entre o general Ribeiro e o marechal Barreto rivalidade que chamarei historica, começada desde o tempo em que aquelle principiou a colher os louros da victoria na guerra do sul, o que ralava ao outro, mascarando-a

sempre com aparente dissimulação. Rivalidade, que também era vivaz, e sempre encoberta por Barreto, e com a mesma origem, entre este e o general barão do Serro-Largo (9).

Aquella rivalidade só foi reconhecida pelo general Ribeiro, quando soube que a sua destituição do commando da fronteira do Rio-Pardo, fôra promovida instantemente pelo seu rancoroso adversario, que estava em muita intimidade com o presidente da provincia, e foi esse injusto rebaixamento uma das causas allegadas que preponderaram para a revolução na provincia.

Chegando o marechal Barreto áquella fazenda, soube que Ribeiro retirára-se d'alli á sua approximação. Immediatamente fez partir uma escolta em seu seguimento, ordenando-lhe que lhe fizesse fogo. A escolta atirou-o, como o visse cahir convenceu-se que o tinha assassinado, e n'essa persuasão ficou o commandante das armas

Ribeiro, ferido por duas balas, retirou-se para a mais proxima fazenda de um amigo seu, que preveniu a sua segurança chamando para alli forças que o puzessem a salvo de nova aggressão do seu cobarde e traiçoeiro adversario.

Em presença de tão feroz attentado, impossivel se tornou essa missão conciliadora do general Ribeiro; dando de mão a ella, e logo que sentiu-se em estado de resistir ás fadigas do campo, tratou de chamar a si as forças revolucionarias, que prestes acudiram sabendo do intentado assassinato do general. A' testa d'essas forças, dirigiu-se este para a cidade do Rio-Pardo, por lhe constar que alli se faria junção de todas as tropas do governo, destinadas a hostilizar no interior da provincia as forças contrarias, como insistia o commandante das armas.

(9) *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, vol. 23, pag. 541.

Com effeito, o novo presidente da provincia, marechal Elisiario, déra-se inconsideradamente a esse plano ; e organisando d'essas tropas uma divisão, deu ao commando do marechal Barreto.

Esta divisão, com a força de mil e duzentas praças, dividida em duas brigadas, uma, ao mando do brigadeiro Calderon, e outra, ao do coronel Lisboa, marchou por terra para o Rio-Pardo, e alli achou-se em 20 de Abril de 1838, encantoada nos suburbios da cidade, e parecendo bem espaldada pelo rincão d'el-rei, e pelo rio que lhe corre nas abas, persuadindo-se o commandante da divisão, que ficava assim guardado de qualquer acommettimento que se lhe fizesse ; sem se recordar que o forte das manobras do general Ribeiro em frente do inimigo era a surpresa, sem ter confiança nas tropas que commandava, disciplinadas e dispostas a todo o transe, para fazel-as sahir do recanto da cidade, e collocal-as em presença dos revolucionarios, que apenas continham metade das tropas do governo.

O rio foi vadeado n'uma noite pelos revolucionarios, sem que contra isso se premunisse o commandante da divisão, e nem de tal dêsse fé ; e na antemanhã de 30 de Abril, atravessado o rincão, cahiram sobre a descuidada divisão, que foi derrotada e posta em fuga para o interior da cidade com não pequena perda de mortos, entre estes o coronel Lisboa, que portou-se com bravura, sendo apprehendido bastante armamento, munições de guerra e numerosa cavallada.

Effectuado este golpe de mão, marchou o general Ribeiro em direção ao rio Cahy para impedir que se unissem á divisão de Barreto os reforços que partiam da capital ; e sabendo que no passo do Contrato d'esse rio achavam-se duas canhoneiras retidas á espera do presidente Elisiario, e

alguns officiaes que se retiravam do Rio-Pardo, depois da derrota da divisão, foram ellas tomadas sem resistencia, e postas em poder dos revolucionarios. Em seguida partiu o general para o interior da provincia, visto que o coronel Bento Gonçalves reaparecêra á frente dos revolucionarios, que haviam assentado campo nas immediações da capital.

O reaparecimento de Bento Gonçalves á testa da revolução do Rio-Grande, trouxe-lhe principios politicos, que não eram consentaneos com as convicções dos seus habitantes, e nem foram aceitos no começo do movimento. O regimen puramente democratico, em vez do monarchico constitucional que se achava firmado no Brasil, foi aquelle propagado por Bento Gonçalves, ou fosse por magoado de traições e padecimentos que soffrêra, cahindo nos ferros do poder, depois da batalha do Fanfa, ou por promessas feitas aos que coadjuvaram a sua evasão das prisões da Bahia.

E' certo que a nova propaganda politica não podia deixar de ser bem acolhida pelos que estavam em immediata connexão com a origem de onde partira. Não podiam desprezal-a os que sempre com arma em punho, caminhando pertinazmente na senda de perigosos compromettimentos, e sentindo-se como pervertidos por uma idéa falsa; e assim, entregaram-se irreflectidamente a ella, e deram-se a sustental-a. Mas, é tambem certo, que esta innovação no systema politico adoptado tão conscienciosamente pela provincia e n'ella robustecido, inculida por meio das armas, só podia ser acéita por esses desavinhos, que, não como *homens perdidos*, como os chamou uma voz no senadò, mas levados por insinuações erroneas, tomaram o falso pelo verdadeiro. Seria como o foi, repudiada pela maioria sizada e illustrada dos rio-grandenses.

O general Ribeiro que a repelliu implicitamente, e aos poucos se foi escóando da sua acção militante, embora só

abraçada pelos sectarios da revolução que estavam em campo, retirou-se do rio Cahy, depois de apresadas as duas canhoneiras, e seguiu para o interior, denegando-se a reiterados chamamentos que lhe fizera o chefe da revolução, e dispersando em Alegrete mil e duzentos homens de forças que o acompanhavam, tendo antes repellido a seguidos tiroteios que em Julho de 1840, alli lhe fizera o coronel Loureiro com oito centos homens que commandava, e mililava a favor do governo.

Não entendendo Bento Gonçalves que, com a retirada de Ribeiro e dispersão das forças que commandava, significava isso renuncia á causa da revolução; e tanto mais porque affrontára elle os accommetimentos que em Alegrete lhe fizera o coronel Loureiro, lembrou-se de nomeal-o commandante geral da fronteira da provincia.

Nem por isso o general Ribeiro desistiu de suas convicções, e retirando-se para o territorio de Montevidéo, d'alli solicitou amnistia ao poder moderador, que promptamente lh'a concedeu, e seguindo para a côrte a render homenagem ao imperador, e a manifestar seu agradecimento por aquelle acto da munificencia imperial, ordenou-lhe o governo que regressasse para a provincia e entrasse no serviço do exercito.

Assim o praticou o general Ribeiro, e dando-se-lhe na provincia o commando do uma forte columna das tropas do governo, em 26 de Maio de 1843 pôz em debandada junto ao arroio Poncheverde as mais numerosas forças dos revolucionarios, e de modo que d'ahi avante desistiram estes da offensiva na luta travada entre si e as tropas do governo, conservando todavia as armas em mão, até á amnistia geral.

Como em remuneração d'este ultimo feito d'armas de Bento Manoel Ribeiro, foi este promovido a marechal de

campo, e por achar-se em idade muito avançada, e alquebrado de tamanho em sua vida militar, reformou-se em tenente-general, em cujo posto durou pouco, terminando sua existencia no retiro da sua fazenda, em Jaráo, e no seio de sua familia.

A seu nome acompanhará sempre, pela provincia de S. Pedro, recordações de gratidão, e pela de S. Paulo, sua patria, as de ufania e prolfugas.

Porei aqui remate a este trabalho, em que tive por unico fim invocar reminiscencias por sobre esse velho guerreiro, que só deixou traços do seu valor em combater n'esses campos, onde se levantam agora distinctos generaes, que á frente dos briosos e valentes pelejadores rio-grandenses saberão manter as tradições gloriosas dos que os precederam, empenhando-se em sustentar illesa a honra da patria.

S. Paulo, 31 de Julho de 1865.

J. J. Machado d'Oliveira.

FIM DO TOMO XXXI, PARTE I.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXI PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

	PAG.
MEMORIA sobre o melhoramento da provincia de S. Paulo, applicavel em grande parte ás provincias do Brasil, por Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.	
ADVERTENCIA.....	5
INTRODUÇÃO.....	7

PARTE PRIMEIRA

Capitulo I—Descripção da capitania de S. Paulo.....	8
Capitulo II — Circumstancias proprias da parte maritima.	9
Capitulo III—Das propriedades que adornam a outra parte central.....	10
Capitulo IV—Dos meios proprios e regras geraes para o aproveitamento da parte maritima.....	14
Capitulo V —D'outros objectos de semelhante e grande importancia.....	20
Capitulo VI —Dos officios que deve prestar o governo....	28
Capitulo VII—Observação primeira, sobre o córte de madeiras.....	30
Capitulo VIII—Observação segunda: a cerca dos ancoradouros mais notaveis e de algumas propriedades particulares de cada um dos concelhos d'esta costa, e entradas dos principaes rios do limite septentrional até o austral.....	31
Capitulo IX—Observação terceira e ultima: sobre as pescarias e lugares em que mais convém estabelecerem-se.....	38

PARTE SEGUNDA

Capitulo I—Do que se deve presentemente fazer nas terras centraes da capitania de S. Paulo..	39
Capitulo II—Da cultura arborea e cercal.....	47
Capitulo III—Das causas que tem retardado o progresso da agricultura em S. Paulo	54
Capitulo IV—Das providencias necessarias para a defesa da capitania, tanto por mar como por terra .	63
Capitulo V—Das fabricas e manufacturas em geral.....	66
Capitulo VI—Das forjas e ferrarias.....	68
Capitulo VII—Das fabricas proprias dos lavradores.....	70
Capitulo VIII Do commercio geral da capitania.....	71
Capitulo IX—Da povoação e como se póde ella introduzir de fóra e haver do proprio paiz.....	74
Capitulo X—Dos meios necessarios para a execução dos planos propostos.....	91
Capitulo XI—Como se deve regular e distribuir a povoação no Brasil.....	100
Capitulo XII—Da administração publica.....	103
ABERTURA de comunicação commercial entre o districto de Cuyabá, e a cidade do Pará, por meio da navegação dos rios Arinos e Tapajós, emprehendida em Setembro de 1812 e realisada em 1813, pelo regresso das pessoas que n'essa diligencia mandou o governador e capitão-general da capitania de Mato-Grosso (copiado do Archivo publico.)	
DIARIO da viagem que por ordem do Illm. e Exm. Sr. João Carlos Augusto d'Oeynhausien Grevenburg, governador e capitão-general da capitania de Mato-Grosso, nomeado para a do Pará, fizeram os capitães Miguel João de Castro e Thomé de França, pelo rio Arinos, no anno de 1812.....	107
Resumo analytico dos lugares mais notaveis nomeados no <i>Diario</i> supra e calculo de approximação da distancia que pensamos ter, desde o porto de nosso embarque, até a cidade do Pará.....	158
DOCUMENTOS sobre a Colonia do Sacramento (copiados do Archivo Publico).....	161

CÓPIA. Carta regia que contém o pleno poder e ampla faculdade para o Illm. e Exm. Sr. marquez do Lavradio repellir e propulsar no seu proprio nome todas as violencias do governador de Buenos-Ayres, e executar tudo o mais que lhe vai ordenado pelas instrucções expedidas e assignadas pelo Illm. e Exm. Sr. marquez de Pombal.

Duas cartas de instrucções que contém o espirito da sobredita carta regia, estabelecendo todo o systema da execução d'ella, e da defesa e restauração dos dominios do sul : e approvando tudo o que até agora se tem determinado. 180

SEGUNDO TRIMESTRE

PERNAMBUCO. Revolução de 1817. Interrogatorios mais importantes dos réos (Extrahidos do Archivo Publico).

Perguntas a Luiz Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque. 213

Perguntas a João do Rego Dantas. 237

Perguntas a Agostinho Bezerra. 253

Perguntas a Basilio Quaresma Torreão. 259

DOCUMENTOS sobre o Rio-Grande de S. Pedro, Santa Catharina e Colonia do Sacramento, etc. (Extrahidos do Archivo Publico)

Capitulação da Colonia do Sacramento—Alguns artigos, 1762. 265

Accordo com Cevallos sobre a linha de limite dos dois acampamentos. 272

Occurrencias no Rio-Grande depois da tomada da Colonia em 1763. 272

Copia del vando que mandò publicar D. Joseph Nieto impediendo el trato, comunicacion, y negocio con los portugueses. 276

Copia do bando ordenando que os hespanhões sejam tratados como amigos vindo ao campo neutral, e prohibindo o tracto e commercio com os mesmos alem do dito campo. 278

Invasão da provincia do Rio-Grande de S. Pedro pelos castelhanos em 1763. 280

Orçamento das forças tórrestres e navaes, que verosimilmente se pôde julgar que os castelhanos tenham no Rio da Prata e sul do Brasil, depois que chegar a Buenos-

	PAG.
Ayres a ultima expedição que partiu de Cadix no mez de Agosto d'este presente anno de 1774, e combinação d'ellas com as forças de Sua Magestade n'aquellas fronteiras	311
Resumo das forças que se acham no Rio de Janeiro, e nos districtos de sua dependencia, soccorros e outras providencias, com que Sua Magestade tem mandado assistir á dita capitania	344
Cópia de uns paragraphos de uma carta do Illm. e Exm. Sr. marquez de Pombal de 31 de Julho de 1776, dirigida ao Illm. e Exm. Sr. marquez vice-rei, que contém as ordens seguintes para eu executar	347
Da relação da conquista de Colonia, pelo Dr. P. Pedro Pereira Fernandes de Mesquita : escripta em Buenos-Ayres em 1778	350
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres, por armas, letras, virtudes, etc.	
Henrique Dias, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro ..	365
O tenente-general Bento Manoel Ribeiro, pelo brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira	384

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXI

Parte segunda

*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.*



RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1868

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1868

A ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

ESTUDO HISTORICO E LITTERARIO

Lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PELO SOCIO EFFECTIVO

CONEGO DOUTOR J. C. FERNANDES PINHEIRO

(Em sessão de 31 de Maio de 1867)

« Outra academia a havia precedido, da qual nos guardou memoria escriptor coevo (Rocha Pitta): erigiu-se n'essa mesma capital (a cidade da Bahia) pelos annos de 1724, favorecida pelo vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, doutissima sociedade com o titulo de *Academia Brasilica dos Esquecidos*, e dos seus exercicios, que tinham lugar no proprio palacio do governo, surdiram interessantes producções ; por fatalidade FORAM PERDIDAS IRREPARAVELMENTE por não se haverem deixado cópias no incendio da não *Santa Rosa*, em a qual, a collecção era remetida para Lisboa, afim de imprimir-se. »

(*Desenvolvimento do programma historico* « O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, E' O REPRESENTANTE DAS IDEAS D'ILLUSTRAÇÃO, QUE EM DIFERENTES EPOCHAS SE MANIFESTARAM EM NOSSO CONTINENTE » *pelo Visconde de S. Leopoldo, impresso na REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO tomo 1, n. 2.*)

Um conjuncto de circumstancias a que alguém denominaria *acaso* e que eu abstenho-me de qualificar permittiu que os trabalhos d'*Academia Brasilica dos Esquecidos*, que

o venerando primeiro presidente do nosso Instituto considerava *irreparavelmente perdidos*, viessem parar ás mãos do mais humilde dos seus secretarios. Considerando como uma especie de legado d'honra o proseguir na tarefa iniciada por meu saudoso tio, peço venia para entreter a vossa attenção com o resultado do minucioso estudo que fiz dos tres grossos volumes *in-folio*, nos quaes os escriptos dos academicos bahienses dormiam o somno do *esquecimento*.

Parte integrante da familia portugueza, acompanhava o Brasil todas as oscillações politicas, sociaes e litterarias, que se operavam na metropole; assim pois, parece-me acertado ir buscar além do Atlantico a extremidade do fio electrico que na séde da colonia luso-americana vibrava as fibras da intellectualidade.

1

Notam os historiadores que, uma como epidemia moral accomettêra as letras no fim do seculo XVI e começo do XVII: d'essa epidemia foram principalmente victimas, dois povos da raça latina, que n'essa época caminhavam á frente da civilisação européa, em que pese a seus detractores. Marini na Italia e Gongora na Hespanha eram dois astros que arrastaram em sua orbita crescido numero de satellites. Imperava o máo gosto, que só por antiphrase pôde ser chamado *cultismo*.

Levado por sua enthusiastica admiração pelo dictador napolitano, não duvidou Lope de Vega dizer que *Tasso não fôra mais do que a aurora do sol de Marini*.

« Desde meiado do seculo XV (diz o Sr. Tiknor), e quando o conhecimento dos grandes mestres d'antiguidade se generalizou entre os homens estudiosos dos povos occidentaes, trabalhou-se por formar e cultivar nas principaes

nações da Europa um estylo digno de taes modelos. Alguns d'esses esforços foram dirigidos com acerto e sagacidade, como o prova a serie d'illustres poetas e prosadores da christandade, que chegaram a competir com os antigos modelos; outros ao contrario, afeiados pelo pedantismo e falso bom gosto, foram condemnados a perpetuo olvido; porém a epocha em que mais disparates se escreveram, e em que a falta absoluta e discrição chegou ao cumulo, foi pelo fim do seculo XVI e principio do XVII, periodo em que dominaram em França os intitulados *pleiades*, na Inglaterra os *euphoistas*, e na Italia os *marinistas*.

« Difficil é determinar com exactidão até que ponto o máo gosto que reinava n'esses paizes influiu nas tendencias d'igual especie que se manifestaram na Hespanha: é provavel, porém, que a litteratura predilecta em Londres e Paris fosse pouco conhecida em Madrid porém não succedia o mesmo a respeito da Italia: qnanto n'ella se escrevia passava immediatamente á Hespanha, principalmente nos reinados de Philippe II e III (1). »

A influencia de Marini, que no dizer d'um moderno escriptor (2) foi talvez depois d'Ariosto o mais natural dos poetas italianos, fez-se sentir igualmente em França, onde acolhido pelo grande rei Henrique IV, achou na sociedade de Menage, Benresade, Vaugelas, Voiture e Balzac ferreiros admiradores.

Sobre a primordial causa do máo gosto que infeccionou a litteratura dos povos neo-latinos travou-se séria polemica entre italianos e hespanhóes. No seu *Risorgimento d'Italiene Studj*, accusou Bettinelli aos escriptores castelhanos, principalmente a Lope de Vega e Calderon de la Barca,

(1) *Historia de la literatura espanola*, traducida al castellano por D. Pascual Gayangos e D. Henrique Vedia, tomo III.

(2) Perrens. *Histoire de la littérature italienne*, Paris, 1866.

d'haverem corrompido o sentimento do *puro e do bello* que existia na Italia: e Tiraboschi na sua *Storia de la Letteratura Italiana*, publicada entre os annos de 1772 e 1783, seguiu a mesma opinião, chegando a attribuir ao influxo do clima hespanhol a origem do máo gosto que corrompêra a litteratura latina, desde a chegada a Roma dos Senecas, Lucanos, Marciaes e outros, até os tempos contemporaneos, lançando ás costas dos hespanhóes *os desatinos de Marini* e sua escola.

Ao libello italiano oppuzeram contrariedade alguns jesuitas hespanhóes foragidos, em consequencia da sentença contra elles fulminada por Carlos III. D'entre as obras de sua lavra avanta-se o *Saggio Storico Apologetico de la Letteratura Spagnuola* devido á erudita penna de D. Francisco Xavier Lampillas, na qual, examinando uma por uma as asserções de Tiraboschi, reclama para a sua patria a prioridade no cultivo da intelligencia, e tomando a defesa do theatro hespanhol, violentamente agredido por Bettinelli, esforça-se por demonstrar o fastigio a que o souberam elevar os genios de Vega, Calderon, Cervantes e Tirso de Molina.

« O resultado de semelhante contenda (pensam os Srs. Gayangos e Vedia) prova que, tanto na Hespanha como na Italia, reinou muito máo gosto litterario, e que este máo gosto pôde de certo modo augmentar-se, pelas relações e sympathias existentes n'esse tempo, entre ambos os povos; porém que a nenhum d'elles pôde fazer-se exclusivamente responsavel pela sua origem e propagação (3). »

Se intimas e continuas eram as relações entre a Italia e a Hespanha, ainda mais continuas e intimas eram as rela-

(3) *Historia de la Literatura Espanola de Ticknos, traducida y anotada por Gayangos e Vedia, tomo IV.*

ções entre a Hespanha e Portugal. A identidade de origem, a semelhança de linguagem e os entrelaçamentos das respectivas familias reinantes contribuíam poderosamente para esse amalgama, que fez dizer ao illustre Garrett *que até bem tarde a litteratura das Hespanhas fôra quasi toda uma* (4). Obedecendo ás leis da gravitação, eram a lingua o litteratura portuguezas sacrificadas ao elemento hespanhol, que como mais pujante o attrahia e fascinava. Se o provençal foi por muito tempo considerado como a lingua poetica por excellencia, pareceu tambem o castelhano gozar d'identica prerogativa desde o seculo XV até os fins do XVII. Crescido numero d'escriptores portuguezes trocaram o patrio idioma pelo de seus conterraneos: Jorge de Montemor compôz em castelhano a sua *Diana*; Sá de Miranda, Gil Vicente e o proprio Camões ambicionaram os louros d'ambas as litteraturas, ao passo que não nos consta que um só author hespanhol d'alguma nomeada renunciasse a sua lingua para servir-se da portugueza. Verdade é que o marquez de Santillana na sua celebre carta endereçada ao condestavel de Portugal, filho de D. Pedro, duque de Coimbra, diz que até o meiado do seculo XV *cualesquier decidores e trovadores d'estas partes, agora castellanos, andaluces ô de la Estremadura todas sus obras componian en lingua gallega, ô portuguesa* (5); mas, sobre ser *singularissima* essa asserção, accresce o achar-se ella hoje contestada por pessoa mui competente e autorizada. Nas suas *Memorias sobre a poesia e poetas hespanhóes* (6) o doutissimo Sarmiento assim se exprime: *Yo como interesado en esta conclusion, por ser gallego, quisiera tener presentes los*

(4) Introducção ao *Romanceiro*, tomo II.

(5) Vide a *Collecção de poesias castelhanas anteriores ao seculo XV* publicadas por D. Thomaz Antonio Sanchez, tomo I.

(6) Impressas em Madrid no anno de 1775, tomo IV pag. 496.

fundamentos que teve el marquez de Santillana, pero en ningun autor de los que ho visto se halla palabra que puede servir d'alguna luz. »

O seculo XVI justamente appellidado dos Medicis, graças á generosa protecção prestada ás letras, sciencias e artes por Lourenço Magnifico, Leão X e Clemente VII, vira nascer ou prosperar Machiavelli, Ariosto, os dois Tassos, Bembo e Sannazaro, brilhantes lampadarios, cujos reflexos, transpondo os Alpes e os Pyrenêos, foram modificar o gosto de Ronsard e Marot, e fizeram de Boscan e Garcilaso devotados e adeptos da escola italiana.

Persuado-me que, para fructuosamente estudar as litteraturas dos mais occidentaes da Europa, releva tomar a Italia por centro das nossas investigações. Alguem disse que a Allemanha era o laboratorio do engenho humano : sê-lo-ha talvez hoje, mas por certo que o não éra na epocha a que me estou referindo.

Penetrára em França a litteratura italiana, não só em virtude da vizinhança, mas ainda em razão das continuas guerras de Carlos VIII e Francisco I, seguidas d'allianças, matrimonios com duas princezas da illustre casa dos Medicis. Fez a mesma litteratura triumphal entrada na Hespanha na comitiva do grande capitão Gonçalo de Cordova, e no sequito ainda mais esplendido do augusto neto de Fernando e Maximiliano. Portugal, porém, nunca se achou em contacto com a Italia; assim, pois, pôde-se dizer que a sua litteratura é *terciaria*, para servir-me d'uma expressão consagrada pelos geologos. O raio do sol dos Medicis não illuminava os horizontes portuguezes senão perpassando pelas veigas de Castella : Sá de Miranda era mais discipulo de Boscan e Garcilaso, do que de Sannazaro e Guarini; e Gil Vicente, cuja originalidade tanto precon-

sam os seus illustrados editores (7), segue passo a passo João del Encina, que por sua vez se havia inspirado nas comedias de Bebiena e Ariosto.

Longe de mim a intenção de desbotar os laureis que ornam as nobres frontes dos patriarchas da nossa litteratura ; mas n'um trabalho como este, perante o auditorio que me faz a subida honra d'ouvir ; entendo que, cumpre-me adoptar por norma de conducta o conselho de Sá de Miranda :

« Fallai em tudo verdades
« A quem em tudo as deveis.. »

II

Se nas ribeiras do Arno achava-se o diapasão que regulava a escala da litteratura, é lá que devemos ir procurar o gosto pelas palestras e academias ; gosto que tanto se propagou n'essa éra. Sabido é que que foi em 1540 que um limitado grupo de mancebos, reunidos em casa do florentino Mazzuali, concebeu e realizou o pensamento de constituir uma academia de letras. Por uma excentricidade inexplicavel adoptaram o titulo de *Humidos*, adornando-se com os mais esdrúxulos pseudonymos. Cosme de

(7) Os Srs. Barreto Feio e Monteiro tomaram a peito sustentar a inteira originalidade de Gil Vicente, e confesso que conseguiram convencer-me de tal modo que no meu *Curso Elementar de Litteratura Nacional*, publicado em Pariz em 1862, segui sem reserva a sua opinião. Hoje, porém, em consequencia d'ulteriores estudos, capacitei-me que os distinctos philologos portuguezes foram n'este ponto por demais influenciados pela antipathia ou antagonismo, que infelizmente ainda subexiste entre as suas nações co-irmãs da península iberica.

Medicis, que recentemente sequestrára as patrias liberdades em proveito seu, recebeu-se d'esse pacifico e inoffensivo congresso de *rãs, escorpiões, carpas, etc.* (8), e apresentou-se em dar-lhes sumptuosa hospedagem no seu proprio palacio.

Character indocil, espirito inquieto, não tardou Grazzini, mais conhecido pelo appellido academico de *Lasca*, em separar-se dos seus confrades, e constituir com alguns poucos amigos o nucleo d'um novo cenaculo, que, para não ceder em extravagancia ao seu emulo, passou a intitular-se *Accademia della Crusca* (do farelo), tomando por emblema uma peneira, na qual se lia a seguinte divisa: *Il più bel fior ne coglie* (d'ella sabe a mais bella farinha ; alludindo ao escrupuloso exame que tencionavam fazer do vocabulario italiano, ou antes toscano.

Como a torrente que despenhando-se da montanha alaga a planicie, centenares d'academias cada qual da mais grotesca denominação, inundou a Italia. Os *Immoveis*, os *Gelados*, os *Solitarios*, os *Surdos*, os *Insensatos*, os *Ociosos, etc., etc.*, celebravam suas sessões com todas as apparencias de seriedade ; e sobre os mais ridiculos themas escreviam maciças e pedantescas dissertações.

Transmittiu-se logo o gosto por essas reuniões litterarias aos paizes influenciados pela Italia : em França a marqueira de Rambouillet abre seus salões aos homens de letras, e o poderoso ministro de Luiz XIII, imitando o exemplo de Cosme de Medicis, expede cartas patentes e rodêa do privilegios a modesta convivencia d'alguns eruditos dados ao estudo do patrio idioma.

A proposito de palacio Rambouillet, pede : justiça que

(8) Estes, e outros ainda mais ridiculos, eram os nomes adoptados pelos *academicos humidos*.

não se confunda as duas diversas phases da sua existencia. Na primeira quando o seu accesso era ambicionado como um titulo de *suber e virtude*, quando no dizer de Bayle era elle um *verdadeiro templo da honra*, exerceu o poderoso e esclarecido patrocínio das letras, e contribuiu muito para o aperfeiçoamento da obra de Malherbe. « Se favoreceu escriptores mediocres (pondera Pellessier), tambem saudou os mais bellos genios da França, Corneille e Bossuet: e admirou e fez admirar a obra prima de Descartes, esse *discurso sobre o methodo*, considerado como o primeiro modelo da prosa philosophica. (9) » Não poderam, porém, escapar os sarãos da marquezia de Rambouillet da dura lei da decadencia e degeneração a que parecem votadas todas as creações humanas. O amor da novidade desvirtuou com o lapso de tempo tão uteis reuniões: importava fornecer cada noite novo alimento á indefessa actividade dos espiritos: foi então que chegou a epocha dos *rondós*, *sonetos*, *madrigues*, *acrosticos*, *anagrammas*, etc., etc.: foi então que Balzac e Voiture disputaram gravemente si se devêra dizer *muscadin*, ou *murcadin*. A essa segunda phase dos sarãos do palacio Rambouillet foi que Molière tão espirituosamente fustigou nas suas *Precieuses Redicules*.

Sáfaro mostrou-se sempre o solo hespanhol para a terra planta academica. A politica suspeitosa dos seus reis, a minace vigilancia do tenebroso tribunal da inquisição, aconselhava aos homens de letras o isolamento como medida de prudencia. Quando, porém, o espirito francez franqueou os Pyrenós com Philippe V viu-se logo surgir a *Academia Hespanhola*, gizada pela *Franceza*, e como esta

(9) *La Langue Française depuis son origine jusque à nos jours*. Paris, 1866.

incumbida da grandiosa fabrica do dictionario da lingua vernacula.

Fraco vestigio das academias italianas descobre-se na dos *Nocturnos*, de que foi alma o famoso dramaturgo Guillen de Castro; na dos *Desconfiados*, que por muitos annos floresceu em Barcellona; e na do *Bom Gosto*, estabelecida pela condessa de Lemus, pallido e froxo reflexo das eruditas conferencias do palacio Rambouillet.

III

Raramente vemos a independencia politica das nações corresponder á sua emancipação litteraria: assim Portugal despedaçando tão heroicamente os grilhões que lhe roxeavam os pulsos continuou a reconhecer por mais d'um seculo a hegemonia intellectual da sua antiga metropole.

« O veneno de Gongora e Marini (diz o Sr. Rebello da Silva) insinuava-se por todos os póros, e corrompia até as compleições mais robustas. Usavam d'aquellas excrescencias no estylo, como os signaes, os donaires e riçados altos se trajavam nos atavios cortezãos, desfigurando a phisionomia e as mais esbeltas proporções.

« O que não tinha resaios d'artificio, uma tinta violeta e afogueada, desprezava-se como inferior á fama do escriptor; e por isso n'aquelle seculo propenso ás agudezas e argucias de theses e argumentos nebulosos, intrincados e e sophistas, ninguem se eximiu inteiramente do contagio (10). »

Postos de parte os modelos das litteraturas grega e latina,

(10) Memoria sobre a *Arcadia Portugueza*, impressa no tomo 1.^o dos *Annaes das Sciencias e Letras*.

esquecidos ou desprezados os exemplares dos seus felizes imitadores do renascimento, considerava-se como requinte do bom gosto os metros ôcos e empolados como as *beixigas assopradas* e os *cascaveis do palhaço de Cervantes*, para a apropriar-me das felizes expressões do já citado Sr. Rebello da Silva.

Parodiando as memoráveis palavras de S. Remigio ao guerreiro Clovis, queimavam nossos avós tudo o que haviam adorado, e adoravam tudo o que haviam queimado. A *Ulyssea* de Gabriel Pereira de Castro e o *Affonso* de Quevedo Castello Branco lhes pareciam infinitamente superiores á monumental epopéa de Luiz de Camões, não faltando até quem antepuzesse as soporíferas rimas de Soror Violante do Céu ás maviosas eclogas e ingenuos villancetes do saudoso Bernardim Ribeiro.

Semelhante aos lichens que cobrem os rochedos, ou se enroscam nos annosos troncos das arvores, numerosas academias pullularam no charco do seiscentismo lusitano. Referindo-se a essa vegetação parasitica escrevia o inspirado autor de *D. Branca* e *Frei Luiz de Sousa*: « Tudo o mais é corrompido pelo máo gosto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade d'academias dos nomes mais extravagantes e incríveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, vã de toda a expressão, assoprada em phrases tão descommunaes, em conceitos tão ôcos que nenhum sentido se lhes acha, si algum tiveram os que tão absurdas cousas escreveram (11). »

Nem parecerá demasiada a severidade do illustre emulo

(11) Garrett— Introducção ao *Romanceiro*, tomo II.

de Manzoni e Saavedra (12) a quem se recordar que essas academias « renascendo umas das outras, esgotaram o ridiculo com zelo deploravel na preferencia dos assumptos, e apuravam-no além d'isto na turgidez dos vocabulos e no empolado das imagens (13). »

Deixando á margem crescido numero d'associações d'esse quilate que desde a restauração de 1640 se formaram em Lisboa e varias outras cidades e villas de Portugal, apenas farei menção das que mais caracteristicas me pareceram.

Uma das mais vivazes foi por certo a dos *Generosos*, hospedada pelo trinchante-mór D. Luiz da Cunha e tendo por secretario o conde de Villa-Maior. Grandes gabos grangeou ella dos contemporaneos, gabos que não foram confirmados pela *ingrata posteridade*.

O conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes), um dos mais conspicuos varões que n'essa epocha honravam as letras portuguezas, franqueou a sua livraria a uma reunião de doutos que entretinham-se na solução d'alguns problemas scientificos e litterarios. Estas conferencias, que tomaram o nome de *Discretas*, foram frequentadas pela flôr da nobreza, nascendo mui provavelmente em seu gremio o pensamento gerador do *Vocabulario*, que mais tarde levou ávante a infatigavel erudição de D. Raphael Bluteau.

A *Academia dos Singulares*, fundada por Pedro Duarte Ferrão, inquisidor-mór, levou as lampas ás suas concurrentes, e parece ter sido ella que servira de norma á *Brasilica dos Esquecidos*, que fórma o assumpto d'este mesquinho trabalho. Haviam os *Singulares* tomado por

(12) Angel de Saavedra, duque de Rivas, introductor do romantismo na Hespanha, assim como Manzoni e Victor Hugo o haviam sido na Italia e em França.

(13) O Sr. Rebello da Silva *loco citato*.

empreza uma pyramide, na qual viam-se inscriptos da base ao vertice os nomes d'Homero, Aristoteles, Virgilio, Ovidio, Camões, Garsilaso, Gongora e Lope de Vega, com a seguinte *modestissima* letra: *Solaque non possunt hæc monumenta mori*. Aberta a sessão com um discurso do presidente, seguia-se a leitura de poesias, nas quaes os socios mimoseavam-no com paradoxaes encomios, passando-se depois ao que hoje qualificariamos *d'ordem do dia*.

Na mui luminosa *Memoria* do Sr. Rebello da Silva, por mim tantas vezes citada, e que de tanto me serviu para a traça d'este *Estudo*, lêm-se alguns dos themas que maiores applausos mereceram da doutissima assembléa. Ora era o d'uma *dama que trazendo ao peito um Cupido, lhe estalou este aos raios do sol*; ora era o d'outra *dama que, tendo bons olhos nenhum dente conservava*.

Os *Instantaneos*, os *Solitarios*, os *Illustrados*, os *Occultos*, os *Humildes e Ignorantes*, os *Insignes*, os *Obsequiosos*, e os *Anonymos*, verdadeira *prolis volucrum* d'Ovidio, nasciam e morriam n'aquella *doce paz* que, segundo o chistoso Diniz, *reinava na igreja d'Elvas*.

Atravessemos agora o Atlantico e vamos assistir ás conferencias d'*Academia Brasilica dos Esquecidos*.

IV

Vasco Fernandes Cesar de Menezes (depois conde de Sabugosa), que governava o Brasil na categoria de vice-rei, cedendo a esse poderoso influxo, a essa especie de corrente electrica que, á espaços, atravessa os seculos, planejou a fundação d'uma academia, vasada no molde das dos *Generosos e Singulares*, que pareciam haver attingido ao idéal da perfectibilidade.

O eloquente historiador *d'America Portugueza*, e um

dos principaes luzeiros d'essa academia, dando conta da sua fundação assim s'expressa: « A nossa Portugueza America (e principalmente a provincia da Bahia), que na producção d'engenhosos filhos póde competir com Italia e Grecia, não se achava com academias introduzidas em todas as republicas bem ordenadas para apartarem a idade juvenil do ocio contrario das virtudes e origem de todos os vicios, e apurarem a subtiliza dos engenhos. Não permittiu o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque ao inestimavel ouro dos seus talentos de mais quilates do que os das minas. Erigiu uma doutissima academia, que se faz em palacio na sua presença. Deram-lhe fórma as pessoas de maior gradação e entendimento que se achavam na Bahia tomando-o por seu protector. Têm presidido n'ella eruditissimos sujeitos. Houve graves e discretos assumptos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos; e vai continuando nos seus progressos, esperando que com tão grande protecção se dêem ao prelo os seus escriptos em premio das suas fadigas (14). »

Inclino-me a crer que será agradavel ao Instituto ouvir a leitura do auto de nascimento da primeira associação litteraria que, com character semi-official, existiu na nossa terra n'uma quadra geralmente considerada como da mais crassa ignorancia: .

« O Exm. Sr. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, incomparavel vice-rei do Estado do Brasil, que no seu inclyto nome traz vinculada com a profissão d'illustrar as armas a propensão d'honrar as letras, para dar a conhecer os talentos que n'esta provincia florescem, e por falta d'exercicio litterario estavam como desconhecidos,

(14) Isto escrevia Rocha Pitta em 1724, anno em que finalizou a sua *Historia da Amejica Portugueza*, impressa em Lisboa em 1730.

determinou instituir uma academia, a cujo fim fez chamar por cartas circulares as pessoas seguintes: o reverendo padre Gonçalo Soares da França; o desembargador Caetano de Brito e Figueiredo, chanceller d'este Estado; o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor-geral do civil; o doutor Ignacio Barbosa Machado, juiz de fóra d'esta cidade; o coronel Sebastião da Rocha Pitta; o capitão João de Brito Lima; e José da Cunha Cardoso; aos quaes na tarde de sete de Março de mil setecentos e vinte e quatro communicou a vontade com que se achava d'erigir e estabelecer a academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excellente e generoso espirito; e com o seu beneplacito escolheram por empreza o sol com esta letra: — *sol oriens in occiduo* —, assentando entre si com louvavel modestia intitularem-se— *Os Esquecidos*.

« Tomaram por materia geral dos seus estudos a historia brasilica, dividida em quatro partes: a natural, que corre por conta do já mencionado chanceller; a militar, que se encarregou ao dito juiz de fóra; a ecclesiastica, cujo emprego se deu ao reverendo Gonçalo Soares da França; e a politica, cuja incumbencia cahiu em sorte ao ouvidor-geral do civil.

« Dos sete academicos pirncipaes, o primeiro se denominou com o titulo d'*Obsequioso*, o chanceller tomou o cognome de *Nubiloso*, o ouvidor do civil d'*Occupado*, o juiz de fóra de *Laborioso*, o coronel de *Vago*, o capitão d'*Infeliz* e o ultimo de *Venturoso*. A este nomeou o Ex. Sr. vice-rei e protector d'academia por secretario, para orar na primeira conferencia, que se determinou fosse na tarde de vinte e tres d'Abril dia oitavo depois da pascoa do anno já referido.

« Assentou-se que as expedições academicas se fizes-

sem em palacio, reiterando-se de quinze em quinze dias, e alternando-se os quatro mestres de dois em dois em reciproca successão, dando-se principio a cada um d'aquelles actos com uma oração ou discurso, que lerá o presidente nomeado por seu antecessor, com beneplacito do excellentissimo fundador d'academia ficando a cada um dos presidentes a eleição livre da materia, acção, questão ou problema sobre que quizerem discorrer.

« Ficou por estatuto que, em obsequio dos engenhos poeticos, se dariam para todas as conferencias dois argumentos ou assumptos, um heroico, outro lyrico; e as poesias a elles feitas lerá o secretario o dito José da Cunha Cardoso (depois de recitadas as prosas do presidente e mestres), admittindo-se tambem poemas anonymos.

« Não pareceu bem se dessem especiaes assumptos poeticos para a conferencia do primeiro dia; porque toda ella se reputou por breve para os merecidos encoinios do nosso augustissimo protector, e da sempre heroica e felicissima creação da nova academia, em cujo nome se ordenou ao secretario chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distincção, o que elle observou por cartas; escrevendo tambem um papel, que os curiosos podiam tomar como cartel de desafio para certames litterarios. »

Inteirados do programma d'academia, justo é que examinemos o modo por que deu ella execução a esse programma, suggerido pelo vice-rei, antes Augusto do que Mecenas, d'esse novo seculo aureo que nas plagas de Cabral devêra surgir.

No codice que diligentemente manuseei nenhuma allusão se faz a essas prelecções historicas, que os *mestres* eram obrigados a recitar em seguida da oração presidencial, ou ficaram em espectativa como muitas vezes acontece, ou pela

sua importancia e volume formariam separada collecção, que não logramos a ventura de conhecer.

Conforme se havia assentado, não passou a primeira conferencia d'um *laus-perenne* em honra do vice-rei. Coube primeiro a palavra ao secretario, que n'um discurso de genero apparatuso sublimou-se ás grimpas do gongorismo. Como specimen da sua facundia, citarei o seguinte parographo relativo á fundação d'academia:

« No dia setimo de Março, que mysteriosa e não casualmente foi em terça-feira, em congresso feito por ordem superior, do primeiro movel d'este céo academico, se nos participou a noticia de tão alto pensamento, e, como se o propôr fôra convencer, menos tempo levou a obediencia que a proposta com que logo os Protogenes e Appelles d'este vistoso quadro delinearam a perigraphe da pintura, reservando o dia de hoje para a ostentação da primeira scena. Não sei se reparais nas circumstancias. O erector d'Academia, sol de todas as luzes, a empreza dos academicos sol, a letra da empreza *Sol oriens in occiduo*, o dia de hoje domingo consagrado ao sol, e o dia setimo de Março, dia muitas vezes solar; pois entre outras testemunhas do seu luzimento é dedicado ao mesmo Apollo, como eram todos os dias setimos de cada mez; mas é principalmente o dia do principe dos theologos, acclamado no mundo por verdadeiro sol das escolas, santo Thomaz de Aquino. »

O sol, como muito bem disse Verney (15), era o maior se não o unico inspirador dos *marinistas* e *gongoristas*, e por isso que rica mina não encontraram elles na empreza tomada pelos *academicos esquecidos*?

(15) L. A. Verney *Verdadero methodo d'estudar*. Carta XII, parte primeira.

Já vimos os conceitos e trocadilhos que ministrou elle ao douto secretario ; vejamos agora como um dos primeiros engenhos poeticos d'esse tempo (Antonio Cardoso da Fonseca) esgrimia em torno do astro rei no seguinte soneto :

- « Diz hoje a vossos pés um pretendente
- « que por ter na Bahia o nascimento
- « vem lá d'onde habita o esquecimento
- « buscar a luz que jaz cá no Occidente

- « Porque, vós como sol, que d'Oriente
- « ao occaso passastes a dar-lhe augmento
- « dos raios que produz vosso talento
- « um novo sol geraes no continente.

- « E porque ao Museu vim supplicante
- « tomar o mesmo sol por sua empreza
- « pede a vossa excellencia aqui reinante

- « lhe admitta a este Museu sua rudeza
- « pois se Phebo lhe dá força d'Atlante
- « as luzes lhe dará vossa grandeza (16). »

Tambem foi a musa latina chamada a esse torneio ; e entre as numerosas producções que ahi se leram apreciei pela sua concisão e simplicidade o seguinte epigramma, devido a um religioso franciscano, occulto no rebuço do anonymo :

- « Tu pugnax, fortis, doctus, facundus etheros ;
- « Sed sat erat solum dicere Cæsar ades. »

Escolhido para presidir a segunda conferencia celebrada aos sete de Maio, recitou Rocha Pitta umas das mais bellas

(16) Conservei a orthographia do original para mostrar a regra que, preconizada pelo Sr. A. F. de Castilho, que manda escrever com letras minusculas o começo dos versos que não forem precedidos de ponto final ; já era conhecida e executada pelos poetas do seculo passado, que haviam-na tomado dos hespanhóes.

orações de quantas encontrei na collecção de que me tenho servido. E' geralmente conhecido

« o som alto e sublimado
« *O estylo grandiloquo e corrente* (17). »

com que sabia exprimir-se o nosso illustrado compatriota. Pagando tributo ao máo gosto contemporaneo, sabia, como o eximio padre A. Vieira, sobreelevar-se-lhe na pujança de seu bello e mui cultivado talento.

Penso não andar muito errado considerando como dos mais felizes tractos d'eloquencia o seguinte quadro, que da utilidade da religião esboçou o academico *Vago* :

« E' a religião a maior prerogativa dos mortaes, a mais firme columna das monarchias. Os gentios, posto que erraram tanto no emprego da verdadeira fé, se empenharam de fórma no culto da cuja idolatria, que nenhuma cousa antepunham á adoração de suas deidades : os thesouros que Enéas salvou da abrazada Troya foram os deoses penates que levou á Italia : Numa a deosa Egeria fez protectora do reino de Roma ; Lycurgo debaixo do patrocínio de Apollo deu leis aos lacedemonios, Caronda a Carthago no amparo de Saturno ; Minos e Creta no auxilio de Jupiter ; Solou a Athenas no favor de Minerva ; e ao Egypto Thismegisto na sombra de Mercurio : os consules e senadores romanos não entravam na conferencia dos negocios sem primeiro invocarem os idolos.

« Os gregos attribuiam as suas fortunas á grande religião de Alexandre; como os carthaginezes as suas desgraças á pouca fé de Annibal : este tão perjuro que faltava quasi sempre aos juramentos que fazia pelos seus deoses, e aquelle tão pio que até ao Deus que tinha pôr estranho

(17) Camões — *Lusiadas* — Canto 1, verso 4.

rendia adorações, como o mostrou tomando o reino de Judéa, pois vendo diante de si com as vestes pontificaes ao pontífice Jaldo se lhe prostrou por terra, e mostrando-lhe a prophesia de Daniel em que se lhe prometia o dominio do mundo, os livrou dos tributos e santificou a Deus no templo. Entre os mesmos gentios até aquelles que negaram a immortalidade d'alma, disseram que era a religião uma mentira necessaria e util ao bom governo das republicas e a conservação dos imperios. »

Tomado para assumpto lyrico d'essa conferencia o alambicado problema — *Quem mostrou amar mais fielmente Clycie ao sol, ou Endymião a lua?* — Entraram em liça, armados de ponto em branco, os cavalleiros de Apollo, que n'um chorrilho de banalidades deixaram submergido o amoroso lemma. Encontre, porém, remissão no tribunal do bom senso a silva de José d'Oliveira Serpa, onde se encontra esta jocosa pintura d'um namorado da lua :

- « Já la vejo um rapaz ao céo olhando
- « Um pastoril cajado descansando,
- « Será lindo poeta
- « Quando a lua contempla em vista recta
- « E terá por empreza
- « Descrever-lhe a inconstancia e a ligeireza,
- « Mas si mira e remira tão pasmado
- « Será poeta aluado ;
- « Porque ouvi dizer sempre ao vulgo louco
- « Que de poeta a doudo vai mui pouco. »

João de Brito Lima, capitão do terço auxiliar de ordenanças e que o Sr. Varnhagen (18) nas apresenta como grande magnata dos *outeiros bahienses*, tomou a fortuna para thema da oração com que se abriu a terceira conferencia. Menos florido do que o seu antecessor, é todavia

(18) *Florilegio da Poesia Brasileira*, tomo 1.

sentencioso, correcto e fluente o seu estylo : do que póde servir de prova o seguinte passo da supra mencionada oração :

« Pinta-se a fortuna mulher, com azas, uma roda em uma mão e na outra um vaso cheio de riquezas, cega de ambos os olhos, ou com elles tapados. Pois como cega distribue os premios com os indignos que devia dar aos benemeritos, mostrando nas azas ligeireza com que apenas a vêm quando desaparece, se a não têm pelos cabellos como a occasião. A roda lhe serve de hieroglypho dos que sobe ao maior auge para despenhar no mais profundo abysmo. Finalmente vária como mulher, e inconstante como a mesma fortuna. Outros a pintaram de outras sortes que omitto referil-as, por não fazer ao caso. E' tão poderosa esta falsa deidade que não ha monarchia, reino, provincia, cidade, monarchas, reis, principes, grandes e pequenos, e até a mesma formosura, que não estejam debaixo do seu imperio; ao mesmo tempo abatendo uns e exaltando outros. »

Dado o signal arrojaram-se na estacada esforçados paladinos, que no appellido do presidente descobriram fértil manancial para as suas enredadas trovas, ou insulsos trocadilhos.

Para exemplo d'estes ultimos copiarei um epigramma de Luiz de Camello Noronha, que passava por grande sabedor da lingua de Virgilio e Horacio :

- « Nescio si ferrum, si fructus, Lima vocaris,
- « Nam ut ferrum penetras, fructus ut inde sapis:
- « Si sapis ut fructus cum sis penetrabilem ferrum,
- « Et sapis et penetras, tu sapis atque sapis. »

O assumpto lyrico d'essa conferencia foi o seguinte : —
Uma dama que sendo formosa não fallava por não mostrar a falta que tinha de dentes. — Mui apropriado era esse

motte para *dispertar os engenhos curiosos* dos academicos e uma alluvião de sonetos, decimas, romances, silvas, labyrinthos, etc, etc, inundou o valle da Tempe bahiense. Entre as poesias ahi recitadas achamos bastante espiritoso o seguinte soneto de Rocha Pitta :

« Pondero a emudecida formosura
« de Filis sem temer que impertinente
« possa no meu soneto metter dente
« pois carece de toda a dentadura

« Si por cobrir a falta esta escultura
« tão muda está que não parece gente
« estatua de jardim será sómente
« si de panno de raz não fôr figura.

« O senhor secretario quer que a crea
« bella sem dentes, eu lh'o não concedo
« desdentada é peor do que ser fêa ;

« e em silencio só pôde causar medo
« ser relógio de sol para uma aldêa
« para um povo estafermo do segredo. »

Como perfeito cavalleiro que era, tomou Antonio de Oliveira a defesa da dama desdentada, e dedicou-lhe a seguinte decima :

« Não me soffre o coração
« Que deixe assim ultrajar
« E desdentada chamar
« A quem toda é perfeição
« Senhores, vá de questão:
« No céu ha estrellas? — E' certo,
« Reluzem tendo o sol perto?
« Não ; pois si Nise tem posto
« Céu na boca e céu no rosto
« Ver-lhes as estrellas é incerto. »

Na corrente pelagica dos versos sobrenadavam as orações presidenciaes, que semelhantes aos heliotropos, voltavam seus calicis para o sol cesareo. Replectas na quasi totalidade de lugares communs e guindadas allusões, são para nós destituidas de minimo interesse. Fórma porém, felicissima excepção o discurso recitado pelo padre-mestre Raphael Machado, reitor do collegio dos jesuitas da Bahia, n'abertura da setima conferencia. Havendo tomado por thema o pensamento de Salomão : *Nihil sub sole novum* ; deu tractos á sua copiosa erudicção, para conciliar-o com a novidade dos descobrimentos dos portuguezes; e n'esse certame, rendido o devido preito ao dominante gongorismo, mostrou-se por vezes digno emulo de Rocha Pitta e Brito Lima. Após brevissimo exordio, affrontou a proposição n'estes termos :

« A maior difficuldade com que encontra a gloria portugueza, ponto fixo do meu discurso, é a sentença de Salomão, que logo no principio me deu de repente como sol nos mesmos olhos, e me quiz cegar o entendimento, com a enchente e actividade de tantas luzes. Mas ainda que em mim a defesa da causa portugueza seja propria n'esta occasião, não ficarei cego mas sim irado e inflammado do calor portuguez ; usarei dos mesmos raios que a peleja e retorquierei contra Salomão, como granada flamante, o mesmo sol. Argumento assim : Quando Salomão olhou desde a altura do sol para o baixo e superficie da terra, podia tambem lançar os olhos como perfeito mathematico, desde o sol para o mais alto dos orbes celestes, e veria que n'este dilatissimo theatro vinham apparecido como figuras de singular ostentação novas estrellas, muito depois da creação das primeiras, e se Salomão, por escusar tubos opticos, quizesse cançar os olhos para perto do mesmo sol, veria que a estrella Venus, sem detrimento da sua formosura, com

novidade notoria de todo o mundo, mudou a grandeza, fórma e compasso do seu passeio, no anno da criação do mundo 2318. Logo, se acima do mesmo sol podem acontecer novidades, porque não acontecerão estas debaixo do mesmo sol? Logo, podia a nação portugueza obrar acções novas e muito luzidas debaixo do sol, e tão luzidas como a luz do mesmo sol. »

Acabamos de ver o arguto escolastico tirar do seu thema as mais forçadas conclusões: apreciemos agora as finissimas e delicadas tintas do seu pincel, no quadro que desenha do Brasil:

« Mas alegrando o discurso, não me contentando com o descobrimento passado em tudo novo, digo contra Salomão que ainda ha de vir outro mais novo: o meu Jano assim o descobre: já promette diamantes, rubis, esmeraldas, para que não se perdendo os thesouros antigos, se vejam os novos reduzidos a compendio. Então se descobrirá a felicidade do paraizo terrestre, que a doutissima penna do padre Simão de Vasconcellos, antigamente habitador das paredes em que moro, em tratado particular, provou que estava no nosso Brasil, e por desgraça não viu a luz do prelo (19). Oh! se então se descobriram os fructos d'aquella ditosa arvore, dos quaes achou o grande padre Vieira confusas noticias no Grão-Pará, rei das aguas, que umas nações renovavam as forças e afugentava a velhice! Tal é este paraizo e de tantas felicidades, que em todo o rigor hão de perpetuar e dar novo descobrimento aos portuguezes. Mas quando considero no nosso Brasil o paraizo, consolo-me que tem cherubim, que com a espada de fogo de sua jus-

(19) E' inexplicavel semelhante equivocação do padre Machado, porquanto as *Noticias Curiosas e Necessarias das Cousas do Brasil*, do padre S. de Vasconcellos, já haviam sido impressas em Lisboa no anno de 1668, na officina de João da Costa.

tiça, inteireza e rectidão o defende e o guarda por imperio do seu supremo monarcha. A ninguem virá o pensamento de pelear contra a espada de fogo d'este cherubim : seguros estão, pois, os muros de nosso paraíso. »

Haviam quiça reconhecido os *academicos esquecidos* a importancia do *grotesco* que tanta consideração mereceu a Victor Hugo, chegando a dizer d'elle: « que depois do sublime é a mais abundante fonte que a natureza possa offerecer á arte » (20); por isso é que vemos tomarem para assumptos lyricos os mais burlescos *themes*. Assim n'essa mesma conferencia em que tão doutamente orára o padre-mestre Machado discorreram os alumnos das musas sobre o seguinte motte : — *Uma moça que, mettendo na boca umas perolas, e revolvendo-as, quebrou alguns dentes.* — Dentre a turba dos glosadores sahiu-se Antonio Ayres de Penha-fiel com a seguinte chistosa decima :

- « N'uma concha *crystallina*
- « d'onde aljofres bebe a aurora
- « introduz perolas Flora
- « travessa como memina :
- « porém como as destina

- « a terem jazigo igual
- « revolvendo-se mui mal
- « a concha tanto pervertem
- « que logo em coral convertem
- « o que era aljofre e *crystal*.

Couberam, porém, incontestavelmente ao padre Barreto, vigario da freguezia de S. Pedro, as honras d'esse torneio poetico; e, apesar de ser um tanto longo, penso que não desaprazará ao Instituto a leitura do seguinte romance joco-serio composto em toantes, que na opinião d'alguns criticos

(20) Vide o prefacio ao drama *Cromwell*.

modernos parece bastante convinável á indole da poesia portugueza (21).

« Vá de romance esta vez
« e queira a musa ajudar-me
« que tratar com raparigas
« não é cousa para padres.

« Direi com muita cautela
« as prendas e habilidades
« d'esta moça, mas de longe
« que é sol e póde abraçar-me.

« A senhora dona Nize
« moçoila de lindo talhe
« d'estas que agora tropeção
« por donaire em mil donaires

« um fio de ricas perolas
« lhe deu por prenda um amante
« que as sabe a moça pescar
« inda sem metter-se aos mares.

« Turbou-se um pouco a menina
« faltou-lhe toda a coragem
« temendo que d'enfiadas
« as perolas desmaiassem.

« Metteu-as logo na boca
« eu cuidei que era piedade
« porém dizem que foi traça
« de dar ás perolas mate;

« porque os dentes da menina
« mais claros que o fino jaspe
« envergonhando o marfim
« só com a prata liga fazem.

(21) Vide o prologo dos *Romances Historicos* pelo Sr. conselheiro Miguel Maria Lisboa, reimpresso em Bruxellas em 1866.

« Vendo-se lá entre dentes
« ficaram muito á vontade :
« porque mettidas nas conchas
« da melhor perola madre.

« Só não poderam os dentes
« com ellas bem mastigar-se
« que então reina mais a inveja
« si as prendas são semelhantes.

« Que são mais claros os dentes
« com grande força combatem
« quizeram julgar de côres
« e ficaram sendo partes

« Fazem-se os dentes pedaços
« de colera : ha tal desastre
« que permita a natureza
« cortar o vidro diamantes !

« Mandou Nize a bom partido
« para acabar-se o debate
« que as perolas substituam
« aonde os dentes faltarem.

« Tenho feito doze coplas
« que a lei permite aos romances
« não se acabam os conceitos
« fallar muito é contra a arte. »

Receio converter o Instituto em outeiro, por isso ponho aqui termo ás citações, deixando no olvido o avultado producto da fecunda musa bahiense, revelada nas dezoito conferencias celebradas pela *Academia Brasilica dos Esquecidos*. D'uma cota lançada á margem da 18ª conferencia por letra do secretario consta que no dia 4 de Fevereiro de 1725 finalisára o primeiro anno, e pela natureza das producções lidas n'essa mesma conferencia deduz-se que certo desali-

nho se inoculará nos escriptos, ainda dos mais esforçados paladinos, quiçá pelo cansaço resultante do *perenne* trovar. Cremos que nunca mais se reatou o interrompido fio de tão doudas palestras.

Em presença das peças do processo que fielmente trouxe ao conhecimento do Instituto persuade-me poder lavrar o seguinte laudo :

Descendente em linha recta das academias italianas, hespanholas e portuguezas, foi a *Academia Brasilica dos Esquecidos* a legitima representante do espirito futil e da incontinencia tropologica que tanto prejudicaram á suas avoengas. Os homens, porém, que consagraram seus lazes ao cultivo da intelligencia, posto que mal encaminhada, n'uma epocha em que tão poucas aspirações eram deixadas ás letras, devem ser considerados benemeritos da patria, e sua saudosa memoria religiosamente guardada na urna do respeito e veneração dos posteros.

O DIA 9 DE JANEIRO DE 1822

Memoria lida no Instituto Historico Geographico Brasileiro

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Aclarar os factos, apresentar estendidamente os acontecimentos, illuminal-os com reflexões, averiguar as noticias, fazer indagações aturadas, profundas, afastar as duvidas, romper as nuvens, as trevas que envolvendo os factos, desfiguram-os e alteram-os, desvanecer os preconceitos, pesar as tradições aproveitando o que n'ellas houver de racional e consentaneo, apagar das crenças populares o que fôr falso e embusteadado : eis a missão do historiador que, allumiado pela luz da verdade, deve imparcial e desprevenido folhear os monumentos historicos, visitar os templos, os mosteiros, os edificios, os tumulos, viver nos archivos e cartorios, viajar, ser paleographo, antiquario, viajante, bibliographo, tudo, como diz Alexandre Herculano, o douto historiador portuguez.

E na nossa historia muito ha que delucidar, mysterios a romper, sellos a quebrar, que guardam factos ainda não convenientemente conhecidos, ou turvados com noticias erroneas.

Em verdade, porém, somos os primeiros a reconhecer as difficuldades n'esse caminhar de incertezas, duvidas e escuridades ; e se nos não alentasse esse sentimento que faz vibrar as cordas sonoras da harpa do menestrel, agitar o pincel magico do pintor, inspirar ao musico harmonias divinas, mover o escopro do esculptor, brandir a espada do guerreiro, exaltar o animo do sabio, o coração do philoso-

pho: se não fosse esse enthusiasmo que nos vivifica no meio da descrença e scepticismo que nos rodeia, se não fosse o amor patrio, certamente não seríamos quem ousaria levantar n'este palacio, com a fronte suarenta, a ponta do véo que esconde a noticia exacta de um facto hodierno, abrindo o discurso com palavras descoradas e despidas de atavios e esmaltes da eloquencia.

O titulo estampado no principio d'estas paginas declara que vamos tratar de um acontecimento que necessita de um só lustro para estar afastado de nós meio seculo.

Abicou a este porto ás 3 horas da tarde do dia 9 de Dezembro de 1821, o brigue de guerra *Infante D. Sebastião*, e não no dia 10 o brigue *Infante D. Miguel*, como diz o nosso illustrado consocio o conselheiro Pereira da Silva, e as noticias que trouxe da metropole alertaram os espiritos e alvoraçaram os animos. Diziam os decretos 124 e 125 das côrtes portuguezas que o Brasil devia ser retalhado, privado de chefe no poder executivo, sendo o principe D. Pedro chamado á Europa para viajar afim de aprimorar a sua educação, e, abolidos os tribunaes, devia passar o governo do Rio de Janeiro a uma junta, sendo-lhe entregue a administração em 10 de Fevereiro de 1822.

Destruiam estes decretos as instituições civis creadas pelo rei, apeavam o Brasil da sua categoria politica, roubavam-lhe as prerogativas de que gozára, e entregavam-no á mercê de aventureiros ou a lutas e guerras civis. Offendidos julgaram os brasileiros os seus brios, receiaram-se os portuguezes da sorte do Estado americano, e magôou-se e resentiu-se o principe por tirarem-lhe da mão o bastão da governança, demittirem-no do titulo e categoria conferidos por seu pai, e afastarem-no do paiz que regia á oito mezes, para ir estudar nas nações da Europa a arte da governação.

Tratava Portugal da recolonisação do Brasil; isto é, a terra de Santa Cruz devia voltar aos tempos de Thomé de Sousa.

Era um menoscabo, uma injúria; o paiz aonde encontraram asylo seguro por alguns annos o rei, os principes e fidalgos portuguezes era agora privado de tudo, sem liberdades politicas, sem consideração social, e seus subditos para obterem justiça teriam de percorrer duas mil leguas, affrontarem mares encapellados antes de chegarem ás portas dos tribunaes de Lisboa.

Feriam os decretos das côrtes aos portuguezes e brasileiros; como ficariam os primeiros sem terem o apoio do principe, que nascêra na mesma terra que elles, como o acompanhariam; retirando-se o principe ficava o Brasil sem um centro de unidade, com um governo sem força nem prestigio, e inteiramente dependente de Portugal: e podiam sujeitar-se os brasileiros a essa degradação politica? Assim pensavam os brasileiros, aos quaes unindo-se muitos dos portuguezes, começaram a conspirar, a formar clubs e lojas maçonicas: ligou-se o capitão-mór José Joaquim da Rocha com seu irmão o tenente-coronel graduado do batalhão de caçadores e com outros brasileiros, e fizeram elle e os seus continuas reuniões, conciliabulos, nos quaes trataram de sobrestar a partida do principe. Tornou-se a casa do letrado Rocha, á rua d'Ajuda 137 esquiña do becco do Proposito, o centro das reuniões politicas, frequentadas, entre outros, pelo coronel Francisco Maria Gordilho, depois marquez de Jacarepaguá, Luiz Pereira da Nobrega, Pedro Dias Paes Leme, depois marquez de Quexeramobim, e o franciscano, frei Francisco de Sampaio.

Escreveram os patriotas a alguns dos membros dos governos de S. Paulo e Minas, concitando-os a representarem ao principe sobre a necessidade que tinha o Brasil

de sua presença, até que as côrtes portuguezas, allegando-se os inconvenientes dos decretos expedidos, approvassem medidas salutaras. Encarregaram ao coronel Gordilho de saber do principe se, vindo representações dos governos de S. Paulo e Minas, e havendo representações do povo e tropa do Rio de Janeiro, resolveria a sua ficada no Brasil.

Participando Nobrega ao Dr. José Mariano de Azeredo Coutinho o seu projecto e de outros de obstar a sahida do principe, approvou Azeredo Coutinho tão patriótica idéa, e pediu ser apresentado ao letrado Rocha para combinarem no modo de fazer a representação do povo e tropa: de feito, reunidos na cella de frei Sampaio o letrado Rocha, seu irmão, Luiz Pereira da Nobrega, Paes Leme, Azeredo Coutinho e frei Antonio da Arrabida, confessor do principe e depois bispo de Anemuria, discutiram as bases da representação, de cuja redacção incumbiu-se frei Sampaio. Feita e approvada, tiraram-se d'ella cópias para serem remetidas ás estações publicas, aos corpos do exercito e armada, a fim de serem assignadas pelos respectivos empregados e praças.

Enviaram os patriotas a S. Paulo com officios e cartas endereçadas a Martim Francisco e a José Bonifacio, membros d'aquelle governo, e para informal-os dos negocios do Rio, a Pedro Dias, que, dando-lhe azas o patriotismo, transpôz em poucos dias a distancia que nos separa d'aquella provincia do sul; e a Minas o tenente Paulo Barbosa da Silva depois mordomo da casa imperial, ao qual disse o principe que, se fosse feliz n'essa missão, ficaria seu amigo; tambem asseverára a Gordilho que, se as representações lhe fossem dirigidas convenientemente, assumiria a responsabilidade de desobedecer ás côrtes; e apesar de haver-lhe dito Paes Leme o fim que levava-o a S. Paulo não estorvára D. Pedro sua viagem.

Moço, na idade em que o espirito mais se resente das offensas e mais altanado se mostra, vendo-se amado e festejado pelos brasileiros, e desrespeitado e insultado pelos decretos portuguezes, desejava D. Pedro desobedecer ás ordens das côrtes e permanecer no Brasil; e assim não só favorecia os planos dos que trabalhavam para elle não desamparar o paiz americano, senão nas cartas escriptas a seu pai começou a insinuar os obstaculos e difficuldades em cumprir aquelles decretos. Na carta dirigida em 14 de Dezembro de 1821 dizia o principe :

« Faz-se mui preciso para desencargo meu seja presente ao soberano congresso esta carta, e Vossa Magestade lhe faça saber da minha parte que me será sensível sobremaneira se fôr obrigado pelo povo a não dar o exacto cumprimento a tão soberanas ordens, mas que esteja o congresso certo que hei de fazer com razões, os mais fortes argumentos, diligenciando o exacto cumprimento quanto nas minhas forças couber. »

Na carta de 15 do mesmo mez escreveu :

« Torno a protestar ás côrtes e á Vossa Magestade que só a força será capaz de me fazer faltar ao meu dever. »

Na carta do dia 30 acrescentou :

« Tudo está do mesmo modo que expuz nas duas cartas anteriores á esta á Vossa Magestade ; a differença que ha é que d'antes a opinião não era geral, hoje é e está mui arraigada.

Na do dia 2 de Janeiro de 1822 declarou :

« Farei todas as diligencias por bem para haver socego, e para ver se posso cumprir os decretos 124 e 125, o que me parece impossivel, porque a opinião é toda contra por toda a parte. »

Partira, como dissemos, o tenente Paulo Barbosa para Minas, e em oito dias chegára a Ouro-Preto. A primeira

pessoa com quem se entendêra no lugar denominado Borda do Campo fôra o padre Manoel Rodrigues da Costa, que como preso da inconfidencia estivera em 1791 no carcere da fortaleza de S. José, na ilha das Cobras ; promettêra-lhe esse sacerdote esforçar-se por obter da camara de Barbacena uma representação pedindo a ficada do principe o que conseguiu : d'alli dirigira-se Paulo Barbosa para Queluz onde abrira-se com o padre Antonio Ribeiro de Andrade, letrado da villa, que influiu sobre a camara para representar no mesmo sentido ao principe regente : encontrára em Ouro-Preto opposição nos membros do governo que quizeram prendê-lo e remettê-lo á Bahia ; mas chegando ao lugar o tenente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, emissario do governo de S. Paulo ao de Minas, aplainaram-se as difficuldades do negocio e houve representação ao principe : ajudado em Marianna pelo coronel Fortunato obtivera Paulo Barbosa representação da camara do districto, assim como das de Sabará e Caeté, e regressando para S. João d'El-Rei favorecêra-o em sua missão o coronel Isidoro, appellidado o bispo, e alcançára representação do lugar ao principe regente. Além d'esses manifestos das municipalidades enviára o dedicado cidadão, encarregado de tão afanosa tarefa, muitas representações de coroneis e capitães-móres de ordenanças (1).

Não descansavam os brasileiros no Rio de Janeiro, o patriotismo augmentava-lhes o ardor e a actividade, e os não detinham nem os perigos nem as fadigas.

Incumbiram-se Innocencio da Rocha Maciel, que ainda

(1) Falleceu Paulo Barbosa da Silva, com 74 annos de idade, em 28 de Janeiro de 1868, e sepultou-se no cemiterio de S. Francisco de Paula. Era natural de Minas, brigadeiro reformado, mordomo da casa imperial, e tinha diversas condecorações nacionaes e estrangeiras.

vive, filho do capitão-mór Rocha, e Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond de agenciar assignaturas para a representação que pelo senado da camara devia ser levada ao principe, e afim de apressar esse trabalho annunciou o capitão-mór que estava patente dia e noite em sua casa a representação para aquelles que quizessem assigna-la.

Apezar de não oppôr-se abertamente a essas assignaturas, começou a tropa portugueza a manifestar descontentamento, a observar cautelosamente os patriotas; viram-se grupos de soldados portuguezes do batalhão 11 e de artilheria nas vizinhanças da casa do capitão-mór, do que tendo noticia o brigadeiro Vidigal, commandante da policia, enviou patrulhas do seu corpo para segurança do domicilio d'aquelle cidadão.

No dia 1 de Janeiro, e não no dia 31 como diz o afamado historiador Varnhagen, recebeu o principe a representação do governo de S. Paulo datada em 24 de Dezembro e assignada em primeiro lugar por João Carlos Augusto de Oeynhausén, depois marquez de Aracaty. Escreveu o principe no dia seguinte a seu pai n'estes termos :

« Meu pai e meu senhor. Hontem pelas 8 horas da noite chego de S. Paulo um proprio com ordem de me entregar em mão propria o officio que ora remetto incluso, para que Vossa Magestade conheça e faça conhecer ao soberano congresso quaes são as firmes tenções dos paulistas e por ellas conhecer quaes são as geraes do Brasil. »

Reunindo o principe D. Pedro o ministerio afim de consultal-o se devia ou não annuir ao pedido dos fluminenses para ficar no Brasil, votaram os ministros unanimemente que, em obediencia ás ordens do soberano congresso e do rei, devia o principe ir para Portugal; mas, levantada a sessão, conta-se que o desembargador Francisco José Vieira, successor de Pedro Alvares Diniz no cargo de

ministro do reino, pedira ao principe para ouvil-o em particular e disséra-lhe : « Senhor. V. A. Real já ouviu meu voto como ministro, agora quero dar-lhe a minha opinião como simples particular ; não vá, fique que é o que convem a todos. »

Appareceu no dia 8 o seguinte annuncio publicado pelo letrado Rocha :

« Como consta que a generalidade dos habitantes d'esta côrte, levados do verdadeiro espirito de liberalidade, do amor á inclyta nação portugueza, do mais ardente desejo do solido bem, perpetuidade e indivisibilidade do imperio portuguez, e do cordeal affecto, respeito á real casa reinante, desejam assignar a representação que pelo Illm. senado da camara se dirige ao heroico e augusto principe real e regente do reino do Brasil, para que, interpretando justa e racionalmente as ordens que sobre este objecto ao mesmo real senhor foram ultimamente transmittidas, não deixe este reino, como unico e indispensavel meio de conseguir os importantissimos fins da união reciproca que foi proclamada, faz-se-lhes saber que quem quizer assignar a sobre-dita representação se dirija á rua da Ajuda n. 137, no dia de hoje, 8 do corrente, impreterivelmente, onde a lerá, e achando-a digna assignará, sendo d'esses sentimentos. »

Attendeu o povo ao chamamento do patriota; mais de oito mil assignaturas cobriram a representação que tinha de ser dirigida ao principe real.

Em uns apontamentos colhidos pelo nosso distincto mestre, amigo e douto consocio o Sr. Dr. Silva, os quaes foram-nos cedidos graciosamente e serviram-nos para ensartar os factos d'este discurso, lemos o seguinte :

« Parece que o dia 9 de Janeiro foi o escolhido para dirigirem-se as representações ao principe por terem chegado os decretos das côrtes em 9 de Dezembro. »

Vem corroborar essa idéa e convencer-nos de que previamente se determinára aquelle dia o que lemos na carta escripta no dia 2 pelo principe ao rei, e é o seguinte :

« Ouço dizer que as representações d'esta provincia são feitas no dia 9 do corrente. »

De feito ás 10 horas da manhã d'esse dia enviou o senado da camara o seu procurador ao principe pedindo-lhe uma audiencia, e marcando o principe regente a hora do meio-dia sahio ás 11 horas o senado do consistorio da igreja do Rosario, onde se reunia, e acompanhado dos homens bons, que tinham andado na governança da terra e de muitos cidadãos, caminhou processionalmente para o paço da cidade, e entrando e sendo apresentado ao principe dirigiu-lhe o presidente do senado, José Clemente Pereira, uma falla, finda a qual entregou-lhe as representações do povo, do corpo de negociantes e dos officiaes de ourives.

Obtendo a palavra o coronel de estado-maior ás ordens do governo do Rio-Grande do Sul, Manoel Carneiro da Silva e Fontoura, que pedira permissão ao senado para incorporar-se a elle, declarou serem iguaes aos dos fluminenses os sentimentos dos rio-grandenses; no mesmo acto apresentou João Pedro Carvalho de Moraes uma carta das camaras de Santo Antonio de Sá e Magé, nas quaes estavam exarados os mesmos votos.

Tendo resposta favoravel do principe, annunciou-a José Clemente ao povo de uma das janellas do palacio, e apparecendo D. Pedro em outra janella foi fervorosamente saudado; logo que serenou o alvoroço popular exclamou o principe:

« Agora só tenho a recommendar-vos união e tranquillidade (2) ».

(2) Serviram estas duas palavras para denominar uma loja maçônica conhecida tambem com o nome de Nove de Janeiro.

Repetiram-se as aclamações ao erguer o presidente do senado vivas á religião, á constituição, ás côrtes, á el-rei constitucional, ao príncipe constitucional e á união de Portugal com o Brasil.

Findo o acto recolheu-se o senado aos paços do concelho, recebendo em seu trajecto continuas saudações e frequentes congratulações.

Na noite d'esse dia appareceu nos lugares publicos o seguinte edital.

« O senado da camara julga do seu dever annunciar ao povo d'esta cidade que hoje ao meio-dia pôz na presença de S. A. Real o príncipe regente do Brasil as representações que lhe dirigiu; e que o mesmo senhor se dignou annuir a ellas dando a resposta seguinte :

« *Convencido de que a presença de minha pessoa no Brasil interessa ao bem de toda a nação portugueza, e conhecendo que a vontade de algumas provincias o requer, demorarei a minha sahida até que as côrtes e meu augusto pai e senhor deliberem a este respeito com perfeito conhecimento das circumstancias que têm occorrido.* »

« E para que seja completa a gloria d'este dia recommenda o mesmo senado a todo este povo que descansa de hoje em diante na sua vigilancia, e que deixe ao governo a disposição das providencias necessarias, porque, não podendo resultar de uma conducta contraria senão anarchia e desordem, virá a cahir nos mesmos males que pelo passo que acaba de dar deseja evitar.

« Rio de Janeiro, em vereação de 9 de Janeiro de 1822.—
José Martins Rocha. »

No dia seguinte publicou a camara outro edital n'estes termos :

« O senado da camara, tendo publicado hontem com notavel alteração de palavras a resposta que S. A. Real o

principe regente do Brasil se dignou dar á representação que o povo d'esta cidade lhe dirigiu, declara que as palavras originaes de que o mesmo senhor se serviu foram as seguintes :

« *Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou prompto ; diga ao povo que fico.* »

« O mesmo senado espera que o respeitavel publico lhe desculpe aquella alteração, protestando que não foi voluntaria, mas unicamente nascida do transporte de alegria que se apoderou de todos os que estavam no salão das audiencias, sendo tão desculpavel aquella falta, que todas as pessoas que acompanhavam o mesmo senado não tiveram duvida em declarar que a expressão do edital que se acaba de publicar fôra a propria de S. A. Real com alguma pequena differença.

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1822. — O juiz de fôra, presidente, *José Clemente Pereira.* »

Vêm estampadas estas peças officiaes nos annexos ás cartas do principe D. Pedro ao rei, seu pai, na collecção dos documentos publicados por ordem das côrtes em 1822, que acompanharam a participação dirigida ao governo pelo commandante da força expedicionaria, existente no Rio de Janeiro ; o *Diario do Rio* transcreveu o primeiro edital na folha de quinta-feira 10 de Janeiro e o segundo na do dia seguinte, e ambos vieram a lume n'esse dia no periodico *Espelho.*

Está, pois, authenticado que houve duas respostas ás representações do dia 9 ; mas qual a razão da affixação do segundo edital : que motivaria as duas edições diametralmente oppostas das palavras do principe : que acontecimentos se originaram da segunda resposta, em que D. Pedro decididamente e sem condição alguma annunciou a sua vontade em ficar no Brasil !

Eis o que vai occupar-nos no seguinte capitulo.

II

E' de admirar que, tendo ido o senado da camara fazer uma petição ao principe, estando todos anciosos por ouvir as palavras d'este, as quaes tinham de decidir os negocios publicos e a situação do paiz, reinando silencio na sala do palacio, attentos e desejosos todos de adivinhar pelos movimentos dos labios do principe real qual a sentença que ia pronunciar, não fossem perfeitamente percebidas e não ficassem gravadas na memoria de todos as expressões do regente do Brasil. Tratava-se de negocio de alta magnitude, ia decidir-se a sorte do Brasil, lavrar-se a sua sentença; ou devia continuar como reino, com direitos iguaes e irmãos aos de Portugal, ou retrogradar, e ficar misera colonia; era uma questão de nacionalidade, de honra, de autonomia politica a que estava pendente dos labios do principe, cujas palavras ou haviam de dictar a condemnação ou a salvação, a liberdade ou a escravidão do paiz americano. Toldados estavam os negocios publicos, obumbravam o horizonte politico nuvens caliginosas e esperava-se um *fiat*, cujo vocabulo devia ser pronunciado pelo principe. Como, pois, comprehender que foram mal ouvidas e mal interpretadas as expressões de D. Pedro, como crer que, tratando-se da conservação ou postergação de direitos e regalias dos brasileiros, se confundissem as palavras que tinham de aclarar estes factos; pôde-se acreditar em ter-se confundido a primeira resposta, dubia, condicional, com a segunda, plena e absoluta, a resolução contemporisante e temporaria, enunciada na primeira resposta, com a decisão franca e explicita da segunda! Podia, é certo, haver equívoco em uma ou outra palavra; mas a diversidade das expressões e do sentido entre a primeira e a segunda resposta faz crer o haver sido esta lavrada depois.

Os documentos coevos vêm em auxilio nosso.

Diz o periodico *Malagueta*, escripto por Luiz Augusto May, no seu numero 4 :

« Posto que, como fica dito, nenhum dos periodicos se propuzesse ao relatorio dos acontecimentos do dia 9, aconteceu que o *Diario* do dia 10 appareceu com a interessante resposta que o serenissimo Sr. principe regente se dignou dar ao senado da camara ; esta resposta, apesar de se não achar na *Gazeta Ministerial* do mesmo dia 10, mereceu o cunho de official por isso que ella se achava referendada pelo escrivão da camara ; mas qual foi o espanto de todos quando no *Diario* do seguinte dia (11) se annuncia a resposta de S. A. Real transcripta em palavras differentes da do dia precedente, e que para ter o cunho de maior orthodoxia vinha referendada pelo juiz de fóra, presidente ! Antes que appareça novo annuncio em que os vereadores e o procurador nos transmittam esta resposta em 3.^a e 4.^a fórma com respectivas assignaturas, peço desde já licença para intervir.

« Não será esta a primeira vez em occasião de alto cortejo e concursos diplomaticos e municipaes, em que tenham havido equivocções na transmissão de discursos e respostas ; mas é inquestionavelmente a primeira vez em que achando-se as tres potencias da alma suspensas, para o fim de receber impressões de palavras do mais vivo interesse, anciosamente esperadas por seis ou mais pessoas de uma respeitavel municipalidade, palavras que, pronunciadas, reinando um morno silencio, deveriam ficar logo consignadas no protocolo da memoria de todos, appareça uma contradicção que forma um celebre contraste com a asserção que acabo de fazer acima, sobre a digna attitude que o acto tomou, desde a sahida da casa do senado, até o momento da falla de Sua Alteza. »

Na participação que Jorge de Avilez dirigiu ás côrtes lê-se :

« S. A. Real ouviu com agrado a solicitação do senado da camara, que, na mesma noite de 9, publicou por um edital, que S. A. Real demoraria sua sahida, até que as côrtes e seu augusto pai e senhor deliberassem com perfeito conhecimento das circumstancias occorridas.

« Ainda que parece difficil de comprehender como um grande numero de gente, reunido ao mesmo tempo em uma só sala, guardando todos um respeitoso silencio, não percebesse a resposta de S. A. R., a qual o senado fez publica pelo edital d'aquelle dia, viu-se no seguinte outro edital que declara não ter sido aquella a resposta; e que, decididamente e sem condição alguma, S. A. Real annuncia sua vontade em ficar. »

No officio que o mesmo Avilez enviou em 18 de Janeiro ao ministro da guerra, Manoel Martins Pamplona, lê-se :

« Espalharam por toda a parte esta doutrina, que tomou tal vigor que obrigou a camara a dirigir a S. A. Real um requerimento precursor da independencia intentada, para que ficasse aqui; Sua Alteza annuiu, significando que ficaria até dar parte ás côrtes geraes e a seu augusto pai, nosso amado rei. Esta resposta não pareceu sufficiente aos interesses, e pediu-se se declarasse por um edital a absoluta resolução de ficar. »

Houve pois dualidade de resposta ás representações dirigidas ao principe; mas como explicar a segunda resposta, o apparecimento do segundo edital !

E' de crer que, comprehendendo o principe que a primeira resposta collocava-o em uma posição pouco conveniente e duvidosa, não só em relação ao congresso, como aos brasileiros, mandasse publicar a resolução clara e resoluta contida no segundo edital. De feito, ficando temporaria-

mente, desobedecia ás côrtes e não contentava aos brasileiros; ou aconselhado pelos patriotas, que fizeram-lhe ver que a primeira resposta não preenchia ás necessidades publicas, á situação do paiz, nem satisfazia á expectativa popular; que, se o principe não devia deixar o Brasil n'aquelle momento por não convir á nação portugueza, peor seria no futuro, mais perigoso e difficil tornar-se-ia seu regresso; que nada se devia esperar das côrtes, que haviam já manifestado a sua reprovação, por haver o principe ficado no Brasil como regente, excluindo-o da dotação, e pesando essas razões no animo de D. Pedro, levassem-no a dictar as palavras do segundo edital, que para mais authenticidade e cunho official veiu referendado pelo juiz de fóra, presidente do senado, José Clemente Pereira; foi o unico que appareceu na *Gazeta Ministerial*, o unico que veiu consignado no termo da vereação da camara, e o unico que o principe referiu na carta em que relatou esse acontecimento a seu pai.

Que a primeira resposta não satisfazia á situação politica, aos votos populares, prova-se pelas representações apresentadas ao principe, das quaes, se algumas pediam ao regente do Brasil para ficar até ulterior decisão do congresso, declaravam outras que decididamente devia D. Pedro permanecer no Brasil.

Disse o representante da provincia do Rio-Grande do Sul, no dia 9, ao principe real:

« Não podemos de nenhum modo, nem por consideração alguma, consentir no decretado regresso de S. A. Real.

Na falla endereçada pelos pernambucanos ao principe, e impressa mais tarde por ordem d'este, lê-se:

« Sim, augusto senhor; é no Brasil que V. A. Real deve fixar a sua residencia, n'esta parte da monarchia é que Vossa

Alteza póde sustentar illesos os sagrados direitos da corôa, em que um dia ha de succeder. »

Disséra em 1 de Janeiro, o clero de S. Paulo, pela bocca do seu prelado :

« Não se aparte Vossa Alteza do reino do Brasil, todos os brasileiros amam, estimam e reverenciam a Vossa Alteza e sobre todos os honrados paulistas, todos elles, eu e o meu clero estamos promptos a dar a vida por V. A. Real e pela real familia. »

Produziu a primeira resposta má impressão, desagradou ao povo; corrobora este asserto o que escreveu Jorge de Avillez ás côrtes, e é o seguinte :

« E com effeito a opinião publica mostrou-se immediatamente com vehemencia que o desejo dos que subscreveram o memorial era de que, absolutamente e sem sujeitar-se, nem ás côrtes nem ao monarcha, ficasse. Foi este o maior triumpho que conseguiram e que os armou para ultteriores passos.

Causou a segunda resposta vivo contentamento e expansiva alegria aos brasileiros, que desde então idolatraram a D. Pedro, que, havendo desobedecido formalmente ás ordens do congresso, formára com elles um tratado de alliança, como diz o nosso conterraneo amigo e illustrado consocio, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. A cidade illuminou-se tres noites consecutivas, o theatro de S. João, hoje de S. Pedro de Alcantara, abriu suas portas, e aos espectaculos assistiu o principe real saudado frequentemente pelos vivas e applausos do povo, e pelos hymnos dos poetas.

Mas essas mesmas palavras, que encheram de jubilo os corações de um povo inteiro, exaltaram os animos dos soldados portuguezes.

Costumada a exercer a mais decidida influencia nos negocios publicos, a intervir directamente na marcha governa-

tiva e a exigir medidas de maior alcance e importancia, havendo obtido pelo seu pronunciamento que o rei jurasse em 26 de Fevereiro de 1821, a constituição que se estava fazendo em Portugal, e o principe D. Pedro prestasse juramento, em 5 de Junho do mesmo anno, ás bases da constituição portugueza, irritou-se a tropa de Portugal por ver que, sem consultal-a, sem haver obtido pelo menos o seu tacito consentimento, tomára o povo a deliberação de reter o principe no Brasil, acquiescendo D. Pedro á vontade de seus subditos, annuindo a seus votos (3).

Exasperada por não haver exercido influencia na resolução do principe, e comprehendendo seu alcance politico, tratou a divisão portugueza de intervir, e julgou ser tempo ainda de sopitar a vontade do povo e do filho do rei.

Declarando no dia 11 Jorge de Avilez Juzarte de Sousa Tavares, general da divisão auxiliadora, que estava demittido do commãdo, revoltaram-se os soldados dos batalhões 14 e 15 e os de artilheria; enfurecidos percorreram de noite as ruas, quebraram as vidraças e apagaram as luminarias.

Constava a divisão auxiliadora do batalhão 11, aquartelado no largo de Moura, do batalhão 15, no quartel de Bragança, do de caçadores 3, em S. Christovão, e do 4º de artilheria, na cavalhariça do paço.

Exaltados os animos, mostraram-se os officiaes portuguezes desabridos em suas palavras e acções. Estando o brigadeiro Francisco Joaquim Carreti na porta d'uma pharmacia á rua Direita, disseram-lhe os que rodeavam-no que o principe não iria mais para Portugal.

« Ha de ir, exclamou o brigadeiro, ainda que lhe sirva

(3) V. Compilador n. 4 de 27 de Janeiro de 1822.

de prancha a folha d'esta espada. » E pegou da espada pendente do cinturão.

Encontrando-se no saguão do theatro na noite de 11 os tenentes-coroneis José Joaquim de Lima e José Maria do batalhão 11 de Portugal, disse este :

« Vocês foram nossos escravos, são e hão de continuar a sê-lo e vou dar a prova. »

O tenente-coronel Lima retirando se retorquiu :

« Veremos isso. »

Referiu-nos o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, actual cirurgião-mór da armada, este facto, que vimos relatado em uma carta escripta pelo referido cirurgião-mór em 30 de Outubro de 1857, a qual vem impressa na memoria intitulada *Exposição Historica da Maçonaria no Brasil* pelo cirurgião-mór Manoel Joaquim de Menezes.

O Dr. Soares de Meirelles era n'aquella época cirurgião do 1º batalhão de caçadores do paiz, mas por haver falta de cirurgião na divisão portugueza estava alistado no batalhão 11.

Eis como descreve elle na supracitada carta a altercação entre Lima e José Maria :

« Eu chegava ao theatro quando isto se passava ; o commandante do 11, vendo-me, disse-me que o acompanhasse. Entrámos em casa do coronel João de Sousa, com quem fallou em particular, e partimos para o quartel. Ahi estando, chegaram o mesmo general João de Sousa, os generaes Carreti, Jorge de Avilez, Raposo e outros officiaes superiores. Pôz-se logo o batalhão em armas. Depois de alguns minutos de conferencia partiu o ajudante a galope para S. Christovão para fazer pôr em armas o batalhão 3 de caçadores de Portugal, e outro official para o quartel de Bragança e artilheria n. 4, para que esta e o n. 15 tambem se puzessem em armas.

« Como o commandante no furor em que estava não reflectiu que eu era brasileiro e não compartilharia os seus designios e dos seus, disse-me : « Como seus patricios não « querem ser livres, havemos de lhes dar a liberdade á « força, e o principe desobediente (foi outro o termo de que « se serviu) agora mesmo ha de ser preso, pois vamos « cercar o theatro e o havemos de levar pelas orelhas para bordo. »

« Como eu estava á paisana, pedi-lhe licença para ir á casa fardar-me. Parti immediatamente para o theatro, e fui ter ao camarote do major do dia, que era José Joaquim de Almeida, major do meu corpo. Tomando-o de parte contei-lhe o que havia ; elle conduziu-me ao camarim do principe, e fêl-o chamar para lhe communicar negocio grave.

« O principe sahiu incontinente e eu lhe referi o que havia : não voltando mais ao camarim, partiu immediatamente para S. Christovão. »

Divulgada repentinamente a noticia da violencia que os officiaes portuguezes queriam empregar contra o principe regente, irado correu o povo para as ruas e praças, e tratou de tomar armas de defesa ; formaram os officiaes brasileiros uma guarda de honra para acompanhar o principe até á quinta da Boa-Vista.

De character energico e destemido, se não aterrava facilmente o principe real D. Pedro ; resolute a resistir contra a divisão portugueza, mandou armar os militares da segunda linha e a guarnição da cidade, mas julgou conveniente enviar para a fazenda de Santa Cruz a sua familia ; e essa viagem precipitada, feita em dias calmosos, aggravou os padecimentos do principe herdeiro, que contava pouco mais de dez mezes de idade.

Tocou-se a rebato, cidadãos de todas as classes apresen-

taram-se armados ou correram aos quarteis do campo de Sant'Anna para tomarem o mosquete e a patrona ; officiaes reformados, sacerdotes, empregados publicos, negociantes empunharam armas e alistaram-se como simples soldados.

Apezar de se achar atacado da gôta, tomou o marechal Joaquim de Oliveira Alvares o commando da força, e mandou vir da Praia Vermelha a bateria da artilheria montada, que foi conduzida por animaes da cavalaria do principe.

Arrombando um portão que dava para á praia de Santa Luzia, sahiram do arsenal de marinha alguns soldados e operarios, e foram reunir-se ao povo e tropa que cogulavam o campo de Sant'Anna.

Os raios brilhantes da lua, transformando a noite em dia, favoreciam os planos dos fluminenses, mostravam-lhes os caminhos, guiavam-os em suas excursões, e alentavam-lhes na alma o amor da patria.

Occupando o morro do Castello e assestando uma peça contra a casa do capitão-mór Rocha, tomou a divisão portugueza, ao amanhecer do dia 12, uma attitudo hostile e ameaçadora ; na cidade achava-se o povo armado, e pela effervescencia e movimento guerreiro podia prognosticar-se grave conflicto. Mas, receiando-se da resistencia que os fluminenses podiam apresentar-lhe, crendo nas noticias exageradas de meios de defesa artificiosamente espalhadas, vendo que, apezar de ficar em armas, se não movêra do quartel o batalhão de caçadores 3, e que não podia conservar muito tempo a posição occupada, resolveu Avilez, intimado pelo principe, capitular, conservando seus soldados as armas, e retirar-se para a Praia-Grande, na outra banda da bahia. onde julgava poder permanecer até chegar

a expedição esperada de Portugal, sendo então mais facil a resistencia e mais seguro o resultado da luta.

Era uma capitulação phantastica, e para proval-o abramos de novo a carta, já por nós citada, do Dr. Meirelles. Escreve elle :

« No dia seguinte appareci em o n. 11 ; tinham capitulado as tropas portuguezas, e iam para a outra banda.

« Felizmente o commandante estava como na vespera, por isso disse-me que a capitulação era phantastica, e que a primeira companhia de caçadores 3 que chegasse á Praia-Grande iria occupar Santa-Cruz, que elles se fariam fortes, resistiriam ao principe até chegar a divisão auxiliadora ; e como me ordenasse que fosse arranjar as ambulancias, sahi e fui a toda pressa ao campo de Sant'Anna. Ahi chegando dirigi-me ao meu commandante, que estava com os marechaes Lino de Moraes, Geneli e outros, e lhes disse o que havia. O marechal Lino disse que sem tomarem o Pico não podiam tomar Santa-Cruz, que cincoenta homens fariam face a mil ; e não deram importancia ao que eu lhes dizia : « Pois, senhores, lhes tornei eu, no Pico ha um cabo e cinco soldados. » E fui para o general Curado, que estava á testa das forças patrioticas ; mal me ouviu, batendo-me no hombro, disse : « Tem razão, meu menino. » E mandou immediatamente um tenente com 60 homens occupar o Pico e reforçar Santa-Cruz.

« Não se tinha passado uma hora que chegára ao Pico a força mandada, quando a companhia de caçadores chegava tambem. Reconhecendo a força, retirou-se (4).

(4) Falleceu o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles em 13 de Julho de 1868 e sepultou-se no cemiterio de S. Francisco de Paula. Era medico da imperial camara, membro honorario da academia de medicina, official do Cruzeiro, commendador da Rosa, cavalleiro de Aviz, conselheiro, cirurgião-mór da armada, e tinha a medalha

Descrevendo o embarque da divisão portugueza diz o erudito historiador Varnhagen :

« Antes que as ditas tropas portuguezas passassem á outra banda atravessaram formadas algumas ruas da cidade, fazendo compassadamente com a marcha um tal ruido grave com os sapatos dos soldados cravejados de taxas, que o povo se lembrou de denominar-os pés de chumbo, alcunha que depois se estendeu a todos os filhos de Portugal, que, vendo n'ella affronta, d'isso julgaram vingar-se chamando aos filhos do paiz pés de cabra, alcunha que envolvia em si um verdadeiro insulto, que talvez contribuiu muito, senão a encarniçar a luta contra os europeus, pelo menos a arraigar odios que felizmente já quasi desapareceram com vantagem dos dois paizes. »

Transferida em embarcações de transporte a divisão portugueza, excepto o batalhão de caçadores que estivera em S. Christovão, não descansou o principe; mandou reunir tropa e milicias no campo do Barreto para cortar á divisão a communicação do interior do paiz; collocou em frente aos quarteis da Armação, occupados pelos soldados portuguezes, alguns navios de guerra; escreveu aos governos de S. Paulo e Minas pedindo-lhes reforço de tropa; fez uma representação ao povo e outra aos soldados de Avilez, que tambem publicou um manifesto justificando o seu procedimento; ordenou que os soldados da divisão que requeressem baixa a tivessem, e d'esse indulto aproveitaram-se muitos, pelo que, representou Avilez ao principe, que não o attendeu, e que, talvez para manifestar mais claramente sua adhesão aos brasileiros, chamou ao minis-commemorativa do rendimento de Uruguayana. Occupou distincto lugar entre os medicos do paiz, e ainda mesmo nos tempos das lutas ardentes dos partidos soube ganhar e conservar amigos dedicados entre seus adversarios politicos.

terio a Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Joaquim de Oliveira Alvares e a José Bonifacio de Andrada e Silva, illustre brasileiro, que, collocado ao lado do regente do Brasil, aconselhou-o e guiou-o tornando-o heróe da liberdade, creador de um povo.

No dia 26 recebeu D. Pedro a deputação enviada pelo povo, clero e governo de S. Paulo pedindo-lhe para permanecer no Brasil, e em presença do principe disse José Bonifacio :

« Digne-se V. A. Real, acolhendo benigno as supplicas de seus fieis paulistas, declarar francamente á face do universo que não lhe é licito obedecer aos decretos ultimos para a felicidade não só do reino do Brasil, mas de todo o reino unido. »

No discurso recitado em 15 de Fevereiro pela deputação de Minas perante o regente do Brasil lê-se.... « até que as côrtes, moderando a aceleração de suas decisões, providenciem legalmente, como é de esperar, o que fôr justo e de razão, menos sobre o regresso de V. A. Real, que jámais deixará de ser o centro commum da união e do poder executivo n'este reino. »

Provam estas palavras e as proferidas por José Bonifacio que a idéa geral e fixa era que o principe não devia abandonar mais o Brasil.

Lembraram as representações de S. Paulo e Minas a conveniencia da convocação de uma junta de procuradores geraes ou representantes legalmente nomeados pelos eleitores de parochia juntos em cada comarca.

Razões tinha o principe D. Pedro para achar-se molestado contra a divisão portugueza; tomando uma attitude revolucionaria, perturbando o socego publico, obrigára-o, em 5 de Junho de 1821, a alterar a fórma do governo legalmente eleito pelo rei; o que levou-o a chamar

a essa tropa de insubordinada em carta dirigida a seu pai; em 9 de Junho, na qual pediu-lhe a fizesse render quanto antes; acquiescendo á vontade dos brasileiros para ficar no Brasil, oppuzé-ra-se a divisão, armára-se, desrespeitára-o e ameaçára-o, assim como ao povo, e além d'isso magoára profundamente o seu coração a morte do príncipe, seu filho, em 4 de Fevereiro, victima incruenta d'esse motim militar. Relatou a el-rei esse acontecimento n'estas palavras :

« Meu pai e meu senhor. — Tomo a penna para dar a Vossa Magestade a mais triste noticia do successo que tem dilacerado o meu coração. O príncipe D. João Carlos, meu filho muito amado, já não existe.

« Uma violenta constipação cortou o fio de seus dias. Este infortunio é o fructo da insubordinação e dos crimes da divisão portugueza. O príncipe já estava incommodado quando esta soldadesca rebelde tomou as armas contra os cidadãos pacíficos d'esta cidade; a prudencia exigiu que eu fizesse partir immediatamente a princeza e as crianças para a fazenda de Santa-Cruz, afim de as pôr ao abrigo dos successos funestos de que esta capital podia vir a ser o theatro. Esta viagem violenta, sem as commodidades necessarias, o tempo que era mui humido, depois de grande calor do dia, tudo emfim se reuniu para alterar a saude de meu caro filho, e seguiu-se-lhe a morte.

« A divisão auxiliadora, pois, foi a que assassinou o meu filho e neto de Vossa Magestade. Em consequencia, é contra ella que levanto minha voz. Ella é responsavel na presença de Deus e ante Vossa Magestade d'este successo, que tanto me tem afflicto, e que igualmente affligirá o coração de Vossa Magestade. »

Não cabendo-lhe mais no peito os impulsos do seu rancor, esgotada a paciencia para supportar mais tempo o

desrespeito e pertinacia da divisão portugueza, passou-se o principe D. Pedro para bordo da fragata *União*, e em 9 de Fevereiro intimou a divisão para embarcar no dia seguinte, e, se o não fizesse, lhe não daria quartel e tratá-la-hia como inimiga. Quizeram os officiaes portuguezes procrastinar, vieram a bordo apresentar os inconvenientes de tão proxima partida; mas, ouvindo-os, respondeu-lhes o principe real:

« Já o ordenei e se o não fizerem amanhã começo a fazer-lhes fogo. »

De feito dormiu a bordo, e deu ordens para entrarem os navios no dia seguinte em linha de combate.

Conhecia Avilez o character energico e decidido do principe, que um dia havia de ser o seu rei, e por isso não reluctou mais, executou no dia 10 a ordem do regente do Brasil, e em 15 fez-se de vela elle e 1,046 praças acantonadas em cinco galeras, seguindo nas aguas d'essa esquadilha as corvetas *Liberal* e *Maria da Gloria* até certa distancia da costa.

Causou viva satisfação a partida dos soldados de Avilez; rigozizaram-se o principe e o povo; os cidadãos, que muitos dias conservavam-se de guarda nos edificios publicos, percorreram as ruas com os mosquetes enramados e ao som de instrumentos de musica; o anjo da paz adejou suas azas brancas sobre a cidade, annunciando ao povo tranquillidade e segurança.

Procedêra mal Jorge de Avilez desobedecendo ao principe, que, por sua conducta, só tinha que responder ás côrtes e ao rei seu pai; qualquer deliberação que tomasse, era d'elle a responsabilidade; não tendo autorisação para não cumprir as ordens do filho do rei, transformaram-se os soldados portuguezes em rebeldes, offenderam ao governo

legal do paiz e abusaram da força, arrogando a si direitos que não tinham.

Entretanto, em vez de censura, rendeu o congresso louvores á conducta de Avilez; mas diversamente procedeu com Francisco Maximiliano de Sousa, vice-almirante da expedição anciosamente esperada por aquelle general para apoiá-lo em suas pretensões.

Composta da náó *D. João VI*, fragata *Carolina*, charruas *Orestes*, *Conde de Peniche*, *Princesa Real*, e dois transportes com 1,190 praças de desembarque sob o commando do coronel Antonio Joaquim Rosado, chegou essa expedição ao Rio de Janeiro, e por ordem do principe regente fundeou fóra da barra em 9 de Março: na noite d'esse dia vieram á terra os commandantes, e assignaram um protesto sujeitando-se ás determinações do principe; no dia seguinte ancoraram os navios junto ás baterias da fortaleza de Santa-Cruz, e providos de vitualhas sarparam no dia 26 para Portugal, excepto a fragata *Carolina*, cuja officialidade abraçára a causa do regente do Brasil. Chegando a Lisboa, foi o vice-almirante Francisco Maximiliano escuso do serviço em conselho de guerra, mas o conselho do almirantado o absolveu.

Escrevemos estas paginas para demonstrar que houve duas respostas ás representações dirigidas ao principe em 9 de Janeiro de 1822; a primeira resposta foi contemporisante, palliativa, indecisa, e não satisfez ás necessidades publicas, á espectativa popular, o que levou o principe a mandar publicar a segunda resposta, franca, decidida e resoluta; foi uma decisão final, e, pronunciando-a, operou D. Pedro uma revolução, passou o Rubicon, travou a luta com Portugal, e aplainou, sem o pensar, o caminho que devia conduzi-lo ás margens do Ypiranga; apressou a libertação do Brasil, salvou-o da anarchia, das lutas civis,

plantou na America a monarchia, tornou-se o centro dos partidos politicos, o chefe dos brasileiros, o supremo magistrado da nação; se não cortou logo os grilhões que prendiam a terra americana ao reino europêo, fez com que esses grilhões não roxeassem os pulsos, nem tolhessem mais os movimentos dos filhos do novo mundo; começou a ser brasileiro, como disse elle, respondendo dois annos depois a uma representação do senado da camara, e a ser considerado o primeiro defensor da terra de Santa-Cruz, e por isso ainda não tremulava em nossos baluartes o estandarte auri-verde, e já o povo offerencia ao herdeiro do throno portuguez o titulo de defensor perpetuo do Brasil, indicado pelo brigadeiro Domingos Alves Branco Moniz Barreto.

Mas procedeu mal D. Pedro desobedecendo aos decretos das côrtes portuguezas ?

Certamente não: offendidos os seus brios pelos decretos das côrtes, insultado nas discussões do congresso por alguns deputados mais exaltados, tendo recebido, como se propalou n'aquella época, insinuações de el-rei para não attender ás ordens das côrtes, e reconhecendo que, a sua partida traria a independencia inevitavel do Brasil, resolveu ficar para conservar unidos os Estados, dos quaes um dia havia de ser o soberano: não desejava que se separasse dos reinos de Portugal e Algarves o do Brasil, descoberto por portuguezes e colonizado e civilizado por elles; lhe não convinha deixar escapar do seu sceptro este vasto dominio; » porém conhecia, como diz o auctivo autor da *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, mais atilado que muitos portuguezes que se apregoavam de entendidos e experimentados pela lição do mundo, e provecos de idade, que se não podia perpetuar o continente americano, sob a dynastia de Bragança, sem que se lhe concedesse uma tal autonomia ou independencia administrativa, com

um governo proprio no seu seio, e com instituições livres e adequadas aos interesses dos moradores e ás necessidades do paiz, bem que regido em nome do soberano de ambos os reinos. Previa que as tentativas de recolonização tenderiam a uma emancipação completa, a que se obstaría sómente com providencias prudentes e moderadas, e facultades de reger-se no seu tanto, como nação á parte e ligada apenas por conveniencias e laços de politica geral.

Foi, portanto, para bem de todos os seus subditos da America e Europa, de toda a nação portugueza, que D. Pedro ficou no Brasil; ainda se não tratava da independencia do reino americano; disséra José Bonifacio no discurso pronunciado perante o principe em 26 de Janeiro :

« Mas nós declaramos perante os homens e perante Deus, com solemne juramento, que não queremos nem desejamos separar-nos de nossos caros irmãos de Portugal, queremos ser irmãos, e irmãos inteiros, e não seus escravos. »

Collocado, porém, D. Pedro á frente dos brasileiros no caminho da liberdade, teve de acompanhar os acontecimentos; não pôde retrogradar, a causa do Brasil tornou-se tambem sua: prestigioso pelo seu nascimento e direitos de rei, tornou-se immediatamente o chefe, o centro dos movimentos politicos do Brasil, facilitou as pretensões e realisou os desejos dos brasileiros: sem elle, o Brasil libertar-se-hia talvez mais tarde, porém a independencia, em vez de um triumpho rapido, seria uma guerra longa, e depois da victoria não seguir-se-hia a paz, mas as commoções da arbitrariedade, ou as violencias da democracia.

E', pois, duplicadamente memoravel o dia 9 de Janeiro, é a aurora da nossa independencia, como disse o visconde de Cayrú, é o marco da nossa liberdade, o dia da iniciação do nosso regimen governativo, o dia da liberdade, da ordem,

do governo destinado ao Brasil; o —fico,— foi o *fiat* pronunciado na America.

Assim como Guilherme Tell não comprimentando o barrete de Gesler libertou a Suissa, e os habitantes de Boston alijando ao mar o chá dos navios inglezes iniciaram a guerra que deu independencia á terra de Washington e Franklin, assim o príncipe real D. Pedro pronunciando — fico — libertou o Brasil.

1867.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DO

GENERAL JOSÉ DE ABREU, BARÃO DO SERRO LARGO

POR

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS JUNIOR (*)

I

Nascimento de José de Abreu. — Assenta praça no regimento de dragões. — E' promovido a capitão, pelos serviços prestados nas campanhas de 1811 e 1812. — E' elevado a tenente-coronel, e recebe o commando militar da fronteira do Quarahim.

Um dos talentos mais brilhantes que adornaram as letras e o jornalismo de nossa terra, o Dr. Justiniano José da Rocha, escrevendo a vida do illustre marquez de Baependy (1), enunciou um conceito que não pôde ser contestado em sua generalidade, quando accusou de ingrato e esquecedor o povo brasileiro.

Com effeito, é uma triste realidade! nem o passado, nem o futuro do paiz attrahe entre nós a attenção publica, que descuidosa se deixa absorver na contemplação dos succes-

(*) Este trabalho foi escripto quando seu autor cursava ainda as aulas da faculdade de direito de S. Paulo. A isso, e á rapidez com que foi traçado, deve-se sobretudo o desalinho da phrase e outras faltas, que sem duvida o leitor desculpará. Se esta memoria pôde aspirar a algum merecimento, é unicamente ao de occupar-se de alguns pontos da nossa historia, sobre os quaes nada se tem escripto até hoje.

O AUTOR.

(1) *Biographia de Manoel Jacintho Nogueira da Gama, marquez de Baependy*. Rio de Janeiro, 1851, 1 vol.

dos e dos homens do presente. Para os acontecimentos do passado, — d'esse passado ainda tão recente, mas tão fértil em grandes exemplos e lições proveitosas, — só ha esquecimento e indiferença da parte de quasi todos, e até escarneo e ridiculo da parte de muitos.

Nunca pertencemos ao numero dos indifferentes, ou d'esses espiritos fortes; e é por isso que tentamos hoje esboçar rapidamente a biographia de um brasileiro illustre, que consagrou sua vida inteira ao serviço da terra que o viu nascer, dando no decurso d'ella as mais raras provas de amor e dedicação á patria.

O general José de Abreu é, na verdade, um dos vultos mais eminentes e distinctos da nossa historia. Não foi elle, digamol-o já, um d'esses entes felizes que se cobrem de honras e de grandezas, só por que sabem captar as boas graças dos poderosos da terra.

Abraçando, orphão de protecções, a carreira honrosa das armas, illustrou seu nome, enriqueceu os fastos militares de sua patria, e conquistou, unicamente por seu merecimento, as honras e as dignidades que lhe couberam em partilha.

Duas vezes livrou elle a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul da invasão estrangeira; dezenove vezes bateu-se nos campos de batalha, cobrindo sua frente de louros immarcesciveis. Assim como nunca se deixou allucinar pelos encantos da fortuna, manifestando sempre uma modestia que rarissimas vezes se póde encontrar em tão subido gráo; assim tambem não se deixou abator, nas horas do infortunio, pelas injustiças e ingratições de que foi victima.

Sobre os primeiros annos de sua vida muito pouco nos foi possível saber. Descendia de uma familia de açoristas, que se estabelecêra no Povo Novo, lugarejo situado entre

Rio-Grande e Pelotas, onde viu elle a luz do dia no ultimo trintenio do seculo passado.

Recebidos os primeiros rudimentos da educação, alistou-se no regimento de dragões (2), habituando-se assim desde a mais tenra idade ás privações da vida militar. N'esse regimento serviu Abreu até ao posto de capitão, fazendo com elle a campanha de 1801, e as de 1811 e 1812, nas quaes começou logo a tornar-se conhecido pelo seu zelo e actividade, pela sua intelligencia e admiravel bom senso, que suppriam completamente a falta de uma educação esmerada, aliás muito pouco commum, mesmo hoje, entre os que se dedicam á carreira das armas.

N'estas ultimas campanhas, sendo tenente da 7ª companhia do referido corpo, esteve a principio em Missões, na columna do então coronel João de Deos Menna Barreto (3), e foi depois destacado com o coronel Thomaz da Costa (4) para a fronteira do Quarahim, ameaçada por Artigas, d'onde em seguida marchou para a foz do Santo Antonio, aguardando ahi a chegada do exercito pacificador ás margens do Uruguay (5).

(2) Segundo as informações que, por intermedio de um amigo, obtivemos do Exm. Sr. general J. J. Machado de Oliveira, esse regimento teve posteriormente a denominação de 5ª de cavallaria.

(3) Depois marechal de exercito, visconde de S. Gabriel, fallecido em 1849.

(4) Thomaz da Costa Correia Rabello e Silva, depois general.

(5) Em 1811 tinhamos na fronteira do Quarahim uma força mui diminuta, mas que arrojava-se a fazer incursões no territorio inimigo. Foi essa força (duzentos homens) que se apoderou de Paysandú, depois de uma luta encarnçada, em que da guarnição apenas escaparam oito homens, perecendo todos os outros, inclusive o chefe inimigo, que era um capitão Bento, filho de Porto-Alegre.

Marchando Artigas para o Salto com os habitantes da campanha, em numero de quatorze mil, foi contido ahi pelo major Marcel

A campanha de 1812 terminou, como se sabe, pelo triste armistício que celebrára em Buenos-Ayres o commissario portuguez Radmaker, e, conhecido elle, as nossas forças, após pequena demora, se puzeram em marcha, recolhendo-se á fronteira. No dia 12 de Outubro, o general em chefe despediu-se, nas pontas de Cunã-pirú do bravo exercito que commandára, promettendo aos seus companheiros d'armas levar á noticia do soberano os nomes dos que mais se haviam assignalado; e entre estes não olvidou o do tenente Abreu, de sorte que na primeira promoção foi elle elevado ao posto de capitão com antiguidade de 11 de Junho de 1811.

Poucos annos depois, em 1814, era o mesmo Abreu nomeado commandante dos esquadrões de milicias de Entre-Rios, dando-se-lhe ao mesmo tempo a patente de tenente-coronel e o commando militar do districto de Entre-Rios, que comprehendia a linha de fronteiras do Quarahim até Sant'Anna do Livramento.

Aproveitados assim os seus serviços, e collocado em posição mais elevada, pôde elle nas campanhas seguintes assignalar-se por uma serie de feitos notaveis, que bastariam para firmar a gloria do seu nome, e para inscrevê-lo em caracteres de ouro em muitas das paginas mais brilhantes da nossa historia.

Em 1816 é que começou a tornar-se interessante a vida do illustre barão do Serro-Largo. Acompanhemol-o aqui

dos Santos Pedroso. Atacado traiçoeiramente junto ao Arapehy-Chico por forças cinco vezes maiores (tambem commandadas por um rio-grandense, o tenente-coronel Manoel Pinto Carneiro), pôde Pedroso repellir os contrários e retirar-se para a serra do Jaráo, d'onde voltou depois, a medir-se com o inimigo. Foi em consequencia d'esses successos que o conde do Rio-Pardo destacou para o Quarahim a columna do coronel Costa, da qual Abreu fazia parte.

nos seus dias de gloria, para seguil-o depois em seus dias de infortunio, quando, victima da ingratição, vendo esquecidos seus serviços, empunhava a sua espada, sempre vencedora, para ir morrer como um simples soldado em defesa da honra nacional ultrajada.

II

Rapida vista d'olhos sobre o estado da Banda Oriental em 1816, e sobre as causas da intervenção armada do governo de D. João VI.— Chegada dos voluntarios reaes.— Instrucções do capitão-general do Rio-Grande.— Começo das hostilidades, encontros entre as forças inimigas e as de José de Abreu, no districto de Entre-Rios.— O general Curado toma conta do exercito da direita.— Plano de Artigas, suas forças invadem as Missões Orientaes e sitiam S. Borja — José de Abreu é enviado para levantar o sitio de S. Borja.— Sua marcha ao longo do Uruguay.— Combates do Passo de Japejú e do Ibicuhy, em que é repellido Sotel. — Abreu atravessa este rio em procura do coronel Andrés Artigas. — Combate de S. Borja e restauração das Missões Orientaes.

A campanha de 1812 terminou sem que tivéssemos obtido as vantagens que o governo tinha o direito de esperar.

A Banda Oriental continuou a ser preza da mais desenfreada anarchia e da mais estúpida das tyrannias. José Artigas, caudilho que adquirira já uma grande celebridade, não tanto pelos seus sentimentos patrioticos, como por sua ambição descommunal, e pela crueldade de que tantas provas soube dar, mantinha-se em luta com o directorio de Buenos-Ayres, a despeito dos auxilios prestados por este para a expulsão dos hespanhóes da cidade de Montevidéo, e dos esforços de alguns homens distinctos do Rio da Prata (6).

(6) Talvez se diga que somos demasiadamente rigorosos fallando d'esse chefe, e, pois, julgamos conveniente transcrever para aqui um trecho da « *Auto-Biographia del Brigadier General Rondeau* », que caracteriza Artigas em poucas palavras..... « pretendia para a sua

Sua influencia estendia-se mesmo além do Uruguay, sobre Corrientes, Entre-Rios, Santa Fé e Cordova.

A anarchia, que reinava então n'esses paizes, a ninguem devia assombrar, pois era a consequencia da transição violenta por que passaram, trocando repentinamente as instituições monarchicas e o regimen colonial por um governo puramente dêmodratico (7).

O director supremo das Provincias Unidas, Posadas, e seu successor Alvear adoptaram para com o caudilho Oriental uma politica energica; mas uma revolução apeou este ultimo do poder (15 de Abril de 1815), e a administração, que lhe succedeu, procurou seguir uma linha de proceder opposta, tentando, mas debalde, estabelecer relações amigaveis com esse chefe.

Foi então que á côrte do Rio de Janeiro chegou emigrado o ex-ministro de Buenos-Ayres Nicolas Herrera, amigo do director decahido, e proscripto como este (8).

provincia (diz Rondeau) a emancipação absoluta de qualquer outro poder, que não fosse o seu, porque só elle se reputava o arbitro de seus destinos. »

Póde vêr-se igualmente na « *Memoria sobre la projectada retirada del exercito destinado al sitio de Montevideo*, etc. », escripta pelo general Nicolas Vedia, a maneira como 'é julgado o mesmo caudilho.

(7) Não nos venham com o exemplo dos Estados-Unidos. E' um povo excepcional, que por indole e caracter muito differe dos povos de origem latina.

(8) Quem estudar a historia dos paizes banhados pelo Prata ha de lembrar-se muitas vezes d'estas palavras de *Edgar Quinet* em referencia á Italia; « *La ressource de chaque parti vaincu est d'ouvrir les portes du pays à une armée étrangère. Considérez l'Italie à quelque époque que ce soit, il est un personnage, que vous rencontrez dans chaque événement, et qui est l'artisan infatigable de cette histoire: je veux parler de l'emigré. Toujours prêt à livrer cette patrie, qu'il n'a pu gouverner, il sollicite l'ennemi, il presse, il conduit l'invasion.* » (*Revolutions d'Italie*— Paris—1857,—1 vol.)

Com o talento e a sagacidade que, tanto o distinguiram, conseguiu elle, auxiliado por Alvear, fazer renascer na cõrte de D. João VI os planos de conquista que, havia muito, eram ahí alimentados (9).

Os seus manejos, as apprehensões e receios que a influencia de Artigas despertava no animo do gabinete de S. Christovão pela segurança e tranquillidade das fronteiras meridianas do Brasil; as queixas constantes e repetidas dos habitantes do Rio-Grande, que pediam garantias para suas vidas e propriedades; tudo isso decidiu e deu causa á intervenção de 1816 e á occupação militar da Banda Oriental, que só teve lugar depois de desattendidas pelo governo de Madrid as justas reclamações de D. João VI (10).

O governo guardou o mais inviolavel segredo sobre a resolução que adoptára, de expulsar o inquieto e perigoso vizinho; e limitou-se a communicar á Grã-Bretanha, e á Hespanha, que ia transferir para o Brasil uma divisão de voluntarios, escolhidos d'entre as tropas que haviam feito

(9) Vejam-se as « *Memorias e Reflexões sobre o Rio da Prata por um official da marinha brasileira* »; trabalho de alto merecimento historico, infelizmente interrompido, que se deve á penna do fallecido almirante Jacintho Roque de Sena Pereira. O Sr. conselheiro Pereira da Silva, que em sua recente e preciosa « *Historia da Fundação do Imperio* », se occupa extensamente dos negocios do Rio da Prata, não nos falla da influencia que teve Herrera sobre a invasão de 1816, e sobre os ultteriores acontecimentos.

(10) O governo do Rio de Janeiro pediu ao de Madrid (antes de mover as suas tropas) providencias para a expulsão do audacioso caudilho, e, comquanto o gabinete hespanhol se mostrasse a principio inclinado a satisfazer essa exigencia, mudou posteriormente de resolução, enviando para Nova Granada a expedição que tinha a principio destinado ao Rio da Prata.

Tambem n'essa reclamação não falla o Sr. conselheiro Pereira da Silva na obra já citada.

a guerra peninsular. Essa divisão, commandada pelo general Carlos Frederico Lecór, mais tarde visconde da Laguna, partiu effectivamente de Lisboa e desembarcou no Rio de Janeiro, seguindo depois para Santa Catharina, d'onde marchou por terra para o Rio-Grande.

O governo já havia transmittido ao capitão-general do Rio-Grande, marquez de Alegrete, as convenientes instrucções para a defesa das fronteiras, recommendando-lhe que batesse e dispersasse todas as partidas contrarias, que se approximassem do nosso territorio; e o marquez déra-se pressa em cumprir as ordens terminantes que recebêra, mobilisando, além da força de linha de que dispunha, todos os regimentos milicianos: mas a chegada dos « voluntarios reaes » á côrte e os movimentos de tropas no Rio-Grande levantaram suspeitas no animo de José Artigas, que bem depressa foi informado mindamente das intenções do governo de D. João VI, por cartas enviadas do Rio de Janeiro.

O audaz caudilho não se atemorizou com isso, e em seu louco orgulho chegou até a regeitar os auxilios que de Buenos-Ayres lhe offereceu o director Puyrredon. Quiz resistir só por si, e preparou-se para a luta, concentrando em Purificacion, á margem do Uruguay, o grosso de suas forças.

O illustre general Curado (11) havia sido incumbido pelo marquez de Alegrete da defesa das fronteiras do Quarahim e do Uruguay; e, comquanto se apressasse em reunir as forças cujo commando lhe fôra commettido, e em marchar para o seu posto de honra, achou já o inimigo de

(11) Joaquim Xavier Curado, depois conde de S. João das Duas-Barras.

sobre-aviso, perfeitamente prompto para romper as hostilidades.

As partidas d'este já haviam por mais de uma vez transposto o Quarahim e penetrado em nosso territorio, onde os pequenos recontros e choques de cavallaria succediam-se uns aos outros ; mas o intrepido tenente-coronel Abreu, que, como dissemos, commandava o districto militar chamado de Entre-Rios, soube sempre repellir os destacamentos inimigos, derrotando-os, e arrojando-os para longe da fronteira.

A attitude energica, que em tão criticas circumstancias assumiu esse bravo militar, mereceu do distincto paulista Diogo Arouche de Moraes Lara menção especial, na sua interessante *Historia das campanhas de 1816 e 1817*, em termos de justo e merecido louvor (12).

N'essas circumstancias apresentou-se o general Curado na fronteira, e tomou posições no Ibirapuitan-Chico, destacando logo para as missões orientaes o general Chagas Santos e aguardando entretanto os movimentos do inimigo para manobrar convenientemente.

Artigas, depois de ter feito partir Otorquez e Rivera para as bandas do Jaguarão e do Chuy, avançou de Purificacion com tres mil homens (13), foi postar-se na quebrada das Tres Cruzes, situada nas proximidades do Serro de Luna-rejo.

Com essas forças concebeu elle o arrojado plano de in-

(12) Vide a *Revista do Instituto Historico*, tomo VII, pags. 124 e 273.
« ...N'estas guerrilhas e partidas principiou a fazer-se assignalado o tenente-coronel José de Abreu, então commandante dos esquadrões e do mencionado territorio de Entre-Rios. »

(13) Vide a *Memoria de los successos de armas, que tuvieron lugar en la guerra de la independencia; de los orientales con los españoles e portugueses*, etc., etc., escripta por um oriental contemporaneo.

vadir o Rio-Grande, emquanto Rivera e Otorquez hostilizavam as forças de Lecór e as que guarneciam a linha do Jaguarão.

Ordenou que o coronel Andrés Artigas invadisse as missões orientaes, e que o coronel Berdun transpuzesse o Uruguay em Belém, seguisse pela sua margem direita e o atravessasse de novo, collocando-se entre o Quarahim e o Ibicuhy. Effectuada a conquista das Missões, o primeiro d'esses chefes devia avançar pelo coração do Rio-Grande, apoiado por uma columna ao mando de Pantaleon Sotél, emquanto o grosso do exercito inimigo atacava a divisão de Curado.

O plano não podia ser melhor concebido. Ameaçadas pelo flanco e pela retaguarda, as nossas forças teriam de recuar precipitadamente para não ver a sua retirada cortada, e para cobrir o interior da provincia. A vigilancia dos novos chefes, porém, descobriu logo as intenções do inimigo, e preparou-lhe o mais prompto e solemne castigo.

O general Thomaz da Costa (14), que commandava uma divisão avançada das forças de Curado, percebendo os passos do inimigo, destacou logo para as Missões o bravo tenente-coronel José de Abreu, e com os restos de sua columna retirou-se até ao acampamento de Curado, conduzindo os habitantes da fronteira, e todos os moveis que puderam estes carregar comsigo.

Abreu havia sido incumbido por elle de obstar á passagem de Sotél no Uruguay, e sua junção com Andrés Artigas, correndo em seguida sobre S. Borja, ameaçada por uma divisão de mil e quinhentos homens ao mando d'este ultimo chefe.

Para empreza tão arriscada foram-lhe dados apenas seiscientos e cincoenta e tres homens das tres armas, e duas

(14) Thomaz da Costa Corrêa Rabello e Silva.

peças de artilheria (15); mas o bravo rio-grandense não olhava ao numero, senão ao cumprimento do dever, e partiu alegre e orgulhoso para desempenhar a sua honrosa missão.

Seguiu, pois, sem demora, margeando o Uruguay, e forçando quanto era possível as marchas.

Soube então que Sotél estava atravessando esse rio no passo de Japejú, e voando ao seu encontro, descobriu-o no dia 21 de Setembro, atacou-o por surpresa, e arrojou-o á outra margem, apprehendendo mil e quinhentas rezes, muitos cavallo, armamento e alguns prisioneiros.

A mortandade do inimigo foi grande, porque, ao lançarem-se seus soldados ao rio, Abreu fez trabalhar sobre elles a artilheria, causando-lhes com isso um grande damno.

Sotél, porém, não era homem de desanimar. Com o auxilio de algumas barcas canhoneiras tentou effectuar a passagem da sua força junto á foz do Ibicuby, no passo de Santa Maria. O providente Abreu havia já destacado uma força de cavallaria para dar-lhe noticia dos movimentos do inimigo, e logo que foi informado das intenções d'este, deixou a guarda das bagagens confiada ao esquadrão do Rio-Pardo, e correu para o Ibicuby.

Sotél com as canhoneiras protegia a passagem de suas tropas para a margem direita do Ibicuby. Vendo isso, fez Abreu abrir uma picada no mato, e conduziu por ella a artilheria e a infantaria até á borda d'agua, onde, acoberto

(15) Essa força estava assim dividida: *cavallaria*, um esquadrão de dragões, um de milicias do Rio-Pardo, um da legião de S. Paulo, um de milicias de Entre-Rios, um de lanceiros guaranys, com quinhentas e treze praças; *infantaria*, uma companhia da legião de S. Paulo, cento e dezeseite praças; *artilheria* da legião de S. Paulo, vinte e tres praças, e duas peças. *Total*, seiscentos e cincoenta e tres homens e duas bocas de fogo. (Vejam-se as « *Memorias da Campanha de 1816 por Diogo Lara* », impressas no volume 7º da *Revista do Instituto Historico*.)

redo, rompeu um fogo vivissimo sobre os con-
responderam com balas e metralhas (16).
chefe artiguenho, reembarcou suas forças,
mente o Ibicuhy; mas soffreu ainda
o terrivel de mosquetaria, dirigido
tenente-coronel fizera com ante-

ou adversario, de algumas
da a columna de Sotél.
pô le; fugindo do
ara operar sua junção
trazia em apertado sitio a
o general Chagas Santos oppu-
energica resistencia.

s, tempo a perder. O que Abreu devia
mentos tão supremos era avançar com a maxima
possivel para esse ponto. Foi o que o distincto e
cabo de guerra executou, sem que o embaraçassem
obstaculos naturaes que teve de superar n'esse trajecto.
Nos dias 25 e 26 atravessou o Ibicuhy, operação difficil
em consequencia de ter engrossado o rio e da falta absoluta
de canoas e de material apropriado para effectual-a.

O entusiasmo que sabia inspirar a seus subordinados,
orgulhosos de um tal chefe, fez com que estes puzessem em
pratica esforços quasi sobrehumanos para vencer as dis-
tancias e as difficuldades.

No dia 27 eram batidos pela sua columna, em Ituparay,
duzentos homens enviados por Sotél muitos dias antes para
levantar gado. O inimigo deixou no campo trinta e oito
cadaveres (17).

(16) Diogo Lara « *Memorias.* »

(17) N'esse encontro perdeu vinte e quatro mortos; e em duas guer-

O dia 3 de Outubro tinha sido destinado pelo coronel Andrés Artigas para dar novo e decisivo assalto a S. Borja. Esse chefe sitiava ahí o general Chagas Santos desde 21 de Setembro, e nos repetidos ataques que déra, principalmente no dia 28, havia já perdido duzentos homens. Aguardava o reforço de Pantaleon Sotél para investir a povoação, e este desde o dia 2 começára a operar a sua passagem, trazendo, além de infantaria, seis bocas de fogo.

Abreu não podia chegar mais a proposito. Tão veloz foi a sua marcha, e com tanta habilidade e prudencia se houve durante ella, que o inimigo não suspeitou a sua aproximação.

Favorecido por um denso nevoeiro, apresentou-se nas circumvizinhanças do povoado, tendo feito antes os seus soldados trocarem as vestes de viagem pelas fardas de grande parada, animando-os com palavras cheias de ardor e entusiasmo.

Grande foi o alvoroço dos inimigos quando seus postos avançados deram noticia da chegada dos nossos. Abreu, avançando sempre, tratou de ganhar uma posição conveniente, mas antes que o pudesse fazer sahiram-lhe ao encontro oitocentos homens de cavallaria. Dispôz então a sua columna em ordem de batalha, e destacou forças de cavallaria para que flanqueassem o inimigo. Este retrogradou, sustentando com os nossos flanqueadores um vivo fogo e foi collocar-se entre dois pomares.

Abreu ordenou á infantaria que occupasse os pomares. Esta avançou a passo de carga, protegida por um esquadrão ligeiro, que lhe cobria a frente, e, ao approximar-se do primeiro pomar, a infantaria inimiga, que n'este estava emboscada, soltou-lhe uma descarga á queima-roupa. Os rilhas, que tiveram lugar no mesmo dia, quatorze mortos e um prisioneiro.

nossos soldados, sem se perturbarem, investiram, e depois de uma luta terrível e desesperada apossaram-se de ambas as posições, deixando estendidos todos os que as defendiam, com excepção de poucos, que a muito custo puderam ser salvos da morte pelos nossos officiaes.

N'essa occasião chegava o intrepido José de Abreu com o resto da columna em auxilio da nossa infantaria. Achando-a, porém, senhora dos pomares, e vendo o inimigo em retirada para reunir-se ao grosso de suas forças, preparou-se para atacal-o, e, apoiando-se nas posições que acabavam de ser tomadas, ordenou á artilharia que o metralhasse.

A linha inimiga conservava-se immovel, respondendonos com a sua artilharia e infantaria.

O esquadrão de S. Paulo avançou então a galope sobre o inimigo, carregou um corpo d'este, que com uma peça fazia sobre os nossos vivissimo fogo, arrojou-o fóra de combate e apoderou-se do canhão.

Esta carga, executada com ardor e felicidade, causou alguma confusão na linha inimiga, e, aproveitando-se d'esta vantagem e do enthusiasmo de seus soldados, Abreu investio-a com todas as suas forças, cortou-a pelo centro, e desbaratou-a inteiramente, lançando-a em completa desordem uma parte para o passo de S. Borja, e outra para os lados de Botuhy.

Toda a artilharia, as bagagens, a secretaria militar, muito armamento e dois mil cavallos foram os trophéos d'essa esplendida victoria, que, póde-se dizer, decidiu da sorte da campanha, aniquilando inteiramente o plano de operações que traçára Artigas. No campo ficaram cêrca de quatrocentos inimigos mortos e trinta prisioneiros (18). O inimigo foi perse-

(18) O illustrado Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua « *Historia da Fundação do Imperio do Brasil* », tomo IV, pag. 23, diz que Abreu

guido até grande distancia; mas, achando-se nossos soldados nimiamente fatigados, recolheram-se ao povoado, onde descansáram por um curto espaço de tempo, sabindo logo depois a infantaria e artilharia para o passo de S. Borja, protegidas por um esquadrão de cavallaria, e para o Botuhy uma força de cavallaria de duzentos e trinta homens.

No primeiro d'esses pontos dispersou Abreu os inimigos, que, dispondo-se a passar o Uruguay a salvamento, tiveram entretanto de atirar-se a nado, acossados por elle e batidos por sua artilharia, perecendo no rio mais de duzentos.

A força de cavallaria destacada para o sul encontrou no dia seguinte os fugitivos, em numero de setecentos, perto do Botuhy, a cinco leguas de S. Borja, e, apesar da inferioridade numerica dos nossos, o capitão Prestes, que os commandava, atacou-os, causando-lhes a perda de cem homens. Abreu, sempre activo e solícito no cumprimento de seus deveres, apresentou-se ahí no dia seguinte, apprehendendo mais seiscentos e vinte cavallos. Achou apenas os vestigios da nossa victoria e da precipitada fuga do inimigo (19).

Tantos e tão assignalados triumphos tornaram desde então popular e prestigioso entre os veteranos do sul o

Incitou os assediados a sabírem igualmente da praça e auxiliá-lo poderosamente.

Ha manifesto engano n'esta asserção.

O autor da *Memoria da Campanha de 1816*, que tambem serviu de guia áquelle illustre escriptor na descripção dos successos de que nós occupamos, affirma positivamente o contrario em uma nota.

(19) Veja-se Diogo Lara, « *Memorias da campanha de 1816* »: officios de 22 de Outubro, 8 e 9 de Novembro, dirigidos por Abreu e Chagas Santos ao tenente general Curado, com a descripção d'esses combates.

nome do intrepido José de Abreu, que era o terror dos soldados de Artigas. O modo brilhante, por que executou a arriscada missão de que fôra encarregado, mereceu muitos louvores e elogios, não só de seus superiores e de seus companheiros de armas, como do governo e da imprensa da epocha.

O illustre chronista d'essa campanha, Diogo Lara, que tantas vezes temos citado, assim se exprime no seu interessante trabalho ácerca das operações do nosso heróe na margem esquerda do Uruguay :

« Do que fica dito se conhece que o tenente-coronel Abreu concluiu a total restauração da provincia de Missões dentro de nove dias consecutivos ao da sua passagem do Ibicuby, oppondo a mais de dois mil inimigos a pequena força de seiscentos e cincoenta e tres homens, tão felizmente, que a perda total das suas tropas, nas arções que teve, foi insignificante á vista da que causou aos insurgentes, aos quaes matou seguramente mil homens (20), tomando-lhes immenso armamento, cavallos, etc. ; serviço este que pela sua importancia constitue este official benemerito e credor de todos os louvores e contemplação do seu soberano, assim como do reconhecimento e gratidão da capitania do Rio-Grande, que deve aos honrados e valentes^s esforços de tão bravo official uma grande parte do territorio e propriedades, salvos por elle e pelas suas tropas. »

A essas palavras, escriptas por penna tão competente e imparcial, juntaremos alguns trechos da carta dirigida pelo bravo general Curado ao vencedor de S. Borja.

(20) Ha sem duvida alguma exaggeração n'esse numero. A perda do inimigo póde ser calculada em setecentos mortos, no minimo.

« QUARTEL-GENERAL EM IBIRAPUITAN-CHICO.

« Sr. tenente-coronel José de Abreu.

« Recebo com satisfação a parte official que V. S. me dirigiu do passo de S. Borja, com data de 8 do corrente, sobre o ataque e derrota dos inimigos, que pretendiam invadir a fronteira de Missões.

« Louvo a V. S. o acerto com que dirigiu a sua marcha, vencendo os obstaculos da estação ; louvo o sabio discernimento com que V. S. dispôz o ataque ; louvo a sabedoria com que dirigiu as operações e o combate ; louvo, finalmente, a prudente conducta com que V. S. soube adquirir o conceito e estima da tropa de seu commando.

« Estimo sobremaneira que V. S. dêsse mais esta prova para radicar o seu abalitado merecimento, etc. »

José de Abreu tinha, com effeito, motivos para ensoberbecer-se, se não fosse tão bravo quanto modesto. Elle, porém, recebia essas e outras demonstrações de apreço, sem que ellas pudessem operar em seu animo a menor mudança, nem dar origem ao menor arranco de amor proprio.

Em Março do anno seguinte teve elle a satisfação de ler o aviso de 2 de Fevereiro dirigido pelo conde da Barca a Curado, em que esse ministro, em nome do rei, ordenava ao general que fizesse constar ao tenente-coronel José de Abreu que Sua Magestade ficára satisfeito dos seus serviços e do valor que manifestou no combate de S. Borja.

III

Factos que se seguiram ao combate de S. Borja. — O inimigo resolve atacar-nos com todas as suas forças. — Move-se o nosso exercito. — Abreu é incumbido do commando da vanguarda. — O exercito inimigo, ao mando de La Torre, marcha ao encontro dos nossos. — Resolve o nosso general atacar o quartel-general de Artigas. — Abreu é incumbido d'esta missão. — Ataque do Arapehy (3 de Janeiro de 1817) e derrota de Artigas. — Volta Abreu com a noticia de que La Torre n'esse dia devia atacar-nos. — Batalha de Catalan (4 de Janeiro). — Parte que n'ella teve Abreu.

A noticia do combate de S. Borja e da derrota de Andrés Artigas decidiu o general Curado a fazer atacar a divisão do coronel Berdun, e logo depois o grosso das forças inimigas.

Assim as victorias de Abreu nas Missões prepararam duas outras, não menos brilhantes, e ferteis em resultados.

A primeira foi devida ao intrepido general João de Deos Menna Barreto (visconde de S. Gabriel), que, a 19 de Outubro, derrotou junto ao Ibiracahy ao mesmo Berdun; a segunda, ganhou-a oito dias depois, junto a Carumbé, o illustre general Joaquim de Oliveira Alvares (21).

Abreu não pôde tomar parte n'esses combates, quanto recebesse ordem de transpôr o Ibicuhy, e manobrar de accordo com Menna Barreto: o inimigo atacára a este antes da sua chegada. Novos louros, porém, deviam muito breve juntar-se aos que já havia elle colhido.

Expulso o inimigo do nosso territorio, preparavam-se nossas tropas para atacar as forças que elle concentrava e reu-

(21) Em Ibiracahy perdeu o inimigo duzentos e trinta e oito mortos e vinte e quatro prisioneiros: em Carumbé uns seiscentos homens, dois estandartes, muitos prisioneiros, armamento e sete caixas de guerra. Nós tivemos apenas vinte e seis mortos, e quarenta e quatro feridos.

dia no Arapehy, quando, a 15 de Novembro, o Marquez de Alegrete, capitão-general do Rio-Grande, assumiu o commando do nosso pequeno exercito da direita, que mal contava em suas fileiras dois mil e quinhentos combatentes; poucos, mas todos bravos e aguerridos, cheios de força moral e de entusiasmo.

Sempre audaz e temerario, sem esperar que os nossos o fossem atacar, Artigas destacou La Torre com a maior parte de seus soldados, para surprehen der e dar batalha ao exercito brasileiro.

Este já então manobrava e movia-se em busca do inimigo. O Marquez de Alegrete, que, como o general Curado, possuia a grande qualida de de conhecer os homens, sabendo tirar de suas habilitações o maior partido possivel, incumbiu do serviço da vanguarda o bravo tenente-coronel Abreu, confiando-lhe o commando de dois esquadrões de milicias de Entre-Rios, dois esquadrões de guerrilhas, sessenta infantes e duas peças, tirados estes ultimos da legião de S. Paulo.

Com essa força, collocada sempre a um quarto de legua da testa da nossa columna, guardava Abreu o nosso campo e vigiava a campanha pela frente e flancos.

La Torre, illudido pelos movimentos dos nossos, avançou até ao Ibirapuitan, e só ahi sabendo da verdadeira paragem em que estavamos, contramarchou para atacar-nos pela retaguarda.

Nosso exercito avançou duas leguas, e foi tomar posições no Catalan, galho do Quarahim, procurando attrahir La Torre, e approximar-se do acampamento de Artigas no Arapehy.

A posição em que se collocava o nosso general, entre La-Torre, pela retaguarda, e Artigas, pela frente, era sem duvida muito arriscada, mas elle soube tirar partido d'ella

para dar ao mesmo tempo sobre ambos dois golpes fortes e decisivos.

Como La-Torre a marchas forçadas se avizinava dos nossos, era mister que o ataque do acampamento do Arapehy fosse conduzido com celeridade e promptidão, para que no dia da batalha estivesse de novo reunido todo o nosso exercito.

O escolhido para essa empresa delicada e importante foi o bravo Abreu. Chamando-o á sua presença, o marquez fez-lhe ver todo o perigo da commissão que lhe confiava, declarando-lhe mesmo que, se fossemos infelizes, a derrota seria inevitavel, quando nos vissemos a braços com as forças de La-Torre.

Abreu tranquilisou o general, e assegurou-lhe que estava prompto para cumprir suas ordens.

Nas instrucções que lhe deu, o capitão-general ordenou-lhe terminantemente que destruisse o quartel-general inimigo, e que estivesse de volta no dia seguinte. Na noite de 2 de Janeiro de 1817 pôz-se José de Abreu em movimento com seis-centos homens e duas peças; e ás sete da manhã seguinte avistava as avançadas de Artigas. A forte posição em que se apresentava, não fez vacillar um momento o habil tenente-coronel (22), que a foi logo atacar com o seu valor costumado e resoluta intrepidez, tendo n'um momento distribuido suas tropas, adaptando-as á natureza do terreno em que tinham'de operar.

O inimigo achava-se acampado em terreno escabroso, para o qual se penetrava por um desfiladeiro. Além d'este estendia-se uma planicie, que era separada de outra, que

(22) *Moraes Lara.*

occupava Artigas com o grosso de suas forças, por extenso cordão de mato (23).

Apoderar-se d'aquelle desfiladeiro, foi obra de alguns instantes. Senhor da entrada da posição inimiga, e da primeira planicie, soffreram suas tropas um fogo vivissimo de mosquetaria, dirigido por trezentos atiradores inimigos emboscados nas arvores, que dividiam a primeira da segunda planicie. Abreu distribuiu a infantaria em duas columnas, que, protegidas por cavallarias, entráram pelos extremos da mata, atacáram o inimigo e assenhorearam-se d'essa posição.

Então a nossa artilharia, avançando, começou a metralhar os contrarios, que formavam-se na planicie interior e ahi tentaram ainda resistir. A' frente da infantaria e cavallaria carregou o inimigo, bateu-o, dispersou-o, causando-lhe perdas immensas ; até o proprio Artigas, que com o exemplo animava os seus, escapou de cahir em nosso poder.

Desbaratado o inimigo, o tenente-coronel Abreu incendiou o acampamento, e pela noite do mesmo dia 3 incorporava-se já ao exercito (24).

No quartel-general de Artigas achou Abreu varios despachos dirigidos por La-Torre a esse chefe, e, instruido assim da marcha do exercito inimigo, deu-se pressa em transmittir ao general em chefe as noticias que acabava de colher. Na noite de 3, quando no campo brasileiro todos es-

(23) Veja-se em *Moraes Lara* a descripção minuciosa do combate, e o plano, que acompanha a sua memoria.

(24) « O tenente-coronel Abreu, cujos honrosos serviços, etc. » Vejam-se os elogios, que lhe tece o chronista d'esta campanha a proposito d'aquelle ataque. « O tenente-coronel não se fez menos famoso pela batalha de Catalan, que pelo ataque de Arapehy, e pelas acções que dirigiu sobre a margem esquerda do Uruguay.

peravam com anciedade pelo resultado do ataque de Arapehy, apresentava-se o proprio Abrou, coberto de poeira, na barraca do marquez de Alegrete, annunciando-lhe a victoria, que acabava de alcançar, e a noticia de que La-Torre recebêra ordem de atacar-nos a 3.

Estas novas espalharam-se logo de boca em boca, e os nossos soldados, cheios de enthusiasmo e contentamento, começaram a preparar-se para a batalha que estava imminente.

No dia seguinte (4 de Janeiro) pels madrugada, o inimigo com 3,400 homens atacava o nosso exercito. Ao primeiro tiro todo elle estava em armas.

A luta esteve por muito tempo indecisa, combatendo ambos os lados com igual valor e tenacidade.

Em nossa esquerda o bravo visconde de S. Gabriel sustentava com firmeza e coragem a sua posição, em quanto a nossa direita se debatia contra uma massa imponente de soldados inimigos, que se arremessavam impetuosamente sobre suas baionetas. O marquez de Alegrete e o general Curado (conde de S. João das Duas Barras) animavam nesse ponto os nossos soldados, que faziam prodigios de valor; mas o arrojo e ardimento com que o inimigo accommettia, e voltava sempre á carga, já os inquietava, quando repentinamente se apresentou no campo de batalha o intrepido Abreu, fazendo com que a victoria desde logo se pronunciasse pelos nossos.

Achando-se a uma legua do grosso do exercito, ouvindo os tiros que annunciavam-lhe o ataque do inimigo, fez immediatamente montar os seus cavalleiros, e atirou-se inopinadamente no meio da refrega, executando uma brilhante carga de flanco sobre a esquerda inimiga. Animados com esse soccorro, os bravos da direita lançaram-se á baioneta sobre o inimigo, soltando vivas entusiasticos ao

heroico tenente-coronel Abreu, e o nosso triumpho foi desde então completo.

O inimigo fugiu em debandada, deixando no campo uns 900 mortos, 290 prisioneiros, 1 bandeira, 7 caixas de guerra, seis mil cavallos, seiscentos bois, muito armamento e munições, e todas as bagagens. Essa brilhante victoria custou-nos 73 mortos, e 146 feridos.

Os serviços que prestára o distincto rio-grandense não foram esquecidos pelo governo do Rio de Janeiro, que os recompensou, promovendo-o por decreto de 24 de Junho a coronel de linha, e dando-lhe o commando do regimento de milicias denominado de « Voluntarios Reaes de Entre-Rios », creado recentemente pela ordem do dia de 23 de Março. No anno seguinte entrava Abreu para o quadro de nossos officiaes-generaes, recebendo a patente de brigadeiro.

IV.

Campanha de 1819 a 1820. — Artigas invade o Rio-Grande. — Abreu evacua Alegrete, e retira-se diante do inimigo. — Combate do Ibirapuitan-Chico (14 de Setembro). — Reune-se ao general Corrêa da Camara, e colloca-se com este no passo do Rosario. — São atacados a 17 por La Torre, que é repellido. — Marcham em observação do inimigo. — Combate do Ibicuhy-Guassú (27 de Dezembro). — Artigas marcha em direcção ás vertentes do Taquarembó, e é seguido por Abreu e Camara. — Volta para ataca-los. — Estes retiram-se, e reúnem-se ao conde da Figueira. — Marcha o nosso exercito em procura do inimigo. — Batalha de Taquarembó (20 de Janeiro). — Parte que n'ella teve Abreu. — E' destacado para limpar a campanha até ao Uruguay. — E' recompensado com o posto de marechal de campo graduado.

Vencedor em Catalan, o nosso exercito avançou ao longo do Uruguay, alcançando sempre novas victorias e novos louros. O general Curado, que, com a retirada do marquez

de Alegrete, assumira (25) pela segunda vez o commando em chefe, depois de ter batido em varios recontros as columnas inimigas, vendo-se em inacção e sem cavallos, dispôz-se a voltar á fronteira para tomar quartéis de inverno; mas o visconde da Laguna conseguiu dissuadir-o do seu intento (26), fazendo com que occupasse o Rincon de Haêdo na margem direita do Rio-Negro.

De guarda á nossa fronteira ficou o general Abreu, com uma força que não chegava a quinhentos homens, tendo o seu quartel-general em Alegrete.

Artigas não quiz perder a opportunidade que se lhe offercia de invadir o Rio-Grande, que elle via inteiramente aberto e indefeso.

Reuniu todas as forças de que podia dispôr, e á frente de tres mil homens atravessou o Quarahim, dirigindo suas marchas para o valle de Santa Maria (27).

Os escriptores nacionaes, que se occupam da invasão de 1819, e dos successos que precederam a famosa batalha de Taquarembó, guiaram-se todos pela descripção que o *Correio Brasiliense* publicou em Londres, descripção incompleta e inexacta, que não esclarece convenientemente os factos e que os adultera por vezes.

Graças a alguns documentos que pudemos obter, exporemos succinta mas fielmente esses acontecimentos, em que

(25) O marquez de Alegrete deixou o exercito, retirando-se para Porto-Alegre, em 20 Dezembro de 1817.

(26) Vejam-se as *Memorias e Reflexões sobre o Rio da Prata, etc.* O visconde da Laguna, além dos officios que expediu a Curado, incumbiu Senna Pereira de preparar o animo d'esse general, e de convencê-lo da utilidade de manter-se no Rincon. O general Curado ao fim de tres dias cedeu, não sem repugnancia, ás suggestões do visconde da Laguna.

A fronteira do Rio-Grande ficou assim aberta e desprotegida !

(27) Tres mil homens, segundo as partes officiaes do proprio inimigo.

figura com tanto esplendor o grande nome de José de Abreu.

Apenas teve noticia dos movimentos de Artigas, e certificou-se do verdadeiro numero de suas tropas, tratou o general Abreu de expedir *proprios* ao conde da Figueira, communicando-lhe os planos e as intenções do inimigo.

Era loucura tentar resistir com o punhado de soldados que commandava.

Abreu comprehendeu-o logo ; evacuou Alegrete, e retirou-se sobre o passo do Rosario no Santa Maria, levando adiante de si as familias e fazendeiros d'essas paragens, que fugiam á aproximação dos invasores.

Entretanto Artigas, empenhado em destruir a pequena columna brasileira, havia destacado a 10 de Dezembro o seu immediato, La Torre, com uma forte divisão de cavallaria, ordenando-lhe que forçasse as marchas e obrigasse Abreu a aceitar combate.

Este, que continuava a sua retirada acoissado de perto por La Torre, vendo ameaçados os habitantes que protegia, e que procuravam precipitadamente ganhar a margem direita do Santa Maria, entendeu que devia bater-se, para retardar a marcha dos contrarios, e dar tempo a que esses infelizes escapassem ao canibalismo das hordas de Artigas.

« Já se fazia difficil um encontro (diz Aniceto Gomes em carta escripta a Ramirez com data de 16 do dito mez de Dezembro), porém afortunadamente Abreu, soberbo com os passados triumphos, retrogradou. »

Ao romper do dia 14 as avançadas inimigas avistaram as da pequena columna brasileira ; e tal era o terror que o seu distincto chefe infundia entre os contrarios, que La Torre, apesar da superioridade immensa do numero, não ousou atacal-o, e preferiu, para fazêl-o, aguardar a chegada de Artigas.

Abreu apoiou-se em um serro escabroso nas vizinhanças do Ibirapuitan-Chico com os seus quatrocentos e quatro soldados; e o exercito inimigo formou-se-lhe em frente, forte de tres mil homens, collocando em uma lomba a sua infantaria e artilharia.

Ao meio-dia começaram a escopetear-se os postos avançados, e pouco depois romperam os inimigos contra os nossos um fogo nutrido de artilharia e fusilaria, atirando-se á carga a grande massa de cavallaria, que se formára nos flancos e na retaguarda da sua linha.

A resistencia dos nossos foi energica, mas o capitão Daniel Beresford, abandonando a infantaria, que commandava, e fugindo vergonhosamente, fez com que o inimigo alcançasse, mais depressa do que pudéra, uma victoria facil, certa e sem gloria.

A cobardia d'esse official causou a morte de oitenta dos nossos soldados, que foram envolvidos e degolados. Abreu com a cavallaria pôz-se logo em retirada para o passo do Rosario, repellindo o inimigo e salvando com o seu sauguefrio e bravura a columna que commandava.

A quarta parte de seus soldados, porém, ficou estendida no campo da batalha, morrendo como heróes n'aquelle combate desigual, em que cada um de nossos bravos teve de bater-se com sete inimigos.

Tal foi o combate de Ibirapuitan-Chico, que os escriptores, que conhecemos, erradamente (28) dão como pelejado no passo do Rosario.

Essa pequena vantagem encheu de contentamento e orgulho aos chefes inimigos.

Em carta escripta por Artigas a Ramirez (29), e interceptada

(28) Os Srs. Varnhagen e Pereira da Silva não escaparam d'esse engano.

(29) Escripta no dia 14, momentos depois do combate.

tada no Uruguay pela flotilha de Senna Pereira, annunciava-lhe esse chefe que estava em territorio brasileiro, e que muito breve assentaria o seu quartel-general em Porto-Alegre, rogando-lhe ao mesmo tempo que lhe mandasse reforços, porque queria carregar grandes tropas de gado para enriquecer a seus amigos e compatriotas.

O modo como sempre se exprimiam os nossos contrarios, quando fallavam do benemerito general Abreu, pôde dar uma idéa do respeito e da admiração que tributavam elles a tão illustre cabo de guerra.

Basta que citeamos aqui as palavras do mencionado Ramirez, dirigidas a 8 de Janeiro do anno seguinte ao cabildo, quando communicou a noticia do combate do Ibirapuitan-Chico, e a carta que Aniceto Gomez, dois dias depois d'aquelle recontro, escreveu a este general, da qual já citámos um trecho.

« O general Artigas (escrevia Ramirez), á frente de tres mil decididos orientaes, acabou com a divisão do distincto portuguez Abreu. »

Gomez começava a sua carta do seguinte modo: « Gloria á patria, e honra aos livres !

« Triumpharam nossas armas em Guirapuitan-Chico (30) no dia 14 do corrente contra o famoso Abreu (31). »

Recebendo os despachos, em que Abreu dava conta da invasão de Artigas, e pedia soccorros para resistir-lhe efficazmente, o conde da Figueira ordenou ao tenente-general Marques de Sousa que fizesse marchar o então brigadeiro Corrêa da Camara, para communicar-se com Abreu, devendo

(30) Corrupção de Ibirapuitan-Chico. Em vez de Ibiracahy, Artigas dizia tambem Guiracahy.

(31) Um outro equívoco do *Correio Brasiliense*, repetido por todos os nossos escriptores, foi dizer que o combate tivéra lugar a 13 e não a 14.

os dois, de accordo, conter os invasores no Santa-Maria, e evitar que o transpuzessem.

Pelo dia 15, isto é, no dia seguinte ao do combate, o general Camara reunia-se a Abreu na estancia de Joaquim Rodrigues, além do passo do Rosario. D'ahi voltaram juntos os dois generaes, e fizeram-se fortes n'aquelle ponto, sendo a 17 atacados por La-Torre, que foi rechaçado depois de um combate que durou desde as dez horas da manhã até á noite.

N'este ataque pôde o general Abreu certificar-se de que a cavallaria ás ordens de La Torre, que fazia a vanguarda do inimigo, compunha-se apenas de oitocentos homens.

Ignorando, porém, qual o plano d'elles, fez ver ao general Camara que deviam seguir-lhes a trilha para observar seus movimentos ; prudente alvitre, a que Camara accedeu promptamente.

Effectivamente no dia 18 sahiram os dois generaes do passo do Rosario, e, marchando sobre as pegadas do exercito oriental, souberam a 26 que estavam a legua e meia do acampamento d'este.

Collocaram-se então na margem direita do Ibicuby-Guassú, pouco acima da sua confluencia com o Ibicuy-Merim, ficando assim entre aquelle rio e o passo de S. Borja no Santa-Maria.

Ahi veiu o inimigo ataca-os no dia 27, com duas fortes columnas, que tentaram passar o rio em dois lugares, onde este dava váo. O general Camara postou-se no passo da direita, e o general Abreu no da esquerda.

A luta foi renhida. Os nossos, ardentes de enthusiasmo, trocaram em breve a defesa pelo ataque, e cahiram sobre o inimigo já abalado e roto.

Emquanto Camara perseguia os fugitivos até ao proprio acampamento de Artigas, onde a artilharia inimiga obri-

gou-o a deter-se, o valente Abreu apoderava-se de um bosque, em que grande numero de inimigos se haviam refugiado para melhor resistir.

Muito armamento, sessenta mortos, dezeseite prisioneiros, cavallos sellados, etc., cahiram em nosso poder.

Abreu e Camara voltaram de novo ás nove horas da noite para a margem direita do Ibicuhy-Guassú (32), manobrando no dia seguinte á vista do inimigo, e pela sua esquerda, sem que este os incommodasse.

Artigas procurou então attrahir os nossos, para batêl-os antes da junção com o conde da Figueira: marchou em direcção a Sant'Anna do Livramento, e d'ahi voltou rapidamente sobre elles, que o seguiam de perto.

Mas Abreu e Camara, que, com as forças de que dispunham, não podiam bater-se em campo aberto, retiraram-se, afim de evitar uma derrota certa, e chamar o inimigo para o passo de S. Borja, ponto sobre o qual marchava o conde da Figueira.

No dia 10 de Janeiro verificou-se a junção dos nossos tres generaes, ficando assim burlado o plano do audacioso caudilho.

Vendo isso, Artigas dirigiu-se de novo para as nascentes do Taquarembó, já abandonando o territorio brasileiro; porém o conde da Figueira, a marchas forçadas, alcançou o exercito oriental no dia 20 de Janeiro.

Apenas avistou o inimigo, tomou o capitão-general todas as disposições para o ataque. Abreu com a sua divisão devia atravessar um pantano, e atacar pela frente; Camara devia transpôr o Taquarembó, e atacar pelo flanco.

Formado em linha de batalha, rompeu o inimigo o fogo

(32) A respeito do lugar d'este combate erram os nossos escriptores, quando dão a entender que foi ainda o passo do Rosario.

com quatro peças de artilharia, que nenhum mal nos fizeram.

« A' minha voz de avançar, diz o conde em sua parte official, o brigadeiro Abreu executou o seu movimento com tanta impetuosidade, apezar do vivo fogo de artilharia e fusilaria do inimigo, que desde logo o obrigou a perder a sua primeira posição, e a retirar-se para outra mais forte, defendida pelo rio, que se achava então muito cheio. »

Nossos soldados, sem se deterem, atravessaram, e arrojaram-se sobre os contrarios; mas a brilhante carga, com que Abreu inaugurou o combate, a serenidade e valor com que se arremessou sobre as hostes inimigas, fizeram com que estas desfallecessem.

A resistencia foi miseravel; o inimigo quasi não combateu, e na maior desordem e confusão deitou a fugir, fustigado e perseguido pelos nossos, deixando no campo o general Pantaleon Sotél, quarenta officiaes superiores e subalternos, setecentos e noventa e cinco inferiores e soldados mortos, feridos quinze inferiores e soldados, prisioneiros vinte e um officiaes e quatrocentos e sessenta e nove inferiores e soldados; ao todo mil trescentos e cinco homens.

Tomámos quatro peças, todas as munições, uma bandeira, quatro caixas de guerra, muito armamento, gado e cavallos.

Esta victoria, que acabou com o poder e dominio de Artigas, e para a qual tanto concorreu o intrepido Abreu, valeu ao nosso heróe a graduação de marechal de campo em Março do mesmo anno.

Quatro dias depois da batalha seguiu o illustre rio-grandense com a sua divisão até ao Uruguay, para perseguir o inimigo e desassombrar a campanha.

Depois da proclamação da independencia, é nomeado governador das armas do Rio-Grande do Sul. — Activa a remessa de reforços para o sitio de Montevidéo, e marcha até Mercedes com uma divisão auxiliar. — Volta para o Rio-Grande depois da capitulação dos portuguezes.—E'-lhe conferido o posto effectivo de marechal de campo.

Após a batalha de Taquarembó, pacificada a Banda Oriental, que passou a fazer parte do reino-unido de Portugal, Brasil e Algarves, o general Abreu conservou-se na fronteira da provincia do Rio-Grande, commandando as forças que a guardavam.

O grito de independencia soltado no Ypiranga pelo inclyto fundador do Imperio foi achal-o n'aquella posição. Dotado de sentimentos patrioticos, e cheio de amor pelo seu paiz natal, Abreu saudou com enthusiasmo a aurora da liberdade que despontava, e applaudiu a nova ordem de cousas estabelecida pelo primeiro Imperador.

O governo provisorio, que se estabeleceu no Rio-Grande do Sul, nomeou-o, em fins de 1821, governador das armas da provincia, nomeação que foi confirmada pelo governo geral; e Abreu, aceitando esse cargo, quiz logo depôr aos pés do Sr. D. Pedro I, que personificava a idéa da liberdade e da independencia do Brasil, os seus protestos de fidelidade e dedicação.

Para congratulal-o e testemunhar-lhe os sentimentos de que elle general e os seus commandados se achavam possuidos, mandou em commissão, a 12 de Dezembro, o major J. da Silva Brandão.

Mas nem assim livrou-se das calumnias e intrigas dos homens que em Montevidéo se oppunham á adopção do novo regimen.

Em um periodico sustentado por estes, *La Aurora*, fez-

se correr a noticia de que o bravo rio-grandense havia proclamado a constituição das côrtes de Lisboa.

O illustre veterano, com essa franqueza rude do soldado, entendeu que devia protestar contra o que elle qualificava de horrorosa calumnia.

« Adheri, disse elle em seu manifesto, adheri afincadamente á sagrada causa do Imperio do Brasil, e por ella protesto dedicar, como já o jurei, os meus derradeiros alentos. »

Como governador das armas do Rio-Grande, cabia-lhe a missão de prover á sua defesa, de reforçar as tropas brasileiras que ao mando do visconde da Laguna sitiavam as portuguezas em Montevidéo.

Abreu requisitou logo do governo o armamento necessario para occorrer a qualquer eventualidade, e fez reunir todas as forças disponiveis da provincia, expedindo ordem ao general Sebastião Barreto, para que se reunisse ao general Marques, e juntos marchassem a incorporar-se ás forças sitiadas.

Com o intento de activar a reunião de gente, partiu a 7 de Janeiro para o Rio-Pardo, e a 26 assentou o seu quartel-general em S. Gabriel, levando comsigo armamento, e mais trem de guerra, de que careciam os corpos que já estavam na fronteira, e os que deviam reunir-se.

Depois dos reforços que enviou ao visconde, organizou ainda uma columna de mil e cem homens, com a qual se postou no Quezuy, e avançou em Junho até Mercedes, sobre o Rio-Negro, regressando no mez seguinte á sua primitiva posição.

Essa columna devia avançar até Montevidéo, se as circumstancias exigissem alli a sua presença. Os acontecimentos, porém, não realisaram esta previsão.

O sitio de Montevidéo, posto que sustentado com vigor,

não incommodava entretanto aos portuguezes do general D. Alvaro da Costa, que mantinham livres suas communicações por agua.

Cêdo, porém, viram-se elles, os sitiados, privados d'esse recurso, porque uma força naval enviada do Rio, ás ordens do chefe de divisão Pedro Antonio Nunes (33), derrotou, em dias de Outubro, nas proximidades de Montevidéo, a esquadra portugueza. D. Alvaro pouco depois capitulou, e as nossas forças entráram na capital da Cisplatina.

Abreu com a sua columna de observação recolheu-se á provincia do Rio-Grande, sendo elogiado pelos relevantes serviços que acabava de prestar, e recebendo em seguida o posto effectivo de marechal de campo com a insignia do Cruseiro.

(33) A nossa divisão naval compunha-se : da coverta *Liberal*, de 24 bocas de fogo (commandante o capitão-tenente Gavião); brigue *Cacique*, de 18 (commandante capitão-tenente Antonio Joaquim do Couto); brigue *Guarany*, de 16 (commandante 1º tenente Joaquim Guilherme); escuna *Leopoldina*, de 12 (commandante 1º tenente Francisco Bibiano de Castro); e escuna *Sete de Março*, de 1 rodizio (commandante 2º tenente Francisco de Paula Osorio). A divisão portugueza compunha-se das corvetas *Conde dos Arcos*, de 26 peças, e *General Lecór*, de 16, brigue *Liguri*, de 16, e escuna *Maria Theresa*. D'essa victoria naval não fez menção o Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua recente *Historia da fundação do imperio*.

VI

Questão da Cisplatina. — Revolução de 1825¹ protegida pelo governo argentino. — Defecção do coronel Julian Laguna e do brigadeiro Rivera. — O visconde da Laguna pede reforços ao governo geral, e á provincia do Rio-Grande do sul. — Abreupre para uma divisão, e invade a Cisplatina. — Começa a desintelligencia do general Sebastião Barreto com Abreu. — Estado da Cisplatina, quando Abreu pôz-se em marcha. — Demora-se este junto ao arroio Pregüelo á espera das forças dos coroneis Jardim e Menna Barreto. — Ataque de Mercedes pelo general Rivera (22 de Agosto), que é rechaçado. — Abreu move-se para cobrir esse ponto, e atacar Rivera. -- Tentativas inúteis para chamar Rivera a uma acção geral.

De volta ao Rio-Grande, o general Abreu continuou a exercer o cargo de governador das armas, desenvolvendo ahí todo o zelo e actividade de que é capaz um funcçionario brioso e dedicado á causá publica.

Não tardou, porém, que os acontecimentos viessem chamar-o de novo aos labores e privações da campanha.

O governo brasileiro persistia na idéa da incorporação da Cisplatina. Longe do theatro dos acontecimentos, e illudido pelas falsas asseverações do visconde da Laguna, acreditava que a idéa da união era com fervor esposada pelos orientaes, e dava um valor immenso a actos que, sendo feitos na presença das baionetas estrangeiras, não podiam de fórma alguma ter o character de manifestações espontaneas e livres do voto popular (34).

(34) Não queremos dizer que essa idéa não tivesse energicos apolo-gistas e sinceros defensores na Banda Oriental. Póde-se dizer até que os espiritos mais cultos e a parte mais sensata da população, escarmen-tados pelos tristes resultados das discordias civis, defendiam-na com fervor. Mas os habitantes da campanha, os gauchos e os caudilhos? Não se devia contar com esse elemento, tão poderoso n'aquelles paizes, e tão adverso aos brasileiros? Não se devia contar com o espirito inquieto e turbulento d'essa parte da população, habituada á anarchia, e antipathica á paz e á ordem?

Entretanto era crença de muitos homens importantes do Brasil que, estando este nos primeiros periodos de sua regeneração politica, não devia herdar de Portugal a louca ambição de dominio sobre um territorio estranho, e muito menos sacrificar os seus recursos na difficil empreza de procurar no sul limites naturaes.

Foi assim que a constituinte, n'esse ponto bem inspirada, não quiz incluir desde logo a Cisplatina entre as provincias do Imperio, e reservou a questão para um exame especial.

De seu lado o governo argentino julgava-se com direito ao territorio da Banda Oriental, sem lembrar-se de que esta se havia desligado das outras provincias do Rio da Prata, mantendo livre a sua autonomia debaixo do governo de Artigas.

D. Valentim Gomez foi enviado em 1823 ao Rio de Janeiro, para fazer valer essas pretensões, e a 6 de Fevereiro do anno seguinte o nosso ministro de estrangeiros, L. J. de Carvalho e Mello, declarou, em resposta ao *memorandum* por elle apresentado, que o governo imperial estava decidido a manter a incorporação da provincia disputada.

Essa fatal resolução arrastou-nos a uma guerra impopular, que, após duros e immensos sacrificios, terminou pelo famoso tratado preliminar de paz de 28 de Agosto de 1828, preparado e urdido pelos manejos, seducções e ameaças de *Lord Ponsomby* (35).

(35) Do seguinte officio do duque de Palmella ao conde do Porto Santo vê-se a alternativa que offereceu a Inglaterra ao Brasil, e as ameaças d'esse governo, que tão escandalosamente contrariou-nos durante todo o decurso da guerra :..... « Soube por uma confidencia do barão de Itabayana, de cuja veracidade por varias provas me convenci, que *Mr. Canning* lhe declarára francamente o desejo que tinha de induzir o gabinete do Rio de Janeiro a mandar evacuar pelas suas tropas a Banda Oriental, ou seja para entregal-a ao governo de Buenos

Quanto não teria ganho o Brasil, se, pondo de parte veleidades pueris, tivesse erigido desde logo a Banda Oriental em estado livre e soberano, garantindo a sua independencia contra as infundadas pretensões do governo de Buenos-Ayres ! Essa politica de vistas mais largas e prevenetes, inspirada pelo sentimento nacional, ter-nos-hia assegurado o apoio da Grã-Bretanha, que foi o verdadeiro motor e alma da guerra, que contra nós sustentou a republica das Provincias Unidas do Rio da Prata (36).

Ayres, mediante uma indemnisação pecuniaria, ou seja erigindo em Montevideo um governo independente, debaixo da protecção da Grã-Bretanha. Para dar mais força a essa declaração explicita, chegou *Mr. Canning* a acrescentar que a Inglaterra não podia ser muito tempo indifferente espectadora de uma semelhante luta, nem permanecer neutral ; e que estava resolvida a abraçar o partido de Buenos-Ayres, se dentro de seis mezes não estivesse concluida a paz, etc., etc. » (*Correspondencia do duque de Palmella, publicada por J. J. dos Reis e Vasconcellos*, tomo 2º, pag. 259.)

(36) Quando em 1862 se inaugurou na cõrte a estatua do augusto fundador do Imperio, a imprensa politica abriu uma animada discussão sobre o reinado d'esse Principe, a quem o Brasil deve a sua integridade e a sua preciosa constituição. Entre as accusações que lhe eram feitas, avultava a da guerra do Rio da Prata ; e (cousa admiravel !) trinta e sete annos depois d'esse acontecimento era essa accusação formulada com mais paixão ainda do que o fizeram os periodicos exaltados da época !

Censurava-se o Senhor D. Pedro I por se deixar dominar da ambição de conquista ; e entretanto um de seus accusadores, chefe de uma escola politica importante em nosso paiz, e por consequente politico atilado e sagaz, lamentava em 1861 a falta de um conde de Cavour, que pudesse realizar a conquista dos *ducados* do Rio da Prata !

Já se vê, pois, que, se ainda recentemente havia brasileiros da importancia d'aquelle a quem nos referimos, que sonhavam com a incorporação dos *ducados*, não é muito para admirar que em 1825 houvesse quem pensasse, não em conquistar ducados, mas em conservar um que

Uma revolução prevista por todos, que não eram myopes, arrebentou afinal na Cisplatina, favorecida ás escancaras pelo governo de Buenos-Ayres.

A 19 de Abril de 1825 o general Juan Antonio Lavalleja desembarcou no Arsenal Grande com trinta e dois companheiros apenas; e, plantando no territorio Oriental o pavilhão tricolor de Artigas, reuniram-se logo em tórno d'elle uns dusetos patriotas (37).

Com taes elementos teriam os trinta e tres companheiros pago bem caro o seu amor á patria, e estaria desde logo suffocada a revolução, se o coronel Julian Laguna, depois de ter representado uma farça ridicula (38), não se bandeasse para os insurgentes; sendo pouco depois, a 27 d'esse mesmo mez, imitado o seu exemplo pelo brigadeiro Fructuoso Rivera.

A defeccão d'esses dois chefes encorajou os independentes, e fez com que um sem-numero de voluntarios corresse de todos os pontos da campanha a engrossar o pequeno exercito de Lavalleja.

Estes acontecimentos induziram o visconde da Laguna a solicitar a remessa immediata de reforços, tanto ao governo geral, como ao commandante das armas da provincia vizinha.

já estava em nosso poder. Os erros do passado devem servir-nos de lição para o presente, mas nunca devem dar lugar a incoherencias d'essa ordem.

(37) Carta do general Manoel Jorge Rodrigues (barão de Taquary) ao consul brasileiro em Buenos-Ayres.

(38) Nas *Memorias de Garibaldi*, publicadas pelo Sr. Alexandre Dumas (pai), vem a descripção d'esse facto. A' parte o que ha ahi de romantico, é exacta a noticia que elle dá da interessante scena que representou Laguna.

Não se conservou surdo a tal reclamo o general Abreu. Reuniu as forças de que podia dispor, e invadiu a Cisplatina com uma divisão composta de duas brigadas de cavalaria, dirigindo suas marchas sobre Mercedes, povoação situada á margem esquerda do rio Negro, e occupada por uma pequena guarnição brasileira.

Debaixo de suas ordens vinha o então brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto, que, achando-se acampado nas proximidades de Montevidéo ao romper a revolução, havia atravessado toda a campanha oriental até á fronteira, com o fim de proteger a retirada das familias brasileiras alli residentes.

Tendo chegado aquelle general á fronteira, precisamente quando Abreu dava os primeiros passos para organizar a divisão com que devia penetrar na Cisplatina, entendeu este que seria conveniente que se lhe incorporasse, e n'este sentido officiou ao visconde da Laguna, que acquiesceu promptamente a tão justa suggestão.

Entretanto foi isso desgraçadamente o signal de uma desintelligencia mesquinha entre Barreto e Abreu, porque áquelle repugnava militar debaixo das ordens do homem em quem via um rival feliz e glorioso. Esta desintelligencia, a despeito da generosidade e cavalheirismo com que se houve o illustre general Abreu, affectando ignorar os manejos do seu competidor, produziu consequencias mui funestas, e em grande parte concorreu para o máo exito da batalha de Ituzaingó. Mas não antecipemos os factos.

Quando o general Abreu entrou na Cisplatina, já a revolução tinha ganho terreno, graças ao contemporizador visconde da Laguna, que, depois de haver commettido o gravissimo erro de destacar contra os independentes, sol-

dados ligados a elles pelos laços da nacionalidade, e até mesmo da amizade, havia adoptado por systema a inercia, que foi sempre a sua estrategia, e que lhe valeu o ironico appellido de Fabius Cunctator.

Lavalleja dominava toda a campanha até ao Rio-Negro, e possuia tres mil e quinhentos homens (39) perfeitamente armados, pois o governo de Buenos-Ayres fazia-lhe pelo Uruguay constantes remessas de munições e armamento, apezar da flotilha que tinhamos n'esse rio, ao mando do então capitão-tenente Jacintho Roque de Senna Pereira, que não era sufficiente para interceptar inteiramente a comunicação entre as duas margens (40).

Depois de uma marcha laboriosa, feita no rigor do inverno, chegou a divisão auxiliadora do general Abreu á margem esquerda do Rio-Negro, vadeando-o nos dias 5 e 6 de Julho. Compunha-se ella de uns mil e duzentos homens, desprovidos de tudo, e fatigados por uma marcha terrivelmente penosa, em razão dos obstaculos naturaes que tiveram de vencer. Os mais pequenos arroyos tinham-se convertido em torrentes caudalosas, que obrigavam o general a caminhar muitas leguas, para procurar as suas nascentes, despontando-as, como se diz no sul.

Forçoso lhe foi dar então descanso aos seus soldados, cujos cavallos estavam em misero estado, e pedir alguns auxilios ao coronel Norberto Fontes, commandante de Mercedes, que acudiu-lhe promptamente com alguns mantimentos e com um cirurgião.

(39) Veja-se a *Mensagem de Lavalleja*, apresentada ao Congresso da Florida a 18 de Junho de 1825.

(40) Todavia, o commandante da flotilha desenvolveu sempre a maior actividade, e seus navios por vezes conseguiram apprehender a nchões carregados de armas.

O general inimigo Fructuoso Rivera achava-se com mil cavalleiros (41) no seu campo de Molles, proximo de Durazno, e ao saber da aproximação da columna imperial, adiantou-se com seiscentos homens escolhidos para observar-lhe os movimentos.

Abreu conservava-se em immobildade no Rio Negro a alguma distancia do arroio Pregúelo, esperando, para manobrar, a chegada de cavalhadas e de quatrocentos homens, que haviam partido do Quarahim e de Sant'Anna ás ordens dos coroneis Jeronymo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto.

A' vista d'isso, concebeu o chefe inimigo o plano de apoderar-se de Mercedes antes que a ella chegasse a divisão auxiliar.

Deixou emboscados em frente do acampamento d'esta cem homens, e no dia 22 de Agosto atacou o povoado (42).

O ataque começou ás onze e meia horas da noite, e foi dirigido com muito impeto sobre os postos mais vulneraveis.

Um alferes oriental de nome Navarro, que fazia parte da guarnição, e que desertára n'esse dia, pôde indicar a Rivera os pontos mais fracos, e conseguiu, atraindo-os vilmente, apanhar quatro officiaes e cinco soldados, que se achavam doentes em uma das casas da povoação, chegados poucos dias antes da divisão de Abreu.

(41) *Mensagem de Lavalleja*, já citada.

(42) Já antes, em Maio, pretendêra Rivera apoderar-se d'esse ponto, intimando ao commandante brasileiro, que se rendesse, e dizendo que tinha á sua disposição dois mil homens. A resposta que teve foi esta : « Homens não intimidam a homens. Não é a primeira vez que V. Ex. se põe á frente de igual numero sem intimidar as armas brasileiras, acostumadas por sua subordinação, disciplina e fidelidade a vencer as multidões. »

Protegida pelos fogos da canhoneira *D. Sebastião* (43), a heroica guarnição repeliu com bravura o ataque, voltando segunda vez á carga o inimigo, e sendo rechaçado de novo com grande perda.

Foi essa uma noite aziaga para os contrarios, porque, além da perda que soffreram nos dois ataques, tiveram o desgosto de ver batida e dispersa por um piquete nosso, duas vezes menor que ella, a força que deixaram de observação em frente ao acampamento do general Abreu.

No dia seguinte, pelas oito horas da manhã, pôz-se a nossa divisão em movimento para cobrir Mercedes, e attrahir o inimigo a uma acção geral; foram, porém, inuteis todos os esforços que empregou para conseguir este último resultado.

As partidas inimigas, atacadas pelos nossos piquetes, dispersavam-se em vez de concentrar-se, ficando os nossos vencedores em todos os choques, que tiveram lugar nos dias 23, 27, e 28 até 2 de Setembro.

VII

Abreu destaca contra Rivera o coronel Bento Manoel. — Combate de Arbolito (4 de Setembro), e marcha de Bento Manoel para Montevideo. — Lavallega levanta o sitio da Colonia, e concentra suas forças no interior. — Posição dos belligerantes. — Plano de operações communicado pelo visconde da Laguna a Abreu. — Combates do Rincon e de Sarandy. — Abreu não concorreu para esses revezes; accusações infundadas que lhe foram feitas. — Retira-se para Belém, e ahi reune-se a Bento Manoel. — Segue para o Rincon de Mata-Perros.

Perdidas as esperanças de obrigar Rivera a aceitar combate, tomou Abreu posições perto de Mercedes, aguardando as columnas de Jardim e Menna Barreto, diante das quaes

(43) Commandante, o 1° tenente Cypriano José Pires.

fugia o coronel Julian Laguna, que com duzentos homens lograra, pouco antes, surprender e aprisionar em Paysandú um pequeno destacamento nosso.

Lavalleja sitiava então a praça da colonia do Sacramento, cuja guarnição, dirigida pelo intrepido Manoel Jorge Rodrigues (mais conhecido pelo titulo, que depois recebeu, de barão de Taquary), se mantinha firme em seu posto, rebatendo sempre os ataques dos independentes.

Para impedir que esse chefe, reunindo-se a Rivera, viesse com todo o exercito republicano ao seu encontro, resolveu o general Abreu bater a columna d'este ultimo.

Para isso fez vir do Rincon de Haédo (tambem chamado de las Gallinas) a cavallhada fresca que ahi tinha, e destacou oitocentos homens escolhidos d'entre todos os corpos de sua divisão, confiando sua direcção ao celebre Bento Manoel Ribeiro, então coronel.

Achava-se acampado no dia 2 de Setembro na foz do Coquimbo quando Abreu levantou o acampamento, e manobrou com todas as suas tropas, para illudir a guarda avançada que, sob as ordens de Felippe Caballero, deixára o general inimigo em nossa frente. Graças a esse movimento, conduzido com a habilidade e pericia com que sempre se havia o distincto vencedor de S. Borja, pôde Bento Manoel sahir durante a noite sem ser percebido.

No dia 3 Rivera acampou nas nascentes do Viscocho, e n'essa noite transportou-se para junto do arroio d'Aguila, donde se descobre a coxilha de Arbolito.

Ahi encontrou-o Bento Manoel no dia seguinte, depois de ter com tres esquadões batido ao amanhecer a força de Caballero, que, descobrindo pelos rastos dos cavallos, mas já tarde, a partida da columna imperial, corrêra a reunir-se ao grosso das forças inimigas.

Ao avistar os nossos soldados, formou o general Rivera a

sua pequena divisão, e adiantou-se com todo o valor ao encontro d'elles.

Os atiradores dos dois lados tirotearam-se por algum tempo, e afinal a linha inimiga, dando uma descarga, acommetêu a nossa com furia, carregando-a de espada em punho.

Recebida, porém, com firmeza essa carga pelos nossos bravos, foram os contrarios repellidos, batidos e acutilados, por espaço de quatro leguas, deixando no campo sessenta e quatro mortos e quatorze prisioneiros (44).

Esta victoria (45), e a marcha de Bento Manoel com novecentos homens para Montevidéo (46), onde foi recebido em triumpho, obrigou Lavalleya a deixar de observação em frente á Colonia apenas duzentos homens, e a retirar-se para o acampamento geral de suas tropas perto da Florida (47).

A superioridade numerica das nossas forças (48), e o enthusiasmo que entre ellas reinava, depois dos revezes

(44) Entre os mortos achar am-se um major (Mancilla) e mais dois officiaes ; entre os prisioneiros um capitão (Tavares) e outro official.

(45) Nas partes officiaes esse combate é conhecido pelos nomes de combate de Arbolito, das Pontas de S. Salvador, Aguita e Coquimbo. Na biographia do marechal de exercito Bento Manoel Ribeiro, ultimamente publicada na *Revista do Instituto*, não se faz menção d'esta victoria, uma das mais brilhantes alcançadas por esse valente cabo de guerra.

(46) A sua columna, primitivamente composta de oitocentos homens, foi depois do combate reforçada por ordem de Abreu.

(47) A narração d'esses factos é feita á vista de documentos officiaes (tanto do nosso lado como do contrario), á vista de informações que obtivemos, e de um ou outro trabalho parcial que examinámos.

(48) Dizemos superioridade numerica, porque contamos tambem com as guarnições de Montevidéo e da Colonia, e com as forças do Rio-Grande em marcha.

soffridos pelos independentes em frente de Mercedes e da Colonia, e no combate de Arbolito, tornaram certa a proxima submissão da Cisplatina com o aniquilamento completo da revolução.

E', com effeito, fóra de duvida que os patriotas orientaes teriam dentro em breve visto morrer a idéa grandiosa que os fizéra empunhar as armas, se a Providencia, que sempre ampara as causas justas, não reunisse contra nós uma serie de circumstancias tão imprevistas, quanto funestas ás armas imperiaes.

A rivalidade mesquinha de alguns chefes, o egoismo e a ambição de outros prepararam as derrotas que se seguiram, e que coroaram tão infelizmente a campanha de 1825, aliás inaugurada debaixo de tão bons auspicios, graças á attitude que tomára o bravo general Abreu, apresentando-se no campo da luta com a sua pequena mas valente divisão, e (o que muitas vezes vale mais que um exercito) com o prestigio do seu nome glorioso.

Lavalleja comprehendeu perfeitamente as circumstancias criticas em que se achava, quando procurou concentrar em um só ponto, no centro da campanha, todas as suas tropas.

As praças da Colonia e de Montevidéo estavam em nosso poder; na linha do Rio Negro achava-se o general Abreu com um punhado de soldados, que deviam em breve ser reforçados; a fronteira do Rio-Grande era guardada pelo general Bento Corrêa da Camara; no Prata e no Uruguay dominava a esquadra do vice-almirante Rodrigo Lobo.

Assim, Lavalleja achava-se cercado, e correndo o risco de ser esmagado pelos nossos soldados.

Então o visconde da Laguna communicou ao general Abreu um plano de operações offensivas que delineára, e que, se houvesse sido fielmente executado, seria coroado do mais brilhante e prompto successo.

Dois revezes, porém, insignificantes como feitos de armas, mas notáveis pelas consequências que acarretaram, vieram mudar inteiramente a face dos negócios, e tornar impossível a execução d'esse plano; revezes, pôde-se dizê-lo, devidos ambos, menos ao esforço e ao poder do inimigo, do que á imprudencia dos nossos chefes.

O primeiro teve lugar no Rincon de Haêdo, a 24 de Setembro; o segundo, junto ao arroio Sarandy, a 12 de Outubro.

No Rincon foram batidos os coroneis Jeronymo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto pelo general Rivera, cuja chegada aguardava havia muito o general Abreu; e foram batidos, porque, em vez de marcharem unidos, levados de uma mal entendida rivalidade, apressavam acintosamente as marchas, com o fim de chegar um primeiro que o outro ao ponto de seu destino (49).

O inimigo apanhou-os de surpresa, e destroçou-os cada

(49) Enquanto Lavalleja concentrava nas proximidades da Florida o seu exercito, para poder tentar um golpe, que lhe dösse uma victoria parcial, e o tirasse da posição difficil em que se achava, ordenou a Rivera que com quatrocentos homens se apoderasse da cavallaria que tinhamos no Rincon. Abreu só tinha em Mercedes pouco mais de trezentas praças, porque, como já dissemos, novecentos ás ordens de Bento Manoel haviam seguido para Montevidéo a pedido do visconde da Laguna.

Rivera cumpriu facilmente a sua missão. Penetrou no Rincon, perseguiu a pequena guarda que ali tinhamos, e que, não podendo resistir, fugiu, tendo apenas um morto e dois feridos, sendo salva pela esquadriha de Senna Pereira, cujos fogos obrigaram o inimigo a deter-se.

Occupado em arrebatr cavalhada, havia o general inimigo deixado um official intrepido e intelligente, Servando Gomes, com parte das suas tropas na entrada do Rincon. Para esse ponto dirigiram-se os coroneis Gomes Jardim e Menna Barreto (José Luiz) com pouco mais de duzentos homens cada um. Pelas 9 horas do dia 24 Servando Gomes ayistou o primeiro d'esses chefes, que vinha quasi em debandada com

um por sua vez, destruindo inteiramente os quatrocentos homens que elles commandavam.

O segundo d'esses chefes pagou com a morte gloriosa o seu fatal erro (50).

Preenchida com tanta felicidade a sua missão, voltou Rivera, com a cavallhada que tomára, para o acampamento de Lavalaja, e achou este chefe preparando-se para atacar Bento Manoel, que com uma brigada sahira da praça de Montevidéo.

Este, recebendo ordem de reconhecer o campo inimigo, partiu com mil e cem homens, e incorporou-se no dia

os cavallos fatigadissimos. Vencer em semelhantes condições era tarefa facil. Servando aguardou o ensejo mais favoravel, e carregou com violencia sobre essa força, da qual apenas uns quarenta homens conseguiram formar-se, sendo esmagados pelo numero. Os outros, envolvidos e perseguidos pelo inimigo, cahiram sobre o regimento n. 25 de segunda linha (Guaranys), de que era commandante Menna Barreto, e que não pôde igualmente guardar a formatura pelo cansaço dos cavallos. Esta columna, como a primeira, dispersou-se logo, podendo o inimigo, sem grande trabalho, destrui-la completamente, perseguindo-a até grande distancia. Ainda assim, muitos houve que, envolvidos pelos contrarios, resistiram com admiravel denodo, sabendo vender caro suas vidas. Entre estes achou-se o joven Menna Barreto, que, apesar de ouvir os repetidos gritos do inimigo, intimando-lhe que se rendesse, combateu, como um verdadeiro heróe, morrendo afinal com mais de dez honrosos ferimentos, e conquistando a admiração de seus proprios adversarios. (Veja-se o opusculo do Sr. E. de Senna Pereira — *O Libello argentino e a verdade historica* — Rio, 1857, 1 vol.; e a *Biographia do coronel José Luiz Menna Barreto*, publicada em avulso no anno de 1825, em Montevidéo.)

(50) Morreu aos vinte e sete annos esse joven coronel, que se assinalava já por uma longa serie de feitos illustres. Era filho do marechal de exercito João de Deus, visconde de S. Gabriel (fallecido em 1849), e irmão do vencedor de Paysandú, o marechal de campo José Propicio, barão de S. Gabriel, fallecido em 1865 .

10 de Setembro, nas nascentes do Yi, ao coronel Bento Gonçalves, que commandava quatrocentos cavalleiros (51).

Achando-se assim com mil e quinhentos homens, julgou Bento Manoel, em seu orgulho, que por si só poderia dar cabo da revolução, e, desprezando as instrucções que recebêra, atreveu-se a atacar o inimigo com a sua pequena columna, fatigada e enfraquecida por continuas marchas^s forçadas.

No dia 12 de Outubro, anniversario do primeiro Imperador, avistou elle o exercito republicano, postado junto ao Sarandy, que despeja suas aguas em um dos tributarios do rio Yi, o arroio de Castro.

Lavalleja, que de ha muito espreitava os seus movimentos, esperava-o impassivel e certo da victoria.

Aos nossos mil e quinhentos homens oppunha elle dois mil e quinhentos das tres armas, perfeitamente disciplinados, cheios de enthusiasmo pela causa que defendiam, e em melhores condições que os nossos, porque á superioridade numerica accrescia o estarem em descanso, e conhecerem perfeitamente o terreno em que combatiam.

Como se isso não bastasse, foi tal a allucinação que se apoderou de Bento Manoel, que deu começo ao combate unicamente com mil e tantos homens, sem esperar os quatrocentos de Bento Gonçalves, que vinham um pouco retardados (52).

(51) Bento Manoel se havia offerecido para atacar o inimigo em seu proprio campo. O tenente-general Maggesi, barão de Villa-Bella, reclamou para si, como mais graduado, o commando das forças que se houvessem de destacar contra o inimigo. Sem dar uma decisão definitiva, ordenou o visconde que Bento Manoel fosse reconhecer o campo inimigo, devendo antes fazer junção com Bento Gonçalves, a quem officiou n'esse sentido.

(52) Armitage, tão inexacto quando refere factos d'esta guerra, diz,

Póde-se dizer que o signal da nossa derrota foi dado aos primeiros tiros pela defecção da infantaria guarany, tornando-se impossivel, depois d'ella, um combate regular.

Como bem observa o visconde de S. Leopoldo, « foi antes uma dispersão do que um combate. » Bento Gonçalves, com o seu regimento illeso, dirigiu-se para a fronteira do Jaguarão, sem ser incommodado pelo inimigo ; Bento Manoel, com os destroços de sua columna, depois de pelejar heroicamente, retirou-se para a de Sant'Anna, perseguido até alguma distancia pelo inimigo; o regimento de dragões retrogradou para Montevidéo, e o coronel Alencastro teve de depôr as armas com as forças que comandava.

Taes foram os tão fallados combates do Rincon e de Sarandy, em que os orientaes venceram sem desar para nós e sem grande gloria para elles.

Esses dois revezes foram, como se vê, exclusivamente devidos ao procedimento de Jardim, de Menna Barreto e de Bento Manoel. Sem a mesquinha rivalidade d'aquelles, e a imprudente ambição d'este, não teria a causa da revolução alcançado taes vantagens, que, insignificantes como feitos militares, puzeram entretanto o inimigo de posse de toda a campanha oriental, fortaleceram o espirito de resistencia, e decidiram o governo de Buenos-Ayres a intervir francamente na luta.

Não nos levem a mal esta divagação. Julgamos dever com os documentos officiaes do inimigo, que pelejaram n'esse combate dois mil e duzentos brasileiros. O visconde de S. Leopoldo e o general Abreu e Lima (que o copia n'esse como em muitos outros pontos) dão o algarismo exacto. Só se batêram mil brasileiros, porque os quatrocentos soldados de Bento Gonçalves não chegaram a entrar em fogo. O Sr. A. D. Pascual, na sua recente obra—*Apuntes para la historia de la Republica Oriental*, engana-se com Armitage, dizendo que tinhamos dois mil e duzentos homens.

expôr os factos e fallar n'esses dois combates, porque sobre o general Abreu se fez então recahir toda a responsabilidade d'elles.

Ainda em 1827, na sessão da camara dos deputados de 18 de Maio, o illustre general Cunha Mattos, fallando da guerra, assim se exprimiu a respeito da campanha de 1825: « A guerra, Sr. presidente, tem sido de tal modo dirigida, que estamos vendo arruinado o Brasil! Permitta-se-me que o diga com bastante sentimento do meu coração: os erros são antigos, e os erros têm continuado até hoje.

« O erro fatal do barão do Serro-Largo, general valente, que dezenove vezes se bateu no campo da honra, arrastou a desgraça do Brasil, e trouxe as derrotas do Rincon e de Sarandy. Em vez do Rincon das Gallinhas, elle occupou Sant'Anna! Qual foi o resultado d'isso? Um corpo de quasi seiscentos cavallos, sob as ordens de chefes intrigados, marchava em desordem, quando o inimigo, aproveitando-se da confusão, cabe-lhes em cima com duzentos cavallos, e leva tudo á espada!... » (53)

A simples exposição dos factos e a leitura d'essa parte do discurso do general Cunha Mattos bastam para a cabal defesa do illustre barão do Serro-Largo.

O general Cunha Mattos accusava-o por ter occupado Sant'Anna, quando elle, como já vimos, occupou Mercedes nas vizinhanças do Rincon! D'esta natureza eram as accusações que faziam a Abreu.

Reduzido á inacção em Mercedes, o general Abreu foi mero espectador de todos esses successos. Da sua divisão

(53) O deputado pelo Rio-Grande Xavier Ferreira, respondendo a Cunha Mattos, negou a responsabilidade de Abreu pelo revez do Rincon, mas não soube dizer, quanto á censura principal, que este general occupou precisamente o ponto que o primeiro orador inculcava como o melhor.

destacára com Bento Manoel, á requisição do visconde da Laguna, novecentos homens. Estes foram batidos em Sarandy, e os quatrocentos que esperava da fronteira, antes de se lhe incorporarem, foram batidos no Rincon.

A incorporação d'estes ultimos devia elevar a força sob seu immediato commando a setecentas praças, com as quaes tinha elle de defender, por determinação do visconde, a margem do Uruguay, de accordo com a flotilha de Senna Pereira.

Mas esses dois revezes reduziram-no a uns trezentos homens, e n'essas circumstancias, privado da cavalhada de refresco, via-se ameaçado pelo inimigo victorioso, que sem difficuldade esmagal-o-hia, se por mais tempo permanecesse em territorio já todo em poder das armas republicanas.

Decidiu-se então a evacuar a Banda Oriental, retrogradando para a fronteira do Rio-Grande.

Até ao Salto fez-se Abreu transportar pela esquadriha do Uruguay, duplamente mortificado pela desgraça das nossas armas, e pelo procedimento que para com elle tinha o general Barreto.

Do Salto dirigiu-se com os restos de sua divisão para a fronteira do Arapehy (54), occupando Belém, em cujas proximidades reuniu-se-lhe Bento Manoel com os fugitivos da columna destroçada em Sarandy; e d'ahi seguiu depois para o Rincon de Mata-Perros, situado entre o Arapehy-Chico e o Sarandy-Pires.

(54) Era por esse lado a linha divisoria entre o Rio-Grande e a Banda Oriental, pela convenção celebrada com Montevideo a 30 de Janeiro de 1819.

VIII

Abreu deixa no Rincon de Catalan Bento Manoel, e fixa seu quartel-general em S. Gabriel. — Recebe a noticia de lhe ter sido conferido o titulo de barão do Serro-Largo. — Providencias para defeza da fronteira do Rio-Grande. — Combate de Taquary (17 de Dezembro), e surpresa do forte de Santa Theresa (31 de Dezembro). — Vencem os inimigos do barão do Serro-Largo, que é exonerado do commando das armas do Rio-Grande. — Sua despedida. — Estado em que deixou a provincia. — Erros do seu successor. — Combates durante o anno de 1826. — Viagem do senhor D. Pedro I ao Rio-Grande.

A fronteira do Rio-Grande, depois dos successos que acabamos de narrar, ficou ameaçada de incursões pelas partidas inimigas, senhoras de toda a campanha oriental.

Incumbido, como commandante das armas, da defesa d'aquella provincia, deixou Abreu no Rincon de Catalan uma brigada de cavallaria e dirigiu-se para S. Gabriel, onde fixou seu quartel-general.

Eram mui diminutos os recursos de que então dispunhamos para defender a extensa linha de nossas fronteiras meridionaes, pois só tinhamos na provincia do Rio-Grande oito regimentos de cavallaria de segunda linha (55), algumas companhias de guerrilhas, o esquadrão de lanceiros do Uruguay, e uma partida do terceiro regimento de cavallaria do exercito.

Toda a força de primeira linha, que em tempos ordinarios

(55) Eram esses regimentos: o 20 (de Porto-Alegre), 21 (Rio-Grande), 22 (Rio-Pardo), 23 (Alegrete, chamado antes regimento de Entre-Rios), 24 (S. Borja, antes regimento de guaranys das Missões), 39 (antes regimento de Serro-Largo), 40 (antes regimento de Sunarejo). Em toda a provincia só havia um batalhão de infantaria de 2ª linha, com a numeração de 46.

fazia ahi guarnição (56), achava-se em Montevideo, ou na Colonia.

Ainda assim, com essa insignificante força, o velho general guarneceu a fronteira, distribuindo convenientemente os corpos pelos pontos mais vulneraveis e importantes.

O seu primeiro cuidado foi elevar aquelles corpos, então extraordinariamente reduzidos em pessoal, ao seu estado completo: e enquanto se occupava n'isso, pondo em acção toda a influencia de que gozava entre os rio-grandenses, aguardava elle a chegada das tropas que haviam desembarcado em Santa Catharina, para emprehender a segunda campanha, e procurar o inimigo em suas proprias posições.

Não pôde entretanto levar a effeito esse seu desejo. As intrigas de seus inimigos e rivaes conseguiram fazer desvairar o governo.

Abreu havia recebido, por decreto de 12 de Outubro, o titulo de barão do Serro-Largo, em attenção aos seus serviços passados, e aos que acabava de prestar; mas pouco depois, sabendo o governo das derrotas do Rincon e de Sarandy, deixou-se levar pelos manejos da intriga, e responsabilizou o seu brioso general por desastres nos quaes, como já mostrámos, não teve elle a minima parte.

Foi exonerado do commando das armas, assim como o visconde da Laguna do cargo de capitão-general da Cisplatina, sendo substituido aquelle pelo brigadeiro Massena Rosado (57), e este pelo tenente-general barão de Villa-Bella (Maggesi) (58).

(56) A força de 1ª linha, que estacionava no Rio-Grande, e que se achava então n'essas duas praças, constava dos seguintes corpos: regimentos ns. 4 e 5 de cavallaria, 3º corpo de artilharia montada, e 9º batalhão de caçadores (Vide o decreto do 1º de Dezembro de 1824).

(57) Francisco de Paula Massena Rosado.

(58) Até então a Cisplatina fóra governada pelo visconde da Laguna,

A 20 de Dezembro, occupado em augmentar as forças da provincia, do seu quartel-general de S. Gabriel dirigiu o illustre barão do Serro-Largo aos rio-grandenses uma proclamação, convidando-os a tomar as armas contra o inimigo commum : « Emquanto Deus me der forças, dizia então elle, prometto-vos não embainhar a minha espada, sem que o inimigo seja lançado além do Rio da Prata, que deve ser a nossa divisa para a conservação da paz, para a segurança de nossos interesses, e para a gloria do grande Imperio a que pertencemos. » Um mez depois, a 22 de Janeiro de 1826, despedia-se dos seus camaradas e patri-cios, depois de ter passado, oito dias antes, ao novo governa-dor das armas o commando do exercito.

Cheias de nobreza foram as palavras de despedida do velho e distincto general. Diante da ingratição immensa de que era victima, vendo seus serviços esquecidos, e olvi-dados os dias de gloria que déra á sua patria, o illustre veterano, com a grandeza d'alma que tanto o distinguia, não fez uma unica recriminação, não soltou um só quei-xume (59).

Depois de annunciar a sua exoneração, terminava os seus adeoses com as seguintes palavras, que por si sós bastam para exprimir o seu desinteresse e patriotismo : « Vou contente beijar a mão do nosso Imperador, e pedir-lhe permissão para voltar como simples soldado a unir-me ás fileiras dos meus antigos camaradas, pois deveis ter co-nhecido que sou mais propenso a obedecer do que a com-mandar. »

na qualidade de capitão-general. O barão de Villa-Bella foi o primeiro presidente nomeado para ella.

(59) Não vimos o original d'esse documento, mas sim a traducção feita por um dos periodicos de Buenos-Ayres : « Despedidas que faz o barão do Serro-Largo aos habitantes d'esta provincia de S. Pedro do

A demissão do barão do Serro-Largo foi um dos muitos erros que o governo imperial commetteu durante o decurso d'essa guerra, tão mal encaminhada e dirigida.

Possuindo um nome prestigioso, conquistado por sua bravura e honestidade, e pelos serviços que havia prestado á provincia do Rio-Grande, cujo territorio livrara duas vezes (em 1816 e 1820) da invasão estrangeira, sympathizado geralmente pelos brilhantes dotes de seu coração, pratico no systema de guerra adoptado n'essas paragens, e perfeito conhecedor do terreno em que tinham lugar as operações, teria o general Abreu sabido conduzir o exercito brasileiro á victoria, evitando os erros do seu successor, que tão fataes foram ás nossas armas, e que tão funestamente influiram sobre a campanha de 1827.

Rio-Grande. — Honrados habitantes. Tenho empregado todos os dias, que Deus me tem concedido, desde a idade de treze annos até hoje, no serviço d'este paiz.

« Sois testemunhas dos esforços que hei empregado na defesa d'esta provincia, quando invadida pelo estrangeiro, sem outro interesse que o de ser util ao lugar em que nasci, e podeis dizer como procedi n'essas circumstancias, e se obtive algum lucro, abusando dos cargos que occupei. A imprensa é livre, e por esse canal podem todos publicar livremente o que sabem, ou o que pensam.

« A occasião é propria, porque foi servido Sua Magestade Imperial substituir-me pelo Exm. Sr. brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado, official habilitado para o lugar que acabo de deixar, pelos conhecimentos e pelas qualidades que possui. Ordenou-me o mesmo Augusto Senhor que me recolhesse á côrte do Rio de Janeiro, ordens que passo immediatamente a cumprir. Despeço-me, pois, dos meus honrados patricios, agradecendo o modo por que fui sempre tratado, não só durante o periodo em que occupei o cargo de governador das armas, como em todas as épocas da minha carreira militar.

« Levo, com o sentimento de apartar-me de tão dignos cidadãos, a gloria de não ter perdido um só palmo de terra da provincia cuja defesa me foi confiada até ao dia 14 do corrente, em que fiquei isento de toda a responsabilidade, etc. »

Se, em tão criticas circumstancias, afastar do supremo commando militar um tal homem era já um erro funesto, o governo parece que esforçou-se em aggravar-o com a nomeação do novo governador das armas, homem desconhecido, e que, supposto tivesse boas intenções, não estava na altura do cargo que ia desempenhar.

Abreu entregou-lhe a provincia, virgem, durante o seu commando, das plantas inimigas. Com effeito, graças ás providencias por elle tomadas, o inimigo não ousára penetrar uma unica vez em nosso territorio, e conservou-se inactivo, apesar de já ter cêrca de quatro mil homens. Apenas pelo lado do Serro-Largo e de Santa Theresa, na parte da fronteira entregue pelo barão ao general Corrêa da Camara (Bento), mostrou-se o inimigo em força.

No departamento do Serro-Largo apresentou-se o coronel Ignacio Oribe, intrincheirando-se perto de Conventos, á margem do Taquary, d'onde foi a 7 de Dezembro desalojado por quinhentos dos nossos bravos ao mando do coronel (Bento) Gonçalves, deixando em nosso poder, além de muitos mortos e feridos, trinta e quatro prisioneiros (entre os quaes um official), uma bandeira, muito armamento, seiscentos cavallos, e toda a correspondencia (60).

Em frente ao pequeno forte de Santa Theresa apresentou-se a trinta e um d'esse mesmo mez o coronel inimigo Leonardo de Oliveira, que conseguiu surprender a guarnição d'esse ponto, commandada por um alferes, e a guarda do Chuy, retirando-se pouco depois com algum armamento e varios prisioneiros, entre os quaes alguns officiaes (61).

(60) Sobre esse combate veja-se a parte official do marechal de campo Corrêa da Camara, commandante da fronteira do Rio-Grande. Ignacio Oribe retirou-se em desordem, acossado pelos nossos, até Frayle-Muerto.

(61) Este successo, cuja insignificancia é manifesta, passa todavia

Esta surpresa e aquelle combate foram os dois unicos feitos de armas que tiveram lugar na fronteira desde que o barão do Serro-Largo voltou para a provincia até que entregou o commando das forças, que a guarneciam, ao general Rosado.

Este, desde que tomou conta do governo das armas, começou a contrariar todas as sabias disposições tomadas pelo seu antecessor para cobrir a fronteira.

Amontoou em Sant'Anna do Livramento todo o exercito, excepto a pequena brigada de Bento Gonçalves, que conservou-se no Jaguarão, pela energica resistencia d'este chefe.

Reunidas as tropas sobre um pequeno recinto, começaram a apparecer molestias, que, tornando-se epidemicas, dizimaram cruelmente suas fileiras e reduziram os soldados a um estado de abatimento, que muito influiu sobre as ultiores operações do exercito. Desprovidos de tudo, mal vestidos, pessimamente alimentados, entregues a meia duzia de cirurgiões, que, além de baldos de conhecimentos, não dispunham de um hospital regular, nem dos medicamentos mais indispensaveis, os infelizes soldados soffreram toda sorte de privações e de soffrimentos durante o commando do general Rosado. A desintelligencia mesquinha, que existia entre este e o presidente da provincia, general Gordilho (primeiro visconde de Camamú) aggravou consideravelmente esse triste estado de cousas (62).

Concentradas em Sant'Anna do Livramento todas as no Estado Oriental por uma *brilhante e assignalada victoria*. Mais de uma vez temos visto apontado o combate de Santa Theresa (nem combate houve !) como um padrão de gloria das armas Orientaes.

(62) Veja-se a interessante *Memoria* do Sr. Machado de Olivera, sobre a campanha de 1827, no tomo XXIII da *Revista do Instituto Historico*.

nossas forças, a fronteira ficou inteiramente aberta. O inimigo, aproveitando-se d'isso, entrou por ella mais de uma vez, entregando ao saque e á devastação o territorio banhado pelo Uruguay, sem que encontrasse um só destacamento nosso, pois a brigada de Bento Manoel, que o barão do Serro-Largo collocára no Rincon de Catalan, e que poderia obstar aquella incursão, se tinha reunido tambem ao exercito por ordem do novo commandante das armas. Era tal o estado do exercito, que, pedindo uma vez Bento Manoel autorisação para bater o inimigo, que se apresentára no Uruguay, foi-lhe respondido que não havia no acampamento cartuchos sufficientes para semelhante empreza!

Ainda assim algumas vezes mediram-se os nossos com as forças republicanas, pronunciando-se sempre a victoria pelas armas imperiaes (63); mas essas vantagens, pela má

(63) A 6 de Agosto o bravo major A. de Medeiros Costa derrotou em *Caraguatá* a vanguarda de Ignacio Oribe ao mando de Claudio Berdun, destruindo-a de tal modo, que só trinta homens escaparam, ficando cento e quarenta e oito mortos ou feridos, e vinte e dois, entre os quaes dois officiaes, prisioneiros.

A vanguarda da columna do tenente-coronel J. A. Martins, expedida para os lados do Quarahim contra tresentos bandidos, commandados por um Lopez-Chico, alcançou-os já em retirada, passando o *Toro-passo*. Bastou essa pequena força, commandada pelo capitão Gabriel Gomes Lisboa, para arrojal-os á margem direita do Uruguay, retomando grande parte dos roubos que haviam feito.

Mas o combate da *Capilla del Rosario* no Merinay (Corrientes) foi o mais importante d'esses feitos d'armas. Bento Manoel fora despachado com a primeira brigada contra uma força correntina ao mando de Felix Aguirre, que saqueava as Missões Orientaes. A' sua approximação fugiu o inimigo para Corrientes.

O intrepido paulista atravessou o Uruguay a 31 de Outubro, e a 5 de Novembro colheu a gente de Aguirre. Collocou-se este na *Capilla del Rosario* com oitocentos homens e tres peças, postando muito adiante, e d'este lado do Merinay, o coronel Pedro Gomes Toribio com outros duzentos. Bento Manoel desbaratou inteiramente

collocação do nosso exercito, eram alcançadas depois que o inimigo assolava nosso territorio, causando prejuizos immensos, e punha a salvo grande parte do que roubava. E, como se não bastasse a inepecia com que o nóvo commandante das armas abandonou ao inimigo toda a fronteira, a demora na remessa de forças para o sul, conservando durante todo o anno de 1826 inactivas as nossas tropas, veiu dar tempo a que os argentinos preparassem e disciplinassem um magnifico exercito, superior a doze mil homens.

Taes foram as consequencias da demissão de Abreu. Tal

esta força, ficando Toribio entre os mortos, e avançou sobre a outra; mas Aguirre com sua artilharia pôz-se logo em retirada, deixando, para protegê-la, trezentos soldados, que foram igualmente destroçados. No campo deixou o inimigo trezentos homens mortos ou feridos, muito armamento e mais de mil cavallos. Tivemos um official e trinta e sete praças fóra de combate. Só fallamos nos combates que tiveram lugar com as forças que guarneciam a provincia do Rio-Grande. No Rio da Prata muitas acções brilhantes illustraram, n'esse anno de 1826, as armas imperiaes, sendo as mais notaveis a defesa da praça da Colonia (atacada pelo almirante argentino Brown e pelo general Lavalleja, e defendida pelo general Rodrigues, barão de Taquary), e a victoria uaval alcançada pelo chefe de divisão James Norton, no dia 30 de Julho, sobre a esquadra inimiga. E já que tocámos n'esses feitos d'armas, cumpre-nos dizer que o Sr. A. D. Pascual enganou-se nos seus *Apuntes*, quando disse, á pag. 259 do 1º vol., firmando-se em Armitage, que soffrêmos uma *quasi derrota* junto á Enseada no dia 9 de Fevereiro. N'esse dia travou-se perto da ponta de Corales um combate naval, sendo Brown repellido e batido pelo vice-almirante Rodrigo Lobo. No dia 11 de Abril não *sorprende*u Brown nossa esquadra, como diz o mesmo escriptor. Apresentou-se elle nas vizinhanças de Montevidéo, e foi logo perseguido por Norton, que sahiu ao seu encontro, e com elle bateu-se, pondo-o em fuga. Quanto á abordagem da fragata *Imperatrix*, na noite de 27 d'esse mesmo mez, de que falla o Sr. Pascual á mesma pagina, houve com effeito falta de vigilancia da nossa parte, mas, apezar d'isso, foi Brown repellido e obrigado a fugir.

o estado da provincia e do exercito depois que elle deixou o commmando das armas.

Estas noticias desoladoras puderam alfim chegar aos ouvidos do Sr. D. Pedro I; e o Principe patriota tomou a resolução de ir pessoalmente inspecionar o theatro dos acontecimentos, para que por si mesmo pudesse, usando de sua influencia e prestigio, dar remedio a tantos males.

O Imperador comprehendeu que era preciso augmentar o exercito, e habilital-o com os meios necessarios para marchar contra o inimigo, sem esperar que este se fortalecesse e viesse procurar os nossos soldados na occasião que lhe fosse mais conveniente.

IX

O barão do Serro-Largo offerece-se para organizar um corpo de voluntarios. — O Imperador regressa á côrte. — O marquez de Barbacena é nomeado commandante em chefe do exercito. — Conferencia do marquez com o barão do Serro-Largo. — Este recusa aceitar o commando de uma divisão, e só pede o do corpo de voluntarios que ia organizar. — Parte para S. Gabriel, para onde chama os seus velhos companheiros de armas. — O exercito argentino dirige-se á nossa fronteira. — Movimentos dos dois exercitos. — Juncção de Barbacena e de Brown no arroio das Palmas. — Fuga simulada de Alvear. — O barão do Serro-Largo reúne-se ao exercito no passo dos Enforcados. — E' incumbido de commandar a vanguarda. — Marcha do exercito em direcção ao passo do Rosario. — Batalha de Ituzaingó. — Morte do barão do Serro-Largo.

Votado ao esquecimento, vivia o bravo barão do Serro-Largo ignorado nos suburbios de Porto-Alegre, só entregue ás affeições da familia. Tragava em silencio a injustiça, de que fôra victima, quando a presença do excelso fundador do Imperio, despertando entre os rio-grandenses o amortecido enthusiasmo, fêl-o sahir do seu retiro para offerecer á patria como simples soldado a sua espada gloriosa.

Infelizmente a presença do Imperador, se muitos benefícios levou ao exercito, não pôde todavia produzir todas as vantagens que eram de esperar.

E a sua volta subita e inesperada fez com que a provincia recahisse na mesma prostração em que estivera antes mergulhada. Foi assim que mui difficilmente se pôde recolher o producto de uma subscrição popular, agenciada durante a presença do Principe, com o fim de auxiliar as urgencias do Estado nas despezas da guerra, e que dos homens que se haviam offerecido para reunir voluntarios, destinados a engrossar as fileiras do exercito, apenas o barão do Serro-Largo cumpriu a sua promessa.

Que fatalidade pesava então sobre o governo do Brasil! Possuimos um exercito numeroso e aguerrido, que facilmente poderia ter-nos assegurado prompta victoria, e, não obstante, no theatro da luta havia apenas recursos insignificantes e uma força mais que diminuta!

Ao regressar para a côrte, o Imperador deixára já no Rio-Grande o novo presidente e o commandante em chefe do exercito. Para o primeiro d'esses lugares havia sido nomeado o brigadeiro Salvador José Maciel, e para o segundo o tenente-general marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pentes).

O novo general quiz aproveitar os serviços do illustre barão do Serro-Largo, cujo nome conhecia e respeitava, e antes de partir para Sant'Anna do Livramento teve com elle uma larga conferencia, manifestando-lhe por essa occasião toda a estima e veneração que lhe votava.

Querendo dar-lhe no exercito uma posição condigna ao elevado posto que occupava, offereceu-lhe o marquez o commando de uma divisão, mas o velho general oppôz-se formalmente a isso, e preferiu combater como simples soldado a aceitar tão honrosa commissão.

Infelizmente a presença do Imperador, se muitos benefícios levou ao exercito, não pôde todavia produzir todas as vantagens que eram de esperar.

E a sua volta subita e inesperada fez com que a provincia recahisse na mesma prostração em que estivera antes mergulhada. Foi assim que mui difficilmente se pôde recolher o producto de uma subscripção popular, organizada durante a presença do Principe, com o fim de auxiliar as urgencias do Estado nas despezas da guerra, e que dos homens que se haviam offerecido para reunir voluntarios, destinados a engrandar as fileiras do exercito, apenas o barão do Serro-Largo cumpria a sua promessa.

Que fatalidade pecca contra a gloria do Brasil! Possuimos um exercito numeroso e aguerrido, que facilmente poderia ter-se assegurado prompta victoria, e, não obstante, no fim do lucto havia apenas successos insignificantes e uma floxa mais que diminuta!

Lo regressar para a cidade, o Imperador deixou já no Rio-Grande o novo presidente e o commandante em chefe do exercito. Para o primeiro d'esses lugares havia sido nomeado o brigadeiro Intendente José Rafael, e para o segundo o tenente-general Marquez de Botafogo Feliciano Caetano Brant Faria.

O novo general que se destinou ao cargo de Intendente do Serro-Largo, cujo nome era Feliciano e cumpria, e antes de partir para suas terras de Lavras, deu com elle uma longa conferencia, mandando-lhe que com accuidado se cuidasse e conservasse que se via.

Quando se deu a noticia de que o novo Intendente se dirigia para o Serro-Largo, o Marquez de Botafogo, sempre fiel e zeloso, mandou-lhe a seguinte carta:

1808

Depois d'essa conferencia o barão do Serro-Largo dirigiu-se a S. Gabriel, onde começou a reunir os voluntarios que acudiam ao seu chamado, e o marquez encaminhou-se para Sant'Anna do Livramento, onde chegou no 1° de Janeiro de 1827, tomando posse do commando do exercito 10 dias depois (64).

Já a esse tempo movia-se em procura da nossa fronteira (65) o exercito argentino do general Alvear, forte de

(64) Tilára, nas suas *Memorias do grande exercito alliado libertador do sul da America*, diz erradamente que o marquez tomára o commando no dia 1.° N'este dia apresentou-se elle ao exercito, passando-lhe revista, mas só a 11 tomou conta do commando. Eis a proclamação que dirigiu aos seus soldados: — « Bravos do exercito do sul! A honra de commandar-vos é a maior á que póde aspirar um general brasileiro. O Imperador nol-a concedeu, e eu procurarei compensar a tão alta mercê, proporcionando ao exercito todos os fornecimentos necessarios a seu commodo e existencia, dispondo e aproveitando toda a occasião de encontrar com o inimigo.

« A proclamação imperial de 16 de Dezembro, que acaba de ser distribuida, me dispensa de recomendar-vos cousa alguma. Cumpra cada um de nós o que o magnanimo Imperador determina, que a disciplina, a abundancia e a victoria serão inseparaveis de nossas fileiras. — Quartel-general em Sant'Anna do Livramento, 1° de Janeiro de 1827. — *Marquez de Barbacena.* »

(65) Começou a mover-se no dia 26 de Dezembro, deixando o acampamento do Arroio-Grande (Vejam-se os bolletins do exercito republicano). Ao pisar em nosso territorio fez o general inimigo espalhar a seguinte proclamação: — « Brasileiros! O exercito da republica pisa o vosso territorio. Olhai, e por toda parte encontrareis n'elle os prenuncios da liberdade. Os que com inaudito valor escalaram os nevados Andes para romper as cadêas de meio mundo, e desde uma até outra zona leváram nas pontas de suas baionetas a grande carta da soberania do povo, são os mesmos que hoje vos saudam. Brasileiros! O exercito republicano é o amigo de todos os povos, porque a sua causa é a mesma dos povos: —liberdade, igualdade e independencia. Elle se move para obrigar vosso Imperador a desistir de uma pretensão injusta. Um dia atreveu-se elle a insultar a magestade do

onze mil homens e vinte e quatro bocas de fogo (66). A inacção em que estivemos por espaço de mais de um anno déra tempo a que o inimigo se preparasse descansadamente e assumisse a offensiva, reconhecendo-se habilitado para guerrear-nos em nosso proprio territorio.

A direcção que traziam os contrarios era ignorada dos nossos, mas, qualquer que ella fosse, devêra decidir o marquez a abandonar Sant'Anna do Livramento, para reunir-se ás forças que ás ordens do marechal de campo Gustavo Henrique Brown, chefe do estado-maior, achavam-se na fronteira do Jaguarão (67).

O intento de Alvear era penetrar por Bagé, collocando-se grande povo argentino, e o governo da republica encarregou-nos de fazel-o entrar em seus deveres. O Imperador é o unico responsavel pelos males que podem cahir sobre vós; tratae de evital-os com o vosso procedimento, nós não vos causaremos directamente o menor prejuizo. O exercito republicano não leva comsigo senão força, justiça, ordem, liberdade e igualdade; dom do céo, patrimonio da America, e do qual só vós estais ainda excluidos. Brasileiros! Repousai tranquillos em vossos lares; o pavilhão republicano será vossa egide: vossas propriedades serão respeitadas, vossas pessoas garantidas. Nossas armas só se dirigem contra os soldados do Imperador; porém, desgraçados dos que, confundindo os interesses do povo com os d'aquelle, tratarem os argentinos como inimigos. Elles não deixarão de ser livres, mas será a espada quem os conduzirá á felicidade, que agora desprezam, e que, em nome de sua patria, lhes promette alcançar—*Carlos de Alvear.* »

(66) Formava tres corpos ou divisões: um de infantaria ao mando do general E. Soler (era o 3º corpo), e dois de cavallaria (1º e 2º) ao mando dos generaes J. A. Lavalleja e Julian Laguna. A artilharia era commandada pelo coronel Iriarte.

(67) Titára diz erradamente na citada obra, pag. 118, que essa força se desmembrou do exercito marchando para o Jaguarão. O Sr. A. D. Pascual, que o copia n'esse ponto nos seus *Apuntes para la historia de la Republica Oriental*, repete o mesmo erro á pag. 206. Aquellas

entre Barbacena e Brown, para batêl-os separadamente (68); mas, apesar das precauções que tomára no intuito de occultar seus movimentos (69), passou pela decepção de ver frustrado o seu plano.

A 13 de Janeiro o general em chefe deixou Sant'Anna do Livramento, e foi acampar na varzea do Morro-Grande (70), margem esquerda do Cunha-perú, destacando n'esse dia o general Sebastião Barreto com mil e setecentos homens de cavallaria para observar em Bagé o inimigo, e certificar-se de seus movimentos.

Molestia repentina e perigosa deteve o marquez n'aquelle sitio até ao dia 19; mas tres dias antes (a 16), recebendo communicação de que o inimigo se mostrára em força no passo das Pedras, e que uma de suas grandes avançadas penetrára em Bagé, expediu ordem a Gustavo Brown para que, quanto antes, se reunisse ao exercito, e começou a forçar as marchas, tomando a 4 de Fevereiro posição no

forças haviam desembarcado no Rio-Grande, e marchavam a reunir-se ao exercito.

(68) Alvear o diz na *Exposicion* que publicou em resposta á mensagem do governo.

(69) O inimigo seguiu por um terreno deserto e de difficil accesso, deixando em frente de Sant'Anna do Livramento, para illudir o marquez, uma força de cavallaria. Tão seguro estava Alvear de que poderia realizar o seu plano, que no bolletim n. 2 fez escrever o seguinte

« Tudo annuncia que o inimigo será sorprendido ao saber da verdadeira direcção do exercito, e que esse triumpho se conseguiu por uma marcha de flanco executada com rapidez e ordem por um caminho deserto, por onde ninguem antes havia passado. »

(70) Além dos bolletins dos dois exercitos, dois escriptos, documentos e informações que obtivemos, guia-nos a *Resposta do brigadeiro Cunha Mattos ao Sr. Rasgado* — Rio, 1827.

arroio das Palmas (71), onde, protegido pelo terreno, esperou que o inimigo o viesse atacar.

No dia seguinte realizou-se a junção das forças que Brown conduzia desde a cidade do Rio-Grande (72).

Vendo destruído o seu plano, Alvear não ousou atacar o pequeno exercito imperial na formidável posição que este occupava, e tomou o partido de atrahil-o para o interior da provincia, procurando o valle de Santa Maria.

Até então tinha o marquez de Barbacena manobrado com tino e habilidade. O rapido movimento que executou, para operar a junção com as forças da esquerda, separadas da direita por mais de oitenta leguas, desconcertou completamente o general Alvear, e arrancou d'este palavras de admiração, que, partindo de um inimigo, constituem o mais bello dos elogios (73); mas, desde que teve noticia da marcha do exercito contrario em direcção a S. Gabriel, e da sua simulada fuga, o nosso general abandonou o campo das Palmas, e forçou as marchas em seu seguimento, cahindo assim no laço que lhe armára o seu adversario.

Acreditou que um exercito com cêrca de onze mil homens, composto de excellente tropa, fugia diante de um que não chegava a contar sete mil, e deixou-se arrastar pelo inimigo até ao lugar que este escolhêra para offerecer-lhe batalha.

O barão do Serro-Largo, cumprindo a sua promessa, já

(71) Chegou no dia 2 ao arroio das Palmas, mas só no dia 4 occupou a posição em que esperou o inimigo.

(72) Essa força elevava-se a dois mil e quinhentos homens.

(73) « ... então (diz Alvear) tomou uma resolução que lhe faz muita honra, não só pelos conhecimentos militares que revela, vendo a difficil posição em que o haviam collocado as manobras do seu contrario, etc. » Veja-se a *Exposição de Alvear em resposta á Mensagem do Governo* — Buenos-Ayres, 1828, 1 volume.

então tinha reunido em S. Gabriel grande numero de veteranos, seus companheiros de armas, e desertores indultados, que ao grito de seu nome acudiam dos districtos da Serra.

Resentido do procedimento que para com elle se teve, apenas solicitou o commando do pequeno corpo que organisára e n'essa mediocre posição reuniu-se ao exercito no dia 13 de Fevereiro, encontrando-o acampado á margem esquerda do Camacuan-Grande, em frente ao passo dos Enforcados.

Este factio por certo recommenda-o muito ao respeito e á admiração da posteridade. Foi sem duvida um exemplo raro de abnegação e de amor patrio esse que então deu o marechal de campo barão do Serro-Largo, sujeitando-se a commandar um simples corpo de cavallaria, elle que em outros tempos occupára cargos e commissões importantes, e a quem fôra já commettido o mando de todas as tropas em operações no Rio-Grande.

A força com que se apresentou, e que não chegava a seiscentos homens, recebeu no exercito a denominação de *Corpo de paisanos*, denominação bem cabida, porque as praças de que se compunha já tinham perdido todos os habitos de disciplina que caracterisam as tropas regulares (74); só havia n'ellas aquelle valor antigo, dedicação pela patria e confiança e amor para com o intrepido cabo de guerra que os commandava.

Ao reunir-se ao exercito, Abreu levou-lhe a noticia de que Alvear seguia em direcção a S. Gabriel, noticia que foi poucos instantes depois confirmada, sabendo-se mais que as forças inimigas haviam acampado já n'aquelle ponto.

O marquez confiou ao illustre barão do Serro-Largo a importante missão de fazer o serviço da vanguarda do

(74) Veja-se a *Memoria* do Sr. Machado de Oliveira.

exercito com o seu pequeno corpo de voluntarios, e começou a acelerar as marchas. Em quatro dias venceu o nosso exercito, acampando successivamente em varios galhos do Camacuan, as vinte e tres leguas que separam d'aquella povoação o passo dos Enforcados.

A 17 a vanguarda de Serro-Largo entrou em S. Gabriel, achando-a abandonada do inimigo, e livrou-a do incendio, que havia destruido já tres casas.

Em S. Gabriel soube o marquez que Alvear procurava o passo do Rosario, no Santa Maria, e que tinha abandonado algum trem pesado. Isso convenceu-o ainda mais de que o seu adversario fugia precipitadamente diante do exercito imperial, e dirigindo a este uma proclamação, continuou a forçar as marchas (75).

(75) Eil-a: — « Soldados! Quando o inimigo se apresentou n'esta fronteira, estava o centro do exercito imperial a mais de 80 leguas de distancia das divisões da esquerda; estaveis sem transporte, e até com falta de armamento e munições de guerra. Vosso valor e vosso patriotismo venceram todas as difficuldades, e por marchas forçadas e atrevidas, quasi á vista do inimigo, e estando os postos avançados em constante tiroteio, conseguistes fazer junção com a maior parte das tropas da esquerda no dia 5 do corrente: as outras reuniram-se nos dias 11 e 13. Então fazia o inimigo todas as demonstrações de atacar-nos, e posto que, por sua superioridade numerica, e pela linguagem de suas proclamações, o ataque parecia provavel, não passou de demonstrações, e, deixando as margens de Camacuan, colorou aquelle principio de retirada, dizendo que nos esperava nos campos de S. Gabriel, ou que seguiria para Porto-Alegre. Por novas marchas forçadas aqui chegastes esta manhã, e, longe de encontrarmos o inimigo, achamos a certeza de sua vergonhosa e precipitada fugida, havendo a retaguarda, commandada por Lavalleja, deixado a povoação de S. Gabriel hontem pelas 4 1/2 da tarde, entretanto que Alvear adiantou de quatro marchas a infantaria e artilharia. Bem quizera eu dar-vos algum descanso depois de tantos centos de leguas de marcha com um sol abrasador, e até alguns dias sem agua, e muitos sem pão ou farinha; mas um instante de demora nos privaria de colher os

Na madrugada de 19 fez reforçar a vanguarda, e foi acampar a tres leguas e meia de S. Gabriel, no campo dos Salsos, depois de ter atravessado o banhado de Inhatium, que estava quasi todo secco pelo rigor da estação calmosa.

No campo dos Salsos houve um ligeiro ataque entre as forças do barão do Serro-Largo e a retaguarda inimiga, formada por um corpo consideravel de cavallaria. Depois de renhido tiroteio, a nossa vanguarda atacou o inimigo, e forçou-o a pôr-se em retirada.

Sabendo, pouco antes das 4 ¹/₂ da tarde, do resultado d'essa escaramuça, o marquez levantou o campo, e foi collocar-se já á noite em uns banhados seccos da estancia de Antonio Francisco, situada á esquerda da estrada, tres leguas adiante do ultimo acampamento.

Ahi apresentaram-se-lhe alguns prisioneiros soltos por Alvear, dando a noticia de que este effectuava a passagem do Santa Maria.

O ardil, de que lançou mão o chefe inimigo, acabou de allucinar o nosso general (76), que apenas deu ao exercito tres horas de descanso, ordenando que a cavallaria e a artilharia não soltassem os cavallo, e os conservassem presos pela soga, afim de que pudesse marchar ao primeiro signal.

fructos de nossos trabalhos, e de termos acabado a guerra para sempre, como exigem a honra e a gloria do exercito imperial. Soldados! Redobremos de esforços: a victoria é certa, na cidade de Buenos-Ayres vingaremos as hostilidades commettidas nas pequenas povoações de Bagé e S. Gabriel! Quartel-general em S. Gabriel, 17 de Fevereiro de 1827. — *Marquez de Barbacena*, tenente-general, commandante em chefe. »

(76) Em mais de um ponto da sua interessante *Memoria*, publicada no tomo XXIII da *Revista do Instituto*, diz o Sr. general Machado de Oliveira que o exercito inimigo retirava-se diante do nosso, evitando uma acção geral. Não podemos infelizmente deixar de divergir

Logo que a lua começou a despontar, os nossos soldados puzeram-se de novo em movimento, posto que extenuados de cansaço. A vanguarda foi n'essa occasião reforçada com a brigada do coronel Bento Gonçalves, composta dos regimentos de segunda linha ns. 21 e 39 e de quatro companhias de guerrilhas, reforço este que elevou as forças do barão do Serro-Largo a mil e cento cincoenta homens de cavallaria.

Não devemos omitir aqui um facto de muito valor pelas consequencias que teve. Reunindo-se ao exercito o barão

do conceito de tão distincto escriptor, e quando dissemos que a retirada de Alvear era simulada, feita no intuito de dividir as nossas forças, e de attrahi-las para terreno mais vantajoso a elle, dissemo-lo com fundamentos muito valiosos.

As razões em que se basêa o Sr. Machado de Oliveira para assim pensar encontram-se a paginas 526, 534 e seguintes da referida *Revista*. Em substancia são estas: 1ª, ter-se o inimigo abtido de atacar-nos no arroio das Palmas, quando o exercito não estava ainda todo reunido, e subsequentemente ter-se afastado das nossas forças em direcção a S. Gabriel; 2ª, a precipitação com que deixou esse ponto á approximação da nossa vanguarda, abandonando trem de guerra, bagagem e a cavallada inutilisada (pag. 534), o que foi em verdade encontrado no passo do arroio Cacequy; 3ª, ter deixado as adjacencias de S. Gabriel, onde a sua cavallaria podia manobrar com muito mais vantagem do que no lugar em que se deu a batalha; 4ª, ter começado a passagem do Santa Maria, para cuja margem esquerda fez Alvear passar o trem pesado do seu exercito e até um regimento. De tudo isto conclue o Sr. Machado de Oliveira que os argentinos retiravam-se diante do nosso exercito, e que, se aceitaram a batalha, foi porque este, que os seguia de perto, obrigou-os a isso.

E' certo que os argentinos não se animaram a atacar-nos no arroio das Palmas, porque o terreno nos favorecia immensamente, e tolhia o concurso da cavallaria, que era a arma mais poderosa do seu exercito; mas a precipitação de sua retirada, quando elles possuíam um exercito mais numeroso que o nosso, não passou de uma habil tactica de Alvear. Para mais facilmente illudir o nosso general, deixou elle no passo do Cacequy varios objectos,

do Serro-Largo, requisitou do general em chefe o numero de cavallos necessarios para o seu corpo, por não lhe inspirarem confiança alguma os que trazia, em consequencia do seu estado de fraqueza; e o marquez, attendendo a tão justa requisição, ordenou immediatamente ao general Sebastião Barreto, incumbido da distribuição da cavallada, que satisfizesse ao pedido de Abreu.

A reclamação de Serro-Largo não foi, porém, attendida. Barreto recusou-se positivamente a fornecer-lhe os cavallos de que carecia, porque, segundo então declarou, os

que nenhuma falta lhe faziam, fez transportar para a outra margem do Santa Maria as suas bagagens e trem pesado, ordenando ao mesmo tempo que um regimento transpuzesse o rio. Esta ultima operação foi feita na presença de alguns prisioneiros, aos quaes elle deu liberdade, e forneceu cavallos, afim de que levassem ao nosso campo, como succedeu, a noticia de que o exercito republicano começava a atravessar o rio. Mas, apenas estes partiram, o regimento, que se havia transportado para o outro lado do Santa Maria, regressou, incorporando se novamente ao exercito. Quanto aos objectos que o inimigo abandonou no Cacequy, e de que falla o Sr. Machado de Oliveira, não passavam elles de caixões com papeis velhos, mappas, relações e partes, armamento inutilisado, canastras velhas, etc. Tudo isso foi examinado no dia 21 pelo Exm. Sr. marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva, que nos ministrou obsequiosamente muitos e importantes esclarecimentos sobre essa camponha. Ha, porém, uma outra circumstancia de muito peso, que nos foi communicada pelo mesmo Sr. Lima e Silva, e que nos levou a dizer que Alvear tinha escolhido de antemão o campo de batalha. Esse general conhecia perfeitamente todo o valle do Santa Maria nas proximidades do Ibicuhy. Não havia ainda 20 annos, tinha elle residido por largo espaço de tempo na estancia do brigadeiro Antonio Pinto da Fontoura, situada do outro lado do rio, tendo muitas vezes percorrido os terrenos circumvizinhos nos frequentes passeios que dava. Das relações que teve n'aquelle tempo com a familia Fontoura mostrou elle conservar ainda recordações e reconhecimento, porque, quando o seu exercito esteve acampado no passo do Rosario, levantando todo o gado que encontrava, respeitou essa estancia, e só a ella mandou pedir alguns carneiros.

que existiam mal chegavam para os diversos corpos do exercito. Se o motivo era fundado, ou se dictou-o sómente a inimizade que esse official votava desde 1823 ao barão, é o que não podemos dizer com segurança: não faltaram, porém, accusadores que o denunciasssem como antepondo aos interesses e á honra do paiz seus despeitos e odios pessoaes. O certo é que essa recusa produziu resultados funestos, e quem conhece os habitos dos cavalleiros do sul, póde avaliar a impressão que causou ella entre os soldados do barão. Não obstante, guiados pelo prestigio de seu chefe, puderam suffocar o desanimo de que estavam possuidos, e continuaram no encalço do inimigo.

Quando o dia começava a despontar, avistou a nossa vanguarda forças inimigas. O barão deu-se pressa em prevenir o general em chefe (77), e este, firmemente persuadido de que grande parte do exercito argentino estava já na margem esquerda do Santa Maria, accelerou a marcha, julgando que tinha de haver-se unicamente com uma fracção d'elle.

Qual não seria a sua surpresa, quando ás 5 ³/₄ da manhã avistou em linha mais de dez mil homens, esperando-o firmes no lugar que haviam escolhido para offerecer-lhe combate?!

Já era tarde para recuar. Nossa vanguarda, ao mando do intrepido Serro-Largo, sustentava um renhido fogo de atiradores com as avançadas inimigas. Era preciso tomar posições e pelejar.

Nosso pequeno exercito, apenas composto de cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens, com dez bocas de fogo

(77) Titára diz que o barão suppóz que fosse um pequeno corpo inimigo, e que, não querendo repartir com outros os louros da victoria, não participou ao general em chefe que havia avistado os contrarios. O Sr. A. D. Pascual, nos seus *Apuntes* ultimamente publicados, repete essa censura, que é inteiramente infundada.

(78), collocou-se em frente do inimigo, que se achava postado na coxilha de Santa Rosa, e o ataque começou, tendo lugar a celebre batalha de Ituzaingô.

Esse punhado de bravos (79), que não descansavam desde a madrugada de 19, e que desde então quasi não haviam tomado alimento, tiveram de bater-se com exercito duas vezes superior em numero, e que a esta vantagem reunia a de estar em repouso havia dois dias (80).

(78) A força total do exercito brasileiro, incluindo os quinhentos e sessenta voluntarios do barão do Serro-Largo, montava a sete mil e duzentos e oitenta e sete homens, dos quaes quatro mil duzentos e noventa e oito de cavallaria, dois mil e cento e oitenta e nove de infantaria, duzentos e quarenta de artilharia. Mas a 1ª brigada ligeira, ao mando de Bento Manoel e forte de mil e duzentos homens de excellente cavallaria, tendo sido destacada do exercito no dia 3, só se reuniu a elle no dia seguinte ao da batalha, á qual não assistiram tambem cento e cincoenta e tres infantes. Deduzindo-se do numero total estes mil e trezentos e cincoenta e tres homens, ver-se-ha que só estiveram presentes a ella cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens.

(79) N'essa manhã sahiram de S. Gabriel e pararam no campo dos Salsos, descansando apenas tres horas; ás 5 horas da tarde continuaram a marchar, e fizeram uma parada desde as 10 da noite até 1 hora da madrugada de 20. A essa hora continuaram a marcha, avistando o inimigo ás 6 horas.

(80) Está hoje provado pelos mappas officiaes, tanto do nosso exercito, como do exercito republicano, que pelejaram em Ituzaingô, de um lado dez mil e quinhentos e cincoenta e sete argentinos e orientaes, com vinte e quatro canhões, do outro cinco mil e quinhentos e sessenta e sete, com dez bocas de fogo. Entretanto Alvear teve a habilidade de dizer na sua *Exposicion* que só tinha seis mil e duzentos homens, e que os nossos eram dez mil; falsidade que *ainda hoje* se repete no Rio da Prata, apesar de estarem de ha muito no dominio publico os documentos que a desmentem. Não transcrevemos aqui esses mappas, mas elles encontram-se na obra de Titára, que primeiro os publicou, e na *Memoria* do Sr. Machado de Oliveira, assim como nos *Apuntes* do Sr. A. D. Pascual.

•

Não cabe nos limites d'este humilde trabalho dar aqui uma noticia circumstanciada da batalha de 20 de Fevereiro de 1827, batalha em que tantos rasgos de valor e de heroismo obraram os nossos soldados, faltando-nos apenas um general habil e experimentado. Talvez o façamos mais tarde, se, como desejamos, pudermos escrever a historia d'essa guerra desgraçada, cuja direcção foi uma serie não interrompida de desacertos fataes.

As duas divisões do general Callado (2ª) e Sebastião Barreto (1ª) foram collocadas a grande distancia uma da outra, de sorte que não puderam durante o combate manobrar de accordo, nem auxiliarem-se mutuamente.

Quasi em frente á primeira d'aquellas divisões ficou o barão do Serro-Largo com o seu corpo de voluntarios, a brigada de Bento Gonçalves e uma peça de artilharia, mantendo com o 1º corpo do exercito argentino um fogo renhido de atiradores.

A divisão Barreto, composta de dois mil e seiscentos e trinta e cinco homens, avançou contra a esquerda e centro do exercito de Alvear, recebendo n'essa occasião Bento Gonçalves ordem de abandonar o ponto que occupava, de sorte que unicamente ficou em nosso flanco esquerdo a força do barão do Serro-Largo, e a peça que lhe foi entregue no começo da acção pelo general Callado.

Vendo o movimento da 1ª divisão, ordenou Alvear á cavallaria do general Laguna que o atacasse, enquanto a do general Lavalleja se arrojava contra as forças da nossa esquerda. Aquella divisão repelliu galhardamente as duas cargas que lhe dirigiu o inimigo, e continuou a avançar sobre as posições contrarias. A 2ª, do general Callado, estava ainda immovel, esquecida pelo nosso general na posição que lhe fôra destinada desde o começo da batalha, quando a cavallaria de Lavalleja moveu-se para atacal-a.

Antes de chegar até ella tinha este chefe de encontrar se com a pequena columna do barão do Serro-Largo, que, como dissemos, guardava o nosso flanco esquerdo, e era como que a vanguarda da 2ª divisão.

Com o grosso de suas forças, em numero de tres mil e cem homens, avançou Lavalleya para ataca-la pela frente. O barão, que apenas tinha quinhentos e sessenta voluntarios mal montados, não teve a insana pretensão de resistir áquella massa imponente, que marchava ao seu encontro. Dispunha-se a recuar, batendo-se em retirada, até procurar a protecção da divisão do general Callado, quando subitamente appareceu uma columna de perto de setecentos homens, que se lançou sobre elle, atacando-o de flanco, emquanto Lavalleya o ameaçava pela frente.

Essa carga repentina e inesperada, e o cansaço dos cavallos não deram tempo a que os seus soldados, dispersos a maior parte em linhas de atiradores, se formassem com rapidez.

O inimigo apanhou-os em confusão e carregou-os. Não o teriam talvez feito se Sebastião Barreto houvesse podido ou querido attender á requisição do brioso e velho general, substituindo os cavallos fracos e cansados do seu corpo por outros mais fortes e frescos (81).

Todos os esforços que fez o intrepido barão do Serro-Largo, para conter os seus soldados, foram inuteis.

A' carga do inimigo seguiu-se o completo destroço dos bravos e infelizes voluntarios, que, confundidos com os orientaes, vieram sobre a 2ª divisão.

(81) No começo da batalha tinha ainda uma vez o barão do Serro-Largo requisitado do commandante em chefe a remonta de sua cavallada, declarando terminantemente que não podia manter-se no campo com a que tinha Nenhuma providencia se tomou! Veja-se a parte official do general Soares de Andréa (barão de Caçapava), que exercia as funcções de ajudante-general.

Esta, não podendo distinguir os contrarios dos amigos, formou quadrado, e rompeu o fogo sobre a massa desordenada e confusa que lhe vinha em cima, sendo n'essa occasião mortalmente ferido o velho barão do Serro-Largo.

Poucos momentos depois expirava o nosso bravo, com a mesma serenidade de animo com que tantas vezes se arrojára aos perigos dos combates.

Assim terminou sua carreira gloriosa esse distincto veterano. A vida, que inteira consagrara á patria, devia ser tambem sacrificada a ella, e, de feito, sua espada só deixou de combater quando a mão que a brandia cahiu desfallecida.

Com tantos serviços, com tantas glorias, com tantas virtudes, tanta abnegação e civismo, o illustre barão do Serro-Largo teve nos ultimos dias de sua vida, como premio e recompensa, a ingratição e o esquecimento do governo do seu paiz !...

Bem o disse Mme de Sevigné : « Ha serviços tão grandes e tão importantes, que só a ingratição os póde pagar. »

Mas acima das fragilidades e miserias dos contemporaneos, acima de seus odios e de seus erros, eleva-se um dia o juizo da posteridade, sempre severo, inflexivel e imparcial; e a posteridade, póde-se já dizêl-o, ha de destinar a tão eximio cidadão e a tão illustre victima um lugar distincto entre os mais gloriosos e prestantes filhos da terra de Santa Cruz.

S. Paulo, 14 de Julho de 1865.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

4º TRIMESTRE DE 1868

BIOGRAPHIA DO BOTANICO BRASILEIRO

JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO

Mémoria lida no Instituto Historico perante S. M. o Imperador

POR

JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA



A S. M. I. o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil

SENHOR !

Quando um Soberano, chefe de uma grande nação, anima com sua benevolencia os trabalhos e patriotismo de um cidadão, a este não deve ser recusado o direito de offertar-lhe um dos fructos de suas lucubrações, como o mais profundo traço de reconhecimento e dedicação. Digne-se Vossa Magestade Imperial de acceitar esta biographia, considerando-a como a prova mais evidente do desejo que alimento de ser util a Vossa Magestade, e á minha patria.

Sou, com o mais profundo respeito, de

Vossa Magestade Imperial,

subdito reverente e dedicado

JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA.

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1868.

TOMO XXXI, P. II

18

BIOGRAPHIA DO BOTANICO BRASILEIRO
JOSE' MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO

Venera-se a memoria de um grande vulto, propagando-se as suas virtudes á luz do mundo, ou rendendo culto aos raios luminosos da sua intelligencia.

CAPITULO I

Si a glória de uma nação altêa-se resplandecente sôbre o tumulto de seus filhos, que por ella sacrificaram-se, a gratidão da patria deve ser o vehiculo dos seus nomes para o juizo da posteridade.

A Suecia sempre orgulhosa pela vida illustre de *Linneo* ;

A Suissa sempre altiva no campo da sciencia pelo genio de *De-Candolle* ;

A Grã-Bretanha antepondo os talentos robustos de um *Brown*, de um *Hooker* aos labores proficuos, e incommensuraveis pelo seu valor das duas escholas, franceza e allemã, representadas por *Jussieu*, *Adanson*, *Brogniart*, *Bail-
lon*, etc., *Endlicher*, *Humboldt* e *Martius* ;

Todas ellas reunidas compulssm diariamente as paginas da história da sciencia, e rendem homenagem ás lucubrações de Fr. Velloso em prol da phytologia brasileira !..... O Imperio d'America do Sul é o imperio floral do globo terrestre, sem o esplendor do concurso de muitas intelligencias para o fim commum e grandioso das verdades utilissimas, que estão sepultadas no silencio das suas florestas. Quando a principal riqueza de uma nação reside nos ornamentos do seu reino vegetal, o maior esforço da intelligencia deve applicar-se ao conhecimento dos seus predicados essenciaes, em harmonia com os fins para que foram creados. Este grande resultado das indagações do homem sôbre

a natureza, reunido á necessidade palpitante das obras classicas e systematicas, que constituem uma das maiores glórias para qualquer nacionalidade, obtem-se sómente desenvolvendo-se o amor pela sciencia ; mostrando-se incessantemente o seu lado util, e garantindo a vida espinhosa e sem ruido do naturalista contra os effeitos negativos da oratoria abstracta ! A penna e a palavra são os unicos meios de transmissão, para os contemporaneos e vindouros, das impressões que o naturalista bebe na natureza, com o pensamento sagrado de brindar a patria com os fructos de suas observações. No professorado e na imprensa resume-se, pois, o grande fundamento para a propagação dos conhecimentos uteis. Dar ao primeiro o maior brilho e amplitude, e tornar o segundo accessivel aos homens laboriosos, sem o tributo de sacrificios impossiveis, eis a luz da verdade, que os sabios do mundo desejariam derramar no espirito dos legisladores de todos os paizes.

Si a mão magnanima de um principe não dispertasse a modestia de um sabio, que estudava o mundo organico no silencio profundo de um claustro, o Brasil não possuiria nos seus archivos o unico monumento, de origem brasileira, aliás incompleto, relativo á sua flora, que o estrangeiro consulta nas capitaes das nações cultas. O amor ao trabalho e a intelligencia não são partilha unica do velho continente. D'ahi emana a luz, é verdade, para todas os pontos da terra, e a explicação d'este facto não é difficil. Os homens de sciencia, em Europa, adoptam a especialidade e a circumscrevem até a um dos ramos de uma sciencia. Afastando-se por este modo da encyclopedia, consagram 30, 40, 50 annos da sua existencia ao estudo profundo d'uma parte limitada das verdades naturaes, enriquecendo a sciencia com as suas pesquisas e honrando a patria com o titulo glorioso da sabedoria. E' a divisão do trabalho na sua mais lata

applicação, determinada pelo amor á sciencia e pelas garantias que envolvem a vida do professor, que encontra um apoio para o seu futuro, e recursos para a satisfação da sua nobre missão. *As monographias, os generas, os prodromus, a historia das plantas*, emfim, saem d'estas mãos que empunham o facho do progresso alumando as terras separadas pelos mares. O que recebem elles em troca ?

Descripções parciaes, aliás importantes ; trabalhos interrompidos pela accumulção improficua de estudos em uma só alma, pela difficil acquisição dos meios de subsistencia, ou pelos obstaculos que separam-nos do tribunal universal, a imprensa. Esta deveria ser igualmente accessivel aos que cultivam as sciencias phisicas, descobrindo as riquezas indispensaveis á vida da sociedade, como o tem sido até hoje para aquelles que abraçam as sciencias moraes, applicando-as á governança do Estado. Eis os troços que convem destruir.

Seculos de glória a José Marianno da Conceição Velloso, diante do qual aniquilavam-se as difficuldades da vida, lançando a pedra fundamental do monumento scientifico que as gerações futuras admiravam, creando o ponto culminante d'esta pyramide immortal !

Esforcemo-nos pela vulgarização dos seus actos, como exemplos vivificantes para os espiritos puros, que hoje elevam-se do seio da patria;

Curvemo-nos perante a memoria de quem encheu o mundo com actos de virtude, engrandecendo a sociedade brasileira com as glórias da sciencia, com os louros do trabalho perenne.

Respeitemos a imagem imponente do grande vulto americano, que elevou-se sôbre as azas do catholicismo, fortalecido pela fé profunda, que, na phrase de Bossuet, é capaz de subjugar a nossos pés o mundo inteiro.

CAPITULO II

A' provincia de Minas-Geraes cabe a glória de incluir no numero de seus filhos o nome illustre de José Marianno da Conceição Velloso (que no seculo se chamava José Velloso Xavier), filho legitimo de José Velloso da Camara e de Rita de Jesus Xavier. Em 1742 recebeu o sacramento do baptismo na freguezia de S. Antonio, villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, bispado de Marianna, onde nascêra. Seu pai era natural da freguezia do Carmo, arcebispado de Braga.

Com 19 annos de idade, a 11 de Abril de 1761, abraçou a vida do claustro, tomando habito no convento de S. Boaventura de Macacú. O seu primeiro passo na vida ecclesiastica foi guiado pelo guardião Fr. José da Madre de Deus Rodrigues.

A vida de Velloso é um complexo de assignalados serviços á sciencia, e de virtudes christans, que garantem a perpetuidade de seu nome nas paginas de nossa historia. A veneração que consagramos aos grandes homens do Brasil supprirá a insufficiencia do nosso espirito na indagação dos factos que mais possam abrilhantar a existencia do celebre naturalista. A analyse substancial das suas obras será acompanhada de uma exposição succinta de outros factos inherentes á vida a que dedicou-se, com santo fervor pelos dogmas do christianismo.

Os seus sentimentos religiosos cresceram ainda mais quando, em 12 d'Abril de 1762, depositou no altar o voto solemne do abandono do mundo social e das ambições humanas. O juramento sagrado que prestou foi ennobrecido com actos repetidos da sua proverbial virtude. Si algum facto de sua vida pudesse ser citado como indicio provavel de um espirito menos prudente, ou de um cara-

cter por demais expansivo, acharíamos facilmente, como compensação, um sem numero d'acções generosas, filhas de um coração bem conformado, de uma cabeça desenvolvida á custa de notaveis pesquisas scientificas e dos solidos principios da mais pura religião. A perfeição absoluta não existe na esphera limitada e imperfeita da creatura, que é apenas um reflexo, quasi imperceptivel, da poderosa mão que o creou. As suas qualidades moraes não podem ser obscurecidas por um ou dois pontos, que não brilham nem mancham a alma que as alimenta.

O curso de philosophia creado no convento de S. Antonio pelo Revm. provincial Fr. Manoel da Encarnação foi o seu primeiro impulso na carreira das letras. Ambicionava as lições do seu mestre, o ex-leitor de theologia, Fr. Antonio d'Annuniação, como os momentos mais festivos da sua mocidade. O amor do estudo crescia com o enthusiasmo de subir os grãos da hierarchia monastica. Recebeu ordens, por imposição de mãos do Exm. Diocesano o Sr. D. Antonio do Desterro, com letras do Revm. Fr. Ignacio Graça. Na congregação de 23 de Julho de 1768 foi eleito prégador.

Elevando-se sempre na escala do merecimento, foi colhendo novos titulos á consideração da ordem a que pertencia, e procurando desempenhar com escrupuloso cuidado os difficeis encargos que depositavam nas suas mãos, como provas irrecusaveis de uma justa e bem aquilatada confiança. A tradição não nos lega principio algum pelo qual deixemos de mencionar os serviços que prestou, quando foi instituido confessor dos seculares e repetidor ou passante de geometria da cidade de S. Paulo, a 27 de Julho de 1771. Apesar dos dotes oratorios que a natureza concedeu-lhe, o seu nome não brilha no mesmo nivel em que pairam os de outros prégadores franciscanos que a posteri-

dade aponta como distinctos ornamentos do pulpito brasileiro. Os nomes de Monte-Alverne, Fr. Sampaio, e de Fr. S. Carlos, o sempre lembrado autor do poema da *Assumpção*, illustram as páginas da historia do Brasil; e si mais distinguiram-se como oradores sacros, do que Velloso, seria justo attribuir este facto á diversidade de épochas em que viveram. A sua eleição para lente de rhetorica do convento de S. Paulo, na congregação de 8 de Maio de 1779, assim como a de prégador em época anterior, encerram uma confirmação implicita dos seus talentos oratorios.

Eis-nos chegados a uma das faces mais notaveis de sua vida, em que deu começo ás suas excursões botanicas pelo interior do Rio de Janeiro, em consequencia de ordem do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, intimada ao reverendissimo provincial Fr. José dos Anjos Passos, e das quaes resultou um trabalho phytologico de immenso alcance scientifico, por elle intitulado *Flora Fluminense*, um verdadeiro monumento de glória para seu autor e para o paiz que o possui.

Nas suas excursões foi acompanhado por Fr. Anastacio de Santa Ignez, *escrevente das deffinições herbareas*, e por Fr. Francisco Solano, o habil pintor e desenhista das plantas que Velloso descobriu, estudou e classificou. O nome do franciscano Fr. Solano recommenda-se por muitos titulos: o quadro insigne da Assumpção da Virgem, a proposito do celebre poema da *Assumpção* de Fr. S. Carlos; o passo do Senhor representado no *Ecce homo*; uma multiplicidade de pinturas que ornam os tectos e paredes do claustro em que viveu; e diversos objectos de ornamento imitados com extrema delicadeza e perfeição. A elle pertencem os originaes dos desenhos que acompanham a *Flora Fluminense* de Velloso; e estes tambem encerram pro-

vas irrecusaveis do alto talento de Fr. Solano, que no seculo chamava-se Francisco José Benjamin. Peço ao Instituto Historico que examine estes desenhos que lhy apresento, para que avalie com exactidão o immenso auxilio que elle prestou aos trabalhos do illustre botanico.

Com perseverança e amor decidido pela sciencia, soffreu Velloso e com resignação algumas enfermidades, que vieram interromper os seus trabalhos; e transpondo o oceano foi em pessoa sujeitar o fructo de suas lucubrações ao juizo esclarecido dos homens eminentes da côrte de Lisboa, os quaes receberam-no com aquelle agasalho a que tinha direito incontestavel. Como socio da Academia Real de Sciencias de Lisboa collocou o nome de seu paiz em uma altura digna, sustentando a importancia e riqueza do seu territorio, e prestando outros serviços relevantes, que mais uma vez exigem o reconhecimento dos filhos da primeira nação da America do Sul.

Quaes as desintelligencias que se deram com os membros da Academia Real de Sciencias, e pelas quaes, segundo alguns affirmam, o seu nome desaparecêra da lista dos socios? Não conheço documentos que me habilitem a uma pronunciação clara e precisa sôbre este pequeno eclipse de sua vida gloriosa (si tal eclipse se-deu). Entretanto será bom lembrar que a presença de um *brasileiro tão distincto* no gremio de uma sociedade essencialmente portugueza, e em epochas talvez precursoras de grandes abalos que a historia de Portugal menciona, e que a do Brasil commemora com vivo jubilo, poderia ter influido directa ou indirectamente para que se dêsse o facto em que alguns acreditam, e que nós deploramos como brasileiro. Nada mais direi sôbre este incidente desagradavel; oxalá que possa não ter existido.

A sua eleição para mestre de historia natural, na con-

gregação intermedia de 25 de Janeiro de 1786, é uma das provas evidentes do quanto valiam os seus estudos na opinião dos que mui espontaneamente o elegeram. Os seus conhecimentos em mineralogia e zoologia estão patentes em algumas das suas obras, e provam evidentemente que o outro ramo da historia natural não era o unico campo de suas investigações.

Não tocarei em outros testemunhos de consideração e apreço emanados de personagens elevadas, e que lhe foram outorgados como homenagens ao seu talento e serviços, sem que consagre algumas linhas a uma analyse succinta de algumas das suas primeiras producções. Um espirito tão vasto em seus conhecimentos, como profundo na indagação da verdade, vem corroborar a crença que alimentamos de que a fé robusta em uma causa essencialmente intelligente, cujos effeitos, por demais esplendidos e maravilhosos, nem sempre são accessiveis á razão humana, impelle a creatura que recebe um atomo d'esta luz vivificante ao descobrimento de muitas verdades uteis, que jazem occultas ou desconhecidas, perante as quaes o pensamento limitado do homem curva-se com o sentimento da mais pura e intima religião, admirando a magestade que n'ellas reside, e contemplando a harmonia que revelam ! O religioso que, na solemne solidão d'um claustro, onde o ruido do mundo apenas o bafeja sem o abalar, entrega a alma ao estudo das leis que a Providencia estabeleceu, para que a sua sabedoria n'ellas fosse reflectida e impuzesse aos homens a séria convicção do que são em relação á Força Omnipotente que os creou, enriquece a sciencia com os dados e principios que descobre e imprime-lhe um impulso, cuja amplitude só pôde ser percebida e avaliada pela posteridade. Este facto confirma o pensamento de Chateaubriand, no *Genio do*

christianismo, que a sciencia muitas vezes aqueceu-se sob o abrigo das azas da religião.

CAPITULO III

VOLVER D'OLHOS ANALYTICO SOBRE OS PRIMEIROS TRABALHOS DE VELLOSO

No numero consideravel das suas obras contemplarei um pequeno opusculo com o titulo *Memoria sobre a pratica de se fazer o salitre*, o qual comprova o pensamento apontado de que a intelligencia do sabio Velloso tinha um character mais universal do que até certa epocha se acreditava. A sciencia de Lavoisier e Berselio, a chimica, occupou a sua séria attenção; e muitos momentos da sua vida foram consagrados com proveito ao estudo dos phenomenos, que têm por base uma força desconhecida em sua essencia, mas de cujos efeitos ninguem poderá duvidar, a affinidade. As phrases desanimadoras a respeito do character scientifico da chimica, que o philosopho pouco orthodoxo Augusto Comte emprega em sua philosophia positiva, não serviram de obstaculo ao desejo santo e sublime, que tantas e tão repetidas vezes manifestou o illustre Velloso, de enriquecer o seu espirito com um novo cabedal de idéas, que poderiam ser uteis á sociedade, debaixo do duplo ponto de vista industrial e therapeutico. A *previsão*, que sómente póde dar o character de sciencia a qualquer dos ramos dos conhecimentos humanos, Augusto Comte só reconhece existir nas leis de Berthollet, que regem as acções dos acidos e bases sôbre os saes, e dos saes entre si, e marcam uma aurora bem distincta n'este ramo das sciencias phisicas; porém antes de seu apparecimento já eram em grande numero os beneficios que ella derramava sôbre a sociedade. Si era uma arte, e não uma

sciencia, diremos como Cousin em sua esthetica : — *toda a sciencia nasce de uma arte correspondente ; algumas desenvolvem-se mais rapidamente, e outras só alcançam mais lentamente o supremo gráo de perfeição.*

Como deffine Velloso o que seja salitre : « um sal, misturado de ar mui subtil, cujas particulas são volateis e elasticas, que lhe provêm de sua mesma natureza. » O salitre ou nitrato de potassa encontra-se, diz Velloso, nas paredes velhas demolidas, em cavernas humidas, em abobadas frescas, e em pedras expostas muito tempo ao ar, que lhe introduz as suas particulas, d'onde vem chamar-se a este salitre *sal petrae*, ou *flór de muro* ; em curraes, em cavalhariças, nos quaes accumulam-se materias azotadas, e sobretudo ammoniacaes, e em terras que naturalmente o produzem.

Actualmente os chimicos não se contentam com uma exposição tão perfunctoria. Estabelecem que quando em um terreno humido existem carbonatos de potassa, magnesia e cal, em contacto immediato com materias organicas azotadas em decomposição, o acido carbonico sendo muito menos fixo que o acido azotico, desprende-se e é substituido pelo ultimo, formando-se saes d'aquellas bases. Por uma acção capillar, o sal, em dissolução, vem á superficie do terreno, como se observa no Egypto, na Hespanha e em outros lugares. Tem-se procurado explicar a formação do salitre, não só pela putrefacção das materias organicas, como por diversas hypotheses sôbre a origem do acido azotico nos pontos em que encontra-se o nitrato de potassa. A acção da electricidade, a natureza do terreno e as condições de temperatura têm sido estudadas com escrupulo. Que o oxygenio póde combinar-se com o azoto para formar o acido nitrico, sob a influencia da scentelha electrica, parece-nos um facto averiguado ; porquanto nas

análises das aguas que caem em fôrma de chuva depois de uma forte trovoadá, análises feitas pelo celebre chimico Liebig, encontramos o *nitrate de ammonia* como um dos seus componentes.

Como meios para reconhecêl-o, Velloso aponta: a propriedade organoleptica, ou o sabor que sente-se collocando-o sôbre a lingua; o resfriamento que se produz, o crepitar sôbre brazas, que é caracter geral dos nitratos e chloratos; e finalmente a adherencia do sal em uma barra de ferro que deixava resfriar depois de o ter exposto a uma alta temperatura. A propriedade nimiamente oxydante do salitre, em que elle não falla, está contida no terceiro processo para o seu reconhecimento. A fôrma crystallina, quando existir em crystaes mais ou menos perfectos, não deverá ser considerada como auxiliar? E' uma combinação de prisma de seis faces, com pyramide hexagonal. (Notação: MP, ∞ P.

Continuando n'este exame, encontro o processo para obter quantidades consideraveis d'este sal, por filtrações e lavagens successivas, enunciado d'um modo rapido e totalmente pratico. A maneira que elle indica para conhecer-se que o sal está formado, a qual consiste em deitar algumas gottas d'agua, proveniente de primeira manipulação, em um prato vidrado em que deve dar-se a congelação, aproxima-se do meio que *Cahours* e outros chimicos apontam para que se verifique a sufficiente concentração de licor, isto é, a crystallização em massa pelo contacto de algumas gottas com um corpo frio.

Não menciona a perfeita refinação do sal, ou a sua separação dos chloruretos. Falla em aproveitar-se das aguas, que resultam d'esta operação, e que elle denomina *amargosas*; nas proporções segundo as quaes a agua deve entrar em cada reservatorio; na necessidade de utilizar-se

a terra mais d'uma vez para o mesmo fim, *revivificando-a* com a espuma que se tira das caldeiras, e com substancias ammoniacaes, processo mais breve para obtê-lo; processo para a purificação, e termina apontando que os signaes do bom salitre são: côr branca, dureza, crystallização, transparencia, boa purificação do oleo, e a sua exposição aos ventos do norte, que o dessecam melhor e o purificam. O modo pratico de verificar as suas boas qualidades deve ser citado com o fim de augmentar a importancia d'este pequeno trabalho. Aconselha que inflamme-se um pouco de salitre em pó, devendo este crepitar si contiver muito sal, não deixando materia terrosa, como residuo; a inflammação sendo veloz é indicio da ausencia do oleo e do seu estado de pureza.

O apreço e valor do nitrato de potassa pairam no espirito dos que não ignoram que elle é um dos ingredientes principaes da polvora; e este opusculo é uma das pedras brilhantes para a corôa que deve ser creada em memoria do grande vulto scientifico, que hoje vive na mansão dos justos. Procurou servir ao paiz bebendo sempre os conhecimentos da sciencia.

Em 1797 foi impresso, em Lisboa, na officina de João Antonio da Silva, um opusculo intitulado *Extracto do modo de se fazer o salitre nas fabricas de tabaco da Virginia*, traduzido d'uma obra ingleza pelo insigne Velloso, e offerecido aos lavradores de fumo das provincias portuguezas de ultramar. O interesse e apreço de que foi objecto este segundo opusculo deixam-se perceber na ordem para a sua impressão emanada de S. A. R. o Principe Regente.

O pensamento cardeal d'esta producção, e que transluz logo nas primeiras linhas, é o de aproveitar-se a dóse de azotato de potassa que accumulava-se nas fabricas, que

eram destinadas á industria do fumo. Calculavam que em um edificio de 20 pés poder-se-hia obter 16 quintaes de salitre annualmente. O primeiro conselho que ella ministra é o da preparação do assoalho, sua limpeza, nivelamento das taboas, e o revestimento d'uma camada de calcareo argiloso, sôbre a qual deve ser deitada uma certa dóse de cinzas. No fim de 15 dias achar-se-ha o sal condensado como *geada branca*; e, extrahindo-se diariamente o sal que se fôr impregnando, obter-se-ha, no fim de algum tempo, uma notavel quantidade, que deverá soffrer os processos que estão indicados, como sejam: o da refinação, clarificação do cremor de nitro congelado. As palavras finaes da oitava e ultima pagina contém ainda uma observação, que prima pela utilidade que d'ella resulta. A terra de que se tiver extrahido o salitre, assim como a materia terrosa que fôr precipitada na refinação, devem ser espalhadas ligeiramente pela manufactura, por ser a mais propria para attrahir e absorver o salitre contido no ar.

Estes dois pequenos opusculos analysados, ainda que mui summariamente, contribuem para que se possa bem conhecer e avaliar a verdadeira natureza da intelligencia de Fr. Velloso. Arrojava-se com promptidão e certeza aos conhecimentos positivos, porque n'elles reconhecia a dupla vantagem de illustrar o seu espirito, sempre sequioso de saber, e de elevar o nome de sua patria favorecendo-a com idéas de magna utilidade.

CAPITULO IV

O seu *Aviario brasilico ou Galeria ornithologica das aves indigenas do Brasil*, dedicado a S. A. R. o Principe do Brasil e impresso na officina da Casa Litteraria do Arco

do Cego, proporciona-nos mais um ensejo para que possa ser consignado n'esta noticia biographica um poderoso elemento, indispensavel ao conhecimento exacto dos seus serviços, pelos quaes, mais uma vez o repetiremos, o Brasil deve-lhe uma boa cópia de gratas recordações.

O primeiro capitulo tem por titulo — Compendio da historia dos ornithologos. Na sua opinião data de 1550 o estudo dos passaros, considerando como os que primeiro interessaram-se pelo verdadeiro estudo da ornithologia ao francez Bellou, e ao suisso Gesner, os quaes fizeram gravar em madeira as figuras das aves da Europa que podcram estudar, acompanhando estes desenhos de alguns apontamentos sôbre cada um d'elles, em particular. O italiano Aldravandi, no seculo XVI, com o impulso do seculo anterior, contribuiu com os seus esforços para o adiantamento d'este importante ramo da zoologia. Fr. Velloso faz tambem menção do allemão Marcgrave, que em 1648 viajou pelo nosso territorio; presta homenagem aos trabalhos do inglez Willugby, que foram impressos em 1713 por seu companheiro de viagem e amigo o inglez Ray; os desenhos foram abertos em cobre; e sómente em 1700 o illustre Rudbeck, que, além de naturalista, era habil pintor, desenhou as aves que estudou, porém os originaes foram sepultados no muséo do marechal Geer. Em 1730 o inglez Albino, habil pintor, primou pelos desenhos de algumas aves, conservando as verdadeiras côres de cada uma d'ellas. Ao inglez Caterby, em 1731, coube a merecida glória, segundo as proprias expressões de Velloso, de apresentar um grande numero de desenhos de aves por elle encontradas na America do Norte, O prussiano Frisch é incluído por Fr. Velloso n'esta relação de homens notaveis, occupando o primeiro lugar o inglez Edward, a respeito de quem o illustre brasileiro ex-

prime-se do seguinte modo: « Mas Edward inglez seguramente excedeu a todos de tal sorte, que a mais remota posteridade reconhecerá sempre a este respeito o seu relevante merecimento. Vivendo este famoso homem em Londres, para onde, como para o centro do mundo, corriam á porfia muitas aves, trazidas de todos os pontos da sua mais distante circumferencia, não deixou escapar occasião alguma, em que com incansavel trabalho, cuidado e destreza não as desenhasse, illuminasse com vivas côres, o não as descrevesse com a maior exactidão possível, de maneira que no anno de 1745 publicou 350 gravuras de aves raras com tanta belleza, quanto até este tempo se não tinham visto, e talvez tarde se verá cousa semelhante. »

Transcrevendo estas palavras do conspicuo Velloso, assim como estes dados historicos da ornithologia, deixamos bem patente as suas laboriosas pesquisas em um assumpto que nos parecia extranho á sua especialidade. Encontramos sempre o mesmo homem nos diversos ramos de que se occupou; o mesmo estylo conciso, um decidido amor pela verdade, unico alvo das suas lucubrações; e um grande servidor do Estado, porque o nome d'uma nação muito se avanta com o desenvolvimento scientifico que n'ella se opera, e para o qual contribuiu efficaçmente o talento uberrimo de Fr. José Marianno da Conceição Velloso.

Nos signaes diagnosticos das aves, capítulo 2º, principia enumerando as seis classes a que pertencem todos os animaes, quantos existem na natureza, grandes, pequenos, e minimos, a saber: mammaes ou mammentadores, aves, amphibios, peixes, insectos e vermes.

Não posso prescindir d'uma ligeira analyse sôbre este systema de Carlos Linnêo, adoptado por Velloso. A ausen-

cia da unidade é a primeira impressão que se desperta em nosso espirito, quando contemplamos as quatro primeiras classes que approximam-se naturalmente por caracteres fundamentaes, que residem na estructura anatomica dos animaes que a ellas pertencem, embora se distingam pelas modificações que soffrem os seus orgãos em manifesta harmonia com a diversidade dos meios em que vivem, e com o lugar que cada animal occupa na escala zoologica. O celebre Cuvier, cujo nome é celebrado nos grandes movimentos intellectuaes da humanidade com aquella veneração e religioso entusiasmo que só os grandes homens sabem inspirar, da posição elevada em que o collocou o seu saber, dominou e observou o maravilhoso quadro da natureza, e estabeleceu com o seu espirito altamente perscrutador e profundo as solidas bases para uma classificação que abrangesse não só os animaes actuaes, como todos aquelles que são do dominio da paleontologia. Quaes foram estas bases, e quaes os principios que d'ellas se derivam? Em poucas palavras poderemos completar o nosso pensamento. Todos os animaes que têm apparecido na superficie do globo, desde a epocha cambriana até aos nossos dias, pertencem a duas grandes divisões: uma que se distingue pela presença d'um esqueleto osseo, composto d'um certo numero de partes que sómente variam d'uns animaes para outros, quanto ao numero, consistencia, grandeza, perfeição, e maior ou menor desenvolvimento; outra que se caracteriza perfeitamente bem por um signal negativo, isto é, a ausencia completa de esqueleto osseo. Os primeiros são conhecidos por vertebrados; os segundos por invertebrados. Eis o primeiro fundamento da sciencia dos animaes, estabelecido pelo immortal Cuvier, e que fundamenta-se na escrupulosa e exacta observação da natureza. Os peixes, reptis, passaros e

mammaes que constituem as quatro classes do primeiro grande ramo, têm linhas divisorias bem traçadas, e o zoologo não as confunde porque são bem deffinidos os signaes que as distinguem; estes signaes exprimem fielmente as modificações de certos órgãos, impostos pela natureza para que as funcções de cada grupo de animaes possam ser accommodadas ás circumstancias em que vivem. Mas o observador com facilidade descobre traços communs de estructura anatomica, que passam d'uma classe a outra perfeitamente intactos, e que se revelam com a maior nitidez ao primeiro olhar de quem deseja percebê-los. Estes traços, que estendem-se a todas as classes d'um grande ramo, e que as unem d'um modo indissolúvel, constituem o signal primordial, a unidade emfim. A divisão das classes em ordens, d'estas em familias e das familias em generos são as diversas ramificações d'um mesmo tronco, sempre de valor decrescente, e que se prendem a um nó, ao qual estão forçosamente subordinadas. A classificação seguida por Velloso e em substancia, na sua ornithologia, não satisfaz a esta condição fundamental, e ser-nos-ha facil demonstral-o.

Depois de enumerar as classes, diz Velloso: « De todos estes, os mammentadores e as aves são os que mais concordam entre si em razão da affinidade e da maior semelhança no seu caracteristico interno. Gozam d'um coração provido de dois ventriculos, de sangue quente, e tambem de bofes, que reciprocamente respiram; mas differem entre si no vestido, porque nos mammaes se fórma este de pelles singelas, e nas aves de pennas ramosas e formadas em feição de pentes. »

Cuvier e Agassiz nas suas bellas palavras sôbre a anatomia comparada, e com elles os outros zoologos modernos, revelam d'um modo convincente os laços anatomicos

que ligam os seres vertebrados, e que constituem a verdadeira unidade que parece ter escapado aos dois naturalistas que nos occupam n'este momento.

Attendamos ao zoologo suiso, que com as suas palavras fará desaparecer a immensa lacuna d'este trabalho do illustre Velloso, a qual poderá ser attenuada si recordarmos-nos da epocha em que elle escreveu.

« Os vertebrados são construidos segundo um mesmo plano. E' verdade que entre elles existem grandes differenças; os modos de execução são variados, os materiaes diversos, mas a travação das partes é a mesma. »

Depois de fazer a analyse anatomica d'um peixe, exprime-se ainda de modo a corroborar o nosso pensamento. « Ora, o que é verdade quanto ao peixe, é verdade em relação a todos os outros vertebrados. Para passar d'aquelle animal a uma salamandra a unica cousa que ha a fazer é obrigar a retrahirem-se as dobras da pelle, que formam as barbatanas, prolongar a cauda, marcar uma exigua separação entre a cabeça e o corpo, e alongar um pouco os ossos que sustêm as barbatanas peitoral e abdominal, de modo que ellas venham formar membros. Por pouco que se reduza a cauda, que se levante a cabeça augmentada, que se estendam os ossos dos membros e que se dê a estes força sufficiente, ter-se-ha um quadrupede; e alongando os membros posteriores, encurtando um pouco os anteriores, ter-se-ha uma ave, chegando-a por esta fórma até ao homem.

« Não ha differença na organização geral.

« Vejamos o que são os membros do homem. No membro anterior temos uma omoplata com uma clavicula constituindo o hombro; um humero no braço; depois dois outros ossos (radio e cubito) no antebraço; finalmente pequenos ossos, em numero de oito, em duas fileiras, no

punho. Na mão, o pollegar com duas phalanges, que são supportadas pelo metacarpio, e quatro dedos de tres phalanges, com um metacarpio cada um. Ora, examinando a barbatana peitoral d'um peixe, o que vemos por fóra não é o membro todo; debaixo da pelle, pequenos ossos que apoiam-se sôbre o craneo reproduzem a omoplata, o humero e os outros ossos, e a barbatana nada mais é do que uma mão, com vinte dedos talvez, longa e flexivel para bater a agua, mas imperfeita.

« E', pôis, sempre o mesmo thema, mas o modo d'execução é muito variado, do mesmo modo que as variações introduzidas pelo musico recordam sempre o motivo principal. »

Estas linhas que acabamos de transcrever firmam bem qual o verdadeiro plano do Creator, e a sábia interpretação dos que, como Cuvier, procuraram desenvolvê-lo dissipando as trevas do seculo passado com os raios luminosos d'uma verdade adquirida á custa dos magnificos impetos de seu espirito.

Outro plano presidiu á formação dos animaes articulados; um terceiro e quarto para os dois grandes ramos: molluscos e radiados. Não ha um só animal actual e de todas as epochas anti-diluvianas, que não possa ser comprehendido em uma d'estas grandes divisões, o que vem confirmar a crença geral que hoje acha-se enraizada em todos os espiritos, de que ellas são a representação pura e fiel da natureza, ou melhor, a propria natureza ao alcance da razão humana. A classificação zoologica de Cuvier, que tem sido alterada a beneficio da sciencia que desenvolve-se a passos agigantados, satisfaz em toda a sua plenitude ao grandioso fim a que se propôz, e a ella pôde applicar-se o pensamento de Augusto Comte, enunciado na sua philosophia positiva,

de que: *a classificação de uma sciencia, é a propria sciencia condensada em seu resumo o mais substancial.*

Provado que seja o quanto tem de natural o primeiro fundamento da classificação do celebre paleontologista, fica *ipso facto* obscurecido e aniquilado o systema de Carlos Linnéo, que Fr. Velloso aponta na obra que presentemente discutimos.

Si por infelicidade Cuvier não tivesse produzido tão estupenda revolução no estudo d'este grande reino de seres organizados, e si por conseguinte vigorasse o decahido e esquecido systema de Linnéo, em qual das suas classes collocariamos os animaes das ordens dos chelonios, ophi-dios e saurios? Na sua classe dos amphibios? Os reptis amphibios pertencem hoje a uma classe distincta—a dos batracios, e são representados actualmente por quatro ordens: a dos descaudados, como o sapo, a rã e outros; a dos perenibranchios, como a sereia; a dos urodelos e a das cecílias.

Os crustaceos actuaes, como a *lagosta*, o *camarão* e o *carangueijo*, e os dos terrenos de transição conhecidos por *trilobites*, são animaes articulados, para os quaes não encontramos uma classe no systema que analysamos. O mesmo acontece para os molluscos actuaes, de qualquer das tres classes: cephalopodes, gasteropodes e acephalos; assim como para os que deixaram os seus despojos em todos os niveis da serie geognostica. As conchas fechadas, ou cephalopodes, conhecidas por ammonites, belemnites e nautilus, dos terrenos secundarios; e as nummulites da epocha terciaria; as conchas bivalvas e univalvas que abundam como fosseis, e as que vivem nos mares actuaes, ou não teriam um lugar distincto na classificação de Carlos Linnéo si ellas fossem conhecidas e estudadas n'aquella epocha, ou seriam collocadas, com toda a impropriedade, ao lado de

outros animaes com os quaes não manifestam a menor semelhança na sua organização.

Falta-nos mencionar os zoophytos, ou radiados, que pela imperfeição de seu organismo, e estado apenas elementar de alguns órgãos, confundem-se com os seres do reino vegetal. As suas funcções de relação são em tão diminuto gráo de importancia, que quasi não existem, pela natureza elementar do systema nervoso, que em alguns parece não existir absolutamente. Os coraes, o ouriço do mar, os espongiarios e infusorios, que contêm em si caracteres que accusam um plano differente presidindo á sua criação, e os separam completamente dos outros animaes que occupam os gráos mais superiores da escala zoologica, poderão, porventura, ser attendidos em qualquer das seis classes: inamentadores, aves, peixes, amphibios, insectos e vermes? De certo que não.

Não podemos furtar-nos ao prazer de confessar que este trabalho de Fr. José Marianno tem attractivos, pelos dados curiosos que aponta, principios que ministra a quem, n'aquella epocha, quizesse entregar-se ás laboriosas pesquisas sôbre os animaes que, nos seus vôos, elevam-se muito além da região material em que habitamos, mas muito áquem do ponto em que alcançam os raios que a intelligencia do homem arroja em busca de verdades que emanam do Creador, e que pousam tranquillias no espirito profundo de quem as póde possuir.

O nosso illustre naturalista combate, e com muito criterio, a designação de *volateis* com que os antigos brindaram as aves; para isso recorre ao facto de terem os insectos azas sem ser passaros; o morcego e outros cheiropteros, que tambem voam sem ser aves, pertencendo estes á grande classe dos mammaes, pelas glandulas mammaes que

possuem, e pela reprodução vivipara, que são os traços distinctivos d'estes animaes.

Para que o merecimento d'esta produção possa ser bem aquilatado, julgamos conveniente apontar as boas qualidades com o mesmo direito que censurámos as desvantagens que se deduzem do systema por elle adoptado, o qual na sua opinião abrangia todos os animaes existentes. Uma proposição assim concebida e destituida de fundamento, não devia escapar, ao menos, a uma ligeira censura.

Os traços anatomicos não são dados com todos os pormenores, como os que figurariam em um tratado completo de ornithologia; mas são expostos com clareza e exactidão, ao alcance de todos, por isso que mencionaun muitas vezes os nomes vulgares equivalentes aos termos technicos que elle emprega. Faz uma resenha das partes principaes de que se compõe o corpo de um passaro; considera como eminentemente favoravel ao vôo d'estes animaes a fôrma em quilha de navio, do osso conhecido por sternò, e em virtude do qual podem romper o ar com mais facilidade, no seu movimento descendente, protegendo-os os ossos contra um choque inesperado. Menciona a conformação das azas; descreve o apparelho locomotor, com os nomes dos ossos que o compõem; e a existencia de uma membrana impermeavel á agua, que reveste os pés das aves aquaticas.

Velloso liga grande importancia á delineação das côres das aves, por serem o seu principal ornato, e para o qual chama a attenção dos ornithologos. E, com o fim de prevenir qualquer confusão a respeito das partes constituintes dos passaros e dos nomes que as exprimem, faz uma relação de todas ellas, pondo á margem, e em termos claros e simples, as competentes definições. Occupa-se em primeiro lugar do orgão mais complexo e delicado, a cabeça, centro das

impressões que os nervos transmittem dos objectos exteriores, por intermedio dos sentidos, e dos órgãos interiores por meio da medulla. Segue-se o casco, orbita, sobrançella, fontes, face, focinheira ou bocal, loro ou redea, crista ou topete, barbas, pescoço, gorja, nuca, degoladouro, cerviz ou gacho, costado, omoplata, espadua ou cernelha, hombro, peito, abdomen. membros, azas, remeiras, azinha, uropygio ou rabadilho, crisso, regentes ou directoras, cauda, cuberteiras, e espelho das azas. Falla ligeiramente na estrutura das pernas e suas vantagens.

Achamos deficiencia no modo por que descreve as outras partes do corpo de um passaro ; contenta-se em enumerar as fórmãs mais usuaes, sem entrar no seu estudo anatomico, e em outras particularidades que mais interessam. A anatomia comparada é inseparavel da zoologia ; e quando um mesmo órgão é extensivo a mais de um grupo de animaes, ella deve intervir para o conhecimento das modificações mais ou menos profundas que este órgão soffre, não emquanto á fórmula e grandeza, mas principalmente no que fór relativo á estrutura, que póde não ser igualmente complexa. O estomago do homem, ou de um mammal carnívoro, não é perfeitamente identico ao do herbívoro ruminante, que tem quatro cavidades em lugar de uma, e muito mais se afastará da dos animaes inferiores.

Em um mesmo grande ramo como nos vertebrados, o coração de um mammal ou de um passaro é o centro de uma dupla circulação, e compõe-se de duas aurículas e dois ventriculos, quando o de um peixe e do reptil é mais simples, porque a função que exerce é menos complexa. Esta deficiencia que notamos está mui longe de ser um anathema; prova sómente que o illustre franciscano não teve em pensamento o fazer um trabalho completo sôbre os passaros; manifesta antes a inteução de reunir um certo

numero de conhecimentos que podessem, no tempo em que escreveu, derramar luz e despertar o amor por estes estudos, que elle cultivava com proveito. Considera ainda outros elementos que julga indispensaveis á historia exacta d'estes animaes, e que todos hoje reconhecem como de indeclinavel necessidade, o que em nada desmerece do valor que lhes devem ser concedidos, visto terem sido lembrados em uma epocha remota, quando tratava-se de coordenar os materiaes para a construcção do edificio ornithologico.

O primeiro elemento é o do *delineamento*, ou descripção completa do passaro, acompanhado do respectivo desenho. A vantagem do primeiro não se discute; e a do segundo ainda menos pela impossibilidade, não diremos de comprehender, mas de conservar semo auxilio do original, ou de uma figura queo represente, as descripções minuciosas dos seres organizados, com todos os seus pormenores e com todas as particularidades que caracterizem a cada um d'elles. Si, estudando-se qualquer dos tres ramos da historia natural, tendo por base a observação da propria natureza, a memoria nem sempre póde ser o fiel depositario dos conhecimentos que se adquirem, quanto mais se nos contentassemos com simples informações por escripto, ou mesmo com a leitura das descripções. Vamos ainda mais longe: não basta que os desenhos sejam fieis e brilhantemente coloridos, como os que acompanham a interessante obra de Buffon; seria muito mais util e conveniente que algumas aves fossem delineadas com todos os pormenores a respeito da sua estrutura anatomica, que as caracterizassem d'um modo especial.

Não menos interessantes são as indicações da habitação, o tempo da incubação, os lugares em que vivem de preferencia, a criação, arribação, alimento, fórma dos ninhos, e sua construcção. A historia das aves cresce

de importancia quando, segundo pensa Fr. Velloso, n'ella estão incluídos os seus usos, e as vantagens que d'ellas póde a sociedade auferir. Quaes as que podem ser utilizadas como alimento; as que accusam crimes, descobrindo os lugares em que jazem cadaveres que podem ter sido o resultado de crimes que devem ser punidos com rigor; e entre outros auxílios que ellas prestam, por elle mencionados, os dos transportes das sementes para lugares mais ou menos longinquos, e dos grãos pollinicos para a fecundação das plantas unisexuaes dioicas. Assim como as correntes d'agua e do ar são os vehiculos das sementes, principalmente as correntes aereas quando as sementes têm alas ou pellos que as tornam menos pezadas, tambem é factó averiguado que ellas podem ser conduzidas pelos passaros para um ponto bem distante, onde ás vezes germinam e produzem individuos vegetaes que em nada assemelham-se aos que ahi existiam anteriormente. Outro tanto não diremos a respeito da conducção do pollen pelas aves, e afastamo-nos um pouco da opinião do illustre brasileiro. A experiencia confirma que os grãos pollinicos das plantas dioicas são transportados pelos ventos e pelos insectos, do individuo masculino ao feminino. Mas, como conceber, a não ser por acaso, que uma ave destaque o pollen d'uma anthera para ir deposital-o no stigma de individuo d'outro sexo (e d'um modo tão intelligente como Velloso lhe attribue), factó este que sendo repetido muitas vezes, faz suppôr um acto de pura intelligencia muito superior ao que resultasse do instincto o mais desenvolvido?

Não escaparam-lhe tambem um certo numero de prognosticos, que augmentam a sympathia que as aves nos inspiram, como sejam: o *apregoar nos matos da jazida dos cadaveres dos animaes, pelo grasnido do corvo coras;*

o apontar da primavera no primeiro dia do desabrolhamento das folhas, pelo canto do cuco canoro; o de indicar um inverno rigoroso e apparecimento da emberiza da neve; a imminencia d'um temporal, presentida pela procellaria do pego, que dá o signal de alarma encastellando-se na prôa e pôpa dos navios; e mais outros prognosticos que Velloso aponta, convencido da sua efficacia e veracidade.

As suaves impressões que ellas produzem nos nossos sentidos, quer pelos cantos maviosos de algumas, como pela belleza das côres de outras, são outros tantos attractivos com que foram brindadas pela natureza.

« Concluamos finalmente, diz Velloso depois de expôr as bases da sua ornithologia. Quem poderá lembrar-se, e expôr com energia, todos e cada um dos proveitos e ornamentos que nos resultam das aves? As aves despertam e movem os nossos sentidos, enfeitam e aformosentam o mundo, e o fazem agradavel; amigavelmente conversam connosco no retiro das solidões; e por todas as partes nos cercam em torno, saltam ligeiras, e revoam alegres. Por este respeito, os lugares em que não as encontramos, se reputam adros.

« Ora, quanta não é a alegria e satisfação que sentimos, quando com toda a attenção e socego do espirito ouvimos a estas bellas e suaves cantoras da natureza, transportadas da maior alegria, soltar toda a variedade e harmonia do seu canto nos louvores do seu Creador? Que cousa haverá, que nos possa ser de maior gosto, do que o ver as suas ternas caricias, os seus doces meneios, quando brincam, quando se namoram, quando festejam seus desposorios, quando fazem seus ninhos, quando tiram seus filhos, e os defendem contra os insultos dos seus inimigos, ainda á custa de sua propria vida? Ora, quem haverá que, estando

em seu juizo perfeito, vendo e ouvindo o que fica dito, não reconheça o cuidado do Supremo Ente e a sua passmosa providencia? Foi tão maravilhosa a bondade do Creador, a respeito d'estes animalejos, que não duvidou impôr na lei ceremonial este preceito : « Si passando vires no chão ou em qualquer arvore o ninho d'uma ave, não a tomarás a mãe com os filhos; mas deixa ir a primeira, e contenta-te com os segundos, para que te vá bem, e vivas largo tempo. » O proprio Deus promulgou uma tal lei penal a favor das aves. Isto basta. »

São estas as ultimas palavras de Fr. José Marianno da Conceição Velloso que servem de remate aos principios fundamentaes da sciencia dos passaros, que elle estabeleceu com aquella lucidez que serve de privilegio aos espiritos indagadores. Discutimos alguns defeitos, que reconhecem-se filhos do tempo em que viveu: e procuramos patentear e elevar os conhecimentos uteis e claros contidos nas paginas interessantes do seu *Aviario Ornithologico*.

CAPITULO V

A FLORA FLUMINENSE

O trabalho mais importante e de maior alcance é, sem a menor contestação, a *Flora Fluminense*, que os homens competentes veneram como o fructo de laboriosas pesquisas e amor decidido pela botanica. Já vimos Velloso como adepto da zoologia, e cultor da chimica. Agora é o phytologista incansavel; o creador de generos e especies novas, na observação aturada dos vegetaes indigenas; é o phytographista conciso e consciencioso, que arrancou da nossa natureza vegetal os segredos d'uma primeira classifi-

cação, fecundo exemplo para os seus vindouros ; é emfim o religioso monge, que convergia as suas vistas profundas sobre as plantas do solo brasileiro, para corroborar a fé em Deus, com a deslumbrante imagem do Supremo Creador reflectida nas relações harmoniosas do mundo organico !

Esta obra, de cuja importancia ninguem póde duvidar, foi dedicada ao seu patrono Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Adoptou o systema sexual de Linnéo, hoje abandonado pelas novas concepções de Adanson, De-Candolle, de Jussieu, e Brogniart, na classificação das plantas do seu herbario.

Nos tempos actuaes o botanico que se propõe tratar da descripção de especies tem sempre em vista o estudo phylographico de cada orgão em particular, e a descripção minuciosa de todas as partes integrantes d'um vegetal, e procura descrevê-lo abrangendo todos os orgãos fundamentaes, raiz, partes componentes do tronco, folhas, flôr, fructo, semente, embryão ; e tambem os orgãos accessorios, como sejam : as estipulas, pellos, gavinhas, espinhos, glandulas, não olvidando todas e quaesquer particularidades que lhe forem inherentes. Percorrendo pagina por pagina a *Flora Fluminense* do virtuoso franciscano, encontra-se uma tal concisão nos caracteres de cada planta, que a impressão que ella produz no nosso espirito dissipa-se totalmente, porque attendemos para o tempo em que elle viveu, e reconhecemos por este volver d'olhos retrospectivo que os elementos indispensaveis no completo desenvolvimento d'uma sciencia vão se accumulando gradualmente por esforços parciaes, que convergem para um mesmo fim, e que torna-se notavel a intelligencia que entra como um dos alicerces na construcção e monumento tão glorioso. Velloso não fez tudo porque

era homem ; mas fez muito por ser vigorosa a intelligencia que a natureza concedeu-lhe.

Em 1700 plantas, citamos 400 (1), algumas das quaes figuram ainda com os nomes que Velloso offereceu aos legisladores da sciencia, e outros já substituidos, ou por direito de prioridade d'outros botanicos, ou pela maior propriedade dos nomes botanicos hoje adoptados. Propôz muitos generos novos, e alguns ainda vigoram ; outros são apenas mencionados ao lado dos que os substituiram, como homenagem á memoria de quem os estabeleceu.

Ainda posso tirar outra illação, confrontando as suas especies com as que figuram em lugar d'ellas no fecundo trabalho do Dr. Martius. Velloso incluiu em um mesmo genero diversas especies, que hoje acham-se separadas, o que inclinava-me a crer que elle não restringia muito os caracteres particulares de cada genero. Devemos entretanto confessar que a par d'estas pequenas deficiencias, apontadas porque assim o pensamos, manifesta-se uma tal ou qual arbitrariedade da parte d'aquelles que, em outro continente, decidem como juizes supremos dos trabalhos que lhes são enviados. Mudam os generos, as especies, modificam, reformam, e tudo quanto fazem é lei.

Em certos casos procedem com todo o criterio e com fundamento ; em outros, porém, parece-nos encontrar um excesso de *solicitude*, que realmente deploramos.

Os numerosos desenhos devidos á habil mão de Fr. Solano, e que accompanham a descripção das plantas, peccam, assim o cremos, por falta de minuciosidade ; porquanto não abrangem todas as partes integrantes d'um mesmo órgão ; e alguns apresentam apenas as folhas e flôres, sem os competentes pormenores, e não contempla m

(1) Vide as notas no fim.

o fructo, a semente e a fôrma particular dos estames e mais elementos da flôr, que não são vistos. Hoje attende-se por tal modo a todos estes dados, que fallecem-nos na maior parte dos primitivos desenhos, que, observando-se com cuidado uma estampa, chega-se ao conhecimento exacto do vegetal que se quer estudar, e cujo original não se possui. A obra de que nos temos occupado é citada a cada passo pelos botanicos eminentes de Europa.

O nome de seu illustre autor é venerado por aquelles que dedicam-se ao estudo da phytologia; e palpita-nos o coração de jubilo quando, ao percorrer pagina por pagina os 38 fasciculos da *Flora Brasiliensis*, com o fim de saber-mos quaes as plantas por elle classificadas, que foram conservadas com os seus primeiros nomes, encontramos o nome de Fr. José Mariano da Conceição Velloso honrando a patria com as suas lucubrações, ao lado dos nomes de Linnêo, De-Candolle, Martius, Freire Allemão, Arruda da Camara, Sellow, Lamarck, St. Hilaire, e muitos outros não menos respeitaveis e dignos de especial menção.

Apreciemos a concisão de seu estylo, lendo os seus apontamentos sôbre um vegetal importante, o *cedro*, extrahidos da *Flora Fluminense*, pagina 74.

Cedrela odorata. C. floribus paniculatis.

Observationes

Caulis arboreus, folia composita-pinnata, multijuga, foliolis ovatis, integerrimis. Habitat silvis tam maritimis, quam mediterraneis.

A estampa correspondente, 67^o do tomo 2^o, contém os desenhos das folhas, da flôr e estames.

Este fructo de trabalhos tão arduos, e que hoje aquila-

tamos e apreciamos com o fervor do mais justo e santo patriotismo, permaneceu, por alguns annos, no mais completo esquecimento em nosso paiz; e devemos ao primeiro imperador, cuja memoria por tantos titulos veneramos, o immenso beneficio que hoje usufruimos, e que consistiu em mandar imprimir o texto na typographia nacional sob os auspicios do bispo de Anemuria, Fr. Antonio de Arrabida, e do Dr. João da Silveira Caldeira, lente de chimica da antiga Academia Militar. Os desenhos foram lithographados em Paris, 1825. O desaparecimento d'uma producção de tanto merecimento deveria encher de luto os corações dos brasileiros; e seria para lamentar que mais um titulo de glória para o paiz, que não conta muitos n'este genero, e mais uma palma de victoria para o genio que a creára, cahissem no abysmo profundo d'um olvido fatal! Felizmente, podemos hoje medir o valor e a magnanimidade do acto do fundador do Imperio pelos beneficios que ella produziu, e que nós testemunhamos com alegria e vivo contentamento.

Não diremos, referindo-nos a Fr. Velloso, o mesmo pensamento que o celebre astronomo Francisco Arago applicou a Fresnel, de quem fez a biographia: « Il est des hommes à qui l'on succède et que personne ne remplace. »

Seria levar-nos por um excesso de enthusiasmo, praticando uma clamorosa injustiça contra o alto merecimento de brasileiros que ainda vivem, e cujos nomes irão á posteridade envolvidos pela mesma aureola brilhante com que temos brindado o nome illustre de Fr. José Marianno da Conceição Velloso. Mas ninguem ousará negar que foi elle o primeiro a despertar o amor pelo estudo da phytologia, e que só a elle cabe a glória de ter estabelecido uma base bem solida para as novas investigações, de que seria theatro nosso paiz.

A *Flora Fluminense* apresenta-nos um novo interesse, e este vem da importancia de algumas arvores seculares classificadas por seu illustre autor. As *sucopiras*, o *cedro*, o *buranhê* (ibira-êe em lingua indigena), os *jacárândás*, o *angelim*, e outros ornamentos, sem rivaes, da esplendida flora brasileira, serviram de fundamento para diversas descripções. Os generos *mendozia*, *chrysophyllum*, *nissolia* ou *machoerium*, etc., são descriptos concisamente, e ás vezes de um modo incompleto.

O texto d'este trabalho interessante está incompleto, não por culpa do seu autor. O seguimento existe em manuscrito, e é o complemento indispensavel a esta obra classica que honrará sempre a bibliotheca brasileira. Mais um esforço, o pequeno sacrificio de poucos contos, uma nobre resolução emfim, bastarão para a terminação d'este glorioso monumento, que Velloso legou á posteridade.

Mais uma palavra a respeito da *Flora Fluminense*.

De par com os eminentes predicados d'este trabalho, já mencionados, lacunas existem, que não desmerecem o valor que lhe attribuímos.

A' brevidade das descripções e á imperfeição de muitos desenhos, ajuntaremos o systema pouco natural da classificação, que elle foi obrigado a seguir, valendo-nos para isso dos descobrimentos taxonomicos, que hoje enriquecem a sciencia das plantas. O systema de Linnéo pertence agora ao monumento historico da sciencia. Os methodos appareceram graças aos vãos impetuosos dos genios botanicos. O systema em taxonomia é um meio artificial de classificação; afasta a muitos seres vegetaes que mostram, pelos traços semelhantes de sua organização, ter participado de um mesmo plano de criação; e approxima outros, por sua natureza differentes. O methodo, ao contrario, é a expressão exacta da natureza, porquanto fundamenta-se no

complexo de todas as relações organicas; não são simplesmente os órgãos genitales, e menos ainda a corolla considerada isoladamente, os unicos elementos para a coordenação das plantas em grupos naturaes. Todos os órgãos fundamentais do vegetal são attendidos na criação da hierarchia taxonomica; apezar porém da perfeição relativa dos trabalhos mais modernos, a sciencia não pronunciou a sua ultima palavra. Ahi temos a classe de Jussieu—*dichinias*—para as plantas unisexuaes. As especies do genero *euphorbia* têm flôres hermaphroditas, segundo as observações organogenicas de Baillon, e por este facto ficam separadas, quanto á classe, das outras *euphorbiaceas*, *cujas flôres são unisexuaes*.

CAPITULO VI

A gratidão foi sem duvida uma das qualidades mais proeminentes do sabio religioso; e encontramos provas irrecusaveis no respeito e veneração que tinha para com o Principe que outorgou-lhe tamanha cópia de beneficios.

El-rei o Snr. D. João VI, então Principe Regente, houve porbem nomeal-o director da *typographia litteraria* do Arco do Cego, estabelecimento por elle creado em 1800, com o fim de promover e divulgar os conhecimentos das sciencias naturaes, agricultura, desenho e gravura, sob os auspicios do ministro d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares. Este estabelecimento foi pouco depois annexado á imprensa nacional, creada em 24 de Dezembro de 1768, que tinha o título de regia officina *typographica*, e por fim o de impressão régia, á frente do qual figuraram como directores os nomes de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, Custodio José d'Oliveira, Joaquim José da Costa e Sá e Hipolyto José da Costa Pereira. Os

seus relevantes serviços valeram-lhe uma pensão de 500\$ concedida pelo Príncipe Regente; e por uma nova graça foi elevado á posição de padre da provincia, no anno de 1801, como prova o seguinte documento extrahido da pagina 149 do 3º livro do tomo da provincia:

ORDEM REGIA

Que o Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho dirigiu ao Reverendo Provincial para que o Sr. ex-reitor Fr. José Marianno da Conceição Velloso seja contemplado padre da provincia.

« O Príncipe regente nosso Senhor, attendendo ao zêlo e desinteresse com que se tem empregado no real serviço Fr. José Marianno da Conceição Velloso, é servido que elle seja contemplado como Padre da provincia, para cujo fim expedirá V. P.º R.ª as ordens que forem precisas. — Deus Guarde á V. P.º R.ª Palacio de Queluz em 19 de Maio de 1808. *D. Rodrigo de Sousa Coutinho.* — Senhor ministro provincial dos capuxos da provincia da Conceição do Rio de Janeiro. »

Como correspondeu o padre mestre Fr. Velloso a tão repetidas provas de consideração, emanadas de um personagem tão altamente collocado ? De um modo digno de si e da pessoa, que tanto o beneficiára. Esforçou-se por bem desempenhar as suas funcções, dando á luz da publicidade diversas obras, que honram tanto o seu nome, como á patria, á quem amava com extremo. Dedicou alguns dos seus trabalhos a Sua Magestade o rei D. João VI, por ordem de quem traduziu, com esmero e presteza, diversas obras de séria importancia ; e mostrou ser em todos os seus actos um servidor leal e dedicado.

Uma das plantas por elle classificadas, o *andaçú* das euphorbiaceas, tão conhecido por suas propriedades medici-

naes, foi offercida ao augusto avô do Sr. D. Pedro II, com o nome de *Joannesia Princeps*.

O que Velloso poderia fazer, pelo reconhecimento, fêl-o, e espontaneamente. Assim como é grato a um cidadão o merecer as animações de quem dirige os altos destinos de um paiz, a este deve ser agradavel o receber a maior riqueza que, a um homem d'estudos, é dado possuir, isto é, o fructo das suas constantes vigílias.

Commemoremos outros serviços, dos quaes tivemos conhecimento lendo as paginas do tombo da provincia da Immaculada Conceição.

CARTA

Regia dirigida ao procurador da provincia Fr. Antonio da Victoria, sobre a collecção de plantas do Brasil, para o real museu.

« Sendo presente a Sua Magestade a proposição que V. P. fez de conseguir que a sua provincia se encarregue de fazer vir d'America dos sitios, onde tem conventos, todas as plantas, ou vivas, ou sêccas, ou em sementes, segundo o methodo que lhe der o P. Velloso, para a collecção do real musêo; sendo dirigidas estas remessas á secretaria d'Estado da marinha, espera Sua Magestade que V. P., e toda a sua corporação, com seu zêlo, e amor pelo real serviço, executarão esta commissão de maneira a desempenhar a alta idéa, que Sua Magestade tem das suas virtudes, e fidelidade.—Deus Guarde a V. P. Mafra 19 de Outubro de 1797.—*D. Rodrigo de Sousa Coutinho*.—Senhor Fr. Antonio da Victoria. »

Mais um documento, que a historia deverá registrar, porque refere-se a um vulto eminente, digno de um monumento em que se inscrevam em letras de ouro os actos mais assignalados da sua gloriosa vida.

No silencio de um gabinete, no retiro de um claustro, perscrutando os segredos da natureza, tambem alimenta-se e desenvolve-se o sagrado amor da patria ; e sôbre o seu altar deposita-se uma somma de bons serviços, que devem ser tão bem considerados e estimados como os que presta o homem politico de sã consciencia e de elevada intelligencia, e os do soldado intrepido, que sacrifica a vida, os sentimentos de filho, pai e esposo, tudo emfim, pela honra da patria, e pelo amor que a ella vota.

CARTA

Regia dirigida ao Sr. ministro provincial Fr. Joaquim de Jesus e Maria sôbre a collecção para o real museu.

« Sua Magestade é servido que V. P.^oR.^{ma} faça crear nas hortas dos conventos d'essa provincia as plantas que Fr. José da Conceição Velloso designar na lista, que ha de remetter ao procurador geral da mesma provincia ; as quaes depois de creadas e postas em caixões, V. P.^o R.^{ma} deverá entregar ao intendente da marinha para as fazer embarcar nos navios, que partirem para o porto d'essa cidade. — Deus Guarde a V. P.^o R.^{ma} — Palacio de Queluz em 3 de Outubro de 1798. — *D. Rodrigo de Sousa Continho.* — Sr. ministro provincial dos capuchos da provincia da Conceição do Rio de Janeiro. »

CAPITULO VII

Na typographia chalcographica e litteraria do Arco do Cego foi impressa a traducção, por Velloso, de uma collecção de Memorias sôbre a quassia amarga e simaruba, com desenhos perfectos e brilhantemente coloridos. E' d'este trabalho que nos vamos occupar, e ao qual consagraremos algumas linhas pela importancia do seu conteúdo,

e para que mais uma vez curvemos a cabeça perante a memoria do illustre brasileiro, a quem votamos a mais profunda veneração.

As suas vistas concentravam-se sempre no lado util da sciencia, o que facilmente se poderá perceber lendo com attenção o primeiro capitulo d'esta producção :

« A' vista de ser a saude só por si bastante para constituir o homem ditoso ou desgraçado, deve a medicina, que toda se applica em ensinar os meios de a conservar, e de a recobrar, quando perdida, ter de justiça um lugar superior entre as primeiras sciencias, e ser de toda a sorte honrada. Ella, como dizem, marcha apoiada sôbre dois pés, dos quaes um é a *Pathologia*, que nos dá o conhecimento das enfermidades, e o outro a *Therapeutica*, que nos faz ver os remedios que lhes podem ser proprios e convenientes. E por esta razão deve ser indispensavel a todo o medico o conhecimento de um, e de outro fundamento, sôbre que apoia a sua faculdade. Bem como um relógio, quando se quebra, ou se decompõe no seu movimento ordinario, não pôde ser concertado, sem se ter conhecimento da qualidade do seu desmancho, e da propriedade dos instrumentos ; assim tambem, não sendo bem conhecida a qualidade da molestia e dos remedios convenientes, não pôde ella ser bem curada.

« Estas diversas partes, que constituem a medicina, pa-deceram, segundo a diversidade dos tempos, seus altibaixos e revezes.

« Os antigos, conformando-se ao gosto que reinava nos seus dias, dirigiam com todo o esforço de que eram capazes as suas applicações igualmente sôbre o conhecimento das forças dos remedios simplicis, da semiotica, dos prognosticos. Restabelecidas, porém, as sciencias, e reinando sôbre ellas uma luz mais clara e mais intensa, aquella

parte que mostra o differente estado do homem, ou são, ou doente, é a que foi levada ao mais alto cume da perfeição pela diligencia, applicação e esforços dos anatomicos e physiologos; e pelo contrario, a outra, que expõe as fôrças dos medicamentos, se conservou (ignoro a razão), ao menos por muito tempo, como em desprezo, envolta nas mantilhas do berço. D'esta causa procede que todo quanto respeito temos pelas nossas plantas medicinaes, nos vem sómente do uso que d'ellas fizeram os antigos gregos e arabes, pelo qual, enganados os modernos, não tendo averiguado as suas fôrças, como era razão fizessem, compuzeram receitas prolixas, que só podem servir para descredito e damno da medicina, e não para honra sua e proveito: logo ao deleixamento e desapplicação dos medicos á botânica, isto é, a esta proveitosa parte da medicina, contra o que era justo e conveniente terem feito, é que se deve fazer a imputação do desfavoravel revez de uma parte tão util, e necessaria. A esta talvez se poderia ajuntar outra causa e vem a ser a opinião, que grassou e se propagou pelo circumferencia do orbe medico, de que o uso dos remedios venenosos deveria ser desviado, e ainda totalmente desterrado do foro therapeutico, como de facto para infelicidade da medicina o conseguiram. Graças ao nosso presidente, que nos canones 16 e 17 da sua *Materia Medica* impressa em 1749, fez vêr aos seguidores d'esta doutrina falsa que nos venenos se occultavam grandes fôrças medicas, e que estes só differiam d'aquelles na qualidade, ou na dóse. Vieram em seu abono as gloriosas victorias, que o mercurio, ou sublimado corrosivo, tem conseguido contra certas molestias teimosas, e reincidivas, apesar de ser um dos mais refinados venenos.

« Mas apenas entrou a campir nos horizontes dos humanos conhecimentos a historia natural, como uma scien-

cia, e principalmente a botanica, como uma das suas interessantes partes dando-se-lhe um ar e gesto scientifico, quando se esforçaram em esmerilhar tudo quanto podia haver mais particular e escondido nos remedios simplicis.»

Depois de enumerar diversos vegetaes, que são de immensos recursos medicinaes, faz a apothese da *Quina*, as enfermidades que ella combate; menciona os paizes que mais têm lucrado com a sua exportação, e termina com o dito de um poeta :

Natura beatiss

Omnibus esse dedit, siquis cognoverit uti.

Eis o valor que Velloso ligava ao estudo da phytologia, em cujo pensamento nós procuraremos sempre imital-o como um discipulo que reconhece o merecimento dos seus trabalhos, aos quaes considera como uma fonte inesgotavel de idéas fecundas, que sempre primaram pela grande dóse de utilidade que d'ellas emanam. Não receiamos avançar que a botanica seria uma sciencia de mero luxo embora interessante e deleitavel, si quem a cultivasse, se contentasse com as leis de anatomia elemental e descriptiva, com o estudo da physiologia, taxonomia e phytographia, organogonia, etc., sem procurar conhecer e divulgar, em beneficio da humanidade, os differentes fins para que foram as plantas creadas. Os principios activos conhecidos por *alcaloides* as tornam uteis á medicina, como a *atropina* na belladona, a *strychnina* na nóz-vomica, a *morphina* no opio que se extrahе da papoula ou dormideira, a *nicotina* no fumo; e assim por diante. Mas Fr. Velloso contenta-se com a exposição d'estas plantas, abstrahindo dos processos que a chimica aconselha para a indagação d'estes principios activos, assim como de outras propriedades que recommdenam os vegetaes ao desenvolvimento das artes e

industria, como sejam : os principios corantes que muitos contêm, a gutta-percha e borracha que de outros se extrahem, e o estudo dos cernes das arvores, que são de um immenso auxilio para a engenharia ; os oleos essenciaes ; as plantas que têm tannino, oleos fixos, etc.

Estas lacunas que se percebem nas suas diversas obras estão plenamente justificadas, porquanto, por uma lei providencial, o desenvolvimento de todas as partes de uma sciencia não deve ser obra de uma unica intelligencia. A glória divide-se pelos diversos collaboradores, cabendo uma maior quota a quem tiver direito pelo maior numero de beneficios que n'ella descobrir. Fr. Velloso fez muito, e por isso a patria deve consagrar-lhe um reconhecimento eterno, contemplando-o sempre no numero dos homens benemeritos e que mais contribuíram para a glória de seu passado, do presente e do futuro.

Velloso procurou a origem da palavra *quassia*, e a apresenta depois de descrever as condições climatericas da ilha de Surinam. Aponta as molestias que alli dominaram e os meios improficuos de que lançaram mão os seus habitantes para exterminal-as. O desanimo lavrava com intensidade em todos d'aquella sociedade, quando um preto escravo de nome *Quassi* descobriu uma planta que, como remedio, foi por elle empregada para debellar as febres, que de continuo sepultavam aos seus parceiros. Divulgadas tão maravilhosas curas, tornou-se *Quassi* um ente necessario e respeitado, a quem os seus proprios senhores recorriam e consultavam sôbre os seus padecimentos physicos, e de quem recebiam o efficaz tratamento. Foi necessario que Carlos Gustavo Dahlberg captivasse a confiança e afeição de *Quassi* para que este lhe confiasse o seu segredo, mostrando-lhe a planta, cuja raiz tinha operado curas tão milagrosas, e até então desconhecidas. O nome da *quassia*

foi, pois, conservado para que sempre tivesse em lembrança os benefícios prestados pela mão de quem a descobrira.

Faremos uma reflexão sobre a sua descrição menos succinta do *quassi-amara*, ou *quassi-amargosa*. Ao inverso das plantas que elle descreve na *Flora Fluminense*, desce a mais alguns pormenores; aponta o gráo de composição das folhas, a sua fórma e outros muitos caracteres; o sumo d'estas folhas; ausencia de estipulas e de armas de defesa; a existencia de bractees; o peciolo marginado de ambos os lados, por uma larga membrana; dimensões dos órgãos foliaços, e outros elementos dignos de interesse.

A descrição dos órgãos da flôr não é muito completa; mas basta, para que se conheça a planta, observar o bello desenho colorido que a acompanha. Não menciona a especie de fructo (que é uma capsula), por não existir, na epocha em que escreveu, uma classificação carpologica a não ser a de Candolle, e de outros ainda mais imperfeitas e menos completas do que a que a sciencia hoje possui.

Diz apenas que os cachos são terminaes e singelos, quando pelo desenho vemos claramente que a inflorescencia é um *racimo*.

A descrição do calix, corolla, estames e pistillo é exacta no que contém, mas deficiente si a compararmos aos trabalhos dos actuaes botanicos.

Ha uma originalidade n'esta planta que não escapou ao botanico que a descreveu, a qual consiste na existencia de cinco capsulas em uma mesma flôr, o que é mui raro encontrar-se nos vegetaes da familia das simarubeas.

Esta planta foi cultivada no nosso Jardim Botânico, e como não dêsse flôr por muitos annos a confundiram, pela semelhança no porte e por traços exteriores, como exprime-se Velloso, com o sabonete do Brasil (*sapindacea*), o que

depois verificou-se não ser exacto. Cresceu até a altura de oito pés.

O amargo insupportavel do lenho é reconhecido geralmente, e este principio amargoso foi sempre applicado para combater entre outras molestias as febres intermittentes. Ainda hoje para algumas affecções do estomago os medicos aconselham a bebida d'agua fria que esteve em contacto com o lenho da *quassia*. No mercado encontram-se copos d'esta madeira, que tem a propriedade, depois de humedecida, de impregnar rapidamente o liquido que contiver de uma grande dóse do principio amargo. Pela acção do calor a impregnação torna-se muito mais forte e veloz.

Todos os usos conhecidos na actualidade, e que deixamos apontados, estão consignados na obra que discutimos, assim como em que doses deve ser applicada aos doentes, e termina esta primeira parte enumerando tres casos nos quaes o emprego da *quassia* foi efficaz.

Putris levou ainda mais longe o seu interesse por esta planta. Tendo observado, em 1770, a 13ª carta de *Buchoz* e uma estampa da *quassia*, a convite do marquez de Furgot, procurou-a em diversos lugares que percorreu e nunca a pôde encontrar. Só em fins de 1772 é que chegou-lhe ás mãos pelo facto do governador de Cayenna a ter solicitado do da ilha de Surinam. Fez um estudo particular d'esta planta e uma descripção muito mais minuciosa do que a precedente.

Começa a sua descripção pelo caule, que contém *tallos* ou troncos parciaes de 12 a 15 linhas; passa á casca, raizes e sua profundidade; occupa-se por menor das folhas, approximando-se a sua glossologia da da epocha actual; e percorre os órgãos da fructificação com muitas particularidades interessantes, até o interior da semente.

Alguna deficiencia que se possa notar não constitue um

grande defeito, porque já muitos annos nos separam da epocha em que elle escreveu e publicou este trabalho. Estende o principio amargo a todos os orgãos principaes d'este arbusto, que elle compara com a quina, pelas boas qualidades que lhe são communs, e pelas quaes Velloso e outros aceitam o epitheto de divino para o lenho do primeiro vegetal, e de arvore da vida para o segundo.

Em seguida apresenta Fr. Velloso uma serie de interessantes apontamentos sôbre a *quassia simaruba*, pertencente hoje ao grupo das simarubeas. Parece-nos ser o *simaruba officinalis*, ou *marupá* em linguagem vulgar; especie congenera da *Parahiba*, *simaruba versicolor*.

A *simaruba* cresce na America e nas Indias Occidentaes, e recommenda-se pelas propriedades medicinaes da casca e da raiz. Woodvile faz um historico dos diversos nomes botanicos que ella tem tido por ter faltado uma base solida para os convenientes estudos dos seus caracteres fundamentaes.

Posteriormente reconheceu-se, pela observação sôbre os seus principaes orgãos, ser uma verdadeira simarubea pelos pontos intimos de semelhança das partes d'esta planta com as de outra *quassia*. Em 1772 Linnéo reconheceu não estarem bem determinados os traços caracteriscos d'aquella especie, que por outros foi classificada como uma *bursera*, *betula*, etc., etc. Foi enviada da Goyana para a França em 1713 a casca da simaruba, onde de 1718 a 1723 a empregaram vantajosamente no curativo de certas molestias epidemicas.

Este opusculo do sabio brasileiro cresce de importancia quando attende-se aos serviços prestados á humanidade pelas duas plantas que acabamos de fallar. Fazendo conhecidas as suas propriedades, para o que colleccionou diversas memorias parciaes, mostr ao intimo e louvavel

desejo de ser util aos seus compatriotas e á pessoa que o encarregára de tão honrosa tarefa. Não sendo elle senão o fiel interprete de taes trabalhos, de qualquer critica rigorosa resultari maior luz sôbre estas pesquisas, sendo-nos licito pensar que uma obra de tanto merecimento e utilidade deve perpetuar o nome de seu verdadeiro collaborador, como quem procura divulgar os conhecimentos uteis que ella contém.

Mais outros factos importantes para a medicina encontramos nas ultimas paginas d'este trabalho, e que resumiremos em poucas palavras.

Na ilha de Surinam apparecêra de tempos a tempos uma molestia conhecida por *mal de S. Lazaro ou lepra sécca*, que desfigurava as pessoas que d'ella eram victimas, produzindo um desanimo e abandono dignos de lastima.

Os escravos que soffriam d'este mal ou suicidavam-se ou morriam á fome, porque os seus senhores preferiam não fornecer-lhes os indispensaveis meios de subsistencia. O que contém as ultimas linhas da presente obra é o tratamento mais ou menos radical d'esta molestia, introduzido por uma preta liberta, por certos principios contidos em uma planta muito semelhante ao nosso cipó chumbo, *a cuscuta racemosa* das convolvulaceas, na herva de passarinho (*loranthus vulgaris*), e no *timbó* (*serjania*). Experimentando com as plantas citadas conseguiu achar esta virtude, que applicou empiricamente contra o funesto mal que a todos horrorizava. Estas tres plantas estão em desenhos coloridos, e constituem a ultima parte d'este trabalho.

Reflectam os homens do nosso paiz no valor inestimavel d'estes rasgos d'uma intelligencia consummada; e d'uma vida sem mancha, que teve por ponto de apoio a religião, e por unica ambição a sciencia, que é, conhecimento de Deus!

CAPITULO VIII

A quinographia portugueza merece dos homens da sciencia uma seria attenção, e ser-nos-ha facil demonstral-o lançando um volver d'olhos sôbre mais esta fonte de conhecimentos, que tem por titulo : *Collecção de varias memorias sobre vinte e duas especies de quinias.*

Encontrámos na sua dedicatoria a El-rei o Snr. D. João VI, então Principe Regente, dois paragraphos, em um dos quaes exprime seu pensamento sôbre a espinhosa tarefa do botanico; e no outro um serviço prestado por S. A. Real, e para o qual, embora não o confesse, concorreu elle efficazmente com os seus escriptos; ouçamol-o :

« Não é, Senhor, o brando leito o que constitue o character do botanico pratico e activo. Candidatos de Linnéo, devem ir ao seu alcance. Eu rodeei, diz elle, e subi a pé as nevoadas serras da Laponia, montei as desabridas cabeças dos montes de Norlandia, palmilhei as suas collinosas ladeiras, e penetrei as suas intrincadas matas. »

Outro parographo :

« A gloria omnimoda que caracterizará o reinado de V. A. Real, nos assegura esta feliz descoberta, como um factó, que se deve esperar com moral confiança. Já não são amostras de salitre as que vêm do Brasil, mas sim arrobas. Não é de um unico lugar, é de muitos que tem vindo. E assim de todos os outros generos.

« Eu me congratulo do feliz effeito das reaes ordens de V. A. Real.

« Eu estou certo que por outro feliz effeito das mesmas gozaremos dentro em pouco tempo d'este soberano donativo da natureza, que não tem outro que o sobrepuje na sua prestança. Chine-China (diz Werlhof) Divinæ Providentiæ

munus, quum nihil adhuc suppet Natura, vel ars æmula exhibuerit.»

No caracter generico da quina notámos uma differença na glossologia, que não concorda muito com o modo actual de indicar certos caracteres botanicos.

Na familia das rubiaceas, á qual pertencem as quinas, a ipecacuanha, o café, e outras plantas, o calix é sempre gamosepalo, isto é, formado por um certo numero de sepalos soldados entre si até uma certa altura, e a parte não soldada constitue o limbo; de uma corolla gamopetala; de estames epigynios; e de um ovario sempre infero.

Velloso exprime estes caracteres de um modo differente: « Calix: (*periancio*, ou *capulho da flôr*) é uma folha; mui curto, acampainhado (*a*), fendido em cinco partes agudas, como dentinhos, e que cortam o germeñ, (ou rudimento da cavinha) ainda ao depois de sêcco. Corolla: de um só petalo afunilado (*b*). »

Em lugar de estames inclusos: *estames escondidos* dentro da garganta do tubo. E outros termos que hoje são substituidos, e que têm a vantagem de resumir melhor os pontos distinctivos de qualquer orgão. O terceiro e quarto verticillo estão comprehendidos n'esta descripção, assim como o pericarpio e as sementes, com a sua glossologia particular.

Lendo o caracter generico da quina, concluimos que o fructo é dehiscente, sêcco, polyspermo e bi-locular; e que a dehiscencia é septicida, isto é, pela sutura ventral ou afastamento dos bordos de cada folha carpellar.

Tudo isto exprime Velloso por outros termos que não são usados actualmente. Mais uma deficiencia: os generos *cinchona* das quinas, e *cephelis* da ipecacuanha, tambem

(*a*) Campanulado.

(*b*) Infundibuliforme.

differem pela inflorescencia: capitulo para a segunda, racimo para a primeira ; entretanto não foi este facto mencionado nos caracteres genericos das quinas.

Para apreciar-se devidamente este util trabalho seria necessario que nos afastassemos dos limites dentro dos quaes deve girar a mão do biographo, analysando pagina por pagina, e demorando-nos em apresentar todos os particularizados que, em numero avultado, ornamentam esta producção. Contentar-nos-hemos, pois, em indicar os pontos mais essenciaes dos estudos das diversas quinas, tão bem collocadas pelo padre-mestre Fr. Velloso.

A quina officinal, *cinchona officinalis*, occupa o primeiro lugar na ordem das descripções quinographicas. Todos os seus principaes órgãos estão incluídos na exposição, principiando pelo tronco, cujas dimensões são apontadas, assim como os traços que distinguem a casca, como sejam : a côr, grossura, gretamento, carnosidade e aspereza. Os importantes meios para o reconhecimento da quina d'esta especie são apontados por menor e com todo o cabimento, porquanto ninguem ignora os serviços que ella tem prestado, e continuará a prestar na cura das enfermidades, para as quaes é considerada como o primeiro dos remedios. Todas estas circumstancias augmentam a importancia d'estas laboriosas pesquisas, e auxiliam efficaçmente a quem entrega-se por amor ao util estudo dos seres organizados do reino vegetal.

O gretamento transversal, a aspereza e escabrosidade são elementos que distinguem a casca da melhor quina d'esta especie ; assim como outros traços tirados da côr exterior e interior, que variam : pollegada e meia para grossura ; uma linha para a espessura da parte carnosa ; a consistencia compacta ; o succo gommoso e resinoso ; aroma bem pronunciado ; fractura da casca ; e sabor amargo. A presença do

principio activo *quinina*, no envoltorio cellular das quininas, ou cascarilhas como as chamavam, que tanto as recommenda pela sua propriedade anti-febril, justifica a minuciosidade que todos observavam no estudo d'estas cascas.

Vem em segundo lugar a *quina delgada*, ou *cinchona tenuis*, que tem as folhas menores e mais carnosas do que qualquer das outras. Observa o mesmo methodo na descripção d'esta especie, que não se vulgarizou tanto pela difficuldade com que extrahiam a sua casca.

A quina lisa, *cinchona glabra*, que os hespanhóes denominavam *cascarilho bobo*, por lhe faltar ds suas cascas a côr externa e interna, tão communs nas outras especies, e que habitam em lugares montanhosos, é tão util á medicina, como qualquer das duas plantas precedentes, embora alguns contestassem este facto.

Outro tanto não acontece com a *quina morada*, *cinchona purpurea*, como se poderá ver pelo seguinte trecho, que transcrevemos : « Os cascareiros misturam as cascas d'esta especie com as das tres anteriores, e assim as vendem aos commerciantes ; pois são mui raros os que as saibam distinguir com perfeição ; mas os mesmos cascareiros e peões, pelo uso e pratica que têm, as distinguem com muita facilidade. »

Sem embargo de que estas cascas não estejam admittidas por si sós no commercio, podem muito bem supprir a falta das tres antecedentes pela efficacia da sua virtude medicinal, ainda quando os facultativos e droguistas as preferem ás outras anteriores ; no que se equivocam e não procedem com a intelligencia que deviam ter n'esta parte ; pois ainda que a côr interior, cheiro e sabor, requisitos principaes d'estas cascas, sejam muito bons, é necessario para as qualificar de superiores, que correspondam seus

effeitos depois de uma continuada experiencia ao apreço, que d'ella fazem e á superioridade que lhe querem dar. »

Em todo o caso é um vegetal util, e tanto o reconhece, que o descreve com a mesma minuciosidade, não escapando-lhe todos os signaes distinctivos do envoltorio cortical dos melhores individuos d'esta especie.

Segue-se a *quina amarella*, *cinchona lutescens* (de cuja descripção tambem abstrahiremos), e que n'aquella época não figurava com igual valor no commercio, sendo certo que seu extra cto fôra applicado com vantagem no tratamento de certas enfermidades.

A *quina pallida*, *cinchona palescens*, prima como a precedente, pela grandeza das folhas ; mas a sua casca não era admittida, o que prova a sua menor importancia relativa. E a respeito da *quina parda*, *cinchona fusca*, escreveu o illustre autor : « Até hoje não tem uso algum em medicina, nem ainda os indios a reconhecem por *quina*.

« Quando esta arvore está em flôr faz uma formosa vista, pela abundancia das suas flôres racemosas, e pela frondosidade de suas folhas. As indias se servem d'aquellas, para ornarem as suas imagens e capellas.

« E' perseguida por uma especie de formigas, a que os naturaes chamam tragineiras, isto é carregadeiras ou arrieiras. Do uso que estas fazem das suas folhas se infere que ellas terão alguma virtude, que não sabemos. »

Quantos beneficios não tem colhido a sociedade do conhecimento d'esta planta, que todos consideram como maravilhosa nas applicações therapeuticas? Como esta existirão muitas outras, de grande utilidade para a humanidade, disseminadas pelo interior das nossas florestas, que ainda não foram exploradas, e que não serão tão cedo por ser mui limitado o numero de pessoas que não duvi-

dam sacrificar-se pelo estudo dos productos do nosso fertil e extenso territorio.

A parte menos completa d'este trabalho é a que se refere á analyse chimica da quina; por isso que, pelos conhecimentos que tinham da analyse, que depois aperfeiçoou-se d'um modo admiravel, apenas puderam determinar a existencia d'algumas substancias, que foram encontradas nos licores que restaram d'algumas experiencias preliminares, e em que se fizeram as decocções.

Quem recorrer á chimica organica de Justus Liebig, volume 2º, pagina 575 e seguintes, ficará sciente do quanto se sabe a respeito do alcaloide *quinina*, sôbre o estudo do qual não encontramos uma unica palavra na obra que presentemente discutimos. Esta aponta simplesmente a mucilagem, muriato calcareo, magnesia, greda, acido gallico, potassa e ferro, como principios dos licores que analysaram. Justus Liebig começa dando a composição da quinina $C^{20} H^{24} N^2 O^2$, isto, é a natureza dos componentes, carbono, hydrogenio, azoto e oxygenio, e as proporções em que elles se unem para formar o composto quaternario conhecido por *quinina*. Expõe o processo que se deve seguir para obtê-la, a sua crystallização, os meios para se reconhecer si uma especie de quina poderá fornecer uma maior ou menor dóse do principio activo, por ser factó sabido que algumas apenas a contêm em tão pequena quantidade que não vale a pena ser extrahida; meio de separar-se o alcaloide do acido, com o qual póde estar combinado, assim como com uma materia corante de côr vermelha; acção dos alcalis mineraes sôbre ella, como se comporta pela acção do calor e d'agua, suas propriedades fundamentaes; acções dos acidos sulfurico e nitrico, da potassa e do alcool, propriedades dos saes de quinina, e meios de obtel-os, hydrochlorato de quinina, chlorato,

hydriodato, iodato, sulfato, hyposulfato, phosphato, oxalato basico, tartratos, citrato, ferro-cyanhydrato, acetato, galato e quinato de quinina.

Desenvolver idéas tão importantes seria repetir o que Liebig explica com proficiencia na sua obra citada. Bastam estes apontamentos para que se confronte o estado de adiantamento d'estes conhecimentos com os que existiam na época em que os principios activos das plantas medicinaes jaziam, pela maior parte, na mais absoluta obscuridade. Assim como os *antigos gregos consideravam como perniciosas* todas as plantas, que hoje em lugar de matar curam, tambem, mas com menos ignorancia, os homens do fim do seculo passado souberam das virtudes particulares de certos vegetaes d'um modo puramente empirico, levando-se unicamente por um certo numero de tentativas, sem indagar scientificamente quaes os corpos que communicam tão maravilhosas propriedades ás plantas que os contém.

Estas reflexões nos foram suggeridas pelo desejo ardente e sincero de sermos exacto na apreciação d'este trabalho succulento, exaltando as suas boas qualidades, e apresentando algumas lacunas que, em grande parte, provêm do estado menos perfeito das sciencias, que elles cultivaram. O adiantamento d'uma sciencia não deixa os traços mais profundos da sua marcha progressiva senão no decorrer dos seculos; e percebe-se o seu maior ou menor estado de perfeição recorrendo-se á historia, que nos attesta todas as phases de seu desenvolvimento e os intervallos de tempo que as separam. Os nossos vindouros farão o mesmo raciocinio quando quizerem compenetrar-se do estado actual dos nossos conhecimentos, comparando-os com os que possuirem sôbre qualquer dos productos creados pela intelligencia superior que nos dirige.

Voltemos á quinographia do nosso illustre compatriota, e vejamos outros elementos que ella contém, e dos quaes ainda não nos occupámos.

Tudo quanto falta-nos mencionar consiste ainda na descripção d'outras especies de quinas, exaltação das propriedades d'aquellas que as possuem, os lugares d'onde foram tiradas, traços exteriores que as distinguem, e apontamentos sôbre os seus usos. As *quinas colorada* ou *vermelha*, a *quina da Jamaica*, e de *Santa Luzia* ou *quina pitou*, completam a primeira parte d'esta memoria; sobresahindo a ultima, que o autor reconhece como uma verdadeira *quina*, depois de examinar os caracteres distinctivos dos principaes órgãos; e tambem como util á medicina pelos resultados que alguns colheram da analyse da casca, e das curas que obtiveram. Não daremos esta analyse em sua integra por julgarmos desnecessario; mas convem saber que por ella concluíram que a agua, fria ou aquecida, basta para extrahir os principios activos; que existe um principio adstringente nas camadas corticaes; existencia de aroma, ausencia de materia salina e ferruginea. E dos seus usos como remedio concluem que é *purgativo*, que sua acção é *prompta*, util nas febres intermittentes, etc.

Muitas memorias encontramos a respeito da quina de Santa Luzia, e por ellas passaremos sem observação alguma, assim como sôbre outras especies do genero cinchona, conhecidas por *quinas espinhosas de Santa Fé*, *alaranjada*, *penujenta*, *rôxa* e *branca*, que não occupam, pela maior parte, um lugar tão distincto como as precedentes. N'este numero incluiremos tambem as quinas de folha estreita, corimbeira, quina real, de Surinam, de tres flôres, sobre florida, de pequeno fructo.

Ao todo 22 especies, muitas das quaes merecem menção

especial por seus notaveis attributos, e pelo immenso auxilio que têm prestado á therapeutica como remedios efficazes contra a permanencia de certas enfermidades.

Estas são as quinas chamadas, por Velloso, verdadeiras, para distinguir de outras plantas conhecidas, até certo tempo, pelo mesmo nome, e que hoje são designadas por falsas quinas, como a *carqueija* do Brasil, planta resinosa e medicinal; a *quina* do Piahy ou quina *ceregeira*, enviada para a côrte de Lisboa por ordem do rei o Snr. D. João VI; e outra que habitava em toda a costa do Brasil, e cuja casca fôra applicada contra as sezões, na provincia de Pernambuco; e a *quina de camami*, que foi remetida pelo governo da Bahia, e *entregue* em Lisboa no muséo do Real Jardim d'Ajuda. As quinas do campo tambem são plantas anti-febris. (*Strychnos pseudo-quina*); *solanum pseudo-quina*; *exostemmas*; *evodia*.

A ultima parte d'este trabalho, de tão alto merecimento, consiste na indicação do meio pelo qual se deve certificar do bom estado da planta, cuja casca tem de ser destacada para os usos convenientes. Apresenta a côr roxa, que adquire o interior d'este envoltorio quando praticam-se incisões nos ramos e no caule, como indicio certo de que o principio adstringente e os succos gommoso e resinoso estão completamente formados. Quando não se satisfaz a esta condição, todos os requisitos citados anteriormente deixam de existir, ou não se patenteam do mesmo modo. Todas as outras considerações referem-se aos processos e instrumentos necessarios para obter-se a parte da planta que preenche o fim humanitário em que já fallámos.

Eis, em substancia, um dos fructos dos constantes trabalhos de Fr. Velloso. Sempre prompto a obedecer aos dictames do espirito nimamente patriotico do seu protector S. A. Real, procurou reunir todos os trabalhos par-

ciaes relativos a esta planta maravilhosa, cujos beneficios são reconhecidos e attestados pelos cultores das sciencias medicas.

Weddell, o autor moderno da historia natural das quinas, ou da monographia do genero *cinchona*, resultado das suas excursões pelo territorio da America do Sul, em um raio de latitude de 29° (extensão geographica das verdadeiras cinchonas), exclue algumas especies estabelecidas e mencionadas por Velloso, e as substitue por outras que occupam hoje o primeiro lugar na extensa lista das plantas d'este genero de rubiaceas. A *cinchona calisaya*, e a especie congenero *C. condaminea*, são as mais importantes, segundo o pensamento de Weddell, e constituem a principal riqueza de exportação dos terrenos de algumas republicas do Pacifico. A sua cultura nas colonias neerlandezas e nas Indias inglezas é hoje um facto consummado, que deveria ser imitado, e em grande escala, no territorio brasileiro, para que possamos enviar um dia ao commercio do estrangeiro esta immensa riqueza therapeutica.

Velloso reconheceu a importancia das quinas. *Weddell* ordenou o seu estudo botanico, alterou-o, ampliou-o. *St. Hilaire* transmittiu aos europeós alguns substitutivos anti-febris, dos terrenos do Brasil, taes como, a *quina do campo*, a *larangeira do mato* (*evodia febrifuga*), o *solanum pseudo quina*, e outras, sôbre as quaes deve recahir a attenção dos medicos.

CAPITULO IX

Os serviços prestados pelo nosso conspicuo compatriota com a traducção do *Compendio sôbre a Canna*, do medico francez *Dutrone*, foram recahir sôbre a lavoura, que ainda luta hoje com todos os inconvenientes da rotina.

Attendamos ao ultimo parographo da sua dedicatoria ao Principe Regente :

« Mas eu devo confessar junto ao throno de V. A. Real, que, apesar da imperfeição da minha traducção, tem sido tal o effeito das soberanas e efficazes ordens de V. A. Real, que os povos do Brasil se têm acorçoado a grandes reformas nas suas praticas ruraes. Os fabricantes de assucar têm melhorado as suas moendas, e fornalhas por toda a sua marinha, e a sua notoria utilidade acabará a obra. Si eu, Senhor, tenho recebido cartas de pessoas, que me são desconhecidas, de agradecimento, sendo d'isto um instrumento meramente passivo, quanto não deve ser a obrigação para com V. A. Real, á cuja illuminada providencia tudo se deve ? »

Basta lêr-se um parecer da Academia Real das Sciencias com data de 31 de Maio de 1788, assignado por Darcet, Fougroux de Bouderoy, e Bertholet de Fourcroy, assim como o decreto da faculdade de medicina na Universidade de Paris, para preparar o espirito de modo a receber as impressões agradaveis de um livro tão interessante, que os homens mais entendidos recommendavam a sua leitura, e a realização das idéas n'elle indicadas com esmero e proficiencia.

O primeiro capitulo é consagrado á historia minuciosa da canna e do assucar ; reconhece as Indias Orientaes como sua patria ; a sua cultura pelos chins, egypcios, phenicios, e por outros povos que com ella commerciam ; e outras muitas circumstancias que esclarecem a sua disseminação por differentes pontos do globo, com a exposição das pessôas que, desde épochas bem remotas, contribuíram para que ella se divulgasse e fosse conhecida dos habitantes de outras partes do mundo, que ainda não tinham aproveitado do seu beneficio.

E' uma fonte rica de conhecimentos historicos, a que deve-se recorrer, com certeza de aproveitamento e utilidade.

Lembra-nos uma idéa que não encontramos na exposição que elle fez do caule da canna, seus nós, entre nós, folhas, reprodução por estaca, raizes, etc. Analysando a casca nada diz sôbre a existencia da silica, que tambem é commum em outras gramineas, e que por ser infusivel é a unica causa de não alterar-se profundamente qualquer d'estas cascas depois de uma forte calcinação : a sua fórma primitiva subsiste. Não podendo penetrar pelas raizes de qualquer vegetal senão os principios chimicos que se poderem dissolver completamente n'agua que os tem de conduzir, devemos concluir da presença da silica no interior das plantas que ella é solavel, no que muitos não acreditavam até certo tempo.

Os nós de um colmo têm uma tal ou qual importancia na physiologia das plantas ; basta considerar-se que, sendo elles o resultado de incrustações mineraes, produzem a estagnação de uma parte da seiva, que tem de circular por todo o vegetal a fim de nutril-o convenientemente, e por este facto os gommos que ahi se formam vão nutrindo-se á custa d'este deposito de alimento, até que as necessidades da planta os obriguem a expandir-se em ramos e folhas, ou, como na canna, em um novo colmo contendo a todos os órgãos superiores, quando se introduz na terra um fragmento do mesmo caule.

Estas duas observações escaparam á dissertação de Dutrone. Convem agora estabelecer com a maior clareza possivel uma proposição por elle enunciada e de algum modo desenvolvida, que no estado actual dos nossos conhecimentos deve ser qualificada de inexacta, porque fere

os principios fundamentaes da chimica agricola e uma das bases da physiologia vegetal.

Procuremos ser exacto na apreciação que fizermos. Veloso, n'esta traducção, valendo-se das experiencias de Duhamel e Bayle, nega que a terra intervenha com os elementos que a compoem, na vida das plantas, a não ser conservando e cedendo a agua ao poder absorvente das raizes, a qual penetra no vegetal sem conduzir nenhum dos corpos componentes do terreno, que supporta o mesmo vegetal. Qual o fundamento para tal opinião? Expól-o-hemos em breves palavras.

Bayle seccou uma porção de terra vegetal, e fez germinar algumas sementes de uma planta das cucurbitaceas; pezou-a depois do crescimento da planta, e não achou que ella tivesse diminuido.

Duhamel fez germinar em esponjas ensopadas sementes do castanheiro e amendoeira, e obteve individuos *que fizeram progressos tão grandes nos primeiros annos, como se tivessem sido creados em terra. Um carvalho subsistiu por oito annos. N'esta idade tinha de quatro a cinco ramos que sahiam de uma hastea de dezenove linhas de circumferencia e de dezoito pollegadas de altura. O lenho e a casca estavam bem formados, e todos os annos se cobriam de bellas folhas. Estas pequenas arvores, submettidas a analyse, deram os mesmos productos que outras pequenas arvores da mesma idade, e da mesma especie que foram crecidas comparativamente em pura terra.*

1ª OBJECÇÃO.— Nos numerosos estabelecimentos agricolas de Campos foi sempre cultivada, e com vantagem, a canna de Cayenna, de preferencia á canna rôxa, porque aquella continha muito maior quantidade de materia saccharina. Mas hoje qual é o lavrador que não apressa-se em substituir a primeira pela segunda, convencido da inutili-

dade da que outr'ora era a fonte unica do assucar por elles exportado ? Qual a explicação d'este facto ? Os terrenos em que ella foi cultivada ficaram exhaustos porque tiveram de ceder, por muitos annos consecutivos, os principios chimicos indispensaveis ao crescimento da canna cayanna. Por perdas parciaes, durante muitos annos, tornou-se improprio para a cultura d'esta planta ; e a agricultura, n'este bello torrão da provincia do Rio de Janeiro, não seria mais uma realidade, si os lavradores não tivessem lançado mão da canna rôxa, que póde viver no mesmo terreno, á custa dos elementos que não foram utilizados pelo outro vegetal. Mas, si os processos para a fertilização do solo, não forem por elles aproveitados, tempo virá em que o mesmo terreno tornar-se-ha completamente esteril para esta ultima, como já o é para a primeira.

2ª OBJECÇÃO.— Em consequencia de perniciosa rotina dos nossos fazendeiros, desde que um terreno não se presta mais á cultura de uma planta, elles o abandonam por algum tempo, convencidos de que poderá adquirir a sua primitiva fertilidade, após um descanso de quatro ou cinco ou mais annos. Qual será a explicação scientifica d'este facto ? As rochas existentes no terreno vão desagregando-se e decompondo-se sob a influencia da humidade e dos agentes atmosfericos, e as materias que resultam dissolvem-se na agua, e são transportadas para diferentes pontos do terreno exausto, enriquecendo-o, e sanando assim as faltas produzidas pelas successivas culturas de um mesmo vegetal. A planta que não póde mais viver no proprio terreno, em que por muitos annos desenvolveu-se com todo o vigor, e que após o lapso de tempo em que têm lugar as acções chimicas que citamos, continúa a prosperar no mesmo solo por ella exaurido, não attesta do modo o mais evidente que a sua conservação e o seu cres-

oimento dependem em parte dos elementos de que elle se compõe ?

3ª OBJECÇÃO.— Calcinando-se a raiz, o lenho, a casca, os ramos e as folhas, emfim qualquer órgão de uma planta, desprendem-se acido carbonico, vapor d'agua e outros gazes, obtem-se um excesso de carvão que não se volatilizou, e cinzas que são formadas exclusivamente por principios mineraes.

Aconselham os homens da sciencia, como elementos fertilizadores, não só as partes da planta de mais facil decomposição, como principalmente as cinzas, porque estas restituem ao terreno os saes que lhe foram roubados pela propria planta, que tem de ser novamente cultivada.

4ª OBJECÇÃO. — Os homens praticos sabem perfeitamente que uma terra que se tornou esteril para um vegetal é muito adequada á vida de outros, que elles procuram cultivar, obtendo vantajosos resultados. Este facto, que a sciencia prevê, e que a pratica confirma, prova exuberantemente que em um mesmo terreno existem diversos elementos, os quaes não são absorvidos por uma mesma planta ; os que convêm a uma podem não servir a outra; no primeiro caso penetram em dissolução na seiva, e no segundo são abandonados, e ficam como elementos de fertilidade para outra qualquer planta que d'elles necessita.

5ª OBJECÇÃO. — Nas plantas que vegetam nas proximidades do mar, a analyse chimica accusa geralmente uma dóse mais ou menos avultada de chlorureto de sodio ; e nas que vivem em pontos longinquos da costa, encontra-se ausencia de saes de sodia e mais abundancia de saes de potassa.

A primeira não poderá viver no terreno em que a segunda desenvolver-se, nem esta na da primeira, é isto exacto para alguns vegetaes. A vida de cada uma d'estas

plantas não estará em relação immediata com os compostos chimicos que constituem a differença fundamental dos dois terrenos, á custa dos quaes ellas alimentaram-se ?

6ª OBJECÇÃO. — D'onde tiram as plantas o acido carbonico para a sua subsistencia e desenvolvimento ? Não é sómente da atmosphaera pela influencia da luz. Todos os carbonatos que penetram no vegetal, conduzidos pela agua, cedem o seu acido carbonico, que é decomposto nas folhas pela influencia do mesmo agente. As materias organicas, que accumulam-se na terra, e que tanto a fertilizam pela acção do oxygenio do ar, que póde banhar as raizes, quando o terreno é fôfo, se putrefazem, e o acido carbonico é um dos productos d'esta acção chimica. Estes principios são arrancados do solo pelos fibras radicaes.

7ª OBJECÇÃO. — A caseina tem por elementos componentes: o oxygenio, hydrogenio, azoto, carbono e enxofre; a fibrina: os quatro primeiros, com uma molecula de enxofre e uma de phosphoro; e a albumina, além dos quatro primeiros metalloides, duas de enxofre e uma de phosphoro. Estes tres corpos são encontrados nos vegetaes, e não se poderiam formar si a seiva não contivesse sulfatos e phosphatos em dissolução.

8ª OBJECÇÃO. — E' um facto averiguado que certas plantas particulares de um terreno não vivem, ou vivem difficilmente em outro de composição diversa.

Seria ocioso mostrar com mais alguns argumentos o quanto tem de inexacta a proposição de que se fez patrono Fr. Velloso, embora procure elle apadrinhar-a com as experiencias de Bayle e Duhamel, que não têm o valor que elle lhes quer dar. A agua chimicamente pura convirá á vida da planta ? De certo que não. Outra qualquer agua tem certos principios em dissolução em maior ou menor dóse que foram tirados do solo, e estes são aproveitados

pelas plantas que os recebem no interior de seus órgãos. As substancias mineraes facilitam as reacções que operam-se no organismo dos vegetaes : são, pois, necessarios e ahi são sempre encontrados ; e si uma planta pôde viver, segundo as experiencias de Duhamel, á custa da agua embebida em uma esponja, é porque este liquido continha, certamente em menor quantidade, muitos dos elementos que teria de encontrar no terreno que conviesse a sua cultura. Si porventura alguns factos nos fossem apresentados como provas irrecusaveis de que uma ou duas plantas poderiam viver com os elementos fornecidos pelo ar e á custa de uma seiva de composição extremamente simples, não duvidariamos aceitar-os como verdadeiros, mas com a intima convicção da sua excepcionalidade, e de que, se fossem cultivadas em outras circumstancias mais favoraveis, como em um terreno naturalmente fertil, ou preparado segundo os processos que a sciencia ensina, apresentariam outro vigor, mais probabilidades de longa existencia, e as suas propriedades muito mais pronunciadas. Não si deve estabelecer como regra geral o que não passa de uma má interpretação dos factos.

Apresento um argumento que tem applicação : o calor exerce uma influencia directa na formação das resinas, dos succos lactecentes e dos principios volateis, mas si estas plantas forem cultivadas ao abrigo da acção directa dos raios solares em lugares sombrios formar-se-hão sempre os mesmos succos, porém em menor quantidade.

Na zona temperada, por exemplo, em Europa, onde a temperatura é muito mais benigna, onde sente-se um inverno rigoroso, tambem existem plantas resinosas e lactescentes. Dever-se-ha concluir por estes dois factos que o calor não augmenta a secreção d'estas substancias ?

Contentamo-nos com estas reflexões, que bastam para o

esclarecimento do nosso pensamento. Vejamos outras idéas importantes de Dutrone, interpretadas pelo conspicuo Velloso.

Em uma serie de capitulos occupa -se da estructura anatomica do colmo da canna, o numero de vasos que como órgãos transmissores levam o succo absorvido pelas fibras radicacs a todas as partes da planta, para nutrirl-as depois de convenientemente elaboradas nas folhas, caracteres d'este succo depois de purificado, as modificações que soffre no interior do vegetal, acções de diversos agentes sôbre o succo exprimido, incluindo o calor, os alcalis, o ar, o alcool, os acidos, etc., fermentação acida e espirituosa e outras considerações de grande interesse, que não devem ser mencionadas, porque o estudo da canna se tem divulgado, e poucos ignoram as circumstancias que acompanham as diversas manipul acções exigidas para a extracção do assucar.

Os diversos compartimentos de um engenho, a passagem da canna pelas moendas, o seu transporte desde os cannaviaes até aos engenhos, o numero de cylindros de ferro fundido necessarios para exprimer a canna, a utilidade e o estado em que sahe o bagaço, a casa que lhe serve de deposito, o movimento ds succo d'esta planta até os reservatorios em que tem de ser purificado, e os motores empregados n'aquelle tempo, são mencionados com exactidão e clareza.

Se as descobertas de Papin, Seguin, Savart, Jouffroy, Fulton e Watt tivessem apparecido n'aquelle época com o gráo de importancia que todos apressam-se em reconhecer na actualidade, a obra habilmente escripta por Fr. Velloso ainda nos poderia ser hoje util, como o fôra nos tempos coloniaes ; mas com a introducção das machinas a vapor nas diversas industrias, e com o seu rapido aperfeiçoa-

mento, caducaram em muitos dos nossos estabelecimentos agricolas os antigos e imperfeitos processos para o esmagamento da canna, os quaes são apontados na obra de que nos occupamos.

As machinas a vapor foram creadas com o fim de facilitar o esgoto das minas, que podiam conter uma tal quantidade d'agua, que servisse de forte obstaculo á exploração e utilização das suas riquezas mineraes. A primeira machina que se construiu apenas serviu para dar uma idéa approximada do effeito produzido pela fôrça elastica do vapor d'agua. Um simples embolo contido em um cylindro, e cujo movimento ascendente era determinado pela acção do vapor d'agua sôbre a sua face inferior; para a descida do embolo afastava-se a origem calorifica a fim de obter-se a condensação do proprio vapor, que imprimira o primeiro impulso. Repetindo-se sempre este processo, obtinha-se, com uma lentidão extrema, o movimento da machina, que só preenchia o fim da sua creação d'um modo assás imperfeito. Savart tornou este movimento menos lento, fazendo injecções d'agua fria sôbre o vapor formado com intermittencia para o levantamento do embolo. Watt collocou um peso na extremidade opposta do balancim, fazendo desaparecer, em parte, o grande inconveniente d'estas machinas a simples effeito; inventou as de duplo effeito, que differem das primeiras em que o vapor actua alternadamente em ambas as faces do embolo; introduziu diversos melhoramentos, entre os quaes citaremos o moderador á fôrça centrifuga. Vieram as machinas de alta pressão (quando as precedentes eram de baixa pressão ou munidas de condensadores para o vapor que sabia do cylindro), que têm a immensa vantagem de occupar menos espaço, e de serem mais poderosas nos seus effeitos. De aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, surgiram

o systema Maudslay, no qual o volante executa muito maior numero de circumvoluções, porque o movimento da arvore é produzido por duas manivellas; o systema Fleau é modernissimo, d'uma fôrça consideravel, com o cylindro horizontal, e com dimensões notavelmente pequenas.

Que immenso impulso para a nossa agricultura! Reflectindo-se maduramente, e observando-se com attenção os progressos, embora lentos, da lavoura no Brasil é que nos podemos compenetrar do atrazo da agricultura na época em que viveu o botanico Velloso. Cita, para as colonias inglezas, o ar como motor; a agua, para outros estabelecimentos; e as fastidiosas almanjarras, movidas por animaes, como as mais usadas ou generalizadas! Infelizmente ainda temos encontrado este ultimo systema em algumas fazendas; mas este facto pôde ser explicado ou porque os seus donos não são muito favorecidos da fortuna, ou pela perniciosa rotina que os ha de acompanhar até a sepultura. Em compensação, muitos outros procuraram introduzir os melhoramentos que a intelligencia humana tem descoberto nas suas constantes peregrinações pelo caminho que nos conduz ás verdades uteis. Abandonaram, a maior parte, o antigo systema, que foi substituido pelas grandes rodas movidas pela agua, ou por tres ou quatro animaes collocados no seu interior; experimentaram as machinas a vapor de Watt, começando pelas de duplo effeito a baixa pressão, e hoje trabalham com as de duplo effeito a alta pressão, com todos os meios de segurança e melhoramentos que a sciencia aconselha. Tempo virá em que esta revolução se estenda a todos os grandes estabelecimentos agricolas do Brasil.

Velloso aconselha que se utilize o bagaço da canna como combustivel.

Hoje, os nossos lavradores que não possuem muitas

matas, que lhes forneçam a lenha necessaria para o consumo diario, lançam mão do primeiro combustivel, não só no aquecimento d'agua das caldeiras das machinas, como tambem para os banguês. A sciencia vai mais longe : indica que do bagaço da canna pôde o lavrador extrahir um gaz, o carbureto de hydrogenio, que servirá para a illuminação do seu estabelecimento. Sôbre este ultimo facto apenas diremos que auxiliámos ao illustre Dr. Paula Candido, de saudosa memoria, nas suas experiencias, e que os resultados não corresponderam á nossa expectativa ; a pouca intensidade da chamma que obtivemos nos fez appellar para novas experiencias, que infelizmente não se repetiram pela fatal resolução que o levou longe da pátria, que nunca mais tornou a vér.

Vejamos si o trabalho de Dutrone ainda nos proporciona um meio pelo qual possamos perceber o adiantamento dos tempos que correm, volvendo os olhos para o passado.

As phases pelas quaes passa o caldo da canna até o ponto em que o assucar crystalliza-se são apontadas como as que ainda hoje observamos ; mas com a invenção das turbinas, que vão-se vulgarizando, a separação do assucar é muito mais rapida, e não exige o longo e prejudicial processo das fôrmas de madeira ou de argilla. O emprêgo d'estas é baseado no principio de Vauquelin de que a agua dissolvendo, até a saturação, qualquer corpo não poderá exercer a sua acção dissolvente senão sôbre os outros principios estranhos que estiverem em mistura com o primeiro. Collocando-se pois uma camada de barro, previamente humedecido, sôbre os vasos em que o assucar tem de crystallizar-se, a agua ir-se-ha impregnando de assucar até saturar-se completamente, ponto em que começará a sua acção sôbre os corpos estranhos. A primeira propriedade torna a ser adquirida depois de segunda acção

dissolvente, o que augmenta o prejuizo da materia saccharina em cada vaso. Além d'este inconveniente, apontaremos o do longo tempo que é necessario esperar, e o da necessidade rigorosa de construir-se em cada engenho um grande tendal que o emprêgo das turbinas dispensa. N'estas obtem-se, por um simples movimento gyratorio communicado pela mesma machina que produz o movimento ás moendas, 14 kilogrammas d'assucar por minuto, sem o emprêgo da argilla humedecida, e a sua côr depende da maior ou menor quantidade de alcool que se introduz na turbina. E em que principio se basêa esta ultima? Tão sómente na fôrça centrifuga; as moleculas de assucar depositam-se na parede interna do cylindro interior da turbina, passando a parte liquida pelos intervallos das malhas da rêde de que se compõe o cylindro de menor diametro. Estes melhoramentos, que já vão sendo utilizados no Brasil, fazem com que a obra por nós analysada, e que devemos a Velloso, não seja tão considerada como o fôra no principio d'este seculo; porquanto n'este tempo ainda estavam para ser concebidas muitas idéas que vieram servir de grandes beneficios á agricultura no Brasil. Façamos entretanto justiça ao seu merecimento. Em relação aos conhecimentos d'aquella época, a obra que Velloso nos fez conhecida encerra um grande çabedal de idéas mui aproveitaveis, quer debaixo do ponto de vista historico, quer sôbre a anatomia e physiologia da canna, e principalmente no que diz respeito á sua cultura, e minuciosas informações relativas aos estabelecimentos que a cultivam, e aos processos que devem ser empregados para extracção do caldo e preparação do assucar. Não deixaremos de mencionar outros pontos bem importantes, para que não fique totalmente incompleto este esboço d'uma producção tão succulenta. Com aquella certeza que distingue os espi-

ritos pensadores e profundos, Velloso atirava-se sobre os trabalhos dos quaes pudesse colher alguma luz para si, e utilidade para o seu paiz, no que foi sempre auxiliado, senão impellido pelas vistas altamente patrioticas de quem lhe prodigalizára tão grande somma de beneficios, como testemunhos de estima e pouco vulgar consideração. Em todos os outros trabalhos que formos analysando acharemos a confirmação mais exacta do pensamento que temos enunciado.

Faz ligeiras considerações sobre a fermentação e distillação do mel, producção de aguardente, e passa a historiar os meios empregados nas colonias francezas para a extracção do assucar, emprêgo dos alcalis na purificação do caldo, como prova da existencia de um acido n'este liquido, sua neutralização, natureza das caldeiras, seus inconvenientes.

Não são menos importantes os dados fornecidos sobre a maior ou menor pureza do assucar, conforme a dóse de materias terrosas e feculentas que encerra; a separação d'estas pela acção do calor e pela cal, potassa etc., acção das escumadeiras, e emprêgo mais vantajoso das caldeiras de cobre. Todas as outras particularidades d'esta industria não escaparam ao seu espirito investigador, e são tão conhecidas na actualidade que tornar-nos-hiamos fastidioso si consagrassemos mais algumas linhas á enumeração d'ellas. Alguns principios da chimica são apontados como auxiliares.

Resta-nos incluir a parte que trata das propriedades do assucar, e apresentar algumas reflexões sobre o final do trabalho que analysamos, as relativas a diversas considerações sobre as fazendas das colonias da America.

Quanto ás primeiras, resumem-se na acção do assucar sobre o paladar, diversos grãos de sabor, segundo o seu es-

tado de pureza, a phosphorescencia, facilidade de queimar, producção do acido oxalico pela acção do acido azotico, sua alteração, em dissolução na agua distillada, pelo contacto do calor; influencia de um alcali; separação de uma substancia glutinosa, que dá, pela dessecação e distillação, o ammoniaco, quando abandona-se o succo extrahido da canna; emprêgo do assucar nos remedios, e nos alimentos, o que o eleva ao nivel dos productos vegetaes mais estimados e uteis.

Além d'estes resultados, que a chimica organica hoje confirma, existem muitos outros devidos aos fructiferos trabalhos de Liebig e de outros chimicos não menos celebres do nosso seculo, que abrangem uma somma productiva de conhecimentos que illustram o importante estudo da canna, *saccharum officinarum*, e das especies do mesmo genero, *S. violaceum* e *S. sinense*. Justus Liebig e outras notabilidades levaram ainda mais longe as suas indagações relativas a este producto: não só estudaram o assucar contido na seiva da canna, debaixo de todos os pontos de vista, como tambem estenderam a sua analyse ao assucar contido nos orgãos de outros vegetaes, e escreveram sôbre a diversidade da composição; depois por uma analyse quantitativa e por um serie de experiencias reconhecer am as diferenças nas suas propriedades. O assucar chamado de resina e que forma-se nos fructos das parreiras ou uvas, *vitis vinifera*, não gosa dos mesmos predicados que o da canna, e a sua composição varia quanto ás porporções dos elementos que entram na combinação, e o mesmo poderemos dizer a respeito do producto saccharino da raiz da *beta vulgaris* dos fructos na época do seu completo amadurecimento, e do assucar que encontra-se nas intumescencias das plantas que têm raizes tuberosas.

Faltou ao celebre naturalista o completar o seu trabalho com o estudo botânico das espécies do genero *saccharum*. Segundo os conhecimentos que possuímos existem sómente tres espécies d'este genero :

<i>Saccharum officinarum</i>	<i>Canna cayenna</i> .
S. <i>Violaceum</i>	<i>Canna róxa</i> .
S. <i>Sinense</i>	<i>Canna creóla</i> .

Com um grande numero de variedades, para cada uma das quaes existe um nome vulgar.

CAPITULO X

Em 1800, um anno antes da publicação da precedente obra, Fr. Velloso imprimiu na typographia chalcographica e litteraria do Arco do Cego um extracto sôbre os engenhos de assucar do Brasil, tirado da obra, *Riqueza e opulencia do Brasil*, pela qual passaremos rapidamente : muitas idéas acham-se consignadas no trabalho, que acabamos da analysar.

Deparámos no primeiro capitulo com uma apreciação do pessoal, materiaes e importancia dos engenhos d'aquella época. Suppomos que o numero de cento e cincoenta braços, calculado para os maiores engenhos, não é de uma exactidão rigorosa ; porquanto muitos houve que possuiram quinhentos, mil ou mais escravos que viviam em completa ociosidade ; os serviços da lavoura não eram tantos, que exigissem o emprêgo de todos os braços, de que dispunham. Ainda hoje, que não testemunhamos mais o escandaloso e anti-humanitario trafico d'estas creaturas infelizes, em muitos estabelecimentos agricolas conta-se o numero de duzentos, trezentos e mais.

Facto importante. O autor já lamentava em principios d'este seculo o que hoje presenciámos em larga escala na

nossa industria agricola, e que muito contribue para o seu atrazo e decadencia. O lavrador que tem de lutar com um sem numero de difficuldades para collocar o seu estabelecimento em certo pé, afim de obter algum interesse em compensação do trabalho que emprega, nem sempre o poderá conseguir sem o auxilio directo de quem lhe forneça os capitaes indispensaveis ; contrahe uma pequena divida, da qual nem sempre se desembaraça, porque os interesses da agricultura são precarios e estão sujeitos a muitas circumstancias que não dependem da sua vontade. O seu compromisso augmenta de valor, pela accumulção *mensal, semestral* ou *annual* dos juros ; e d'isto resulta que no fim de alguns annos o proprio estabelecimento com todos os materiaes e escravos não são sufficientes para o pagamento da divida !

Ainda não é tudo. Muitos dos nossos senhores de engenho não calculam as suas despezas pelo rendimento annual que d'elle tiram, consomem o producto de uma colheita notavel, sem se lembrar de que a do anno seguinte poderá ser menor, ou quasi nulla, o que é verdade não só para um anno como para muitos consecutivos. Estes deficits accumulados acabam por arruinal-os completamente.

No 2º capitulo offerece um certo numero de conselhos para os que têm de comprar terras ou arrendal-as, meios de livral-os das falsidades dos vendedores, garantias plenas nas transacções, pontualidade nos pagamentos, etc.

Em outras paginas encontrámos os defeitos de que devem cohibir-se os senhores de engenho, como sejam o despotismo nas acções, arrogancia e soberba para com os que d'elles dependem mediata ou immediatamente. Diremos de passagem : seria bom que alguns, que merecem antes o nome de malfeitores, fossem beber n'este livro as

idéas moraes e niniamente sociaes que d'elle transluzem, e que são uma lição para os que, ainda em nossos dias, afastam-se dos seus deveres para com os semelhantes, e em relação aos seus subordinados.

A missão do sacerdote nas fazendas é especificada d'um modo rigoroso, severo e digno. Si estes esclarecimentos, dictados por puros sentimentos religiosos, fossem observados com o necessario escrupulo, a simples presença do sacerdote serviria para prevenir muitos abusos, que uns praticam por ignorancia das obrigações que a religião impõe, e outros por uma tendencia para o mal, que só poderia ser aniquilada por uma educação severa e proveitosa.

Estão igualmente estabelecidas as attribuições de cada um dos outros empregados, assim como a moralidade que deve acompanhar a todos os actos, em relação aos seus inferiores. Procedimento do chefe no governo da sua casa, economias a realizar, preceitos a observar para com os que se utilizarem da sua hospitalidade, e com outras pessoas com as quaes alimentem relações commerciaes.

Julgamos desnecessario discutir o objecto de cada um dos outros artigos, porque já foram tratados no outro trabalho, principalmente o que diz respeito á preparação do assucar. Contentar-nos-hemos com apresentar ou indicar os pontos desenvolvidos, á excepção do capitulo XIX, que merece ser transcripto.

Escolha do terreno para o plantio da canna, e outros vegetaes alimenticios;

Preparação de terra, depois de escolhida, para que a canna possa desenvolver-se com vantagens; as *limpas*, *queimadas*, *etc.*;

Inconvenientes das grandes chuvas; das *séccas* prolongadas; mezes em que a chuva torna-se necessaria; dos

obstaculos, para a canna, da presença de certos vegetaes e animaes nos cannaviaes ;

Indicações para o córte da canna, numero de braços que devem ser empregados n'esse serviço, época do córte, distribuição do serviço pelos escravos de ambos os sexos, modo de cortar, transporte da canna ;

Descripção d'um engenho, tomando por typo um observado na provincia da Bahia ;

Modo de moer a canna ; tempo necessario para moer uma certa quantidade de caules, perigos das moendas, numero d'escravos para este trabalho.

Abramos um parenthesis para as interessantes paginas 63,64 e 65 :

« Antes de passar das moendas para as fornalhas e casa das caldeiras, parece-me necessario dar noticia dos páos e madeiras, de que se faz a moenda e todo o mais madeiramento do engenho, que no Brasil se pôde fazer com escolha, por não haver outra parte do mundo tão rica de páos selectos e fortes ; não se admittindo n'esta fabrica páo que não seja de lei, porque a experiencia tem mostrado ser assim necessario. »

A estas palavras acompanham outras sôbre a diffinição de páos de lei, comprehendendo n'este numero: a *sapucaia*, o *vinhatico*, *páo d'arco*, *páo brasil*, *jacarandá*, *páo d'oleo*, *picai*, *jetai amarello*, *jetai preto*, *maçaranduba*, *messetauba*, *sapupira*, *sapupira cari*, *sapupira mirim* e *sapupira açú*.

Estes nomes de sapupira e massetauba não são mui adoptados actualmente ; cremos que o autor refere-se á nossa sucopira, bowdichia virgilioides das leguminosas, e á mocitayba ou muçutuayba, zollernia mocitayba, da mesma familia.

Fallando na maçaranduba, aponta a sua applicação em

frechaes, sobrefrechaes, tesouras, tirantes, espigões, etc., construcção das diversas partes d'um engenho ; considera as boas qualidades d'esta bella madeira, e indica os pontos do Brasil em que pôde ser encontrada : em toda a costa do Imperio e na provincia da Bahia.

Tudo quanto diz é verdade, mas não diz tudo, e sem que nos venha o pensamento de repetir a descripção que já fizemos d'esta importante arvore, entendemos dever accrescentar duas palavras. O emprêgo da madeira é hoje muito mais lato do que o suppunham em época mais remota ; é muito procurada para as construcções navaes, sob a fórmula de quilha, sobrequilha, váos e cavilhas ; nas obras immersas é perduravel, embora existam outras de maior duração como o jacarandá-tan, ipés, sucopira, etc. ; em esteios é utilizada frequentemente, e racha com facilidade. Quanto aos lugares em que pôde ser encontrada, diremos que em muitos outros, que não estão mencionados n'esta obra que analysamos ; por exemplo : em muitas florestas por nós percorridas de diversos municipios da provincia do Rio de Janeiro, e em outras provincias do Norte, pelas informações que temos colhido.

Ha uma tal ou qual deficiencia, no mesmo capitulo, a respeito d'outras madeiras, que não podemos passar por alto desde que assumimos a grave responsabilidade de emittir o nosso juizo sobre os gloriosos trabalhos do digno Fr. Velloso.

Mencionando as madeiras e suas applicações, exprime-se do seguinte modo :

« Os eixos da moenda se fazem de sapucaia, ou de sapupira cari : a ponta, ou cabo do eixo grande, de páo d'arco, ou de sapupira ; os dentes dos tres eixos da moenda, do rodet e da volandeira são de messetauba. As rodas da agua, de páo de arco, ou de sapupira, ou de vinhatico. Os arcos

do rodete e volandeira, as aspas e contraspas, de sapupira. As virgens e mais esteios e vigas, de qualquer páo de lei.

Os carros, de sapupira merim, ou de jetai, ou de sapucaia. A caliz, de vinhatico. As canôas, de picai, joairana, jequitibá, utussica e angeli. As cavernas e braços das barcas, de sapupira, ou de laudim carvalho, ou de sapupira merim; a quilha, de sapupira, ou de paroba; os forros e costados, de utim, paroba, buraiém, e unheúba: os mastros, de inheúbatan; as vergas, de camassari; o leme, de averno, ou angeli; as curvas, e as rodas de proa e popa, de sapupira, com seus coraes mettidos: as varas, de mangue branco; e os remos, de lindirana, ou de genipapo. »

E' necessario partir da base, que estes nomes são os que applicam-se actualmente ás mesmas madeiras, salvo as alterações na orthographia; n'este caso, observaremos que estão muito longe dos verdadeiros nomes indigenas, que exprimem sempre qualidades ou propriedades de cada vegetal.

Si esta dissertação, sôbre o emprêgo das madeiras, refere-se sómente a uma localidade em que foi observado, toda e qualquer reflexão será mal cabida; mas, si estender-se aos seus usos geraes, seremos forçados a reconhecer muito atraso no conhecimento d'estes vegetaes, comparando-os com os dados que possuímos, e que se têm utilizado nos diversos ramos da engenharia. Actualmente, os costados das canôas, barcas, lanchas, botes e escaleres são de peroba, tapinhoã, ou cedro; nas grandes embarcações, são de taboas de peroba vermelha.

Nos engenhos do Brasil as moendas são de ferro, salvo as de algumas engenhocas, que são de *jatobá*. As canôas que navegam em nossos rios são, pela maior parte de peroba branca, oiti-cica, tapinhôa, cedro, gamel-

leira e outras. Lembraremos ainda outros vegetaes utilizados na arte naval, e que não estão incluídos na obra de Fr. Velloso : o angelim amargoso, angelim pedra, o angico, a sucopira, o pinho da Suecia, a sapucaia e algumas mais.

Outras diferenças encontramos n'esta succinta exposição. O nome inhuibatan é uma corrupção igual á de chibatán, ubatan, quibatán aderne, da palavra indigena yb-atan, que quer dizer arvore ou páo duro, assim como paroba em lugar de peroba, que significa casca amarga.

Na lavoura fazem de oleo vermelho os eixos dos carros, que conduzem o café, a canna e outras plantas n'ella cultivadas, para o engenho e armazens ; os raios d'estas rodas são de guarubú, que alguns conhecem pelo nome de roxinho. As rodas dos engenhos são muitas vezes de sucopira, de jacarandá-tan ; os dentes, d'esta ultima. Si proseguissemos n'esta analyse, afastar-nos-hiamos certamente dos limites em que nos devemos conter, porque teriamos necessidade de apontar quaes as madeiras que entram na construcção dos nossos engenhos, tambem os seus usos nas construcções civis e navaes. Dar-nos-hemos por satisfeito, indicando que uma parte das nossas madeiras estão classificadas não só botanicamente, como segundo os seus usos nas obras internas, ao ar e immersas. Entre as primeiras ainda escolhem as que servem para caibros, ripas, tesouras, traves, frechaes, baldrames, barrotes, portas, portaes, taboas para soalho e forro, caixilhos e rodapés. Os lavradores já as applicam com algum acerto na construcção das casas de vivenda, de engenhos, paioes, armazens, senzalas, pontes e outras dependencias. Procuram certificar-se da duração de cada uma d'ellas em contacto com o terreno; e com a agua apressam-se em empregar em esteios, por exemplo, a sapucaia, a ibirauna, a sucopira, os ipés, e outras de reconhecida capacidade e duração, e

possuem um certo numero de dados praticos, que muito auxiliam a quem deseja entregar-se ao estudo das nossas arvores. Esta regra soffre algumas excepções, que são devidas ás vezes á impossibilidade com que lutam na aquisição de bons materiaes para as suas obras.

Depois de varias considerações sobre o fabrico do asucar apresenta uma tabella dos preços das diversas qualidades d'este producto, que não está em perfeita harmonia com o que se tem estabelecido nos nossos dias, mas que confirma o juizo que avontámos sôbre o espirito indagador e relativo aos serviços prestados pelo nosso compatriota.

Estudou, em diversas obras, os processos para a cultura da canna, e offertou á sua patria uma fonte pura de conhecimentos proveitosos para aquella época, em que a nossa agricultura começava a desenvolver-se.

CAPITULO XI

Em virtude de tão assignalados serviços S. A. Real, a quem dedicou muitos dos seus trabalhos, ordenou que elle fosse galardoado, como dissemos, com o titulo de padre da provincia. Resta-nos apresentar os seguintes documentos, extrahido o primeiro do livro das actas e eleições do definitorio da provincia da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro, á fls. n. 49 v. e 50., pelo qual nos poderemos certificar do modo por que executaram a ordem supracitada, e que attesta mais uma vez a protecção que lhe fôra sempre concedida por S. M. o Sr. D. João VI.

Termo de concessão de privilegio de padre da provincia ao irmão ex-leitor Fr. José Marianno da Conceição Velloso, conforme a ordem de S. A. Real, expedida pelo seu ministro d'Estado o Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Aos 19 de Dezembro de 1800. — Estando nós legitima-

mente congregados em mesa definitória, apresentou o irmão ministro provincial uma carta do ministro d'Estado em que nos ordena S. A. Real que o irmão ex-leitor Fr. José Marianno da Conceição Velloso fosse contemplado como padre d'esta provincia em razão do grande zêlo e desinteresse com que tem servido ao Estado. O que nós em consequencia de nossa fiel vassalagem concedemos ao sobredito padre, e desde agora o reconhecemos e havemos por padre d'esta provincia com todas as proeminencias annexas a este titulo. O que tudo para que mais constasse fizemos este termo por nós assignado no mesmo dia, mez e anno *ut supra*. — (Assignados) — Fr. Antonio de S. Bernardo Monsão, ministro provincial. — Fr. Antonio Agostinho de Sant'Anna, custodio. — Fr. José Carlos de Jesus Maria Desterro, definidor. — Fr. Victorino de S. José Marianno, definidor. — Fr. João de S. Francisco Mendonça, definidor. — Fr. Fernando Antonio de Santa Rita, — definidor.

Segundo documento copiado do livro de registro das pastoraes e ordens dos Rms. Prelados, e A. nas capitulares á fls. 44 v. e 45.

Fr. Antonio de S. Bernardo Monsão, prégador, ex-definidor e ministro provincial da provincia da Conceição do Rio de Janeiro, etc.

A todos os religiosos da mesma provincia, assim prelados como subditos, saude e paz em Nosso Senhor Jesus Christo, que de todos é verdadeiro remedio e salvação. Fazemos saber a VV. CC. que por carta do Illm. e Exm. secretario d'Estado o Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho nos foi ordenado que o augusto Principe nosso Senhor era servido que o irmão lente Fr. José Marianno da Conceição Velloso fosse contemplado padre d'esta provincia em remuneração dos avultados progressos que tem feito nos inventos e

observações relativas á historia natural, de que têm resultado não vulgares serviços ao Estado e á Nação. Pelo que desejando nós dar a S. A. Real, uma sincero testemunho da nossa obediencia, que será sempre invariavel a respeito das suas soberanas e sagradas determinações, e querendo tambem concorrer quanto nos é possivel para distinguir um sujeito d'esta nossa humilde corporação a quem o mesmo soberano se digna favorecer empregando-o no seu real serviço, do que recebemos uma bem assignalada e incomparavel honra, havemos por bem eleger, nomear, instituir ao dito irmão lente Fr. José Marianno da Conceição Velloso em padre d'esta provincia, ficando de hoje em diante gozando de todas as preeminencias, privilegios e isenções que são annexas aos que gozam d'este predicamento na nossa ordem e ao dito irmão lente Fr. José Marianno da Conceição Velloso assim nomeado e instituido queremos e mandamos a VV. CC. reconheçam padre da provincia, respeitando-o e guardando-lhe em todos e em cada um dos conventos onde estiver morador as dispensas e privilegios que pelos nossos estatutos são concedidos aos reverendos padres da provincia. E para que se faça publica esta nossa resolução e prompta subordinação ás ordens e mandamentos de S. A. Real, mandamos passar a presente encyclica, que será lida em plena commuidade, transcripta no livro competente, remetida de convento em convento com certidão dos respectivos prelados locaes e discretos, e por ultimo remetida á nossa secretaria. — Dada n'este covennto de S. Antonio do Rio de Janeiro aos 28 de Setembro de 1801. — Sob nosso signal e sello maior da provincia. — (Assignado) Fr. Antonio de S. Bernardo *Monsão*, Ministro Provincial. — Lugar do sello. — P. M. D. S. P. Rm^a. — Fr. Antonio da *Natividade Carneiro*, Ex-Definidor e Pro-Secretario.

As instituições monasticas são de uma origem tão remota,

e têm resistido por tantos seculos aos golpes da impiedade, que para veneral-as basta considerar-se o immenso valor d'estes dois titulos. O espirito piedoso, que bebe nos dogmas e preceitos do christianismo as idéas cardeaes que guiam a sua alma e a equilibram nas tremendas oscillações d'este mundo, reconhece como necessaria a conservação d'estes templos seculares, em que se commemoram diariamente os divinos beneficios que nos foram derramados pelo Salvador do mundo, e nos quaes vamos procurar lenitivos para as dôres que nos assaltam, para os males que nos acabrunham.

Si a religião augmenta de valor no espirito do povo, toda a gloria deve ser para os que, em todos os tempos renderam-lhe um culto constante, propagando os seus principios nimiamente salutaes e moralizadores, até em épochas bem tristes para a humanidade, porque recordam scenas sanguinolentas, em que o direito foi supplantado pela força, a justiça pelas conveniencias, a verdade pela mentira, o sagrado pelo sacrilegio !

Qual é o primeiro fundamento para uma sociedade que deseja prosperar, garantindo o bem estar e os sagrados direitos dos seus membros ? A moralidade, assim como a moral, tem por unica base a religião. Esta engrandece-se e enraiza-se no espirito dos povos pelos esforços dos seus ministros, e os bons sacerdotes não podem ser creados nos embates das praças publicas, nem nas festividades dos vicios e muito menos no turbilhão das paixões. A solidão é inherente á vida do verdadeiro sacerdote e essencial á alta missão que tem de desempenhar.

Não se deve atacar um principio reconhecido por tantas gerações, e que os seculos nos tra nsmittem, por causa d'alguns abusos apontados no seu progressivo desenvolvimento, e que são devidos a um ou outro que se tem afastado das

regras que foram rigorosamente estabelecidas como normas invariáveis de seu proceder. Estes abusos desaparecerão perante a efficacia de fortes medidas correccionaes, que poderão ser impostas pelos poderes competentes.

Segundo alguns a existencia dos claustros tocou ao seu termo, porque actualmente já não podem preencher os fins para que foram destinados!

Quantos homens illustres não tem aquecido a sciencia por elles adquirida com o modesto e solemne habito de religioso? Em todos os ramos dos conhecimentos humanos têm apparecido vultos notaveis que desenvolveram a sua intelligencia no silencio eloquente de uma cella, contemplando a suprema intelligencia do autor do Universo na indagação das leis da natureza. Longe do ruido do mundo e das distracções que elle acarreta, a disposição para o estudo augmenta; forma-se ou nasce uma inclinação para qualquer sciencia, que com o tempo poderá produzir seus fructos. A nossa tribuna sagrada tem brilhado sob o peso de sãos e eloquentissimos discursos pronunciados por intelligencias robustas, que deveram o seu saber ao retiro do claustro. Muitos já não existem n'este mundo, mas descansam no outro, onde terão recebido a devida recompensa pelas suas virtudes; e a memoria de cada um d'elles é e será lembrada e sempre avivada nas paginas da nossa historia. A poesia, a pintura, as mathematicas, as sciencias physicas, a litteratura, a philosophia, e outros ramos, tem sido por elles cultivadas com esmero e com proveito para a sociedade, e os seus conhecimentos se patenteam nas obras que legaram á posteridade.

Nos conventos podem ser guardadas, como de facto o são, muitas reliquias de incontestada utilidade para a historia do paiz. Encerram documentos valiosos, que são uma fonte fecunda de illustração para os que desejam possuir

dados exactos sôbre homens illustres de épochas mais remotas, os quaes honram a terra em que viveram, augmentam consideravelmente a sua importancia.

A pobreza encontra sempre um abrigo na caridade que os distingue ; o espirito religioso procura consolações no cumprimento dos diversos preceitos da religião, a que elle se impõe.

Suppondo provados os beneficios que a sociedade poderá colher de uma ordem monastica estabelecida sôbre solidas bases, não insistiremos mais n'esta discussão, aliás estranha ao proposito e á natureza do presente trabalho.

Fr. José Marianno da Conceição Velloso é um exemplo, que confirma o pensamento que enunciamos. Os primeiros principios foram apanhados depois da sua profissão. Na solidão em que viveu por alguns annos teve por unico encanto a leitura de diversos livros, que lhe forneceram as primeiras bases para os seus estudos posteriores ; tinha por unica distracção a companhia de alguns amigos, e os conhecimentos que diariamente adquiria. Pouco a pouco foi se desenvolvendo a sua intelligencia e identificando-se com o trabalho, de sorte que de 1789 em diante achou-se convenientemente preparado para desempenhar os diversos deveres que lhe foram prescriptos, não só pela nobre missão de ser util á patria, como pelo seu constante bemfeitor S. M. o Sr. D. João VI. Tornou-se celebre pela illustração e serviços, como um notavel servidor do Estado pelas obras que publicou. Honrou a ordem dos franciscanos, a que pertenceu, pelas virtudes e pelos fructos de suas lucubrações.

CAPITULO XII

Alographia dos alkalis fixos, segundo as melhores memorias estrangeiras que se têm escripto sôbre este assumpto: eis o titulo de uma das producções de Velloso.

Encarregado de escrever, em idioma portuguez, todos os trabalhos concernentes á extracção de alguns alkalis, existentes em plantas do Brasil, Velloso conseguiu, no espaço de tres mezes, reunir e publicar os dados que colheu das suas pesquisas. Para tornar o seu trabalho mais completo, annexou-lhe os desenhos dos vegetaes mais importantes, que constituem a segunda parte d'este volume.

Na primeira dedicatoria ao seu Protector, mencionava as vantagens a aproveitar-se d'este estudo para :

A agricultura, pharmacia, chimica, tinturaria, saboarias, vidrarias e branquearias.

Na segunda, encontrámos novas provas do quanto era Velloso reconhecido aos beneficios que lhe prodigalizavam. Um documento tão valioso merece um lugar distincto n'esta biographia, e para elle solicitamos a benevola attenção do Instituto :

SENHOR.—*Euge parens patriæ, princeps pius, euge Joannes nostrum cura, decus, gloria, fautor, honos.*

« Desde os mais remotos e confusos seculos, ainda tendo os illustres Phidias e Praxiteles lavrado os marmores e fundido os bronzes, a humanidade verdadeiramente agradecida, em despeito d'estes padrões, que o devorador tempo destroe, conservou o costume de erigir estatuas de vivos vegetaes á memoria de seus illustres bemfeitores. Quem não vê que estas, pela sua successiva reproducção, e multiplicação, contra as quaes não tem o tempo poder algum, são mais capazes de levar á ultima posteridade o nome, que se quer, perennal?

« Ah! Revolidos milhares de seculos, quando já Memphis das suas soberbas maravilhas nem as ruinas pôde apresentar-nos, si Flora nos convida a visitar os seus amenos vergeis, n'estes encontraremos erguidas, e respeitaremos tantas augustas vegetaes estatuas, quantas foram as que

n'esses primitivos tempos se inauguraram aos seus graciosos soberanos, e a outros illustres personagens. Ellas ainda despregam com a mesma louçania todo o subido matiz das côres, que tiveram quando foram inauguradas, e vestidas de régias purpuras: ainda deixam lêr escriptas nas suas flôres, com indeleveis caracteres, os augustos nomes dos seus Ludigetes: de Clymeno (*a*), de Eupator (*b*), de Gencio (*c*), de Lysimacho (*d*), de Pharnaceon (*e*), de Telephio (*f*), de Tenorio (*g*), de Valerio (*h*), de Artemisia (*i*), de Althea (*k*), de Helena (*l*), de Bellis (*m*), de Carlos V (*n*).

« Para haverem de fazer esta representação augusta, têm ellas, em si proprias, nobreza sobeja sobre toda a preciosidade dos metaes. Estes unicamente são nobres, emquanto a nossa phantasia quer que elles representem os bens, que só as plantas nos podem dar, e pelos quaes privativamente d'ellas dependemos. Na grande escada da natureza os cor-

(*a*) Príncipe da Arcadia.

(*b*) Rei do Ponto.

(*c*) Rei de Illyria.

(*d*) Príncipe de Sicilia.

(*e*) Rei de.....

(*f*) Rei de Mysia.

(*g*) Rei de Troya.

(*h*) Consul Romano.

(*i*) Rainha, mulher de Mausolo.

(*k*) Rainha, mulher de Eneo.

(*l*) Rainha, mulher de Meneláo.

(*m*) Príncipe da Dinamarca.

(*n*) Carlos V.

pos organicos, que se augmentam por *intus susceptionem*, como vegetantes, mais proximos aos animados, a todos superiores, têm um melhor lugar do que os corpos inorganicos, que crescem por *extra positionem*, e que ficam no seu ultimo degráo.

« Talvez por este motivo os antigos se houvessem de enthusiasmar tanto pelas plantas, que chegaram a suppôr, e ainda a crêr, ou que não havia planta alguma, que não representasse, e a que não correspondesse um benefico nume :

Præsentem referat quælibet herba Deum

ou que não a protegessem por uma particular escolha sua

Quas vellent esse in sua potestate

Divi legerunt plantas. — (Phedro, liv 3, fab. 17.)

ou que a elles se não poderia fazer maior obsequio do que respeit-os nas plantas, que lhes eram consagradas. Tal foi o carvalho consagrado a Jupiter, tal a oliveira a Minerva.

« O seguinte factó, Senhor, mostrará decidida a questão da duração a favor dos vegetaes. Antonio Muza e Euphorbio foram irmãos, e ambos medicos de dois soberanos diferentes, o primeiro de Augusto, e o segundo de Juba ; e tendo cada um curado aos seus respectivos soberanos de enfermidades graves, foi decretado a Muza uma eril estatua por Augusto, e a Euphorbio uma vegetante planta por Juba. A estatua de Muza *periiit! evanuit!* a de Euphorbio *perdurat! perennat!*

« O cavalheiro Lima, reformando a relaxação introduzida na botanica, a respeito da inauguração d'estas vegetaes es-

tatuas, ou reproductivos monumentos, propõe aos outros o seu exemplo por norma

Nomina generica... Regum consecrata et eorum, qui botanicam promoverunt, retineo

persuadido de que, não offerecendo a botanica lucros alguns aos que a ella se applicam, e só trabalhos, si os monarchas não a tomassem debaixo de sua protecção, e aos seus professores, não poderiam estes jámais fazer alguma fortuna brilhante pelas immensas despezas que seriam obrigados a fazer, a não serem auxiliados pelo seu poderoso braço :

Nisi Reges arti operem adferant, sumptibusque necessariis sublevent, pauci existerant digni botanico nomine.

« Ora, si eu devo ter a qualidade de botanico, mais do que aos meus deveis estudos, o confesso dever a V. A. Real, que tantas vezes me tem honrado com a sua real firma. Eu seria, Senhor, ingrato, si uma vez me não visse o mundo prostrado no supedaneo do real throno de V. A. Real, confessando a minha divida: si não procurasse perpetuar a minha confissão pela inauguração de uma vegetal estatua, que haja de transmittir á posteridade o augusto nome de V. A. Real, denominando-a *Joannesia*.

« Os botanicos estranhos se têm lembrado de perpetuar os nomes dos seus soberanos em plantas, que espontaneamente nascem no Brasil, sem terem um direito tão sagrado a esta provincia. Acham-se já nos seus catalogos, postas com o nome de *Carolinea Princeps* (a), e outra *insignis*, e de *Gustavia Augusta* a japarandiba e o embiruçu dos brasileiros, dedicadas á princeza D. Sophia Carlota, marqueza de Baden, e a Gustavo, rei de Suecia ; e os nossos botanicos até aqui se não têm lembrado de tributarem este censo

(a) Hoje *Pachira Princeps*.

aos seus soberanos, que tanto têm promovido entre nós esta sciencia, com cadeiras em que se ensinem, com hortas, em que se cultivem; com viagens em que se observem, etc.

« Eu me não devo pôr a par d'elles, emquanto ao merecimento; imitando, porém, aos estranhos, introduzirei na botanica o novo genero de *Joannesia*, sendo V. A. Real o augusto typo, o seu soberano indigito.

Euge parens patriæ, etc.

« E para que cerimonia alguma, das que observam os botanicos n'estas dedicações, me não falte, passo a expôr a analogia, que descubro entre este vegetal estatua e V. A. Real, para verificar a pretendida conveniencia do nome.

« *Connexio nominis a botanico derivati cum plantâ, nulla, vulgo creditur, atqui vel leviter in historia litteraria versatus, facile vinculum quo connectat nomen et plantam repariet, imo cum tanta suavitate, etc* — (Lin.)

« Julga este sabio que as baubiniás são semelhantes aos dois irmãos Baubiniós, ambos iguaes botanicos, em terem iguaes os dois lobos das suas folhas. A scheuchzeria aos dois irmãos botanicos Scheuchzerios, em o serem ambos excellentes, um no conhecimento das grammas, outro no das plantas, etc.

« Querendo, portanto, discorrer á maneira d'este sabio, descubro as tres seguintes connexões: 1.ª Nas folhas digitas, umas mãos abertas, quaes têm sido as de V. A. Real para favorecer aos benemeritos. 2.ª No fructo lenhoso, em figura de coração, e cicatrizado, um coração constante, mas assignalado pelos sentimentos das desgraças politicas da ultima decada d'este seculo. 3.ª Nas duas sementes, que encerra o fructo, os dois bens da religião e da monarchia, que V. A. Real tem no coração. E tambem os dois objec-

tos de um amor igual, o reino e o principado. Ah! fiel interprete de ambos, eu lavro já no pedestal d'esta estatua, para que presentes e vindouros lêam:

*Euge parens patriæ, princeps, euge Joannes
Felix sub tanto principe turba sumus.*

FR. JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO.

.

DEFFINIÇÃO DA PALAVRA SAL

As duas idéas mais communs ou geraes, que lhe podem pertencer, são: 1.^a o sabor, 2.^a ser solúvel em agua. . . . Concluindo: Que toda a substancia, que fór solúvel em agua, e capaz de affectar pelo seu sabor o orgão, póde com toda a segurança ser chamada sal.

Estas duas proposições, embora tenham um grande fundamento, comtudo soffrem excepções, que deviam ter sido attendidas, e que podemos apontar em qualquer das duas classes de saes — *amphidos* e *haloideos*. Todos os sulfatos são soluveis, exceptuando o de baryta (*barytina* dos mineralogistas), o de estronciana (*celestina*) e o de chumbo (*anglesites*). De todos os carbonatos, os que se dissolvem facilmente são, os de potassa e soda; o de lithina é pouco solúvel; os alcalinos terrosos só dissolvem-se em uma agua, que contenha acido carbonico, porque fórma-se um bicarbonato; os outros são completamente insolúveis. Na classe dos saes haloideos, temos alguns chloruretos insolúveis, assim como bromuretos e ioduretos; sirvam de exemplo o chlorureto de prata, os bromuretos e ioduretos do mesmo metal; o calomelaos ou proto-chlorureto de mercúrio, e alguns mais.

Quanto á propriedade organoleptica, diremos tambem que nem todos os saes têm um sabor pronunciado: alguns são amargos, outros de sabor adocicado, e certos saes são mais ou menos insípidos.

Nem sempre é sal acido aquelle que tem a propriedade de envermelhecer o papel azul de gyrasol. Muitas vezes o excesso de acido em um sal, mais do que é necessario para neutralizar a base, é a causa unica da mudança de côr que opera-se n'aquelle reactivo, quando em contacto com o mesmo sal; mas acontece que, tendo sempre o acido mais affinidade para a base do papel de gyrasol, do que para o oxydo, com o qual está combinado, forçosamente deixará a segunda pela primeira, e immediatamente mudar-se-ha a côr do reactivo, de azul para vermelha, sem que este phenomeno seja devido a um excesso de acido; esta acção poderá dar-se com alguns saes neutros.

Concordamos em que seja difficil achar-se uma exacta definição para a palavra sal. Emquanto a classe d'estes compostos chimicos comprehendia apenas os que hoje são chamados saes amphidos, como sejam os sulfatos, carbonatos, nitratos, phosphatos, etc., etc., a definição poder-se-hia circumscrever a um gráo certo de combinação (metal, oxygenio e um metalloide), sempre um acido e uma base ou oxido metallico, ambos compostos binarios, ajuntando algumas propriedades fundamentaes, assim como a indicação do elemento electro-negativo e a do corpo electro-positivo. Hoje, porém, que se incluem sob a denominação de saes as combinações binarias de qualquer dos halogeneos: chloro, bromo, fluor, iodo, enxofre, selenio e tellurio, com os metaes, toda e qualquer definição deverá começar pela exacta distincção dos dois grandes grupos, e os traços particulares de cada um d'elles. A propriedade electro-chimica já não pôde servir de caracteristico fundamental e distinctivo; porquanto ser-nos-ha facil provar que ella estende-se aos hydracidos, oxydos, acidos e saes, segundo os principios estabelecidos na electro-chimica por Gavarret, Daguin e muitos outros physicos notaveis.

O oxydo de potassio, submettido á acção de uma corrente electrica, em um aparelho convenientemente disposto, decompõe-se; o oxygenio, como elemento electro-negativo, dirige-se para o polo positivo da pilha, e o metal, sendo electro-positivo, para o polo negativo.

Em todos os acidos, o radical é sempre electrizado positivamente na decomposição; assim como o são os metaes que formam oxydos, combinando-se com o oxygenio, e saes haloideos em combinação com os metalloides das duas classes dos sulfuroideos e chloroideos.

Nos saes amphidos, os acidos são sempre os elementos electro-negativos. Nos hydracidos, o hydrogenio na decomposição electro-chimica, electriza-se positivamente; mas na electrolyse d'agua, torna-se electro-positivo em relação ao oxygenio.

Eis tudo quanto nos convem dizer sôbre as duas primeiras paginas d'esta obra. Tornando-se fastidiosa a descripção dos processos para a extracção dos alcalis, contentar-nos-hemos com apontal-os.

Occupa-se em seguida da verdadeira significação da palavra *alkali*, (a) que segundo uns vem da planta kali, ou do grego kalos, que quer dizer sal; e diversas plantas maritimas taes como o kali, o kelp, a barrilha, de cujas cinzas têm-se extrahido diversos saes alcalinos, com a exposição dos processos para obter os alcalis, assim como

(a) Na opinião do meu amigo o illustrado Dr. Benjamim Franklin Ramis Galvão :

Parece que o vocabulo—*alkali*—escripto por alguns—*alkali*—, tem sua origem etymologica antes no arabe do que no grego; como opinam Constancio e o Sr. D. J. de Lacerda a palavra vem do artigo *al e—kali* ou *cali*— nome de uma planta cujas cinzas forneciam soda. Para fazê-la provir do grego, fôra necessario torcer etymologias; em todo o caso não pudéra ser *kalos*, como dá Fr. Velloso, mas *kals*, *kalós* que significa— o sal.

as proporções obtidas; calcinação ou carbonização de algumas madeiras para das suas cinzas extrahir a potassa; origem do tartaro, sua differença do cremor de tartaro; propriedades do sal de tartaro; terminando por uma succinta exposição sôbre os saes neutros.

Esta primeira memoria de que occupou-se o conspicuo Velloso é original de *Watson*, professor regio de theologia da universidade de Cambridge. (Chemical Essais, Tomo 1. Essais 111.)

A segunda parte comprehende o estudo de diversos corpos chimicos, que estão hoje muito bem estudados, e cujo conhecimento se tem vulgarizado, como sejam: os acidos sulfurico, azotico, borico, fluorico, etc.; as bases: potassa, soda e ammoniaco, e diversos saes como: o sulfato de potassa, o de soda (sal de Glauber), de ammonia, de magnesia, e com outros oxydos; muriatos, nitratos, boratos e carbonatos.

As propriedades e processos apontados não são desconhecidos na actualidade; pelo contrario, a sciencia de hoje possui idéas muito mais desenvolvidas, e que não eram bem conhecidas n'aquelle tempo. Mencionaremos tambem algumas cartas publicadas em seguida, todas relativas aos meios para obter a potassa, e ao seu estudo, o que prova de sobejo o espirito pesquisador de nosso compatriota, que esforçou-se em colligir todos os documentos valiosos sôbre este importante objecto.

Occupava tambem um lugar distincto o extracto sôbre o methodo de se preparar o oxydo de potassio, tirado da encyclopedia methodica, que passaremos por alto por suppô-lo muito conhecido; merecendo particular menção as diversas applicações das *substancias alcalinas* nas artes, na *branqueação*, e *materias colorantes das linhas*, por *Richard Kirnau*; e outros elementos que são des-

tinados a preencher ou confirmar o titulo d'este trabalho.

A segunda parte é intitulada — Flora Alographica — ou exposição e descripção de alguns vegetaes do Brasil, e de outros que são mencionados na primeira parte d'esta obra, e dos quaes póde-se extrahir o alcali, de que nos temos occupado.

As estampas são nitidas; os caracteristicos botanicos laconicamente enunciados, e são accompanhados d'uma exposição sóbre as propriedades de cada uma das plantas.

Começa pelo *andauçú*, *Joannesia Princeps* (Anda Gomesii), cujas propriedades medicinaes residem no oleo graxo, que se fórma no interior do pericarpio, etc. O desenho é claro, e contém todos os orgãos fundamentaes nas suas posições respectivas, e tambem separados para que a planta possa ser estudada em todos os seus pormenores.

Vem em seguida a *alfavaca de cobra* — *parietaria officinalis*; o — *trevo d'agua* — *menyanthes trifoliata*; o — *gyrasol* — *helianthus annuus*; a — *losna* — *artemisia absinthium*; — a *herva malarinha* — *fumaria officinalis*; — a *embaiba* ou *ambayba* — *cecropia peltata*; — o *fumo* — *nicotiana tabacum*; o — *verbasco branco* — *verbascum thapsus*; o — *castanheiro da India*; o — *milho*; o — *marroio vulgar*; a — *bananeira da terra*; o — *pdo d'alho ou guararema*; a — *samambaia*; a — *ortiga*; o — *meimendo*; a — *cicuta*; o — *heliotropio*; — e a *borragem*. Os nomes botanicos d'essas plantas foram substituidos posteriormente; ellas acham-se hoje classificadas, segundo o methodo de Jussieu, em familias naturaes, por exemplo: o heliotropio e a borragem — na familia dos borragineas; o gyrasol e a losna na extensa familia das synanthereas; o fumo na das solanaceas; a embaiba nas artocarpeas; o milho nas gramineas; a bananeira nas musaceas; o páo d'alho ou

guararema, (a) o— *Gallsia scorododendrum* — Cas.; o andaçú nas euphorbiaceas ; a ortiga nas urticaceas, etc.

Resta-nos fazer duas observações.— O *trakiá*, que pertence ao grupo das capparideas, devêra ser incluído no numero dos vegetaes, quo contém na casca uma grande dóse de potassa.

A descripção da *embaiba* é tanto menos completa quanto não contempla o curioso phenomeno que apresentam as anthéras, na época da fecundação, o que foi tão bem observado e descripto pelo illustre botanico Dr. Francisco Freire Allemão.

CAPITULO XIII

Diremos algumas palavras sôbre um opusculo publicado em 1800 pelo padre Mar.^o Velloso, e que tem por titulo *Naturalista instruído nos diversos methodos antigos e modernos de ajuntar, preparar e conservar as produções dos tres reinos da natureza.*

A zoologia é uma sciencia vasta, para o estudo da qual a vida do homem não é sufficiente. Dividida segundo Cuvier em quatro grandes ramos, cada ramo em um certo numero de classes, as classes em ordens, estas em familias até aos generos ; quantos annos não são necessarios para aprofundar-se o estudo de uma classe de animaes ? Um verdadeiro zoologo, reconhecendo a impossibilidade de tornar-se especial em todos os ramos de sciencia, procura colher um grande numero de conhecimentos sôbre cada uma das suas divisões, e entrega-se com mais afinco ao estudo de uma classe de animaes ; restringe d'esse modo o campo de suas investigações.

Outro tanto acontece com a sciencia dos vegetaes. Não ha quem possa ser profundo em todas as divisões dos tres

(a) Nas Phytolacaceas.

grandes ramos : acotyledoneo, monocotyledoneo e dicotyledoneo.

Qualquer dos tres comprehende um grande numero de familias, cada uma das quaes póde constituir uma especialidade ; e actualmente a botanica offerece outros campos para investigações de grande interesse e importancia, taes como : a anatomia elementar, a anatomia descriptiva ou organographia, a physiologia, a teratologia, a organogenia, a distribuição geographica das plantas, etc., etc. Quantos factos não existem desconhecidos e por descobrir? Que mysterios não occultam verdadeiras maravilhas ?

Sendo, pois, uma verdade inconcussa o que acabámos de dizer, resta-nos um unico pensamento. Os grandes muséos são estabelecidos com o fim de fornecer aos homens de estudo o material necessario para a illustração de seu espirito.

D'ahi nasce a necessidade das grandes collecções, perfeitamente coordenadas e methodizadas. E como conservar os animaes e vegetaes que se corrompem desde que deixam de existir? E' forçoso lançar mão do artificio para que estes seres organizados possam, depois de mortos, figurar ao lado dos corpos inorganicos ou mineraes, e ser observados e estudados com proveito pelos que se dedicam á historia natural.

Esta é a idéa que Frei Velloso procurou realizar, contribuindo com a valiosa offerta das suas pesquisas.

Principia expondo a preparação dos quadrupedes e reptis, das tartarugas, lagartos, sapos e passaros ; os processos para abrir-se cada um dos animaes, e para enchêl-os. Descreve minuciosamente o modo de abrir-se o animal, por incisões longitudinaes, ou transversaes ; indica os meios de preparar parcialmente cada orgão, separando-o, destacando com cuidado a pelle, extrahindo os musculos cu-

taneos e a gordura, assim como outros dados indispensaveis, que são hoje conhecidos. Cita os diversos ingredientes que devem ser introduzidos em cada grupo dos animaes acima citados, e a proporção de cada um. Expõe o methodo de preparar as pelles sêccas, e a composição do liquido para amollecêl-as. Em substancia, eis o pensamento cardeal d'este opusculo.

CAPITULO XIV

Consagremos algumas linhas á *Memoria sobre a cultur da urumbeba e sobre a criação da cochonilha, extrahida por Bertholet das observações feitos em Guaxaca por Thierry de Mononville, e copiada do 5º tomo dos annaes de chimica por Frei José Marianno da Conceição Velloso.*

« Espero que, sendo esta memoria espalhada pelo Brasil, e particularmente pelos povos de beira mar, que possuem tantos tratos arenosos, inuteis a toda outra planta, excepto esta, haja de produzir um maravilhoso effeito no commercio nacional, pela grande falta que se experimenta d'este genero, assim na Europa como na Asia. Que ella se dê bem nas arêas, é um facto da nossa agricultura do Brasil; pois governando o Rio de Janeiro o Exm. Luiz de Vasconcellos e Sousa, animou tanto a sua cultura nas freguezias que ficam pela praia ao norte da mesma cidade, isto é, Taipú, Maricá, Saquarema e Irarua ma, de que se lembra a *Relação* do inglez Fauton, que não só chegou a mandar grandes partidas para este reino, compradas pela real fazenda, como tambem a dar um tom de vida a estes ichthyophagos povos, que só viviam dos peixes que pescam nas grandes lagôas, em cujas margens estão aquellas freguezias, e os vendem na cidade. A longitude de 18 leguas, que ha entre as duas cidades de S. Sebastião e da Assumpção de Cabo-Frio, sem contar o mais, e menos da lar-

gura, como roubada pela enfiada de lagóas, que se poderiam contar, e fazer navegaveis até ao Rio, sendo coberto de urumbebaes, plantados e cultivados em regra, quanta riqueza não deveriam esperar de um semelhante estabelecimento ? »

O primeiro facto é o que foi observado pelos hespanhões quanto aos usos que os indios do Mexico faziam da cochonilha, da qual serviam-se para tingir o algodão e na pintura das suas casas. Foi Reaumur quem lembrou ao principe regente de França a vantagem de desenvolver-se a cochonilha nas colonias francezas; e coube a Menonville a glória de vir ao Mexico em procura do insecto, cujas qualidades eram por muitos apregoadas. De Vera-Cruz dirigiu-se a Guaxaca vencendo mil obstaculos materiaes; illudia a vigilancia das autoridades, misturando a urumbeba com outras plantas, para que todos attribuissem um fim botanico á sua viagem, e d'esse modo conseguiu embarcar depois de attingir o alvo da sua espinhosa missão. Mas não transpôz o oceano sem lutar com outras contrariedades. Este immenso sacrificio não obteve a recompensa devida, e em 1780 succumbiu sob o peso de um profundo desgosto.

O estudo da *urumbeba* é importante, porque sôbre ella e á sua custa vive o insecto de que temos fallado. E' uma planta da familia das *cactaceas*, — especie — *Cactus coccinifer*, cujo caule e cujos ramos são articulados entre si, parecem nascer um dos outros e são de um comprimento regular. Na opinião do autor, a seiva é *mucilagínosa*, como uma *gomma opaca, branca ou amarella*, e com mais outros traços caracteristicos.

Na descripção summaria das folhas nota a existencia de muitos espinhos na axilla de cada uma d'ellas; espinhos de diversas côres, de 6 a 30 linhas de comprimento, duros e agudos, que se prolongam em sedas; nada diz quanto á

origem d'estas armas de defesa. Não conhecemos a planta senão em desenho ; mas, pelo raciocinio, talvez possamos esclarecer mais o facto, ainda que ligeiramente.

1º facto. Um espinho póde ter por origem uma estipula, como em uma planta leguminosa conhecida por *tapa-pipa*. Estudando-se alguns ramos d'este vegetal, nota-se que algumas estipulas são foliaceas ou membranosas, e que as de cima têm mais consistencia, augmentando até um gráo de consideravel rigidez. Estas ultimas são tão duras que os tanoeiros servem-se d'ellas para brocar as pipas.

2.º A bainha d'espada (*theophrasteas imperialis*?) assim como a pequena arvore *grumamé* ou *Santa Luzia* das euphorbiaceas, tem os bordos das folhas guarnecidos de agudos espinhos, que são formados pelo proprio tecido fibrovascular das nervuras secundarias, que se prolonga além das orlas das respectivas folhas.

3.º No joá, da familia das solanaceas, as armas de defesa nascem do dorso de cada folha, e por isso offendem aos que ignoram a sua existencia. Têm uma relação immediata com a estrutura anatomica das nervuras de que provêm.

4.º Na tinguaciba (*xanthoxylum spinosum*), da familia da rutaceas, os espinhos são constituídos pelo tecido suberoso da casca dos ramos ; elles na roseira tomam o nome de aculeos.

5.º No *citrus aurantrium* provêm da parte lenhosa dos ramos, ou dos feixes fibro-vasculares que a constituem ; de sorte que é necessario maior esforço para destacar-se um d'estes do que um aculeo.

6.º Assim como o peciolo de certas folhas transforma-se em gavinha ou mãozinha, como em algumas bigoniaceas, tambem póde produzir uma arma de defesa.

7.º Um ramo abortado n'axilla d'uma folha póde transformar-se ou em órgão de apprehensão como em algumas passifloreas, ou em arma defensiva.

8.º A nervura mediana de cortas folhas tambem póde produzir os dois órgãos já citados, do mesmo modo que as linhas medianas de alguns sepalos, bracteas, etc.

Regra geral: todo o elemento d'um vegetal que tiver a propriedade de transformar-se em qualquer dos dois órgãos— *gavinha ou em arma de defesa*, poderá apresentar-se sob a fórma do outro.

Appliquemos estes principios á *urumbeba*.— Nas cactaceas (a) ha ausencia de folhas, que representam os pulmões e o estomago dos animaes; de maneira que a respiração n'essas plantas faz-se pelos stomas da epiderme do caule, que é d'um verde distincto, muitas vezes carnososo, e guarnecido como na *flôr da noite ou do baile*, e nas *opuntias* mamillarias, etc., de espinhos agglomerados de distancia em distancia. A presença, pois, d'este órgão n'axilla das folhas da *urumbeba*, onde formam-se e desenvolvem-se os gommos, indica uma tal ou qual ligação com os órgãos que estes encerram. Um gommo contém um pequeno ramo em miniatura, e uma serie de folhinhas em rudimentos, cujos merithallos são nullos, arranjadas de diversos modos. Si estes elementos foliaceos não se desenvolverem, as suas nervuras principaes poderão subsistir sob a fórma de espinhos, si tiverem adquirido a necessaria consistencia. Só vimos o desenho da planta; por isso não affirmaremos qual a verdadeira origem d'elles, embora estejamos inclinados a explical-a como ha pouco o fizemos.

(a) Fazem excepção as especies do genero *pereskia*, uma das quaes encontramos nos arrabaldes do Rio de Janeiro.

O estudo d'estes órgãos accessorios cresce de importancia, porque muitas vezes auxilia-nos na classificação das plantas, que os contêm; citaremos quatro exemplos. Na familia das passifloreas, cada gavinha nasce da axilla d'uma folha, porque provem do aborto d'um ramo.

As plantas, como as *parreiras*, que possuindo gavinhas, as apresentam na posição do pedunculo, tiram d'elle a sua origem. Na *vitis vinifera* a inflorescencia, e a gavinha (mais tarde), são oppostas ás folhas.

Nas cucurbitaceas as mãosinhas nascem de diversos pontos do caule, que é voluvel. Segundo De Candolle, em alguns casos resultam das estipulas, o que não se applica ás plantas que temos observado, como sejam: as especies de cucumis, cucurbita.

Finalmente em algumas bignoniaceas os peciolos, depois da quéda das folhas, torcem-se em espiral, constituindo verdadeiras gavinhas, que prendem-se ás plantas visinhas afim de sustentar o vegetal a que pertencem.

Continuemos a nossa analyse. Depois de descrever a flôr da urumbega, comprehendendo os quatro órgãos que a compoem, aponta diversas especies de urumbebas, como sejam: a tuna, ou *raqueta da borda do mar* na phras^e dos colonos de S. Domingos; a pata de tartaruga, em cujo caule encontram-se longos espinhos, e sobre o qual vive a cochonilha silvestre; a *raqueta hespanhola*, cujo crescimento é notavel; o nopal silvestre, arbusto de 18 a 20 pés de altura; — considerando como melhores as urumbebas de Castella e do Jardim do Mexico, primando aquella pela sua belleza. As menos espinhosas favorecem mais a colheita da cochonilla, comquanto algumas, que possuem muitas armas de defesa, sejam adequadas á nutrição d'este insecto.

Os apontamentos que em seguida esboçamos, alguns dos

quaes não escaparam ao autor da obra que discutimos, têm por fim preencher as pequenas lacunas que n'ella encontrámos.

A classe dos insectos, do grande ramo dos articulados, compõe-se das seguintes ordens, segundo a classificação do immortal Cuvier :

Hymenopteros, Hemipteros, Coleopteros, Nevropteros, Orthopteros, Lepidopteros, Dipteros, Anoploros, Rhipipteros e Thysanureos. — Ao todo 10 ordens: cada uma d'estas ainda se divide em familias.

A cochonilha é um insecto da ordem dos hemipteros, da familia dos gallinsectos; e vem do grego *coccinos*, que quer dizer côr escarlate. Pertence ao genero *coccus*; e a especie mais importante é o *coccus .cacti*. Vive, em geral, sôbre a urumbeba e á custa do seu succo, que elle absorve com a pequena tromba que possui; prefere as articulações d'esta planta. e a que tem menos espinhos. As partes principaes do seu corpo consistem: em duas antenas, que alguns consideram como o orgão da audição; tem 6 pés curtos e duas azas (a do sexo masculino), cabeça pequena, e duas sedas na extremidade inferior do abdomen. Quando se quer cultivar a cochonilha, preparam-se previamente os urumbebaes, distribuindo sôbre cada individuo d'esta especie um certo numero de ninhos fabricados *com o tecido utricular* das folhas das palmeiras, e repartindo por elles os pequenos insectos afim de serem fecundados.—Depois de um mez contado da época da fecundação, apparecem os cachos formados pelos insectos, que por algum tempo abrigam-se no abdomen de quem lhes deu o ser, e pouco a pouco vão-se desenvolvendo e procurando por si mesmos o alimento de que necessitam na propria planta, sôbre a qual passam todas as phases de sua curta existencia, ou até o momento em que o homem julga

oportuna a sua colheita. A vida do insecto do sexo masculino termina pouco depois da fecundação; e a da femêa prolonga-se até ao nascimento dos seus filhos.

A colheita d'este insecto consiste em tiral-o do vegetal que o sustenta, raspando-se a epiderme com um instrumento não muito cortante. Introduz-se n'agua em ebulção, e depois de morto, deixa-se seccar ao sol, até adquirir o aspecto d'um pequeno grão escuro. A sua importancia reside no principio corante que elle contém, e que as artes utilizam com o nome de carmim. Si puzermos em contacto com a agua os grãos que vendem no mercado, no fim de algum tempo augmentarão de volume, e poderão apresentar alguns traços da estructura anatomica do insecto que foi transformado.

Alguns preferiam cultivar a cochonilha fina, de preferencia á cochonilha silvestre, por ser a primeira muito mais rica de materia corante; mas, em compensação, a segunda resiste melhor ás chuvas e ás inconstancias dos climas, e exige menos trabalho para a sua conservação.

A cochonilha contém, além do carmim, uma materia azotada, saes de potassa e de cal, e uma substancia graxa.

A lã e a seda tornam-se escarlates pela acção do principio corante já citado; tambem certos pós, tintas e alguns licores devem a elle a sua côr carmesim. Os alcalis têm a propriedade de mudar-lhe a côr.

Accrescentaremos mais algumas idéas, antes de darmos por finda esta succinta analyse :

Não nos consta que o algodão segregado no corpo d'este insecto tenha sido aproveitado para qualquer fim notavel.

Este insecto, que se procurou introduzir no Brasil, graças tambem aos esforços do nosso digno compatriota, tem por patria o Mexico, onde o distinguiam em cochonilha fina e silvestre; foi cultivado na ilha de S. Domingos, e os

europêos o conhecem desde 1523, pouco mais ou menos.

A acção do alun é necessaria para obter-se o carmim do animal, que o encerra.

A sua preparação foi descoberta por um monge franciscano, segundo alguns affirmam.

O merecimento d'este trabalho, ainda que pouco extenso, é percebido por quem lê cada uma das suas paginas com todo o escrupulo e decidido interesse.—O estudo da urumbeba augmenta de valor pelo auxilio indispensavel que ella presta á cochonilha, a quem cede o alimento necessario á sua subsistencia. A importancia d'este insecto reside no principio corante que d'elle se extrah e que a sociedade aproveita para fins diversos. Temos além disso a descripção do vegetal, que é de grande interesse para o botanico que deseja conhecer, assim como os traços caracteristicos da cochonilha, que são de immenso valor para os que estudam a zoologia, principalmente para quem se fizer especial nos conhecimentos da classe mais importante do grande ramo dos articulados.

CAPITULO XIV

Em Lisboa publicou Fr. Velloso diversas memorias, sôbre a pipereira negra ou pimenta da India, do governador da India (a), de Guilherme Piso, de Savary, e de Edward, guiado pelo pensamento de facilitar a sua cultura no territorio do Brasil. Acompanha uma unica estampa, em que facilmente se observa a fórma e inserção das folhas, a grandeza relativa dos peciolos, a continuidade dos bordos, e a nervação; articulação dos ramos, a inflorescencia, a fórma do calix, numero de dentes, a flôr

(a) Governador e capitão-general. Francisco da Cunha Menezes.

aberta, e o fructo situado sôbre o pedunculo. O desenho não é completo, por isso que não comprehende os estames, nem o fructo e o ovario abertos, para que se reconheça o numero de lojas e a disposição dos grãos, nem o numero de carpellos, e outros pormenores, que facilitam muito o estudo de qualquer planta.

As applicações da pipereira são conhecidas, quer na medicina, quer nos alimentos. No commercio da India sempre figurou como um dos productos de exportação para diversos pontos do globo; todos apreciaram as suas propriedades, e d'ellas utilizaram-se em larga escala. E' o *Piper nigrum* da familia das piperaceas, a respeito da qual Achilles Richard exprime-se do seguinte modo na sua *Historia Natural Medica* (a):

— Cette petite famille doit être rangée parmi celles où les propriétés médicales présentent l'uniformité la plus grande. »

Diz o mesmo illustre botanico que a pimenta da India, em mistura com os alimentos, excita as forças digestivas e favorece a digestão de certas substancias, que sem ella, este orgão não poderia supportar. — E' um dos medicamentos excitantes mais energicos, aconselhado contra as febres intermitentes e contra outras molestias.

Analyse do fructo por Pelletier. — Estes dados não são encontrados nas memorias publicadas pelo illustrado Fr. Velloso, e por isso apressamo-nos em patentear-os (b).

Uma substancia crystallina, insipida, que não se combina com os acidos, designada por piperina;

Oleo concreto, esverdeado e de sabor acre;

Oleo volatil balsamico;

(a) Botanica de Achilles Richard.

(b) Tomo II, pagina 241.

Substancia gommosa ;
Saes terrosos ;
Principio extractivo ;
Acidos malico e urico ;
Bassorina .

A pimenta cresce naturalmente na India, mas tem sido cultivada vantajosamente em outros lugares ; citaremos como exemplos : nas ilhas de Java, Malaca, Sumatra e Bornéo.

A ausencia d'estes elementos no trabalho, que nos occupa n'este momento, torna-o menos completo ; mas sobresaem outros pontos não destituídos de interesse, em que tocaremos ligeiramente.

As dimensões do caule, assim como os característicos das folhas, elementos do fructo, época da colheita, modo de colher as sementes, o plantio, influencias do clima e do terreno, são os principaes dados para o estudo d'esta planta, que encontrámos na primeira memoria.

Não descreve o fructo (que é uma baga), em todas as suas partes, e passa muito por alto no exame da flôr ; menciona as arvores em que ella se apoia ; é de opinião que, nos terrenos arenosos de Gôa, esta pimenta não prospera ; prefere os terrenos argillosos, vermelhos na côr, ou d'um vermelho escuro, ou lodosos. A mais aromatica provém de *Bragare*, *Talicheira*, e *Catecut* ; mas a sua cultura estendia-se a outros pontos, como *Salcete*, *Pandá*, *Gôa*, *Bardez*, etc.

Não é esta a unica planta das piperaceas que goza das propriedades supracitadas. Além da pimenta da India, temos a de Madagascar conhecida pelo nome cubeba, ou *pimenta rabuda*, e a *pipereira da China* ; ambas ellas são citadas n'este trabalho, porém não estão descriptas.

Segundo Achilles Richard, os fructos da *piper cubeba*,

são esphericos, d'um pardo escuro, carnosos, com linhas salientes na superficie e longamente pedicellados ; um pouco menos aromatico e de sabor menos pronunciado que o da pimenta da India ; muito efficaç contra as *blenorragias urethraes*, segundo os resultados obtidos pelos Drs. Grawford e Barclay, em Inglaterra, e depois por Velveau e Cullerier, em Paris. O principio activo da cubeba, que lhe dá o sabor acre, foi descoberto por Cassola e por elle denominado *cubebina*.

Vauquelin analysou-a (a) ; e correm impressos os resultados das suas experiencias. Existe na India uma outra especie — o *piper longum* que muito se aproxima da precedente ; o fructo é escuro, acompanhado por um certo numero d'escamas do calix, e empregado na medicina.

O *piper angustifolium* do Perú (b), quer em infusão, quer em tintura, foi empregado com vantagem no tratamento da leucorrhéa chronica. — Os Indios serviam-se d'esta planta para estancar o sangue de qualquer ferida.

A bebida conhecida por *ava*, que éra usada em algumas ilhas do (c) Oceano Pacifico, prepara-se com a raiz do *piper methysticum*. — Humedece-se primeiramente com a saliva, e depois fermenta-se, ajuntando-lhe o leite do côco.

A substancia que os habitantes das ilhas de Sonda mastigam é uma mistura das folhas do *piper betel*, da India, com alguns principios adstringentes, cal e noz da *Areca catechu* ; segundo as indicações do eminente botanico francez A. Richard.

Estas poucas linhas são mais que sufficientes para que

(a) Pagina 240 da *Historia Natural Medical* de A. Richard, 2º vol.

(b) Pagina 241 da *Historia Natural Medical* de A. Richard, 2º vol.

(c) Pagina 241 da *Historia Natural Medical*, de A. Richard, 2º vol.

passamos ajuizar conscienciosamente do valor das Memorias publicadas por Fr. Velloso; e para o conseguir frisamos bem o gráo de importancia da planta que elle teve em vista vulgarizar, patenteando ao mesmo tempo dados interessantes sôbre outras *pipereiras*, que não estão incluídas no seu opusculo, mas que hoje enriquecem as paginas de diversas obras monumentaes de botanica. Si não foi completo n'esta parte, primou pela exactidão e pelos conhecimentos uteis que ahi accumulou.

CAPITULO XV

No quadro das obras que foram traduzidas pelo sabio Velloso incluiremos a *Helminthologia Portugueza* de Jacques Barbut, ou o estudo de diversos articulados, alguns zoophytos e molluscos, com bons desenhos coloridos, e enumeração de muitas especies já descriptas. O estudo d'ellas não offerece tanto interesse; estes animaes occupam, pela sua organização imperfeita, os gráos inferiores da escala zoologica. Velloso reconhece esta verdade em sua dedicatória a Sua Magestade o Sr. D. João VI. Para os que têm cultivado a zoologia, este trabalho não será uma fonte de idéas novas, porque foi publicado quando a sciencia ainda não apresentava o desenvolvimento que hoje applaudimos. Entretanto, si considerarmos sómente os conhecimentos helminthologicos d'outros tempos, seremos obrigados a prestar homenagem á importancia scientifica d'esta produção.

Mais uma vez notaremos a confusão de certos animaes em grupos proximos, os quaes, presentemente, formam divisões distinctas, que baseam-se no estudo profundo dos seus caracteristicos anatomicos. Já discutimos em outro lugar o quanto tinha de imperfeito o systema estabelecido por

Linnéu, que de modo algum podia abranger as differenças fundamentaes que distinguem mais naturalmente os seres organizados do reino animal. Os quatro typos de organização que servem de base á classificação de Cuvier, hoje aperfeiçoada, são representados pelos animaes de cada um dos grandes ramos, e aliás reconhecidos até pelos que adquiriram sómente idéas geraes sôbre esta sciencia. O homem, como o primeiro dos vertebrados, ou outro qualquer ser d'uma das quatro classes, afasta-se completamente d'uma abelha, que é um articulado da classe dos insectos, assim como esta afasta-se manifestamente d'uma *ostra* (mollusco acephalo), e, principalmente, d'um radiado *echinodermo*—como o *ouriço do mar*, e, *d fortiori*, d'outros zoophytos de organização ainda mais imperfeita.

A sciencia passou por muitas phases, que a historia commemora, e que constituem os diversos degrãos do monumento scientifico que os seculos não destruíram, attestando os embates vigorosos de muitos espiritos laboriosos e profundos nas suas indagações. D'estas tentativas resultaram desejos de emprehender outras ainda mais proficuas; e todos estes elementos reunidos serviram de solido fundamento para o descobrimento da verdade, unico alvo e a mais legitima aspiração dos profundos observadores da natureza.

Este defeito que apontamos na obra de Barbut, e que Velloso não discute, tem uma explicação bem plausivel nas palavras que acabámos de escrever. Agora só nos resta apontar a natureza do trabalho, assim como as suas divisões e subdivisões, algumas das quaes não estão muito em harmonia com os conhecimentos actuaes.

Estes animaes imperfeitos foram por elle distribuidos em cinco ordens: *intestinos*, *molles*, *testaceos*, *lithophytos* e *zoophytos*, isto é, animaes molluscos e articulados, que,

segundo o methodo natural hoje admittido, formam dois grandes ramos.

A ordem dos *intestinos* contém animaes *simples*, *nús* e *sem membros*, e comprehende sete generos a que pertencem as especies que vamos mencionar.

O *gordio* ou *cabello aquatico*, que tira o seu nome do aspecto filiforme do corpo, que é liso, arredondado e tão delgado como um fio de cabelo. Vive em terrenos argillosos ou em aguas doces.

O *gordio d'argilla* tira o seu nome do facto de ser sempre encontrado no barro, e differe do primeiro pela côr amarella das suas extremidades.

O *gordio muscular* procura de preferencia os musculos dos braços e pernas, e é natural das Indias, onde encontra-se no orvalho da manhã.

O *gordio do mar* tem o corpo em espiral; vive n'agua salgada e ataca aos peixes, como o *gordio muscular* ao homem.

O genero *ascaris* é notavel por uma especie *ascaride vermicular* ou lombriga, que introduz-se pelo tubo intestinal, e é considerado como verdadeiro flagello, por ser a causa de serios incommodos e de diversas molestias, que tomam máo character nas idades pouco avançadas. Tem o corpo comprimido nas duas extremidades.

No reino vegetal os medicos encontram poderosos vermifugos e os utilizam vantajosamente; e entre elles citaremos a *andira vermifuga* e a *anthelminthica*; papilionaceas, esta é conhecido vulgarmente por angelim amargoso, por que a madeira tem um amargo insupportavel e duradouro; obtém-se o pó do cerne, mistura-se com leite e bebe-se para expellir os vermes. Na familia dos artocarpeas encontramos a gamelleira, *urostigma dolliarium*, cujo succo toma a côr de breu, em contacto com a atmosphaera.

Das salsolaceas utilizamos os chenopodims, cujos effeitos são salutaes, mas que nem sempre são usados pelo seu sabor repugnante: é o *chenopodium ambrosioides* de Linné, etc. Como medicamento mais brando, muitos aconselham a infusão das folhas de ortelã, planta da familia natural das labiadas, tão commum nos nossos jardins e hortas.

O autor apênta os meios de debellar os males produzidos pelo gordio muscular; mas nada diz quanto á outra especie, e esta lacuna justificará as nossas ultimas observações.

O genero *lumbricus* tem os seus caracteristicos substancialmente enunciados, assim como os das duas especies descriptas, que podem ser verificados no desenho que acompanha a descripção.

Os *annelidas* mais importantes são, sem contestação, as sanguessugas, porque prestam um immenso auxilio á medicina, e distinguem-se em *sanguesuga medicinal* dos cavallos, *geometra* e *ouricada*. Menciona um certo numero de signaes, mas olvida alguns elementos interessantes para a sua historia.

Os antigos não ignoravam a faculdade que têm estes animaes de sugarem o sangue; mas o seu emprêgo na medicina foi conhecido annos depois de se ter vulgarizado este factó. Eram importados da Asia-Menor, da Syria e da Georgia, para a Europa.

Não ha quem desconheça o seu modo de viver, os seus usos, a maneira de applical-os e os dados anatomicos que fornecem. E' a *sanguesuga officinalis* da pequena familia das hirudineas.

A sua segunda classe é muito impropriamente designada por *molluscos*, como si a estrella do mar e o ouriço do mar, que elle contempla só debaixo d'esta denominação,

não tivessem uma textura radial, como outros animaes do grande ramo dos zoophytos, e aos quaes estão igualmente ligados por outros pontos de semelhança !

Nos dezoito generos descriptos figuram muitas especies conhecidas, embora separadas dos grupos naturaes a que hoje pertencem, com as suas competentes figuras e traços distinctivos.

Eis o quadro de algumas especies da segunda classe :

Asterias ou estrellas do mar.—Estrella lua, estrella empolada ou de mamillos, estrella purpurea, estrella reticulada, estrella nodosa, estrella equestre, estrella lisa, estrella cauda colubrina, estrella pestanuda, estrella com pente, estrella cabeça de Medusa.

Ouriço (echinus).—Ouriço comestivel, ouriço das pedras, ouriço diadema, ouriço turbante, ouriço de mamillos, ouriço do mar negro, ouriço enxada, ouriço lagôa, ouriço rosa, ouriço rêde, ouriço bólo, ouriço circular.

Medusa.—Medusa encruzada, medusa de orelhas, medusa cabelluda, medusa barrete, medusa oval, medusa globosa, medusa ondeada, medusa bolsa, medusa de véo, medusa parda, medusa tuberculada.

Ciba, cinco especies ; clio, duas ; scilea, uma ; lerneia, tres ; tritão, uma ; berbequim (tefebella), uma ; holothuria, cinco ; thetis, uma ; actinia, tres ; ascidia, quatro ; nereida, cinco ; aphrodita, quatro ; limão do mar, tres ; lebre do mar, duas ; lesma, quatro.

Bem diz o padre-mestre Velloso na dedicatoria ao seu bemfeitor, quando procura realçar a importancia d'este trabalho : « Isto supposto, Senhor, o estudo d'estes diminutos animalejos não é d'aquelles que só se devem fazer por um simples recreio ou mera especulação, mas sim por

necessidade. Porquanto, si o seu util não tem tanta extensão que os faça credores de grandes resultados, sempre se lhe encontra algum, que pôde muito bem despertar a nossa sensibilidade e estimação. Quem olhará com apathia as sangradouras sanguessugas em muitas molestias, a que são applicadas e proprias? Quem será insensivel ao beneficio que fazem os gordios ou cabellos aquaticos, rompendo a argilla e guiando a agua pelos meatos intraterraneos, que acabaram de abrir? para o ouriço comestivel, de que se alimentavam os antigos romanos, e ainda hoje os francezes de Marselha, que os vendem como mariscos?

« Mas o damnoso dos da primeira ordem, chamados intestinaes, certamente requer que os esmerilhemos até onde puder chegar a nossa penetração. »

Muitas outras linhas d'esta dedicatoria foram consagradas por Fr. Velloso á apologia do Principe regente, cujo espirito bemfazejo, altamente patriotico, e sempre inclinado a beneficiar com profusão aos homens de letras e laboriosos, foi por elle lembrado com a mais profunda veneração, e com o mais acrysolado reconhecimento.

Deploramos que o nosso compatriota não tivesse publicado outros trabalhos, que provassem os conhecimentos por elle adquiridos em philosophia, nas materias ecclesiasticas, estudos que mereceram igualmente a attenção de Velloso em todas as epochas de sua vida monastica. Como prégador, assim nos lega a tradição, a sua erudição manifestou-se, mais de uma vez, em diversos sermões bem elaborados, os quaes foram sempre dictados pelo sentimento da religião que abraçára, e pela fé robusta nos dogmas e preceitos do christianismo.

Na ausencia de mais estes documentos, que seriam verdadeiros titulos de gloria para a nobre frente do illustre franciscano, sobejam-nos outras provas irrecusaveis de sua

vasta illustração e da vigorosa intelligencia que a natureza lhe concedêra. Ainda não percorremos todos os opusculos dados por elle á luz da publicidade. E si a nossa ligeira analyse não pôde abranger a totalidade dos seus escriptos, a causa reside na immensa difficuldade de os reunir.

Os manuscritos, e os livros que encontraram depois da sua morte, foram offerecidos pelo vigario provincial Fr. Antonio Agostinho de Sant'Anna a S. A. Real, que, por um aviso de 8 de Novembro de 1811, assignado pelo conde de Aguiar, houve por bem aceitar-os e mandar depositar na real bibliotheca. Provavelmente El-rei levou-os para Portugal, como homenagem á memoria do subdito fiel a quem sempre cobrira com o seu manto protector.

CAPITULO XVI

Analysa do tratado sobre a cultura, uso e utilidade das batatas, ou pepas, do Hespanhol D. Henrique Doyle.

Fr. Velloso, depois de reunir todas as informações que colhêra do estudo d'essa obra, publicou em portuguez o seu conteúdo com o fim de vulgarizar a utilidade e usos do *Solanum tuberosum*. A agricultura do Brasil recebeu das mãos do illustre botanico mais este importante serviço, gozando dos beneficios que elle soube descrever a respeito d'este ornamento do mundo das plantas.

Na phrase de *D. Henrique Doyle*: *No ai renglon de la agricultura, despues del trigo, que mereça mas attention para la conservacion y aumento de la poblacion del pais que sea que el cultivo de las batatas.*

Faremos sobresahir o pensamento cardeal d'este util trabalho; começaremos, porém, por algumas considerações que Velloso esqueceu-se de mencionar na sua traducção.

O *Solanum tuberosum* é originario da parte da cordilheira dos Andes pertencente á republica do Perú. Nos arredores da cidade de Lima foi encontrado em estado selvagem. O nome de *Parmentière*, pelo qual era conhecida em outros tempos, faz lembrar o de *Parmentier*, a quem a França deveu o grande desenvolvimento da cultura d'esta planta e o conhecimento dos seus usos.

Transportaram-na para a Europa no fim do seculo XVI.

E' cultivada com vantagem em diversas latitudes, tanto nos paizes situados na zona temperada, como entre os tropicos ; cresce em diferentes alturas de montanhas elevadas e em pontos taes que, pela sua baixa temperatura, não comportam a cultura de muitas outras plantas. Cresce em terrenos de composição diversa, com tanto que não sejam compactos, para que os seus ramos inferiores possam introduzir-se na terra e encher-se de fecula em certos pontos. Estas intumescencias de *amido* são conhecidas pelo nome de tuberculos.

Em outras plantas muito usadas, como o inhame ou taioba (a), o cará (b), a mandioca (c), a batata doce (d), o aipim (e), a dahlia (f), etc., as raizes são tuberosas, porque os depositos de fecula ou tuberculos são encontrados na porção inferior do axophyto, enquanto na batata inglesa existem nos pequenos galhos que nascem da porção inferior do caule, os quaes penetram no terreno, confundindo-se d'este modo com as raizes propriamente ditas. Nas plantas que têm tuberas o deposito de fecula faz-se

(a) *Caladium esculentum* da familia das aroideas.

(b) *Dioscorea alata* das dioscoreas.

(c) *Manihot utilissima* das euphorbiaceas.

(d) *Convolvulus batatas* das convolvulaceas.

(e) *Manihot aipim* das euphorbiaceas.

(f) *Dahlia* das synanthereas.

ou no *rhizoma*, na *raiz mestra*, nas *fibras radicaes*, ou nas *raizes adventicias*.

Estes tuberculos são usados em larga escala como alimento muito nutriente, quer isoladamente, quer em mistura com outros alimentos. Além da fecula, contém materias graxas, mineraes, azotada, cellulosa, agua, dextrina, etc., etc.

Em quasi todas as obras de botanica figura a descripção das folhas, flôr, fructo, caule, raiz, e por isso nada diremos a este respeito.

A fecula, em relação aos vegetaes, tem a mesma utilidade que a gordura nos animaes; é um depósito de alimento, á custa do qual elles nutrem-se quando estão impossibilitados de o procurar nos meios em que vivem. As sementes da batata ingleza não são abortivas; podem germinar, produzindo novos individuos, mas a sua cultura funda-se tambem na reproducção por gommos; introduzindo-se um tuberculo no solo, o *oleo* ou *gommo* expande-se á custa do *amido* que elle contém, e produz um caule, que cobre-se de folhas, que floresce e fructifica.

⁂ Todos os embryões, endospermicos e epispermicos, encerram uma certa dóse de grãos de fecula nos utriculos do endosperma, ou nas cellulas das cotyledones; esta fecula transforma-se em dextrina, e depois em assucar, que, dissolvido n'agua, constitue o primeiro alimento do germen reproductor. Terminado o periodo da germinação, as raizes passam a exercer as suas funcções, absorvendo do terreno o succo necessario á vida da planta.

O autor abstrahе d'algumas d'estas considerações; e principia exultando as optimas qualidades da planta, sua importancia como alimento, comparando-a com outras substancias nutritivas.

No capitulo 2º menciona as condições de fertilidade

do terreno; considera a terra arenosa como não prejudicial ao desenvolvimento d'esta planta, e como perniciososa a que pela sua compacidade obstar á livre expansão das raizes; nota as vantagens dos adubos, e a indicação dos meios de preparar o terreno para a cultura da batata nas provincias da Hespanha. De todos os methodos o que elle aconselha como mais conveniente e vantajoso é o de abrir regos, d'um pé ou mais de profundidade, com um e meio de largura, distantes uns dos outros dez palmos, sendo fertilizados com uma camada d'estrume. As sementes devem ser envolvidas por uma certa quantidade de adubo, não só para favorecer o seu desenvolvimento, como tambem para abrigal-as contra o rigor do inverno.

Cita o facto das tres colheitas em um anno, na ilha das Canarias, com tres plantações em mezes diversos: Janeiro, Setembro e Novembro; e o rendimento de mais de 16,000 pesos, obtido na ilha de Tenerife.

Os pães, que alguns povos utilizavam como alimento mui substancial, eram feitos com fecula das batatas. Para isso escolhiam as mais farinhosas; depois de cozidas, separavam as duas partes amarella e branca da polpa, e obtinham assim duas qualidades de pão, a primeira das quaes era mais delicada e appetecida.

Para tornar o seu trabalho mais completo, o autor solicitou do Dr. Timotheo O. Scaulau o seu parecer a respeito da utilidade d'esta planta, que consta d'uma carta, em que foram incluídas as observações de Parmantier.

Os habitantes da Irlanda foram os primeiros que a cultivaram na Europa, pelo facto de terem encontrado as raizes espalhadas em alguns pontos da costa occidental da Irlanda, onde foram lançadas casualmente pelo navio em que viajava o almirante inglez Walter Raley, em consequencia de um forte temporal que sobreveiu antes do termo da sua

viagem. Transportou-as d'America ; e os seus usos vulgarizaram-se na Irlanda, e em outros paizes de Europa.

Para provar o quanto tem de succulento este alimento, lembra a robustez e boa saude dos habitantes d'aquella ilha, a maior parte dos quaes nutria-se principalmente á custa dos tuberculos do *solanum tuberosum*. Menciona as diversas applicações da batata ; quaes os alimentos que a continham, quer entre as pessoas abastadas, quer nas classes menos favorecidas da fortuna.

Parmentier, a quem se devem tantos estudos sobre esta planta, quiz fazer conhecidos os seus usos ; para o conseguir reuniu seus amigos em um banquete, cujos guisados compunham-se exclusivamente d'estes tuberculos preparados de differentes modos ; lembrou-se do fructo para a composição de uma bebida que substituisse ao café.

Louva a sua acção contra o escorbuto, e em mais outras affecções do nosso organismo. Ao excesso d'agua, que indicámos na analyse chimica da batata, attribue elle a grande facilidade com que é digerida, pelo facto d'este liquido conservar os principios componentes em estado de extrema divisão.

Em razão da prodigiosa riqueza d'estas tuberas a subsistencia dos povos está garantida contra a escassez das más colheitas ; o consumo do trigo póde diminuir ; outros animaes nutrem-se á custa das suas folhas, e da propria raiz ; e tudo isto não depende de grande extensão territorial para a cultura ; porquanto os factos provam que de cada um dos individuos obtem-se um peso consideravel de materia alimenticia.

Outras idéas, que engrandecem a utilidade d'este trabalho, foram bebidas nas observações de diversos homens notaveis, aos quaes não escapou a importancia do vegetal em questão.

No anno de 1786, o Dr. *Adam Smith* publicou em Londres uma obra, que tem por titulo a *Riqueza das nações*, onde incluiu as suas observações sôbre a cultura e propagação das batatas. Exalta as vantagens e propriedades d'esta planta; aponta como inconveniente, que não estende-se ao *S. tuberosum*, o estado de extrema humidade a que se reduziam os terrenos, em que cultivavam o arroz (a) (comquanto reconheça o seu prestimo e utilidade), o que não acontecia com a batata ingleza, cuja cultura éra adequada a todos os climas e a todos os terrenos. Em sua opinião, uma certa porção de terra que fornece, por exemplo, doze a treze mil arrateis de peso de tuberculos, não poderá produzir mais de dois mil arrateis do melhor trigo.

Prova a superioridade do pão de trigo sôbre o de *aveia*, assim como as vantagens do pão de batata, comparando a robustez dos habitantes da Inglaterra, da Escossia e Irlanda, que os procuravam como alimentos substanciaes e de difficil substituição.

A sociedade de Agricultura de Paris recompensou os esforços feitos por *Parmantier* n'este sentido, approvando em um resúmdo, mas luminoso parecer, assignado por *Thovin*, e *Cadet de Vaux*, a obra por elle publicada, o que se deprehende do certificado passado pelo secretario perpetuo *Mr. Brossunet*. Convencendo-se todas as classes dos povos agricolas, que não cultivavam os cereaes, da facilidade com que se obteriam vantajosas colheitas d'uma planta tão alimentar, quanto não poupariam na importação d'outros productos que eram consagrados á nutrição do homem? Melhorar esta industria agricola; incutir no espirito da população a intima convicção dos

(a) *Oryza sativa* da familia das gramineas.

seus efeitos salutaes; poupar ao Estado maiores sacrificios pecuniaros com a compra, no estrangeiro, das sementes do trigo, e outros elementos para a sua subsistencia; tornar conhecidas as propriedades fundamentaes da preciosa planta, que encerra nos seus orgãos. « Uma substancia igualmente nutriente e de facil acquisição », taes foram as idéas capitaes e patrioticas que determinaram a coordenação de todos os trabalhos parciaes, que estão reunidos n'esta obra, que Fr. Velloso traduziu com o sentimento profundo de generalizar os beneficios incontesteis de sua cultura.

O principio economico consistia em fabricar o pão das batatas, consumindo uma dóse bem diminuta de farinha de trigo: a quarta parte, ou menos ainda, do peso do trigo seria sufficiente para a subsistencia diaria da população! O processo resume-se em oito operações: o cosimento das batatas crúas pelo calor do vapor, que desprende-se da agua em ebullicão; separação ou extracção da pellicula que envolve cada tuberculo; esmagamento das tuberas por meio de um cylindro e per tempo não determinado; a fermentação; addição do fermento, farinha e batatas; formação dos pequenos pães; sua introducção no forno para perderem pela evaporação uma parte da humidade; e, finalmente, o resfriamento gradual ao abrigo de qualquer compressão.

A preparação do *chunho* branco e do *chunho* negro pela acção do gelo, expondo-os por muitas noites successivas á acção de um frio rigoroso, protegendo-os durante o dia contra a influencia dos raios solares, separando os seus envoltorios e amassando-os com certos intervallos, para que a humidade desapareça e as papas tornem-se contínuas, tal é o objecto de uma carta escripta por *D. Ramon de Maya*. Mas no numero d'estes elementos, tão importan-

tes para o estudo de um dos vegetaes mais uteis, depará-mos com uma deficiencia, que, para maior gloria do illustre autor, seria melhor que não existisse.

Todos estes attributos tão maravilhosos do vegetal em questão, têm por principal causa a fecula contida nas tuberas; logo o estudo d'esta substancia, que se presta tambem a outras applicações que elle não aponta, deveria ter attra-hido a sua attenção, porque é digno de menção mui espe-cial. E como a sciencia de hoje não é a mesma que a dos tempos em que elle viveu, julgamos conveniente appellar para uma das primeiras notabilidades chimicas da Allema-nha, o mestre por excellencia Justus Liebig (a).

Os grãos de fecula da batata ingleza são mais brilhantes e volumosos que os do trigo; e, para obtêl-os, machuca-se ou moe-se fortemente cada tuberculo, sujeitando-o a suc-cessivas lavagens, até que adquira um aspecto leitoso, passando por uma peneira mui fina; o deposito da fecula obtem-se logo em seguida. Os grãos são inodoros, insipi-dos, sem côr, de fórma espherica, oval ou angulosos, e de dimensões variaveis. A sua purificação consiste em fazêl-a ferver em uma dissolução de uma parte de potassa caustica em cem partes de alcool, e depois em laval-a com agua pura ou alcool.

A *gomma* não é mais do que o amido em dissolução n'agua quente; a frio não se dissolve. Si deitarmos 20 partes de agua, na temperatura de 72° a 100°, sôbre uma parte da fecula extra hida do *solanum tuberosum*, obtere-mos uma massa muito mais gelatinosa do que a que se produz, em iguaes circumstancias, com a fecula do trigo e do arroz, cujos grãos são menores.

Quem procura reconhecer a presença de amido em

(a) *Tratado de chimica organica*, 3° vol.

qualquer utriculo vegetal, lança mão do iodo, que lhe comunica uma côr azul característica, formando-se o iodureto de amido. Sôbre esta reacção basêa-se a determinação da *ozona* na atmosphera. Os papeis de ozona, taes quaes os preparamos para as nossas observações no Rio de Janeiro, compoem-se de amido e iodureto de potassio. O oxygenio electrizado decompõe o segundo e apodera-se do radical; o iodo permanece em presença do amido, com o qual combina-se em presença da agua; e pela côr mais ou menos intensa, que se observa n'esta última reacção, conclue-se a maior ou menor quantidade de ozona que ha na atmosphera; o gráo de ozonização nos é indicado pelo ozonometro de Schoenbein. Já publicámos um pequeno trabalho a este respeito, e não vem muito a proposito repetir os nossos apontamentos.

Ainda mais outra propriedade das batatas. *Scaulan* diz que os escossezes extrahiam d'ellas um licor semelhante á agua ardente; o celebre chimico Payen obteve de suas experiencias um *residuo oleoso*, que continha um corpo graxo crystallizavel.

Segundo Liebig, submettendo-se a fecula d'estes tuberculos á acção de uma temperatura de 200°, depois de bem sêcca, ella poderá dissolver-se n'agua fria, formando um liquido mucilaginoso. Mas si a operação fôr feita em um vaso hermeticamente fechado, em razão da agua que contém, haverá fusão em uma massa diaphana e homogenea.

Mais um attributo. A fecula, a cellulosa e a dextrina são tres corpos isomeros, isto é, compostos dos mesmos elementos (carbone, hydrogenio e oxygenio) nas mesmas proporções, mas que gozam de propriedades differentes. A cellulosa é insoluel a frio e a quente; a dextrina dissolve-se com facilidade em ambos os casos. A fecula, já o

dissemos, só pelo auxilio do calor poderá ser dissolvida ; não resiste á acção da agua n'uma certa temperatura ; é atacada pelo iodo e bromo ; os acidos e alcalis a transformam em dextrina (a). 1,000 partes de amido das batatas, misturadas com 60 partes de acido tartarico, a 125° de temperatura, dão pela concentração uma massa transparente e gelatinosa, com textura conchoidea, e a parte insolúvel no alcool é a dextrina, que tem a propriedade de desviar para a direita um raio qualquer de luz polarizada.

Poderíamos ir mais longe, substanciando as particularidades que acompanham o estudo d'esta substancia, as quaes offerecem um amplo interesse scientifico, sem que apresentem uma relação immediata com o objecto principal do nosso trabalho. Contentamo-nos com as idéas que enunciámos, e com a exposição exacta de todos aquelles pontos, que porventura fizerem realçar o merecimento da obra que Velloso traduziu.

Em consequencia do alto preço a que chegou o trigo no anno de 1795 em Londres, a real junta da agricultura, attendendo á necessidade de urgentes medidas que favorecessem a população contra a crise, que ameaçava enfraquecê-la, publicou uma longa lista, em que se contam 70 classes de pães, confeccionados com ingredientes novos, e misturados entre si em doses determinadas, muitos dos quaes seriam obtidos á custa de pequenos sacrificios pecuniarios.

O pão sem mistura abrange as seis primeiras classes, occupando o primeiro lugar o de trigo, e em seguida o de cevada, centeio e aveia. Seguem-se os que deviam ser feitos misturando-se estes elementos entre si, e outros que apontaremos.

(a) *Tratado de chimica organica* de J. Liebig, vol. 3°, pag. 40.

Em muitas classes a batata entra como parte integrante, occupando quasi sempre a terça parte ; ora com grãos de trigo e centeio, ora com o primeiro e cevada ; com o milho, arroz, etc. ; para cada pão duas ou tres plantas em quantidades variaveis das que em seguida enumeramos : trigo, arroz, batatas, milho, favas, centeio, cevada, trigo inferior, aveia e bico. Emfim, quasi todos cereaes, plantas da familia natural das gramineas, que encerram *gluten* nas suas sementes ; as favas têm abundancia de fecula nos seus grãos, e as batatas são um poderoso alimento pelo amido que contém.

Aproveitando-se todas estas sementes alimenticias, colhiam uma dupla vantagem : a de diminuir o consumo do trigo, poupando-se o dispendio de grandes sommas na sua importação ; e a de augmentar consideravelmente a cultura de muitos vegetaes uteis, promovendo o interesse pela industria agricola, e ministrando á população os necessarios recursos para a sua subsistencia por preços modicos, e em relação com as posses mais ou menos vantajosas dos diversos grãos da hierarchia social.

Da *Encyclopedia Britanica* vêm á luz mais algumas idéas, que ainda não foram referidas, sôbre os usos da planta em questão. Todo o terreno em que se cultivam as batatas nada perde da sua primitiva fertilidade, porquanto os restos do vegetal que não forem utilizados poderão restituir muitos principios mineraes, que foram roubados durante o periodo da vegetação.

O leite dos animaes, que se sustentam em parte á custa d'aquelle alimento, nada perde das suas boas qualidades ; pelo contrario torna-se ainda mais proprio para os fins a que é destinado. Os factos confirmam esta asserção.

Dando-se bem em qualquer terreno, até nos mais este-reis ou silicosos, convem que o agricultor aproveite os de

maior fertilidade no plantio de outras sementes, cuja germinação depender da composição chimica do solo. Devendo notar que as batatas cultivadas em lugares descampados, sob a influencia dos raios solares e das correntes de ar, são superiores ás que desenvolvem-se nos valles ou em terrenos baixos.

Avultam outras considerações de peso, que, a serem enumeradas, tornariam o nosso trabalho por demais extenso, contra o pensamento que presidiu á sua confecção.

Seja-nos permittido contemplar esta util producção no quadro imponente das que primam por um grande numero de predicados, que as recommendam á attenção dos homens entendidos. Os documentos que a acompanham são uma origem notavel de numerosos conhecimentos, que illustram o espirito de quem interessa-se pelo estudo do reino vegetal; e vêm confirmar o juizo que sempre sustentámos, de que a sciencia das plantas seria de nenhum proveito para qualquer sociedade constituida, si não abrangesse as minuciosas indagações sôbre todas as propriedades de cada planta em particular. Ellas foram creadas para diversos fins; e ao botanico compete discriminar as que se prestam a certos usos das que são susceptiveis de menor applicação, estudando-as, descrevendo-as, classificando-as e indagando quaes os seus usos nas artes, industria e medicina.

CAPITULO XVII

A solícitude do illustre botanico Velloso pelo estudo dos vegetaes uteis será mais uma vez comprovada pela publicação de outras obras. Sirva de exemplo a *Memoria sôbre a cultura, maceração e preparação do canhamo*, apresentada á real sociedade agraria de Turim, e traduzida do italiano

pelo nosso distincto compatriota, com o justo fim de beneficiar a industria com mais um fructo de suas lucubrações.

Haverá quem desconheça o prestimo da fibra do *canhamo* e os usos das sementes ?

Linnéo classificou-o na familia das urticaceas : é o *cannabis sativa* da Persia e de ha muito conhecido nas manufacturas de Europa ; planta annual, cujas flôres são unisexuaes dioicas, e como taes imperfeitas.

Carlos Linnéo, em sua obra *Systema, genera, species plantarum*, pagina 975, apresenta os signaes distinctivos dos dois individuos masculino e feminino, mas não se occupa das suas propriedades (a).

(a) Transcrevemos as palavras do Dr. Martius, insertas nas paginas 211 e 212 do fasciculo 12° :

« Cannabis sativa (canhamo lusit.), ex Europa allata, indicam suam vim narcoticam sub fervido Brasiliæ cælo, denuo adipisci videtur. « Raro, inquit Martius (*Syst. Mat. med. bras.* 121) in parte imperii quam maxime versus Austram sita, a colonis nonnullis colitur, nec eam hic commemoramus ob seminum indolem oleosam, sed propterea quod herba pollet materia quadam volatili narcotica. Medicaster cingarus, quem Soteropoli nobilis artis medicæ vidimus vices expletem, tam hujus herbæ quam Daturæ Stramonii multiplices usus nobis laudavit. Neque Æthiopes herbæ et extracti ex ea parati vires toxicas et anodynas ignorant quippe qui, alia ut sileam, sufficientia foliorum optimum esse contra crapulam remedium perhibent.» Quanta autem sit narcotici hujus stirpis principii in Asiæ australiaris plagis energiea, vetus jam fama est, recentiorum observationibus comprobata. Maximus est foliorum per omnem orientem ad parandas offas opiatas (vulgo Bhaugh, Subxee, Haschisch, Molak) usus. In plantæ apud Indos cultæ foliis interdum materies narcotica sub glandularum resinorum forma (vulgo Cherris) secernitur, farinæ similis, ob virtutis vehementiam summo helluonum studio quæsitâ. E cannabis seminibus præter resinam, albuminam, muco-saccharum, et substantiam extractivam gummosam olei siccativi foetidi specios, in integumento interiore (endopleuro) potissimum residens, obtinetur. Quæ ex ejusmodi semine in officinis parantur emulsiones et infusa, viribus sedantibus, involventibus et lenien-

Além da immensa vantagem da fibra cortical, mencionaremos desde já outras qualidades que o tornam ainda mais apreciavel. Alguns querem que o carvão que extrahem do caule seja leve e muito combustivel. As sementes contêm um oleo graxo nas cellulas da amendoa, branco e adocicado, que aconselham para a pintura e illuminação. Os medicos as empregam em emulsões, como calmantes, e em certas inflamações.

Occupa-se da natureza do terreno mais adequado á cultura do canhamo, e diz ser preferivel o que se quebra ou esmigalha com mais facilidade, o que tem a propriedade de conservar a humidade por mais tempo e a que chama terra gorda.

A presença da arêa em qualquer terreno nimamente argilloso é ás vezes uma condição para que o excesso de humidade, que a segunda substancia póde conservar (o que é nocivo á vida das plantas), desapareça em parte, por isso que as particulas da agua em contacto com a silica não se poderão fixar facilmente, e muitas passarão a estado de vapor.

A presença de pedras em um solo por demais argilloso tem uma vantagem que devemos assignalar. O barro, quando exposto por muitos dias á acção dos raios solares, vai perdendo successivamente a agua que accumulára nos seus poros, acaba por se tornar tão compacto, que o ar não poderá mais penetrar até ás raizes, dissolver o seu acido carbonico na seiva, e accelerar a putrefacção das materias organicas pela acção do seu oxygenio. Mas, si em um terreno de tal natureza existirem fragmentos de algumas rochas de origem ignea, formar-se-hão fendas pela

tibus imprimis, in variis organorum urinam parantium et evehentium passionibus, etiam ab Indorum medicis commendantur. —Eudlicher Encherid., pag. 172, 173.

influencia de um calor intenso e prolongado, e por ellas o ar passará afim de banhar as raizes dos vegetaes que desenvolveram-se n'este terreno argillo-pedregoso.

Apontaremos mais outra vantagem. Si estes fragmentos portencerm a rochas graniticas, a humidade e o $C O^2$ são sufficientes para transformal-os : o feldspatho separar-se-ha nos seus dois componentes — silicato d'alumina, e silicato de potassa (si o feldspatho fôr o *orthoclasio* ou *orthosio*) — o quartzo produzirá a arêa. Já tratámos da utilidade do calcareo e outros compostos.

Estas idéas são susceptiveis de grande desenvolvimento ; e, comquanto não tenham sido tratadas com amplitude pelo autor da presente memoria, têm comtudo manifesta relação com as proposições, que n'ella encontrámos, no capitulo que se refere á composição dos terrenos em que o *canhamo* deve prosperar.

Todas as outras considerações são relativas á maior ou menor inclinação do terreno, ao esgôto das aguas, ao lavar da terra, sua preparação e estrumes.

N'esta traducção estão assignados outros principios uteis que serão consultados com proveito por aquelles a quem interessar o estudo d'esta importante urticacea. Descreve as condições que devem ser attendidas na escolha das sementes : a côr do episperma, o peso da semente e o seu sabôr, e outras qualidades tiradas d'um trabalho do Dr. *Fabricio Berti Centesi*, onde estão determinadas as propriedades que separam as boas das más sementes. Muitas outras considerações sôbre a planta, preparação de terreno, e os meios de abrigal-a contra os animaes, afim de obter-se a maior colheita possivel, não offerecem tanto interesse.

Não passaremos em silencio o capitulo em que elle expõe : os signaes do completo crescimento dos dois indi-

viduos masculino e feminino, e que consistem no *estiolamento* das folhas, nas *sementes luzidias e pardacentas*, e na côr amarellada do caule; o methodo para a maceração do canhamo, ou separação da casca, e das fibras liberianas. Para maior clareza d'esta ultima questão, o autor faz um resumo historico de alguns processos adoptados em certas épochas, os quaes tinham um unico fim, embora houvesse divergencia nos meios, — era dissolver a gomma que serve de união ás fibras textis do Cannabis sativa, e que liga a casca ao caule. Todos os nomes dos diversos personagens, que occuparam-se d'esta materia, são referidos como homenagem aos seus esforços assim como ás suas opiniões; inconvenientes e vantagens de cada uma d'estas em particular. Segundo o seu pensamento, a melhor maceração se faz em tanques (cujas dimensões elle não olvida) construidos nas proximidades de um rio, do qual os primeiros recebam a agua necessaria (por meio de canaes convenientemente estabelecidos), para a separação dos fios do canhamo nos feixes ou montes previamente collocados n'estas bacias artificiaes. Um excesso d'agua poderá damnificar os fios; e a deficiencia d'este liquido deixal-os-ha impregnados d'um excesso de substancia mucilaginosa, que convem separar antes de serem empregados na industria. Aponta as precauções para a sécca dos feixes, ou a evaporação d'agua logo depois de terminada a primeira operação; os diversos modos de separar a casca do pequeno tronco; a arte de *assedar* e afinar o elemento textil, e quaes os instrumentos mais adequados a esta industria. Sentimos que n'este opusculo tão interessante não fossem contemplados o desenho da planta, e os seus caracteristicos botanicos mais fundamentaes. Houve omissão completa d'estes dois elementos, que não deviam ter escapado ao genio investigador do illustre traductor o

padre-mestre Fr. Velloso. Devemos confessar, entretanto, que prestou mais um serviço á industria vertendo para a lingua portugueza esta serie de conhecimentos sôbre um vegetal, cuja fibra é de tantos recursos para a industria manufactureira e de cordoaria, e cujas sementes encerram propriedades tão importantes como as que enunciámos nas primeiras linhas d'este capitulo.

Mas, hoje, que as nações cultas têm dado um vigoroso impulso ás suas manufacturas, as idéas contidas n'este opusculo ficam a quem dos conhecimentos, que se transmitem aos povos agricolas. O processo de maceração do canhamo em tanques, e em seguida a fermentação, tinham o inconveniente, embora separassem as fibras das materias glutinosas, de produzir uma tal ou qual deterioração nos fios, pelo que não podiam ser applicadas com a mesma vantagem, que d'ellas se poderiam colher em outras condições. D'este facto nasceu a necessidade de se descobrir outro processo, que tivesse por fim decompôr a substancia glutinosa, de modo que a mesma decomposição não se estendesse ás fibras, que deviam ser utilizadas em estado de perfeita conservação. Appareceram diversos modelos de machinas, que na pratica não provaram bem, assim como o processo, seguido por algum tempo, de separar as fibras das materias estranhas e nocivas que as acompanhavam, por meio de diversos agentes chimicos, que com ellas se combinavam.

O autor cita que, na Saboia, expunham os feixes de canhamo ao orvalho, ao sereno, ás chuvas e ao sol, occasionando uma decomposição das fibras ainda mais intensa, do que a que se operava nos apregoados tanques de maceração. O melhor methodo deve consistir pois na separação das fibras por meio de machinas, com o emprêgo das quaes desaparecerá o inconveniente do contacto com a agua.

Actualmente a preparação do canhamo consiste em trez processos, para cada um dos quaes a industria fabril fornece uma machina especial: redução da casca em pequenos fragmentos, fazendo-a passar *por dois cylindros de ferro, raiados*; separação dos filamentos, dos fragmentos lenhosos, por meio d'uma segunda machina, composta de *dois tambores guarnecidos de braços que se cruzam e gyram no interior d'uma caixa, em sentidos oppostos*; finalmente, em uma terceira machina consegue-se *amacial-as, assedal-as e limp-al-as*.

O processo belga, de Lefebure, applicado ao *linho* e ao *canhamo*, estende-se igualmente ás outras materias textis do Brasil; *guaxima, munguba, carrapicho*, etc. Desapparece igualmente, graças a esta invenção, o grave inconveniente das molestias adquiridas nos campos, em que maceravam aquellas fibras, pelos trabalhadores que respiravam o ar corrompido pela putrefacção dos corpos organicos inherentes a estes vegetaes.

CAPITULO XVIII

A conversão das moedas estrangeiras em dinheiro portuguez é um trabalho original de Velloso, por elle publicado em Lisboa com o fim de beneficiar ao commercio portuguez.

Muitas noções economicas servem de ornamento a este opusculo: padrão monetario de diversos paizes: China, Japão, Indias, etc.; valor intrinseco, e extrinseco da moeda; divisões e nomenclatura do dinheiro portuguez; idéa de cambio.

Percorre as moedas de circulação em outras nações, taes como o *ouro*, a *prata* e o *cobre*, e estabelece qual o seu equivalente em moeda portugueza. E' um trabalho interes-

sante porque abrange o valor relativo das moedas em diversas regiões do globo, ao passo que conserva as divisões e subdivisões, particulares a cada uma das nações, indicando os termos adoptados nas diversas linguagens monetarias. N'este quadro figuram: as moedas de Inglaterra, França, Hespanha, Russia, Austria, Prussia, Amsterdam, Toscana, Dinamarca, Saxonia, Hamburgo, Baviera, Hannover, Suecia, Veneza, Polonia, Milão, Roma, Genova, Napoles, Malta, Turquia, Tunis, Argelia, colonias portuguezas d'Africa, Persia, China, Japão, America (principalmente o *Brasil*.)

Ricas de considerações geometricas são: a traducção por Velloso, da sciencia das sombras relativas ao desenho, de Dupain, para estudo dos que se dedicavam á pintura e á architectura; e a cópia do *Mineiro Nivelador*, ou *Hydrometra de Febure*.

Com a publicação da primeira brochura o illustre naturalista teve em vista: reunir bons elementos para o desenvolvimento, em sua patria, das bellas-artes, estatuaría, pintura e architectura. Os pontos essenciaes são os seguintes:

Projecção das sombras. Quêda dos raios solares em uma superficie dada de posição invariavel, accompanhando o observador o deslocamento do sol acima do horizonte. Intensidade da luz variando com a maior ou menor obliquidade dos raios solares; isto para as superficies planas. Sombras produzidas em uma superficie abahulada, que recebe, em alguns dos seus pontos, os raios de luz. Acção dos raios solares sôbre as superficies concavas. Meios para determinar a largura e longitude das sombras. Natureza d'estas sôbre o capitel e base de uma columna. Applicações dos principios deduzidos das experiencias. Desenhos explicativos. Eis a synopse d'esta obra; as quatorze estampas que a accompanham augmentam ainda mais a sua importancia.

A segunda brochura, a que nos referimos, comprehende todos os processos para o *nivelamento*, com a descripção dos instrumentos de Picard, etc., adequados a este fim, sobresahindo grande numero de considerações geometricas tendentes á maior clareza das questões figuradas por Febure. N'esta brochura, cuja substancia não era tão familiar á intelligencia do P. M. Velloso, existem sómente as idéas do seu autor. O naturalista brasileiro copiou-as por ordem de S. A. o Principe Regente, cabendo-lhe a glória do trabalho material da cópia e o da impressão.

Figuram igualmente entre os fructos dos seus labores as instrucções que elle publicou para o transporte por mar das sementes, arvores, plantas vivas, etc. N'esta producção falla o naturalista eminente, aos que tiverem de enviar para pontos longinquos, os elementos dos seus estudos. São conselhos praticos relativos tambem ás indicações que devem acompanhar as plantas ; seus usos ; procedencia ; época em que a planta foi colhida ; formação dos catalogos ; collocação dos rotulos ; acondicionamento das plantas vivas, que teriam de ser transportadas, e bons esclarecimentos a respeito de outros objectos de historia natural.

Na traducção do trabalho de *Patullo*, relativo ao melhoramento das terras, não escapou-lhe o principio salutar, e o mais importante em relação á agricultura, sobre os melhoramentos dos terrenos pelas applicações dos elementos fertilisadores. A fertilisação artificial do solo para as necessidades agricolas é ponto já esclarecido pela chimica agricola. A sciencia nos tempos que correm não é a sciencia do principio d'este seculo : estudos novos e proficucs vieram coroar os esforços dos chimicos dos tempos actuaes. Estas leis são conhecidas ; seria ocioso repetil-as. Oxalá que os lavradores do Brasil d'ellas se aproveitassem para o uso constante da mesma área de terreno que a sua cultura

abrange, protegendo d'esse modo as nossas florestas esplendidas contra os golpes destruidores do machado.

Finalmente, a memoria de *Massac*—Qualidade e emprego dos adubos; a de *Bertrand*—Tratado d'agua em relação á economia rural; a de *Freire Arayão*—Tratado das abelhas; o discurso de *Moraes Navarro*; a memoria sobre os queijos de *Rocheport*; trabalhos estes originaes dos autores citados, foram por elle publicados ou traduzidos.

Duas palavras ácerca da obra de *Muret*. Velloso a traduziu por ordem do governo portuguez, conservando o titulo *Moedura de grãos*. Da leitura d'este opusculo sobra o pensamento de divulgar os processos para a preparação da *farinha de trigo*, etc. Os fructos do *triticum salivum* são o alvo d'estas investigações. Além da enumeração dos processos, deparámos com diversas considerações sobre moinhos, fornos, fabrico do pão, etc., sendo ellas acompanhadas de um grande numero de dados estatisticos e de longas tabellas, que *Muret* organisou com os elementos colhidos de diversas localidades a respeito do preço das sementes. Eis o titulo das tabellas: *Preço proporcional dos grãos conforme as medidas de cada lugar*.

Um certo numero de *quadros* refere-se ás experiencias sobre os moinhos; calculos relativos ao peso, em *arrateis* e em *onças*, dos grãos moidos para comparação com o peso da farinha obtida e dos pães fabricados.

Finalmente, os resultados das experiencias quanto á *cozedura* das sementes constituem o objecto de outras tabellas.

Velloso teve sómente a parte de *traductor*. No frontespicio d'este opusculo figura a sua dedicatória ao Principe Regente, onde deixa perceber a idéa cardeal que pairou no espirito do governo de Portugal. Tornando conhecidos no reino os processos mais adequados á preparação da farinha

de trigo, creava-se d'este modo a economia n'este ramo da industria agricola, prevenindo para o futuro que não fosse mais importada a farinha do commercio estrangeiro. Resolvia-se assim uma questão economica com os esforços do benemerito Fr. Velloso.

Dos trabalhos botanicos importantes traduzidos pelo conspicuo Velloso só não analysaremos: *A cultura dos algodoeiros de Arruda da Camara*, porque algum dia apresentaremos uma memoria sobre a vida d'este phytologista brasileiro.

O trabalho de *Persoon* sobre os Fetos, que tambem está incluido no numero das suas traducções, é hoje raro nas nossas bibliothecas. Consola-nos, porém, o facto de que a familia dos Fetos virá á luz da sciencia com todo o esplendor das monographias modernas. *Payer* escreveu sobre estes vegetaes na sua *Cryptogamia*. Outros botanicos da Europa preparam obras monumentaes em que brilharão os conhecimentos adquiridos em relação aos ornamentos d'este grupo.

CAPITULO XIX

VELLOSO E BOCAGE

A mão generosa do virtuoso Velloso tocou as fibras do coração do insigne poeta portuguez Manoel Maria de Barbosa du Bocage. As suas relações d'amizade crearam-se em Lisboa, onde Bocage admirava os talentos do naturalista americano, em troca do sentimento de respeito que inspirava ao illustre brasileiro o talento raro do poeta portuguez. Nos momentos mais difficeis da sua vida, Bocage apertava a mão piedosa do sabio botanico, offerecendo-lhe o mais puro sentimento de gratidão.

Lega-nos a tradição este facto, que aliás é corroborado pelas poesias que Barbosa du Bocage dedicou ao nosso conspicuo compatriota. No primeiro volume das suas poesias deparámos com um soneto, com o titulo :

Aos Amigos,

(em agradecimento)

em que se transluz o pensamento que avançamos n'estas linhas.

E' ella dedicada a: Fr. Velloso (*Socio de Flora*).— *João Vicente Pimentel* [*Maldonado*]. — Desembargador *Vicente José Ferreira Cardoso da Costa*.—*Diogo José Blancheville*. —*Aurelio Rodrigues*.— *Alvares*, etc.

Terno Paz, bom Maneschi, Aurelio Charo,
Alvares extremoso, Almeida humano,
Ferrão prestante, Valedar Montano,
Moniz, que estiraes teu nome ao tempo avaro !

Freire, Vianna, Blancheville, oh raro
Moral thesouro, que possui Elmano ;
Socio de Flora, e tu, de som thebano
Oh cysne ; e tu, Cardoso, em letras claro !

Monumento honrado da humanidade,
(Se o fado me sumir da morte no ermo)
Grata vos deixo cordeal saudade ;

Ireis nos versos meus do globo ao termo,
Por serdes com benefica piedade
Nuncios, nuncios de um Deus ao vate enfermo !

Sob a direcção de Velloso imprimiu-se, na typographia do Arco do Cego, uma das ultimas produções do poeta usitano, escripta no leito da morte, e por elle dedicada ao

seu amigo. Referimo-nos ao drama : *A virtude laureada*, precedido de uma dedicatória, em *Epistola*, que figura no 3º volume das suas poesias :

Ao Revm. padre mestre Frei José Marianno da Conceição Velloso.

Qual d'entre as rotas, naufragas cavernas
Do lenho, que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe affanoso deploravel nauta
Reliquias tenues, com que a vida estêe,
Em erma, ignota praia, a que aboiaram.
E onde a custo o remiu propicia antena :
Tal eu, que da existencia o pégo, o abysmo
(De que assomam, rebentam, surgem, fervem
Rochedos, escarcéos, tufões, e raios)
Tal eu, que da existencia o mar sanhudo
Vi romper meu baixel, e arremessar-me
A inhospitos montões de estranha arêa,
Triste recolho os miseros sobejos
Com que esvaído alento instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteço em magoas.
— Em ti, constante, desvelado amigo,
Do mundo contra a sorte asylo e sombra ;
Oh das musas fautor, de Flora alumno !
(Rasgado o véo da allegoria) estende
Ao metro, que desvale, a mão, que preste,
Se azas lhe deres, em suave adejo
De Lysia ao seio que a virtude amima,
D'ella cultores, voarão meus versos,
E o patrio, doce amor, ser-lhe-ha piedoso.

M. M. DE B. DU BOCAGE.

CAPITULO XX

Basta. Para que Velloso seja em todos os tempos um heróe no trabalho, e um vulto no mundo da sciencia, não exige esta noticia que mais um só dos seus talentos seja lembrado. Foi um typo do dever — pela sciencia; um coração com um throno para a gratidão; — uma alma grande para o exercicio da piedade; um caracter sincero e expansivo—para os amigos extremosos; um espirito forte e inabalavel pelas virtudes christãs !

Os acontecimentos que realizavam-se na Europa, em convulsão com as marchas progressivas do exercito francez pela península iberica, determinaram a partida da côrte portugueza para a cidade do Rio de Janeiro. Em 1809, Velloso seguiu os passos do seu bemfeitor, S. M. o Rei D. João VI. Atravessou o oceano em busca da patria, ambicionando o repouso para os ultimos annos da sua vida; dilatou-se-lhe a alma ao contemplar a modesta cella em que passára os primeiros tempos da sua existencia ! Deus não contrariou a sua ultima vontade !

Limitou-lhe, porém, o gozo do patriotismo ! A 13 de Junho de 1811, á meia-noite, a sombra implacavel da morte penetrou na enfermaria do convento de Santo Antonio, do Rio de Janeiro, e roubou ao mundo a sua alma purificada pelo balsamo do Sagrado Viatico ! Velloso passou á mansão dos justos !

Na phrase eloquente do maior vulto do pulpito francez, o illustre *Bossuet*, as honras e as glorias confundem-se no abysmo profundo da sepultura, como as aguas dos magestosos rios, de par com as dos modestos ribeiros, desaparecem na immensidade do oceano !

Verdade fecunda, mas que não aniquila a quem lança os olhos para a sentença da posteridade. No pensamento

grandioso do poeta americano, *Alvares d'Azevedo*, o admirador das sublimidades poeticas de *Byron e de Goethe*, encontra-se o lenitivo para a memoria dos que deixam a vida finita. Dizia *Alvares d'Azevedo* :

O sol d'além dos tumulos
não é do morto a lampada sombria.

Velloso já não existe ! Perduram, porém, os traços profundos da sua vida illustre, sobre o thrôno que os vindouros lhe erigiram,

Seja seu epitaphio :

Amor pela sciencia ! Gratidão ao rei ! Fé immaculada
para com o Supremo Arbitro do Universo !

JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA.

Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1868.

Generos (a) creados por Fr. José Marianno da **Conceição Velloso** para a *Flora Brasileira*.—Dados colhidos na *Flora Brasileira* de Dr. Martius; no *Gen plantarum* d'Hooke e Bth : e no de *Endlicher* etc., etc., monographias, etc., etc.

- 1 Andiscus (hoje, Auda) Euphorbiaceas.
- 2 Antigona (hoje, Casearia) Samydaceas.
- 3 Eschryon (hoje, Picrena) Simarubeas.
- 4 Benjaminia (hoje, Dictyoloma) Simarubeas.
- 5 Boca (hoje, Banara) Samydaceas.
- 6 Braddleya (hoje, Amphina) Violareas.
- 7 Brotera (hoje, Luhea) Tiliaceas.
- 8 Brya (hoje, Hirtella) Chrysobolaneas.
- 9 Buchosia—Arrab. (Alguns o attribuem a Velloso.)
- 10 Bragantia (de Velloso ou de Loureiro?) *Aristolochias*.
- 11 Bessera. (Não cremos que seja de Velloso.)
- 12 Barberina. (Idem.)
- 13 Coesia (hoje, Carmonema) Rhamnaceas.
- 14 Canicidia (hoje, Rourea) Connaraceas
- 15 Chomelia (hoje, Ilex) Illiceas.
- 16 Clercia (hoje, Salacia) Celastrineas.
- 17 Correia (hoje, Gomphia) Ochnaceas.
- 18 Costa (hoje, Ticorea) Rutaceas.
- 19 Cavanilla (hoje, Caperona) Euphorbiaceas.
- 20 Coletia (hoje, Mayaca) Xyridceas.
- 21 Columella?
- 22 Dangervilla (hoje, Galipea) Rutaceas.
- 23 Digonocarpus (hoje, Cupania) Sapindaceas.
- 24 Dulacia (hoje Liriosma) Olacineas.
- 25 Desfontanea (adoptado) Euphorbiaceas.
- 26 Dicknekeria (hoje, Rhopala) Proteaceas.
- 27 Dupatya (Eriocaulon) Eriocaulceas.
- 28 Epigenia (Styrax?) Styraceas.
- 29 Enydria (hoje, Myriophyllum) Halorageas.
- 30 Forsgradia (hoje, Combretum) Combretaceas.
- 31 Hieronia (hoje, Davilla) Dilleneaceas.
- 32 Hesioda (hoje, Heisteria) Olacineas.
- 33 Hilleria (hoje, Mahlana) Phytolacaceas.

(a) Alguns foram attribuidos a Velloso, pelo facto de terem sido mencionados na sua *Flora Fluminense*.

- 34 *Hosta* (hoje, *Myrsina*) Myrsineas.
35 *Johannesia* (a) (Anda) Euphorbiaceas.
36 *Josepha* (hoje, *Bougainvillea*) Nictagineas.
37 *Lamanonia* (hoje, *Belangera*) Saxifragas.
38 *Lavradia* (Adoptado) Violareas.
39 *Leretia* (hoje, *Mappia*) Olacineas.
40 *Lumbricidia* (hoje, *Andira*) Leguminosas.
41 *Mainea* Euphorb. (Incertæ sedis.)
42 *Mastiniera* (hoje, *Kielmeyera*) Ternstremiaceas.
43 *Mateatia* (hoje, *Sterculia*) Sterculiaceas.
44 *Maugesia* (Adoptado) Samydaceas.
45 *Mendozia* (Adoptado) Acanthaceas.
46 *Nassavia* (hoje, *Schmidelia*) Sapindaceas.
47 *Nassantia* (hoje, *Galipea*) Rutaceas.
48 *Paiva* (hoje, *Sabicea*) Rubiaceas.
49 *Palivana* (hoje, *Gloxinia*) Gesneraceas.
50 *Peckia* (hoje, *Myrsine*) Myrsineas.
51 *Pinarda* (hoje, *Micranthemum*)
52 *Pluchia* (hoje, *Diclidanthera*) Sapotaceas.
53 *Pereskia* (b) (Adoptado) Celastrineas.
54 *Ravenia* (não adoptado) Rutaceas.
55 *Receveura* (hoje, *Hypericum*) Hypericineas.
56 *Rossenia* (hoje, *Galipea*) Rutaceas.
57 *Riccia* (hoje, *Zonaria*) Algas.
58 *Schwartzia* (hoje *Norentea*) Marcgraveas.
59 *Strukeria* (hoje, *Vochysia*) Vochysiaceas.
60 *Sardinia* (hoje, *Guettarda*) Rubiaceas.
61 *Silvia* (hoje, *Escobedia*) Scrophularineas.
62 *Souza* (hoje, *Sisyrinchium*) Irideas.
63 *Trigonocarpus* (hoje, *Cupania*) Sapindaceas.
64 *Vismia* (Adoptado) Hypericineas.
65 *Vigiera* (hoje, *Escallonia*) Saxifragas.
66 *Zacyntha* (Myrsine) Myrsineas.

Incertæ sedis : — Romana.
Rutilia. — Thevetia. — Torrubiã.
Adhunia. — Casania. — Chebula.
Cynotoxicum. — Democritea. — Ivonia., etc.

(a) Dr. Baillon disse-nos, em Paris, que havia tanta razão para adoptar-se
Johannesia, como o Auda.
(b) Com este nome ha um genero de Mill, nas Cactaceas.

Plantas classificadas por Velloso, que constam da *Flora Brasileira*.

FAMILIA DAS GESNERACEAS

1. *Orobanche hirta* (é hoje o *Gesnera Allogophylla*). Encontra-se em Minas, Montevideo. É uma pequena planta, cujo caule tem de 1 á 3 pés de comprimento.

2. *Orobanche spicata* (*Gesnera Tribacteata*). Habita em Minas-Geraes perto de Ouro-Preto.

3. *Orobanche umbellata* (*Gesnera Confertifolia*). Planta herbacea, cujo caule tem 1 á 2 pés de comprimento. Habita nas provincias tropicaes do Brasil.

4. *Orobanche verticillata*. (*Gesnera maculata*). Provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro ; serra da Estrella. Floresce de Dezembro a Janeiro.

5. *Orobanche tubulosa* (*Gesnera Donglasii*). Proximidades do Rio de Janeiro, Floresce no mez de Novembro.

6. *Orobanche cernua* (*Ligeria Speciosa*). Serra dos Orgãos. Rio de Janeiro ; Pernambuco. Planta de caule curto.

7. *Orobanche perianthomeya* (*Alloplectus Dichrus*). Tem sido encontrado na provincia do Rio de Janeiro, Sumidouro, Paquequer, perto de Cantagallo ; em Goyaz (Villa de Santa Cruz) ; em Minas (Aguá Limpá) ; Villa do Presidio. Floresce em Fevereiro.

8. *Orobanche ventricosæ* (*Codonanthe Gracilis*). Habita em lugares paludosos, perto do Rio de Janeiro ; Lagôa de Freitas ; Lage de Jacarepaguá ; perto de Oeiras, provincia do Piauh ; no Maranhão ; Pará ; Barra do Rio Negro. Floresce e fructifica em Abril, Junho e Novembro.

9. *Orobanche carnosã* (*Codonanthe Carnosa* de Gardner). Habita no Corcovado. Floresce em Setembro.

FAMILIA DAS LECYTHIDEAS

10. *Lecythis Ollaria* (Foi substituida por *Lecythis Pisonis*). Este vegetal fornece uma optima madeira para as construcções ; côr vermelha. A amendoa é medicinal, oleosa e comestivel. Floresce em Outubro. Habita na provincia do Rio de Janeiro ; e nas florestas proximas do Rio Doce, na provincia do Espirito-Santo. É uma arvore corpolenta, elevada e conhecida por sapucaia.

11. *Lecythis minor* (Hoje conhecida por *Lecythis lanceolata*). Sapucaia mirim. Província do Rio de Janeiro ; Ilha Grande. Floresce em Agosto.

12. *Lecythis compressa* (*Lecythis angustifolia*). Ibiribá-rana é o nome vulgar. Floresce de Março a Junho. Foi encontrada no Corcovado; e em pontos proximos do mar. E' uma arvore de dimensões mais apoucadas do que qualquer das duas anteriores.

13. *Lecythis pyramidata* (*Lecythopsis rufescens*). E' uma arvore que habita nas matas proximas do litoral. Floresce em Maio, e a fórma mais ou menos de uma pyramide triangular é que dá o nome á especie.

MYRTACEAS

14. *Eugenia nitida*, acha-se substituida por *Gomidesia Chamisseana*. (o genero *Gomidesia* foi estabelecido em honra do Dr. Gomides autor do *Mappa das Plantas do Brasil; suas virtudes e lugares em que florescem*) (Nota do Dr. Martius). Província do Rio de Janeiro. Floresce em Junho.

15. *Eugenia amplexicaulis*, ou *gomidesia* amplexicaulis. Província do Rio de Janeiro; matas de Santa Cruz. Floresce em Agosto.

16. *Primia crocea* (*Gomidesia Jacquiniiana*). Dá flôres em Março. Foi achada em Santa Cruz por Velloso.

17. *Myrtus rufa* (*Marlierea? rufa*). Província do Rio de Janeiro.

18. *Myrtus racemosa* (*Eugenio oopsis Carmaefolia*). Província do Rio de Janeiro.

19. *Myrtus sylvestris* (*Myrcia Brevipes*). Floresce em Setembro. Província do Rio de Janeiro.

20. *Eugenia humilis* (*Eugenia Hypericifolia*). Serra dos Orgãos. Floresce em Março.

21. *Myrtus decussata* (*Eugenia axillaris*). Nas matas proximas da Côte. Floresce em Dezembro.

22. *Eugenia arvensis* (*Eugenia Oxyphylla*). Província do Rio de Janeiro.

23. (A especie *Eugenia Vellozii* foi-lhe offercida por Berg).

24. *Myrtus verticillata*, (*Eugenia Riedeliana*). Serra da Estrella ; Santa Cruz ; floresce em . . . ; fructifica em Maio.

25. *Eugenia monosperma* (*Eugenia Compactiflora*). Habita no Corcovado ; perto da I. F. de Santa-Cruz. Floresce de Junho a Agosto.

26. *Myrtus glabra*, (*Eugenia Badia*). Floresce em Janeiro ou Fevereiro, Santa-Cruz.
27. *Myrtus quadriflora* (*Eugenia lauceolata*). Santa Cruz. Provincia do Rio de Janeiro. Dá flôres em Setembro.
28. *Myrtus albida* (*Eugenia parvifolia*). Provincia do Rio de Janeiro; perto do mar.
29. *Myrtus nitida* (*Eugenia Candolleana*). Provincia das Alagôas. Floresce em Agosto.
30. *Myrtus quadrisperma* (*Eugenia Mikianiana*). Provincia do Rio de Janeiro.
31. *Eugenia axillaris* (*Eugenia supraaxillaris*). Provincia do Rio de Janeiro, Corcovado e Itaguahy (rio). Floresce de Junho a Agosto.
32. *Eugenia disperma* (*Eugenia Phaca*). Serra Negra da provincia de Minas-Geraes, e na do Rio de Janeiro. Floresce em Julho.
33. *Eugenia bracteata* (*Phyllocalyx involucratu*s). Rio Taguahy. Provincia do Rio de Janeiro. Floresce em Julho.
34. *Myrtus aggregata* (*Phyllocalyx Cerasiflorus*). Provincia do Rio de Janeiro.
35. *Plinia rubra* (*Stenocalyx Michellii*). Vulgo Pitanga (*Eugenia Michellii* de Lamarck) Nos tropicos; provincia do Rio de Janeiro; Calcuta, China.
36. *Eugenia grumixama* (*Stenocalyx brasiliensis*). Vulgo, grumixama. Provincia do Rio de Janeiro (alguns lugares); Mangaratiba e Ilha Grande. Provincia de Pernambuco.
37. *Myrtus jaboticaba* (*Myrciaria Jaboticaba*). Provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro. Nos campos, pequenos matos, e nas florestas.
38. *Eugenia Ædulis* (*M. Plicato Costata*) Vulgo cambucá. Floresce em Setembro e fructifica em Novembro. Provincia do Rio de Janeiro.
39. *Jambosa vulgaris* (e o *Eugenia Jambos* de Velloso e outros). Floresce em Agosto. Provincia do Rio de Janeiro, Venezuela, Guatemala, Antilhas, e na Bahia.
40. *Psidium pilosum*. (*M. Psidium rufum*, de Martius). Em alguns campos da provincia de Minas-Geraes; e foi encontrada por Velloso em Santa-Cruz. Floresce em Outubro.
41. *Psidium pyrififerum* (*Psidium guayava* de Raddi). Mexico, Jamaica, S. Domingos, Santa-Cruz, Martinica, Guatemala, Venezuela, Goyana, Bahia, Minas, Rio de Janeiro. Vulgo Goiabeira.

42. *Psidium arboreum* (*Psidium Sellowianum*). Provincia do Rio de Janeiro. Velloso designa por Araçá.
43. *Psidium humile* (*Psidium Coriaceum*). Floresce em Outubro. Provincia do Rio de Janeiro, provincia de S. Paulo.
44. *Psidium anthomega* (não foi substituída). *Flora Fluminense*, pag. 212.
45. *Myrtus caryophyllata* (*Pseudo Caryophyllus sericeus*). Provincia do Rio de Janeiro, em S. Gonçalo, Boa-Vista (nos campos). Em Minas.
46. *Psidium dulce* (*Abbevillea intermedia*). Provincia de Minas.
47. *Psidium Mediterraneum* (*Campomanesia Mediterranea*). Araçá do campo. Floresce em Outubro. Foi encontrada..... Provincia do Rio de Janeiro.
48. *Psidium racemosum* (*Campomanesia racemosa*). Floresce em Setembro. Provincia do Rio de Janeiro.
49. *Psidium fruticosum* (*Campomanesia fructifera*). Floresce de Setembro a Outubro. Provincia do Rio de Janeiro.
50. *Psidium apricum* (*Campomanesia aprica*). Guabiroba-mirim. Floresce de Setembro a Outubro.
51. *Psidium Transalpinum* (*Campomanesia Transalpina*). Guabiroba. Provincia do Rio de Janeiro. Floresce em Outubro.
52. *Psidium Terminale* (*Acrandra laurifolia*). Velloso encontrou-a no Corrego secco, hoje cidade de Petropolis. Floresce em Fevereiro.

LEGUMINOSAS. TR. DAS PAPILIONACEAS

53. *Crotalaria cœrulea* (*Lupinus velutinus*, de Bentham). Provincia de Minas, serra do Caraça; villa da Campanha; Rio S. Francisco; nas proximidades da fazenda da Fortaleza em S. Paulo.
54. *Cytisus heptaphyllus* (*Lupinus hilarianus*.) Provincia do Rio de Janeiro; Montevidéo; rios Paraná e Uruguay.
55. *Crotalaria sagittalis* (*Crotalaria stipularia*). America Meridional. Provincia do Rio de Janeiro. Floresce de Agosto a Setembro.
56. *Crotalaria racemosa* (*Crotalaria Paulina*, Schranck). Provincia de Goyaz, Minas, etc.
57. *Crotalaria diffusa* (*Crotalaria Iucana*, Lionêo). Em diferentes pontos do Brasil.
58. *Crotalaria stipulata* (*Crotalaria anagyroides*). Em muitos pontos do Brasil.

59. *Crotalaria triphylla* (*Crotalaria Brachystachya*). Benl. Provincia de Piauhy; Bahia; Goyaz; Minas e S. Paulo.

60. *Lotus Palustris* (*Sesbania exasperata*). Provincias do Rio de Janeiro; Goyaz; Piauhy; Pernambuco e S. Paulo. Goyana Ingleza; Jamaica; Guatemala e Venezuela.

61. *Hodysarum fruticosum* (*Æschinomene Selloi*). Provincia do Rio de Janeiro.

62. *Æschinomene fluminensis* (Foi conservado). Provincia do Rio de Janeiro.

63. *Hedysarum diffusum* (*Æschinomene falcata*). Serra do Itambé, em Minas; Rio de Janeiro; provincia do Rio-Grande do Sul; Goyaz; Bahia.

64. *Hedysarum hirtum* (*Æschinomene brasiliiana*), Andarahy, na cidade do Rio de Janeiro; Pará; Bahia; Minas; e perto de Oeiras; no Piauhy.

65. *Coronilla hirsuta* (*Isodesmia tomentosa*). Foi achada por Velloso na serra dos Orgãos, Rio de Janeiro; e em Minas por S. Hilaire.

66. *Coronilla Scandens* (*Chactocalyx brasiliensis*). Rio Negro, tributario do Amazonas, etc.

67. *Hedysarum procumbens* (*Desmodium barbatum*). Floresce em Outubro. Perú, Brasil, Columbia, Goyana, etc.

68. *Hedysarum violaceum* (*Desmodium axillare*). Rio Itapicuru; Rio de Janeiro; outros pontos da America Meridional; India Occidental.

69. *Hedysarum erectum* (*Desmodium leiocarpum*). Nas proximidades do Rio de Janeiro; No sul do Brasil; em Minas; entre Campos e a capital do Espirito-Santo (Victoria); e Caravellas.

70. *Lotus fluminensis* (*Clitoria cajanifolia*). Em lugares arenosos do Rio de Janeiro; Ceará; Pernambuco; Bahia. Outros pontos d'America.

71. *Clitoria fluminensis* (*Centrosema plumieri*). Santa-Cruz e Côte; Pará; Rio Amazonas; America Central; Columbia; Perú, Goyana....

72. *Clitoria genuina* (*Centrosema Virginianum*). Nos suburbios do Rio de Janeiro; Minas; Bahia; e outros pontos d'America.

73. *Glycyrrhiza mediterranea* (*Periandra dulcis*). Provincias do Geará, Minas, S. Paulo, e Bahia.

74. *Lotus americanus* (*Collœa speciosa*). Floresce em Novembro. Provincia de Minas, S. Paulo, Bolivia e Perú.

75. *Cytisus boa vista* (*Collœa Grewiaefolia*). Encontra-se nos campos, Minas, etc.

76. *Dolichos altissimus* (*Dioclea violacea*). Floresce de Dezembro a Junho; perto do Rio de Janeiro; Pará; Ceará; Mucury; Curral Falso, Santo Antonio e S. João Marques.

77. *Clitoria brasiliana* (*Canavalia gladiata*). Nas matas proximas da barra do Rio Negro; nas regiões tropicaes; Bahia e Piauhy.

78. *Dolichos littoralis* (*Canavalia obtusifolia*). Floresce em Agosto. No litoral; nos tropicos; lugares arenosos.

79. *Lotus maritimus* (*Phaseolus lathyroides*). Floresce em Novembro. Provincia do Rio de Janeiro; Alto Amazonas, etc.

80. *Pterocarpus frutescens* (*Dalbergia variabilis*). Commum nas florestas do Brasil; perto do Rio de Janeiro; P. do Rio Grande; P. de S. Paulo; Minas; Bahia; nas matas do Ceará, proximas ao Orato. Goyana Ingleza, no Perú.

81. *Pterocarpus niger* (*Dalbergia nigra*, Freire Allemão). *Miscolabium nigrum*). Cabiuna; jacarandá una. Provincia do Rio de Janeiro; P. de Minas. Arvore procurada e mui estimada.

82. *Pterocarpus ecastaphyllum* (*Hecastaphyllum Brownei*). Rio de Janeiro; Cabo-Frio; nas matas da Bahia; em Minas; e em outros pontos da America; India, e Africa.

83. *Pterocarpus quercinus* (*Hecastaphyllum monetaria*). Amazonas; Rio Negro; e em outros lugares do Brasil.

84. *Nissolia uncinata* (*Machaerium uncinatum*). Floresce em Setembro. Rio de Janeiro; Santa-Cruz.

85. *Nissolia hirta* (*Machaerium eriocarpum*). Provincia de Mato-Grosso, perto de Cuiabá.

86. *Nissolia declinata*. (*Machaerium discolor*). Provincia do Rio de Janeiro.

87. *Nissolia aculeata* (*Machaerium Vellozianum*). Offerecido a Velloso por Bertham. Floresce em Dezembro. Perto do Rio de Janeiro.

88. *Nissolia nictitans*. (*Machaerium nictitans*). Floresce de Agosto a Setembro. Vive nos campos.

89. *Nissolia incorruptibilis* (*Machaerium incorruptibile* de Freire Allemão). Jacarandá-tan. Encontra-se nas florestas de muitos municipios da provincia do Rio de Janeiro. Uma das primeiras, senão a primeira (!), do Brasil.

90. *Nissolia firma* (*Machaerium firmum*). Jacarandá roxo. Nas florestas da provincia do Rio de Janeiro. Arvore menos prestimosa que a precedente.

91. *Nissolia legalis* (*Machaerium legale*). Outro vegetal a que também dão o nome de jacarandá, na provincia do Rio de Janeiro.

92. *Nissolia lanceolata* (*Machaerium secundiflorum*). Provincia do Rio de Janeiro.

93. *Nissolia debilis* (*Machaerium pedicellatum*). Montanha do Corcovado; rio Taguahy. (Rio de Janeiro).

94. *Nissolia fruticosa* (*Machaerium nigrum*). Provincia do Rio de Janeiro: Porto da Estrella.

95. *Nissolia robusta* (*Centrolobium robustum*). Iribá, ou iribá roxo. Provincia do Rio de Janeiro; Ubatuba; Cantagallo; Lorangeiras. Madeira de construcção, estimada.

96. *Nissolia reticulata*. (*Pterocarpus violaceus*). Nas matas que são vizinhas do Rio de Janeiro. E' uma arvore.

97. *Pterocarpus luteus*. (*Platymiscium majus*). Floresce em Janeiro. Santa-Cruz; Rio de Janeiro; Engenho da Vargem; nas matas proximas do rio Parahyba.

« O genero *Lumbricidia*, estabelecido por Velloso, acha-se hoje substituido por *Andira*, de Lamarck. »

98. *Lumbricida legalis* (*Andira stipulacea*). (Bentham). Angelim doce. Alguns conhecem por angelim coco, ou urarema. Pontos proximos do Rio de Janeiro; de Cantagallo.

99. *Lumbricida anthelmia* (*Andira anthelminthica*). Angelim amargoso. Provincia do Rio de Janeiro.

100. *Sophora occidentalis*. (*Sophora tomentosa*). Brasil.

101. *Abrus arboreus*. (*Ormosia nitida*). Florestas da provincia do Rio de Janeiro.

102. *Piscidia crythrina*. (*Camptosema primatum*). B. Floresce em Agosto. Provincia de Minas.

FAMILIA DAS SALSOLACCAS, OU CHENOPODIACEAS

103. *Chenopodium Sancta Maria*. (*Chenopodium ambrósioides*, de Linné, *dentata* (?). Herva de Santa Maria. Em diferentes pontos da America, e no Brasil.

WINTERACEAS, PARTE DAS MAGNOLIACEAS.

104. *Drimys Winteri*. (*Drimys Granatensis*). America Central Austral; do estreito de Magellan até o Mexico; existem outras especies do mesmo genero *Drimys*, classificadas por diversos botanicos.

Provincia de S. Paulo, em Mogy das Cruzes; P. do Rio-Grande do Sul; Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos, rio Parahyba; P. de Minas, Barbacena, Ouro-Preto, e outros pontos, Paracatú, Cachoeira do Campo, Píco d'Itabira, etc. Nome vulgar: casca d'Anta.

F. RANUNCULACEAS

105. *Clematis denticulata* (*Clematis Holarii*). Velloso encontrou-a nas matas da P. do Rio de Janeiro. Existe tambem na Banda Oriental, Arroios do Rosario e Santa Luzia. Floresce de Novembro a Fevereiro.

106. *Clematis integra* (*Clematis dioica* de Linnéo, ou *Brasiliana*?) America Central, Antilhas, Venezuela, Nova-Granada, Provincia de S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Bahia.

MENISPERMACEAS

107. *Cissampelos convexa* e *C. tomentosa* (*Abuta rufescens*). O genero *Cissampelos* foi creado por Velloso. Provincia do Rio de Janeiro, Serra de Tinguá, Provincia do Pará, em outros lugares.

108. *Cissampelos ovata* (*Abuta Selloana*). Em algumas localidades do Brasil.

109. *Cissampelos Parreira* (*Cissampelos glaberrima*), S. Hilaire. Provincias do Rio de Janeiro e Minas, rios Macacú e Uruhú em Mato-Grosso. Floresce de Novembro a Janeiro.

110. *Cissampelos Caapeba* (*Cissampelos fasciculata*). Provincias de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro (Cantagallo). Proximidades do Iapurá tributario do Alto-Amazonas. Goyana inglesa.

111. *Cissampelos Hermandia*. Esta especie de Velloso o Dr. Martius considera como duvidosa. Provincia do Rio de Janeiro.

112. *Cissampelos Abutua* (*Botryopsis Platyphylla*.) Provincia do Rio de Janeiro; Serra do Mar; Cantagallo; Minas Novas etc. Floresce em Abril.

FAMILIA DAS DILLENEACEAS

113. *Hieronía scabra* (*Davilla rugosa*). Tem sido encontrada em lugares arenosos. Provincia do Rio de Janeiro; Rio-Doce, Provincia de Santa Catharina; Provincia de S. Paulo; Minas; Bahia; Pernambuco e no rio Amazonas, etc. Cambaibinha.

SAPOTACEAS

114. *Pometia lactescens* (Lucuma ou *Chrysophyllum* ?) Tomaram pelo *Chrysophyllum* Buranhem de Riedel. Nome vulgar: Guaranhêu. Habita em muitos lugares da provincia do Rio de Janeiro (Corcovado), etc. O Dr. Martius enganou-se; não é o *Chrysophyllum ghyocyphloxum*. Casareth.

MALPIGHIACEAS

115. *Malpighia crassifolia* (Byrsonima *verbascifolia*). Tem sido encontrada em campinas de diferentes provincias do Imperio, e tem variedades.

116. *Malpighia hirsuta* (Byrsonima *Pachyphylla*). De Setembro a Outubro; nos campos da provincia de Minas e da de Goyaz.

117. *Malpighia maritima* (*Bunchosia fluminensis*). Provincia do Rio de Janeiro, Tijuca; e S. Paulo.

118. *Banisteria mutabilis* (*Thryallis Brachystachys*). Provincia do Rio de Janeiro, Santa-Cruz, entre Cabo-Frio e o Espirito-Santo, Serra dos Orgãos e S. Paulo.

119. *Banisteria nitida* (*Stigmaphyllon ciliatum*). Floresce em Novembro. Provincia do Maranhão e Rio de Janeiro.

120. *Banisteria megacarpus* (*Stigmaphyllon tomentosum*). Floresce de Janeiro a Fevereiro, segundo as indicações de Velloso, em Santa-Cruz. Provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e Bahia.

121. *Banisteria angulata* (*Stigmaphyllon affine*). Floresce em Novembro. Provincias do Rio de Janeiro e Bahia, em lugares arenosos.

122. *Banisteria unialata* (*Banisteria ferruginea*). Provincia do Rio de Janeiro e em alguns pontos d'America Austral.

123. *Banisteria aurea*. (*Banisteria Gardneriana*). Em Paranaguá, provincias do Piauhy e do Rio de Janeiro.

124. *Banisteria macrostachya* (*Banisteria Clauseniana*). Provincias do Rio de Janeiro, Minas-Geraes (Congonhas.)

125. *Banisteria triflora* (*Banisteria Crotonifolia*). Fructifica no mez de Abril. Em Itacolomi, perto de Marianna na provincia de Minas-Geraes, e na do Rio de Janeiro.

126. *Banisteria fructicosa* (*Heteropteris umbellata*). Em Ipanema, provincia de S. Paulo; provincia de Minas; Congonhas do Campo, etc.; provincia do Rio de Janeiro, Santa-Cruz.

127. *Malpighia fructicosa* (*Heteropteris Saligna*). Floresce de Novembro a Dezembro, provincia da Bahia, sul do Brasil.

128. *Banisteria monoptera* (*Heteropteris chrysophylla*). Em pontos proximos da cidade do Rio de Janeiro.

129. *Banisteria Cordata* (*Tetrapteris rotundifolia*). No mez de Setembro, em Botafogo. Serra dos Orgãos. Cabo-Frio. As outras variedades, em diversos pontos do Brasil, foram observadas por outros botanicos.

130. *Banisteria eglandulata* (*Tetrapteris Crebriflora*). Provincias de Minas e Rio de Janeiro.

131. *Banisteria multialata* (*Tetrapteris glabra*). Em pontos proximos da cidade do Rio de Janeiro; Minas-Geraes.

132. *Banisteria solitaria* (*Hirea Salzmanniana*). Bahia.

133. *Banisteria hexandra* (*Schwannia elegans*). Em Mato-Grosso, proximo á cidade de Cuyabá; Em Ipanema, provincia de S. Paulo.

134. *Banisteria mediterranea* (*Jamesia muricata*). Floresce em Novembro. Achou-a na provincia do Rio de Janeiro.

135. *Malpighia singularis* (*Camarea affinis*). Em Ouro-Preto, Minas-Geraes; Goyaz (proximo á capital); Em Guaratinguetá e Taubaté, provincia de S. Paulo, e na da Bahia. Floresce de Outubro a Novembro.

APOCYNES

136. *Echites isthmica* (*Condylocarpon Isthmicum*). Floresce em Agosto. Santa-Cruz, provincia do Rio de Janeiro.

« O genero *Tabernemontana* de Velloso não está mais adoptado para as especies que elle descreve-o na sua *Flora Fluminense*. Vigora o genero *Geissospermum* do Dr. Freire Allemão, para aquellas especies.

137. A especie *Tabernemontana laevis*, de Velloso, foi substituida por *Geissospermum Vellozii*, do Dr. F. Allemão, a qual lhe foi dedicada pelo segundo botanico. Foi encontrada nas matas da serra do Jeracuino. Floresce em Agosto, provincia do Rio de Janeiro.

138. *Malouetia sessilis* (*Echites sessilis* de Velloso). Floresce em Outubro, provincia do Rio de Janeiro.

139. *Echites pilosa* (*Forsteronia pilosa*).

140. *Echites thyrsoides* (*Forsteronia thyrsoides*). Santa Cruz.

141. *Echites bracteata* (*Forsteronia bracteata*). E' o *Echites Velloziana* de De-Candolle.

142. *Echites Coalita*. Especie hoje admittida, de Velloso na *Flora Brasileira* do Dr. Martius. Provincia do Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos. S. Paulo, Minas, Bahia; Goyaz e Ceará.

143. *Echites Didyma*. Provincia do Rio de Janeiro. (Admittido.)
144. *Echites odorifera*. Provincia do Rio de Janeiro. (Admittida.)
145. *Echites violacea*. Provincia do Rio de Janeiro, provincia de S. Paulo, em S. Carlos, provincia da Bahia, perto do rio S. Francisco, provincia de Minas. (Especie admittida.)
146. *Echites lutea*. Provincia do Rio de Janeiro. Tambem não foi substituida.
147. *Echites peltata*. Floresce em Fevereiro. Provincia do Rio de Janeiro, Cantagallo; provincia de Minas, etc. (a)
148. *Echites suberosa*. (*Hæmadictyon Gaudichaudii*). Floresce em Agosto. Velloso ençenrou-a na fazenda imperial de Santa-Cruz, onde a conheciam por cipó *carneiro*. Nabarra do Rio Negro floresce em Outubro.
149. *Echites denticulata* (*Hæmadictyon macroneuron*). Provincia do Rio de Janeiro. C. no rio Japurá provincia do Alto-Amazonas.
150. *Echites megragor* (*Haemadictyon Megalagrion*). Na freguezia de Campo Grande, municipio neutro da provincia do Rio de Janeiro. Floresce em Março.

BEGONIACEAS

151. *Begonia hastata* (*Begonia angularis*). S. João Marcos, serra da Estrella, na provincia do Rio de Janeiro.
152. *Begonia angulata*. Não foi substituida. Foi encontrada no aqueducto da Carioca; serra da Estrella; nas proximidades da cidade do Rio de Janeiro; na provincia de Minas, etc.
153. *Begonia acida*. Foi conservada. Provincia da Bahia.
154. *Begonia geniculata* (*Begonia convolvulacea*). Provincias do Rio de Janeiro, Minas, Bahia. ..
155. *Begonia truncata*. (*Begonia Vitifolia*) Schott. Rio Abaeté. Provincias de Minas, Bahia, etc.
156. *Begonia verticillata* (*Begonia digitata*). Serra dos Orgãos e Petropolis. Outros pontos da provincia de Minas.
157. *Begonia vaginans* (*Begonia tomentosa*). Tijuca e Petropolis.
158. *Begonia dimidiata* (*Begonia arborescens*). Nas matas da Tijuca, cidade do Rio de Janeiro, Corcovado; Petropolis; Serra dos Orgãos...
159. *Begonia herbacea*. Foi conservada por Martius, na pagina 383 do asculo 27.º

(a) Em S. Paulo chamam cipó *capador*.

160. *Begonia lanceolata*. (*Begonia attenuata*). Vive sobre o tronco das arvores. Petropolis, serra da Estrélla, e Rio de Janeiro.

161. *Begonia repens*.

162. *Begonia acetosa*.

163. *Begonia cordata*.

164. *Begonia cruenta*.

165. *Begonia declinata*.

166. *Begonia dubia*.

167. *Begonia erecta*.

168. *Begonia obliqua*.

169. *Begonia procumbens*.

170. *Begonia radicans*.

171. *Begonia reniformis*.

172. *Begonia rotundata*.

173. *Begonia scandens*.

ILICINEAS

174. *Prinos integerrimus* (*Ilex integerrima*). Floresce em Agosto. Foi encontrada em Botafogo, provincia do Rio de Janeiro.

175. *Prinos serratus* (*Ilex acrodonta*). Provincias de Minas e Rio de Janeiro, (Cachoeira do Campo, na primeira).

176. *Chomelia amara* (*Ilex paraguariensis*, ou *acutifolia* ?). Foi encontrada, assim como algumas variedades, nos seguintes lugares : Serra dos Orgãos ; Jardim Botânico ; Lagda de Freitas ; Tijuca ; cidade de Coritiba ; em alguns pontos da provincia da Bahia ; e em outras localidades do Brasil.

177. *Prinos glaber*. (Especie duvidosa). Floresce em Outubro ou Setembro.

RHAMNACEAS

O genero *Caesia* de Velloso foi substituido por *Cormonemo* de Reiss.

178. *Caesia spinosa* (*Cormonema spinosa*). E' um arbusto. Esta especie floresce de Maio a Junho. Provincia do Rio de Janeiro ; côrte. As variedades têm sido encontradas em outros pontos do Brasil.

Eis o que Fr. Velloso diz na sua *Flora Fluminense* a respeito do genero caesia : « In memoriam Frederici Caesii Sancti Angeli Principis botanicas tabulas construentis. »

179. *Celastrus spicatus* (*Gouania corylifolia*). Radd. Velloso encontrou-a na freguezia de Campo-Grande. Existia tambem no Corcovado; Saquarema, e outros pontos da provincia do Rio de Janeiro. O fructo madurece de Fevereiro a Março.

180. *Celastrus umbellatus* (*Reissekia Cordifolia*). Em muitos lugares proximos da cidade do Rio de Janeiro. Provincia da Bahia. P. do Piahy, perto de Oeiras. Floresce em Maio.

LABIADAS

181. *Clinopodium repens* (*Peltodon radicans*). Floresce em Abril. Provincia do Rio de Janeiro, e em algumas matas da provincia de Minas-Geraes. Velloso estudou-a na primeira das duas provincias.

182. *Clinopodium albidum* (*Hyptis paludosa*) S. H. Provincia do Espirito-Santo; e Rio de Janeiro. Floresce de Maio á Junho.

183. *Clinopodium imbricatum* (*Hyptis pectinata*). Entre a capital do Espirito-Santo, e Bahia; em lugares seccos; em Santa Catharina; em Santa-Cruz; fazenda do Ribeiro Manso, etc. Floresce, segundo Velloso, de Julho a Agosto.

184. *Stachys fluminensis* (*Lencas martinicensis*). E' conhecida vulgarmente por cordão de frade, ou cordão de S. Francisco. Encontra-se nos campos, mais ou menos afastados das florestas. Floresce durante os mezes do verão.

185. *Stachys Mediterranea* (*Leonotis Nepetæfolia*). Floresce em Setembro. Sepitiba; nas margens do Parahyba; e em alguns lugares da provincia da Bahia.

SCROPHULARINEAS

186. *Besleria inodora* (*Brumfelsia pauciflora*). Provincia de Minas.

187. *Besleria bonodora* (*Brumfelsia latifolia*). Provincia do Rio de Janeiro, serra da Estrella; entre Campos e capital do Espirito-Santo; em algumas montanhas da provincia de Minas-Geraes.

188. *Silvia curialis* (*Escobedia scabrifolia*). Floresce de Outubro a Novembro. Habita nas provincias de S. Paulo, Minas e Goyaz.

Nota: O genero *Silvia* foi offerecido por Velloso ao Dr. Bartholomêo da Silva Lisboa, como se vê das seguintes phrases tiradas da sua *Flora Fluminensis*: « In memoriam Bartholomæi da Silva Lisboa, Doctoris in utroque jure, et in Historia Naturali Auctoris cujusdam Libelli de progressu Historiæ Naturalis in Lusitania; nunc verb judicis

Forensis, et Præsidis Senatus Fluminensis locum occupantis, et de Rebus Naturalibus Brasiliæ scribentis dixi, »

189. *Scrophularia fluminensis* (*Alectra brasiliensis*). Floresce de Fevereiro a Agosto. Foi encontrada na provincia do Rio de Janeiro; serra do Tinguá, Macahé, Cabo-Frio; provincia de Minas (Congonhas do Campo); provincia de S. Paulo; rio Paraná; em lugares humidos; provincias de Goyaz, Minas e Maranhão. Velloso estudou esta parasita na primeira das provincias citadas.

190. *Buddleia australis* (*Buddleia brasiliensis*). Provincia do Rio de Janeiro: Porto da Estrella, Corcovado, na raiz da Serra da Estrella; na fazenda de S. Bento (município de Campos), e no morro Queimado Nova-Friburgo. Provincia de Minas-Geraes. (*Verbasco*).

191. *Romana Campestris* (*Buddleia elegans*). Barbacena, em Minas. S. Paulo, etc. Floresce nos mezes de Setembro, Outubro ou Novembro.

192. *Pinarda repens* (*Micranthemum orbiculatum*). Rio de Janeiro e provincia da Bahia. Floresce de Janeiro a Fevereiro.

193. *Scrophularia subhastata* (*Stenodia subhastata*). Rio de Janeiro.

194. *Scrophularia procumbens* (*Herpestes lanigera*). Floresce em Janeiro. Velloso encontrou-a em lugares humidos, e em aguas estagnadas da provincia do Rio de Janeiro. Tambem perto de S. Christovão.

FAMILIA DAS ERIOCAULACEAS

195. *Dupatya aequalis* (*Pæpalanthus Blepharocnensis*). Provincias de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro.

196. *Dupatya hirsuta* (*Pæpalanthus Dupatya*). Fevereiro. Provincia de S. Paulo: serra do Cubatão, entre as cidades de Santos e de S. Paulo.

197. *Dupatya ligulata* (*Eriocaulon Kunthii*). Rio das Pedras, etc.

CONIFERAS

198. *Pinus dioica* (*Araucaria brasiliana*). Pinho do Brasil, ou Pinheiro. Encontra-se entre 15° e 30° de latitude austral. Provincias de Santa Catharina, Minas, S. Paulo, Rio-Grande do Sul. Arvore mui corpolenta e elevada; fornece uma madeira estimada e procurada para certas obras.

ERICACEAS

199. *Andromeda hirsuta* (*Gaultheria ferruginea*). Serra dos Orgãos;

Nova Friburgo, P. do Rio de Janeiro. Provincia de Minas: Itacolomi, m. do Ouro Branco, da Piedade, V. Rica; a uma altura de 4,000 a 5,000 pés. Floresce de Março a Agosto.

200. *Andromeda serrata* (Gaultheria elliptica). Alto da Boa-Vista, e em mais alguns lugares da provincia do Rio de Janeiro.

201. *Andromeda lanceolata* (Leucothoe multiflora). Cidade da Diamantina em Minas-Geraes. E' uma variedade da especie *multiflora* de De Candolle.

202. *Andromeda nitida* (Especie *Leucothoe revoluta* de De Candolle). Nos arredores do Rio de Janeiro e na provincia da Bahia.

OPHIOGLOSSEAS

203. *Ophioglossum reticulatum* (Linneó, mencionada por Velloso). Provincia do Rio de Janeiro: serra da Estrella. Em outros paizes da America e na Jamaica.

« E' uma pequena familia, e por isso não admira que o nome de Fr. Velloso não appareça repetidas vezes. »

SCHIZAEACEAS

204. *Ophioglossum scandens* (*Lygodium hastatum*). Provincias do Rio de Janeiro, Minas e Bahia.

205. *Horta spinosa* (*Clavija macrophylla*). Floresce no mez de Dezembro, Corcovado, Copacabana provincia do Rio de Janeiro. Existe tambem na provincia do Pará; no Rio Negro, tributario do Amazonas, floresce em Outubro.

206. *Zacyntha nutans* (*Clavija integrifolia*). Rio Parahybuna, Bocaina, etc.

207. *Peckia verticillata* (*Cybianthus cuneifolius*). Floresce no mez de Outubro Rio de Janeiro, Corcovado, etc., etc.

SYMLOCACEAS

208. *Epigenia crenata* (*Symplocos cricophæa*). Provincia de Goyaz. « *In memoriam Epigenis Rhodii de Re rustica seribentis* ». (*Flora Fluminense*, pag. 183.)

209. *Barberina hirsuta* (*Symplocos hirsuta*). « *In memoriam Cardinalis Barberini magnifici Horti Botanici Constructoris*. » (*Flora Fluminense*, de Velloso pag. 235.)

ALSTRÆMERIAS

210. *Alstræmeria salsilla* (*Bomarea spectabilis*, ou *parvifolia* ?)
211. *Alstræmeria cunha* (Não foi substituída por Martins, na sua *Flora Brasiliensis*). Floresce de Agosto a Setembro. Perto de S. João das Antas
212. *Alstræmeria Pelegrino* (*Alstræmeria caryophyllea*). Perto de Cabo-Frio.

COMMELINEAS

213. *Convallaria diffusa* (*Dichorsandra Luschnathiana*). Serra dos Orgãos, e montanha do Corcovado.
214. *Tradescantia capitata* (*Campelia Zanonia*).
215. *Tradescantia fluminensis* (*Tradescantia Mudula*). Sul do Brasil.
216. *Tradescantia Cammelina* (*Tradescantia Sellowiana*). Entre a cidade da Victoria e Bahia.
217. *Tradescantia geniculata* (C. que foi conservada).
218. *Commelina communensis* (*Cammelina agraria*). Perto de S. Christovão.

POLYGONACEAS

219. *Polygonum maritimum* (*Polygonum acre*). Provincia do Rio de Janeiro ; da Bahia ; Pará (margens do Amazonas) ; rio de S. Francisco ; Rio-Grande do Sul. America do Norte ; e em algumas republicas da America do Sul.
220. *Polygonum erectum*.
221. *Polygonum scandens*.
222. *Polygonum declinatum* (*Coccoloba declinata*, ou *Velloziana* ? Provincia do Rio de Janeiro. Taubaté e Pindamonhangaba na provincia de S. Paulo.
223. *Polygonum frutescens* (*Coccoloba Gardneri*). Serra dos Orgãos ; provincia do Rio de Janeiro.
224. *Polygonum arborescens* (*Coccoloba nitida*). Rio de Janeiro : Joazeiro, provincia da Bahia, Provincias do Piauhy, Bahia. Rio Magdalena. (*Magenia scandens*).

THYMELAEACEAS

225. *Bosca stupacea* (*Funifera utilis*). Conhecem alguns por em

bira branca, ou simplesmente embira. Floresce no mez de Julho. Nas matas proximas do Rio de Janeiro.

PROTEACEAS

226. *Dineckaria legalis* (*Adenostephanus Sellowii*). Sul do Brasil. Floresce de Julho a Agosto. Velloso diz que a conhecem por *Cuticæm* « In memoriam D. Dicrecker dixi. » (Pag. 42 da *Flora Fluminense*).

URTICACEAS

227. *Ficus hirsuta*. (*Urostigma hirsutum*). Provincia do Rio de Janeiro; Serra do Tinguá; no caminho de S. Clemente.

228. *Cecropia peltata* (*Cecropia Adenapus*) Martius. Cresce nos campos, nas capoeiras, e nas margens dos rios, em diferentes pontos do Brasil, e, principalmente, na provincia do Rio de Janeiro. Rio de S. Francisco; rio Amazonas, seu affluente Rio Negro; e em Minas-Geraes. Conhecem vulgarmente por Embaiba.

229. *Morus tinctoria* (*Maclura tinctoria*). Provincia de Goyaz, Ribeirão d'Anta.

230. *Morus tataiba* (*Maclura affinis*). Cresce em Cabo-Frio, etc. etc.

Nota: O genero *Morus* pertencia a antiga tribu das Moréas do extenso grupo das Urticaceas; e esta tribu constitue hoje a familia das Moréas á qual pertence a tatajuba e outras que primam pela tinta amarella que produzem, pelo cerne amarello, e pelo leite que a casca contém. »

231. *Dorstenia erecta* (Foi conservada pelo Dr. Martius). Em diferentes pontos do Brasil.

232. *Dorstenia caulescens* (*Dorstenia nervosa*). Serra do Mar. Foi tambem encontrada na fazenda de Mathias Ramos, e abaixo da Serra do Tinguá.

233. *Dorstenia ficus* (*Dorstenia multiformis*). Foi encontrada em lugares proximos do Rio de Janeiro.

234. *Dorstenia cyperus* (Não sei se foi conservada). Foi encontrada em lugares proximos do Rio de Janeiro. Abaixo da serra do Tinguá; no Corcovado; freguezia do Campo-Grande; em Marapicú; e no Jerissinó.

235. *Dorstenia Drakena* (*Dorstenia pinnatifida*, variedade da especie *Dorstenia arifolia* de Lamarck). Provincias do Rio-Grande, Minas e Rio de Janeiro.

236. *Urtica mitis* (*Urtica mitis*). Em alguns pontos do Brasil.
237. *Urtica nitida* (*Urtica armigera*). Mez de Julho. Rio de Janeiro.
238. *Urtica dioica* (*Urtica urens*). Linnéo. E' uma planta da Europa, que cresce no Rio de Janeiro, e em outros pontos do Brasil.
239. *Ficus indica* de Velloso. (Foi conservada (?))
240. *Parietaria officinalis*. (Especie obscura, a respeito da qual o Dr. Martius nutre duvidas, conforme o modo por que exprime-se na sua *Flora Brasiliensis*).

SOLANACEAS

241. *Solanum triphyllum* (*Solanum prunifolium*). Boa-Vista e outros lugares.
242. *Solanum nigrum* (Velloso e Linnéo). Herva moira. Parahyba do Sul; municipio neutro; rio Piabanha (tributario do Parahyba; nasce em Petropolis). Em outros pontos da provincia do Rio de Janeiro. Provincias do Ceará e Minas. Planta medicinal.
243. *Solanum diffusum*. (*Solanum Aguraquya* (?) P. Floresce em Janeiro. Tem diversos nomes vulgares e alguns conhecem impropriamente por herva-moira.
244. *Solanum Caavurana* (Foi conservada). Nas matas do Corcovado; em Cabo-Frio. Provincia do Piauby. Floresce...
245. *Solanum Cæruleum* (Foi conservada). Perto do Rio de Janeiro; e, segundo Martius, na Cachoeira do Campo em Minas-Geraes.
246. *Solanum Carmanthum* (Tambem é admittida). Floresce em Março; Cachoeira do Campo em Minas. Velloso encontrou-a na fazenda de Santa-Cruz: floresce de Agosto a Setembro.
247. *Solanum stipulatum* (*Solanum Rivulare*, de Martius). Floresce em Fevereiro (Velloso). Segundo o Dr. Martius, floresce de Setembro a Outubro, na serra dos Orgãos. Schott encontrou-a na serra do Tinguá; e Sellow no Sul do Brasil.
248. *Solanum inæquale* (Foi conservada). Tijuca; Corcovado; serra dos Orgãos; nas matas vizinhas do rio Taguahy (Velloso). Floresce de Agosto a Setembro, segundo Velloso; de Outubro a Novembro, segundo Martius.
249. *Solanum Guaphalocarpum* (Idem). Floresce de Outubro a Novembro. Serra da Estrella, etc.
250. *Solanum lacteum* (Idem). Floresce de Janeiro a Fevereiro.
251. *Solanum uniflorum* (*Solanum pseudo capsicum*, de Linnéo). Floresce de Setembro a Outubro. Boa-Vista.

252. *Solanum terminale* (*Solanum isodynamum*).
253. *Solanum danthemum* (*Solanum concinnum*, de Schott).
254. *Solanum coronatum* (*Solanum sambuciflorum*). Floresce de Outubro a Novembro.
255. *Solanum tabaccifolium* (*Solanum auriculatum*). Conhecida vulgarmente por *Caa*, ou fumo bravo. Segundo *Velloso*, floresce em Outubro ou Setembro. Encontram-se variedades d'esta especie em outras provincias do imperio.
256. *Solanum Cernuum* (Não foi substituida). Este arbusto tem sido encontrado no Parahyba, Parahybuna, e na estrada real da provincia de Minas, segundo as indicações do Dr. Martius.
257. *Solanum Bullatum* (Idem). « A especie *Solanum Velloisianum* de *Dunel* creio eu que foi dedicada ao illustre botanico brasileiro Fr. Velloso. »
258. *Solanum inodorum* (*Solanum decorticans*). Floresce em Fevereiro. Paraty.
259. *Solanum flaccidum* (Foi conservada). Floresce de Fevereiro a Março.
260. *Solanum odoriferum* (Idem). Floresce de Fevereiro a Março. Tijuca, etc.
261. *Solanum bifissum* (*Solanum sordidum*). Nos limites de S. Paulo e Minas-Geraes (Morro do Lobo). Floresce de Dezembro a Fevereiro.
262. *Solanum sub-umbellatum* (Foi conservada). O *Solanum terminale*, tambem de Velloso, creio que é a mesma, pelo que diz o Dr. Martius Entre S. Paulo e Minas; S. João d'El-Rey; Barbacena; Congonhas do Campo.
263. *Solanum congestum*.
264. *Solanum havanensis*.
265. *Solanum arrebenta* (*Solanum aculeatissimum*). Conhecida vulgarmente por *jou arrebenta cavallo*. Floresce e fructifica de Agosto a Novembro, na montanha do Corcovado. Encontra-se tambem em Minas-Geraes e Goyaz.
266. *Solanum sinuatifolium*. (O Dr. Martius considera como a mesma especie precedente; e Velloso exprime-se, na sua *Flora Fluminense*, de modo a confirmar ou a autorisar o que fez o Dr. Martius: « *Bacca coccinea Solani arrebenta similis*. »
267. *Solanum bifissum* (*Solanum spectabile*). Alguns conhecem por Jubeba, ou Juropeba. Floresce em Dezembro, entre Lorena e S. Paulo:

Dr. *Martius* (A' vista da repetição da especie *Solanum bifissum*, deve-se considerar o numero 261 como não escripto).

268. *Solanum multiangulatum* (Foi conservada).

269. *Solanum Ambrosiacum* (Idem) *Jod amarello*. Em Santa-Cruz.

270. *Solanum hexandrum* (Idem.). Floresce em Dezembro, Santa Cruz ; Campos etc.

271. *Solanum edule* (*Solanum Balbisii*), Provincia do Rio de Janeiro, onde é conhecido vulgarmente pelo nome de *Jod*; provincia de S. Paulo, *Martius*.

272. *Solanum repandum* (*Solanum variabile*). Rio de Janeiro. Taubaté, provincia de S. Paulo Floresce na primeira, em Junho ; e no mez de Dezembro na segunda.

273. *Solanum Jubeba*. (*Solanum insidiosum* ?) *Curral Falso*.

274. *Solanum subscandens* (Foi conservada). Floresce em Março. Rio de Janeiro : montanha do Corcovado ; e em outros pontos da provincia.

275. *Solanum Paratyense* (Idem). Provincia do Rio de Janeiro ; Paraty, Cabo-Frio, Angra dos Reis. Floresce em Outubro ou Julho ?

276. *Solanum oleraceum* (*Solanum Juciri*). Provincia do Rio de Janeiro. Guaratinguetá, provincia de S. Paulo (floresce em Dezembro). Nas matas do Pirahy, diz *Martius*, que floresce do mez de Fevereiro a Março. Tijuca. Sul do Brasil. « (*Juqueriôba* (quod interpretatur *planta spinosa*, *edulis dicitur*.) *Flora Fluminense*, pag. 89.

277. *Solanum decurrens* (Não foi substituida). Floresce em Agosto, Santa-Cruz, e nas margens do rio Itaguahy. E' rara no Corcovado e arredores do Rio de Janeiro (Pohl.) Serra Grande (Scholl.)

278. *Solanum elegans*.

279. *Solanum conicum*.

280. *Solanum ellipticum*.

281. *Solanum fasciculatum*.

282. *Solanum perianthomega*.

283. *Solanum cylindricum*. Estas especies, que *Velloso* consagra na sua obra, não são descriptas no genero *Solanum* da *Flora Brasiliensis*, do Dr. *Martius* ; estão incluidas pelos generos *Aureliana* e *Cyphomandra*.

284. *Cyphomandra sciadostylis* (*Solanum conicum* de *Velloso*). Floresce de Julho a Agosto. Mogy-guassú; S. Paulo. Suldo Brasil.

285. *Solanum elegans* (*Cyphomandra Velloziana*). Arredores do Rio de Janeiro; provincia da Bahia. Floresce de Janeiro a Julho.

286. *Solanum ellipticum* (*Cyphomandra elliptica*). Província do Rio de Janeiro.

287. *Solanum cylindricum* (*Cyphomandra cylindrica*). Província do Rio de Janeiro. Floresce de Outubro a Novembro.

288. *Solanum lycopersicum* (*Lycopersicum esculentum*). Nome vulgar: tomate. Planta cultivada nas hortas. E' cultivada em todo o Brasil.

289. *Solanum fasciculatum* (*Aureliana fasciculata*). Floresce de Fevereiro á Março. Província do Rio de Janeiro, Minas,

290. *Capsicum Comarim* (*Capsicum frutescens*). O capsicum odoriferum, a *C. baccatum*, que Velloso estabeleceu como especies distinctas assim como a primeira, achão-se substituidas pelo *Capsicum frutescens* de Willd. E' conhecida vulgarmente por *pimenta de comary*. E' cultivada em larga escala em muitos pontos do Brasil.

291. *Capsicum conicum* (*Capsicum baccatum* de Linnéo).

292. *Capsicum sylvestre* (*Capsicum annum*, de Linnéo). Floresce de Setembro a Outubro.

293. *Capsicum umbilicatum*. Variedade do *Capsicum grossum*.

294. *Capsicum Axi*. Variedade do *Capsicum cordiforme*.

295. *Capsicum torulosum*. Variedade do *Capsicum* :

São plantas que encerram um principio acre no fructo, conhecidas por pimentas.

296. *Datura scandens* (*Solandra grandiflora*). Floresce em Dezembro, Mangaratiba.

297. *Datura arborea* (De Velloso, Linnéo, Willad e outros). Nome vulgar, Assucena do brejo.

298. *Datura stramonium* (De Velloso, Linnéo, Pavon, Martius e outros). Figueira do inferno (nome vulgar). Cresce nos campos, e a flôr é menor que a da *trombeta*, *Datura factuosa*, que Velloso não menciona.

299. *Nicotiana tabacum* (Velloso, Lamark, Linnéo, etc) Fumo, tabaco. Planta cultivada em muitos pontos do Brasil, e cujas folhas encerram a *nicotina*, principio activo do fumo.

300. *Nicotiana ruralis* (*Nicotiana Langsdorffii*). Foi encontrada em Minas, S. Paulo, etc., por Pohl, Martius, Sellow, e estudada tambem por Velloso.

CESTRINEAS

301. *Cestrum* (*a*) sub sessile (*Cestrum Schottii*). Serra da Estrella, (*a*) As *Coeranas*, no Rio de Janeiro, são do genero *CESTRUM*.

provincia do Rio de Janeiro. Cuyabá, capital da provincia de Mato-Grosso.

302. *Cestrum axillare* (*Cestrum lævigatum*). Em lugares arenosos. Provincia do Rio de Janeiro: porto da Estrella. Segundo a indicação do Dr. Martius, floresce de Agosto a Outubro.

303. *Cestrum stipulatum* (*Cestrum bracteatum*). Floresce em Setembro. Provincia do Rio de Janeiro; cidade; serra da Estrella. Floresce em Setembro.

304. *Cestrum arvense* (Especie duvidosa, de Velloso). Floresce de Janeiro a Fevereiro.

305. *Lisianthus ophiorrhiza*. (*Metternichia Principis*). Mikan. Floresce de Novembro e Dezembro a Janeiro. Provincia do Rio de Janeiro: Cabo-Frio, Corcovado, etc.

PIPERACEAS

306. *Piper stellatum* (*Peperomia Pereskiaefolia*). Rio Paraty, Santa Catharina, etc.

307. *Piper quadrifolium*. (*Peperomia Valantoides*). S. Paulo, etc.

308. *Piper monostachyon* (*Peperomia hederacea*). Cresce no Rio de Janeiro: no Corcovado; em Santa Catharina.

309. *Piper umbellatum* (*Potomorphe sidæfolia*). Nome vulgar: pariparoba, ou caúpeba. Nas margens de pequenos rios; vegeta em lugares humidos. Angra dos Reis, Itaguahy (serra), Mangaratiba, Rio de Janeiro; serra do Araripe....

310. *Piper reticulatum* (*Enekea cænothifolia*). Perto da cidade do Rio de Janeiro; e S. João D'El-Rei.

311. *Piper cernuum* (*Arthante spectabilis*) ou *Arthante caruva*?

312. *Piper truncatum* (*Arthante pothifolia*) Serra dos Orgãos; Rio de Janeiro.

313. *Piper aduncum* (*Arthante olphersiana*) Cidades de Campos, Victoria e Bahia. Em algumas localidades da provincia de Goyaz.

314. *Piper sylvestre* (*Arthante ampla*). Floresce em Outubro. Provincia do Rio de Janeiro: Corcovado; serra da Estrella e Minas.

315. *Piper crassum* (*Arthante crassa* (?) Será uma simples variedade da ultima?

316. *Piper jaborandi* (*Ottonia amisum*). Montanha do Corcovado; e em muitas matas da provincia do Rio de Janeiro, inclusive nas da Parahyba do Sul.

VERBENACEAS

317. *Verbena cunea* (*Verbena pholigiflora*, ou *vulgaris* (?). Provincias de Minas, S. Paulo e Rio-Grande do Sul, etc.

318. *Verbena lobata* (Foi conservada). Floresce em Dezembro. Sul do Brasil.

319. *Verbena quadrangularis* (*Verbena bonariensis*). Floresce de Janeiro a Fevereiro. Sul do Brasil. Santa Catharina. Serra dos Orgãos. Provincia de Minas. Em B., Cabo da Boa-Esperança.

320. *Verbena brasiliensis* (*Verbena litoralis*). Nome vulgar: *herva do Pai Caetano*. Sul do Brasil; e em algumas republicas da America do Sul: Venezuela, Perú, Chile. Planta medicinal.

321. *Verbena fluminensis* (*Bouchea*, pseudo *gervão*). Floresce durante os mezes de Setembro, Outubro e Novembro. Nome vulgar: *gervão de folha grande*. Provincias de Minas e S. Paulo.

322. *Verbena jamaicensis*. (*Stachytarpha dichotoma*). Nome vulgar: *gervão* ou *urgervão*. Em muitas localidades da provincia do Rio de Janeiro. Nas provincias de Santa Catharina, Minas e Bahia. Foi tambem encontrada na montanha do Corcovado.

323. *Lantana spicata* (*Lantana brasiliensis*). Cresce em abundancia nos campos. Provincia de S. Paulo: Ypanema e Porto-Feliz. Na cidade da Victoria, capital do Espirito-Santo. Provincias de Minas e Mato-Grosso.

324. *Lantana aculeata* (*Lantana Camara*). Encontra-se em lugares proximos do Rio de Janeiro; na provincia de Minas....

325. *Petrea volubilis* (*Petrea subserrata*). Floresce em Setembro. Encontra-se nas florestas da provincia do Rio de Janeiro; em S Paulo, Minas...

326. *Ægiphila verticillata*. (*Ægiphila tomentosa*). Em Taubaté, provincia de S. Paulo; em Barbacena, e outros pontos da provincia de Minas.

327. *Ægiphila fluminensis* (Foi conservada). Na montanha do Corcovado; na Copacabana; e nas florestas da provincia do Rio de Janeiro. Floresce de Julho a Agosto.

328. *Ægiphila brachiata* (*Ægiphila triantha*), Brasil....

329. *Ægiphila serrata* (*Ægiphila graveolens*), Martius. Em Mogy das Cruzes e Taubaté da provincia de S. Paulo; em alguns pontos do Rio de Janeiro, inclusive no Corcovado.

330. *Ægiphila mediterranea* (Foi aceita). Província do Rio de Janeiro; em matas proximas da cidade do Rio de Janeiro.

331. *Ægiphila racemosa* *Ægiphila cuspidata*). Floresce de Setembro a Outubro. Praia Grande; Itaipú. Na província do Pará fructifica em Setembro; fructifica em Janeiro para os lados do Rio-Negro e Japurá, província do Alto-Amazonas.

332. *Ægiphila abducta* (Foi adoptada). Província de Minas: montanha do Itacolomi; serra dos Orgãos, e nas proximidades do Rio de Janeiro.

ANONACEAS

333. *Anona muricata* (Velloso, Linnêo, Swarts e outros). Nome vulgar *Fructa de conde*. E' cultivada em muitas hortas, e em diversas pontos do Brasil. Floresce de Setembro a Outubro, e o fructo madura ece 2 ou 3 mezes depois.

334. *Anona reticulata* (*Anona Pisonis*). Em matas proximas da cidade do Rio de Janeiro; província de Pernambuco. Floresce no mez de Novembro.

335. *Anona squamosa* (*Anona obtusiflora*)....

336. *Anona silvestris* (*Rollinia silvatica*). Fructifica em Março. Foi encontrada por Velloso, na província do Rio de Janeiro; e por St. Hilaire, na província de Minas Geraes.

337. *Anona exalbida* *Rollinia exalbida*. Casca adstringente. Provincias do Rio-Grande, e Rio de Janeiro.

338. *Uvaria sessilis* (*Duguetia bracteosa*). Província da Bahia. Floresce e fructifica nos primeiros mezes do anno.

339. *Uvaria monosperma* (*Guatteria nigrescens*). Floresce e fructifica nos ultimos mezes do anno. Em Lorena, província de S. Paulo; serra do Tinguá; província do Rio de Janeiro.

340. *Uvaria hirsuta* (*Guatteria Hilariana*). Provincias tropicaes do Brasil.

341. *Uvaria brasiliensis* (Foi adoptada na *Flora Brasiliensis* do botanico Martius). Floresce e fructifica no fim do anno. Velloso estudou-a em algumas matas da província do Rio de Janeiro; tambem existe na província da Bahia. (a)

342. *Anona fluminensis* (*Xylopia sericea*). (a) Provincias de Minas e Rio de Janeiro. Rio Amazonas.....

(a) Nome vulgar: Pindahiba.

ACANTHACEAS

343. *Mendoncia albida* (*Mendozia puberula*, de Martius). Provincia do Rio de Janeiro ; serra dos Orgãos. Lorena, provincia de S. Paulo. Floresce e fructifica de Novembro e Dezembro á Janeiro. Nas Olhos da Agua, provincia da Bahia. O genero *Mendoncia* ou *Mendozia* foi estabelecido por Velloso.

344. *Mendoncia coccinea* (*Mendozia Velloziana*). « Esta especie foi dedicada, pelo Dr. Martius, á Velloso. » Serra dos Orgãos ; cidade do Rio de Janeiro....

345. *Rouellia diffusa*. (*Nelsonia Pohlil*). Provincias de Goyaz e Pernambuco.

346. *Pedicularis sessilis* (*Hygrophila costata*). Em Paquequer. E' cultivada nas hortas botanicas ; foi tambem encontrada em pontos proximos do cidade da Rio de Janeiro.

347. *Rouellia solitaria* (*Dipteracanthus schauerianus*). Foi encontrada nas matas da Tijuca ; na montanha do Corcovado, serra da Estrella, etc.

348. *Rouellia pilosa* (*Dipteracanthus nesianus*). Floresce em Janeiro. Em Santa-Cruz. Goyaz e Mato-Grosso.

349. *Rouellia hirsuta* (*D. geminiflorus*). Municipio de Campos e Cabo-Frio, na provincia do Rio de Janeiro. Taubaté, provincia de S. Paulo, cidade da Victoria, capital do Espirito-Santo ; e nas provincia da Bahia, Minas-Geraes.

350. *Pedicularis sceptrum Marianum* (*Azrhostoxylon acutangulum*). Serra da Estrella, perto da cidade do Rio de Janeiro, rio Parahyba. « In memoriam D. Augustae sceptrum Marianum. » *Flora Fluminensis*, pag. 270.

351. *Rouellia geniculata* (*Stemandrium mandiocarum*). Copacabana, Cabo-Frio, montanha do Corcovado.

352. *Rouellia spicata* (*Geissomeria distans*). Floresce em Janeiro. Velloso encontrou-a nas matas de Santa-Cruz, provincia do Rio de Janeiro.

353. *Rouellia prismatica* (*Strobilorrhachis prismatica*). Serra da Estrella, Corcovado, Santa-Cruz e em outros pontos da provincia do Rio de Janeiro.

354. *Rouellia colorata* (*Lagochilium montanum*). Provincia de S. Paulo (Santos, provincia de Minas-Geraes, etc.

355. *Rouellia comosa* (*Aphelandra squarrosa*). Serra do Cubatão, provincia de S. Paulo ; serra de Macacú, provincia do Rio de Janeiro.

356. *Rouellia quadrangularis* (*Aphelandra sciophila*). Floresce no mez de Novembro. Em alguns lugares do Brasil.

Nota. A especie *Justicia Vellozii*, foi dedicada, por *Schult* ao botânico Velloso; o Dr. *Martius*, na sua *Flora Brasiliensis*, substituiu-a pela *Beloperone hirsuta de N.*

HYPOXIDEAS

357. *Anthericum ensiforme* (variedade da especie *Hypoxis decumbens* de Linnéu.

358. O *Anthericum gramineum* de Velloso será identico a de Linnéu? Floresce em Outubro. Foi encontrada no Corcovado, e em outros lugares do Rio de Janeiro. Em Jacobina, provincia da Bahia. Na provincia de Minas-Geraes; e tambem foi estudada no sul do Brasil.

A familia das *Vellosias* foi dedicada ao illustre botânico brasileiro Fr. Velloso, assim como o genero *Vellosia*, por Vandell.

PONTERIACEAS

359. *Buchosia aquatica* (*Heteranthera reniformis*, de Pavon e R. Copacabana; provincia do Rio de Janeiro. Floresce em Julho. Guatemala; Perú; Mexico, e n'America do Norte até a Virginia.

360. *Pontederia aquatica* (*Eichhornia azurea*). Joazeiro, e rio S. Francisco, na provincia da Bahia. Provincia do Pará; e encontra-se tambem fóra do imperio.

ALISMACEAS

361. *Sagittaria sagittifolia* (*Alisma macrophyllum*). Provincia do Rio de Janeiro; porto da Estrella.

LILIACEAS

362. *Aloe perfoliata* e (*Aloe barbadensis*). Provincias do Rio de Janeiro e Bahia. Floresce em Setembro, segundo Velloso. Nome vulgar: *Babosa*.

AMARYLLIDEAS

363. *Amaryllis illustris* (*Amaryllis Psittacina*).

364. *Amaryllis princeps* (*Amaryllis principis*). Velloso menciona Santa-Cruz, lugar onde encontrou-a; *Martius* aponta o Espirito-Santo.

365. *Amaryllis Dryades* (*Griffinia Hyacinthina*). Rio de Janeiro.

UTRICULARIAS

366. *Utricularia vulgaris* (*utricularia oligosperma*; St. Hilaire). Provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo; Rio-Negro; Pará; Pernambuco.

SMILACEAS

367. *Smilax china* (*Smilax syringoides*). Sul do Brasil.

368. *Rajania verticillata* (*Herreria salsaparrilha, de Martius*). E' cultivada em muitos pontos do Brasil).

DIOSCOREACEAS

369. *Dioscorea conferta* (*Dioscorea piperifolia*) Provincia do Pará, etc.

370. *Dioscorea subhastata* (*Dioscorea glandulosa* (?)) Será uma simples variedade ?

371. *Dioscorea undecimnervis* (*Dioscorea glandulosa* (?)) Será tambem uma variedade ? Provincia do Rio de Janeiro; entre as cidades de Campos e da Victoria (capital do Espirito-Santo). Nas matas da provincia de S. Paulo, etc.

372. *Dioscorea ovata* (*Dioscorea adenocarpa, de Martius*). Floresce no mez de Abril; e o fructo madurece no mez de Maio. Provincia de Minas-Geraes: S. João d'El-Rei, etc.

373. *Dioscorea dodecaneura* (Foi conservada). Provincia do Rio de Janeiro: porto da Estrella. Provincias de Minas-Geraes e Mato-Grosso. Floresce de Fevereiro a Abril.

374. *Dioscorea quinquelobata* (*Dioscorea brasiliensis*). Nas provincias mais ao norte, como o Pará...

375. *Dioscorea heptaneura* (*Dioscorea sativa, de Linnéo*). Floresce de Fevereiro a Março. Provincia do Rio de Janeiro; entre Campos e Victoria. Provincia de Minas-Geraes.

376. *Dioscorea sinuata* (Foi adoptada). Sul do Brasil. Nas proximidades da cidade do Rio de Janeiro, etc. Floresce no mez de Maio.

377. *Dioscorea tuberosa* (*Rajania brasiliensis*). Provincia de Minas-Geraes, provincia de S. Paulo, etc.

ROSACEAS

O genero *Brya* de Velloso foi substituido pelo *Hirtella* de Linnéo.

COMBRETACEAS

378. *Bucida Buceras*, de Velloso (Subsiste, porém, o *Bucida Buceras*, de Lin. Mangue branco, etc.)

379. *Combretum secundum* (C. Laeflingii). No Corcovado, Copacabana, Cantagallo, Macahé, Cuiabá, Goyaz, Minas-Geraes.

380. *Forsgordia laevis*. (*Combretum Jacquinii*. Santa-Cruz, Cantagallo; (Velloso colheu o specimen em Santa-Cruz). A especie abunda em quasi todo o Brasil tropical.

LÁURINEAS

381. *Menestrata racemosa*. (*Oreodaphne? spixiana*). Unica especie mencionada na *Flora Brasiliensis*.

CAPPARIDEAS

382. *Cleome pedunculata* (*Cleome gigantea* Lin). Provincia do Rio de Janeiro, etc.

383. *Cleome dodecaphylla* (C. dendroides). Petropolis. Cantagallo.

384. *Cleome pentaphylla*. (C. rosea). Provincias do Rio de Janeiro e de Minas.

385. *Cleome triphylla*. (C. affinis D. C.) Botafogo, Carioca....

386. *Capparis scandens* (*Capparis lineata*). Floresce em Outubro, provincia do Rio de Janeiro, etc.

387. *Capparis nectarea* (Adoptada). Velloso encontrou-a na provincia do Rio de Janeiro.

388. *Capparis flexuosa* (Adoptada). Provincias do Rio de Janeiro e do Espirito-Santo.

389. O *capparis declinata*, de Velloso, é uma variedade do *capparis cynophallophora* de Linnéu.

CRUCIFERAS

390. *Sizymbrium fluviatile* (*Nasturtium officinale*). *Agrião ordinario*. *Lepidium americanum* (*Senebiera pennatifida*).

GENTIANACEAS

391. *Lisianthus ovatifolius*. (L. alpestris-Mart). Serra da Mantiqueira; Campanha, etc.

392. *Menyanthes brasilica* (*Limnanthemum Humboldtianum*-Cris. S. Christovão, Cabo-Frio, Minas, etc.

Ao todo 392 especies creadas por Velloso, que estão mencionadas nos 43 fasciculos da *Flora Brasiliensis* do Dr. Martius. D'estas especies foram adoptados 62 nomes botanicos estabelecidos pelo

naturalista brasileiro. Nos futuros fasciculos da *Flora Brasiliensis* serão contempladas as especies ainda não mencionadas, e por elles ver-se-ha se foram ou não adoptadas.

O *Andaçu* é o *Johannestia Princeps* de Velloso, das euphorbiaceas, que alguns chamam *Anda Gomesii*. E como os precedentes poderiamos citar muitas outras, que ainda estão sujeitas á deliberação dos legisladores da botanica.

O Dr. *Baillon*, professor de botanica na escola de medicina de Paris, publicará brevemente o complemento da sua monumental monographia das euphorbiaceas, onde serão mencionadas as especies que Velloso classificou.

Alguns nomes botanicos creados pelo padre mestre Velloso, para plantas euphorbiaceas do Brasil, foram adoptados.

O insigne Dr. *Bureau*, não olvidará, na sua descripção das plantas brasileiras, da ordem das bignoneaceas, as especies que Velloso classificou. Uma parte d'estes trabalhos já nos foi enviada de Paris pelo Dr. *Bureau*, e ahi encontrámos as especies, de Velloso :

Bignonia fasciculata, substituida por *Tynanthus laxiflora* de Miers.

Bignonia cordata, substituida por *Lundia umbrosa* de Buz.

Bignonia longa, substituida por *Lundia longa* de D. C., etc.

APPENDICE

LOGANIACEAS

Gardenia trinervis V. (*Strychnos Triplinervia* M.).

Narda spinosa V. (*St. brasilienses* M.).

JASMINACEAS

Jasminum Fluminense V. (*J. Azoricum* L.).

STYRACEAS

Epigenia integerrima V. (*Styrax glabratum* S.).

LORANTHACEAS

Loranthus grandiflorus V. (*Psittacanthus robustus* M.).

Loranthus americanus V. (*Psittacanthus Dichorus* M.).

Loranthus odoriferus V. (*Phrygilanthus Eugenioides* H)

Loranthus vulgaris V. (*Struthanthus marginatus*).

APPENDICE AO CAPITULO VELLOSO E BOCAGE

Velloso é o autor da Nomenclatura Linneana para as plantas mencionadas no *Poema de Rosset*: — *Agricultura* — que Bocage traduziu para o verso portuguez. Acha-se no 5.º volume das poesias de Bocage, paginas: 187, 188, 189, 190, 191 e 192.

No fim do 1.º volume das poesias de Bocage encontramos as seguintes linhas, relativamente á Velloso: «O mesmo homem, que rejeitára redondamente de José de Seabra a nomeação para um lugar de official na bibliotheca publica, achando insupportavel a sujeição do emprego, melhor aconselhado pela nescessidade não teve duvida em aceitar de Fr. José Marianno Velloso, religioso arrabido, e director então da officina chalcographica, creada pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o partido que lhe propôz de se occupar em rever aturadamente as provas de obras apropriadas a diffundir a instrucção, applicando o resto do tempo as versões de bons autores e a composições originaes. O ajuste foi dos mais modestos. Vinte e quatro mil réis mensaes, ficando a primeira edição toda para a casa, e o que obteve o grande poeta, e ao que se submetteu para grangear os soccorros, que a indigencia tornava preciosos.

Sem este contrato, em que o padre Velloso se nos figura mais favorecido do que benfeitor, como diz o Sr. Castilho, a litteratura portugueza contaria de menos algumas primorosas traducções.

Homem de vasto saber, e amigo por natureza dos engenhos desvalidos, devemos suppor que o religioso arrabido offereceu quanto lhe permittiam as posses do estabelecimento; e o reconhecimento de Elmano, conservado até a morte, assás o attesta.

Póde inferir-se até, pela dedicatória do drama «*A Virtude Laureada*, » que a mão do protector discreto e liberal soube escolher as occasiões, acudindo com dadivas espontaneas aos maiores apuros de Manoel Maria.

Da transacção com Velloso sahiram as versões admiraveis dos «*Jardins de Delille*, das *Plantas de Castel*; do *Consortio das Flores de Lacroix*; e do *Canto de Tripoli-Cardoso*.»

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRÉS POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES,
ETC.

—
FRANCISCO MANOEL DA SILVA



Se as letras, as sciencias têm filhos inspirados, pujantes lidadores, romeiros dedicados, que, sem sentirem os pés sangrarem nas urzes da estrada, nem o fogo da ebre requeimar-lhes o cérebro, e minar-lhes a existencia, vão caminhando sempre como o Moysés do povo de Deus; se as sciencias contam entre seus cultivadores homens como Galiléu, que, apezar das perseguições da inquisição, das penitencias impostas pelos cardeaes, para declarar heresia o systema de Copernico bateu com o pé no chão, e agitado, inflammado pelo amor da verdade, pronunciou: « E todavia a terra move-se; » Se apresentam um Augustin Thierry, que, apezar do afan do estudo ter-lhe apagado a vista e prostrado o corpo, repete estas memoraveis palavras: « Ha uma cousa que vale mais que os gozos materiaes, mais que a fortuna, mais que a propria saude, o sacrificio á sciencia; » tambem as artes têm apostolos seus, cultores devotados, Pygmalhões que, excitados pela flamma do amor artistico, procuram dar vida á argilla, movimento ao bronze, pensamento ao marmore; genios como o cego Affonso Domingues, o architecto do convento da Batalha, que sacrificou-se pela arte perecendo depois de tres dias de jejum sentado na pedra collocada por ordem sua debaixo do fecho da abobada d'esse monumento, a qual

já uma vez desabára ; tambem as artes têm seus sacerdotes, e é de um d'elles, cuja intelligencia illuminou sempre o altar de Apollo, que vamos repetir n'este recinto a biographia com singeleza desenfeitada, como costuma ser a nossa locução.

Aos 21 de Fevereiro de 1795, na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nasceu Francisco Manoel da Silva, e na igreja parochial da Candelaria, recebeu as aguas santificadas pelo cordeiro de Belém ; foram seus progenitores Joaquim Marianno da Silva e D. Joaquina Rosa da Silva, que, estremecidos de amor por esse filho, concitaram esforços para dar-lhe educação cuidadosa e ensino util. Cedo revelou o menino o espirito alçando vôo para a arte que os poetas chamam divina. Como Voltaire e Bocage, que aos oito annos de idade já se manifestavam poetas, em Francisco Manoel pairavam ainda no semblante as graças pueris, e já a sua alma vibrava aos sons cadentes da lyra.

Entregue aos cuidados do inspirado musico o padre José Mauricio, aprendeu em pouco tempo os segredos da arte, e mais tarde ouviu com aproveitamento as lições de Neukomm, o celebre compositor do concerto composto de tres mil artistas, e executado na inauguração da estatua de Guttemberg.

Era muito moço Francisco Manoel quando compôz um *Te-Deum*, e offereceu-o ao principe real D. Pedro, que prezou tanto a offerta do novel compositor, que prometeu mandal-o á Italia para completar seus estudos musicaes.

Pertencia Francisco Manoel á orchestra da real camara, cujo mestre era Marcos Portugal, que, para roubar ao joven artista o tempo de compôr, passou-o de violoncello para o estudo de violino, ameaçando-o despedil-o se não mostrasse muita applicação.

O cancro da inveja corroia a alma do compositor portuguez, e eis porque cerceava as azas d'aquelles que cedo ou tarde podiam alçar vóos altisonos.

Cedo relumbrou o discipulo como mestre na arte de Euterpe, e por dar-lhe maior cultura e estabelecer concatenação entre os irmãos da mesma arte fundou, em 16 de Dezembro de 1833, a sociedade Beneficencia Musical, cujo installador, primeiro socio e organisador dos estatutos foi elle; e em reconhecimento aos serviços prestados á esta associação, a junta, que administrava-a, conferiu-lhe, em 28 de Abril de 1834, a patente de director.

Em 1838 publicou Francisco Manoel, e dedicou ao Imperador, para uso dos alumnos do collegio de Pedro II, um compendio de musica aonde estão conglobados methodicamente regras e preceitos da arte musical, tendo-se esgotado diversas edições d'esse bem elaborado trabalho.

Essa arte, que no tempo do velho rei D. João VI tanto se avantajára e concorrêra para ornamentar as repetidas e pomposas festividades celebradas na real capella, e as abrilhantadas e régias solemnidades da côrte, foi decahindo, amortecendo-se-lhe o brilho e fama em que sobrepujára ás outras; desapareceram seus sacerdotes mais dedicados, e com elles as recordações dos sons melodiosos que, soando dentro da alma, retiniam nas naves da capella real. Em 1831 foram despedidos todos os musicos da capella imperial, e sumiram-se no turbilhão da politica, que tudo arrastou consigo e derruiu. Nada mais era um artista; a palheta, a lyra, o escopro, o compasso, tornáram-se instrumentos degradantes, e os iconoclastas da arte, subindo ao primeiro altar da capella imperial, apagaram com a esponja esqualida dos Vandalos o painel de José Leandro! Felizmente desvaneceram-se as nuvens caliginosas que desluziam o horizonte da patria, iniciando o

novo reinado uma época tranquilla em que as sciencias e artes puderam avoejar.

O decreto de 26 de Junho de 1841 honrou o habil artista nomeando-o mestre compositor de musica da imperial camara.

Aproveitando as disposições dos animos, esforçou-se Francisco Manoel, para facilitar o estudo da musica, em crear um conservatorio, e por sua perseverante dedicação conseguiu fundar o estabelecimento, aonde se deviam ensinar gratuitamente todos os ramos da musica. O governo louvou o patriotismo e dedicação do artista, e por decreto de 27 de Novembro de 1841 sancionou essa instituição, dotada com tantos recursos pelo seu installador, que se não tornou pesada aos cofres publicos.

Devia estar satisfeito o amor proprio do artista; a mão poderosa do Estado erguera sua obra e dera-lhe existencia permanente.

Ainda n'esse mesmo anno deviam brotar os virentes louros da corôa de gloria de Francisco Manoel, que revelou-se compositor notavel no hymno escripto pela coroação do segundo imperador do Brasil; essa musica pomposa, patriótica e inspirada, encanta aos ouvidos pela cadencia e rhythmo da fórmula, e pela belleza e sublimidade dos sons faz pulsar no peito o coração dos filhos da patria; a nação chama seu a esse hymno, que é de Francisco Manoel o hymno de gloria.

Havendo fallecido Marcos Portugal, foi nomeado, por decreto de 17 de Maio de 1842, para substituil-o no lugar de mestre da capella imperial, o artista Francisco Manoel, e durante 23 annos dirigiu magistralmente a orchestra nas solemnidades celebradas na sé e cathedral do Rio de Janeiro.

Compôz, para ser entoado nas festividades e galas do

baptisado do príncipe imperial D. Afonso, um pomposo hymno, que tantos gabos mereceu, que o ministro do imperio João Carlos Pereira de Almeida Torres, depois visconde de Macahé, em carta de 18 de Fevereiro de 1845, agradeceu em nome do Imperador ao artista seu primoroso trabalho.

Os serviços prestados ao paiz e ás artes pelo notavel artista eram dignos de galardão, e o Imperador não demorou-se em concedêl-o, honrando o musico com o habito da ordem da Rosa por decreto de 5 de Março de 1846, datado no palacio da cidade de S. Paulo.

Dotou o corpo legislativo o conservatorio de musica com 16 loterias, cujo producto devia ser empregado em apolices da divida publica para fundo e manutenção do estabelecimento, que, não tendo edificio apropriado para funcionar, foi installado em um salão do musêo nacional em 10 de Agosto de 1848, achando-se presente o ministro do imperio, o conselheiro José Pedro Dias de Carvalho.

Contratada para o Rio de Janeiro uma companhia de canto e baile, que em 1851 colheu applausos e avantajados lucros no espaçoso salão do theatro provisorio, foi Francisco Manoel nomeado seu director, e exerceu gratuitamente esse afanoso cargo, no qual patenteou seu amor e dedicação pela arte.

Não havendo no conservatorio uma directora a quem fossem confiadas as jovens que queriam applicar-se á arte musical, requereu-se ao ministro do imperio para estabelecer a aula do sexo feminino no collegio da sociedade Amante da Instrucção, tendo-se obtido prévio consentimento do conselho da mesma sociedade; e autorisando o ministro, o Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, a remoção d'essa aula, começou ella a funcionar em 10 de Novembro de 1853 na casa n. 10 da rua dos Barbonos, regendo-a interinamente

Francisco Manoel, e como mestre effectivo desde 5 de Fevereiro de 1855.

Tendo incertos e tardios recursos e estando mal organizado, não marchava o conservatorio desassombradamente; porém o ministro do imperio, o conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, reorganizou-o por decreto de 23 de Janeiro de 1855, ficando desde então esse estabelecimento sob a immediata inspecção do ministerio do imperio. Inaugurou-se em 14 de Março d'esse anno a aula de contraponto, crearam-se duas de instrumentos de corda e duas de instrumentos de sopro, e ficou vaga a aula de canto para opportunamente ser preenchida. Por decreto de 14 de Maio do mesmo anno passou o conservatorio a formar a quinta secção da academia das Bellas-Artes, congraçando-se em um só templo a pintura com a musica, Apelles com Therpandro, Rafael com Rossini.

O fundador e mestre do conservatorio recebeu do Imperador, em 2 de Abril de 1857, o officialato da ordem da Rosa.

Quando as condecorações premiam valiosos serviços prestados ás letras, ás artes, ao paiz, quando cahem em cidadãos de merito litterario, artistico ou civil, têm duplicada e refulgente significação, illustram quem as dá e quem as recebe; são como a luz do sol, que apesar de reflectir-se em milhares de corpos não perde seu brilho impervio.

Desejando tornar mais relumbrante a festa inaugural da estatua equestre do fundador do imperio, propóz Francisco Manoel a celebração de um *Te-Deum* executado em pleno ar por grande instrumental, e incumbindo-se de dirigir a orchestra, composta de 242 instrumentistas e 653 cantores, com tanta mestria o fez que o proprio monarcha elogiou-o.

Apreciando as qualidades artisticas e pessoas de Francisco Manoel, enviou-lhe a sociedade Musical Camposina, fundada em 12 de Abril de 1831, o diploma de socio honorario em 30 de Setembro de 1862. Um anno depois, em 15 de Março de 1863, assistia o artista ao lançamento da pedra fundamental do edificio do conservatorio de musica, monumento erguido ás artes pelos seus afanosos esforços e incessante dedicação.

Vibraram sempre agitadas pelo patriotismo as cordas sonoras da lyra de Francisco Manoel; ao chegar um dos muitos batalhões de bravos, que voluntariamente correram ao campo da guerra em desforço do pavilhão nacional, avoejou a musa do artista entoando um hymno de guerra. Foram tambem compostas por elle as matinas de S. Francisco de Paula, musica que em cada nota resvala melodia.

Esculpturando o vulto d'este artista não devemos occultar por entre louvores e gabos seus defeitos; não tinha Francisco Manoel a imaginação, o genio fecundo de José Mauricio; penoso estudo e aturado trabalho entreteceram-lhe a corda que cingiu-lhe a fronte; mas ha uma composição sua de verdadeira inspiração artistica, é o hymno nacional. Ainda bem. Os raios da intelligencia divina illuminaram a fronte do artista quando cantou o hymno da patria.

Eram eminentes as qualidades moraes de Francisco Manoel; para elle a honra era um culto, a probidade lei absoluta e a virtude uma fé. Casado em primeiras nupcias com D. Monica Rosa da Silva, e em segundas, em 26 de Junho de 1835, com a viuva D. Theresa Joaquina Nunes dos Santos, que lhe trouxe cinco filhos, criou-os Francisco Manoel com desvelo e carinho, deu-lhes apri-morada educação, não mostrando ter mais amor a seus filhos que a seus enteados, e procedeu sempre assim para não ouvir o menor écho de censura contra seu character;

era homem puro, simples, affavel e lhano, e o menor fingimento nunca mascarou-lhe o semblante.

Em 18 de Dezembro de 1865, na casa n. 48 da rua do Conde, via-se prostrado em um leito um velho com o rosto pallido e descarnado, olhos empanados e membros lividos e inteiriçados; observavam-no os filhos e amigos occultando lagrimas e abafando gemidos; estava o ancião calmo, resignado e como enlevado em meditação profunda, quando repentinamente agitado pelo sopro algido da morte estremeceu, agonisou e succumbiu. Acabavam os filhos e amigos de Francisco Manoel de perder seu pai e amigo, e a corporação musical do Rio de Janeiro seu chefe.

No dia seguinte teve jazida no cemiterio de S. Francisco de Paula o corpo do musico e compositor notavel; a patria espargiu flores sobre esse tumulo, e incumbiu ao Instituto Historico de dizer á posteridade quem era o morto que alli dormia; ouviu o Instituto a voz da patria, e cumpriu sua missão.

Dr. Moreira de Azevedo.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1868

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA EM 5 DE MARÇO DE 1868

Presidencia do Exm. Sr. conselheiro de Estado visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio e Marques de Carvalho, conselheiros Roban e Claudio Luiz da Costa, Coruja, Drs. Pinheiro de Campos, Pereira Pinto, Gabaglia, Moreira de Azevedo, Silva Rio, Alencastre e A. de Pascual, o Sr. presidente abriu a sessão, e declarou que a tinha convocado afim de nomear uma commissão do seio do Instituto para felicitar a S. M. o Imperador e com elle congratular-se pelo brilhante feito das armas imperiaes, obtido, no dia 19 de Fevereiro ultimo, pelas forças de mar e terra contra o Paraguay, e duplamente pela memoravel passagem de Humaitá, effectuada, com geral admiração, pela esquadra brasileira.

O Instituto, ouvindo com jubilo as palavras do Sr. presidente, unanimemente adoptou a moção; nomeando então o Sr. presidente a referida commissão, que ficou composta, não só de todos os membros presentes, como de todos os mais membros que quizessem fazer parte d'ella; para o que se daria conhecimento com a publicação d'esta acta.

Em seguida, o Sr. Dr. Pereira Pinto tomando a palavra abandonou em patrioticas considerações sobre este mesmo assumpto e apresentou as seguintes propostas:

1.ª « Que o Instituto, cheio de admiração pelo brilhante feito de Humaitá, consigne um voto de profundo e ardente

reconhecimento ao exercito e armada, aos bravos generaes marquez de Caxias e visconde de Inhaúma, ao intrepido barão da Passagem e ao destemido capitão-tenente Maurity.

« Sala das sessões, etc. »

« 2.ª Como testemunho do reconhecimento pela memoravel jornada de Humaitá, feito que lega á historia patria a mais brilhante pagina, proponho para socio honorario do Instituto ao visconde de Inhaúma, não estendendo a mesma proposta quanto ao marquez de Caxias, porque já é socio honorario d'este Instituto.

« Sala das sessões, etc. »

Sendo aquella primeira unanimemente approvada, e achando-se esta assignada por todos os membros presentes, na fôrma dos estatutos, foi remettida á commissão de admissãõ de socios para esta dar o respectivo parecer.

E não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente convidou a todos os membros, que quizessem fazer parte da commissão, a se dirigirem ao paço imperial de S. Christovão no sabbado 7 do corrente, ás 5 horas da tarde, e levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE

1ª SESSÃO EM 8 DE MAIO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. conselheiro de Estado visconde de Sapucahy

A's 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy; Dr. Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, conselheiros Claudio e Freire Allemão, Coruja,

Drs. Homem de Mello, Capanema, Marques de Carvalho, Miguel Antonio da Silva, A. de Pascual e tenente-coronel Borges, e Pinheiro de Campos, annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do costume, e tomando assento o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão extraordinaria do dia 5 de Março do corrente anno.

O Sr. 1º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um aviso do Exm. Sr. ministro do imperio, com data de 8 de Janeiro do presente anno, declarando, em resposta ao officio do Sr. 1º secretario, de 24 de Dezembro proximo passado, que ficava inteirado do resultado da eleição a que este Instituto procedeu para os lugares da mesa administrativa e commissões.

Dito do Exm. Sr. ministro de estrangeiros, de 28 de Novembro proximo passado, declarando, em solução do officio que o Sr. presidente d'este Instituto lhe dirigiu, que opportunamente expedirá ordem para se verificar a trasladação dos restos mortaes do desembargador Rodrigo da Silva Pontes da cidade de Buenos-Ayres para esta capital. — Inteirado.

Dito do Sr. director geral da secretaria de estrangeiros, remettendo por ordem de S. Ex. o Sr. ministro d'aquella repartição, o 6º tomo da *Collecção dos documentos ineditos do Archivo das Indias*.

Dois officios do Exm. Sr. secretario do senado, remettendo ao Instituto um volume da *Collecção dos pareceres da mesa do senado*, da sessão de 1867; um exemplar da *Collecção dos Annaes* e um volume da *Synopse dos objectos pendentes de deliberação*.

Dito do Sr. official-maior da secretaria da camara do

senhores deputados, enviando, por deliberação da mesma, a collecção de seus *Annaes de 1867*, em 3 volumes.

Officios dos Srs. presidentes das provincias do Paraná, Alagoas, Rio-Grande do Sul, Bahia, Amazonas e Sergipe, remetendo varios *Relatorios e collecções de leis*.

Carta do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto enviando ao Instituto e para serem distribuidos aos socios presentes á sessão, diversos exemplares da sua obra com o titulo *Estudos sobre algumas questões internacionaes*.

Officio do nosso consocio o Sr. Dr. José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, communicando que se retira para a provincia de Pernambuco, onde deseja ter occasião de prestar serviços ao Instituto.

Dito do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, accusando o recebimento do officio em que o Sr. 1º secretario lhe communica haver sido eleito membro da commissão de revisão de manuscritos do Instituto na ultima eleição a que procedeu em Dezembro do anno passado, declarando que aceitava o encargo, e que faria todo o possivel para o seu bom desempenho.

Dito do Sr. Boulanger, nosso consocio, offerecendo ao Instituto um exemplar da obra *Augusts parents de leurs Magestés L'Empereur D. Pedro II et L'Imperatrice D. Theresa Christina Maria*.

Dito do Sr. secretario geral da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, remetendo, por ordem do conselho administrativo da mesma, uma collecção de seus jornaes e publicações sobre differentes assumptos, e pedindo que este Instituto a contemple com uma collecção de suas Revistas.

Dito do Sr. Luiz H. Ferreira de Aguiar, consul geral do Imperio do Brasil nos Estados-Unidos da America, cobrindo outro do Sr. secretario do Instituto Smithsonian

de Washington, em que accusa o recebimento das Revistas do Instituto Historico remettidas pelo Sr. 1º secretario.

Dito do Sr. secretario perpetuo da Real Academia de Sciencias de Madrid, accusando a recepção das nossas Revistas remettidas áquella academia pelo Sr. 1º secretario, e agradecendo a offerta.

Carta do Sr. Emm. Liais remettendo as suas observações astronomicas.

Dita do Sr. secretario da sociedade de Archeologia da Belgica, convidando o Instituto a entrar em relações scientificas com aquella sociedade, collaborando para realização dos fins de sua instituição.

Dez cartas do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, nosso consocio residente na provincia do Maranhão, acompanhadas das seguintes offeras: Varios numeros do *Publisher Maranhense*, onde foram publicadas as biographias dos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º bispos do Maranhão; varios numeros do *Semanario Maranhense*, contendo artigos sobre o canal do Arapahy, Instituição da Santa Casa da misericordia do Maranhão; hospitaes da misericordia, militar e Lazaros, casa dos expostos, cemiterio velho, e do Gavião; *Relatorio com que o Dr. Francklin Americo de Menezes Doria passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello.* — *Memoria historica da administração provincial do bacharel Francklin Americo de Menezes Doria, no Maranhão*; Artigos historicos sobre a igreja de S. Pantaleão, no Maranhão. — *Almanak historico de lembranças brasileiras*; Carta contendo a historia da capella da camara municipal ou capella municipal do Maranhão, e um retrato do desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.

Carta do Sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, enviando um mappa das fragatas portuguezas que se incor-

poraram á armada do sul, durante os annos de 1774 até 1776.

Dita do Sr. Dr. Saturnino de Sousa e Oliveira, da cidade de Loanda, remettendo os seus *Elementos grammaticaes da lingua Bundu*.—*Essai de grammaire pongwée; et Dictionnaire français wolof e wolof-français*, par les R R. P P. Missionnaires, Dakar, 1865.

Dita do Sr. Affonso de Castro, offerecendo a sua obra sobre possessões portuguezas na Oceania.

OFFERTAS FEITAS AO INSTITUTO :

Pelo Exm. Sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva: *Le Brésil contemporain, races, mœurs, institutions, paysage, colonisation, etc.*, par Adolphe d'Assis, Paris, 1867, in-8;—*L'Industrie moderne au champ de Mars, coup d'œil sur l'exposition universel de 1867*, in-4;—*Lista dos contratos que tem a capitania do Rio de Janeiro, etc.*, (manuscripto); Carta patente, nomeando familiar do Santo officio da cidade de Lisboa a Antonio Borges de Carvalho em 1761 (manuscripto); *Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot, Hollandois aux Indes orientales, etc. Avec annotations de B. Paludanus*.—*Les Campagnes de Duguay—Trouin*, com estampas.—*Le Nouveau et grand illuminant flambeau de la mer*, 1684.

Pelo Sr. José Ricardo da Silva Neves, *Memoria sobre a catechese e civilisação dos índios do Brasil, Maranhão*, 1867, folheto.

Pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, a sua *Revista* de Agosto a Dezembro de 1867, 2 vol.

Pelo Instituto de Coimbra, o seu jornal.

Pela redacção da *Gazeta Medica da Bahia*, 17 numeros do seu jornal.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, 3 numeros dos seus *Boletins*.

Pelo Instituto Historico de França, 2 numeros do *Investigador*, jornal do mesmo instituto.

Pela redacção do jornal *Bahia Illustrada*, 4 numeros do seu jornal.

Pelo Sr. Dr. Miguel Ferreira Vieira, as suas *Reflexões dcerca do progresso material da provincia do Maranhão*.

Pelo Sr. José Silvestre Ribeiro, *Quadros de litteratura, das sciencias e artes na Russia*, por R. Lzovitich, precedido d'um rapido lance de vista, por José Silvestre Ribeiro.

Pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, por intermedio do Sr. conselheiro Claudio, *Curso de litteratura por Francisco Sotero dos Reis, professado no Instituto das Humanidades da provincia do Maranhão*.—*Almanak administrativo para 1868*; e —*Poesias de Antonio Joaquim Franco de Sá*.

Todas as offertas o Instituto recebeu com agrado.

Officios dos Exms. Srs. marquez de Caxias e visconde Inhaúma, agradecendo as felicitações que, por intermedio do Sr. 1º secretario, lhes dirigiu o Instituto, por occasião da gloriosa jornada de 19 de Fevereiro ultimo, cujos teores são os seguintes :

« Commando em chefe de todas as forças brasileiras e interino dos exercitos alliados em operações contra o governo do Paraguay. Quartel-general em Paré-Cué, 8 de Abril de 1868. Illm. Sr. — Com muita satisfação repassado de profundo reconhecimento recebi e li a cópia da acta da sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro celebrada no dia 5 do mez de Março proximo passado, e que V. S. me remetteu por ordem do mesmo Instituto, de que é digno 1º secretario, em seu officio datado de 11 do mesmo mez.

« Recebendo a delicada manifestação de seus sentimentos, que pelos successos do dia 19 de Fevereiro do corrente anno resolveu unanimemente o Instituto Historico e Geographico Brasileiro dirigir-me e ao exercito, e agradecendo do fundo d'alma tanta e tão distincta honra, rogo a V. S. de, em meu nome, supplicar ao Instituto a graça de permittir que, declinando de mim todo o direito a essa manifestação, eu a passe integralmente ao exercito, que tenho a gloria e ufania de commandar.

« Se o Instituto Historico e Geographico Brasileiro entende em sua sabedoria que o acto de havermos eu e meus camaradas d'armas cumprido n'esse dia nosso dever merece ser elevado á altura de extraordinario, tornando-se por isso digno de encomios, se julga que para a santá causa que o Brasil e seus alliados sustentam no Paraguay resultaram d'esse dia vantagens, eu e o exercito mui folgamos por haver concorrido para que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro possa guardar no archivo de tradições gloriosas para o Brasil aquella, que parece, segundo suas expressões, estar ligada ao dia 19 de Fevereiro.

« Associando-me, dominado pela justiça, ao profundo e ardente reconhecimento que o Instituto manifesta á armada, ao seu commandante em chefe, visconde de Inhaúma, ao barão da Passagem e ao capitão-tenente Maurity, e agradecendo em seus nomes ao Instituto, terminarei declarando que muito devidamente apreciei a distincção com que elle honrou ao visconde de Inhaúma, conferindo-lhe o titulo de seu socio honorario. De certo eu invejaria essa distincção, se já não tivesse a honra subida de pertencer ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Deus guarde a V. S. — *Marquez de Caxias*. — Illm. e Reym. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, 1º secretario do Instituto Historico e Geographico do Brasil. »

« Commando em chefe da força naval do Brasil em operações contra o governo do Paraguay, bordo do vapor *Princesa*, em frente a Curupaity, 14 de Abril de 1868.— Illm. e Revm. Sr. — Tenho presente a cópia da acta da sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que V. S. me fez a honra de enviar com o seu officio de 12 de Março proximo passado.

« A enfermidade que me retem no leito de dôr ha vinte e quatro dias não me permite responder desde já condignamente a esse documento, que eleva a esquadra do meu commando, e a mim proprio, a uma altura invejavel para qualquer cidadão, que aene, como nós amamos, de todo o coração o seu paiz e lhe dedique sua vida.

« Posso affirmar a V. S. que a esquadra recebeu com o maior prazer a importante demonstração que lhe é dirigida pela primeira corporação scientifica do Estado, da qual lhe dei conhecimento opportunamente. Rogo á V. S. que, como digno órgão d'essa illustre corporação, seja perante ella o interprete da alta consideração e respeito que lhe tributamos, eu e aquelles que servem debaixo de minhas ordens.

« Se aprouver ao Altissimo restituir-me a saude, terei a honra de, com mais vagar, tratar do assumpto a que se refere o officio que na presente occasião respondo.

Deus guarde a V. S. — *Visconde de Inhauma*, commandante em chefe. — Illm. e Revm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, 1º secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. «

Finalmente, foi remettida á commissão de fundos e orçamento a carta dirigida ao Instituto pelo Sr. commendador José Luiz Alves, procurador geral da ordem terceira dos Minimios de S. Francisco de Paula, a respeito da trasladação das cinzas do finado marechal Raymundo José da

Cunha Mattos, que existem em uma urna, n'aquella ordem, para o seu cemiterio.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. Imperial, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,

SECRETARIO SUPLENTE.

2ª SESSÃO EM 22 DE MAIO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADO

Presidencia do Exm. Sr. senador barão do Bom-Retiro

As 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. barão do Bom-Retiro, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Pinheiro de Campos, conselheiros Freire Allemão e Claudio, senador barão de S. Lourenço, Silva Rio, Drs. Saldanha da Gama, Capanema e Miguel Antonio da Silva, tendo antes se retirado, por incommodados, os Srs. Coruja e Borges, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, e, sendo o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, o Sr. 1º vice-presidente abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Uma participação do Exm. Sr. presidente, visconde de Sapucahy, de não poder comparecer á sessão por incommodado.

Um officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo para a bibliotheca d'este Instituto um exemplar

do *Relatorio com que abriu a assembléa legislativa d'aquella provincia, no dia 1 de Março do corrente anno.*

Dito do nosso consocio o Sr. Dr. Epiphania Candido de Sousa Pitanga, agradecendo a nomeação de membro da commissão de geographia, para que fôra eleito na ultima eleição a que procedeu o Instituto em Dezembro proximo passado

Tres cartas do consocio o Sr. Cesar Augusto Marques, da cidade do Maranhão, acompanhadas das seguintes ofertas : *Planta da cidade de S. Luiz do Maranhão* ; Retratos photographicos do Exm. Sr. visconde de Sapucahy, quando presidente da provincia do Maranhão, e capitães-generaes D. Antonio de Saldanha da Gama, capitão de fragata da armada, real e de Bernardo da Silva Pinto, por antonomasia o Dente d'alho ; e *Folhinha secular* composta por G. H. Dingée.

Revista da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional do mez de Março do corrente anno, remettida pelo Sr. secretario da mesma.

O tomo 8º do *Diccionario bibliographico portuguez*, remettido por seu autor o Sr. Innocencio Francisco da Silva.

Dois numeros do jornal *Bahia Illustrada*, remettidos pela respectiva redacção.

Varios folhetos da Escola Central e Especial d'Architectura de França, offercidos pelo Sr. Dr. Saldanha da Gama.

O Sr. Dr. Miguel Antonio da Silva apresentou por parte do Sr. Dr. D. Juan Villanova y Piers, professor de geologia na Faculdade de Sciencias de Madrid, *Cartas topographicas dos districtos de Madrid, Carabánchel bajo y Titalcia, levantadas pela Junta Geral de Statistica de Hespanha.*

* *Collecção de leis do Imperio do Brasil, do anno de 1867*, remettida pelo Sr. administrador da typographia nacional.

Varios jornaes e periodicos remettidos, pelas respectivas redacções.

Todas as ofertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e ficou sobre a mesa, o parecer da commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, dado sobre o *Itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo da provincia de S. Pedro do Sul*, feito pelo Sr. Schutel.

Leram-se, e tambem ficaram sobre a mesa, dois pareceres da commissão de fundos e orçamento; o 1º sobre as contas do Sr. thesoureiro do anno findo, e orçamento da receita e despeza do presente, e o 2º sobre a despeza que o Instituto tem de fazer com a urna para encerrar as cinzas de seu fundador, marechal Raymundo José da Cunha Mattos.

Ficou tambem sobre a mesa, para ser votado na proxima sessão, o parecer da commissão de admissão de socios, sobre a admissão, para membro honorario do Instituto, do Exm. Sr. visconde de Luhaúma.

Foi approvedo em escrutinio o parecer da mesma commissão de admissão de socios, favoravel á admissão do Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, sendo este senhor proclamado pelo Sr. presidente, membro correspondente do Instituto.

LEITURA

O Sr. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro leu uma parte da *Biographia do general José de Abreu* (*barão do Serro-Largo*), escripta e offerta ao Instituto pelo Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos Filho.

A's 8 horas o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. Imperial, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,
SECRETARIO SUPLENTE.

3ª SESSÃO EM 5 DE JUNHO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos os Srs. visconde de Sapucahy, barão do Bom-Retiro, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, conselheiro Claudio, Marques de Carvalho, Capanema, Coruja, Ribeiro de Almeida, Saldanha da Gama, Silva Rio, Pinheiro de Campos, Pinto Junior e Miguel Antonio da Silva, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras devidas. Em seguida o Sr. presidente, obtendo venia, abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte :

Um aviso do Sr. ministro do imperio, remettendo para o Instituto seis tomos da *Collecção de documentos ineditos relativos ao descobrimento, conquista e organização das antigas possessões hespanholas da America e Oceania.*

Tres officios do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, acompanhados dos *Semanarios Maranhenses*, onde se acham impressos os seus artigos, um sobre a agricultura, importação, exportação e tributo do algodão da provincia do Maranhão, outro sobre a freguezia e villa de Anatajuba, e o 3º sobre o cemiterio inglez da cidade do Maranhão, bem como um exemplar do *Resumo da Historia do Brasil*, escripto por *D. Herculana Firmina Vieira de Sousa.*

Dito do Sr. Antonio Alves Ferreira, remettendo um exemplar da sua obra *Hidrologia geral.*

Offertas feitas ao Instituto :

Pelas secretarias do imperio e fazenda, os *Relatorios*

que os Exms. ministros d'estas repartições apresentaram á assembléa geral legislativa na actual sessão.

Pelo Instituto Historico de França, um numero do *Investigador*, jornal publicado pelo mesmo instituto.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, os seus *Boletins* dos mezes de Fevereiro e Março do corrente anno.

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, *L'Année géographique, revue annuelle des voyages de terre et mer*, 7^{me} année, Paris, 1868.

Pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, os dois primeiros volumes das *Obras posthumas do Dr. Gonçalves Dias*, de que o mesmo offertante é editor.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

PROPOSTA

O conego Fernandes Pinheiro propòz para socio correspondente do Instituto o Sr. Vivien de Saint-Martin, presidente da Sociedade de Geographia de Paris, membro de outras sociedades e autor da obra *Année Géographique*, servindo-lhe ella de titulo de admissão.—Na fôrma dos Estatutos, foi a proposta remettida á commissão de admissão de socios.

PARECERES APPROVADOS

Foi unanimemente approvedo o parecer da commissão de admissão de socios, sobre a admissão do Exm. Sr. vice-almirante visconde de Inhaúma para membro honorario do Instituto.

Foi approvedo o parecer da commissão de fundos e orçamento, sobre a despeza de 250\$, que se tem de fazer para serem guardadas, em jazigo perpetuo, as cinzas do finado marechal Raymundo José da Cunha Mattos, um dos fundadores do Instituto.

Foi igualmente approvedo o parecer da mesma commissão de fundos, dado sobre as contas do Sr. thesoureiro relativas ao anno findo, e fixando a receita e despeza do presente anno social.

Finalmente, foi remettido á commissão de admissão de socios o *Itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo da provincia de S. Pedro*, escripto pelo Sr. Ambauer Schutel, conjunctamente com o parecer dado, sobre o mesmo *Itinerario*, pela commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, visto servir de titulo de admissão o dito *Itinerario*.

LEITURA

O Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida proseguiu na leitura de suas *Considerações sobre a acclimação das raças humanas para servirem ao estudo da colonisação do Brasil*.

A's 8 horas o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,

SECRETARIO SUPLENTE.

4.ª SESSÃO EM 19 DE JUNHO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Exms. Srs. visconde de Sapucahy, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Coruja, conselheiros Freire Allemão e Claudio, tenente-coronel Xavier de Brito, Drs. Saldanha da Gama, Pinheiro de Campos, Miguel Antonio da Silva, Boulanger e Dr. J. M. da Silva Paranhos Junior, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomou assento. O Sr. presidente, obtendo venia, abriu a sessão.

Lou-se e approvou-se a acta da antecedente.

O Sr. 1.º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Participação do Exm. Sr. barão do Bom-Retiro de não poder comparecer á sessão por incommodo.

Um officio do Sr. João Carlos Pereira Pinto, consul geral do Brasil em Buenos-Ayres, declarando ter, em execução d'ordens do ministerio de estrangeiros, feito embarcar a bordo do vapor nacional *Recife*, com destino a esta côrte, os restos mortaes do desembargador Rodrigo da Silva Pontes : e remettendo os documentos das despezas feitas, por conta d'este Instituto, com a exhumação e transporte dos mesmos restos mortaes.

Dito do nosso consocio o Sr. Dr. F. I. M. Homem de Mello, enviando o *Itinerario da viagem feita pelo capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle á provincia de Mato-Grosso, pelos rios Tibagy e Brillhante, em 1855.*

Dito do Sr. padre Lino do Monte Carmelo Luna, remettendo um exemplar da *Descripção das exequias solemnes*

do *Exm. general D. Venancio Flores, celebradas na cidade de Pernambuco, em cujo exemplar vem annexa a oração funebre que o mesmo Sr. padre Lino recitou, por essa ocasião, na tribuna sagrada.*

Dito do Sr. Dr. Antonio de Castro Lopes, acompanhado d'um exemplar de sua obra *Musa latina, ou collecção de lyras de M. de Dirceu traduzidas para verso latino, que offerece ao Instituto.*

Dois officios do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remetendo os *Semanarios Maranhenses* ns. 38, 40 e 41, onde vêm impressos: um artigo sobre a historia do cultivo do arroz em Maranhão, e a historia da Ordem Carmelitana da mesma provincia.

Pelo *Exm. conselheiro J. M. Pereira da Silva* foi remetido ao Instituto, como continuação de offerta, o tomo 7º e ultimo de sua *Historia da fundação do Imperio do Brasil.*

Pela sociedade União Beneficencia Commercio e Artes, dois exemplares do *Relatorio* da mesma, apresentado em sessão d'assembléa geral de 26 de Janeiro do corrente anno.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Os Srs. Drs. Saldanha da Gama e Silva Paranhos Junior occuparam a attenção do Instituto, lendo: o 1º, a Introducção e 1ª parte da *Biographia do naturalista Fr. José Marianno da Conceição Velloso*; e o 2º, um capitulo da *Biographia do general José de Abreu (barão do Serro Largo).*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE.

5ª SESSÃO EM 3 DE JULHO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Exms. Srs. visconde de Sapucahy, barão do Bom-Retiro, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Coruja, conselheiros Claudio e Freire Allemão, Drs. Saldanha da Gama, Ribeiro de Almeida, barão de S. Lourenço, Braz Rubim, Pinto Junior, Luiz Francisco da Veiga, Miguel Antonio da Silva, Paranhos Junior e Epiphanio Candido de Sousa Pitanga, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, e sendo o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão anterior.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Sr. Francisco José Borges, communicando que, por se achar doente, não podia comparecer á sessão.

Officio do Sr. director da secretaria d'Estado dos negocios estrangeiros, transmittindo um pacote com livros que a Academia Real de Sciencias da Belgica remette a o Instituto Historico por intermedio da legação brasileira n'aquelle reino.

Dito do Sr. presidente da provincia do Amasonas, remettendo dois exemplares do *Regulamento do 1º de Agosto de 1867*, que reformou a administração da fazenda d'aquelle provincia.

Officio do Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, enviando ao Instituto um exemplar da obra escripta por D. Fran-

cisco Manoel com o titulo *E'cho politico em Portugal*, e um manuscripto sobre a revolução e levante em Pernambuco nos annos de 1710 e 1711.

OFFERTAS

Pela Sociedade Geographica de Paris foi offerecido o seu *Boletim* do mez de Abril do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt *The cause poor Catholic immigrants pleaded before the catholic congress of Belgium. Setember, 1867.*

Pelas secretarias d'Estado dos negocios estrangeiros e da justiça, os *Relatorios* que os Srs. ministros d'estas repartições apresentaram á assembléa geral legislativa na presente sessão.

Pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o seu *Auxiliador* do mez de Maio do corrente anno.

Pela redacção da *Bahia Illustrada*, o numero 69 do seu periodico.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, as seguintes obras : *Uma excursão á comarca de Iguape em 1866* ; — *O charlatão Expelly e a verdade sobre o conflicto entre o Brasil, Buenos-Ayres, Montevidéo e o Paraguay* ; e— *Discurso pronunciado perante o tribunal do jury da cidade de Santos pelo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior na accusação de Henrique Begbie e seus 13 co-réos pelo assassinato de Nicoláo Christ, etc.*

Pela Academia Real das Sciencias de Lisboa : *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, pelo visconde de Santarem*, 2 vol. 4.^o ;—*Corpo diplomatico portuguez*, contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal, publicado, por ordem da Academia Real das

Sciencias, por Luiz Augusto Rebello da Silva, tomo 2º ; e—*Memorias d'academia*, 1 vol. folio.

Pela Academia Real da Belgica, *Boletins, Memorias coroadas e Annaes de meteorologia*, publicados pela mesma.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. João Ribeiro d'Almeida continuou com a leitura da sua *Memoria sobre a acclimação das raças humanas, para servir de estudo d colonisação do Brasil*; e o Sr. Dr. Saldanha da Gama proseguiu na leitura da *Biographia de Fr. José Marianno da Conceição Velloso*.

A's 8 horas da noite o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE.

6ª SESSÃO EM 17 DE JULHO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, barão do Bom-Retiro, Joaquim Norberto, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, Pinheiro de Campos, conselheiro Claudio, Ribeiro de Almeida, Coruja, tenente-coronel Xavier de Brito, Saldanha da Gama, Filgueiras e barão de S. Lourenço, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que sendo recebido com as honras do costume e tomando assento, o Sr. presidente visconde de Sapucahy abriu a sessão.

Lida pelo Sr. secretario supplente, Dr. Carlos Honório, a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2º secretario servindo de 1º, deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro, em que communica não poder comparecer á sessão por incommodado.

Tres officios do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remetendo: o numero 73 do *Paiz*, publicado no Maranhão, onde vêm impressas as biographias de D. Jacintho Carlos da Silveira, D. José do Menino Jesus e D. Joaquim Ferreira de Carvalho, 7º, 8º e 9º bispos do Maranhão; Cópia da ode composta pelo ex-presidente da provincia do Maranhão, Pedro José da Costa Barros, quando na mesma provincia, em 1826, se festejou o feliz anniversario de S. M. o Imperador; *O Índice alphabetico das leis, decretos e avisos relativos á incompatibilidadé na accumulção dos cargos e empregos publicos, pelo Dr. Ovidio da Gama Lobo*; e os *Pensamentos e maximas do Dr. Frederico José Corrêa*.

Relatorios das repartições de marinha e da agricultura, apresentados á assembléa geral na presente sessão, remettidos ao Instituto pelas respectivas secretarias d'Estado.

Catalogo geral da Exposição Universal de Paris, offerecido pelo Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas foram recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão de admissão de socios, a seguinte proposta :

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Dr. Eduardo de Sá Pereira de Castro, e offerecemos para servir de titulo de sua admissão um exemplar dos seus *Heróis Brasileiros, na campanha do Sul em 1865*; obra comprehendida na letra dos estatutos. Rio de Janeiro, em 17 de Julho de 1868. — *Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. — Bucharel Pedro Torquato Xavier de Brito. — Carlos Honorio de Figueiredo.*

LEITURA

O Sr. Dr. Saldanha da Gama continuou com a leitura da *Biographia de Fr. José Marianno da Conceição Velloso.*

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE.

7.ª SESSÃO EM 7 DE AGOSTO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Pinheiro de Campos, conselheiro Claudio, Braz Rubim, tenente-coronel Xavier de Brito e Drs. Saldanha da Gama, Luiz F. da Veiga, e Coruja, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, sendo recebido com as honras do estylo, tomou assento, e em seguida o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da anterior.

O Sr. 1º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Officio do Sr. presidente da provincia do Rio-Grande do Sul, remettendo o *Relatorio* com que o seu antecessor Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello passou-lhe a administração da mesma.

Dito do Sr. presidente da provincia do Amasonas, remettendo differentes *Relatorios* da presidencia d'aquella provincia.

Quatro ditos do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remettendo o seguinte: *Relatorio que d'assembléa provincial do Maranhão dirigiu o Sr. Dr. Manoel Jansen Ferreira, 1º vice-presidente da provincia*; quatro numeros do *Semanario Maranhense*, onde se acham impressas a biographia o bullas de D. Frei Antonio de Padua, 9º bispo do Maranhão; *Historia do Convento de Nossa Senhora das Mercês da mesma provincia*; — *Direitos e deveres dos estrangeiros no Brasil, escripto pelo Dr. Ovidio da Gama Lobo*, e — *Maximas, sentenças e proverbios do padre Cyrillo dos Reis Lima*.

O Sr. Dr. Sousa Fontes communica que, por se achar incommodado, não pôde comparecer á sessão, e remette os seguintes folhetos, que seu autor o Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira offerece ao Instituto: *Considerações geraes sobre o suicidio, discurso pronunciado perante S. M. o Imperador, etc.*; — *Duas palavras sobre a educação moral da mulher, discurso pronunciado perante S. M. o Imperador*; — *Discurso pronunciado em nome da Academia Imperial de Medicina na sessão anniversaria do Instituto dos Bachareis em Letras*; — *Relatorio da commissão especial nomeada pela Academia Imperial de Medicina para interpôr seu parecer sobre a memoria do Dr. José Luiz*

da Costa — *O que é a saule? O que é a doença?* e — *Relatorio medico-legal: Exame de sanidade feito pelos peritos da justiça sobre a pessoa do Dr. José Marianno da Silva em 13 de Abril de 1867.*

OFFERTAS FEITAS AO INSTITUTO

Pela secretaria da guerra, um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral na sessão do corrente anno, pelo Sr. ministro d'aquella repartição.

Pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, manuscripto contendo *Historia do assedio e rendição da praça da Colonia do Sacramento, em 31 de Maio de 1777.*

Pela Imperial Sociedade dos Naturalistas de Moscow, 2 volumes de seus *Boletins.*

Pela Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro, o *Relatorio* apresentado á mesma pela administração e parecer da commissão de contas.

Pelo Sr. padre Joaquim Pinto de Campos, *Polemica Religiosa, refutação ao impio opusculo que tem por titulo O Deos dos Judéos e o Deos dos Christãos.*

Pelo Sr. tenente Alfredo d'Es-ragnolle Taunay, *Scenas de viagem—Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana, no districto de Miranda, em a provincia de Mato-Grosso.*

Pela Academia Real de Napoles, *Memorias e actas da mesma, dos annos de 1865 a 1867.*

Pelo Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, por parte do Sr. Dr. J. F. Carneiro, fazendeiro da provincia de Minas, varios autographos do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga.

Pela redacção da *Gazeta Médica da Bahia*, um numero do seu jornal.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se as seguintes propostas :

1.º Propomos para socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro os Srs. Dr. Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha, conselheiro José Martiniano d'Alencar e Antonio Ferreira Vianna, servindo de titulos de admissão numerosos trabalhos de historia litteraria e politica, antiga e contemporanea, exhibidos na imprensa e na tribuna parlamentar e judiciaria, e uma collecção de 35 obras que offerece o 1º proponente. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brasil, em 3 de Julho de 1868. — *Luiz Francisco da Veiga.* — *Miguel Antonio da Silva.* — *José Maria da Silva Paranhos Junior.* — *Epiphanio Candido de Sousa Pitanga.* — *Saldanha da Gama.* — *C. H. de Figueiredo.* — *A. A. Pereira Coruja.* — Remettida á commissão de admissão de socios.

2.º Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Alfredo d'Escragnole Taunay, 1º tenente d'artilheria, engenheiro geographo, bacharel em letras e mathematicas, e autor das *Scenas de viagem : Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda, provincia de Mato-Grosso*, pelo mesmo senhor offerecidas ao Instituto. Sala das sessões, em 7 de Agosto de 1868. — *Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.* A requerimento do autor da proposta, foi o trabalho do Sr. Taunay remettido á com-

missão subsidiaria de geographia para esta emittir sobre elle parecer.

Foram lidos, e ficaram sobre a mesa para serem votados na proxima sessão, sete pareceres da commissão de admissão de socios, concluindo que sejam admittidos ao gremio do Instituto, como socios correspondentes, os Srs. Henrique Ambauer Schutel, José Maria Pinto Peixoto Alexandre Magno de Castilho, Cavalleiro José de Lucca, Revm. padre Brasseur de Bourbourg, Vivien de Saint-Martin e bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro.

O Sr. Dr. José de Saldanha da Gama proseguiu na leitura da *Biographia de Fr. José Marianno da Conceição Velloso*.

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo a imperial venia, levantou a sessão.

Relação dos livros offercidos pelo Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, a que se refere a proposta supra :

Noticias reconditas sobre a Inquisição, pelo padre A. Vieira.—*Oração funebre d memoria do senador D. A. Feijó.*—*Nitherohy (poema), pelo conego Januario da Cunha Barbosa.*—*Relatorio da commissão de visita ds prisões, conventos e estabelecimentos de caridade, Rio de Janeiro, 1830.*

Glossaria linguarum brasiliensium.

Elementos de historia nacional, de economia politica, por C. G.

Le Koran, traduction par Kasimirski.

L'Europe révolutionnaire, par Ivan Golovine.

L'Angleterre, la France, la Russie et la Turquie.

Relação breve e verdadeira da entrada do exercito francez em Portugal. Lisboa, 1809.

L'Empéreur Napoléon III et l'Angleterre, 1858.

La Lombardie et le Vénétien, 1858.

- L'Autriche et le prince Roumain, 1858.*
Politique nationale, par un ancien député, 1859.
Rome et ses provinces, 1860.
La nouvelle carte de l'Europe par E. About, 1860.
La vérité sur les événements de Candie, 1858.
*La Question Ionienne devant l'Europe par François Le-
normant, 1859.*
La nouvelle attitude de la France, 1860.
*Lettre d'un journaliste catholique à Monseigneur L'évêque
d'Orléans, 1860.*
Condamnation de l'Autriche, 1859.
Les Romagnes, par J. de Saint-Amand, 1860.
L'Angleterre et la Russie par Amédée de Cesena, 1859
L'Avenir de l'Europe par Fred. d'Hainault, 1850.
L'Empereur Napoléon III et les principautés roumaines.
*Après la guerre. Reconstitution de la Hongrie par Amédée
Le Faure, 1859.*
La Prusse et la question italienne, 1859.
La Prusse en 1860 par E. About.
*Venise, complément de la question italienne par Mr.
le Comte du Hamel, 1860.*
La Coalition, 1860.
La Hongrie et la germanisation autrichienne, 1860.
Est-ce la paix? Est-ce la guerre, 1859.
La paix de Zurich et le nouveau congrès européen.
*Carta pastoral do Exm. urcebispo da Bahia sobre o
spiritismo.*
*Corographia brasílica pelo padre Manoel Ayres de
Casal, 1833.*
-

8.ª SESSÃO EM 21 DE AGOSTO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 8 horas da noite, achando-se reunidos os Exms. Srs. visconde de Sapucahy, D. Domingos F. Sarmiento, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, conselheiro Claudio, tenente-coronel Xavier de Brito, Drs. Pinheiro de Campos, Filgueiras, Paranhos Junior, Saldanha da Gama e Boulanger, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Participação do Sr. Coruja, de não poder comparecer à sessão por incommodado.

Officio do Sr. barão de Aguapehy, vice-presidente da provincia de Mato-Grosso, remettendo um exemplar do *Relatorio* que apresentou á assembléa legislativa d'aquella provincia no acto de sua installação em 3 de Maio ultimo.

Dito do Exm. Sr. barão de Melgaço, remettendo uma cópia da *Tabella das posições geographicas por elle determinadas astronomicamente na provincia de Mato-Grosso* ; e um *Mappa geographico, chronologico e estatistico da mesma provincia*.

Dito do Sr. Luiz Aleixo Boulanger, remettendo, por parte do Sr. José Marcellino Pereira de Moraes, o *Atlas Geographico Universal (in-folio) por Roberto de Vaugondy e C. F. Delamarche* ; e por parte do Sr. Joaquim Feliciano de Almeida Lousada, secretario do governo da provincia

de Mato-Grosso, um livro manuscripto contendo *Documentos officiaes portuguezes e hespanhóes relativos aos limites do Imperio na provincia de Mato-Grosso, compilados de ordem do ministro da marinha pelo então capitão de fragata Augusto Leverger, hoje chefe de esquadra, barão de Melgaço*, com um auto original da fundação do forte do Principe da Beira na mesma provincia.

Carta do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remettendo ao Instituto dois numeros do *Publicador Maranhense*, onde sahiram impressos : Caxias desde Aldéas Altas até a criação de sua respectiva comarca, Arsenal de Marinha, Assucar, Alfandega do Maranhão, Ananaz, Arado, Armazem de Polvora e Arraial do Principe Regente; e o n. 62 do *Paiz*, onde sabiu impressa a acta commemorativa da collocação da 1ª pedra para a edificação da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosario da villa do mesmo nome.

Relatorio apresentado á assembléa geral dos accionistas do Banco do Brasil na sua reunião de 1868, remettido ao Instituto pelo Sr. secretario do mesmo banco.

Reflexões sobre a brochura do Sr. Ch. Expelly — Le Brésil, Buenos-Ayres. Montevidéo et le Paraguay devant la civilisation, offerecido por seu autor João Carlos Moré.

Algumas considerações a respeito da historia da Imperial Sociedade Amante da Instrucção, etc., folheto offerecido por seu autor Luiz José de Murinelly.

Varios jornaes, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado

ORDEM DO DIA

Achando-se a hora adiantada, resolveu o Instituto que os pareceres da commissão de admissão de socios, que haviam ficado sobre a mesa para serem votados n'esta sessão, ficassem adiados para a seguinte.

O Sr. Dr. Saldanha da Gama terminou a leitura da *Biographia de Fr. José Marianno da Conceição Velloso*, a qual dedicou a S. M. o Imperador.

Levantou-se a sessão ás 9 horas da noite.

Dr. Sousa Fontes

2º SECRETARIO.

9º SESSÃO EM 11 DE SETEMBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, conselheiro Claudio, Pinheiro de Campos, D. Francisco, tenente-coronel Xavier de Brito, Drs. Saldanha da Gama e Paranhos Junior, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e foi approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. Coruja, no qual participa que não póde comparecer á sessão por se achar incommodado.

Dito do Sr. conselheiro director da secretaria do imperio, rogando, de ordem do Sr. ministro d'aquella repartição, que o Instituto informe se possui o manuscripto ou a traducção em francez da *Descripção do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio Amazonas, feita por Mauricio Heriarte, em 1662* —Ao Sr. 1º secretario para informar sobre a requisição.

Um officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar das *Leis e resoluções da assembléa legislativa provincial, sancionadas e publicadas no corrente anno.*

Dito do Sr. presidente da provincia do Amazonas, remettendo dois oxemplares do *relatorio com que, no dia 1º de Junho abriu a assembléa legislativa provincial.*

Dito do Sr. presidente da provincia do Pará, remettendo um exemplar de cada uma das *Collecções de leis* d'aquella provincia, dos annos de 1866 e 1867, e da 2ª parte de 1853 e 1856.

Dito do Sr. presidente do Monte Pio da Bahia, remettendo o *Relatorio apresentado pelo conselho administrativo d assembléa geral dos accionistas*, no corrente anno.

Dito do Sr. conselheiro Manoel da Cunha Galvão, remettendo um exemplar da sua obra sobre o *Melhoramento do porto de Pernambuco.*

Dito do Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida, remettendo um exemplar do seu *Atlas do Imperio do Brasil.*

Dito do Sr. secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, remettendo, por ordem do mesmo Instituto, o n. 12 da sua *Revista.*

OBRAS OFFERECIDAS.

Pelo Sr. J. M. P. de Vasconcellos, um exmplar da *Selecta Brasiliense, ou Noticias, descobertas, observações, factos, curiosidades, em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil.*

Pelo Sr. bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro, o n. 15 dos seus *Heróes brasileiros na campanha do Sul.*

Pela secretaria do imperio, os *Relatorios* dos presidentes das provincias do Amazonas, Piauhy e Alagôas, e *Collecção*

de leis, regulamentos e outros actos expedidos pelo governo da provincia do Maranhão.

Pelo Exm. Sr. D. Francisco Balthazar da Silveira, um exemplar do *Relatorio com que o Sr. presidente da provincia do Amazonas abriu a assembléa provincial no dia 1º de Junho ultimo.*

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* do mez de Junho do corrente anno.

Pela redacção da *Bahia Illustrada*, o n. 83 do seu jornal.

Varios periodicos remettidos pelas respectivas redacções. Todas as offeras são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foram unanimemente approvados, por escrutinio, os pareceres da commissão de admissão de socios, favoraveis aos Srs. E. de S. Pereira de Castro, Cavalleiro José de Lucca, Henrique Ambauer Schutel, Alexandre Magno de Castilho, Vivien de Saint-Martin, Rev. padre Brasseur de Bourbourg e José Maria Pinto Peixoto, os quaes pelo Sr. presidente foram proclamados socios correspondentes do Instituto.

O Sr. Dr. J. M. da Silva Paranhos Junior proseguiu na leitura da *Biographia do general José de Abreu (barão do Serro Largo)*.

Terminada esta, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE.

10ª SESSÃO EM 25 DE SETEMBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

Às 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Perdigão Malheiro, Capanema, Pinheiro de Campos, Paranhos Junior, Braz Rubim e tenente-coronel Xavier de Brito, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que sendo recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão anterior.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Cartas dos Srs. conselheiro Claudio e Coruja, participando que por doentes não podiam comparecer á sessão.

Officio do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Antonio Moreira de Barros entregou a administração da mesma, no dia 22 de Maio ultimo, ao Dr. Graciliano Aristides do Prado Pimentel.

Dito do Sr. Dr. F. I. Marcondes Homem de Mello, remettendo um exemplar dos seus *Escriptos Historicos e Litterarios*, recentemente publicados n'esta côrte.

Carta do Sr. commendador Francisco A. de Varnhagen, do seguinte teor:

« Vienna, 20 de Julho de 1868.

« Illm. Sr. — Peço a V. S. se digne levar ao conheci-

mento d'esse Instituto, que na minha passagem por Paris tive occasião de ver o mappa feito por Gaspar Viegas em 1534, de cuja existencia o publico deveu ao Sr. Ferdinand Denis, o ter conhecimento.

« Este mappa nada tem do original. Viegas não me parece ter sido verdadeiro autor do mappa, mas simples coprador, como o foi de outra carta maritima, que se acha com a do Brasil, na mesma pasta. N'esse tempo, em lugar de se gravarem, como hoje, taes mappas, para uso dos navegantes, copiavam-se á mão em vitella ou pergaminho e havia quem d'isso quasi fazia profissão.

« O que, entretanto, se colhe d'este mappa, provavelmente copiado por Viegas, é o verem-se n'elle confirmados os mesmos dizeres que se lêem nas cartas do Brasil de Lazaro Luiz (1563) e de Vaz Dourado (1571), respectivos ás explorações de Martim Affonso, Diogo Leite e anteriores. Encontram-se já alli, como devia succeder, visto serem anteriores a 1534, época aliás importante, por ser a da distribuição do Brasil em capitánias.

« Dois mappas sobre o Brasil mais importantes que essas cópias se encontram, porém, na mesma pasta na Bibliotheca Imperial de Paris. São originaes e dizem-se feitos em Dieppé por Jacques de Vau de Claye em 1579.

« O primeiro d'estes mappas representa o Norte da costa do Brasil desde um pouco a Oeste do Maranhão até o rio Real. Este mappa patentêa quão bem informados estavam os francezes ácerca d'esta parte da nossa costa, e nos revela os projectos que elles tinham de guerrear com vantagem as recentes colonias portuguezas no Brasil, valendo-se dos indios e dos recursos do paiz. Para outro lugar reservo o dar d'este mappa mais individuada descripção.

« O segundo mappa representa a bahia do Rio até Cabo-Frio: *le vrai pourtraict de Geneure (sic) et da cap de frio.*

« Começando do Pão d'Assucar, a que chama *Pot à beurre*, e no cimo do qual se vê uma guarita, assignala em seguida (no Botafogo?) as *maisons d fere (sic) le sucre*, e depois a que se diz « *Rivière d'eau douce, et s'appelle Carioca.* » Segue-se « *Ici on prenta l'huile* » e logo a Olaria « *(La briquetterie).* » Vem depois o morro do Castello com 17 casas e a igreja, e na ponta do Calabouço « *le fert de la rivière.* » Sobre o sacco de S. Christovão (ao parecer) lê-se « *Ici est le costé pour prendre Geneure.* » Segue-se « *En ce lieu sont forces sucreries* », o que se repete sobre a ilha do Governador.

« No fundo da bahia do Rio está representada a aldêa « *Syrisé* », e do outro lado a aldêa da Jurujuba, que ahi se escreve « *Jerijeu.* »

« Creio estas informações do maior interesse historico, e penso que V. S. faria serviço ao publico, ao passo que muito me obsequiaria, se lhes dêsse lugar na nossa *Revista.*

« Deus guarde a V. S.—Illm. Sr. secretario do Instituto Historico do Rio de Janeiro. — *F. Ad. de Varnhagen.* »

OFFERTAS

Pela Sociedade Ethnographica de Paris foi offerecido ao Instituto o tomo 1º da sua *Revista.*

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscou os seus *Boletins* de 1865 e 1866.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Perdigão Malheiro, como relator da comissão de admissão de socios, fundamentou e mandou á mesa o seguinte requerimento :

« Requeiro que o Instituto, ouvida a comissão de estatutos (art. 24 dos mesmos), resolva sobre as seguintes duvidas :

« 1.ª Se em vista do art. 6º dos estatutos basta a sufficiencia litteraria do candidato para ser admittido socio effectivo ou correspondente.

« 2.ª No caso negativo, se devem ser proferidos para titulo de admissão trabalhos proprios dos candidatos e especiaes sobre historia e geographia do Brasil, e sobre ethnographia, archeologia e linguas dos seus indigenas, tendo-se em attenção o fim da creação do Instituto (art. 1º) e o que dispõe o final do art. 13 combinado com o art. 6º dos estatutos.

« 3.ª Se a offerla para titulo de admissão deve ser feita pelo proprio, ou basta que o seja por algum dos socios ou por terceiro.

« Sala das sessões, em 25 de Setembro de 1868. —
Agostinho Marques Perdigão Malheiro. »

Foi o requerimento remellido á comissão de estatutos para esta dar sobre elle parecer.

O Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito propôz para socio correspondente do Instituto o Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida, servindo de titulo de admissão o exemplar do *Atlas do Imperio do Brasil* offerecido ao mesmo Instituto pelo candidato. — A requerimento do Sr. conego Pinheiro foram a proposta e o referido Atlas remetidos á comissão de geographia para emittir juizo.

Passando-se á segunda parte da ordem do dia, os Srs. Drs. Moreira de Azevedo e Paranhos Junior occuparam a attenção do Instituto, lendo, aquelle a *Historia da constituição politica do Brasil*, e este a ultima parte da *Biographia do general José de Abreu, barão do Serro Largo*.

As 8 horas da noite o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE.

11ª SESSÃO EM 9 DE OUTUBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

Ás 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, conselheiros Freire Allemão e Claudio Luiz da Costa, Drs. Perdigão Malheiro, Pinheiro de Campos, Capanema, tenente-coronel Xavier de Brito, Boulanger e Dr. Paranhos Junior, faltando com causa os Srs. Dr. Sousa Fontes e Coruja, annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do costume, e tomando assento, o Sr. presidente em seguida abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia do Rio-Grande do Sul, transmittindo ao Instituto um exemplar do *Relatorio*

com que o Sr. 1º vice-presidente passou, no dia 14 de Julho proximo futuro, a administração da mesma ao Sr. marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa.

Dito do Sr. presidente da provincia do Espirito-Santo, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que foi aberta a sessão extraordinaria da assembléa legislativa d'aquella provincia.

Dito do Sr. Dr. Domingos Antonio Raiol, remettendo um exemplar do 2º volume da obra que está publicando, com o titulo *Motins Politicos da Provincia do Pará*.

Dito do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remettendo os ns. 50, 51 e 52 do *Semanario Maranhense*, onde sahiram impressos os seus artigos sobre Mearim e Largo do Campo de Ourique, na provincia do Maranhão, e a biographia de D. Luiz de Brito Homem, 11º bispo da mesma provincia.

Pelo Sr. João Baptista Cortines Laxe foi offerecido ao Instituto o *Regimento das Camaras Municipaes*, por elle annotado, com as leis, decretos, regulamentos e avisos que revogam ou alteram suas disposições e explicam sua doutrina.

Pelo Instituto dos Bachareis em Letras, seis exemplares contendo: o *Discurso* do presidente, *Relatorio* do secretario e *Elogio historico* do orador, lidos na sessão magna d'aquella associação, celebrada em 2 de Julho do corrente anno.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lido e approvedo o parecer da 2ª commissão de geographia, dado sobre as *Scenas de viagem ou Explora-*

ções entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda, na provincia de Mato-Grosso, offerecidas ao Instituto por seu autor o Sr. Alfredo de Escragnolle Taunay, e remettidos á commissão de admissão de socios o referido parecer conjuntamente com a proposta feita pelo Sr. conego Pinheiro, para ser admittido o Sr. Escragnolle como membro correspondente.

O Sr. Dr. A. M. Perdigão Malheiro, como relator da commissão de admissão de socios, leu a *Exposição* a esta annexa com referencia ao parecer da segunda commissão de geographia, emittido sobre o *Itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo, na provincia de S. Pedro*, feito pelo Sr. H. A. Schutel, e já approved em sessão de 5 de Julho do corrente anno.

O Sr. Dr. Capanema, como relator da referida commissão de geographia, obtendo a palavra, deu explicações a respeito da maneira por que havia redigido aquelle parecer, não se deprehendendo d'elle a menor censura feita á commissão de admissão de socios.

Resolveu o Instituto que a *Exposição* fosse annexa a esta acta.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro leu um trabalho seu sobre os *Padres do Patrocinio*, ou o *Port-Royal de Itú*.

Ás 8 horas, o Sr. presidente, obtendo a imperial venia, levantou a sessão.

Dr. Sousa Fontes

2º SECRETARIO.

EXPOSIÇÃO ANNEXA A' ACTA SUPRA

Ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Desculpe o Instituto se lhe roubo alguns momentos de sua attenção. Mas, como relator da commissão de admissão de socios, não posso deixar passar sem reparo uma phrase que li em um parecer da illustre commissão subsidiaria de geographia, que acompanhou a proposta do Sr. H. A. Schutel para socio correspondente. Ahi se diz que no trabalho d'este senhor ha materia *mais apropriada* aos fins do Instituto do que a de outras memorias que serviram de titulo de admissão á diversas pessoas.

Parece, com esse juizo comparativo, fazer-se alguma censura quanto á admissão d'essas diversas pessoas; censura que recahiria sobre o Instituto, sobre a commissão respectiva, e mais particularmente sobre o seu relator.

Se, com effeito, houve intenção de fazê-la, e se ella se refere a admissões do anno de 1859, em que sirvo de relator da commissão, até agora, eu não declino da responsabilidade toda de taes admissões. Não tenho por costume fazê-lo, porque entendo que cada um deve supportar a responsabilidade e ter a coragem dos seus actos.

Aquella censura, porém, não é fundada; e o Instituto se convencerá pela ligeira exposição, que peço licença para fazer, da conducta que tenho tido como relator, e sempre de accordo com os collegas da commissão.

Com officio do digno secretario datado de 13 de Janeiro de 1859 recebi uma relação de propostas para admissão de socios correspondentes, em numero de 17. Dei parecer apenas para a admissão de 9, que foram approvados e admittidos n'esse anno; ficaram esperados 8.

Achei o estylo de não dar a commissão parecer, desde

que entendesse que o candidato não estava nas condições de ser aprovado. E o tenho respeitado.

De 1859 em diante até a actualidade, tenho successivamente dado pareceres para admissão de mais 40 socios correspondentes; ficando esperados 14 dos constantes das propostas que me foram remettidas. D'estas ha uma assignada por 14 socios, e outra por 8. E todavia entendi não dever dar parecer.

Consta que ha ainda outras propostas, que não vieram á commissão por dependerem de parecer das commissões respectivas sobre os trabalhos offerecidos como titulos de admissão.

Não tem havido proposta nem parecer para admissão de socio effectivo; porque dos correspondentes se preenche o quadro, na fórma do art. 13 dos estatutos.

Para honorarios apenas dei parecer, e foram approvados 5, ficando esperados 3. Dos approvados 4 são estrangeiros e só 1 é brasileiro.

Dos approvados correspondentes 31 são brasileiros e 18 estrangeiros.

Os correspondentes são:

A. D. Pascual.	}	1859
Braz da Costa Rubim		
Reybaud.		
Ceroni		
Capitão de mar e guerra Lourenço da Silva Araujo Amazonas.		
Padre Lino do Monte Carmello Luna.		
Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.		
Rodrigo José Ferreira Bress.		
Tenente Antonio Marianno de Azevedo.		

Innocencio Francisco da Silva.	}	1860
Francisco Evaristo Leoni.		
Jorge Cesar de Figanière.		
Dr. Ernesto Ferreira França.		
Conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.	}	1861
José Franklin Massena da Silva.		
Dr. Antonio Joaquim Ribas.	}	1862
Capitão-tenente Manoel Antonio Vital de Oliveira.		
Conego João Pedro Gay.		
João Brigido dos Santos.		
Rev. James C. Fletcher.		
Capitão-tenente José da Costa Azevedo.		
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.		
Dr. José Vieira Couto de Magalhães.	}	1863
Dr. Francisco Ferreira de Abreu.		
Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva.		
João Carlos Pereira Pinto.		
D. José Maria Torres Caicedo.		
Frederico Francisco de Figanière.	}	1864
Dr. George Martinho Thomas.		
Padre Angelo Secchi.	}	1865
Dr. Cesar Augusto Marques.		
Dr. José de Saldanha da Gama.		
Dr. Levy Maria Jordão.	}	1866
Dr. João Ribeiro de Almeida.		
Dr. Antonio Henriques Leal.		
Dr. Emmanuel Liais.		
Dr. Miguel Antonio da Silva Junior.	}	
Dr. Domingos Antonio Raiol.		

Dr. José Maria da Silva Paranhos Junior. . .	}	1867
Capitão Epifanio Candido de Sousa Pitanga. . .		
Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito		
Dr. Luiz Francisco da Veiga.	}	1868
Eduardo de Sá Pereira de Castro.		
José Maria Pinto Peixoto.		
Padre Brasseur de Bourbourg.		
Cavalheiro José de Lucca.		
Alexandre Magno de Castilho.		
Henrique A. Schutel.		
Vivien de Saint-Martin.		

Os honorarios são :

L. Agassiz.	}	1864
G. Bancroft.		
Luiz Augusto Rebello da Silva.	}	1865
Alexandre Herculano.		
Visconde de Inhaúma.		1868

Não pôde censurar-se a admissão em razão de *grande numero*. Em 10 annos admittirem-se apenas 49 socios correspondentes, cabem sómente, termo médio, 5 por anno. E 5 honorarios no mesmo espaço de tempo é 1, por cada biennio.

Nem o total de 54 (correspondentes e honorarios) preencheria os claros que a morte tem aberto nas fileiras da phalange litteraria d'este Instituto; porquanto desde 1859 até 1867 perdêmos 72 dos nossos consocios, como consta da nossa *Revista*; numero que se elevará provavelmente a 80, ou mais, incluindo-se os fallecidos no corrente anno.

Poderia talvez censurar-se a desproporção entre o numero de estrangeiros e o de brasileiros admittidos ao Instituto. Mas a commissão tem procedido com mais al-

gum rigor a respeito dos nacionaes, não só porque é d'estes que, por via de regra, sahem os socios effectivos, observando assim o disposto no art. 6º dos estatutos combinado com o art. 13 e tendo em vista o fim da instituição, mas tambem porque, a respeito dos estrangeiros distinctos que têm sido admittidos, reputa antes um titulo de apreço da sua illustração, trabalhos, e da consideração que prestam ao Instituto, equivalente quasi a um titulo de membro honorario para não baratear esta elevada distincção.

As propostas de admissão, os pareceres fundamentados da commissão, acompanhados, sempre que possivel, de noticia biographica dos candidatos, o juizo critico dos trabalhos offerecidos como titulo de admissão, quer das commissões respectivas, quer da propria commissão de que sou o menos digno relator (o que tudo consta dos archivos d'este Instituto e até da sua *Revista*), poem fóra de duvida o escrupulo com que se tem procedido: sendo que a commissão tem sempre dado a preferencia a candidatos que, além de suas habilitações litterarias, exhibem trabalhos proprios e especiaes sobre a historia e geographia do Brasil, etc., conforme os arts. 4º e 6º dos estatutos.

Não se póde, portanto, com justiça dizer que a commissão, ou antes o seu relator tem comprehendido mal o seu dever. Estabelecer comparação entre trabalhos de diverso genero, embora tendentes todos ao grande e patriotico fim a que mira o Instituto, não é facil, nem mesmo possivel. Não é sua a missão do Instituto, nem da sua commissão. O que se deve é apreciar se o candidato está, por suas qualidades e por seus trabalhos, nas condições de ser admittido.

Parece-me que nenhum dos approvados desde 1859 até hoje desdoura o Instituto. Se nem todos são *summidades*, é

porque não ha propostas, nem o paiz as possui. As grandes capacidades e illustrações são raras, mesmo nos paizes mais adiantados e populosos. No Brasil ha, porém, muitos talentos modestos, obreiros conscienciosos, e alguns infatigáveis. E' preferivel aceitar o seu concurso, desde que mostrem boa vontade em cooperar para o fim que o nosso Instituto almeja. Eis o que a commissão e o seu relator não têm perdido de vista.

Se tenho errado, submetto-me resignado á censura. E o Instituto tem em suas mãos o remedio; confiar tão espinhosa e ingrata missão a quem melhor comprehenda o seu pensamento.

Rio, 9 de Outubro de 1868.

Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

12ª SESSÃO EM 23 DE OUTUBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Saldanha da Gama, Pinheiro de Campos, Coruja, conselheiro Claudio, Perdigão Malheiro, Moreira de Azevedo e Capanema, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que foi recebido com as honras do costume, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão anterior.

O Sr. 1º secretario deu conta do expediente, que consistiu do seguinte :

Um aviso do Sr. ministro do imperio, dando conhecimento da existencia, na bibliotheca imperial de Vienna, do

manuscripto e traducção franceza da *Descripção do Estado do Maranhão, Pard, Curupá e Rio Amazonas, feita no anno de 1662 por Mauricio d'Heriarte*, a fim de que este Instituto resolva sobre a aquisição d'este documento, que julga de importancia para a historia patria.

Dito do Sr. director geral da secretaria da agricultura, remettendo de ordem do Sr. ministro da mesma repartição, um exemplar do 1º tomo do *Relatorio apresentado a S. M. o Imperador pelo presidente da commissão brasileira junto d'ultima exposição universal*.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio com que o Sr. Dr. José Bonifacio Nascentes d'Azambuja passou a administração da mesma provincia ao Sr. 2º Vice-presidente desembargador Antonio Ladislao de Figueiredo Rocha*.

Dito do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo um exemplar da *Collecção de leis e decretos promulgados pela assembléa legislativa provincial no corrente anno*.

Dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, remettendo o *Quadro estatistico e geographico, e carta topographica da mesma provincia*.

OFFERTAS

Pela Sociedade de Geographia de Washington, *List of distances in the United-States, compiled in this office, from the latest information obtainable, 1868*.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Bulletin* do mez de Junho do corrente anno.

Pelo Instituto Historico de França, o seu jornal de maio e junho proximos passados.

Pela Imperial Sociedade dos Naturalistas de Moscow, o seu *Boletim* de 1867.

Varios jornaes e periodicos,remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertassão recebidas com agrado.

Terminado o expediente, o Sr. Joaquim Norberto expóz que desde o dia 7 de Maio do corrente anno está a commissão promotora da estatua de José Bonifacio, que tem de ser erecta n'esta côrte por deliberação do Instituto Historico, privada de seu presidente pelo fallecimento do conselheiro de estado Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, e ponderou que a guerra actual, a viagem do presidente á Europa e a molestia que o levou á sepultura tem até hoje impedido os trabalhos da commissão. Apresentou igualmente a conta corrente da subscrição a cargo do thesoureiro o barão de Mauá, que apresenta n'esta data um saldo de 45:129\$380 ao qual ha de addicionar-se 486\$450 reis de juros vencidos de 30 de Junho do corrente anno até hoje.

Ficou sobre a mesa para se providenciar a respeito na proxima sessão.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão de admissão de socios, a seguinte proposta: Attendendo ao alto merecimento dos botanicos de França o Sr. Dr. H. Baillon, presidente da Sociedade Linneana de Paris, e do Sr. Ed. Bureau, vice-presidente da Sociedade Botanica de França, e aos serviços que elles prestam actualmente ao Brasil, com a classificação e descripção de muitas plantas de nossa flora, temos a honra de os propôr para socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Sala das sessões, 23 de Outubro de 1868. *J. de Saldanha da Gama.*—*Carlos Honorio de Figueiredo.*—*Dr. Sousa Fontes.*

O Sr. Joaquim Norberto leu um trabalho seu, com o título: — *Beatrix de Assis* —, mais algumas paginas para o livro das *Brasileiras celebres*.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo terminou a leitura da — *Historia da Constituição Política do Imperio*.

A's 8 horas, o Sr. Presidente, obtendo a imperial voria, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueredo

SECRETARIO SUPLENTE.

13ª SESSÃO EM 6 DE NOVEMBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Dr. Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, Saldanha da Gama, João Ribeiro de Almeida, conselheiro Claudio, Rubim, Dr. Capanema e Boulanger, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que sendo recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e foi approvada a acta da antecedente.

Constou o expediente do seguinte :

Um officio do Sr. tenente-coronel P. T. Xavier de Brito, communicando que não podia comparecer á sessão por incommodado.

Dito do Sr. director geral da secretaria de estrangeiros, remettendo, de ordem de S. Ex. o Sr. ministro d'esta repar-

TOMO XXXI, P. II.

46

tição, o 7º e 8º tomos da *Collecção de documentos ineditos relativos ao descobrimento, conquista e organização das antigas possessões hespanholas da America e Oceania.*

Dito do Sr. secretario da secretaria da camara dos deputados, remettendo, por deliberação da mesma, os *Annaes* do 2º anno da 13ª legislatura, 2 exemplares.

Dito do Sr. conselheiro Francisco Xavier Bomtempo, offerecendo 2 exemplares das *Instrucções para a navegação do rio Amazonas.*

E pela secretaria do imperio o *Relatorio com que o Sr. Dr. Joaquim Vieira da Cunha, 1º vice-presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, passou a administração da mesma ao Sr. marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa.*

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offerlas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Passando-se á ordem do dia, e não havendo proposta nem pareceres de commissões, o Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida occupou a attenção do Instituto lendo uma parte da sua — *Memoria sobre a acclimação das raças humanas para servir de estudo á colonisação no Brasil.*

A's 7 1/2 horas o Sr. presidente, depois de obtida a imperial venia, levantou a sessão.

Dr. Sousa Fontes

2º SECRETARIO.

14.^a SESSÃO EM 20 DE NOVEMBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, barão do Bom-Retiro, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, conselheiro Claudio, João Ribeiro de Almeida, Coruja, Capanema, Braz Rubim, Paranhos Junior, Franklin Massena e Miguel Antonio da Silva, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão do dia 6 do corrente.

O expediente apresentado e lido pelo Sr. 1.^o secretario constou do seguinte :

Um officio do Sr. tenente-coronel Xavier de Brito, no qual communica que, por se achar incommodado, não póde comparecer á sessão.

Dito do Sr. Presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, transmittindo um exemplar dos *Relatorios*, que, por occasião de deixarem a administração d'aquella provincia, apresentáram os Srs. marecha de campo Guilherme Xavier de Sousa e Dr. Israel Rodrigues Barcellos.

Dito do Sr. Dr. Latino Coelho, secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, accusando o recebimento do tomo 30.^o da *Revista do Instituto*, remettido áquella academia pelo Sr. 1.^o secretario conego Fernandes Pinheiro.

Dito do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remettendo o

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

DE 1868

II. O IMPERADOR

Sapucahy

lles oz Sr. Vis-

condeza Fernan-

doria, Moreira

de Almeida,

Junior, Fran-

coannunciou-se a

ocellido com a

st. presidente

do dia 6 do out.

1º secretario

Senhor de Brito, do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

Senhor de Brito do

commissario, etc

n. 246 do *Publicador Maranhense*, onde se acha publicado um artigo historico, escripto pelo mesmo Sr. sobre o Largo do Carmo do Maranhão.

OFFERTAS:

Pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, dos seus jornaes de Agosto e Setembro do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, do seu *Bulletin* do mez de Agosto.

Pelo Sr. Dr. José Joaquim Tavares Belfort, de uma collecção de jornaes, onde o mesmo senhor tem publicado alguns trabalhos sobre a estatistica da provincia do Maranhão.

Pelo Sr. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro, a obra que tem por titulo—*O Brasil e a Inglaterra ou o trafico de africanos*, escripta pelo Sr. conselheiro Tito Franco de Almeida

Pelo Sr. Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, por intermedio do Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida,—*Hygiene e Educação da Infancia*.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções

Todas as ofertas foram recebidas com agrado.

DELIBERAÇÕES

O Sr. presidente nomeou o Sr. barão do Bom-Reliro para substituir ao finado Sr. conselheiro Eusebio de Queiroz, na presidencia da commissão nomeada pelo Instituto para tratar da erecção do monumento á memoria de José Bonifacio de Andrada.

Foi remettido á commissão de admissão de socios o parecer da de Geographia, dado sobre o *Atlas do Imperio do Brasil*, do Sr. Dr. Candido Mondes de Almeida.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida proseguiu na leitura da sua—*Memoria sobre a acclimação das raças humanas para servir de estudo á colonisação no Brasil.*

A's 8 horas, o Sr. Presidente, obtendo venia de Sua Magestade levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPLENTE.

15ª SESSÃO EM 4 DE DEZEMBRO DE 1868

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, barão do Bom-Retiro, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, conselheiros Claudio e Pontes Ribeiro, tenente-coronel Xavier de Brito, Pinheiro de Campos, Saldanha da Gama, Braz Rubim, Ribeiro de Almeida, Pereira de Castro, Filgueiras, e Miguel Antonio da Silva, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual foi recebido com as honras que lhe são devidas. Em seguida, o Sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão.

Pelo Sr. 1.º secretario foi lido o expediente, que constou do seguinte :

Um aviso do Sr. ministro do imperio de 29 de Novembro ultimo, communicando ter expedido as necessarias ordens ao ministro do Brasil em Vienna d'Austria, para que este remetta ao Instituto a traducção franceza da obra—*Descripção do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio Amazonas, por Mauricio Heriarte*, sendo a despesa descontada da 2.ª prestação que o Instituto tem de receber do thesouro nacional no corrente exercicio. — Inteirado.

Officio do Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos Junior, no qual communica que deixa de comparecer às sessões por ser obrigado a retirar-se temporariamente d'esta cõrte, por incommodo de saude.

Dito do Sr. Alexandre Magno de Castilho, agradecendo ao Instituto a honra de o chamar para o seu gremio, como socio correspondente.

Dois ditos do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remetendo os numeros do *Publicador Maranhense*, onde fez publicar os seus artigos sobre a Alfandega e Largo do Carmo da provincia do Maranhão.

Dito do Sr. secretario da Imperial Sociedade dos Naturalistas de Moscow, accusando o recebimento do vol. 30 da *Revista* d'este Instituto Historico, remettido áquella associação pelo Sr. 1º secretario.

Dito do nosso consocio o Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, offerendo 20 exemplares da *Biographia* (por elle escripta) do Sr. *conselheiro padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel*.

Findo o expediente, o Sr. Dr. Eduardo de Sá Pereira de Castro pediu a palavra e agradeceu ao Instituto a sua admissão de socio correspondente, e leu um trabalho sobre o estado actual do Brasil, em relação á Industria, Commercio, etc.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Macedo propôz para socio correspondente do Instituto o Sr. D. José Rosendo Guterres, preposto de la Paz, na Bolivia, e autor da *Memoria sobre limites do Brasil* com aquella republica.—Foi a proposta á commissão de admissão de socios.

O Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida terminou a leitura da sua—*Memoria sobre a acclimação das raças humanas, para servir de estudo d colonisação no Brasil.*

Sendo esta a ultima sessão ordinaria do corrente anno, o Sr. presidente fez correr o livro das inscripções pelos socios presentes, e n'elle se inscrevêram, para trabalhos que têm de ser apresentados no proximo futuro anno social, os Srs.

Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito,—*Estudos geographicos e estatísticos sobre a provincia do Rio de Janeiro.*

Dr. Eduardo de Sá,—o que lhe suggerir sobre historia ou geographia.

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos,—*Estudo historico e geographico do territorio da provincia de Minas, para servir de introdução a uma Memoria com o fim de mostrar a necessidade urgente de sua divisão.*

Dr. José de Saldanha da Gama Filho, *A Vida do botanico brasileiro, o carmelita Fr. Leandro do Sacramento.*

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, um trabalho historico.

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador levantou a sessão.

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21
DE DEZEMBRO DE 1868

*Presidencia do Exm. Sr. conselheiro d'Estado
visconde de Sapucahy*

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Visconde de Sapucahy, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, João Ribeiro d'Almeida, Felizardo Pinheiro de Campos, tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito e Antonio Alvares Pereira Coruja, o Sr. presidente abriu a sessão d'assembléa geral para a eleição dos membros da mesa e das commissões, que devem servir no anno social de 1869; e sendo designados para escrutadores os Srs. Drs. Carlos Honorio e João Ribeiro, procedeu-se á eleição na fórma dos estatutos, e sahiram eleitos os Srs. :

PRESIDENTE

Visconde de Sapucahy, reeleito.

1º VICE-PRESIDENTE

Barão do Bom-Retiro, reeleito.

2º VICE-PRESIDENTE

Dr Joaquim Manoel de Macedo, reeleito.

3º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva, reeleito.

2º SECRETARIO

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, reeleito.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, reeleito.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, idem.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo, reeleito.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja, reeleito.

COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

João José de Sousa Silva Rio, reeleito.

Braz da Costa Rubim, idem.

Francisco José Borges, idem.

COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Barão do Bom-Retiro, reeleito.

D. Francisco Balthazar da Silveira, reeleito.

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS.

Tenente-coronel Francisco José Borges.

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

Dr. Felisardo Pinheiro de Campos, reeleito.

COMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS.

Dr. Joaquim Manoel de Macedo, reeleito.

Joaquim Norberto de Sousa e Silva,

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

COMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. José Maria da Silva Paranhos Junior.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, reeleito.

Dr. João Ribeiro de Almeida.

COMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, reeleito.
Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim.
Dr. Guilherme Schuch de Capanema.

COMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Dr. Giacomo Raja Gabaglia, reeleito.
Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
Dr. José de Saldanha da Gama Junior, reeleito.

COMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão, reeleito.
Conselheiro Dr. Claudio Luiz da Costa, idem.
Dr. Miguel Antonio da Silva, idem.

COMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, reeleito.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, reeleito.
Dr. João Ribeiro de Almeida.

COMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Antonio Pereira Pinto, reeleito.
Antonio Deodoro de Pascual, reeleito.
Braz da Costa Rubim.

A eleição do 1º secretario não teve lugar este anno, ter sido feita em 1867, e ser, pelos estatutos, o cargo annal.

Terminada a eleição, o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em férias, e levantou a sessão.

PARECERES

DE

Commissões ou commissarios especiaes

PARECER DA COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Illm. Sr. — A comissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico do Brasil tem a honra de devolver a V. S., os livros, contas e documentos de receita e despeza do Sr. thesoureiro, acompanhados do seu parecer sobre as mesmas contas, e do orçamento que tem de ser submittido á approvação do Instituto. — Deus guarde a V. S. — Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1868.

Illm. Sr. Reverendo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, 1º secretario. — Os membros da comissão. — *J. J. Sousa Silva Rio*, relator. — *Francisco José Borges*.

A comissão de fundos e orçamento, cumprindo o dever que lhe impõe o art. 23 dos respectivos estatutos, procedeu a minucioso exame nas contas do Sr. thesoureiro, relativas ao anno social de 1867, e achou-as em tudo exactas e conformes com os livros e documentos que lhe foram apresentados.

Resulta d'esse exame, que a receita foi de Rs. 8:992\$709, excedendo á orçada em Rs. 72\$709 ; e arrecadada pelas verbas seguintes :

§ 1º Joias dos socios	80\$000
§ 2º Prestações semestraes	714\$000
§ 3º Cobrança de divida activa	456\$000
§ 4º Assignatura e venda da <i>Revista</i>	148\$000
Somma	<u>1:398\$000</u>

Transporte	1:398\$000
§ 5° Dividendo de acções	375\$000
Juros de apolices	60\$000
§ 6° Juros de dinheiro em c/c.	39\$709
§ 7° Consignação do Thesouro Nacional	7:000\$000
Somma.	<u>8:872\$709</u>

à qual tem de se addicionar o agio na compra de 1 apolice	120\$000
Total.	<u>8:992\$709</u>

que com o saldo existente em Dezembro de 1866, de.	6:885\$016
Importa em Rs.	<u><u>15:877\$725</u></u>

A despeza effectuou-se pelas seguintes verbas :

§ 1° Impressão e reimpressão da <i>Revista</i>	4:294\$200
§ 2° Compra de livros e aquisição de ma- nuscriptos	1:220\$600
§ 3° Ordenados e agencia	2:002\$800
§ 4° Expediente e eventuaes	924\$650
Somma Rs.	<u><u>8:442\$250</u></u>

quantia menor que a fixada no orçamento,
Rs. 551\$585.

Da receita acima demonstrada de	15:877\$725
abatida a despeza realizada de.	8:442\$250
Resulta o saldo de Rs.	<u>7:435\$475</u>

o qual comparado com o do anno anterior, de.	6:885\$016
o excede na quantia de Rs.	<u>550\$459</u>

Este saldo consta dos fundos do Instituto, que foram este anno augmentados com uma apolice comprada pelo Sr. thesoureiro, e de dinheiro em c/c na Caixa Economica, ou em caixa para occorrer ás despesas do 1º trimestre do anno corrente.

Consta elle do seguinte :

Duas apolices da divida publica, de Rs. 1:000\$000 cada uma, e juro de seis por cento	2:000\$000
25 acções do banco Rural e Hypothecario a 200\$000	5:000\$000
Dinheiro em c/c.	43\$152
» em caixa, em 31 de Dezembro de 1867	392\$323
Somma	<u>7:435\$475</u>

que passam á receita do anno de 1868.

A'vista do que, é a commissão de parecer que sejam as ditas contas approvadas.

Sala das sessões, em 20 de Maio de 1868. — *J. J. Sousa Silva Rio*, relator. — *Francisco José Borges*.

A commissão de fundos e orçamento tem a honra de submitter á approvação do Instituto Historico e Geographico o seguinte :

ORÇAMENTO

Art. 1.º E'orçada a receita para o anno social de 1868 na quantia de Rs. 16:386\$000, a saber :

§ 1º Joias de socios.	80\$000
§ 2º Prestações semestraes	720\$000
§ 3º Cobrança de divida activa	420\$000
	<u>1:220\$000</u>

Transporte	1:220\$000
§ 4° Assignatura e venda da <i>Revista</i>	180\$000
§ 5° Dividendo de acções	400\$000
§ 6° Juros de apolices.	120\$000
§ 7° » de conta corrente	30\$523
§ 8° Subvenção do Thesouro Nacional.	7:000\$000
	<hr/>
	8:950\$523
Saldo do anno anterior.	7:435\$477
	<hr/>
	<u>16:386\$000</u>

Art. 2.° E' fixada a despesa em 8:950\$000 distribuida pelas seguintes verbas :

§ 1° Impressão e reimpressão da <i>Revista trimensal</i>	4:600\$000
§ 2° Compra de livros e manuscriptos.	1:600\$000
§ 3° Ordenados e agencia, sendo:	
Um archivista e revisor	600\$000
Um amanuense.	600\$000
Um porteiro	480\$000
Um agente, gratificação	300\$000
comissão.	24\$000
	2:004\$000
§ 4° Despezas com o expediente, e eventuaes	746\$000
	<hr/>
Somma. . . . Rs.	<u>8:950\$000</u>

Art. 3.° As verbas de despeza, á excepção do § 3°, poderão ser suppridas umas por outras; e as sobras da receita serão depositadas na Caixa Economica.

Sala das sessões, em 20 de Maio de 1868. = J. J. Sousa Silva Rio, relator. — Francisco José Borges.

que ao mesmo Instituto dirigiu o Sr. José Luiz Alves, procurador geral da veneravel ordem terceira dos minimos de S. Francisco de Paula, a respeito dos restos mortaes do finado socio fundador do nosso Instituto o Sr. marechal Raymundo José da Cunha Mattos, que jazem n'aquella veneravel ordem ; e que o Instituto, á vista do ultimo periodo da referida carta, deseja ouvir a sua commissão de fundos, para poder resolver definitivamente.—Deus guarde a V. S. — Secretaria do Instituto Historico, no paço imperial da cidade, em 11 de Maio de 1868. — Illm. Sr. João José de Sousa Silva Rio, membro relator da commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro*, 1° secretario.

PARECERES DE ADMISSÃO DE SOCIOS

A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta de 6 de Dezembro de 1866, assignada pelos consocios Drs. Joaquim Caetano da Silva, Carlos Honorio de Figueiredo e Antonio Pereira Pinto, é de parecer que o candidato Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga está no caso de ser approvado membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Sala das sessões, 22 de Novembro de 1867. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Cludio Luiz da Costa*.

NOTICIA

Filho legitimo do commendador João Pedro da Veiga e D. Joaquina Rosa da Veiga, nasceu o Dr. Luiz Fran-

Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em resposta ao que tive a honra de dirigir ao seu digno presidente o Exm. Sr. conselheiro d'Estado visconde de Sapucahy, communicando-lhe a existencia das cinzas do finado marechal Raymundo José da Cunha Mattos, um dos fundadores d'este Instituto, cujas cinzas existem guardadas com religioso cuidado em uma urna na igreja de S. Francisco de Paula.

Nada me tem o Instituto a agradecer, porque serviço nenhum fiz digno de tão elevada honra, e se chamei a attenção dos dignos associados d'essa famosa arca da sciencia, foi não só pelo respeito devido ás cinzas dos mortos, como para salvar da indifferença as do distincto servidor do Estado a quem tanto devem as letras patrias, e para que com ellas não acontecesse como ás do famoso Pindaro da tribuna sagrada, com as do conego Januario da Cunha Barbosa.

O Instituto Historico mediante a quantia de 250\$000 poderá guardal-as em jazigo perpetuo, no cemiterio de S. Francisco de Paula, e assim transmittir á mais remota posteridade sua gratidão para com um de seus fundadores.

Nada mais se me offerecê dizer ; só serei com a mais alta estima, respeito e consideração — De V. Ex. muito respeitador e criado. — *José Luiz Alves*, procurador geral da ordem terceira de S. Francisco de Paula. — Rio de Janeiro, em 17 de Março de 1868.

Illm. Sr. — Em cumprimento de deliberação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro tomada em sessão de 8 do corrente, tenho a honra de passar ás mãos de V. S., como relator da commissão de fundos e orçamento, para esta dar seu parecer, a carta constante da cópia junta,

que ao mesmo Instituto dirigiu o Sr. José Luiz Alves, procurador geral da veneravel ordem terceira dos minimos de S. Francisco de Paula, a respeito dos restos mortaes do finado socio fundador do nosso Instituto o Sr. marechal Raymundo José da Cunha Mattos, que jazem n'aquella veneravel ordem; e que o Instituto, á vista do ultimo periodo da referida carta, deseja ouvir a sua commissão de fundos, para poder resolver definitivamente.—Deus guarde a V. S. — Secretaria do Instituto Historico, no paço imperial da cidade, em 11 de Maio de 1868. — Illm. Sr. João José de Sousa Silva Rio, membro relator da commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro*, 1.º secretario.

PARECERES DE ADMISSÃO DE SOCIOS

A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta de 6 de Dezembro de 1866, assignada pelos consocios Drs. Joaquim Caetano da Silva, Carlos Honorio de Figueiredo e Antonio Pereira Pinto, é de parecer que o candidato Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga está no caso de ser approved membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Sala das sessões, 22 de Novembro de 1867. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Claudio Luiz da Costa*.

NOTICIA

Filho legitimo do commendador João Pedro da Veiga e D. Joaquina Rosa da Veiga, nasceu o Dr. Luiz Fran-

TOMO XXII, P. II

preparat
de direito

quando porém co
a qual recebeu e

nomeado promotor p
cargos que exercen a

foi nomeado 2º official da s
negocios da justiça. E em Março
da secretaria d'Estado dos negoc
comercio e obras publicas, emprego qu

do Instituto Scientifico de S. Paulo
reveu elle alguns artigos politicos no pe
de Maio; d'esta data em diante publico
no *Jornal do Commercio e Correio Mercan*
a 1864 collaborou na redacção do *Consti*
esta côrte, e tambem no *Espectador da Ame*
publicou alguns artigos.

esses artigos trouxe-lhe a nomeação, por parte
das municipaes das provincias da Parahyba, S.
de Minas, Espirito-Santo e Rio de Janeiro, de mem-
branças commissões encarregadas de felicitar o conde
de Murray pela defesa d'este a favor da justa causa do
contra as pretensões do governo da Grã-Brela-

1862 publicou em folheto um estudo historico in-
tulado *A Revolução de 7 de Abril de 1831 e Evaristo*
Freixo da Veiga, o qual provocou discussão e foi elo-

Em 1863 deu á luz o poema *Cartas Chilenas*, attribuido a Thomaz Antonio Gonzaga, com uma introdução, notas e epilogo.

No mesmo anno publicou a comedia politica *Os impossiveis*.

Em 1865 foi impresso na typographia nacional, de ordem do governo, o *Repertorio das leis e decisões do governo concernentes d 2ª directoria da secretaria d'Estado dos negocios d'agricultura, commercio e obras publicas*, pelo mesmo Dr. L. F. da Veiga organizado.

Ainda em 1865 deu á publicidade um estudo sobre historia e geographia antiga comparada com a moderna, sob o titulo *As nacionalidades mortas*.

Em 1866 a *Biographia* de seu pai João Pedro da Veiga.

Em o corrente anno de 1867 um outro estudo historico, *As Revoluções no Brasil desde 1544 a 1848*. Bem como no *Correio Mercantil* alguns artigos sobre direito publico constitucional e politica especulativa.

Rio, 22 de Novembro de 1837. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*.

A comissão de admissão de socios, tendo em consideração a proposta de 24 de Outubro de 1867 do consocio o Sr. Dr. Guilherme Schuch de Capanema, e o parecer da comissão subsidiaria de geographia d'este Instituto, approved em sessão de 5 de Junho do corrente anno, sobre o *Itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo da provincia do*

Rio-Grande do Sul, pelo Sr. Henrique Ambauer Schutel, é de parecer que o candidato está no caso de ser approvado membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Sala das sessões. Rio, 31 de Julho de 1868. O relator A. M. *Perdigão Malheiro*.—Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

Illm. Sr. — Estando ausente da cõrte, foi-me remettido officio de V. S. de 26 de Outubro passado para com os mais membros da commissão subsidiaria de trabalhos geographicos dar parecer sobre o incluso *Itinerario* do Sr. Ambauer Schutel.

Quando regresssei estava o Instituto em férias, por isso só agora forneço as informações ao meu alcance.

Conheci o Sr. Schutel no Desterro em casa do seu tio o illustrado medico do mesmo nome, pedi-lhe alguns esclarecimentos sobre a provincia do Rio-Grande, que elle havia percorrido; satisfiz-me cabalmente: mais tarde pedi-lhe um itinerario para o districto de Campo Novo, que tem interesse geologico por existirem alli jazigos de cobre. Elle ainda n'isso me serviu, e como encontrei no trabalho materia mais apropriada aos fins do Instituto do que a de outras memorias que serviram de titulo de admissão a diversas pessoas, offereci-o e propuz o seu autor para socio.

O Sr. Schutel tem mandado correspondencias a nosso favor para as folhas de Milão, de onde é filho.

No *Itinerario* incluso vêem apontamentos importantes sobre a producção, colheita e exportação do mate na provincia do Rio Grande do Sul, que seria talvez conveniente

mandar desenvolver mais para estudar meios efficazes de melhorar essa industria.

Como talvez eu não me possa encontrar com os outros membros da commissão, rogo a V. S. se sirva dar-lhes conhecimento d'estes esclarecimentos.

Deus guarde a V. S. Rio de Janeiro, 2 de Maio de 1868.

Illm. e Revm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. 1°. Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—*Guilherme Schuch de Capanema.*

Concordo. Era ut supra.—*Saldanha.*

Itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo da Provincia do Rio Grande do Sul, a que se refere o parecer acima.

Illm. Sr. Dr. Guilherme S. de Capanema.—Apresso-me a remetter os apontamentos sobre o Campo Novo, que V. S. pediu-me, rogando-lhe haja de desculpar a insufficiencia do trabalho, não possuindo eu conhecimentos nem tempo necessario para melhor fazê-lo, nem encontrando trabalho algum que me podesse guiar senão tradições verbaes.

Não sei se será a prevenção algum tanto desfavoravel não só estrangeira como nacional que circula contra a provincia do Rio-Grande do Sul, que a tem privado de uma monographia exacta; ou que não me tenha vindo ás mãos nenhuma descripção circumstanciada, a não ser os *Annaes da provincia* pelo Sr. visconde de S. Leopoldo.

Essa falta é tanto mais sensivel para a provincia, que o seu desenvolvimento tanto agricola como industrial não tem tido o impulso que poderia alcançar, attendendo não só á sua posição geographica, seu excellente clima, sua admiravel hydrographia fluvial, como ás suas riquissimas producções mineraes e vegetaes.

Contrariado com a leitura bastante erronea e rigorista

em demasia de alguns artigos de jornaes illustrados e scientificos, atrevi-me a tomar algumas notas de minhas viagens para poder contestar comprovando, quando precisasse.

Remetto o resumo d'essas notas a V. S., dando-me p. feliz se n'ellas encontrar o que deseja.

Cinjo-me ao pequeno *Itinerario da Cruz Alta ao Caminho Novo*, por não julgar de interesse algum para V. S. o resumo da descripção, compilada na parte historica e scientificas dos *Annaes* do Sr. visconde de S. Leopoldo e de alguns jornaes locais.

O ponto de partida do meu *Itinerario* é da villa da Cruz Alta, cabeça da comarca do mesmo nome, situada sobre o *plató* que corôa a serra geral, cordilheira que acompanha o litoral com a denominação de serra do Mar nas provincias do N., declina bruscamente ao O. entre 29° de lat. sul para a 29° 38', e segue a mesma lat. terminando em 51° 40' de long. occidental do meridiano de Paris.

Esse *plató* é considerado por Balbi como fazendo parte do grande *plató* que corôa todo o systema montanhoso do litoral brasileiro, composto de uma serie continua de elevações, mais ou menos marcadas, e valles profundos, dirigindo quasi sempre suas aguas a E.-ES. O. OS. até a sua terminação oriental e occidental da mesma cordilheira.

A villa da Cruz Alta acha-se collocada entre 28° 36' de lat. meridional e 25° 26' de long. occidental no declive occidental da Cochilha-Grande, d'onde o *plató* declina insensivelmente terminando em planicie alagadiça nas costas orientaes do Uruguay.

As opiniões divergem sobre a formação da Cochilha Grande, tida por uns como prolongação da Serra Geral, e por outros como cadêa separada. Na primeira hypothese demonstraria um phenomeno importante na geologia, não só pela sua pequena elevação, deprimida algum tanto na a

proximação da Serra Geral, a sua prolongação sobre o *plató* mantendo a direcção N. S., como tambem a sua formação, dominando o basalto e rochas graniticas na Serra Geral, e a argilla, o carvão, e outras stratificações dos terrenos sedimentares na textura geologica da Cochilha-Grande.

Os terrenos do litoral, comprehendendo a parte meridional da provincia, cortada pela Serra Geral, da margem occidental das lagoas dos Patos, Guahyba e Mirino, elevam-se em pequenas ondulações chamadas cochilhas quasi á altura da Cochilha-Grande, a qual forma o *devortium aquarum* das principaes arterias fluviaes da provincia, escoando sem grandes obstaculos nas lagôas dos Patos e Mirim as orientaes, e no Uruguay as occidentaes.

A villa da Cruz Alta é muito importante pelo commercio das tropas de mulas para as provincias de Minas, S. Paulo e outras, e o fabrico e deposito da herva matte dos hervaes do municipio, a qual fórma um importantissimo ramo de exportação para as republicas limitrophes. E' um dos pontos mais ricos e avantajados da provincia, e sua posição permite desenvolver para o futuro o emporio commercial d'aquellas regiões.

O municipio da Cruz Alta acha-se encerrado a E. pela serra do Botucarahy, que a meu ver não é senão o cume de uma cordilheira de remota formação ou continuação de alguma cadêa central; ao S. o versante meridional da Serra Geral; a O. os bosques de Ijuhy e Jaguary, antigos limites das missões jesuiticas do alto Uruguay; e ao N. os interminaveis matos dos hervaes. Esses bellos campos, incultos em sua maior parte, possuem uma flora herbacea das mais variadas, distincta da do litoral, intercortados por lageados ou riachos de aguas crystallinas, e a temperatura modificada pela altura torna mais aprazivel o viajar-se n'essas paragens do que nas plantcies do litoral.

Soffre porém o elemento pastoril com tão viçosos pastos, sendo preciso dar sal aos animaes bovinos e muares, sem o qual fenecem. A vegetação arborescente é das mais imponentes, semeiando e encerrando de lindos bosques todo o municipio. Duas estradas conduzem da Cruz Alta ao Campo Novo, um dos heruaes ao N. do municipio : a estrada de baixo flanqueando o versante da Coçilha-Grande. a outra de cima ou de carretas percorrendo o cume das coçilhas. A primeira é menos extensa, porém muito accidentada e perigosa no inverno, a segunda offerece facil viação.

O primeiro pouso partindo da Cruz Alta em direcção ao Campo Novo, remontando ao N. pela estrada de carretas, foi no Lagoão, pequeno arroio que tem nascença em uns banhados a cinco leguas da Cruz Alta. Franca e attenciosa hospitalidade foi-nos offerecida pelo Sr. Victor, proprietario da estancia do Lagoão além do passo, e que captou tanto de meus companheiros de viagem como de mim mui grata sympathia. Não é tão prodigo de liberalidades o habitante do *plató* para com os viandantes, motivo por que foi-nos assaz sensivel as máneiras do Sr. Victor, reiteiradas no regresso da viagem com a mesma cordialidade.

Tive occasião, durante minhas viagens pela provincia, de notar a differença caracteristica, e direi bem distincta, dos habitantes do *plató* e do litoral. Parece que a Serra Geral, cortando a provincia em duas partes, dividiu o character e indole dos seus habitantes, favorecendo pyhsicamente ao serrano, desenvolvendo as faculdades racionaes ao campeiro do litoral. Essa differença era caracterisada no tempo da descoberta por duas tribus indigenas da intelligente familia dos *Guaranis*; os *Minuanos* em toda a península formada pelo Uruguay, a Serra Geral e o mar, e os *Charruas* habitando o *plató*. Hoje, que não existem sequer

os vestigios d'essas tribus, não por terem sido absorvidas na mescla das raças, mas sim por terem em sua maior parte fenecido e emigrado para as republicas do centro ; qual será a influencia d'essa distincção de character ? Causas locais, tendencias tradicionaes, ou effeitos puramente de origem ? Proopino por esta ultima hypothese.

O segundo pouso foi na invernada ou fazenda d'um Sr. major de origem franceza, antigo official nas republicas do Prata. Essa invernada, ou campo fechado para engordo dos gados, dista uma legua do passo da Palmeira, pequeno arroio que tem nasença dos banhados e sangas nas adjacencias da villinha da Palmeira.

Pela estrada de baixo a passagem d'esse arroio é sobre uma pequena cascata que elle fórma, algum tanto perigosa quando está cheio pela rapidez de sua corrente, motivo por que preferimos a estrada de cima, onde o arroio não tem mais que tres a quatro palmos de profundidade e com pouca velocidade.

A villinha da Palmeira encontra-se situada á direita da estrada na distancia d'uma e meia milha, sobre uma cochilha. E' centro da encruzilhada dos hervaes adjacentes e deposito das hervas que n'elles se fabricam, composta de vinte a triata casas e ranchos de palha, e uma capellinha, unica em todo o districto que tinha sacerdote.

Na seguinte noite pernoitámos n'um alpendre aberto por tres lados, e infelizmente por um d'elles soprava um ventozinho acompanhado de chuva fina e fria, que nos regelava até os ossos, e nos impossibilitava de manter o fogo acceso. E' na passagem do arroio por nome Novaes, divisa da estancia do mesmo nome, á esquerda da estrada, n'um pequeno rancho, habitação do posteiro, tendo uma intitulada venda, sem cousa alguma alimenticia, nem sequer

um pouco de philantropia no seu proprietario para vender uma gallinha.

Passámos no dia seguinte pela encruzilhada formada de duas estradas dos hervaes, fazendo junção n'esse ponto.

Os campos, até ahí de admiravel fecundidade, de terreno arenento, cessam completamente, principiando d'esse ponto um terreno de argilla vermelha mui escorregadiça e fraturada, entrecortado de sangas barrentas e atoleiros. A vegetação herbacea cessa como por encanto succedendo a aridez desoladora para os carreteiros, apenas algumas macegas reverdecem as cochilhas d'um verde amarellado. Porém o que torna-se notavel é a quantidade de codornizes e perdizes que se encontra, das quaes caçavamos algumas a chicote, alimentando-nos de sua saborosa carne mestejada.

Os bosques tornam-se mais espessos e annunciam outra região não menos imponente. A' esquerda vêem-se as matas do Ijuhy a perder de vista, limite, como já disse, das missões jesuiticas, onde vinham das costas do Uruguay grande numero de indios fazer herva para o consumo dos catecheses, e abastecer de quarenta a cinquenta mil arrobas os mercados de Santa Fè e Corrientes.

Esse commercio favorecia um dos modicos rendimentos dos santos martyres do apostolado catholico nas gloriosas missões do Uruguay e Paraguay, e na desinteressada applicação do proselytismo de humanitario alarde encontravam as fabulosas sommas com que affrontavam os golpes do liberalismo social.

Centenares d'esses infelizes indigenas, segundo os relatos do Sr. visconde de S. Leopoldo e Bompland, pereceram á fome, fadigas ou perigos nas longinquas matas dos hervaes; outros eram capturados por quadrilhas de paulistas á caça d'elles para vendêl-os nas provincias do norte.

outros emfim tiveram a gloria de combater pela inviolabilidade da theocratica republica, contra a expedição de limites, o que promoveu segundo uns a causa principal do famoso edicto do marquez de Pombal.

Lamentavel destino d'uma raça merecedora de melhor sorte; onde quer que a raça branca abordasse, quer fossem audaciosos conquistadores de abjectas ambições, ou fanaticos catechisadores d'uma crença diametralmente opposta ao evangelico espirito persuasivo do Divino Mestre, o misero indio soffreu o contagio, perecendo sem merecer compaixão.

Tanto os matos de Ijuhy como os do Botucarahy a E-NE ligam-se sem interrupção, a não ser pequenos campos no primeiro, do immenso bosque do Campo Novo, antigo mato castelhana. Oceano grandioso de verdura que abrange, segundo a opinião de Humboldt e de Rojer n'uma carta geographica das republicas do sul, toda a região comprehendida entre Uruguay, Paraguay e Paraná. A estimativa de algumas estatisticas dão 1,700 leguas quadradas de bosques pertencentes á provincia, porém julgo-a inferior d'uma terça parte.

Passámos a quarta noite em casa d'um velho paulista á esquerda, n'uma baixada um pouco retirada da estrada.

Esse senhor, recommendavel por suas maneiras francas e cordiaes, pertencia á briosa população paulista affeita e exploradora, a quem o Brasil deve a maior parte de suas explorações no interior de seu vasto imperio, incluindo a provincia do Rio-Grande, na qual penetraram por cima da serra, apropriando-se do que lhes fazia conta. No dia seguinte avistámos o recanto onde existe a picada do berval do Campo Novo.

O ponto de vista que se desenrola da proeminencia

d'uma cochilha antes de chegar á picada é dos mais grandiosos.

Por todos os lados o horizonte é obscurecido por uma barreira verde-negra da soberba vegetação das matas seculares, e essa imponente perspectiva era apenas turbada pelo rouco piar das aves de rapina. A entrada da picada, por menos timoralo que seja-se, quando é a primeira vez que se penetra n'uma mata virgem, sente-se certa emoção, que leva instinctivamente a revistar as armas, como se fosse possível divisar o perigo por entre a espessura de troncos, folhagem e cipós.

No principio a picada é boa, porém pouco a pouco torna-se, na descida das cochilhas, de difficil transitio, devido á numerosa passagem de carretas sobre o terreno humido, não podendo os raios do sol penetrar por entre as copadas arvores. Graciosos bosques do utilissimo taquarussú bordam a estrada, e o bello illex-congonha ostenta seu altivo porte e sua lustrosa e productiva folhagem. Após duas leguas, pouco mais ou menos, de picada penetrámos por uma porteira no campestre do Campo Novo, denominado antigamente Inhocoré-guassú, de cinco leguas de circumpherencia. Esso campestre, segundo a opinião dos engenheiros da estrada para o alto Uruguay, acha-se situado entre 27° 30' de lat. meridional e 55° 26' de long. occ. 35 leguas ao N. da Cruz Alta, é de arida apparencia como o terreno que tinhamos passado, mui fracturado e não tendo pasto algum para os animaes, os quaes alimentam-se dos verticillos do taquarussú. Circulando a esquerda encontrámos na encosta septentrional do bosque oito ou dez ranchos, tres dos quaes occupados por engenhos de socar ou moer herva mate. Um dos ranchos é a venda d'um meu compatriota o Sr. Pedro Paggi, onde hospedámos e recebêmos franco acolhimento.

Os engenhos d'esse recanto servem-se, como todos os do Campo Novo, das aguas d'uns regatos para motor, os quaes affluem no Turvo, que serpenteia na costa septentrional do campestre. No dia seguinte, costeando a margem do Turvo passámos pelo Povinho, agglomeração de dez a doze ranchos e alguns engenhos. O terreno n'esse lugar é pedregoso e mais arido ainda, e por sua côr indica a presença de mineraes metaliferos. Não pude saber d'onde foi extrahida o fragmento de rocha cobriferá que teve a honra de remetter a V. S., porém não deve ser mui distante d'essa localidade.

Do Povinho dirigimo-nos ao O. Após termos passado outros lageados affluentes do Turvo entrámos no povo de S. Xavier.

Composto d'um grupo de trinta a quarenta casas de pobrissimo aspecto, o povo de S. Xavier tem uma fôrma irregular, uma capellinha situada na extremidade da praça, e os engenhos succedendo-se á beira d'um riacho. Tendo deixado os piães e a cavahada antes de transpôr o riacho, dirigimo-nos á residencia do Sr. capitão João Pedro de Campos, para quem eu trazias varias cartas de recommendação.

Apraz-me citar n'estes apontamentos o nome do Sr. Campos, não só pelas delicadas attenções e condescendente bondade, de que usou para conosco, como pelo character energico, recto e humanitario que possui. Primeira autoridade policial do districto, merece os encomios do governo imperial e a estima e reconhecimento dos habitantes do Campo Novo por seus relevantes serviços. Justiceiro e harmonizador, porém recto e inflexivel no seu dever, é elle a força moral que reprime os máos instinctos da heterogenea e pouco escrupulosa população dos herveas circumvizinhos. Brioso quão intelligente, tem melhorado,

quanto é possível a um só homem, a fiscalisação e aperfeiçoamento de tão productivo commercio, alcançando nas hervas de seu fabrico igualar a bondade e qualidade das do Paraguay, avantajadas nos mercados do Prata.

A população dos heruaes compõe-se em grande parte de desertores dos batalhões de linha, de individuos de equívocos precedentes, e mulheres de pouquissima consideração, com quem vivem livremente; elevando-se approximativamente a 3,000 individuos dos dois sexos. Consciencias elasticas e máos instinctos presidem entre elles em seu commercio, e a impunidade, que podem gozar embrenhando-se nos matos pelo labyrintho de trilhos só por elles conhecidos, os incita a praticar actos reprovaveis e algumas vezes crueis.

O campestre do Campo Novo, segundo me informou o Sr. major Borges, velho catharineta morador no Povinho, a quem se deve o reconhecimento do alto Uruguay, fôra descoberto em 184.... por uns caçadores, os quaes tendo-se perdido no mato, viram a pepuena distancia levantar-se a fumaça d'alguma fogueira, e dirigindo-se n'esse rumo não encontraram ninguem. Attestaram, porém, já ter tido habitadores uma cruz com inscripção em portuguez, uma roda de carro, algumas telhas e traços d'uma estrada de carretas. Uma carta geographica dos jesuitas dava n'essa lat. um campestre denominado Vaccas-Branças, no qual a crença popular fazia o deposito das riquezas dos missios narios, e a moradia de asceticos anachoretas de torturada privações. Nada foi encontrado, nem podiam: o povo apraz-lhe forjar formosos eldorados e grutas de Monte Christo em toda a parte. Os jesuitas não eram uma ordem contemplativa; ao contrario, eminentemente politicos, não lhes convinha o ascetismo, e nem tão pouco accumular capitaes improductivamente.

O fabrico das hervas, que eleva-se a duzentas mil arrobas por safra, carece de severas medidas fiscaes, tanto para a conservação de tão productivo commercio, quanto para a bondade de sua qualidade. O Sr. capitão João Pedro de Campos tem envidado todos os seus esforços para convencer praticamente que a vantagom das hervas do Paraguay, duplamente pagas que as das missões, é devida ao cuidado que tem o herveiro no desgalhar sómente vegetaes robustos, dessecal-os e moer promptamente para não perder a fragrancia e a côr, que naturalmente perdem expostos ás intemperies. No engenho requer tambem o cuidado de não aventar, condicionando-a e removendo-a com cuidado. Nada, porém, convence a sordida e brutal ambição dos herveiros. Destroem o vegetal derrubando-o para o desgalhar; deixam os galhos estacionar pelo chão no lugar onde desgalharam, emquanto não têm quantidade avultada para ás levar ao carijo e dessecal-os; mesclam diferentes vegetaes para terem maior provisão, e condicionam de mancira que muitas vezes perdem o fructo de suas fadigas.

Tosco bastante é ainda o systema pelo qual remoem a herva, servindo-se de engenhos de dez a doze pilões com enormes rodas, de moinhos e eixos, movidos pelas aguas dos lageados, as quaes conduzem com muito desperdicio. Servem-se tambem do monjolo, o qual é um pilão com um braço em fórma de colher, a qual enchendo o faz levantar, recahindo o pilão logo que o receptaculo derrama a agua. Creio que não alcançam moer duas arrobas de herva por dia por esse modo. Esse ramo de commercio escasseará para o futuro, se, como ja disse, não houver uma fiscalisação energica, possivel sómente quando fôr comprehendida a importancia de tão lucrativa industria. Enormes gastos acarreta ao commercio dos hervaes a grande

distancia em que se acham os hervaes, mórmente, pela morosidade dos meios de transporte. Carretas puxadas a seis e oito bois não transportam mais de cem a cento e dez arrobas de herva, e o tempo que levam no trajecto dos hervaes missioneiros ao passo do Ijuly, o d'ahi ao passo do Itaquy, e muitas vezes á Uruguayana, quando o Uruguay está baixo, é de dois a tres mezes.

A época da safra é nos mezes hibernaes, em que a vegetação está em repouso e favorece a arrebentação na primavera; e isso é um dos atrazos á rapida conducção. Muitas vezes o carreteiro vê-se obrigado a descarregar as hervas no meio do campo por qualquer incidente dos muitos que se dão, e a humidade que possa penetrar nas hervas é sufficiente para deterioral-as.

Um grande inconveniente para esse commercio é que as hervas das missões e Botucarahy não chegam ao mercado do Prata senão depois d'elle estar abastecido pelas hervas do Paraguay, o que diminue muitissimo o seu valor, além de terem absorvido maior despeza. Estes contratempos foram previstos pelo governo provincial, o qual ordenou a abertura d'uma estrada do herval da Guarita ao alto-Uruguay.

Não foram, porém, bem tomados os dados para melhor facilitar os meios, e essa estrada não pôde offerecer vantagem notavel, attendendo a que tem que percorrer nove leguas de picada, e encontra-se com o Uruguay acima do Salto-Grande, obstaculo enorme para a navegação fluvial. O campestre do Campo Novo teria offerecido menos dispendiosa, mais facil e muito mais util realização. A distancia que o separa do alto Uruguay é de seis leguas pouco mais ou menos, ficando abaixo do Salto-Grande; utilizando o Turvo, arroio de quinze leguas de curso, tendo cinco leguas em igual direcção do Uruguay, permitindo

por meio de estacadas aproveitar o volume de suas aguas, tendo juntamente na época da safra fundo sufficiente para a navegação de chalanas ou mesmo de jangadas á imitação dos Estados-Unidos. Uma estrada do campestre do Campo Novo ao alto Uruguay não seria tão sómente para o commercio das hervas de economica e urgente realização, desenvolveria outrosim immensas vantagens para a exploração d'outros ramos de commercio e industria. A existencia do mineral de cobre é incontestavel; não me sendo possivel dar os informes que V. S. pediu-me, creio, porém, que a sua posição deve ser exterior, não crendo a possibilidade de que hajam feito excavações para obter o fragmento que tive a honra de remetter. Grande numero de especuladores remontam o alto Uruguay, e arranchando-se no mato constroem cascos de navios, carregando-os de madeiras de lei, descendo o rio quando offerece as enchentes de periodica regularidade. Essa fraude, impossivel de obstar por ora, poderia sê-lo centralizando no Campo Novo uma guarnição militar de duzentos a tresentos homens, a qual protegeria o commercio das hervas e sua fiscalisação, a conservação da estrada, manteria a ordem publica, e chamaria grande affluencia de especuladores em pouco tempo.

O Peperi-guassú, affluindo no Uruguay na long. do Campo Novo, limite politico do Imperio com o Paraguay, não tardará em ser por estes utilizado em via de communição, e poderão não só ser concorrentes em dupla vantagem ao commercio das hervas, como viriam a importal-as no Rio-Grande, como acontece com o gado do Estado Oriental, que, além de ser em concorrência nòs charques com as provincias do norte, a provincia do Rio-Grande lhes favorece maior proveito, comprando-lhes o gado, considerado de melhor qualidade.

Muitissimas especies de madeiras de lei proprias para a marcenaria, a construcção naval e outros ramos de industria podem ser facilmente extrahidas, e offereriam facil e lucroso commercio nas cidades e villas do longo curso do Uruguay.

Resinas e gomas procuradas pela industria e pharmacias encontram-se em grande quantidade, o que promoveria com varios fructos silvestres um ramo importante de especulação.

Esses differentes generos de exportação augmentariam a renda publica, e serviriam de attractivo a uma emigração tanto estrangeira como nacional para esse ponto de florida perspectiva.

Rogo, porém, que V. S. haja de considerar estas minhas observações como mero parecer, desculpando-me a insufficiencia dos necessários conhecimentos.

Queira francamente dispôr do

De V. S.

Attento venerador e criado

Henrique Anbauer Schutel.

Rio-Grande, 30 de Setembro de 1867.

A commissão de admissão de socios, aquilatando devidamente a proposta de 5 de Março do corrente anno, assignada por todos os consocios presentes á sessão d'esse dia, e adherindo inteiramente á mesma proposta, é de parecer que o Exm. visconde de Inhaúma, vice-almirante Joaquim José Ignacio, está no caso de ser approvado membro honorario d'este Instituto por sua illustra-

ção, eminentes qualidades e relevantes serviços ao Imperio.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 22 de Maio de 1868. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

A comissão de admissão de socios, tendo em attenção a proposta de 22 de Novembro de 1867 do consocio o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, é de parecer que o Revm. Sr. padre Brasseur de Bourbourg está no caso de ser admittido membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sabio americanista, autor de diversas obras, e especialmente relativas á archeologia mexicana, é o candidato um eximio cultor das letras, um espirito investigador, sobretudo das cousas da America.

Sala das sessões, em 31 de Julho de 1868. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

A comissão de admissão de socios, tendo em vista a proposta do consocio o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, de 5 de Junho do corrente anno, é de parecer que o Sr. Vivien de Saint-Martin está no caso de ser admittido membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Vice-presidente da Sociedade de

Geographia de Paris, membro correspondente de varias sociedades litterarias, cavalleiro da legião de honra, é o candidato autor de varias obras e memorias de historia e geographia, das quaes algumas têm sido premiadas. Entre ellas occupa distincto lugar *L'Année géographique*; revista annual de viagens terrestres e maritimas, explorações, missões, publicações sobre geographia e ethnographia, de todo o globo; o volume do 6° anno foi publicado em 1867; obra estimada.

Sala das sessões. em 31 de Julho de 1868. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

A commissão de admissão de socios, considerando a proposta do consocio Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro de 22 de Novembro de 1867, é de parecer que o candidato Sr. cavalleiro José de Luca está no caso de ser admittido socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Professor de geographia e estatistica na universidade de Napoles, secretario da faculdade de letras e philosophia na mesma universidade, autor de diversas obras scientificas, entre as quaes se distinguem a *Descripção Geographica Historica e Administrativa da Italia Meridional* e as *Cartas Nauticas da Idade Média da Italia*, é sem duvida o candidato um aproveitado cultor das letras.

Sala das conferencias, em 31 de Julho de 1868. — O relator, *A. M. Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

A comissão de admissão de socios, attendendo á proposta de 22 Novembro de 1867 do consocio o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, é de parecer que o candidato o Sr. Alexandre Magno de Castilho, 1º tenente da armada portugueza, e autor do *Roteiro da Costa Occidental d'Africa*, está no caso de ser admittido membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Filho do conselheiro José Feliciano de Castilho, membro de uma distincta familia de litteratos, o Sr. Alexandre Magno de Castilho tem dado provas de que tem em grande apreço as letras; aquelle trabalho é dito um documento vivo, elogiado pelo Sr. Mendes Leal, sem duvida juiz competente.

Sala das sessões, em 31 de Julho de 1868. — O relator, *A. M. Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

A comissão de admissão de socios, tendo em vista a proposta de 17 de Julho corrente assignada pelos consocios os Srs. Drs. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, Carlos Honorio de Figueiredo e tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, é de parecer que o Sr. bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro está no caso de ser admittido membro correspondente d'este Instituto.

O candidato é bacharel em mathematicas e sciencias physicas, tenente reformado do exercito, e professor de mathematicas na escola militar, onde rege ha dois annos a cadeira de historia e geographia. E' autor de diversos escriptos, entre os quaes sobresaem um systema de

leitura, um explicador de arithmetica, uma metrologia, uma geographia astronomica, e biographias dos herões brasileiros na actual campanha do Sul. São titulos que recommendam e provam as habilitações do Sr. Pereira de Castro.

Sala das conferencias do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 31 de Julho de 1868. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

A comissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta dos consocios os Srs. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo e conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, é de parecer que o candidato o Sr. José Maria Pinto Peixoto está no caso de ser admittido membro correspondente d'este Instituto.

Filho legitimo do general José Maria Pinto Peixoto, e nascido n'esta côrte aos 4 de Novembro de 1825, tendo feito as suas humanidades e o curso da aula do commercio, dedicou-se á carreira diplomatica, onde serviu de addido e secretario na Europa e na America, demittindo-se em 1855. E' moço fidalgo com exercicio na casa imperial e commendador da ordem de Christo. Escreveu artigos sobre a livre navegação do Paraná, abertura do Amazonas, questão com o Paraguay por occasião da missão Pedro Ferreira, questão do Oyapock, questão de propriedades brasileiras no Estado Oriental, além de outros assumptos. Não menos notaveis foram uns artigos pelo mesmo publicados no *Mercantil* de Petropolis sobre o

Senhor D. Pedro I por ocasião da inauguração da estatua equestre do fundador do Imperio ; esses artigos refundidos têm hoje por titulo *Duas palavras sobre D. Pedro I na época da independencia*, e em manuscrito o seu autor offereceu a este Instituto em 1862.

Sala das sessões, em 7 de Agosto de 1868. — O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*. — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1868

DISCURSO

DO PRESIDENTE O SR. VISCONDE DE SAPUCAHY

Dois illustres brasileiros, distinctos pelo saber e patriotismo, a um dos quaes deve o Brasil em grande parte o desenvolvimento dos meios adequados ao conseguimento de sua independencia politica, esses dois Brasileiros, desejando que a patria fosse devidamente conhecida e apreciada entre os estranhos, porque d'esse conhecimento lhe resultaria gloria, e convencidos da necessidade de que os naturaes não ignorassem as vantagens da terra natal, e o quanto valiam seus maiores, conceberam a grandiosa idéa da creação de uma sociedade, a que, de accordo com o programma que traçaram, deram o nome de Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Sabiam esses doutos patriotas que muitas pennas, aliás illustres, tinham escripto memorias, annaes e relatorios das cousas do Brasil; mas faltava uma historia bem organizada que apresentasse aos olhos dos nossos e dos estranhos um quadro fiel de pouco mais de tres seculos, em que se visse a marcha dos nossos successos ralacionados entre si desde a descoberta d'esta parte do Novo Mundo.

Figurai-vos, senhores, as peças necessarias á construcção de um grande edificio, confusamente derramadas em

um vasto campo, não podendo por isso apresentar á admiração do mundo o magestoso espectáculo que lhe offerecem essas obras que ainda affrontam o poder dos seculos ; e vós tereis uma idéa da importante tarefa que sobre os hombros tinha de tomar o projectado Instituto Historico e Geographico do Brasil, acompanhando a civilisação da patria, cujos progressos se tornam mais rapidos de dia a dia.

Seria o encargo da sociedade reunir primeiramente documentos incontestaveis, despil-os de quaesquer sombras que os possam tornar duvidosos, e assim offerecêl-os a futuros historiadores, como indispensavel material sobre que trabalhasse a sua critica e a sua philosophia.

Eis a concepção dos arrojados emprehendedores, que, ajudados de mais 25 verdadeiros crentes, conseguiram, sob os auspicios da illustre sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o desejado fim.

Inaugurou-se o conselho administrativo da nascente associação, composto de doze membros, dos quaes existem apenas dois, o conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmiento e o actual presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que tem a honra de dirigir-vos a palavra n'este momento. Tão abundante tem sido a ceifa da niveladora fouce !

Surgiram desde logo sinistros agoureiros, que prognosticaram á recente sociedade ephemera duração.

« E' planta exotica no Brasil, diziam, não póde medrar fóra de sua zona. »

A fé e perseverança dos fundadores, o patriotismo dos brasileiros, os auxilios do governo, e sobretudo a protecção pessoal do monarcha, zombaram do malfadado agouro, e sustentaram a empreza a ponto de attingir hoje o sexto lustro de existencia.

E aqui estamos, senhores, incolumes para celebrar a solemne sessão anniversaria de sua inauguração, e dar-vos conta dos successos do anno que findou.

Além das provas do cumprimento de deveres exhibidos na *Revista Trimensal*, vereis no bem traçado relatorio do erudito 1º secretario qual foi a marcha do Instituto n'esse periodo; tereis conhecimento dos factos occorridos, e a resenha dos trabalhos de propria lavra dos illustres consocios, assiduos nas reuniões determinadas pelos nossos artigos constitutivos, e essas reuniões nem uma só vez deixaram de ser honradas com a augusta presença de S. M. o Imperador, *primeiro socio do Instituto e o mais interessado no seu progresso*, segundo a memoravel expressão da allocação de 15 de Dezembro de 1849, que tão alto collocou a sociedade.

Aqui apenas adiantarei que, sem apartar-se da habitual circumspecção que o distingue, o instituto recebeu este anno em seu gremio litteratos distinctos e esperançosos. Bem vindos sejam os novos obreiros. Venham robustos dar impulso á magestosa fabrica em que estão empenhados antigos lidadores, já merecedores de allivio, bem que firmes em seu honroso posto.

Desappareceram do nosso quadro, arrebatados pela fatal necessidade, companheiros prestantes, cujos nomes e peregrinação sobre a terra o illustrado orador recomendará á posteridade com sua elocação encantadora.

Concluindo, cumpro o grato dever : 1º, de agradecer aos supremos poderes do Estado a benigna attenção com que têm acolhido o Instituto, já subsidiando-o, já ministrando-lhe documentos e fazendo communicações que muito facilitam a espinhosa vereda por onde caminha ; 2º, de render graças aos conspicios cidadãos que não desdenharam o

convite do Instituto, e dignaram-se de honrar com sua presença esta festa litteraria.

A V. M. Imperial, senhor, e á excelsa Imperatriz do Brasil não tenho expressões que demonstrem os sentimentos de respeito e do animo agradecido. Seja o silencio o signal da grandeza do reconhecimento do Instituto aos beneficios que lhe têm sido tão liberalmente dispensados.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO

CONEGO DR. J. CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Senhores. — Singular phenomeno passa-se a nossos olhos, phenomeno que sem duvida terá repetidas vezes formado assumpto de vossas cogitações : a vida nos corre mais ligeira do que aos nossos maiores ; vivemos mais em menos tempo.

Transpostas as barreiras que a prendiam, como um circulo do inferno de Dante, a humanidade, atrelando a seu carro o cavallo dymnamico e fazendo da electricidade postilhão, riscou dos dictionarios a palavra impossivel. Mas, semelhante a esse generoso falerno de que nos falla Horacio, que a miudo estalava as amphoras que o continham, assim o homem de hoje envelhece prematuramente ; alvejam-se-lhe os cabellos ou desnuda-se-lhe o craneo, na mesma sazão em que outr'ora resplandeciam seus avós de mocidade.

Occorreram-me estas reflexões quando colligia as bases para este relatorio, recordando-me que solemnizamos o nosso trigesimo aniversario, e que poucos (ahl bem poucos !) são os romeiros d'essa patriotica peregrinação que vejo sentados n'estas cadeiras, ou que por motivos imperiosos deixaram de concorrer ao nosso jubiléu !!

Trinta annos, senhores, na vida dos povos modernos, correspondem a tres seculos na dos antigos ; por isso o sabio Babinet, maravilhado do miraculoso progresso em que vamos, propôz que a década substituísse ao seculo.

Lançando rapido olhar para a historia da nossa associa-

ção veremos confirmado o que á primeira vista parecerá paradoxo.

Em Agosto de 1838 dois benemeritos cidadãos (um militar e um padre) propuzeram ao conselho administrativo da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional a creação de um Instituto, que se occupasse de centralisar os immersos e preciosos documentos esparsos pelas provincias e que podessem servir á historia e geographia patria.

Aceita a idéa, fundou-se o nosso Instituto sob a presidencia de um venerando ancião de saudosa e immortaldoura lembrança. Passado o primeiro assomo do enthusiasmo, congenere aos povos meridionaes, o desanimo e a descrença coáram-se pelos póros da nova sociedade, sendo então preciso que tres atlantes carragassem sobre seus hombros o tabernaculo da sciencia. D'estes tres atlantes pede a justiça que faça eu aqui expressa e honrosa menção do mais vigoroso, mais activo, quiçá mais dedicado, n'uma palavra do conego Januario da Cunha Barbosa, a quem indignamente succedo, d'esse prestimoso ecclesiastico, que descobriu o segredo de ser ao mesmo tempo util á religião, ás letras e á patria.

Bem que favorecido pelos supremos poderes do Estado, definhava o nosso Instituto: e muito de vós se lembrarão do tempo em que as nossas sessões eram apenas concorridas pelo limitadissimo numero de socios exigidos pelos estatutos. O dia 15 de Dezembro de 1849 raiou alfim no horizonte das letras: o Imperador, depois de haver-nos munificentemente hospedado em seu palacio, veiu sentar-se entre nós, honrar com a sua augusta presença os nossos trabalhos e vivifical-os.

Muito se falla nos seculos de Augusto, de Leão X, de Luiz XIV e de D. Manoel; longe, bem longe de mim o sacrilego pensamento de mingoar o tributo de gratidão que lhes deve

a posteridade: não me consta, porém, que nenhum d'esses preclaros principes descesse do fastigio da magestade para nivelar-se com seus subditos, trocando o solio pela cadeira do academico. As mesmas pensões que asseguravam aos sabios e litteratos a aurea mediocridade, tão suspirada pelo poeta de Venuza, seriam perniciosas em nossa época, em que todo o homem deve viver de seu trabalho, seguro e valioso penhor de sua independencia. Melhor do que ninguem conhece o Imperador essa fatidica lei da sociedade moderna, e de sua bolsa, sempre franca aos necessitados, não tem sahido essas pensões que humilharam Corneille e Racine, que alimentavam chronistas que mentiam á historia, que subsidiavam, em nome da religião e das artes, fantasticas creações como as do Escurial, Mafra e Versailles. Não, senhores, a verdadeira, a legitima, a unica protecção de que em nossos dias carecem as sciencias e letras é a que nos liberalisa o Sr. D. Pedro. II, protecção que ainda este anno não faltou ao Instituto, como ides ver pela minha descorada narrativa.

Em preciosas caçoulas foi a myrrha da historia queimada em nossas aras por zelosos levitas. O Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos Junior prendeu a attenção do Instituto com a leitura da estimavel — *Biographia do general José de Abreu, barão do Serro Largo*, que lhe serviu de titulo de admissão, e de que vos fallei em meu anterior relatorio. Occulta o modesto titulo de biographia a minuciosa historia dos grandes acontecimentos que se passaram na plaga austral do Brasil, ou nas ribeiras do Prata, onde nossa honra ou graves interesses compromettidos levaram as armas, quasi sempre victoriosas, do Imperio. O nome de José de Abreu era tão legendario como mais tarde devêra ser o de Osorio, porque pertencem ambos a essa raça intelligente e vigorosa que a

ovo interesse,
ores seculares
piras, o centro,
e jacarandás,
da esplendida
para diversas
yllon, nio-
scitamento, e

apelo, não
em monu-
los classica
Mas um
uma sobre
in glorioso

uma
relatório, já
uma a vitor
na maioria
de dino-
no, por
de 1911

1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920

Providencia collocou de atalaia
tadas fronteiras.

Um joven naturalista que nas
buciyava com respeito os nomes do
veiu lér-nos a mui erudita e copiosa
Marianno da Conceição Velloso. Di
ciar o autor da *Flora Fluminense* e
da Gama, que tantos encantos des
estudo da nossa pomposa natureza
dra em que a mór parte dos homem
gos, as delicias da vida, entrega-
dade ás aridas pesquisas da scien
De Candolle.

Habituamo-nos a ver no Sr. Dr.
infatigavel esmerilhador da nossa
esquecidos documentos, já inte
nhas, vai conseguindo restabelec
riodo tão vizinho de nós e já tão
Não é a nossa constituição poli
Inglaterra, não a arrancou a aris
nhum rei, nem a dictaram dem
sembléas.

Delineada no mais magestoso
o Brasil tem tido, e interrompi
taveis occurrencias, realizaram-
guns prestantes varões, anim
por um principe cubiçoso de
nosso illustrado consocio a c
que nos rege, o enthusiasmo
promulgação, e por um justo c
tidão deposita grinaldas de f
os tumulos meio abertos d'ess

Lamentavamos a ausencia do nosso 3º vice-presidente, a quem motivos alheios á vontade conservava arredio de nossos trabalhos. Eis que, superando esses obstaculos, e dando com isso exuberante prova do quanto se interessa por esta associação, que lhe deve os primeiros amores de mancebo metamorphoseados na amizade do homem projecto, veiu na sessão de 23 de Outubro ultimo confiar-nos o fructo de suas judiciosas indagações concernentes á vida de uma illustre poetiza, compatriota nossa. Sabeis que me refiro a D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, que estreitos vinculos de parentesco ligavam á celebre Marilia de Dirceu, e cujo original talento, combinado com erudição não vulgar, attrahiram os sinceros e imparciaes gabos do nosso collega, competente e mui autorisado contraste.

Pagando páreas ao Instituto do muito que lhe devo, submetti a seu acrysolado juizo um ligeiro estudo que emprehendi ácerca dos *padres do Patrocinio de Itú*. Meu intuito foi demonstrar que nem a maior piedade, nem os mais austeros costumes podem subtrahir-nos do contagio de falsas doutrinas, e render ao mesmo tempo homenagem a esses santos varões, que, advertidos do perigo que se appropinquava, submatteram-se com a edificante docilidade que outr'ora tanto ennobrecêra ao sabio arcebispo de Cambraia.

Reservei adrede para ultimo lugar a menção de uma substancial memoria lida este anno no Instituto pelo Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida, porque mais de espaço que-ria d'ella occupar-me, attenta a importancia e momentoso interesse do assumpto.

Alludo ao luminoso trabalho do nosso illustre consocio intitulado—*Considerações sobre o acclimamento das raças humanas para servirem ao estudo da colonisação no Brasil*.

Começada no anno passado, detivêra-se na seguinte con-

Providencia collocou de atalaia em nossas sempre disputadas fronteiras.

Um joven naturalista que nas tradições de familia deparou com o culto do passado, e que ainda na infancia balbuciava com respeito os nomes dos nossos varões illustres, veiu lêr-nos a mui erudita e copiosa — *Biographia de frei José Marianno da Conceição Velloso*. Digno era por certo de apreciar o autor da *Flora Fluminense* o Sr. Dr. José de Saldanha da Gama, que tantos encantos descobre na contemplação e estudo da nossa pomposa natureza tropical, e que na quadra em que a mór parte dos homens saboream, a longos tragos, as delicias da vida, entrega-se com indefessa actividade ás aridas pesquisas da sciencia de Linneu, Jussieu e De Candolle.

Habituamo-nos a ver no Sr. Dr. Moreira de Azevedo um infatigavel esmerilhador da nossa historia, que, compulsando esquecidos documentos, já interrogando coevas testemunhas, vai conseguindo restabelecer a verdade sobre um periodo tão vizinho de nós e já tão obscurecido pelas fabulas. Não é a nossa constituição politica um mytho, como a da Inglaterra, não a arrancou a aristocracia á fraqueza de nenhum rei, nem a dictaram demagogos em tumultuosas assembléas.

Delineada no mais magestoso e liberrimo congresso que o Brasil tem tido, e interrompida a sua feitura por lamentaveis occurrencias, realizaram-na a pratica sabedoria de alguns prestantes varões, animados, e quiçá coadjuvados, por um principe cubiçoso de todas as glorias. Recorda o nosso illustrado consocio a origem do pacto fundamental que nos rege, o enthusiasmo com que foi acolhida a sua promulgação, e por um justo e louvavel sentimento de gratidão deposita grinaldas de folhas de *ibirapitanga* sobre os tumulos meio abertos d'esses patriarchas da liberdade.

Lamentavamos a ausencia do nosso 3º vice-presidente, a quem motivos alheios á vontade conservava arredio de nossos trabalhos. Eis que, superando esses obstaculos, e dando com isso exuberante prova do quanto se interessa por esta associação, que lhe deve os primeiros amores de mancebo metamorphoseados na amizade do homem pro-
fecto, veiu na sessão de 23 de Outubro ultimo confiar-nos o fructo de suas judiciosas indagações concernentes á vida de uma illustre poetiza, compatriota nossa. Sabeis que me refiro a D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, que estreitos vinculos de parentesco ligavam á celebre Marilia de Dirceu, e cujo original talento, combinado com erudição não vulgar, attrahiram os sinceros e imparciaes gabos do nosso collega, competente e mui autorisado contraste.

Pagando páreas ao Instituto do muito que lhe devo, submetti a seu acrysolado juizo um ligeiro estudo que emprehendi ácerca dos *padres do Patrocinio de Itú*. Meu intuito foi demonstrar que nem a maior piedade, nem os mais austeros costumes podem subtrahir-nos do contagio de falsas doutrinas, e render ao mesmo tempo homenagem a esses santos varões, que, advertidos do perigo que se appropinquava, submetteram-se com a edificante docilidade que outr'ora tanto ennobrecêra ao sabio arcebispo de Cambraia.

Reservei adrede para ultimo lugar a menção de uma substancial memoria lida este anno no Instituto pelo Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida, porque mais de espaço que-ria d'ella occupar-me, attenta a importancia e momentoso interesse do assumpto.

Alludo ao luminoso trabalho do nosso illustre consocio intitulado—*Considerações sobre o aclimamento das raças humanas para servirem ao estudo da colonisação no Brasil*.

Começada no anno passado, detivêra-se na seguinte con-

clusão: — as innumeráveis e dolorosas experiências por que tem passado a humanidade em suas emigrações aconselham que nos cinjamos ao pequeno aclimamento, firmado ainda pelo cruzamento com os naturaes do paiz. — Esta conclusão, corroborada pelos factos hauridos na historia antiga e média, é levada á evidencia pelas investigações dos factos modernos. Do estudo consciencioso das diversas colonias fundadas na America desde o seu descobrimento, e em todas as zonas, pelos habitadores de varias regiões da Europa, tira as seguintes conclusões :

1.º As emigrações de climas quentes para outros temperados ou frios têm sido sempre bem succedidas, sendo facil o aclimamento. Quanto mais meridional ha sido a raça européa emigrante maior gráo de resistencia o mais prompto aclimamento tem apresentado.

2.ª Nos climas quentes a raça latina conservará sempre grande superioridade quanto á aptidão para sujeitar-se ás influencias dos novos climas; contribuindo poderosamente para semelhante resultado os cruzamentos com os aborigenes. E' o que demonstra a observação relativamente aos hespanhóes no Mexico, em Cuba e nas republicas sul-americanas, nas Philippinas, etc., e quanto aos portuguezes em Cabo-Verde, S. Thomé, Principe, India, Brasil, e sobretudo nas possessões da costa oriental e occidental da Africa, onde resistem ás influencias delecterias de um clima extremamente insalubre. Para a colonisação da Argelia concorrem francezes, italianos, hespanhóes e allemães; estes ultimos, porém, succumbem em globo: conseguem os francezes manter o equilibrio entre os nascimentos e os obitos, os italianos prosperam, e o hespanhóes aclimam-se de tal modo que o seu augmento annuo chega a exceder ao do proprio paiz natal.

3.ª Definham e succumbem nas regiões do equador e dos

tropicos as raças septentrionaes da Europa; e se individualidades privilegiadas resistem e chegam a adaptarem-se ao clima, a grande maioria morre ou degrada-se physica e moralmente.

Resumindo os factos dispersos e fraccionados de acclimamento segundo as raças, deduz o erudito autor estes collarios: que os inglezes e outros povos de origem germanica só podem colonisar paizes temperados ou frios; sendo que se acham em completa decadencia as colonias que possuem fóra d'essas regiões, as quaes unicamente conservam como pontos estrategicos, emporios commerciaes ou simples feitorias. Os francezes podem acclimar-se nos paizes temperados e mesmo em alguns quentes, uma vez que sejam salubres. Os italianos, hespanhóes e portuguezes prosperam em todos os climas salubres, quentes, ou torridos e até nos insalubres, mediante o cruzamento com os indigenas.

Das raças européas passando ás asiaticas e africanas, verifica-se que os indianos em geral supportam bem os climas quentes, como acontece aos chins, que tão bons serviços estão prestando ás colonias inglezas. Dá-se admiravelmente a raça negra nos climas quentes; sobretudo se é tratada com doçura e lhe deixam certo gráo de liberdade. Goza mais que qualquer outra esta raça de immundade ou de uma maior resistencia á acção do miasma paludoso.

A proposito do cruzamento das raças, demonstra outrossim a observação que a raça germanica, caldeando-se com os autochthones de suas colonias ou não são prolificos os seus productos, ou constituem uma raça hybrida e antiengenesica. Sirva de exemplo o que acontece com os inglezes na Australia e com os hollandezes em Ceylão. Os hespanhóes e portuguezes, em seus cruzamentos com os indigenas da America, ou com as raças negra; indiana, chi-

neza, etc., têm sempre produzido mestiços perfeitamente engenesicos.

Occupando-se em seguida da mui debatida questão se mestiços degeneram ou não das qualidades caracteristicas das raças mãis, entende o nosso laborioso collega que semelhante degeneração não existe, e appella para o facto, por todos nós reconhecido, da aptidão dos mestiços para as artes, sciencias e letras.

Como preliminar de um plano geral de colonisação, ordenou o nosso erudito consocio conveniente estudar as condições climatologicas do paiz, e, depois de algumas nóbis e judiciosas reflexões ácerca da sua topographia, orographia, geologia, meteorologia e salubridade, divide o Brasil em quatro grandes climas : o torrido ou equatorial, que se estende do cabo de S. Roque ao extremo septentrional do Imperio ; o quente ou tropical, que comprehende o traço de terreno sito entre o cabo de S. Roque, a cidade de Santos, margeando o Atlantico, e no interior as provincias de Mato-Grosso e Goyaz ; e sub-tropical, que prolonga-se desde Santos ao cabo de S. Matheus no litoral ; isto é, todo o resto da provincia da S. Paulo, a de S. Catharina, comprehendendo a comarca de Lages, e no interior uma grande parte da provincia de Minas-Geraes ; e finalmente o temperado de que gozam a parte mais elevada da provincia de Minas-Geraes, a comarca de Lages (na de Santa Catharina) e a do Rio Grande do Sul.

Tal é, senhores, o pallido reflexo da mui curiosa e já elaborada memoria do Sr. Dr. Ribeiro de Almeida, a qual opportunamente será registrada nas paginas da nossa *Revista*.

Tendo ouvido a sua commissão de fundos e orçamento, e se conformando com o seu parecer, deliberou o Instituto que modestos jazigos recolhessem ao cemiterio da ven-

vel ordem terceira de S. Francisco de Paula os restos mortaes de seu benemerito fundador o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, e no de S. Francisco Xavier os do desembargador Rodrigo da Silva Pontes, que se finára em terra estranha, prestando á patria relevantissimos serviços. Foi, por certo, bem'grande sacrificio que se impôz o Instituto ordenando a factura d'esses modestos jazigos, porque não lhe permittem seus exiguos recursos pecuniarios satisfazer a generosos impulsos ; abriu, porém, uma excepção, porque tambem excepçionaes haviam sido os meritos d'esses prestimosos varões.

Prestando culto aos grandes nomes que abrilhantam nossos fastos, nem se olvidou o Instituto que uma estatua era devida ao grande ministro da independencia ; faltando-lhe, porém, meios para realizar essa idéa, recorreu ao patriotismo nunca desmentido dos brasileiros, incumbindo de agenciar subscripções a uma commissão que esmeradamente escolheu. Ceifou, porém, a segure da morte o presidente d'essa commissão, o conselheiro Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, após uma dolorosa enfermidade. Para succeder a tão distincto cavalheiro lançou o Instituto vista sobre o seu 1° vice-presidente, cujo zelo e actividade são proverbiaes, o qual aceitando esse novo encargo deu mais uma prova do vivo interesse que lhe inspiram as glorias nacionaes.

Mas não é só aos mortos que paga o Instituto a divida da gratidão : merecem-lhe tambem particulares atenções os vivos que sobrelevam por nobres feitos. De tal proceder exhibiu ainda recente e incontestavel documento.

Refocillavamos das annuaes fadigas quando chegou a fausta e inesperada noticia que uma divisão da esquadra brasileira, *vencendo o impossivel*, arrostára ovante as formidaveis baterias de Humaitá, emquanto o exercito, cobrin-

se de novos louros, tomava a viva força inexpugnaveis fortificações paraguayas.

Ao nosso venerando e dignissimo presidente occorreu logo a idéa de convocar extraordinariamente o Instituto, que, acudindo ao seu reclamo, nomeou uma commissão para ir felicitar ao primeiro brasileiro por successos tão gratos ao seu magnanimo coração, e em acto continuo, por proposta do Sr. Dr. Pereira Pinto, deliberou que se exarasse na acta um voto de profundo e ardente reconhecimento ao exercito e á armada, aos bravos generaes que os commandavam em tão gloriosas jornadas, fazendo-se, outrosim, especial e honrosa menção aos destemidos chefes Delphim e Maurity.

Não se limitou a isso o nosso reconhecimento: resolvêmos mais que uma cópia authentica de nossa deliberação fosse enviada ao exercito e á esquadra, e que ao illustre visconde de Inhaúma expedissemos diploma de socio honorario, distincção esta de que ha muito gozava o nobre marquez de Caxias.

Souberam devidamente apreciar os distinctos generaes as manifestações do Instituto: e um após outro transmitiram-lhe expressões de viva gratidão n'aquella linguagem franca e leal de que os guerreiros sóem usar.

Sobre varios assumptos elaboraram nossas commissões lucidos pareceres: a de fundos e orçamento examinou com habitual proficiencia o estado dos nossos cofres, e ainda mais uma vez reconheceu, e bem alto proclamou, a inexcedivel solicitude de nosso honradissimo thesoureiro, que com tanto esmero procura equilibrar a receita com a despezas, e, mediante a mais severa economia, consegue sempre que algum saldq appareça. Penso constituir-me orgão de todos os membros da nossa associação, agradecendo hoje e n'este lugar solemne tudo que por ella tem feito tão

benemerito funcionario. As 1ª e 2ª commissões de geographia emittiram seus votos ácerca de alguns trabalhos que lhes foram submettidos, e que ora pendem de aquilatamento da de admissão de socios. Por sua propria natureza mais activa elaborou esta ultima varios pareceres que, merecendo a plena annuencia do Instituto, preencheram com os novos adeptos as nossas fileiras, annualmente rarefeitas pela morte.

Os cavalheiros chamados a formar parte da nossa sociedade foram os seguintes senhores : Visconde de Inbaúma, que dicta a historia pela voz dos canhões, podendo escrevê-la com aurea penna ; Rev. Brasseur de Bourbourg, sabio commendador de *Popul-Vuh-Zend-Avesta* americano ; cavalheiro José de Luca, autor da mui conhecida e estimada *Descripção geographica, historica e administrativa da Italia meridional*; Vivien de Saint-Martin, autor do *Anno Geographico*, uma das poucas publicações estrangeiras em que cabal justiça nos é feita ; Alexandre Magno de Castilho, que ainda na aurora da vida sabe escrever livros tão importantes como o *Roteiro da costa oriental d'Africa* ; Dr. Luiz Francisco da Veiga, vantajosamente conhecido na imprensa politica e litteraria e autor de varios opusculos historicos ; Henrique Ambauer Schutel, que em um precioso *Itinerario da Cruz Alla ao Campo Novo* revelou-nos muitas naturaes riquezas da provincia de S. Pedro do Sul ; Dr. José Maria Pinto Peixoto, a quem devemos um capitulo da historia contemporanea sob o titulo *Duas palavras sobre D. Pedro I na época da independencia*, recommendavel por mui luminosas apreciações ; finalmente bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro, que com louvavel zelo e ardente patriotismo está escrevendo as mui populares *Biographias dos heróes brasileiros na actual campanha do sul*.

No empenho de colligir quantos documentos possam il-

lustrar nossa historia, ou fazer-nos melhor conhecido o paiz que habitamos, solicitou o Instituto do governo imperial a expedição das necessarias ordens para que lhe seja remetida, mediante a somma estipulada, uma cópia autentica da traducção franceza da *Descripção do Estado do Maranhão, Pará, Curupá e rio Amazonas, no anno de 1612*, feita por Mauricio Heriarte, cujo manuscripto consta existir na bibliotheca imperial de Vienna d'Austria.

Continuo a encontrar nos empregados subsidiados do Instituto toda a cooperação e fidelidade que os recommendam aos nossos favores e benevolencia.

A demora da remessa do papel em que se imprime a *Revista*, cujo papel recebemos immediatamente de França, privou-me da satisfação de communicar-vos, como de costume, achar-se ella em dia: está, porém, no prélo o numero correspondente ao 3º trimestre do corrente anno, e conto que mui proximamente vos será elle distribuido.

Successiva e lentamente vamos reimprimindo os volumes da mesma *Revista* que escasseam, afim de que jámais se sinta falta de tão precioso repositorio, avidamente solicitado pelas academias e sabios estrangeiros e ainda pelos poucos que entre nós prezam o estudo das cousas patrias.

Cumpro um grato dever participando-vos que as nossas relações scientificas e litterarias com as sociedades e academias do velho e novo continente tendem a estreitarem-se cada vez mais, á medida que mais conhecida vai-se tornando a nossa associação.

Envido todos os esforços para que a correspondencia e a permuta das respectivas publicações se faça com a possível regularidade. Cabe-me aqui registrar um testemunho de gratidão ao nosso illustradissimo consocio o Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, que tão generosamente offereceu-se para encaminhar as nossas remessas para Por-

tugal, remessas que haviam soffrido alguma interrupção com a retirada d'esta côrte do outro nosso digno consocio o Sr. F. F. de Figanière e Mourão. Tão intuitiva é a conveniencia da intimidade das relações litterarias entre povos irmãos, que ocioso julgo demonstral-a.

Releva agradecer em nome do Instituto aos supremos poderes do Estado e a todas as autoridades os innumerados favores que diariamente lhe estão prestando. Desprovida de côr politica, goza esta associação das sympathias de todos os bons brasileiros, recebendo geraes e inequivocas provas de estima e consideração. Os multiplicados e valiosos donativos que ainda este anno lhe foram feitos servem de abono ao que acabo de dizer-vos.

Cumprindo-me especificar esses donativos, quasi todos constantes de livros, mappas, cartas e manuscriptos, peço venia para fazer uma solemne declaração. Além da minha reconhecida insufficiencia intellectual fallecem-me indispensaveis lazeres para conscienciosamente apreciar assumptos de summa transcendencia e responsabilidade: assim, poucas serão as obras de que me occuparei, porque poucas foram as que foi-me possivel rapidamente manusear na angustia do tempo de que pude dispôr.

Remetteu-nos o nosso consocio o Sr. Dr. A. H. Leal os dois primeiros volumes das *Obras Posthumas* do sempre lembrado Gonçalves Dias. Compulsando com alvoroço essas paginas, em que se espelha a grande alma do poeta, lamentei que a morte o arrebatasse quando passava a lima horaciana nas producções do seu juvenil engenho, deixando-as inacabadas como essas inimitaveis estatuas do Dia e da Noite, que o cinzel de Miguel Angelo esculpira sobre o tumulo de Juliano de Medicis.

Com grata satisfação recebêmos o 8º volume do *Diccionario Bibliographico*, que o nosso illustrado e laborioso

consoio o Sr. Innocencio Francisco da Silva fez-nos mercê de mandar. Esta obra, hoje elevada á categoria de um monumento internacional, dispensa qualquer encomio que lhe pudesse tecer.

Endereçou-nos o Sr. Dr. A. de Castro Lopes um opusculo cheio de actualidade, n'uma lingua que já ninguem hoje falla, *A Musa Latina*, ou a traducção de algumas lyras da *Marilia de Dirceo*: é uma verdadeira miragem litteraria, um prodigio de descommunal e cultivadissimo talento. Exprimir na linguagem de Ovidio os sentimentos que tumultuavam n'alma do inconfidente de Villa Rica offerencia difficuldades que só poderião ser magistralmente superadas por aquelle a quem Varrão o Prisciano revelaram todos os seus segredos philologicos.

Sob o titulo de *Escriptos historicos e litterarios* deu á estampa o nosso distincto collega o Sr. Dr. Homem de Mello nova edição melhorada da *Constituente perante a historia*, adicionando-lhe um estudo sobre o *Golpe de estado de 30 de Junho de 1832*, e alguns outros trabalhos de secundario valor. Sobejamente conheceis a valentia de logica e o vivo colorido de dicção com que o talentoso publicista sabe restaurar o passado, evocando dos seus tumulos os nossos grandes vultos historicos. Nunca esquecido da affeição que lhe consagramos, comprehendeu-nos no numero dos favorecidos com a offerta de seu bellissimo livro.

O Sr. conselheiro Tito Franco de Almeida fez-me presente de um precioso trabalho, que acaba de sahir dos pré los, devido á sua patriotica penna. Quero fallar da monographia denominada *O Brasile a Inglaterra* ou o *Trafico de africanos*. Acreditei que em parte alguma estaria melhor collocado este livro do que em nossa bibliotheca; e por isso offertei-lh'o. No volver de olhos que me foi dado lançar sobre elle, vislumbrei sua extraordinaria importancia, a

nobreza dos sentimentos que o inspiraram, e a generosidade do impulso com que seu illustre autor profligou as calumnias assacadas contra a nossa raça n'essa tão melindrosa quão mal apreciada questão do trafico de africanos.

Escripta em francez, para ser lida por brasileiros e portuguezes, na epigrammatica phrase de Silvestre Pinheiro Ferreira, *La Retraite de Laguna* é uma brilhante pagina da nossa historia contemporanea. Seu autor, o Sr. 1º tenente Alfredo de Escragnolle Taunay, um dos mais esperançosos officiaes do nosso heroico exercito, descreve o que viu, o que praticou, á guisa de Xenephonte, com singular modestia e invejavel candura. Dando-lhe conveniente destino, aguarda o Instituto a continuação de tão interessante trabalho.

Algumas outras obras, de não menor interesse, foram offerecidas, as quaes, pendendo de estudo das commissoes a que foram submettidas, comprehendéis que importa-me ácerca d'ellas aguardar seus alvidramentos.

Se dos livros passamos aos manuscriptos e mappas, atrahiram-me particular attenção os seguintes : *O Itinerario da viagem feita pelo capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle d provincia de Mato Grosso pelos rios Tabagy e Brilhante no anno de 1865*, offerta do Sr. Dr. F. I. M. Homem de Mello ; as *Revoluções e levante de Pernambuco em 1710 a 1711*, dadiva do Sr. Dr. A. H. Leal; a *Historia do assedio e capitulação da colonia do Sacramento em 1777* (com mappas), devida á generosidade do Sr. tenente-coronel P. T. Xavier de Brito : varios autographos do desembargador T. A. Gonzaga, reliquias de familia, com que o Sr. Dr. J. F. Carneiro mimoseou o Instituto, por intermedio de seu 2º vice-presidente ; a *Memoria Historica da administração do Sr. Dr. Franklin Americo de Menezes Doria*, escripta pelo offertante, o nosso obsequioso consocio Sr. Dr. Cesar

Augusto Marques; a *Tabella das latitudes e longitudes de diversos lugares da provincia de Mato-Grosso*, determinadas por observações astronomicas, e o *Mappa geographico, chronologico e estatistico* da referida provincia, tudo obras do Exm. Sr. barão de Melgaço, que graciosamente nos ofertou, e finalmente o *Auto original da fundação do forte do Principe da Beira* e os *Documentos officiaes, portuguezes e hespanhóes, relativos aos limites do Imperio pelo lado da referida provincia de Mato-Grosso*, compillados pelo então capitão de fragata Augusto Leverger, hoje chefe de esquadra barão de Melgaço, e offerecidos pelo Sr. Joaquim Feliciano de Almeida Lousada.

A todos os doadores dirigi expressões de sincero agradecimento, que ora reitero.

Fechado, senhores se acha o periplo social de 1868: soldado mais um annel á cadêa do tempo, percorrido mais um marco milliarario da triumphal via do progresso, em cuja meta ostenta-se magestoso o templo da gloria, e em cujo frontal ler-se-ha burilado o nome do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

DISCURSO

DO ORADOR O SR. DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

A corrente do tempo não pára; com ella vem a vida e com ella vai a morte: sobre a onda que passa cahem as folhas sem seiva, os mortos para a terra e que lá vão para a eternidade, oceano que não tem praias, e que se chama— o infinito; mas a arvore não se despe, folhas antigas resistem ainda e outras novas e verdejantes a coroam, os vivos e as gerações que se succedem, para seguir o mesmo caminho, sendo levados pela onda implacavel.

Mas enquanto vive o homem tem deveres a cumprir, tarefas a desempenhar; cada homem é uma pedra do monumento social, cada homem é uma letra do livro do presente e do futuro das nações que a providencia mysteriosa escreve: Aquelle que não foi pedra nem letra, ou foi pedra ruim e letra inutil, passa como semente infecunda que se desfez no chão, ou como sarça damninha que a ninguem affligiu, quando seccou.

O Instituto Historico e Geographico do Brasil tambem é parte d'um monumento, tambem é pagina do grande livro d'uma nação, e tambem é ramo d'arvore opulenta do qual cahem folhas sem seiva que são levadas pela onda da morte.

Ainda ha pouco na exposição animada dos trabalhos e serviços do Instituto vimos a quadra brilhante da vida; agora na commemoração dos nossos consocios finados veremos o exemplo e a lição que elles deixaram na seára do seu patriotismo e no altar de suas virtudes.

As gerações se succedem, a arvore não morre; porque sempre folhas novas e verdejantes vêm coroa-la: appli-

que-se a pobre e rude imagem ao nosso Instituto, e venha, venha ainda, e muito mais do que tem vindo, a mocidade entusiasta e estudiosa occupar em nosso gremio os vazios deixados por varões illustres que morrem, por esses nobres velhes que são levados para o oceano sem praias, e ajudar a nós outros, que fraqueamos pela fadiga e pela idade, a manter activo e fertil o culto d'esta instituição que é tão bella: venham ainda mais, e muito mais, as folhas novas e verdejantes, porque nós, pobres folhas antigas, começamos a definhar.

Consideraveis foram as perdas que soffreu o Instituto Historico e Geographico do Brasil em 1868; cumpre-nos porém lembrar primeiro um nome muito prezado que ficou escripto no registro funebre do anno antecedente.

Em 1867 deixámos de pagar uma divida sagrada: não foi, era impossivel que fosse o frio olvido das cinzas ainda quentes d'um benemerito, o esquecimento ingrato d'um brasileiro distincto, devoto fiel de nosso Instituto, que é um dos padrões da sua gloria. Mais tarde do que era indispensavel recebêmos os apontamentos biographicos do illustre finado, e hoje, embora com transgressão dos nossos costumes, o elogio um anno demorado dá testemunho da perduração da nossa saudade.

Os monumentos perpetuam a memoria dos seus architectos: as instituições uteis e patrioticas repetem ao mundo os nomes dos seus fundadores pela voz agradecida dos herdeiros d'esses thesouros: o Instituto Historico e Geographico do Brasil, que se ufana de mostrar na sala das suas sessões os bustos do conego Januario e do marechal Cunha Mattos, jámais esquecerá os serviços que deve ao brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, que a si proprio ergueu uma estatua nos trabalhos com que enriqueceu esta instituição, que entusiastica e sempre

radiante de fervor nacional ajudou a fundar, carregando também em seus hombros a primeira pedra para o primeiro alicerce.

Filho legítimo do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcellos e de D. Anna Esmeria da Silva, José Joaquim Machado de Oliveira nasceu na cidade de S. Paulo a 8 de Julho de 1790 : pelo lado paterno pertencia a uma das mais distinctas familias da sua provincia ; pelo materno provinha d'um dos ascendentes do celebre economista francez João Baptista Say, que, deixando a Europa, se estabelecêra em S. Paulo: era primo irmão do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, famoso na sciencia como operador oculista, famoso no parlamento como orador inspirado, e o mais feliz vibrador dos raios subtis do epigramma e da ironia.

Machado de Oliveira assentou praça ainda dormindo no berço, a 10 de Fevereiro de 1792, com anno e meio de idade : foi reconhecido cadete a 5 de Dezembro de 1807 : em 1809 teve a promoção de alferes, dois annos depois a de tenente, capitão graduado a 13 de Maio de 1813, passou a effectivo em 29 de Novembro de 1817, major graduado em Dezembro do anno seguinte, effectivo a 1 de Março de 1820, recebeu a graduação de tenente-coronel a 12 de Junho de 1826, e a effectividade a 12 de Outubro de 1827 : em 1818 passára do 2º batalhão da legião de S. Paulo a que pertencia para o estado-maior do exercito, servindo de inspector do trem militar da provincia do Rio-Grande do Sul ; a 18 de Agosto de 1820 foi nomeado ajudante de ordens do governo da mesma provincia ; a 12 de Junho de 1826 secretario militar ; a 12 de Outubro de 1827 secretario do exercito do sul.

Não poupamos datas porque ha n'esta, eloquencia brilhante : esquecei as primeiras, que marcam apenas a praça

no berço, a entrada no serviço e o primeiro posto no fulgor da juventude: comparai as outras com a historia patria, e n'ellas vereis tambem as guerras, as campanhas do sul até a paz de 1828: eis o elogio nas datas, eis as datas symbolisando nobres feitos, conquistando postos e dragonas, postos e dragonas realçando a dedicação do soldado benemerito, e a gratidão do Estado aos serviços do bravo.

As pelepas e batalhas de S. Borja e dos Passos do Uruguay, de Arapehy e de Catalão, de Taquarembó e do Passo do Rosario, e os combates de Ibicuhy e de Iapejá e de Itacorohy viram a intrepidez, a intelligencia, o zelo do illustre Machado de Oliveira, que n'esses terriveis jogos marciaes, em que os valentes param as vidas em honra da patria, commandou por vezes ora a infantaria, ora a artilheria.

Para a gloria d'um cidadão bastam já estes louros de soldado; mas o distincto paulista ainda lavrou em dois campos com proveito immenso da patria: no campo da vida civica, no campo da vida litteraria.

A' fonte limpida e rica de continuo se pede agua; ao patriotismo esclarecido e puro o Estado pede de continuo tributos.

José Joaquim Machado de Oliveira foi na época da regeneração politica do Brasil nomeado membro do governo provisorio e logo depois do primeiro conselho provincial do Rio-Grande do Sul: foi commandante das armas em Sergipe em 1830; foi presidente da provincia do Pará em 1832, das Alagôas em 1834, de Santa Catharina em 1837, do Espirito-Santo em 1840. Foi eleito deputado da assembléa geral pelo Rio-Grande do Sul na primeira legislatura, pela provincia do seu berço na oitava, membro da assembléa provincial de Santa Catharina uma vez, da de S. Paulo duas vezes.

Nas lutas politicas, nos certamens constitucionaes, no movimento ardente, na acção do grande theatro, como no esquivo retiro da fadiga ou das illusões, foi sempre liberal, e deixou no mundo immenso das côres cambiantes o exemplo da firmeza inabalavel na religião dos principios, da constancia energica que póde quebrar, mas não torce, d'aquelles velhos paulistas que se chamaram Feijó e Andradas, Paula e Sousa e Alvares Machado.

No primeiro reinado, a opinião politica de José Joaquim Machado de Oliveira provou-se em solemne e arriscado pleito, como o ouro que se prova no fogo. Na camara temporaria, de que elle era membro, discutia-se a accusação do ministro da guerra Joaquim de Oliveira Alvares, que além de ministro era general: officiaes do exercito enchendo as galerias do parlamento, ameaçavam os eleitos do povo, ousando até interromper com insultuosa grita o velho Dr. França, o impavido philosopho: soou a hora da votação, que foi nominal, e Machado de Oliveira, liberal. arrostou as ameaças que tentavam coagir, deputado não se lembrou de que era soldado, votou pela accusação do ministro da guerra.

Não apreciamos as questões politicas d'esse recente passado: exhibimos sómente um facto que glorifica a independencia parlamentar d'aquelles tempos de tormenta politica.

A capacidade e esclarecida intelligencia de tão prestante cidadão foram ainda reconhecidas pelo governo imperial quando o escolheu para desempenhar importantissimas tarefas, embora na serie successiva das nomeações umas fossem impedindo o desempenho de outras.

A 20 de Abril de 1843 foi Machado de Oliveira nomeado encarregado de negocios e consul geral do Brasil junto ás republicas do Perú e Bolivia; a 16 de Junho de 1844 rece-

beu a incumbencia de compilar um mappa hydrographico dos rios Paraguay e Paraná ; a 24 de Julho do mesmo anno cumpriu-lhe ir por ordem do governo examinar a fabrica de ferro de Ipanema, devendo escrever uma memoria sobre o seu estado e necessarios melhoramentos ; a 14 de Março de 1846 foi nomeado director geral dos indios da provincia de S. Paulo ; a 21 de Fevereiro de 1856, delegado do director geral das terras publicas na mesma provincia.

O peso dos annos e a fadiga de incessantes trabalhos levaram Machado de Oliveira a aproveitar-se da reforma no posto de coronel, que obteve pela carta patente de 23 de Fevereiro de 1844, por contar mais de trinta e cinco annos de serviço, para retirar-se ao seio amigo e suave da terra natal ; mas alli o dedicado brasileiro não soube furtar-se ao dever do civismo.

Em S. Paulo serviu como presidente da commissão inspectora da casa de correcção da capital, como 1° substituto do delegado de policia e como presidente da camara municipal da mesma cidade em um quatriennio. Depois de commandar armas e de dirigir a alta administração de provincias ; depois de occupar uma cadeira na camara temporaria em tres legislaturas, José Joaquim Machado de Oliveira vai nobremente pedir o voto do povo nos comicios municipaes, e aceita um lugar de substituto de delegado de policia ; não louveis a sua modestia, admirai a sua grandeza : elle não desceu, subiu : a charrua de Cincinato era mais alta que a dictadura ; mas o civismo que não mede o grãos dos cargos publicos, e que exerce os mais modestos depois de haver exercido alguns dos mais consideraveis, é mais alto do que a charrua de Cincinato.

Agora o soldado e o cidadão, o homem da guerra e da politica, vai mostrar-se sob outro aspecto. A barraca do

guerreiro tinha sido gabinete de estudo ; as lutas dos partidos não absorveram no abysmo das paixões exclusivas a intelligencia e o zelo do benemerito Machado de Oliveira : era paladim de um partido politico sómente porque amava a patria ; e onde havia campo que o amor da patria podia arar, o illustrado paulista se mostrava lavrador incansavel. A historia e a geographia do Brasil foram por isso os seus estudos de predilecção.

A 10 de Agosto de 1838 duas vozes generosas e patrioticas, a do conego Januario da Cunha Barbosa e a do marechal Raymundo José da Cunha Mattos propuzeram na sociedade Auxiliadora da Industria Nacional a fundação do Instituto Historico e Geographico do Brasil ; e no empenho de levantar-se o templo consagrado á historia patria, um dos mais activos e laboriosos operarios foi José Joaquim Machado de Oliveira.

Os fundadores de uma instituição são como os patriarchas de um povo : José Joaquim Machado de Oliveira foi mais que socio honorario, foi socio fundador, um dos pais do Instituto : a veneração á sua memoria é santo dever que nossa familia não olvida.

Oh ! mas ha pais que abandonam, que não educam os filhos, que os deixam inertes ou ociosos, pervertidos pela céga licença que estraga a natureza, desgraçados pela inutilidade da vida que não aproveita á humanidade ; desprezíveis, porque são como as heras fataes ás arvores fructiferas ; malditos, porque são o peso e tornam-se a vergonha da sociedade. São os pais que possuidos de egoismo louco se desvanecem dos filhos, porque são seus filhos, e não os sabem criar, educar para a patria de que elles devem ser cidadãos, ensinando-os com o exemplo da virtude, corrigindo-os com a severidade da justiça.

Não sabemos nem dizemos que nos tempos que correm

haja réos deste crime de lesa-natureza ou de lesa-dever ; com ufania, porém, asseguramos que os fundadores, os pais venerandos do nosso Instituto, e entre elles notavelmente José Joaquim Machado de Oliveira, crearam e educaram o filho com a lição do exemplo e com a severidade no cumprimento dos fins da instituição.

Desde 1838, desde o berço do Instituto Historico e Geographico do Brasil até muito recente data, o nosso velho patriarcha encheu os archivos e a *Revista Trimensal* d'esta associação com estudos, memorias, trabalhos sobre pontos obscuros da nossa antiga e moderna historia; perdão se deixo de enumeral-os; são tantos que formariam extensa lista; quasi todos se acham publicados na imprensa do Instituto, e todos são luzes que nos esclarecem, palavras que nos ensinam o caminho que nos cumpre seguir: eis a lição do exemplo.

E n'esses estudos, memorias e trabalhos tão diversos e variados, e no seu labor activo de seis annos de frequencia ás sessões do Instituto, o patriarcha zelou a imparcialidade, a isenção do filho nos processos de que elle não pôde ser uiz, nas lutas incandescentes, apaixonadas, suspeitas, porque são contemporaneas no turbilhão de antagonismos, ás vezes na cratera que arroja lavas de odios, na confusão de gritos, no atordoamento de animos, em que não ha quem tenha o direito de sentenciar, dizendo: « Sou eu que acerto, és tu que erras: » eis a severidade no cumprimento dos fins da nossa instituição.

Além dos fructos preciosos de suas lucubrações, tributados por seu amor paternal ao Instituto Historico e Geographico do Brasil, José Joaquim Machado de Oliveira escreveu um excellente livro da geographia da sua muito amada provincia, e deixou rico thesouro de manuscritos e documentos relativos á historia patria.

Socio effectivo e depois honorario da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o nosso venerando consocio foi tambem fundador e presidente da sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da provincia de S. Paulo.

A amplidão do seu peito mal chegava para as condecorações que attestavam o seu merecimento; porque, além do habito da imperial ordem da Rosa e da commenda da de S. Bento de Aviz, n'elle fulguravam todas as medalhas das campanhas que fizera.

Por decreto do 1º de Outubro de 1835 foi-lhe concedida a pensão annual de 120\$, approvada pela resolução de 31 de Outubro de 1837, que elle, apezar de pobre, cedeu para as urgencias do Estado, quando em 1863 a prepotencia britanica alvoraçou o patriotismo dos brasileiros.

No dia 16 de Agosto de 1867 falleceu na capital da provincia de S. Paulo o varão illustre José Joaquim Machado de Oliveira, que teve sepultura onde tivéra o berço: contava setenta e sete annos de idade e perto de sessenta de serviços á patria. Sua vida foi como o harmonioso canto do artista consciencioso: difficil, zeloso, fatigante para o cantor; suave, encantado e precioso para os ouvintes que sabem ouvir: foi como terra succulenta de pomar que deu seiva ás arvores, e pela seiva ás arvores flôres e fructos, não para si, mas a patria que se enriqueceu com a pingue colheita.

A 15 de Maio de 1828 radiou uma fonte de luz na phenix pernambucana: o Dr. Lourenço José Ribeiro abriu na cidade de Olinda a academia de sciencias juridicas e sociaes, creada como a de S. Paulo pela carta de lei de 11 de Agosto de 1827. O sacerdote abriu as portas do templo de Minerva, chamando a mocidade ao culto da sabia deusa, e o primeiro candidato que correu ao generoso convite foi

um joven de quinze annos, agradavel e sympatico de phisionomia, delicado e já circumspecto nas maneiras: chamava-se Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara.

A nova academia encetou os seus trabalhos com o exame de latim d'esse estudante, que tambem foi o primeiro alumno que se habilitou para matricular-se n'ella. A estréa fôra de bom agouro: o estudante de quinze annos foi premiado nos quatro annos em que houve premios no curso academico, e em um d'esses annos teve por companheiro n'essa distincção aquelle que mais tarde havia de ser bispo do Rio de Janeiro e conde de Irajá, e que então já era sacerdote e lente de theologia no seminario de Olinda.

Euzebio de Queiroz, nosso illustre e finado consocio, era filho legitimo do conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho da Silva e de D. Catharina Mattoso de Queiroz Camara, e nasceu a 27 de Dezembro de 1812 em S. Paulo de Loanda, na Africa, onde seu pai serviu o lugar de ouvidor-geral; aos tres annos de idade veio para o Rio de Janeiro; aos seis acompanhou seu pai nomeado desembargador da Bahia, com exercicio de ouvidor na comarca do Serro-Frio em Minas-Geraes, e ahi aprendeu as primeiras letras; de 1822 a 1827 fez em Pernambuco os seus estudos de humanidades, manifestando sempre talento brilhante e essa applicação não commum, que é o dever do estudo sublimisado pelo amor do estudo.

Em Euzebio de Queiroz a educação desvelada encaminhou a natureza feliz; o zelo dos pais poliu os dois brilhantes: o coração e a intelligencia do filho.

Em 1832, fechando-se antecipadamente a academia em consequencia das perturbações politicas, o notavel estudante fez acto do quinto anno, tomou o gráo de bacharel no mez de Setembro e veio chegar em 20 de Outubro ao

Rio de Janeiro, onde seu pai servia no supremo tribunal de justiça.

Vinte dias depois, a 9 de Novembro, faltando-lhe ainda um mez e dezeseite dias para completar vinte annos, foi nomeado juiz do crime do bairro do Sacramento n'esta côrte, lugar que começou a servir com o de juiz de fóra a 24 d'aquelle mesmo mez. Ha patronato que escandalisa na elevação inexplicavel da mediocridade criança, no deposito da autoridade em mãos de joven inexperiente e de intelligencia acanhada ou negativa; quando, porém, se eleva, se distingue pela preferencia, se honra pela confiança o mancebo, cujo merecimento é garantia de solícito desempenho das mais arduas tarefas, porque já fulgura como aurora precursora de resplandecente dia, não ha patronato, ha acerto, ha voz generosa do governo que proclama: anime-se, estude, eduque-se e assignale-se illustrada e moralisada a mocidade! o paiz é d'ella, porque é d'ella o futuro, e porque os grandes trabalhos de cada época devem ser confiados a todos aquelles que têm nos hombros força para carregar o peso das altas commissões: o merecimento não tem idade. Metternich diante de Napoleão, Condé em Rocroy, Pitt na Inglaterra, Euzebio de Queiroz no Brasil, cantaram o hymno da mocidade, que sabe, por ser distincta, deixar-se adivinhar insigne.

Euzebio de Queiroz, nosso muito digno consocio, infelizmente finado n'este anno, foi notabilidade na magistratura e na politica.

Na magistratura subiu até desembargador da relação do Rio de Janeiro, da qual foi por muito tempo presidente; a politica o desviou com frequencia d'aquelle sacerdocio social, em que os seus profundos conhecimentos juridicos e a sua probidade o teriam erigido em juiz modelo: pen-

dente de sua mão firme a balança de Astréa pesa-fiel.

A 19 de Março de 1833 recebeu a nomeação direito chefe de policia da côrte, e desempenhou até 1844, com a interrupção de cinco mezes em 1833 e ainda depois eram limitadissimas as attribuições do chefe de policia ; em Dezembro d'esse anno occorreu no capital o pronunciamento popular contra a sociedade e o quebramento insolito de typographias da época foi voz corrente n'essa época que o chefe de policia complice nas violencias, e fôra portanto complice nas violencias ; damos testemunho de que, em conversação íntima e repetida sobre esse ponto da historia contemporanea, ouvimos ao conselheiro Euzebio minuciosas informações : a força publica não estivera á sua disposição ; o governo só se entendeu com os juizes de paz ; alheio a quanto se passava, posto de lado pelo ministerio, elle tivera conhecimento dos factos sómente depois de se acharem consummados.

A palavra do conselheiro Euzebio foi sempre honrada portanto a calumnia o feriu em Dezembro de 1833 e insistentemente ainda depois : sirva a lição aos nossos homens politicos vivos, porventura tão descuidados, como aos nossos politicos já mortos ; muitos d'elles envolvidos na confusão de acontecimentos de diversos modos apreciados, abandonam-se ao juizo da posteridade, suspeitos de actos condemnaveis e talvez injustamente nodoados por alevies não destruidos ; ao illustre cidadão que perdemos, como á outra notabilidade politica que ainda é mantenedor admiravel apesar de seus velhos annos, na arena da camara vitalicia, e que então discorria comnosco sobre aquelle e outros assumptos semelhantes, nós dissemos o que repetimos agora : « Podeis advogar a propria causa diante dos futu-

ros historiadores ; escrevei e deixai memorias : ellas aproveitarão á patria e a nós mesmos. »

Combatida a calumnia de 1833, deixados ao julgamento dos posteros, que unicos podem ser imparciaes, os ultimos annos em que a policia, dirigida pelo seu chefe Euzebio de Queiroz, foi accusada de envolver-se na politica, favorecendo um partido, abstracção feita de pleitos que ainda não podem ser sentenciados, a justiça e a gratidão teceram na capital do imperio corôas civicas para a fronte serena do mais dignamente celebre dos nossos chefes de policia.

Euzebio de Queiroz parecia ter dois privilegios : o de não dormir e o de adivinhar : o crime ou era prevenido, ou de prompto seguido e apanhado nos reconditos da mais profunda obscuridade ; o crime deixava sempre rastilho, vestigios que não escapavam á actividade vidente do chefe de policia. Euzebio fazia lembrar Fouché pela sagacidade. Ministros da justiça de diversos credos politicos realçaram os seus grandes serviços.

No campo da politica o nosso finado consocio illustrou-se como um dos chefes mais habéis e estimados do partido conservador : commandou seus correligionarios nos comicios populares, e n'elles não foi *primus inter pares*, porque nunca houve quem lhe disputasse a primazia : nos dias d'esses certamens constitucionaes o chefe dos conservadores, o general que planejava, o valente que se expunha, diremos a palavra, o cabalista que procurava, falava ao povo, era elle. Euzebio de Queiroz era então cabeça e braço do seu partido, porque era o democrata entre conservadores.

Em 1838 foi eleito membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro e pela mesma provincia deputado á assembléa geral em cinco legislaturas: no anno de 1854 mereceu

ser escolhido senador em lista triplíce offerecida á corôa ainda pelo Rio de Janeiro.

Em 1848 entrou como ministro da justiça no gabinete de 29 de Setembro.

Por decreto imperial de 24 de Outubro de 1855 foi nomeado conselheiro de Estado extraordinario e em 18 de Agosto de 1866 conselheiro de Estado ordinario.

Varão grave e sisudo, dispondo de intelligencia vasta, de vontade energica e d'aquella força que provém da consciencia do valor proprio o conselheiro Euzebio onde se mostrou, onde serviu, foi notabilidade : influencia legitima no gabinete de que fez parte, chefe parlamentar na camara, um dos guias do seu partido no senado, laborioso e rico de luz no conselho de Estado, foi estadista que depois de Vasconcellos ostentou-se a par do marquez de Paraná e do visconde do Uruguay, se os não excedeu, na direcção habil da escola conservadora.

Orador doutrinario, de palavra facil e amena, de dialectica cerrada, moderado ainda nas mais fervorosas discussões, sempre cortez na fórma, sempre vigoroso na materia possuindo o condão apreciavel, o raro privilegio de não dizer mais nem menos do que lhe era preciso, alcançou na tribuna parlamentar esplendidos triumphos.

Fóra dos marcos da magistratura e da politica o conselheiro Euzebio prestou ainda ao Brasil diversos e alguns importantes serviços. Foi durante alguns annos inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, lugar cujo exercicio deixou em consequencia da cruel molestia que o levou á sepultura, acertando o governo em não dar-lhe demissão, embora fosse evidente a morte prévia do illustre cidadão, condemnado aos martyrios de um longo viver de moribundo.

Mal terrível cahira como um raio sobre o illustre varão :

profunda enfermidade que punha em ruina a sua organização manifestou-se ainda mais cruel na paralyisia mais ou menos completa da lingua ; quebrára-se para sempre ao valente guerreiro sua melhor espada; ao eximio orador faltou a palavra.

Ainda depois de uma viagem á Europa, que com os cuidados incessantes de um brasileiro medico distincto e amigo extremado, lhe déra fracas melhoras, o conselheiro Euzebio resistiu alguns mezes á morte.

Os habitantes d'esta capital viam as vezes um homem que vagaroso passava apoiado em braço amigo ; não era velho, e seus passos dubios se arrastavam, seus olhos tinham perdido o brilho antigo, em seu rosto estampavam-se a dôr e paciencia, em seus labios triste sorriso, sorriso irmão de lagrimas, parecia o adeus de despedida de um martyr, se alguns corriam a fallar-lhe, elle se esforçava, lutava com a paralyisia para responder, e desatadas a custo da lingua semi-mortas palavras mal pronunciadas, incompletas, o homem curvava a cabeça e melancolico se ia afastando ; alguém acaso perguntava : «Quem é ?...» todos respondiam compungidos : Euzebio em ruinas. »

Deus compadeceu-se do illustre brasileiro: a languissima agonia do conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Matoso da Camara terminou a 14 de Maio d'este anno.

Bella intelligencia e nobre coração, probidade e honra foram dotes d'este nosso finado consocio : notabilidade politica, chefe de um partido, estadista influente, julgue de seus acertos ou dos seus erros a posteridade ; pela nossa parte somos duas vezes suspeito : havia vinte annos que eramos seu adversario politico, havia dezoito annos que eramos seu estimado amigo. O adversario não póde julgal-o : o amigo se lembrará d'elle sempre com saudade.

No anno que vai acabar soffreu ainda o nosso Instituto

lamentavel perda com a morte de seu membro honorario o senador do imperio Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque.

Era um cidadão por muitos titulos digno da estima e do respeito dos brasileiros e de grande consideração da nossa sociedade.

Formado em sciencias juridicas na universidade de Coimbra, o Brasil regenerado politicamente em 1822 soube aproveitar os dotes d'esse seu distincto filho, que modesto e retirado nunca se lembrou de disputar grandezas, e apenas recebeu as grandezas sociaes, que o foram procurar em nome do amor e da confiança dos seus concidadãos.

O nosso finado consocio, natural da provincia de Pernambuco, e digno representante da notavel familia que seu nome indica, foi por seus comprovincianos apresentado em lista triplice para senador, e pelo regente em 1838 escolhido para sentar-se em uma das cadeiras da camara vitalicia.

Já tinha sido, durante poucos dias embora, presidente da sua provincia natal, logo depois o senador Almeida e Albuquerque foi ministro de um gabinete de transicção que durou breves mezes, e succumbiu ao choque de dois partidos adversos, entre os quaes parecia corpo estranho ; porque não era expressão fiel e legitima de nenhum d'elles.

Alheio a paixões politicas, por algum tempo ausente da patria em viagem pela Europa, o nosso estimado e honradissimo consocio perdeu as vanglorias e escapou aos odios da nossa até hoje muito esteril e mesquinha luta da politica interna.

O senador Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque não morreu ignorado, e descansa para sempre n'esta terra de Grecia e Troya abençoado por gregos e troyanos.

Ha um ministerio e uma profissão que adunam com todas

as classes da sociedade, com os ricos e os pobres, com os poderosos e os humildes aquelles que sabem exercel-os conscienciosa e completamente : ha dois e não mais ; o ministerio do padre e a profissão do medico .

O padre e o medico nos palacios da realeza, nas cazas faustosas da opulencia, nos abrigos mesquinhos da pobreza, nos azylos sombrios da indigencia, têm os mesmos deveres a cumprir; desempenham dois sacerdocios de fraternidade : são, devem ser duas caridades evangelicas a socorrer o homem : um, o medico, espera o homem á porta da vida, e ás vezes o acode ainda antes do seu nascimento, quando elle é apenas feto ; o outro, o padre, acompanha o homem até a sepultura, e ainda depois da sua morte offerece por sua alma a esmola da oração e o sagrado sacrificio a Deus.

Entre o nascimento e o passamento do homem o padre toma-o na infancia, banha-o no Jor-lão do baptismo, depois unge-o com o oleo santo da confirmação, sagra-lhe os laços de amor no hymenêo, ensina-o do pulpito, aconselha-o no confissionario, pede ao rico para o pobre, dá a este metade do seu pão, consola o afflicto, absolve o contracto, e nos trances da agonia accende aos olhos do moribundo a luz da fé, que abre o caminho do céo, e lhe estende os braços de Deus misericordioso na divina magestade do perdão ; e tambem entre o nascimento e o passamento do homem o medico é o coração amigo que ouve o gemido do que soffre e corre a combater o mal que faz soffrer, é na dôr de quem não falla o interprete da mudez da creança, das confusões do pudor da donzella, do silencio obstinado da victima do erro, e o ouvido sepultura que se fecha sobre o segredo da honra ; é a piedosa dissimulação da sensibilidade que disfarça o perigo e finge não ver a morte ; é a mão subtil que deixa á cabecira do pobre a bolsa da caridade,

é o santo amor do proximo identificado na sua profissão.

Quando o padre e o medico sabem ser assim, as benções de todos são os seus premios mais suaves durante a vida, e as lagrimas, a afflicção de todos, honras funebres grandiosas que em sua morte recebem nos altares dos corações.

No dia 13 de Julho de 1868 havia lagrimas e afflicção de todos na cidade do Rio de Janeiro : tinha morrido um medico que sabia ser medico.

O velho Dr. Meirelles descansava, dormindo o ultimo somno.

Joaquim Candido Soares de Meirelles, filho legitimo do cirurgião Manoel Soares de Meirelles e de D. Anna Joaquina de S. José Meirelles nasceu em Santa Luzia do Sabará na provincia de Minas-Geraes aos 5 de Novembro de 1777 : de seu pai herdou a vocação para a medicina, e esse genio medico que tão justa nomeada lhe deu no Brasil e particularmente na capital do imperio. No seminario de S. José d'esta côrte fez com proveito e distincção os seus estudos de humanidades, em 1819 matriculou-se na academia medico-cirurgica , tendo passado pelos exames então exigidos ; assentou praça como cirurgião-ajudante no batalhão de caçadores em 1822, foi nomeado cirurgião-mór do regimento de cavallaria de Minas, e na sua provincia prestou grandes serviços, organizando o hospital militar no Ouro Preto, e tornando-se tão notavel no tratamento de doentes durante uma terrivel epidemia que então grassou, que em 1825, quando de novo se achava no Rio de Janeiro, a camara municipal do Ouro-Preto, vendo seus municipes vizitados por outro flagello epydemico, representou ao governo imperial pedindo com instancia que lhe fosse mandado o soccorro do illustre Meirelles.

Mas em 1825 o distincto mineiro partiu para a Europa

como pensionista do Estado para desenvolver e aperfeiçoar em França os estudos medicos que completára na academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro. Em Paris a vida do nosso digno compatriota passou-se toda e exclusivamente na frequencia dos hospitaes militares, no estudo da organização, feito no livro dos cadaveres, nas manhãs aproveitadas em ouvir as lições dos grandes mestres, nas noites consagradas á leitura reflectida das obras dos sabios. Meirelles viu em Paris os hospitaes e a escola de medicina ; mas em dois annos e alguns mezes ja tinha visto bastante, e obtendo a duplice corôa de doutor em medicina e cirurgia por aquella escola, voltou á patria nas azas da saudade e do patriotismo.

O amor da sciencia tinha custado a Meirelles provações crueis que mais tarde elle contava sorrindo : deixemol-o fallar e ouçamol-o em 1825 : — já eu era marido e pai ; da minha pensão de cincoenta mil réis fortes deixei metade para minha mulher e filhos e com os vinte e cinco mil fortes, que me ficaram, tive, além do mais, de pagar mestres e de comprar livros e cadaveres : durante os dias uteis da semana alimentava-me ordinariamente, comendo fructas, e pão: aos domingos desferrava-me da penitencia, indo jantar com Paulo Barbosa, ou com José Marcellino Gonçalves, ou com o capitão-mór José Joaquim da Rocha, ou com o visconde de S. Lourenço, e então eram para mim inapreciaveis, maviosissimos, esses dias de festa ; porque n'elles o excellente jantar era o menos, o fallarmos da patria era o mais. »

Em 1828 o Dr. Meirelles não se contentou no Rio de Janeiro com a clinica urbana que em larga escala exercia pela fama e pelas provas da sua sciencia e do seu tino medico, pediu e obteve uma enfermaria da Santa Casa da

Carlos, o Mirabeau brasileiro: « Este sol em seu occaso ainda brilha como brilhava ao meio-dia. »

Velho e cansado, o illustre medico brasileiro foi nomeado cirurgião-mór da armada, e depois de haver n'esse emprego dado provas da maior solicitude pelo serviço publico, melhorando a administração respectiva, zelando a hygiene, economizando os dinheiros do thesouro, dando o exemplo da actividade e do escrupuloso cuidado no cumprimento do dever, em 1865 remoçado pelo enthusiasmo patriotico, cego aos estragos da idade, surdo ás reclamações do egoismo bem fundado, vendo e ouvindo sómente a affronta e o clamor do Brasil, o impulso e a lição do brasileiro que é imperador, acompanhou o imperador n'essa nobre viagem do Rio de Janeiro a Porto-Alegre, n'essa nobre corrida de Porto-Alegre a Uruguayana, onde o estrangeiro invasor abateu, entregou as armas, para que uma victoria sem gota de sangue sagra-se um dos mais bellos actos civicos do primeiro cidadão.

N'essa honrosa embora facil campanha, em que aliás sobrraram provações, o Dr. Meirelles apenas escapou á morte para avançar fria e implacavelmente para a sepultura, que aberta o esperava. Fulminado pelo typho, moribundo tornou á vida; mas a que vida?... a vida da consciencia illustrada do medico que está lendo no livro do seu corpo, dos seus soffrimentos, nas pulsações do coração, na perturbação, nas ruinas do organismo, o annuncio infallivel, o agouro sinistro do passamento proximo.

Mas não choremos morto o grande medico, sem que o tenhamos saudado patriota.

O Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles não sacrificou o dever civicio ao culto exclusivo da sciencia, em que se mostrou eximio. Houve n'elle por assim dizer duas

naturezas, a da vocação medica, a da religião liberal na politica.

Brasileiro como seus pais, brasileiro como seus filhos, que dignos d'elle se mostram, sua alma accendia-se nas flammas do patriotismo, seu coração era todo da liberdade.

Em 11 de Janeiro de 1822 foi elle que, correndo ao theatro de S. João, depois de S. Pedro de Alcantara, fez prevenir ao principe regente do pronunciamento das tropas portuguezas, que sob o commando de Jorge de Avillez se revoltaram armadas contra o *Fico* magestosamente revolucionario.

Em 1840 foi ainda elle um dos mais persistentes propugnadores da maioridade de S. M. o Imperador, e a essa causa prestou serviços iguaes aos maiores que então foram prestados.

Em 1842 o antagonismo violento dos partidos e as exagerações politicas da época agitaram anormalmente o paiz: o Dr. Meirelles teve de seguir deportado para a Europa com os Srs. conselheiro Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté, conselheiro Salles Torres-Homem e outros: tão boa e distincta companhia de infortunio assignala a importancia politica do nosso illustrado consocio, como assignalou-se a sua innocencia, quando, de volta ao Rio de Janeiro, não houve juiz nem tribunal que o chamasse á contas, e a restituição das honras e empregos desfez até a mais leve nuvem de suspeitas.

Membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro em uma legislatura, deputado da assembléa geral pela provincia de Minas-Geraes em outra, o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles distinguiu-se como campeão leal, decidido e energico dos principios liberaes e da monarchia constitucional representativa.

Em politica homem de convicções puras e inabalaveis,

na sciencia medica luzeiro, na vida intima modelo de pai de familia, exemplo de probidade e virtudes, elle foi ainda amigo como são esses amigos raros, dos quaes basta um para consolação e encanto da vida n'este mundo de miserias e de ingratidões.

O Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles teve o titulo de conselho, e em seu peito a insignia de official da ordem do Cruzeiro, a commenda da imperial ordem da Rosa, o habito de cavalleiro de S. Bento de Aviz e a medalha commemorativa da rendição de Uruguayana.

Além d'essas remunerações de serviços, d'essas graças que a magestade confere aos benemeritos, o conselheiro Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles gozou da confiança e da maior estima de S. M. o Imperador e de sua augusta familia e foi medico da imperial camara.

Na republica das letras mereceu ser e foi sempre muito considerado: os titulos de membro honorario da Imperial Academia de Medicina, de membro correspondente do nosso Instituto, e de muitas outras sociedades scientificas e litterarias do Brasil e da Europa, foram diplomas que laurearam a fronte nobre d'esse brasileiro illustrado.

O povo tambem confere titulos: sem o direito de decretar, decreta pelo convenio, pelo juizo unanime: o juizo unanime d'um povo já fez d'um franciscano um santo antes da canonisação declarada pelo Papa: o juizo unanime do povo fluminense agraciou o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles com o triplice laurel da sciencia, da caridade e do patriotismo.

A lista funebre dos nossos consocios finados em 1868 vai agora encerrar-se com o nome illustre do conselheiro Paulo Barbosa da Silva, cidadão benemerito, que soube consagrar ao Brasil seu braço de soldado, seu coração de patriota, sua intelligencia esclarecida de politico e diplomata,

o seu zelo esmerado, sua fidelidade sem quebra, sua dedicação, seu amor á sagrada infancia dos augustos pupillos da patria, prestando depois e até a morte todos os tributos do thesouro de seu rico prestimo á pessoa e á casa de S. M. o Imperador.

Filho de Antonio Barbosa da Silva, coronel do 1º regimento de cavallaria do Sabará em Minas-Geraes, Paulo Barbosa da Silva nasceu em 1790 n'aquella mesma villa, e assentou praça de cadete aggregado no regimento de cavallaria de Minas a 15 de Maio de 1804, passando a effectivo a 12 de Outubro de 1808, e apenas com 18 annos foi encarregado da remonta d'esse corpo militar, e da inspecção da mineração do salitre: dois annos depois era alferes e por ordem do capitão general marquez de Palma punha em execução o ordenado na carta régia de 25 de Setembro de 1811 sobre a inspecção da mineração do ouro, tarefa difficil e minuciosa, por cujo desempenho mereceu os maiores elogios.

O clangor das trombetas guerreiras chamava os soldados ás campanhas do sul em 1812. Paulo Barbosa partiu; mas a convenção de Rademaker fez retroceder da Banda Oriental nossas hostes victoriosas, e o joven official teve de regressar de S. Paulo, para onde marchára. Em 1817 vem com o seu regimento para o Rio de Janeiro, e então obtem do rei licença para permanecer na capital e frequentar a academia militar, onde teve o curso mathematico, sendo premiado no 2º, 3º, 4º e 5º annos. Em 1819 recebeu a promoção de tenente, e o habito da ordem de Christo com a tença de 228\$ annuaes: capitão a 14 de Setembro de 1821, passou n'esse posto para o corpo de engenheiros por decreto de 27 de Novembro de 1823: um anno antes já elle era mandado a levantar fortificações em Cabo-Frio e Macahé, quando se receiava alguma invasão de tropas portuguezas: em 23 de

Junho de 1824 foi nomeado commandante das baterias de Irajá e tres mezes depois ornou seu peito de soldado com o habito de Aviz.

Em 1826 interromptem-se as commissões encarregadas ao habil engenheiro, e Paulo Barbosa parte para a Europa entre os estudantes notaveis que o governo manda á conquista de mais luzes e sciencia nos grandes focos da civilização do velho mundo.

De lá mesmo o cidadão patriota se empenha em servir ao seu paiz: é elle quem propõe em Julho de 1827 a creação da arma de lanceiros no Rio-Grande do Sul, e quem manda o primeiro modelo de artilheria de montanha e uma memoria para systematisar os pesos e medidas do Imperio.

Chamado em breve a ter praça na difficil e delicada milicia da paz, Paulo Barbosa, diplomata, e depois politico e administrador, não tem mais nem occasião, nem tempo de distinguir-se, como soldado engenheiro, senão no curto espaço de vinte e um mezes, desde Março de 1832, em que de volta da Europa se apresentou no quartel-general, até 30 de Dezembro de 1833, data da sua nomeação para mordomo interino da casa imperial; mas esse periodo elle o enche, empregado nas divisas das freguezias da provincia do Rio de Janeiro, em trabalhos da repartição do ministerio do imperio, a cujo serviço passa, e na tarefa espinhosa e patriotica, que dignamente desempenha, acompanhando o general Pinto Peixoto a Minas-Geraes, onde a revolta alçava o collo e tentava derribar o governo legal da provincia.

O sangue dos revoltosos era para Paulo Barbosa sangue duas vezes irmão; sangue brasileiro e mineiro: poupal-o era mais que dever, gloria verdadeira e sublime: essa gloria tiveram o general e o nosso venerando consocio: a revolta do Ouro-Preto dissipou-se como nuvem negra ao sôpro de

suaves auras : não se ouviram tiros nem gemidos : a ordem restabeleceu-se sem o delirio dos combates, sem o aspecto de cadaveres, sem o quadro sinistro das ruinas. Mais tarde em 1839 o posto de tenente-coronel recordava a bella victoria insangrenta a Paulo Barbosa da Silva, que aliás tinha sido promovido a major effectivo a 12 de Setembro de 1837.

A vida militar activa de Paulo Barbosa da Silva, interrompe-se portanto no fim do anno de 1833 e não mais se reaccende : a 13 de Março de 1844 a sua reforma no posto de brigadeiro dá-lhe emfim essa jubilação do soldado, jubilação que foi amarga para o nosso venerando consocio, pois que elle a procurou desgostoso e como um recurso contra a intolerancia politica de adversarios, que não lhe perdoavam a sua fidelidade e dedicação aos principios liberaes.

Eis a carreira militar de Paulo Barbosa, modesta, mas nobre, e n'ella a serie de seus serviços de soldado, começando aos 18 e aos 20 annos por commissões de confiança, em que elle ostentou zêlo e honra ; e terminando aos 43 annos pelo vencimento de revoltosos em armas, em que elle escreveu a historia do triumpho sem molhar a penna no sangue de um só vencido.

Para a sua gloria de soldado modesto bastam estas recordações.

Em balde os anachronismos, corra agora a vida do diplomata antes da vida do politico, que a precedeu e intermediou.

A 6 de Abril de 1829 foi Paulo Barbosa da Silva nomeado addido á legação do Brasil na Russia ; mas a 26 do mesmo mez e por ordem do marquez de Barbacena, segue da Inglaterra para Vienna d'Austria, levando officios d'aquelle então embaixador, e volta a Londres em Julho do mesmo anno, sendo portador do contrato de casamento do impe-

rador o Sr. D. Pedro I com S. A. Real a princeza de Lewthemberg logo depois imperatriz do Brasil.

Por decreto de 23 de Outubro ainda de 1829 sobe a secretario da legação brasileira em Vienna, tendo antes em Munich merecido por seu espirito e affabilidade o mais obsequioso acolhimento, e concorrido muito alli para destruir preconceitos que existiam contra o Brasil. Demittido a 30 de Janeiro de 1830, volta á patria, e vem achar no throno um imperador inda infante, no governo outras idéas e principios, no paiz as convulsões resultantes de uma revolução que foi generosa e salvadora, mas que não podia escapar aos perigos do abalo virulento da sociedade, e precisava vencêl-os, como os venceu com o esforço e o encanto do patriotismo.

Depois de uma interrupção de quinze annos, o nosso venerando consocio volta á carreira diplomatica. Por decreto de 13 de Dezembro de 1845 é nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para S. Petersburgo, passa a servir em Berlin com o mesmo character a 10 de Dezembro de 1847 e d'ahi é removido para Vienna d'Austria a 10 de Abril de 1842.

Não foi d'esses diplomatas ociosos que presumem fazer bastante satisfazendo os cumprimentos e deveres da etiqueta. Quando esteve em Berlin promoveu a organização de uma sociedade que teria por fim favorecer a emigração prussiana para o Brasil, sendo o principe Alberto o protector d'essa instituição, que aliás não conseguiu realizar por ter sido removido para Vienna. Teve occasião de dar provas de sua dedicação e fidelidade á familia imperial, e S. M. o Imperador lh'o agradeceu em honrosissima carta.

Recebido com distincção e favor em todas as côrtes da Europa, e especialmente na Russia, onde o imperador Nicoláo o acolheu com a mais penhoradora estima, o conse-

lheiro Paulo Barbosa da Silva deixou em todas essas capitães suaves recordações e vivas sympathias, que elle cuidou sempre de aproveitar em beneficio ou no justo interesse da patria.

Na capital da Austria molestia gravissima pôz em risco seus dias e atormentou-o com padecimentos que por longos mezes o tiveram prostrado entre a vida e a morte, e foi no meio d'esse terrivel soffrer, que á familia e aos amigos se affigurava lenta agonia, que lhe chegou o decreto de sua demissão fulminado por seus adversarios politicos, então no poder. O philosopho riu-se do golpe, o moribundo tornou á vida, o patriota voltou para o Brasil em 1854.

O conselheiro Paulo Barbosa da Silva, como diplomata, acaba aqui.

Patriota fervoroso, Paulo Barbosa da Silva surge na vida politica, escrevendo o seu nome na historia da santa cruzada da independencia do Brasil. Em Dezembro de 1821 chegou ao Rio de Janeiro o decreto das Côrtes de Lisboa, mandando retirar para a Europa ao principe regente : a noticia de semelhaute disposição, que de harmonia com outras já desfachadas preanunciavam tentativas ou de recolonisação ou de rebaixamento do Brasil, alvoraçaram os habitantes da cidade do Rio de Janeiro, e em seus clubs o capitão-mór José Joaquim da Rocha, José Marianno, Nobrega e outros resolveram provocar pronunciamentos publicos em opposição á retirada do principe ; mas não bastava a entusiastica voz do povo fluminense, e para que se desprendessem unisonas, com essa, para tão grande empenho, as vozes das provincias de S. Paulo e Minas procuraram-se e acharam-se promptos dois corajosos emissarios : para S. Paulo partiu Pedro Dias, depois marquez de Quixeramobim, para Minas seguiu diligente Paulo Barbosa da Silva, que tão avisado e activo

correu a desempenhar a nobre tarefa, que, deixando a nossa capital a 13 de Dezembro, remetia logo a 27 a representação da villa de Barbacena, e a 4 de Janeiro de 1822 a da comarca de Marianna, no sentido ajustado; exemplos poderosos, electricas labaredas que obrigaram o governo provisório de Minas, que aliás recusava sua obediencia ao principe, a mandar o seu vice-presidente reconhecer-o como chefe supremo e pedir-lhe tambem que ficasse no Brasil.

A causa gloriosa pela qual subira ao patibulo o Tiradentes, consagrada pela victoria tornou heróes felizes os revolucionarios do Ypiranga; mas por esse mesmo contraste se patentêa a ousada e honrosissima dedicação d'aquelles brasileiros que se extremaram, trabalhando pela independencia da patria em 1821 e 1822, e expondo-se e sabendo como e a quanto se expunham, se adversa lhes fosse a fortuna n'esse processo, que era a conspiração e a luta, e de que o triumpho seria a sentença; e por isso mesmo conquistaram brilhante renome, e a immorredoura gratidão nacional, os benemeritos que, lembrando a patria, esqueceram os perigos, e nem mediram a responsabilidade que tomaram. Um d'esses benemeritos foi Paulo Barbosa da Silva.

Em Dezembro de 1833 o governo, impellido por acontecimentos politicos cuja apreciação não seria agora inopportuna, arredou do palacio de S. Christovão e da tutoria de S. M. o Imperador e de suas augustas irmãs o sabio e venerando José Bonifacio de Andrada e Silva, e chamou para substituir-o em tão elevada tarefa o leal e dedicado marquez de Itanhaen, sendo a 31 do mesmo mez nomeado mordomo interino da casa imperial Paulo Barbosa da Silva.

Desde então o nosso prezado consocio, consagrando-se todo com solicitude e amor ao serviço do imperador e das

augustas princezas brasileiras, ainda uma vez bem mereceu da patria .

Foi ao zelo e á feliz inspiração de Paulo Barbosa que o imperador deveu ter por mestres principaes o muito illustrado Sr. visconde de Sapucahy, nosso digno presidente, cuja presença nos tolhe o mais justo elogio, e aquelle simples, modesto e sabio carmelita Fr. Pedro, depois bispo de Chrysopolis, fonte de luz pela sciencia e de virtudes pela caridade.

Gozando da mais plena confiança do marquez de Itanhaen, que nobremente reconhecia a superioridade da sua experiencia intelligente e de sua notavel illustração, Paulo Barbosa da Silva foi mais do que mordomo da casa imperial, foi o sacerdote da fidelidade da nação, que constante velou pelos sagrados penhores da monarchia, do patriotismo e da gloria do Brasil.

O augusto pupillo da patria declarado maior deu eloquente e magnifico testemunho da grandeza de tão relevantes serviços, nomeando a Paulo Barbosa mordomo effectivo de sua casa, honrando-o como d'antes e sempre com a sua amizade, e resistindo na magestade da sua gratidão ao calculado embate de quantas invenções e tramas engendrou o odio politico para cavar a perda e a desgraça do inabalavel e altivo adversario, cujo crime unico era a sua posição no paço, e a confiança intima que merecia do Sr. D. Pedro II, confiança e estima que o acompanharam e o realçaram até a morte.

Na mordomia da casa imperial Paulo Barbosa da Silva prestou serviços que o publico mal conhece ou de todo ignora. Além de obras que mandou executar no paço da cidade, foram innumeradas as que realizou, reconstruindo e augmentando o da imperial quinta da Boa-Vista, onde

tambem completou o hospital, que póde receber mais de cem doentes.

Na fazenda de Santa-Cruz fez construir grande parte do palacio e o hospital com capacidade para duzentos leitos.

Considerando a condição infeliz dos escravos da corôa, que nunca se podiam libertar, e interpretando fielmente os sentimentos e os desejos do imperador, foi Paulo Barbosa da Silva que muito concorreu para que passasse nas camaras a lei que permittiu a Sua Magestade a quebrar os ferros e restituir á verdadeira vida de homens quinhentos e tantos infelizes, e de sua parte, como mordomo, facilitou sempre a emancipação dos escravos.

A colonia allemã fundada na fazenda do Corrego Secco, pertencente a S. M. o Imperador, e onde tão vicejante floresceu já a fresca e bella Petropolis, nasceu do plano combinado entre Paulo Barbosa da Silva e o seu intimo amigo o illustre conselheiro Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepitiba, e então presidente da provincia do Rio de Janeiro.

O muito que ainda fez, as reformas que realizou na casa imperial, os grandes beneficios e melhoramentos publicos para que concorreu, estenderiam este rude elogio biographico além dos limites que é indispensavel respeitar.

Esse varão preclaro pagou emfim o derradeiro tributo: ao peso de setenta e oito atarefados annos juntou-se longa e insensivel molestia que o levou á sepultura.

O conselheiro Paulo Barbosa da Silva foi na vida publica um cidadão benemerito, e na particular o encanto da familia e o modelo da amizade.

Illustrado, bom, caritativo, amenissimo na conversação, leal aos amigos, até os sacrificios, cujas proporções só media pelo dever e pela honra, probó, firme em suas con-

vicções, Paulo Barbosa da Silva soube merecer a immensa estima que gozou.

Tinha os defeitos das suas qualidades, e ainda nos defeitos nobrezá; franco pela lealdade, foi ás vezes franco até a rudeza, e sua palavra pungente feria então como um dardo o hypocrita que tentava enganar-o. Os antagonismos dos partidos políticos o envolveram em suas lutas frequentemente enraivadas; alto, e portanto preferido pelo raio dos adversarios, Paulo Barbosa, rico de sentimentos generosos e por isso altivo, quando aggreddido reagia com o impulso energico do seu character, e na repulsão as vezes esmagava com o peso do sarcasmo. Inabalavel nas suas idéas, conservado inabalavel na sua elevada posição administrativa, zombando das tempestades, como o jequitibá nas montanhas, como o rochedo nos mares, excitou o odio, as pragas e os aleives de inimigos.

Em compensação contou elle no Brasil e na Europa numerosos e dedicadissimos amigos. No velho mundo, além de muitos nas côrtes onde fôra nosso ministro, teve entre os melhores Saint-Hilaire e Martius, com quem activamente se correspondia. Na patria, onde ainda tantos o choram, nenhum foi melhor amigo de Paulo Barbosa do que S. M. o Imperador.

Não faltaram ao nosso muito estimado consocio e benemerito cidadão as honras da terra. Elle teve o titulo de conselho, e foi grande do imperio, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, official da imperial ordem da Rosa, commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da Legião de Honra, grã-cruz da real italiana de S. Mauricio e S. Lazaro, da imperial russiana de Sant'Anna, da Ernestina da casa ducal da Saxonia, e da imperial turca de Medjidié da segunda classe.

Mas acima de todas essas honras, distincções e grandezas sociaes, Paulo Barbosa da Silva teve titulos mais altos, mais nobres ainda ; foram estes :

Na vida militar brilho de intelligencia e exemplo de disciplina.

Na vida particular, o culto da amizade e o amor da familia erigidos em religião.

No exercicio dos cargos publicos e na administração da casa imperial, o dever, o zelo e a honra tomados por pharoes.

Na politica dos partidos, a sua brilhante firmeza de principios, como propugnador do progresso e mantenedor das idéas liberaes.

No paço imperial e fóra d'elle, o mesmo rosto sem mascara, o mesmo peito leal, e no rosto a boca para a verdade, e no peito o coração cheio de amor e de fidelidade para o imperador e sua augusta familia.

Na epopéa de 1822 enfim, a gloria esplendida e sublime de paladino da independencia da patria.



**MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO
DURANTE O ANNO DE 1868**

PELO EXM. SR. CONSELHEIRO JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA

Carta patente nomeando familiar do santo officio da cidade de Lisboa a Antonio Borges de Carvalho, em 1761.

Lista dos contratos que tem a capitania do Rio de Janeiro, etc.

PELO SR. DR. CESAR AUGUSTO MARQUES

Memoria historica da administração do Dr. Franklin Americo de Menezes Doria na provincia do Maranhão, (escripta pelo offertante).

Ode recitada no dia 2 de Fevereiro de 1826 pelo ex-presidente da provincia do Maranhão Pedro José da Costa Barros por occasião do festejo do natalicio de S. M. o Imperador, etc.

PELO SR. DR. FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO

Itinerario da viagem feita pelo capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle á provincia de Mato-Grosso pelos rios Ti-bagy e Brilhante, em 1865.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Revoluções e levante de Pernambuco em 1710 e 1711.

PELO SR. TENENTE CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Historia do assedio e capitulação da praça da Colonia do Sacramento em 31 de Maio de 1777. — (Com mappas.)

PELO SR. DR. J. F. CARNEIRO

Varios autographos do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga.

PELO EXM. SR. BARÃO DE MELGAÇO

Tabellas das latitudes e longitudes de diversos lugares da provincia de Mato-Grosso determinadas por observações astronomicas.

Mappa geographico, chronologico e estatistico da provincia de Mato-Grosso, organizado pelo Sr. capitão de fragata Augusto Leverger, hoje chefe de esquadra barão do Melgaço.

PELO SR. JOAQUIM FELICIANO DE ALMEIDA LOUZADA

Documentos officiaes portuguezes e hespanhoes relativos aos limites do Imperio, na provincia de Mato-Grosso, compillados de ordem do Illm. e Exm.Sr. Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, ministro da marinha, pelo capitão de fragata da armada nacional e imperial Augusto Leverger.

Auto original da fundação do forte do Principe da Beira na provincia de Mato-Grosso.

MAPPAS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE
O ANNO DE 1868.

Mappa das fragatas portuguezas que se incorporarão á armada do Sul durante os annos de 1774 a 1776.

PELO SR. DR. D. JUAN VILANOVA Y PIERA.

Cartas topographicas dos districtos de Madrid, Carabanchel baixo e Titaleia, levantadas pela Junta Geral de Statistica de Hespanha.

PELO SR. DR. CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Atlas do Imperio do Brasil, comprehendendo as respectivas divisões administrativas, ecclesiasticas, eleitoraes e judicarias. Rio de Janeiro, 1868. in-folio gr.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE S. PEDRO DO RIO-GRANDE DO SUL

Carta topographica da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, confeccionada segundo os trabalhos officiaes existentes no archivo das obras publicas provinciaes concluida por ordem do Exm. Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcóndes Homem de Mello, presidente da provincia, sob a direcção do bacharel Antonio Eleuterio de Camargo, 1868.

RELATORIOS E DOCUMENTOS REMETTIDOS PELAS
SECRETARIAS DE ESTADO DURANTE O ANNO
DE 1868.

SECRETARIA DO IMPERIO

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 2ª sessão da 15ª legislatura pelo Exm. Sr. ministro do imperio, José Joaquim Fernandes Torres. Rio de Janeiro, 1868.

Collecion de documentos ineditos relativos ao descobrimento, conquista e colonisação das possessões hespanholas na America e Oceania. — Madrid, os seis 1.º tomos, annos 1864—66.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. João Francisco Duarte 1º vice-presidente da provincia das Alagôas, entregou a administração da mesma provincia no dia 9 de Setembro

TOMO XXXI, P. II

58

Tabella de latitudes e longitudes
provincia de Mato-Grosso de
situação.

Mapa geographico, circum-
vizinça de Mato-Grosso, obra
do Capitão Agostinho Leveque, Juiz
de Mato-Grosso.

PLA. DEB. 52. JACQUES FELICIANO

Itinerário officio portuguez
na parte do Imperio, na pro-
vincia de Mato-Grosso de
situação de Mato-Grosso. e
do Paulo Roberto Cavalcanti de
Mato-Grosso, pelo Capitão de Fragata
Agostinho Leveque.

este original é a base da obra
na provincia de Mato-Grosso.

**MAPAS OFFERIDOS AO JUSTIÇA
O ANO DE 1868.**

Mapa de terras portuguezas que se
possuem de São Paulo e de 1774 a

PLA. DEB. 53. JAY ULANOFF Y

Carta geographica das terras de Mato-
Grosso e Taboão, trabalho pelo Juiz
de Mato-Grosso.

DR. CANDIDO MENDES DE ALMEIDA
rio do Brasil, comprehendendo as respec-
administrativas, ecclesiasticas, eleitoraes e
de Janeiro, 1868. in-folio gr.

ENTE DA PROVINCIA DE S. PEDRO DO RIO-GRANDE
DO SUL

phica da provincia de S. Pedro do Rio-
confeccionada segundo os trabalhos officiaes
rquivo das obras publicas provinciaes con-
do Exm. Sr. Dr. Francisco Ignacio Mar-
de Mello, presidente da provincia, sob a di-
arel Antonio Eleuterio de Camargo, 1868.

OS E DOCUMENTOS REMETTIDOS PELAS
ARIAS DE ESTADO DURANTE O ANNO
DE 1868.

SECRETARIA DO IMPERIO

o apresentado á assembléa geral legislativa
o da 15ª legislatura pelo Exm. Sr. ministro do
José Joaquim Fernandes Torres. Rio de Ja-
1868.

on de documentos ineditos relativos ao descu-
conquista e colonisação das possessões hespa-
na America e Oceania. — Madrid, os seis

5, annos

rio com

residente

1868

00

Francisco Duarte

1868, 9

9
mbro

de 1866 ao Exm. Sr. presidente Dr. Antonio Moreira de Barros. Maceió, 1867.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Adelino Antonio de Luna Freire passou a administração da provincia do Piauhy ao Exm. Sr. vice-presidente Dr. José Manoel de Freitas no dia 5 de Novembro de 1868, precedido de um officio com que o Sr. vice-presidente entregou a administração da mesma provincia no dia 9 de Novembro d'aquelle anno ao novo presidente, Dr. Polydoro Cesar Burlamaque. S. Luiz, 1868.

Relatorio com que o Exm Sr. presidente da provincia Dr. Jacintho Pereira do Rego abriu a assembléa legislativa provincial do Amazonas no dia 1° de Junho de 1868. Manáos, 1868.

Regulamento n.17 de 1° de Agosto de 1867, reformando a administração da fazenda provincial do Amazonas. Manáos, 1868.

Collecção dos regulamentos e outros actos expedidos pelo governo da provincia no anno de 1867. Maranhão, 1868.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Joaquim Vieira da Cunha, 1° vice-presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa, no dia 14 de Julho de 1868.

SECRETARIA DA JUSTIÇA

Relatorio do ministerio da justiça apresentado á assembléa geral legislativa na 2ª sessão da 13ª legislatura pelo respectivo ministro e secretario d'Estado, Martin Francisco Ribeiro de Andrada. Rio de Janeiro, 1868.

SECRETARIA DA GUERRA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 2.^a sessão da 13.^a legislatura pelo Exm. Sr. ministro da guerra, João Lustosa da Cunha Paranaguá. Rio de Janeiro, 1868.

SECRETARIA DA MARINHA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 1.^a sessão da 13.^a legislatura pelo ministro e secretario dos negocios da marinha Exm. conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo. Rio de Janeiro, 1868

SECRETARIA DA FAZENDA

Proposta e relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 2.^a sessão da 13.^a legislatura pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda, conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos. Rio de Janeiro, 1868.

SECRETARIA DE ESTRANGEIROS

Collecion de documentos ineditos relativos al descubrimiento, conquista y organizacion de las antiguas Posesiones españolas da America y Oceania, etc. Por D. Luis Torres de Mendonza. Madrid, 1866, 6 ns. in-4.

Idem idem. Madrid, 1867, 7.^o e 8.^o tomos comprehendendo 12 ns. in-4.

Relatorio da repartição dos negocios estrangeiros apresentado á assembléa geral legislativa na 2.^a sessão da 13.^a Legislatura pelo Exm. ministro e secretario de Estado, João Silveira de Sousa. Rio de Janeiro, 1868.

SECRETARIA DA AGRICULTURA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 2.^a sessão da 13.^a legislatura pelo ministro e secretario d'Es-

tado, conselheiro Manoel Pinto de Sousa Dantas. Rio de Janeiro, 1868.

Relatorio sobre a exposição universal de 1867, redigido pelo secretario da commissão brasileira, Julio Constancio de Villeneuve, e apresentado a S. M. o Imperador pelo presidente da mesma commissão, Marcos Antonio de Araujo. Paris, 1868. o 1°. vol. in-4.

RELATORIOS E DOCUMENTOS REMETTIDOS POR ALGUMAS PRESIDENCIAS DE PROVINCIAS DURANTE O ANNO DE 1868.

PARANÁ

Relatorio que ao Sr. presidente da provincia do Paraná, bacharel José Feliciano Horta de Araujo appresentou o bacharel Carlos Augusto Ferraz de Abreu por occasião de passar-lhe a administração da mesma provincia. Coritiba, 1867.

Collecção das leis e decretos da provincia do Paraná dos annos de 1867 e 1868. Coritiba.

SERGIPE

Collecção das leis e resoluções da assembléa provincial de Sergipe, do anno de 1867. Aracajú, 1868.

PARÁ

Collecção das leis da provincia do Gram Pará. Tomos 28 e 29, annos de 1856, 1866—1867.

BAHIA

Leis e resoluções da assembléa legislativa provincial, sancionadas e publicadas no anno de 1867. in-8.

Relatorio com que o Exm. Sr. presidente abriu a assembléa legislativa no dia 1º de Março de 1868, e documentos annexos ao referido Relatorio.

Leis e Resoluções da Assembléa Legislativa da Bahia sancionadas e publicadas no anno de 1868. Bahia, 1868.

Relatorio com que o Exm Sr. Dr. José Bonifacio Nascen-
tes de Azambuja passou a administração da provincia ao
Exm. Sr. vice-presidente desembargador Antonio Ladisláo
de Figueiredo Rocha, no dia 26 de Julho de 1868.
Bahia, 1868.

ALAGOAS

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provin-
cial das Alagôas na 2ª sessão da 17ª legislatura pelo presi-
dente, Dr. Antonio Moreira de Barros. Maceió, 1867, in-4.

Relatorio com que ao Exm. Sr. Dr. Graciliano
Aristides do Prado Pimentel entregou a administração da
provincia das Alagôas no dia 22 de Maio de 1868 o Exm.
Sr. Dr. Antonio Moreira de Barros. Maceió, 1868.

PROVINCIA DO AMAZONAS

Regulamento n. 17 de 1 de Agosto de 1867 reformando
a Administração da fazenda provincial do Amazonas.
Manáos, 1868.

Relatorio com que o Sr. presidente da provincia, Dr.
Jacintho Pereira de Abreu, abriu a assembléa legislativa
provincial do Amazonas, no dia 1º de Junho de 1868.
Manáos, 1868.

PROVINCIA DE MATO GROSSO

Relatorio do vice-presidente da provincia de Mato-
Grosso, o barão de Aguapehy, na abertura da sessão ordina-
ria da assembléa legislativa provincial, em 3 de Maio
de 1868. Cuyabá, 1868.

ESPIRITO-SANTO

Relatorio com que foi aberta a sessão extraordinaria da assembléa legislativa provincial pelo Exm. Sr. Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio, presidente da provincia. Victoria, 1868.

RIO-GRANDE DO SUL

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello passou a administração da provincia ao 1º vice-presidente da provincia, no dia 13 de Abril de 1868. Porto-Alegre, 1868.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Joaquim Vieira da Cunha, 1º vice-presidente d'esta provincia, passou a administração da mesma ao Exm. Sr. marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa, no dia 14 de Julho de 1868. Porto-Alegre, 1868.

Quadro estatistico e geographico da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, organizado em virtude de ordem do presidente da mesma, Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, pelo bacharel Antonio Eleuterio de Camargo. Porto-Alegre, 1868, 2 vol. in-4.

Relatorio com que o Exm. Sr. marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa passou a administração da provincia do Rio-Grande do Sul ao Exm. Sr. Dr. Israel Rodrigues Barcellos, e este ao Exm. Sr. Dr. Antonio da Costa Pinto Silva. Porto-Alegre, 1868.

**OBRAS DIVERSAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO
DURANTE O ANNO DE 1868**

PELO SR. CONSELHEIRO JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA

Le Brésil contemporain — races, mœurs, institutions,

paysage, colonisation. Par Adolphe d'Assir. Paris, 1867.
in-8.

L'Industrie moderne au champ de Mars — Coup d'Œil
sur l'exposition universel de 1867. Par M. Jules le Roux.
Paris, in-4.

Les campagnes de Dugaay-Trouin. (Com estampas.)

L'Noveau et grand illuminant flambleau de la mer.
Amsterdam, 1684, in-folio.

Historia da fundação do Imperio do Brasil, tomo 7°. Rio
de Janeiro, 1868, in-8.

PELO SR. GRACILIANO PIMENTEL

A liberdade e o trabalho. Victoria, 1866, folheto.

PELO SR. JOSÉ RICARDO DE SOUSA NUNES

Memoria sobre a catechese e civilização dos indigenas
do Brasil. Maranhão, 1867, folheto.

PELO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS BRASILEIROS

Revista do mesmo instituto, 2 vol. Rio de Janeiro, 1868,
e vol. 2° tomo 6.°

PELO INSTITUTO DE COIMBRA

O n. 6 do seu jornal.

PELO SR. DR. CESAR AUGUSTO MARQUES

Almanak de lembranças brasileiras, 3° anno, 1868.
S. Luiz do Maranhão, in-8.

Os ns. do *Publicador Maranhense* onde se acham pu-
blicadas as biographias dos bispos do Maranhão.

Semanarios Maranhenses, onde se acham impressos os
seus artigos sobre o canal do Arapaby; Instituição da Santa
Casa da Misericordia do Maranhão; a historia da capella

da camara municipal ; hospital militar, hospital dos
ros, casa dos expostos ; cemiterio velho da Misericord
cemiterio do Gavião, igreja de S. Pantaleão, do Maranhão
retrato do desembargador Antonio Rodrigues Velloso
Oliveira ; relatorio do Exm. Sr. Franklin Americo de
nezes Doria ao passar a administração da provincia
Maranhão ao Sr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello

Indice alphabetico das leis, decretos e avisos relativos
incompatibilidade na accumulacão dos cargos e empregos
publicos. Por Ovidio da Gama Lobo. Maranhão, 1868.
in-8.

Pensamentos e maximas, pelo bacharel Frederico
Corrêa. Maranhão, 1864, in-8.

Relatorio que o Exm. Sr. Dr. Manoel Jansen Ferreira
apresentou á assembléa legislativa provincial no dia 1.
Maio de 1868. S. Luiz do Maranhão, 1868.

Maximas, sentenças e proverbios reduzidos á historia
patria pelo padre Cyrillo dos Reis Lima. Maranhão, 1868.
in-8.

Direitos e deveres dos estrangeiros no Brasil. Pelo bacharel
rel Ovidio da Gama Lobo. Maranhão, 1868. in-8.

Semanarios Maranhenses — contendo : Mearim, freguezia ;
Biographia de D. Luiz de Brito Homem, bispo do Maranhão ;
Largo do Campo de Ourique, que se deu em memoria á
sagração de S. M. o Sr. Dr. Pedro II. Um artigo sobre a
agricultura, importação e exportação, e tributo do algodão
da provincia do Maranhão ; artigo sobre a freguezia e villa
de Anajatuba ; artigo sobre o cemiterio indigeno do Maranhão ;
artigo sobre a historia e cultivo do algodão no Maranhão,
e a historia da ordem carmelitana da provincia.

Resumo da historia do Brasil escripto por D. Herculanio
Firmina Vieira de Sousa. in-8.

PELA REDACÇÃO DA GAZETA MEDICA DA BAHIA

Codigo de ethica medica adoptado pela Associação Medica Americana, traduzido do inglez, extrahido da Gazeta Medica Brasileira, Bahia, 1868. Folheto. e 17 ns. do seu jornal.

PELO SR. DR. SATURNINO DE SOUSA E OLIVEIRA

Elementos grammaticaes Ubemdu, composta pelo offer-tante e Manoel Alves de Castro Francina. Loanda, 1868. in-8.

Essai de grammaire pongwée. 4 vol. in-8.

Dictionnaire Français-Wolof et Wolof-Français. Par les RR. PP. Missionnaires. Dakar, 1855. in-8.

PELO SR. ANTONIO ALVES FERREIRA

Hydrologia geral. 1 vol. in-8.

PELA SECRETARIA DA CAMARA DOS DEPUTADOS.

Annaes da camara dos deputados da sessão de 1867. 5 vol. Idem do anno de 1868.

PELO SR. CONSELHEIRO FRANCISCO XAVIER BOMTEMPO

Instrucções para a navegação do rio Amazonas. Rio de Janeiro, 1868.

PELO SR. DR. JOAQUIM DOS REMEDIOS MONTEIRO

Hygiene e educação da infancia. Rezende, 1868.

PELO SR. CONEGO DR. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

O Brasil e a Inglaterra ou o trafico de africanos, escripto pelo conselheiro Tito Franco de Almeida. Rio de Janeiro, 1868.

PELO SR. DR. JOSÉ JOAQUIM TAVARES BELFORT

Collecção de jornaes, contendo trabalhos sobre a estatística da provincia do Maranhão.

PELO SR. A. DEODORO DE PASCUAL

Um episodio da historia patria. As quatro derradeiras noites dos inconfidentes de Minas-Geraes (1792). Rio de Janeiro, 1868.

PELA SECRETARIA DO SENADO

Collecção dos pareceres da mesa do senado da sessão de 1867, in-8.

Um exemplar da collecção dos Annaes, e um volume da synopse dos objectos pendentes de deliberação.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE PARIS

Boletins da mesma dos mezes de Janeiro a Agosto do corrente anno.

PELO INSTITUTO HISTORICO DE FRANÇA

O Investigador jornal do mesmo instituto : 8 ns.

PELA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

Collecção incompleta de suas Revistas e Manuaes sobre differentes assumptos, e Revistas dos mezes de Março a Setembro do corrente anno.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO

Varios exemplares da sua obra—Estudos sobre algumas questões internacionaes. S. Paulo, 1867. in-8.

PELO SR. L. A. BOULANGER

Augusts parents de leurs Magestés l'Empereur D. Pedro II,
et l'Imperatrice D. Theresã Christina Maria, in-folio.

PELO SR. DR. MIGUEL FERREIRA VIEIRA

Reflexões acerca do progresso material da provincia do
Maranhão, in-8 gr.

PELO SR. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

Quadros da litteratura, das sciencias, e artes da Russia.
Por R. Lzovitich, precedido de um rapido lance de vis-
ta, por José Silvestre Ribeiro in-8 gr.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção de leis do Imperio do Brasil, do anno de 1867.
2 vol.

PELA REDACÇÃO DO JORNAL. BAHIA ILLUSTRADA

10 numeros do seu jornal.

PELO SR. DR. NICOLÃO JOAQUIM MOREIRA

Discurso pronunciado pelo Dr. Nicoláo Joaquim Moreira
em nome da Academia Imperial de Medicina, na sessão an-
niversaria do Instituto dos Bachareis em Letras, em 2 de
Junho de 1868. Rio de Janeiro, in-8.

Considerações sobre o suicidio. Discurso pronunciado
perante S. M. o Imperador na sessão solemne da Aca-
demia Imperial de Medicina em 30 de Junho de 1867.

Relatorio medico-legal. Exame de sanidade feito pelos
peritos da justiça sobre a pessoa do Dr. José Marianno da
Silva em 13 de Abril de 1867, in-8.

Duas palavras sobre a educação moral da mulher. Dis-

curso pronunciado perante S. M. o Imperador na sessão solemne da Academia Imperial de Medicina em 30 de Junho de 1868. pelo Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, in-8 gr.

Relatorio da commissão especial nomeada pela Academia Imperial de Medicina para interpôr seu parecer sobre a memoria do Dr. José Luiz da Costa:—O que é a saude? O que é a doença? Pelo Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, in-8 gr.

PELO SR. LUIZ JOSE MURINELLY

Algumas considerações que ácerca de um folheto impresso, assignado e distribuido pelo Dr. D. de A. C. de Duque-Estrada com o titulo:—Prologo para a verdadeira historia da Imperial Sociedade Amante da Instrucção, offerece ao conselho da mesma sociedade o socio fundador Luiz José Murinelly. Rio de Janeiro, 1868, in-4.

PELO SR. JOÃO CARLOS MORÉ

Reflexões sobre a brochura do Sr. Ch. Expelly, *Le Brésil, Buenos-Aires, Montevideo et le Paraguay devant la civilisation*. Porto-Alegre, 1868. in-8 gr.

PELO SR. SECRETARIO DO BANCO DO BRASIL

Relatorio apresentado á assembléa geral dos accionistas do banco do Brasil na sua reunião de 1868 pelo seu presidente, o conselheiro d'Estado Francisco de Salles Torres Homem. Rio de Janeiro, 1868, in-folio.

PELO SR. JOSE MARCELLINO PEREIRA DE MORAES

Atlas universel par Robert, et par Robert de Vaugondy, corrigé et augmenté de la carte de l'Empire Français, divisé en départemens par C. F. Delamarche. Paris, 1 vol. in-folio.

PELO SR. J. M. P. DE VASCONCELLOS

Selecta brasiliense ou noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil. Rio de Janeiro, 1868, 1 vol. in-8.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

' Curso de litteratura por Francisco Sotero dos Reis. Almanak administrativo do Maranhão para 1868 ; Poesias de Antonio Joaquim Franco de Sá.

Os dois primeiros volumes das obras posthumas do Dr. Gonçalves Dias.

Echo politico — Responde em Portugal a la Voz de Castilla y satisfaz a un papel anonymo offerecido a el Rey D. Philippe 4º, Lisboa, 1645, in-8.

PELO SR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

Diccionario bibliographico portuguez. Lisboa, 1868, tomo 8º in-8 gr..

PELO SR. VIVIEN DE SAINT-MARTIN

L'année géographique. Revue annuelle des voyages de terre et de mer. 7º année 1867. Paris, 1868, in-8.

PELO SR. PADRE LINO DO MONTE CARMELO LUNA.

Descripção das exequias solemnes do Exm. general D. Venancio Flores, celebradas na cidade de Pernambuco, por ordem do consul da Republica Oriental do Uruguay. Recife, 1868.

PELO SR. DR. ANTONIO DE CASTRO LOPES

Musa latina — Collecção de lyras de Marilia de Dirceu tradusidas para verso latino. Rio de Janeiro, 1868.

PELA SOCIEDADE UNIÃO BENEFICENTE COMMERÇO E ARTES.

Relatorio apresentado em sessão d'assembléa geral em 26 de Janeiro de 1868.

PELO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT

The cause poor Catholic emigrants pleaded before the catholic congress of Belgium, Setember 1867. London.

PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DA BELGICA

Annalles météorologiques de l'observatoire Royal de Bruxelles, 1867. in-folio.

Mémoires couronnées et Mémoires des savants étrangers publiées par l'Académie Royal des Sciences, des Lettres et de beaux-arts de Belgique, 1867, in-folio.

Bulletins de l'Académie Royal des Sciences, etc, de Belgique, 1867, in-8.

Annuaire de l'Académie Royal des Sciences, des lettres et de beaux-arts. Bruxelles, 1868. in-8.

PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Mémorias da Academia — Classe de sciencias mathematicas, physicas e naturaes. Tomo 4.º parte 1.ª, Lisboa, 1867.

Actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo desde o seculo 16.º até os nossos dias, publicados por ordem da Academia pelo Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva. Tomo 2.º Lisboa, 1865.

Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, pelo visconde de Santarém. Lisboa, 1866. 2 vol. in-4.

PELO SR. DR. JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR

O charlatão Carlos Expilly e a verdade sobre o conflicto entre o Brasil, Buenos-Aires, Montevidéo e o Paraguay. S. Paulo, 1866, in-8.

Uma excursão á comarca de Iguape, pelo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, em comissão do governo da provincia desde 4 de Agosto até 2 do Setembro de 1866, S. Paulo, 1866, in-8.

Discurso pronunciado perante o tribunal do jury da cidade de Santos, pelo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, na accusação de Henrique Begbie e seus 13 co-réos, pelo assassinato de João Pedro Christ Junior, Santos, 1865, in-4.

Biographia do Exm. Sr. conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, 1868, in-8.

PELO SR. DR. MAXIMIANO MARQUES DE CARVALHO

Exposição universal de 1867.--Catalogue général, publié par la commission impériale— Paris, 2 vol. in-8.

PELO SR. BACHAREL EDUARDO DE SA PEREIRA DE CASTRO

Os Heróes brasileiros na Companhia do Sul em 1865, os ns. 12, 13, 14 e 15.

PELO SR. DR. ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Scenas de viagem. Exploração entre os rios Paraguay e Aquidauana, no districto de Miranda da provincia de Mato Grosso, memoria descriptiva. Rio de Janeiro, 1868, 1 vol. in-8.

Le Rétraite de Laguna, 1868. in 8.

PELO SR. CONEGO JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

Polemica religiosa.—Refutação ao impio opusculo que tem por titulo o Deus dos Judeos e o Deus dos Christãos sob o pseudonymo de Christão velho. Pernambuco, 1868, in-8.

PELA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA

Relatorio apresentado á assembléa Geral no dia 22 de Junho de 1868 pelo presidente visconde de S. Mamede, e Parecer da commissão de exame de contas. Rio de Janeiro, 1868, in-4.

PELO SR. DR. LUIZ FRANCISCO DA VEIGA

Noticias reconditas sobre a inquisição pelo padre A. Vieira.

Oração funebre á memoria do senador D. A. Feijó.

Nyctheroy (poema) pelo conego Januario da C. Barbosa.

Relatorio da commissão de visita a prisões, conventos e estabelecimentos de caridade. Rio de Janeiro, 1830.

Glossaria linguarum Brasiliensium.

Elementos de historia nacional e de economia politica por C. G.

Le Koran, traduzido do arabe por Kasimirski.

L'Europe révolutionnaire par Ivan Golovène.

L'Angleterre, la France, la Russie et la Turquie. Obra traduzida do inglez, 1835.

Relação breve e verdadeira da entrada do exercito francez em Portugal. Lisboa, 1809.

L'Empereur Napoléon III et l'Angleterre, 1858.

La Lombardie et le Venetien. 1858.

L'Autriche et le Prince Roumain, 1859.

Politique nationale par un ancien deputé. 1859.

Rome et ses Provinces. 1860.

La nouvelle carte de l'Europe par L'About. 1860.

La verité sur les événements de Candie, 1858.

La question Sonnieuse devant l'Europe par François Lenormant, 1859.

La nouvelle attitude de la France, 1860.

Lettre d'un journaliste catholique à Monseigneur l'Evêque d'Orléans, 1860.

Condemnation de l'Autriche, 1859.

Les Romagnes par J. de Saint-Arnaud, 1860.

L'Angleterre et la Russie par Amedée de Cesena, 1859.

L'Avenir de l'Europe par Frederic d'Hainault, 1859.

L'Empereur Napoléon III et les principautés roumaines, 1858.

Après la guerre. Reconstitution de la Hongrie par Amedée Le Faure, 1859.

La Prusse et la question italienne, 1859.

La Prusse en 1860 par L. About, 1860.

Venise, complement de la question italienne par M. le Comte du Hamel, 1860.

La Coalition, 1860.

La Hongrie, germanisation autrichienne, 1860.

Est-ce la paix ? Est-ce-la guerre, 1859.

La paix de Zurich et le nouveau congrès européen par Tchihatches.

Carta pastoral do Revm. arcebispo da Bahia conde de S. Salvador sobre o espiritismo, 1867.

Corographia brasílica pelo padre Manoel Ayres de Casal. 1833.

PELO SR. PRESIDENTE DO MONTE PIO DA BAHIA

Relatorio apresentado pelo conselho administrativo da sociedade Monte-Pio da Bahia á assembléa geral ordinaria em 11 de Junho de 1868.

PELO SR. DR. MANOEL DA CUNHA GALVÃO.

Melhoramento do porto de Pernambuco. Proposta dos Srs. barão de Mauá, conselheiro Manoel da Cunha Galvão e Dr. J. F. A. B. Moniz Barreto. Rio de Janeiro, 1868.

TOMO XXXI, P. II

60

PELO SR. D. FRANCISCO BALTHAZAR DA SILVEIRA

Relatorio com que o Exm. Sr. presidente da provincia do Amazonas, Dr. Jacintho Pereira do Rego abriu a assembléa legislativa provincial no dia 1° de Junho de 1868. Manáos, 1868.

PELO SR. DR. F. I. MARCONDES HOMEM DE MELLO

Escriptos historicos e litterarios. Rio de Janeiro, 1868. 1 vol. in-4.

PELA SOCIEDADE IMPERIAL DOS NATURALISTAS DE MOSCOW

Os seus Boletins de 1865 e 1866 2 vol. in-8.
Idem de 1867.

PELA SOCIEDAD DE ETHNOGRAPHIA DE PARIS

As suas Memorias tomo 1.º Paris, 1867.

PELO SR. JOÃO BAPTISTA CORTINES LAXE

Regimento das camaras municipaes ou Lei de 1° de Outubro de 1828. Annotado por João Baptista Cortines Laxe. Rio de Janeiro, 1868. in-8.

PELO INSTITUTO DOS BACHAREIS EM LETRAS

Discurso do presidente, Relatorio do secretario e Elogio historico do orador, na sessão magna em 2 de Julho de 1868. Rio de Janeiro, 1868.

**SOCIOS ADMITIDOS AO GREMIO DO INSTITUTO
NO ANNO DE 1868.**

HONORARIO

Exm. visconde de Inhaúma.

CORRESPONDENTES

**Dr. Luiz Francisco da Veiga.
Rev. Padre Brasseur de Bourbourg.
Vivien de Saint-Martin.
Cavalleiro José de Luca.
Alexandre Magno de Castilho.
Eduardo de Sá Pereira de Castro.
Henrique Ambaner Schutel.
José Maria Pinto Peixoto.**

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXI PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

A ACADEMIA BRASILEGA dos Esquecidos. Estudo historico e litterario, lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo socio effectivo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro....	5
O DIA 9 DE JANEIRO DE 1822. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo Dr. Moreira de Azevedo.	33
ESBOÇO BIOGRAPHICO do general José de Abreu, barão do Serro Largo, por José Maria da Silva Paranhos Junior.	
I.—Nascimento de José de Abreu. — Assenta praça no regimento de dragões. — E' promovido a capitão, pelos serviços prestados nas campanhas de 1811 e 1812. — E' elevado a tenente coronel, e recebe o commando militar da fronteira do Quarahim.	62
II.— Rapida vista d'olhos sobre o estado da Banda Oriental em 1816, e sobre as causas da intervenção armada do governo de D. João VI — Chegada dos voluntarios reaes. — Instrucções do capitão-general do Rio-Grande — Começo das hostilidades, encontros entre as forças inimigas e as de José de Abreu, no districto de Entre-Rios. — O general Curado toma conta do exercito da direita. — Plano de Artigas, suas forças invadem as Missões Orientaes e sitiã S. Borja. — José de Abreu é enviado para levantar o sitio de S. Borja. — Sua marcha ao longo do Uruguay. — Combates do Passo de Japejú e do Ibicuy, em que é repellido Sotél. — Abreu atravessa este rio em procura do coronel Andrés Artigas. — Combate de S. Borja e restauração das Missões Orientaes.	66
III.— Factos que se seguiram ao combate de S. Borja. — O inimigo resolve atacar-nos com todas as suas forças. — Move-se o nosso exercito. — Abreu é incumbido do commando da vanguarda. — O exercito inimigo, ao mando de La Torre, marcha ao encontro dos nossos. — Resolve o nosso general atacar o quartel-general de Artigas. — Abreu é incumbido d'esta missão. — Ataque do Arapehy (3 de Janeiro de 1817) e derrota de Artigas. — Volta Abreu com a noticia de que La Torre n'esse dia devia atacar-nos. — Batalha de Catalan (4 de Janeiro). — Parte que n'ella teve Abreu	79

- IV. — Campanha de 1819 a 1820. — Artigas invade o Rio-Grande. — Abreu evacua Alegrete, e retira-se diante do inimigo — Combate do Ibirapuitan-Chico (14 de Setembro). — Reune-se ao general Corrêa da Câmara, e colloca-se com este no passo do Rosario. — São atacados a 17 por La Torre, que é repellido. — Marcham em observação do inimigo. — Combate do Ibicuhy-Guassú 27 de Dezembro. — Artigas marcha em direcção ás vertentes do Taquarembó, e é seguido por Abreu e Câmara. — Volta para atacal-os. — Estes retiram-se, e reúnem-se ao conde da Figueira. — Marcha o nosso exercito em procura do inimigo — Batalha de Taquarembó (20 de Janeiro). — Parte que n'ella teve Abreu é' destacado para limpar a campanha até ao Uruguay. — E' recompensado com o posto de marechal de campo graduado
- V. — Depois da proclamação da independencia, é nomeado governador das armas do Rio-Grande do Sul. — Activa a remessa de reforços para o sitio de Montevidéo, e marcha até Mercedes com uma divisão auxiliar. — Volta para o Rio-Grande depois da capitulação dos portuguezes. — E' lhe conferido o posto effectivo de marechal de campo.
- VI. — Questão da Cisplatina. — Revolução de 1825 protegida pelo governo argentino. — Defecção do coronel Julian Laguna e do brigadeiro Rivera. — O visconde da Laguna pede reforços ao governo geral, e á provincia do Rio-Grande do Sul. — Abreu prepara uma divisão, e invade a Cisplatina. — Começa a desintelligencia do general Sebastião Barreto com Abreu. — Estado da Cisplatina, quando Abreu pôz-se em marcha. — Demora-se este junto ao arroio Pregüelo á espera das forças dos coroneis Jardim e Menna Barreto. — Ataque de Mercedes pelo general Rivera (22 de Agosto), que é rechaçado. — Abreu move-se para cobrir esse ponto, e atacar Rivera. — Tentativas inuteis para chamar Rivera a uma acção geral
- VII. — Abreu destaca contra Rivera o coronel Bento Manoel. — Combate de Arbolito (4 de Setembro), e marcha de Bento Manoel para Montevidéo. — Lavalleja levanta o sitio da Colonia, e concentra suas forças no interior. — Posição dos belligerantes. — Plano de operações communicado pelo visconde da Laguna a Abreu. — Combates do Rincon e de Sarandy. — Abreu não concorreu para esses revezes; accusações infundadas que lhe foram feitas. — Retira-se para Belém, e ahi reune-se a Bento Manoel. — Segue para o Rincon de Mata-Perros.
- VIII. — Abreu deixa no Rincon de Catalan Bento Manoel, e fixa seu quartel-general em S. Gabriel. — Recebe a noticia de lhe ter sido conferido o titulo de barão do Serro-Largo. — Providencias para defeza da fronteira do Rio-Grande. — Combate de Taquary (17 de Dezembro), e surpresa do forte de Santa Theresa (31 de Dezembro). — Vencem os inimigos

gos do barão do Serro-Largo, que é exonerado do commando das armas do Rio-Grande. — Sua despedida. — Estado em que deixou a provincia. — Erros do seu successor. — Combates durante o anno de 1826. — Viagem do senhor D. Pedro I ao Rio-Grande	112
IX. — O barão do Serro-Largo offerece-se para organizar um corpo de voluntarios. — O Imperador regressa á corte. — O marquez de Barbacena é nomeado commandante em chefe do exercito. — Conferencia do marquez com o barão do Serro-Largo. — Este recusa aceitar o commando de uma divisão, e só pede o do corpo de voluntarios que la organizar. — Parte para S. Gabriel, para onde chama os seus velhos companheiros de armas. — O exercito argentino dirige-se á nossa fronteira — Movimentos dos dois exercitos. — Junção de Barbacena e de Brown no arrojo das Palmas. — Fuga simulada de Alvear. — O barão do Serro-Largo reúne-se ao exercito no passo dos Enforcados. — E' incumbido de commandar a vanguarda. — Marcha do exercito em direcção ao passo do Rosario. — Batalha de Ituzaingo. — Morte do barão do Serro-Largo	120

QUARTO TRIMESTRE

BIOGRAPHIA do botânico brasileiro José Marianno da Conceição Velloso. Memoria lida no Instituto Historico perante S. M. o Imperador, por José de Saldanha da Gama	137
CAPITULO 1°	138
» 2°	141
» 3° Volver d'olhos analytico sobre os primeiros trabalhos de Velloso	146
» 4°	150
» 5° A Flora Fluminense	164
» 6°	170
» 7°	173
» 8°	182
» 9°	191
» 10°	206
» 11°	213
» 12°	218
» 13°	229
» 14°	231
» 14°	238
» 15°	242
» 16 Analyse do tratado sobre a cultura, uso e utilidade das batatas ou papas, do hespanhol D. Henrique Doyle	248
» 17	259
» 18	265

CAPITULO 19 Velloso e Bocage	269
" 20	272
GENEAS creados por Fr. José Marianno da Conceição Velloso para a <i>Flora Brasileira</i> .—Dados colhidos na <i>Flora Brasileira</i> do Dr. Martius ; no <i>Gen. Plantarum</i> d'Hooke e Bth, e no de Endlicher, etc. etc. ; monographias, etc.....	274
PLANTAS classificadas por Velloso, que constam da <i>Flora Brasileira</i>	276
APPENDICE	304
APPENDICE ao capitulo Velloso e Bocage.....	305
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.	
Francisco Manoel da Silva.....	306
ACTAS das sessões em 1868.....	314
PARECERES de commissões ou commissarios especiaes.	
Parecer da commissão de fundos e orçamento.....	371
Parecer da commissão de fundos, acerca de um jazigo perpetuo para os restos mortaes do fidei marechal Raymundo José da Cunha Mattos.....	375
Pareceres de admissãõ de socios	377
SESSÃO magna anniversaria. Discurso do presidente o Sr. visconde de Sapucahy.....	401
RELATORIO do 1º secretario conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro	405
DISCURSO do orador o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo....	421
MANUSCRIPTOS offerecidos ao Instituto durante o anno de 1868.....	455
MAPPAS offerecidos ao Instituto durante o anno de 1868.....	456
RELATORIOS e documentos remettidos pelas secretarias de Estado durante o anno de 1868.....	457
RELATORIOS e documentos remettidos por algumas presidecias de provincias durante o anno de 1868.....	460
OBRAS diversas, offerecidas ao Instituto durante o anno de 1868	462
SOCIOS admittidos ao gremio do Instituto no anno de 1868...	475

ERRATA

- Pag. 95 — epigraphe — Abreupre para — lêa-se : Abreu prepara.
» 97 — prevenotes — lêa-se : previdentes.
» 98 — Arsenal Grande — lêa-se : Arenal Grande.
» 100 — nota (40) — anchões — lea-se : lanchões.
» 123 — nota (65) — responsave — lêa-se : responsavel.

